

PUCRS

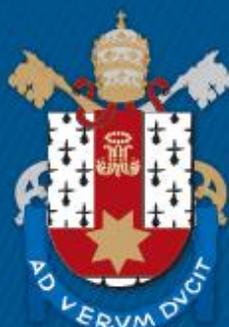
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESCRITA CRIATIVA

DÉBORA LAÍS FERRAZ DOS SANTOS

ESTRAGO: UMA EXPERIÊNCIA DE INVERSÃO CRONOLÓGICA NO ROMANCE

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

DÉBORA LAÍS FERRAZ DOS SANTOS

**ESTRAGO: UMA EXPERIÊNCIA DE INVERSÃO CRONOLÓGICA NO
ROMANCE**

Texto apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de doutora pelo
Programa de Pós Graduação em Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Pedro Theobald

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

S237e Santos, Débora Laís Ferraz dos

Estrago : uma experiência de inversão cronológica no romance /
Débora Laís Ferraz dos Santos . – 2019.

450.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Theobald.

1. Escrita criativa. 2. Cronologia reversa. 3. Narrativa. I. Theobald,
Pedro. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

DÉBORA LAÍS FERRAZ DOS SANTOS

**ESTRAGO: UMA EXPERIÊNCIA DE INVERSÃO CRONOLÓGICA NO
ROMANCE**

Texto apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de doutora pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Theobald
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Carlos Gerbase
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Marcel Vieira Barreto Silva
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Leonardo Tonus
Université Paris-Sorbonne

RESUMO

Este trabalho tem por intuito evidenciar certos processos do fazer criativo, em especial a construção da linha dramática, a partir da experiência da inversão cronológica na narrativa. Este objetivo será alcançado, por um lado, escrevendo um romance de duas maneiras diferentes, direta e inversa, e também trazendo a discussão teórica sobre o tema a partir dos estudos estruturalistas especialmente com o aporte de autores que observam do campo do audiovisual como Cameron, Cubitt e Bordwell, e da apreciação de obras como *Irréversible*, *Memento*, *Peppermint Candy* e *Cinq foix deux*. O estudo mostrou que: 1) Que a mera inversão de capítulos, na montagem, é ineficaz do ponto de vista narrativo; 2) Que a trama por si só é capaz de modificar a fábula 3) A elasticidade do modelo da energeia que, desde Aristóteles, de maneira consciente ou inconsciente por parte do autor, segue servindo aos mais diferentes tipos de narrativas por mais inovadoras e exóticas que estas pareçam.

Palavras-chave: Escrita criativa. Cronologia reversa. Narrativa

ABSTRACT

This thesis aims to highlight certain processes of the writing craft, especially the building of dramatic line, based on the experience of chronological inversion in the narrative. This goal will be achieved, on the one hand, by writing a novel in two different ways, direct and reverse, and also bringing the theoretical discussion on the subject from structuralist studies especially with the input of observing authors such as Cameron, Cubitt and Bordwell, and the appreciation of works such as *Irréversible*, *Memento*, *Peppermint Candy* and *Cinq fois deux*. The study showed that: 1) That the mere inversion of chapters in the montage is ineffective from the narrative point of view; 2) That the plot alone can modify the fable 3) The elasticity of the *energeia* model that, since Aristotle, consciously or unconsciously on the part of the author, continues to serve the most different types of narratives however innovative and exotic that they look like.

Keywords: Creative writing. Reverse chronology. Narrative

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Captura de tela do blog onde aparecem as primeiras anotações para a criação do romance.....	17
Figura 2 - Captura de tela do blog onde aparecem as primeiras anotações para a criação do romance.....	18
Figura 3 - Entrada no diário de bordo datando de março de 2015	40
Figura 4 - Entrada no diário de bordo datando de julho de 2015.....	46
Figura 5 - Continuação da entrada no diário de bordo datando de julho de 2015.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 MAS POR QUE ESCREVER UMA HISTÓRIA INVERTIDA?.....	16
1.1. Como escrever um romance invertido.....	20
1.2. Escolhendo um processo.....	22
2. PERSONAGEM E ENREDO: Intersecções Audiovisual e Literatura.....	25
2.1. O personagem e seu motivo	29
2.2. Personagem e motivo desdramatizado.....	32
2.3. Personagem e motivo invertido	36
2.4. Personagem e mudança	53
3. DAS ESPECIFICIDADES LITERÁRIAS.....	62
3.1. Primeiro teste	62
3.2. Segundo teste.....	79
3.3. Terceiro teste (sinopse final).....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
ANEXOS.....	109
ESTRAGO (versão na ordem inversa).....	125
ESTRAGO (versão na ordem direta).....	182

INTRODUÇÃO

Este trabalho poderia começar com a seguinte afirmação: não existem estudos teóricos, manuais ou fórmulas que possam guiar o escritor iniciante nesta impossível-até-que-se-prove-o-contrário tarefa de escrever ficção. E continuar com a afirmação de que todo escritor, no momento em que começa uma nova ficção é por definição um escritor iniciante.

Isto nos levaria, de certo, a questionar a importância da escrita criativa como um campo de estudos se não fosse esta um fato inexorável. As teorias da escritura, assim como as da leitura, são inevitáveis porque, passe ou não pela academia e pelos laboratórios universitários, o escritor iniciante é de modo mais ou menos disciplinado, um inventor tentando criar sua própria lâmpada. E ao colocar no mundo algo que antes dele não existia... Ao testar soluções, reler, reescrever, enfim: criar. Ele acabará por descobrir não apenas um modo de se fazer uma lâmpada, mas vários modos de não fazê-lo.

E é por isso, então, pelo fato de o ficcionista ser, processualmente, um cientista por excelência que, ao menos para disciplinar este texto, vamos preferir iniciar pelo seu aspecto mais pragmático ou científico: por um problema de criação (ou de pesquisa se assim se pudermos chamar) que se apresenta, e se apresentou para mim, quando se resolve escrever um romance cuja forma não obedece aos parâmetros mais tradicionais da história que começa no início, evolui para o meio e termina no fim.

É também um trabalho que partiu de uma dupla intenção: de um lado criar uma obra de ficção no gênero romance que se estruturasse de maneira cronologicamente inversa, ou, tomando de empréstimo um termo dos estudos em cinema, que se estruturasse como uma narrativa complexa modular do tipo anacrônico¹; e, do outro lado, refletir sobre a composição de uma linha dramática inversa a partir dessa experiência.

¹ Os tipos de narrativas complexas no cinema são relacionados por Gosciola (2009) no artigo “Narrativas complexas para a TV digital: do cinema de atrações à interatividade”. Neste artigo é feita uma revisão bibliográfica sobre os vários tipos de narrativas complexas e os autores que tratam delas: Elsaesser, Bordwell, Simons, Panek e Cameron.

Para isso, e já tomando carona na primeira ressalva aqui posta, é necessário atestar, em primeiro lugar, a importância que tiveram, para mim, alguns estudos avançados em audiovisual realizados em meu mestrado entre os anos de 2013 a 2015 e que me levaram a questionar certos elementos da minha própria produção literária. Foi estudando linguagem audiovisual e debruçando-me sobre a questão de o que é o contemporâneo² de maneira formal, no cinema, que fui levada a traçar paralelos com a literatura: o que é o contemporâneo nos romances que me ponho a escrever?

O romance *Estrago* que escrevi ao longo deste doutorado é meu segundo romance. Já no primeiro, *Enquanto Deus não está olhando*, o modo de organizar o tempo se enunciava como uma questão formal e conceitual patente para mim como autora. Analepses e prolepses, em meus textos, eu observava, ditavam o ritmo da narrativa quase como um personagem principal – uma forte influência da literatura moderna, provavelmente. E foi a partir desse questionamento interno sobre o modo de organizar o enredo que me ocorreu a ideia de escrever um romance que levaria a experiência da anacronia ao seu extremo.

É necessário dizer também que a ideia de escrever um romance invertido e mesmo o seu título³ é, de certa forma, bastante tributária ao cinema. Dois filmes em especial, *Memento*, de Christopher Nolan (*Amnesia*, 2000) e *Irréversible*, de Gaspar Noé (*Irreversível*, 2002), me levaram à seguinte pergunta: se este formato de roteiro, esta linha narrativa invertida, que “estraga” o fim do filme mostrando o final já nos primeiros minutos, é possível no cinema, seria ele possível também na literatura?

A resposta numa lógica especulativa não era tão óbvia quanto pudesse parecer. Pois ao tempo que narrativas modulares do tipo cronologicamente invertidas abundavam no audiovisual e podemos citar aqui vários exemplos que ajudaram a pensar neste formato como *Bakha satang* de Chan-dong Lee (*Peppermint Candy*, 1999), *Cinq fois deux*, de François Ozon (*Amor em cinco tempos*, 2004) *Shimmer Lake* (Oren Uziel, 2017) o videoclipe de *The Scientist*, da banda britânica Coldplay, O roteiro de *The*

² Aqui trato de uma perspectiva mais próxima da abordagem de Bordwell que da de Agambem

³ Estrago, no romance, faz referência à ruína que uma personagem encontra ao optar por fazer tatuagens em vez de cuidar da saúde, mas também brinca com a ideia de *spoiler* que, tomada de empréstimo do vocabulário em inglês, refere-se ao fato de contar o fim do filme estragando a experiência de quem ainda não o assistiu.

Betrayal (peça de Harold Pinter, adaptada para o cinema por David Jones sob o título de *Betrayal*, em 1983 e que também inspirou um episódio homônimo na série de TV, *Seynfield*). O mesmo não parecia acontecer na arte literária.

E embora seja impossível afirmar que não exista no mundo em toda a história do romance nenhuma obra que atenda aos parâmetros de uma narrativa modular cronologicamente invertida, posso afirmar que ao longo desta pesquisa que se desenrolou de 2015 a 2018, todos os esforços para encontrar um romance atendendo rigorosamente a estes critérios foram vãos. Foi possível encontrar formatos similares, e disto tratarei no parágrafo a seguir, mas, por ora, cabe dizer que esta foi apenas uma das dificuldades que encontrei ao longo da pesquisa: a falta de referências romanescas que tivessem esta organização. De modo que foi necessário construir um aprendizado partindo da experiência de fruição espectral, que é diferente da experiência de fruição de leitura.

Dos exemplos literários que não são, mas tangenciam, a forma de narrativa modular cronologicamente invertida temos por exemplo segmento *As três maçãs*, que está em *Livro das mil e uma noites* (ANÔNIMO, 2012). Neste conto há uma investigação e quanto mais a trama avança, mais fábula retrocede para explicar as causas de um crime. É similar ao que acontece no romance *A seta do tempo*, de Martin Amis (1996) quando a volta no tempo não acontece de maneira formal, na estrutura mas sim pelo discurso dos personagens que contam fatos ocorridos anteriormente.

Já em *Retorno ao Passado*, de Philip K. Dick (1967), a ideia de uma volta no tempo não está na cadeia dos eventos, e sim no universo distópico criado pelo autor e que faz com que as pessoas fiquem cada vez mais jovens, em vez de envelhecerem e acabando no útero materno sem que isso interfira na continuidade de suas ações.

Há ainda exemplos dos romances que organizavam sua narrativa de modo bastante peculiar, como por exemplo, *Avalovara*, de Osman Lins (1986), no qual colidem todos os tempos, passado, presente, futuro, num mesmo plano. Mas que se tivéssemos que afinar este tipo de narrativa pelos parâmetros de narrativas complexas já elencados por Cameron (2008), se enquadraria muito mais numa narrativa modular do tipo episódico do que tipo anacrônico. Isso porque, assim como acontece em, *Short Cuts*, de Robert Altman (*Short Cuts: Cenas da vida*, 1993) e *Magnolia*,

de Paul Thomas Anderson (*Magnólia*, 1999) seu enredo “é caracterizado pelo enfraquecimento ou desativação das conexões causais na narrativa clássica” (citado por GOSCIOLA, 2009, p.210).

E de obras como *Marcas de Nascimento*, de Nancy Houston (2007) *Como desaparecer completamente*, de André de Leones (2010), *A visita cruel do tempo*, de Jeniffer Egan(2012), *Samba sem mim*, de Caio Yurgel (2014) e mesmo o conto *Memento Mori*, de Johnnatan Nolan (2011). Todas elas têm um interessante modo de organizar a cronologia, o que configuraria, se fizéssemos um paralelo com o cinema, uma narrativa complexa do tipo rede narrativa. Ou seja: “não depende de como é complexo ou como é fora de ordem a trama, mas sim de quando a informação irá conduzir o espectador a juntar as peças em uma história linear coerente” (GOSCIOLA, 2009, p. 215).

E, já que fiz a ressalva sobre o motivo de citar filmes em vez de romances, parece pertinente também justificar o motivo de estar analisando obras de literatura pelo prisma dos estudos em narrativa audiovisual. É talvez porque, como salienta Kundera (2009), a teoria surge por causa da arte, e não o contrário. “O romance conhece o inconsciente antes de Freud, a luta de classes antes de Marx, ele pratica a fenomenologia (a busca da essência das situações humanas) antes dos fenomenólogos” (p.37). Então, se já houve dificuldade de encontrar um romance que de fato fosse modular anacrônico, seria pouco provável que houvesse, de pronto uma teoria a respeito do assunto.

De modo que, se voltarmos ao paralelo do romancista com o cientista, e neste caso, convém voltar: Pois se pensarmos no quanto a forma modular anacrônica funcionava bem para contar histórias com coerência no teatro, no cinema, na televisão e no videoclipe, e se a literatura também é um modo de se contar histórias, não poderia este mesmo artifício, ou pelo menos seu efeito ser importado de uma linguagem para a outra? Seria este um formato exclusivamente das narrativas audiovisuais? E se sim, por quê? Qual seria a particularidade a ser neutralizada ou substituída?

O fato era que o problema querer escrever um romance de trás para frente, existia, estava posto e era pela tentativa, e pela experimentação, que precisava ser superado.

Este trabalho partiu, portanto, em primeiro lugar, para tentar executar um romance que tivesse este padrão. E, ao mesmo tempo, para mapear algumas reflexões que surgissem no processo de escrita. Reflexões estas que, embora não pretendam ser estanques, e que surgiram tomando algum aporte de autores que pensam o cinema contemporâneo pelo viés da narratologia pós-estruturalistas e cognitivistas, tentam delimitar certas características disto que aqui estou chamando de linha dramática invertida e explicitar certas peculiaridades quanto ao seu funcionamento no texto literário.

Assim, na primeira parte deste trabalho, o que interessa no escrutínio do processo criativo de *Estrago* não é o mero conhecimento sobre este romance em particular ou sobre o processo criativo desta escritora, em particular, mas sim uma tentativa de colaborar para o conhecimento sobre linhas dramáticas modulares na Escrita Criativa de um modo que nos ajude a pensar sobre o raio de eficácia deste todo constituído por um início, meio e fim, pelo desenvolvimento dos personagens, organização do enredo e no quanto isto pode colaborar ou não para o propósito de contar uma história.

Já na segunda parte deste trabalho, temos o romance de minha autoria *Estrago*, que traz no centro da história a ruína de uma personagem, e o seguinte mote de abertura: Samara, ex-atleta, interrompe o fluxo do transporte coletivo, passando mal, seminua e com o corpo coberto de tatuagens recentes, ainda sangrando. Enquanto num apartamento de vinte e dois metros quadrados vazio, seu namorado, um romancista fracassado, faz as malas e, num estúdio de tatuagem, um tatuador organiza fotos e mais fotos desta mesma Samara e olha pela janela.

Esta história foi escrita, concomitantemente, de duas formas: uma ordem tradicional (fim em direção ao início, com algumas analepses e prolepses) e em ordem inversa. Minha intenção era achar o melhor formato para contá-la.

Assim, ao discutir a respeito dos mecanismos que envolvem a criação do texto nos dois formatos, e também demonstrando esses mecanismos na forma de texto, espero contribuir, de alguma forma, na aproximação destes dois mundos, o da teoria e o da criação, que, muitas vezes, nos fazem acreditar, serem universos tão distantes.

CAPÍTULO 1: MAS POR QUE ESCREVER UMA HISTÓRIA INVERTIDA?

A questão foi levantada ainda no processo seletivo para o doutorado, por um dos membros da banca, Prof. Dr. Pedro Theobald, que, circunstancialmente, veio a ser orientador⁴ deste trabalho. Por quê?, ele me questionou, Qual seria o ganho? Qual vantagem existiria nisso de escrever um livro de trás pra frente? O que seria possível fazer em um romance invertido que não é possível num romance tradicional?

Como a maior parte dos projetos artísticos, a única resposta possível para mim, como escritora, seria: mas por que não?

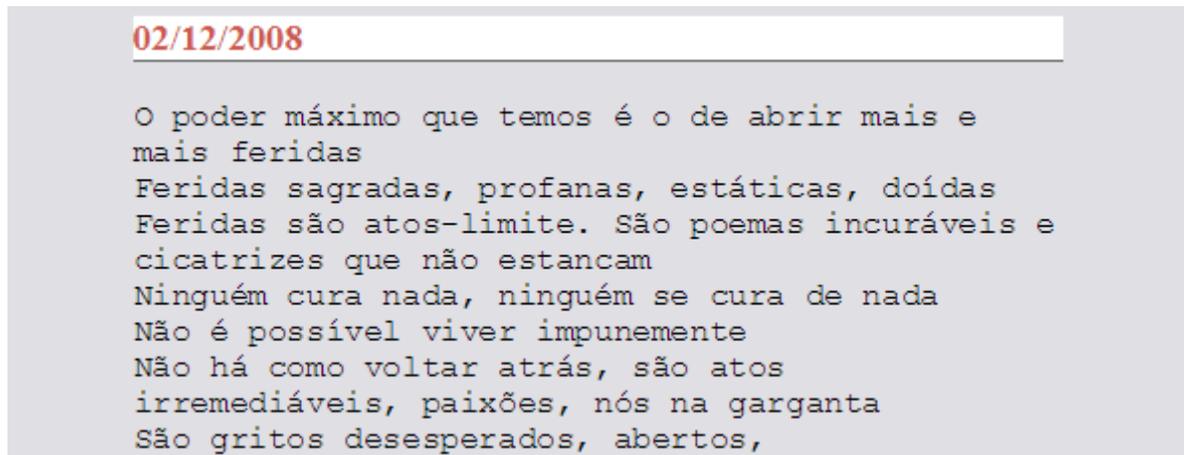
E, no entanto, um exame mais apurado da história que eu tinha para contar: uma personagem que elege como objetivo de vida tatuar o corpo inteiro, me fazia crer que algum ganho haveria, sim, em contar uma história do fim para o início. Alguma obscura vocação determinista no rumo que seguem os personagens, o modo como a história terminaria... Enfim, algo na narrativa que eu tinha em mãos parecia requerer, assim como o filme *Irreversível* que a linha dramática evoluísse de maneira inversa. E, no entanto, esta vocação da personagem, ou da história, para este formato, permanecia para mim, como criadora, algo difícil de responder de outra forma que não fosse, justamente, escrevendo o romance.

Pois, apesar do que possa parecer, este não era, embora tenha se tornado por acidente, um “romance de laboratório”. Não se trata de um romance escrito para uma experiência científica. A ideia dele, o primeiro “germe”, como diria Henry James (citado por GARDNER, 1997) data, na verdade, de 2008. Quando, então, me ocorreu esta personagem que caminhava pela rua em algum centro movimentado no sol cáustico do verão tropical, com uma marmita na mão, sentindo a pele queimar, e profundamente incomodada porque tinha acabado de fazer sua primeira tatuagem.

Abaixo, uma captura de tela de um blog mantido entre 2008 e 2009 onde identifico os primeiros fragmentos da história:

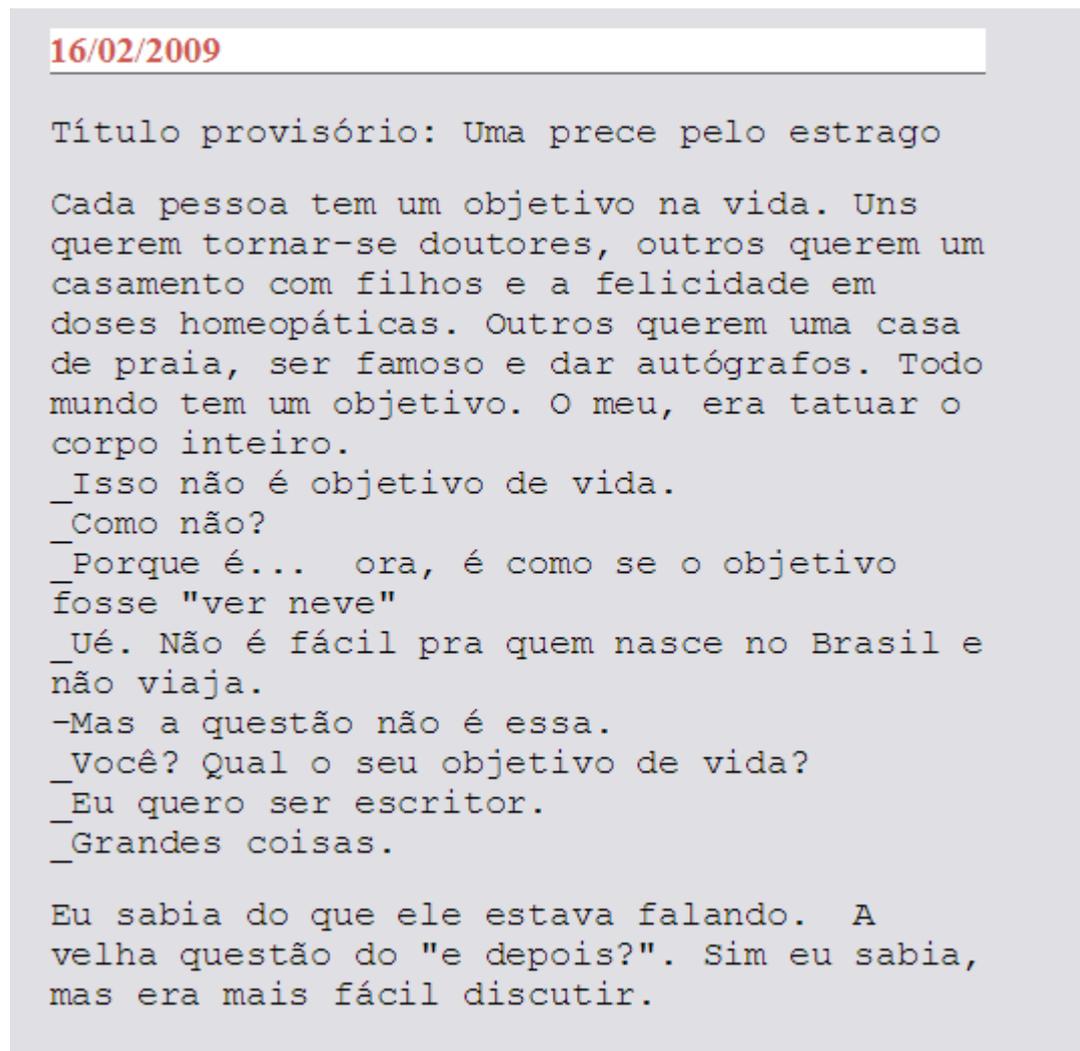
⁴ O Prof. Kiefer viria a ser o primeiro orientador desta tese, papel que desempenhou entre março de 2015 e maio de 2017. Após seu desligamento da Universidade, assumiu a orientação o Prof. Dr. Pedro Theobald.”

Figura 1 – Captura de tela com fragmento de um blog onde aparecem as primeiras notas de criação do futuro romance



Fonte: <http://labirintos.zip.net/>

Figura 2 - Captura de tela do blog onde aparecem as primeiras anotações para a criação do romance



Fonte: Labirintos.zip.net

O tempo passou, outras ideias vieram e foram desenvolvidas. Eu escrevi outro romance.

E, no entanto, sempre esta história, da mulher com suas tatuagens, continuava como um incômodo antigo aguardando até que eu soubesse como contá-la. Quando, em 2013, finalmente passei a escrevê-la, quando procurei conhecer melhor os personagens me ocorreu que talvez essa forma adequada fosse contando-a de maneira inversa. Mas o que estaria impulsionando esta ideia? Alguma espécie de delírio de grandeza comum ao jovem romancista? A vontade de escrever uma “ficção inovadora”?

Sobre isso, há uma advertência importante de John Gardner, com a qual me afino:

Ficções inovadoras (...) não são inerentemente fúteis, mas apenas pouco sérias. Qualquer interesse que possam ter deriva do seu contraste com a ficção 'tradicional', ou seja, convencional em sua forma e conteúdo. Enquanto a ficção convencional se mantiver adequada e válida, as ficções inovadoras serão puro exibicionismo literário. Têm certo teor de interesse, é certo, como brinquedos intelectuais, mas prendem nossa atenção apenas por um momento. (1997, p. 73-74).

Posso dizer que a ideia de escrever um romance invertido seria tudo isso o que aponta o autor se não tivesse sido, como ele mesmo ressalta, uma necessidade nascida da própria história, do tema, e da personagem. É Henry James (2011) quem salienta: o romance deve ser um organismo vivo. Ele advém da impressão que o autor tem do mundo. “A história do romance, a ideia e a forma, são agulha e fio, e nunca ouvi falar de alfaiates que recomendem o uso do fio sem agulha, ou da agulha sem o fio” (2011, p.33).

Assim, esta esdrúxula forma que tentei usar para contar a história da personagem nada mais foi senão, como diria Hemingway, uma “atrapalhação inevitável que se enfrenta na primeira tentativa de fazer algo que até então não tinha sido feito” (2011, p.79).

É preciso também deixar claro de que modo esse projeto foi orientado:

- 1) O romance, ou pelo menos a maior parte dele, deveria ser escrito, primeiramente da maneira mais tradicional possível para só posteriormente tentar invertê-lo.
- 2) Ao longo do processo de escrita, foi produzido um ‘diário de bordo’, onde seria mapeado o processo: os problemas encontrados na tentativa de inverter o livro.
- 3) Seriam buscadas e analisadas obras que tivessem uma relação formal com a que eu me propunha a fazer.
- 4) Uma bibliografia teórica seria levantada para ajudar a pensar nessas questões.

Ao tentar escrever a história de maneira inversa, me vi obrigada a questionar algumas poucas seguranças internas que eu tinha sobre como se escreve um romance.

Seguranças estas que resultaram na escrita de tudo o que eu tinha escrito até então. Um conhecimento que era, de certa maneira intuitivo, oriundo da observação intensa de obras literárias que eu apreciava e da leitura de alguns poucos manuais de escrita criativa que, lidos de maneira parcimoniosa, confirmavam algumas dessas instáveis certezas. Quais seriam essas certezas e como elas se mostraram incompletas ao tentar escrever um romance invertido, é sobre isso que trataremos a seguir.

1.1.: Como escrever um romance invertido

A resposta para esta pergunta eu encontraria em um dos mais famigerados manuais de escrita criativa, *A arte da ficção*, de John Gardner (1997): com maestria. é adquirindo maestria, segundo o autor, que um escritor pode fazer da ficção o que desejar. Em um polêmico primeiro capítulo que aborda a importância dos estudos formais para o escritor, Gardner nos lembra que a maior parte das ditas leis estéticas da ficção, (e ele provavelmente não discordaria que o final energéico é uma dessas leis) já foram muitas vezes, em diversos dos mais valiosos momentos da literatura (como por exemplo em *O Barril de Amontilado*, de Edgar Allan Poe) temporariamente suspensas. Um bom romance não é, como em qualquer arte, feito da obediência a alguma lei, ou regras, “embora existam fórmulas para a ficção medíocre e de fácil publicação”. A maestria, no entanto trata-se de outra coisa: o discernimento instintivo, o *feeling* do artista que por ter domínio completo da sua arte, sabe como e quando produzir este ou aquele efeito.

Mas, também, como o próprio autor tenta deixar patente, saber que não há regras, é um conhecimento tão libertador quanto apavorante. Significa dizer que caso o iniciante que deseje suspender leis estéticas, reconhecidas como tais, significa naturalmente correr riscos. Ele já não poderá imitar apenas um formato preexistente nem fundar-se numa cadeia lógica, na mera observação do cotidiano pois, tomemos como exemplo as narrativas cronologicamente invertidas: não se pode, na vida, voltar no tempo. Ações, no mundo histórico, não podem ser desfeitas.

E embora exista o tempo psicológico, na vida e no romance (trataremos do romance psicológico mais adiante) ou seja: as pessoas podem resgatar o passado,

relembra-lo, descobri-lo e ir em busca dele. Ainda assim, esta possibilidade, se desenvolve num tempo psicológico que, por mais que sinta não-linear, ainda assim, evolui progressivamente: do início em direção a um fim.

Seria então, talvez, mais conveniente, ao escritor iniciante, ater-se às formas mais tradicionais, com mais chances de sucesso. E no caso, assumir que certas empreitadas e ousadias ficam bem para Homero e Shakespeare, mas não para um ficcionista em formação.

Caberia, também à escrita criativa, limitar-se a propagar uma boa porção de técnicas, já testadas em sua eficiência, uma vez que, ora, estas, pelo menos de fato existem e de fato ajudam um escritor no manejo da carpintaria básica. Mas isto seria ignorar a potência dos estudos em escrita -- coisa que nenhum campo do saber faria -- e um enorme desperdício do saber que é construído a cada vez que, em alguma parte do mundo um ficcionista descobre algo novo em seu laboratório feito de leituras, muitas e abundantes, e de horas e horas de escrita não apenas esmerada, mas intensa, avaliando e reavaliando seu trabalho. Em suma: tornariam o conhecimento mais fácil de manejar e categorizar, mas também, muito menos valoroso.

O controverso é que embora não haja qualquer evidência de que a maestria na arte do romance possa ser ensinada, há um sem-número de evidências que sustentam que ela pode ser aprendida. Vargas Llosa (2006), por exemplo, ao tocar no assunto do talento, um outro nome para a tal maestria, defende que não existem romancistas precoces. Diferente do que vez por outra acontece na seara da poesia e da música (ele cita os emblemáticos casos de Mozart e Rimbaud) “Todos os romancistas grandes, os admiráveis, foram, no começo, escritores aprendizes cujo talento passou por uma gestação alimentada pela constância e a convicção” (p.15).

E portanto, cabe dizer que se por um lado nenhum teórico, nenhum estudo narratológico, ou manual sobre narrativas vá se encarregar de imputar no artista o feeling, o instinto que lhe fará saber exatamente quando cortar, quando acrescentar, ou quanto harmonizar, descrições, sumários, cenas... Isto não significa que ninguém sabe o que é ficção, quais são seus efeitos e seus limites, e que o distanciamento intelectual é inútil ao escritor, pelo contrário.

Num processo de pensamento tão frio quanto o de qualquer cientista, aos criadores cabe, não apenas repetir, mas uma compreensão profunda do seu próprio ofício. Cabe a quem escreve buscar referências, conhecer alternativas que outros testaram antes dele, resolver o que sua obra significa ou pretende significar. E, ao fim, gerar e compartilhar o que foi encontrado no caminho, na tentativa de completar as próprias equações, chegando à verdade que não é apenas a daqueles personagens e daquela ação, mas da própria escrita.

Assim, restou concluir, que ao fim, querer escrever um romance de trás para frente, uma ideia que não estava previamente descrita em nenhum manual. Ao menos em seu ponto de partida, diferiria muito pouco da experiência de escrever qualquer outro romance. Havia, sim, técnicas -- centenas delas, que eram do meu que iam desde a mais primária: o conhecimento de uma língua, até um ou outro refinamento que tornaram possíveis a clareza textual, o ritmo, a verossimilhança... -- e um insight que me fazia crer que este formato seria possível.

1.2. Escolhendo um processo

O romance Estrago, tanto na sua ordem direta, quanto na sua ordem inversa, foram fruto da combinação de dois modos de criação: a processual e a programática. (Coloco aqui esta seja informação pois embora esta discussão não seja o objetivo maior da tese, sem esta ressalva seria impossível explicar metodologicamente a pesquisa desenvolvida ao longo dos quatro anos de um doutorado que consistia em praticar literatura e, ao mesmo tempo, refletir sobre ela sobre o fazer criativo e a arte literária) Para Louis Hay (2007), escritores processuais lançam-se à escrita com uma ideia de começo e descobrem a história à medida que escrevem, testam, experimentam, erram, acertam, voltam, editam... etc. Já os escritores programáticos planejam antes onde querem chegar, como farão o trajeto, qual ponto de vista e ou linguagem, o fim da história, antes mesmo de começarem a escrever.

Assim, quando digo que Estrago foi fruto dos dois métodos quero dizer que em muitos momentos a escrita se deu de maneira intuitiva. Uma escrita “de descoberta” como afirmaria Robert J. Ray que consistia em pôr personagens, egos experimentais, com seus seus desejos e questões para interagirem em cena, assim descobrindo “o que

a história pede” e partindo daí, esboçar os componentes principais, partindo então para uma escrita programática que evitaria alguns inconvenientes como bloqueios criativos, correções infinitas e, o que parece ser crucial em se tratando de um doutorado: desperdício de tempo.

No caso deste romance, dois personagens nasceram na página já de maneira razoavelmente complexa, sugeriam potencialidades a serem atualizadas, e mais até do que isto: estavam em conflito. Ela afirmando que seu objetivo de vida era tatuar o corpo inteiro, ele sustentando que isto, um objetivo tão finito, não poderia ser um objetivo de vida sendo, no máximo, um sonho de consumo.

Mais ou menos à maneira como Amós Oz (2011) afirma compor seus romances, esta cena, este embate, me interessava porque conseguia concordar apenas parcialmente com cada um deles. Porque ver estes dois personagens em cena me faziam não apenas querer ver este romance inteiro. Mas me fazia pensar, levar em conta as questões práticas de um objetivo de vida finito.

E porque como afirma Milan Kundera: Desde que você cria um ser imaginário, um personagem, fica automaticamente confrontado com a questão: o que é o eu? Como ele pode ser apreendido?” (p.29) Segundo o autor, pelas diferentes respostas que se pode dar a esta questão sendo possível distinguir diferentes tendências e, talvez até diferentes períodos da história do romance. Quando se cogita que o eu se revela na ação, então o romance narrará ações e aventuras de personagens. Se por outro lado, o eu não se revela pela ação, seja porque não se reconhecem em seus atos, ou pela ausência de ato, o romance, em sua busca pelo eu, volta-se exploração da vida interior. O romance psicológico, no caso.

A natureza do desejo desta personagem foi o que me levou a considerar, intuitivamente, que eu precisaria construir o romance em um outro formato. Fazia pensar que o mais importante, numa história deste feitio não era tanto como ela faria as tatuagens, se iria realmente adiante, se iria conseguir, mas sim algo imediatamente anterior: O que fez com que ela tomasse esta decisão.

Elaborando hipóteses para a tensão entre meus dois personagens, cheguei a uma questão temática: a busca por um sentido se dá mais pela intensidade do desejo e a luta por alcançá-lo (a personagem fazer do ato de tatuar-se a sua razão de viver, e lutar por

isso, trabalhar por isso, direcionar sua vida a este propósito) ou pela natureza do desejo e a capacidade de antevê-lo e aguardá-lo (um personagem que acredita que sua arte brotaria dele como uma extensão natural do seu ser artístico, sem necessidade de luta. E, aguarda a inspiração sonhando com o sucesso estrondoso que seu trabalho terá quando isto acontecer)?

Foi por acreditar que no cerne de uma idéia, estão cifradas, também, as instruções quanto a melhor maneira de executá-la. Assumi também, desde o princípio, a delimitação que nasceu clara sobre quem era o protagonista e quem era o antagonista. A personagem que narra, em primeira pessoa era a protagonista mais óbvia, ao meu ver, porque era ela quem agia e porque ela era quem tinha um problema, um incômodo. Enquanto autora, neste momento eu páro, olho para meus personagens e percebo que eles têm um alto grau de intimidade pois isto se revela na falta de amarras que têm para criticar um ao outro.

No entanto, quando ela conta “Quero tatuar o corpo inteiro. Este é o meu objetivo de vida” e ele fica surpreso, então eu páro neste mini-acontecimento e constato: “Eles não conversam sobre sonhos há tempos”.

Neste ponto, percebo que há na verdade uma decisão a ser tomada sobre a natureza da trama. Posso desacreditar no que a personagem diz, supor que o que ela quer é diferente do que diz querer. Supor que trata-se de um relacionamento problemático e que dizer isto seria uma forma fácil de se pôr em oposição com o outro. Ou posso acreditar em minha personagem, acreditar que alguma legitimidade há por trás do seu desejo, acreditar que fala sério e contar a história que resultaria disto: a luta por um ideal que, na falta de palavra melhor, designei de torpe. E, foi esta primeira decisão: acreditar nesta personagem, no motivo dela, que a forma da narrativa foi intuída.

E, portanto, ampliando e parodiando a afirmação de Kundera, de que é pela resposta que damos para “como se revela o eu”, que identificamos o romance de ações, o romance psicológico e o fenomenológico. Talvez encontre-se aí também a organização dos eventos na trama que teriam, respectivamente uma vocação mais a linear, mais a psicológico ou mais dialética.

Caso tivesse optado por trazer para o primeiro plano as questões do relacionamento, e tornar a tatuagem uma questão secundária, poderia seguir com o tempo psicológico, proceder organizando os eventos cavando o cerne do problema entre eles.

Mas, tendo optado pelo outro caminho, tendo querido a busca pelas tatuagens e segui-la no curso deste desejo, me pus questionando quais seriam as possibilidades e os limites neste caso. Não tanto pelo fato da personagem ter um desejo pouco nobre pois, como diriam Howard e Mabley não é isto que nos interessa nos personagens de uma história bem-contada, mas sim “o sofrimento humano que vai por dentro desse personagem, ainda que ações, desejos e possivelmente, todo o seu modo de vida nos sejam repulsivos” p.50.

Então a questão que eu tinha que me preocupar a respeito dos motivos da personagem eram quanto de drama ele poderia, ou não poderia gerar: “Se o personagem não estiver muito interessado em alcançar o objetivo, se a façanha for fácil demais ou absolutamente impossível, não há drama”.

2. PERSONAGEM E ENREDO: Intersecções Audiovisual e Literatura:

Afinal, é possível dizer, ainda, que vemos um filme ou lemos um livro, para descobrir o que acontece no final? Em seu livro *O poder do clímax*, Luís Carlos Maciel (2003) discorre sobre o poder da catarse quando localizada no fim da trama. “O momento mais importante de um filme é o seu final, aquilo que as pessoas não gostam de ficar sabendo antes de assisti-lo e que, convenientemente, as sinopses publicadas na imprensa sempre omitem. Dizem que saber o fim tira toda a graça do filme”. (MACIEL, p. 48). Naturalmente, o autor se refere a um tipo específico de filme, fala do cinema narrativo-representativo, que nos conta uma história e, mais do que isso, se refere a um tipo ficção tradicional.

Claro que esta é uma forma simplificada de colocar a questão. Ainda na década de 50 o cineasta Billy Wilder já tinha, em seu filme *Sunset Boulevard* (O crepúsculo

dos deuses, 1950), trazido como protagonista um personagem, Joe Gillis, que desde o começo sabíamos como iria acabar. Já na primeira cena, um narrador mostra-nos o personagem morto, afogado “na piscina que sempre quis ter”. Também O diretor Quentin Tarantino, na década de 90, brincou com a temporalidade no seu filme *Pulp Fiction* (Tempos de violência, 1994) dividindo a cronologia em vários módulos temporais e nos mostrando, depois, o que aconteceu antes. E nos mostrou que embora saibamos, por exemplo, que o personagem Vincent Vega será morto, e o tenhamos visto morrer, mesmo assim nos envolvemos com as ações do seu personagem, torcemos por ele, tememos por sua vida, ao vermos suas ações transcorrendo no passado.

Mas, por que estou falando tanto de filmes em um trabalho de pós-graduação em Letras, se é sobre a escrita de livros e não de roteiros que vamos falar?

Bem, em primeiro lugar, começo falando de cinema porque não é raro que, ao menos na área da Escrita Criativa – que se debruça sobre a criação de personagens, enredos, diálogos e cenários – literatura e cinema compartilhem um mesmo arcabouço de referências. Apesar de se expressarem com diferentes linguagens, há em comum, nas duas artes, o hábito⁵ de contar histórias. Uma rápida folheada em qualquer livro que se disponha a dissecar o processo criativo da ficção fará a mesma revisão bibliográfica que começa com Aristóteles, ganha a contribuição de Hegel no séc. XIX, e passa, também, pelos formalistas russos e daí para o estudo dos mitos universais, os símbolos de Jung (Joseph Campbell que depois é atualizado numa espécie de “metodologia aplicada” por Christopher Vogler) aos os manuais de roteiro.

E, tanto em um quanto em outro, literatura ou cinema, se formos ao cerne dessa noção, segundo a qual, no senso comum, “acompanhamos uma história para ver o que acontece em seguida” ou “acompanhamos uma história para descobrir como termina”, verificaremos que ela é oriunda daquilo que, para Aristóteles, era o elemento central da ficção: *energeia* – a atualização da potencialidade que existe no personagem e na situação inicial.

Enredos como estes de *Sunset Boulevard* ou de *Pulp Fiction* não derrubam a teoria de Aristóteles, pelo contrário, nos fazem vê-la de outra maneira. Ampliam seu

⁵ Escolho a palavra ‘hábito’ pois o cinema também pode ser não-narrativo.

raio de eficácia. Assim acompanhamos uma narrativa não porque queremos saber o fim⁶ da história, mas porque queremos saber ver a potencialidade desses personagens e dessas situações desenvolverem-se. Queremos ligar os pontos: no caso do primeiro filme, queremos ligar o homem elegante morto em uma piscina na mansão de uma atriz famosa ao roteirista desconhecido e pobre que tenta fugir dos cobradores. Ou, uma outra maneira de ver: queremos testemunhar os personagens se transformarem. E, para isso, haveria maneiras mais e menos tradicionais de um ficcionista fazer isso.

Um enredo, segundo John Gardner (1997), por definição e por necessidade estética, deve fazer a história fluir:

A espécie mais comum de fluência – embora outras sejam possíveis – é uma sequência de eventos encadeados numa relação de causa e efeito. Essa a raiz do interesse de toda narrativa convencional. Por ficar intelectual e emocionalmente engajado na ação – i.e., interessado – o leitor é conduzido, por etapas sucessivas e aparentemente inevitáveis, sem desvios nem lacunas importantes, de uma situação inicial instável a um desfecho relativamente estável. (1997, p.81)

Mas, e se não houvesse, a rigor, qualquer conhecimento sobre a situação inicial? E se demorássemos tanto para conhecer esta tal situação inicial” que quando a conhecêssemos o livro acabasse? Se os personagens não tivessem nenhuma possibilidade de mudança? Nenhuma potencialidade ainda a ser desenvolvida. Ainda assim, avançaríamos na história?

Romances como, por exemplo, *Nove, novena e Avalovara*, de Osman Lins, que têm sua cronologia contada de maneira bastante atípica, como se todos os tempos, passado, presente, futuro, acontecessem juntos. Nesses romances, em diversas ocasiões, vemos o passado se desenrolar depois do futuro. Vemos o personagem de Abel simultaneamente menino e adulto. A personagem sem nome, também, simultaneamente jovem e adulta. A cronologia, como diria Julieta Godoy Ladeira sobre *Nove, Novena*,

⁶ Para Aristóteles, o mito deve conter uma estrutura de Todo que se divide em três partes: o princípio, o meio e o fim, cada uma dessas partes ligando-se entre si pelo princípio como uma história una e cujo elemento de unidade advém sempre da ação. Para Aristóteles, a unidade nunca é dada pelo personagem. Ou seja, o início deve se dar quando começa a ação sobre a qual versa o poema e terminar quando esta ação termina. Por este motivo, Homero estaria correto ao separar a Odisseia da Ilíada, pois apesar de ambas trazerem como personagem o mesmo Ulisses, cada uma delas se organiza em torno de uma unidade de ação diferente. —É necessário, portanto, que os mitos bem compostos não comecem nem terminem ao acaso, mas que se conformem aos mencionados princípios! (ARISTÓTELES, 1991, p.257).

não obedece o tempo. “A vida se estendendo, plana, diante de nós. O foco narrativo que os anjos usariam, se olhassem para cá e escrevessem. Aquele foco que podem ter, hoje, os astronautas”.

Mas, a despeito disso, as ações, apesar de misturadas em vários núcleos, cada deles tendo uma temporalidade diferente, essas narrativas correm sempre adiante. Só para citar algumas delas, destaco os segmentos que contam a história do personagem em seus anos de formação quando conhece Anneliese Roos, uma europeia fria e casada, que o repele. Já adulto, o mesmo personagem é mostrado em processo de divórcio quando conhece Cecilia, casa-se com ela, e presencia sua morte. Noutra história, o mesmo personagem, já experiente, chega para um encontro amoroso com esta mulher inominável, mas o marido dela aparece carregando uma arma. Assim, por mais que um segmento que acontece quando ele é jovem possa vir depois de um segmento do personagem adulto, a unidade de ação de cada uma das histórias corre cronologicamente na ordem direta.

Gérard Genette, em seus estudos narratológicos, por exemplo, fala de anacronia. Mas para ele, a anacronia se dá quando partimos de uma temporalidade principal e é esta que estabelecerá a analepse (no cinema chamados de flashback) ou prolepse (flashforward). No entanto, o que Cameron (2006) ressalta sobre as recentes narrativas modulares, narrativas como as de *Memento*, *Irréversible*, e, ele acrescenta, *21 grams*, de Alejandro Gónzales Iñaritu (21 gramas, 2003), é que elas, deliberadamente, criam incerteza quanto a qual temporalidade está subordinada à outra.

Mas, assumindo que haja, de fato, uma discrepância no número de obras modulares anacrônicas entre cinema e literatura, poderíamos, daí suspeitar que haveria na linguagem cinematográfica algum elemento (a função de *rewind*, por exemplo) que faria dessa estrutura, eminentemente, audiovisual? Bem, naturalmente, do ponto de vista do efeito cinematográfico, parece⁷ mesmo mais fácil inverter uma história filmada que uma história escrita. Bastaria que o montador organizasse as cenas de maneira

⁷ Digo “parece” porque, claro, o espectador de cinema mais experiente, ou segundo olhar para a história nos mostraria que para a história funcionar neste formato, ela precisa ter sido escrita para funcionar neste formato.

descrescente e, automaticamente, teríamos uma narrativa modular do tipo anacrônico. Este mesmo processo talvez não fosse tão simples na literatura. Seria cabível apresentar ao leitor os personagens depois que este mesmo leitor tivesse convivido com ele ao longo do livro inteiro? Seria possível fazer o leitor se interessar pela resolução de um problema de personagens sem dar a ao leitor, antes, a oportunidade de conhecê-los?

2.1.O personagem e seu motivo

Sim, é verdade. Ainda que meu verdadeiro tema fosse os processos industriais, sem personagens eu nada poderia fazer. Michel Houellebecq. O mapa e o território (132-133)

De certa forma, inverter um romance foi, acima de tudo, uma forma de melhor compreender o recurso do mostrar e esconder. Foi um exercício maior de consciência e de controle sobre este jogo de luz e sombra que KUNDERA (2009) bem descreve ao afirmar que “o personagem não é uma simulação de um ser vivo. É um ser imaginário. Um ego experimental” (p.38). Discorrendo sobre a arte do romance, o autor, apesar de reconhecer legítimo o desejo do leitor de “se deixar levar pelo mundo imaginário do romance e confundi-lo de vez em quando com a realidade” (p.38), faz também, aí, uma diferenciação entre o *efeito* e a *técnica* capaz de revelar este efeito.

Kundera coloca que a longa tradição do realismo psicológico e suas normas “quase invioláveis” de revelar uma personagem são sem dúvidas alguns dos meios de revelar o do eu, mas não as únicas formas possíveis. Antes do romance psicológico, ele faz o seguinte apanhado, os romances revelavam o “eu” através das ações.

Os primeiros narradores europeus nem conhecem a abordagem psicológica. Bocaccio nos conta simplesmente ações e aventuras. No entanto, por trás de todas essas histórias engraçadas, percebe-se uma convicção: é pela ação que o homem sai do universo repetitiva do cotidiano em que todo mundo se parece com todo mundo; é pela ação que ele se diferencia dos outros e se torna um indivíduo. Dante disse ‘Em

toda ação, a primeira intenção daquele que age é revelar sua própria imagem' (KUNDERA, 2009. p.29)

Ao inverter um romance, as escolhas mudaram. O que revelar? O que esconder? Como autora, o desafio maior que se apresentou para mim não foi outro senão o de encontrar um outro caminho que não o do romance psicológico e que fosse, também, satisfatório para revelar os personagens.

É possível que haja tantos modos de escrever quanto existem escritores de ficção no mundo ou até mais, uma vez que o mesmo escritor pode adotar procedimentos diferentes de escrita de uma obra para a outra. Em manuais de redação, de roteiros, há diversos 'métodos' possíveis para se começar a escrever um romance: talvez iniciando pelo tema da história, decidindo, por exemplo, "Esta será uma história sobre a imigração japonesa no Brasil no século XX", pelo enredo, "Esta é a história de um homem que, depois de enriquecer, volta para tentar reconquistar a mulher que o ignorou no passado e que acaba morto por causa das intrigas do marido dela".

É possível ainda, como Gardner descreve, escrever como fazem os Jazzistas:

(os escritores) começam com algum personagem pelo qual sentem alguma espécie de afeição — um tocador de guitarra elétrica, por exemplo — e descrevem-no tocando guitarra no quarto. Depois perguntam-se: agora, o que faço acontecer? Alguma coisa idiota lhes ocorre — o companheiro de quarto do tocador de guitarra entra — e escrevem isso. Os dois fumam maconha. Depois vão a uma festa. Encontram uma garota com um grande lobo branco. E assim por diante.

Mas, no meu caso, sempre pareceu importante começar perscrutando os personagens e procurando os seus motivos.

Motivo é a palavra que mais me parece completa para designar os desejos e as necessidades do personagem, não por acaso vem do latim *movere*, que significa mover. O motivo desloca a história, do início em direção ao fim. Da apatia à luta. O desejo do personagem de obterem algo é o que nos guia a ir em frente. Personagens bem desenvolvidos, complexos, com um motivo claro, bem delineado, portanto, geram bons

romances. Esta ideia é defendida, por exemplo, pelo autor Robert J. Ray em suas orientações sobre como escrever um romance:

O drama de seu romance começa com o personagem. O que o impulsiona? O que quer? Qual a intensidade desse desejo? Qual o obstáculo em seu caminho? De que terá de abrir mão para realizar tal desejo? De que forma lida com os obstáculos? (p.25).

E John Gardner, embora defenda o enredo como a principal questão que o autor deve abordar, reconhece estar no personagem âmagos emocionais do romance. Kundera, mesmo quando faz uma reflexão filosófica sobre Nietzsche e o eterno retorno, por exemplo, assegura que essas reflexões só lhe servem no sentido de trazer à vida seus personagens e suas questões existenciais. Os romances, em sua definição, são “uma meditação sobre a existência vista através de personagens imaginários” (2009, p.81).

Em minha experiência participando como aluna das Oficinas de Criação literária posso dizer que ouvi de autores como Raimundo Carrero que “o narrador não tem estilo, quem tem estilo é o personagem” e também o professor Luiz Antônio de Assis Brasil afirma em suas aulas que apesar de a cadeia de eventos ser importante na escrita de um romance, num bom romance, ela sempre parte do personagem. Tudo numa história, até os acidentes e o cenário, devem parecer derivadas do personagem, do drama universal que este personagem carrega em seu âmagos. Sem isso, sem a força e o motivo do personagem, ainda que tenhamos um conflito, no sentido que até uma luta de boxe ou um jogo de futebol apresentam conflito, não teremos, ainda, um romance. Ou pelo menos, não teremos um bom romance.

Quem primeiro notou a importância do personagem e do seu motivo foi Aristóteles. Para ele, embora a unidade da tragédia não se organizasse em torno do personagem, e sim da ação, toda boa tragédia deve começar pela constituição deles.

Toda a força do mito⁸ e seu andamento (a elocução) advém dos personagens e do seu caráter⁹.

Ainda na época em que escrevi meu primeiro romance, embora ainda não tivesse passado, na época por nenhuma oficina, posso dizer que tinha esta certeza de que o personagem queria algo, este querer nos levaria ao conflito e o, por sua vez, conflito moveria a história, levaria ao clímax... Deste ponto de vista, não seria conveniente pensar numa relação entre a natureza do desejo do personagem e a possibilidade formal do romance que o narra?

2.2. Personagem e motivo desdramatizado

Há um momento na vida em que ele começa a pensar no cabelo como outros pensam na morte. Sabe-se que “existe a morte” como se sabe que o destino de todo corpo é decair ou que a água, numa determinada temperatura, transforma-se em vapor. É uma certeza invisível, administrada diariamente e em doses tão infinitesimais que perde consistência, confunde-se com o contínuo da vida.

PAULS, Alan.

É assim, com esta caixa de texto, que nos apresentado um capítulo, então inédito, do livro *A história do cabelo* do escritor argentino Alan Pauls na revista Piauí, de setembro de 2011. Um livro que, segundo a revista, traz no cerne da história um personagem em busca do corte de cabelo perfeito.

Devidamente traduzido para o português, o trecho, bem como todo o capítulo de onde foi tirado, foi publicado, um mês antes da publicação do livro no Brasil e chamava atenção a foto de um salão de beleza, lugar onde a cabeça, deixa de ser o símbolo do

⁸ Aristóteles decompõe a poesia imitativa em seis elementos: o mito (que a narratologia chama de fábula), que é a história a ser contada; o caráter, que é aquilo o que os personagens assumem para chegar a um certo objetivo; o pensamento, através do qual se pode dizer o que é importante e conveniente sobre certo assunto e que se faz a partir de cada um dos personagens; a elocução, que é a o modo como ela é contada, sua entonação e enunciação, e que não tem efeito diferente seja ela encenada diante dos nossos olhos ou lida no papel; o pensamento; o canto (ou melopeia), que consistem no principal ornamento da apresentação e o espetáculo propriamente dito, e que não concerne à poesia, mas aos cenógrafos. Entre estes, a história é considerado o mais importante, pois ainda que todos os demais elementos se façam presentes eles serão vazios se não houver uma história a ser contada.

⁹ Entende-se por caráter aquilo que qualifica o personagem dentro da ação.

pensamento para virar um corpo no espaço e onde o homem deixa de ser sujeito para tornar-se objeto.

E foi, portanto, este personagem de “a história do cabelo”, que serviu como modelo, para refletir sobre minha própria personagem, e que, de modo geral, me ajudaram a pensar na natureza ou função dos motivos do personagem. Afinal, um personagem que tem como objetivo o corte de cabelo perfeito, estaria fadado ao fracasso no drama? Visto que, no que concerne aos seus desejos, equiparam-se nele duas questões por natureza díspares: a questão existencial, a vida e a consciência da própria morte do sujeito, e as motivações banais de um personagem que busca o corte de cabelo perfeito. Uma estranheza que traz também consigo a dificuldade de pensar naquilo que aqui chamarei de personagem com motivo desdramatizado e a sua estética no romance contemporâneo. personagens que tal como no poema de Drumond: “estão menos livres, mas levam jornais”, e que se confundem, na banalidade da vida, aos seus próprios objetos.

Talvez um bom ponto de partida fossem das reflexões feitas no âmbito do cinema, mais especificamente, às considerações feitas por Denilson Lopes (2012) quando, ao pensar numa poética do cinema contemporâneo, considera apostar numa poética dos homens comuns, chegando a filmes como *Mouchette*, (Robert Bresson, 1967) que crescem pela sua proposta de desdramatização, uma aposta que aponta também para outros filmes como *Café Lumière* (Hou Hsiao-Hsien, 2003) e *Five Dedicated to Ozu* (Abbas Kiarostami, 2003).

Mas aqui, para pensarmos no personagem com motivo desdramatizado um tanto aparentado com a poética do Homem comum, defendida por Lopes, cunhamos um outro termo por não partirmos do carácter destes personagens, pela natureza de suas ações, e sim pela função que elas têm dentro da narrativa. pelos objetivos que estes personagens carregam consigo dentro da trama e a rejeição ou mesmo a impossibilidade que eles apresentam de gerar um grande e único ponto de clímax. E, atravessando o caminho inverso: partimos do cinema, das considerações de Bresson e suas propostas de desdramatização, para chegar a uma rede de personagens que, sem necessariamente romper com a tradição do romance realista: de que os personagens precisam partir do desejo por algo difícil, mas não impossível.

Mas, para bem tecer estes diálogos, convém, primeiro, compreender isto que Lopes chama de personagens comuns:

Dando mais um passo, mais recentemente, o homem comum foi construído por Deleuze e Agamben, a partir de *Bartleby* (1853) de Melville. Personagem que poderia se confundir com estes seres anônimos delineados acima. Mas *Bartleby* é um modesto funcionário que discretamente se recusa a trabalhar e repete sempre a frase “eu preferiria não” (“I would rather not”). Esta particularidade faz com que se aproxime mais de personagens excêntricos. *Bartleby* se insere numa tradição de personagens pequenos funcionários que acabam por serem espectadores do mundo, quase estetas como Bernardo Soares em seu *Livro do Desassossego*. São personagens da recusa, precursores dos personagens de Kafka e parecem encarnar mais uma figura da negatividade tão cara à arte moderna, catalogada por Enrique Vila Matas em *Bartleby e Companhia*. LOPES, 2012, p. 104)

É aqui que Lopes pretende ressaltar tudo o que não é o homem comum: não é o comum “o pobre, o miserável, marcado pela sua condição de trabalhador mal-remunerado no campo ou na cidade”, nem também: o excluído das favelas, o abandonado nas ruas, que podem e foram tipificados, por toda uma tradição que encontrou no realismo socialista sua maior simplificação”, nem é também o personagem que, alheando-se, incompreendidos, de um cotidiano esmagador, abrem espaço para o mundo da subjetividade revoltosa.

Lopes pensa na estética de Samuel Beckett, para quem a ação e o drama, tão prezados pela herança aristotélica, pouco significa.

Cenas marcadas pela rarefação e pela contenção que terão frutos nos filmes e peças de Marguerite Duras, Peter Handke, e mais recentemente, num registro já marcado pelas conciliações pós-modernas em Jon Fosse e Jean Luc Lagarce. Não o inconsciente, mas apenas o que aparenta, próximo ao mundo das coisas e dos espaços. Um cotidiano que esvazia eventuais clímaxes, pontos privilegiados. É como se nos encaminhássemos para um processo de abstração. Relendo Deleuze, Gregory Seigworth (2000, 244) falará da experiência vivida como uma coisa absolutamente abstrata e a

experiência vivida como não representando nada, pois, o que seria mais abstrato do que o ritmo?

O personagem que empreende suas questões a partir de uma motivação que só pode ser vista por dois aspectos: ou ser demasiado banal e/ou ao mesmo tempo, inatingível. Se, pelo bem do clímax, os personagens precisam de motivos que sejam difíceis, mas nunca impossíveis, o motivo torpe é sempre ambos.

O personagem com motivo torpe não é o homem pobre que empreende sua jornada em busca de pequenas grandes coisas: como é o caso do personagem de Ladrões de Bicicleta (Vitório de Sicca) no seu desejo por algo que, em última instância significa dignidade e sustento de sua família, ou de Dominic Molise, que quer vender o misturador de cimento do pai para conseguir dinheiro, que também, noutra instância significa a possibilidade de perseguir seu sonho. Também não tratamos aqui de personagens esmagados pela rotina, o tédio e que buscam preencher esse nada, desesperadamente: como vemos em filmes como ‘Encontros e Desencontros’ ou ‘Um lugar qualquer’, ambos de Sofia Coppola, ou em livros como Paz na terra entre os mortos e Hoje está um dia morto, de André de Leones.

Para tanto indicamos uma constelação a partir de A história do cabelo (2011) de Alan Pauls, , não como uma origem, mas como um ponto de observação, do qual podemos pensar livros como O cheiro do ralo (Lourenço Mutarelli), no qual o personagem que se apaixona por uma bunda, (e somente a bunda sem querer manter relações com a mulher propriamente dita), Eles eram muitos cavalos (Luis Ruffato), que mostra diversos personagens em suas buscas mínimas (uma entrevista de emprego, comprar um presente de dia das mães, pedir o divórcio, evitar um assalto, etc).

Apontamos ainda para livros como A vida secreta das árvores (Alejandro Zambra), em que o personagem deseja que a mulher volte para casa depois do trabalho, e Meu coração de pedra pomes (Juliana Frank), em que a personagem Lawanda, deseja um frigobar vermelho, e criar os próprios rituais de macumba sem, de fato, querer que os desejos sejam realizados.

O personagem com motivo desdramatizado não se parece com o anti-herói, pois o que nos interessa neles não é necessariamente a empatia, não é sobre gostar deles, mas

antes tentar conhece-los ou identificar o funcionamento de suas “máquina do desejo”. O lugar de personagens como os de A história do cabelo e O cheiro do ralo, não extingue a moral conservadora, nem parte da revolta, nem necessariamente de um trauma. Não são personagens destacáveis do seu próprio contexto, dos espaços onde habitam, com seus cotidianos.

A recusa do grande história dialoga com a recusa de motivações psicológicas fundadoras e determinantes. Em A história do cabelo o personagem vaga indefeso, porque não está sob seu controle, pelo salão que lhe fará o corte perfeito, mas mesmo quando ele o consegue ele sabe que, no exato momento em que o ele o obtém, também o perde: pois o cabelo continua a crescer, o corte, por perfeito que seja, se desfaz e nem se voltasse ao mesmo salão, ao mesmo cabelereiro, repetisse as mesmas instruções, mesmo assim, não poderia repeti-lo. Sua busca é acima de tudo possível e impossível demais.

Da mesma forma, o personagem de O cheiro do ralo: ele quer algo que é, ao mesmo tempo muito fácil: nada o impede de ter um caso com a garçonne e ela parece interessada em dar a ele acesso ao seu corpo, mas em outra instância, seu desejo é impossível: ele quer uma parte isolada de alguém, quando esta parte é indivisível. Ele não quer contato com ela, gostaria de poder comprar aquele corpo, mas o corpo não está a venda.

Assim, “O Clímax é o final da ação, a consumação última do conflito, o ponto máximo da curva dramática. Pode-se ter uma crise excepcionalmente forte, mas se ela não assinalar o fim da ação principal, não é ainda o clímax”. (MACIEL, p.54). Deste mesmo modo, podemos dizer: o personagem com o motivo torpe funciona, esteticamente sob outros parâmetros, promove diferentes desconfortos. Ou ainda: diferentes tônicas para a experimentação artística que muito dizem sobre nosso tempo.

Assim, a impossibilidade de se chegar a um limite da questão, da motivo-ação do personagem, desfaz, grosso modo a experiência do clímax tal como ele acontece no romance clássico e no moderno.

2.3. Personagem e motivo invertido

Assim: eu parti de uma personagem e sua premissa que, digamos, poderia ser esboçada em uma afirmativa: Érica, uma aspirante a artista plástica com um estúdio recém montado, quer encontrar o pai desaparecido que se opunha à sua carreira. Esta necessidade inicial leva a história adiante, mobiliza outros personagens que, cada um, por sua vez, também querem algo dentro daquela história. Levados ao conflito, eles se modificam, a personagem, desenvolve a potencialidade da situação inicial e, assim, se transforma.

Se eu tivesse que olhar com uma lupa, todas as histórias que tinha escrito até então, independente de serem boas ou ruins, eu encontraria nelas esse mesmo cerne: um personagem quer alguma coisa, seu desejo conduz o leitor. No entanto, desta vez, a natureza do desejo da personagem protagonista, uma nova gama de personage

Mas se eu começasse realmente do fim (não in media res) não perderíamos aí, o desejo do personagem como propulsor da história?

Observemos a cena que encerra a busca da personagem. Do jeito como ela foi escrita se assumisse o romance na ordem direta, sem anacronia.

Deitada na maca, eu observo as placas, prédios e copas de árvore passarem velozes demais através de nós, os fios da eletricidade, os outdoors com pessoas gigantes,

— Está sentindo sono?

...rápidas demais, simétricas demais.

— Tente não apagar de novo. Permaneça comigo. Está me ouvindo?

Se eu pudesse enxergar com clareza, se pudesse fazer com que tudo parasse de girar, daria pra ver a rugosidade da cola mal feita, daria para sentir que está tudo mesmo desbotando, enrugando, carcomendo-se.

Ele põe uma lanterna nos meus olhos, primeiro um, depois o outro.

—Pode me dizer o seu nome?

— Samara.

— Samara, ótimo... — eu tento me recompor da vertigem, impulsiono o corpo, mas ele prossegue. — O meu nome é Jobson, certo? Vou ficar com você até chegarmos no hospital.

Eu tento encontrar um ponto fixo para parar a tontura, me esticando da maca, procurando a janela de trás da ambulância, mas então percebo que estou amarrada a ela, com um cinto de segurança.

— Eu preciso me sentar – digo a ele – ou vou acabar vomitando.

Então eu olho para meus próprios braços amarrados à maca. Para as linhas em escala de cinza, as gradações, o preto, e me agarro a eles: um ponto fixo no espaço, para impedir a queda, igual quando você precisa girar muito rápido e depois parar, imóvel, na posição inicial. Olhe pra si mesma – eu ainda escuto o meu primeiro instrutor dizer. – Assim você não perde o equilíbrio.

— Você vai ficar bem – Jobson diz. – Só está com a pressão muito baixa. Está sentindo alguma dor?

— Absolutamente nenhuma.

— Teve alguma hemorragia?

— Sim, mais cedo.

— Samara, não durma, certo?

Eu penso em Jack sentado no estúdio, debruçado sobre a mesa de luz, Jack limpando os materiais, Jack preparando tudo sozinho, no estúdio fechado no silêncio das seis da manhã, com a luz invadindo a antessala dispendo sobre a mesinha seus instrumentos. Eu penso em Jack olhando para o relógio. Eu penso em Jack olhando para a porta.

— Jobson... Filho do trabalho, não é?

— Isso, filho do trabalho. Você fala bem inglês?

— É uma geração só de filhos a minha. Andersons, Jobsons, Robsons...

Eu penso em Marcelo, dentro do meu apartamento, recolhendo seu xampu do boxe, sua escova da bancada. Fechando o notebook aberto sobre a escrivaninha, eu tento imaginar a sensação. Será que ele olharia uma última vez para a cama? Eu lembro de mim mesma, desclassificada na final do campeonato, eu lembro de mim mesma guardando os patins com treze anos.

— Está com frio, Samara? Consegue segurar este lápis com a mão direita?

— Filhos que não viram pais, sabe?

— Vou te cobrir com isso, vai estabilizar sua temperatura, certo? Sabe dizer quem pode ir encontrar você no hospital?

— Ninguém.

Há um silêncio, no qual eu continuo em queda livre. Uma sensação maravilhosa de flutuar no espaço vazio de dentro do carro como se apenas, apenas o cinto da maca, e não a gravidade pudesse me impedir de flutuar. Sinto o rosto morno, dormente, formigando, e dou conta que não sinto cheiros. A vontade de dormir parece de novo irresistível.

Eu penso em meu pai, acomodando seus tubos de insulina na mala térmica, nas seringas descartáveis, eu o vejo conferir mil vezes onde havia deixado a passagem.

— Suas tatuagens são recentes?

— Sim.

— Quantas têm menos de um ano?

Então eu recomeço a falar, sem sentir os lábios.

— A primeira foi no pulso... — digo devagar e baixo, poupando energia —...
é uma história comprida.

—A pressão tá caindo — ele grita. — Ela vai apagar.

Mas meu ouvido parece entupido, meu tato está prejudicado e tudo, tudo aquilo, parece agora muito longe de mim mesma. É, apenas, mais uma vez só imagens passando rápido demais, e minha cabeça, como um computador lento, fragmentando, tudo em frames, espalhando o momento em recortes repetidos.

—É meu objetivo de vida: tatuar o corpo inteiro.

— Sim, estamos quase lá. Agente firme.

Eu fecho os olhos. E percebo algo que já é como a formação de um sonho. Há uma franja de som que diz “Porra, acelera. Vai dar merda”.

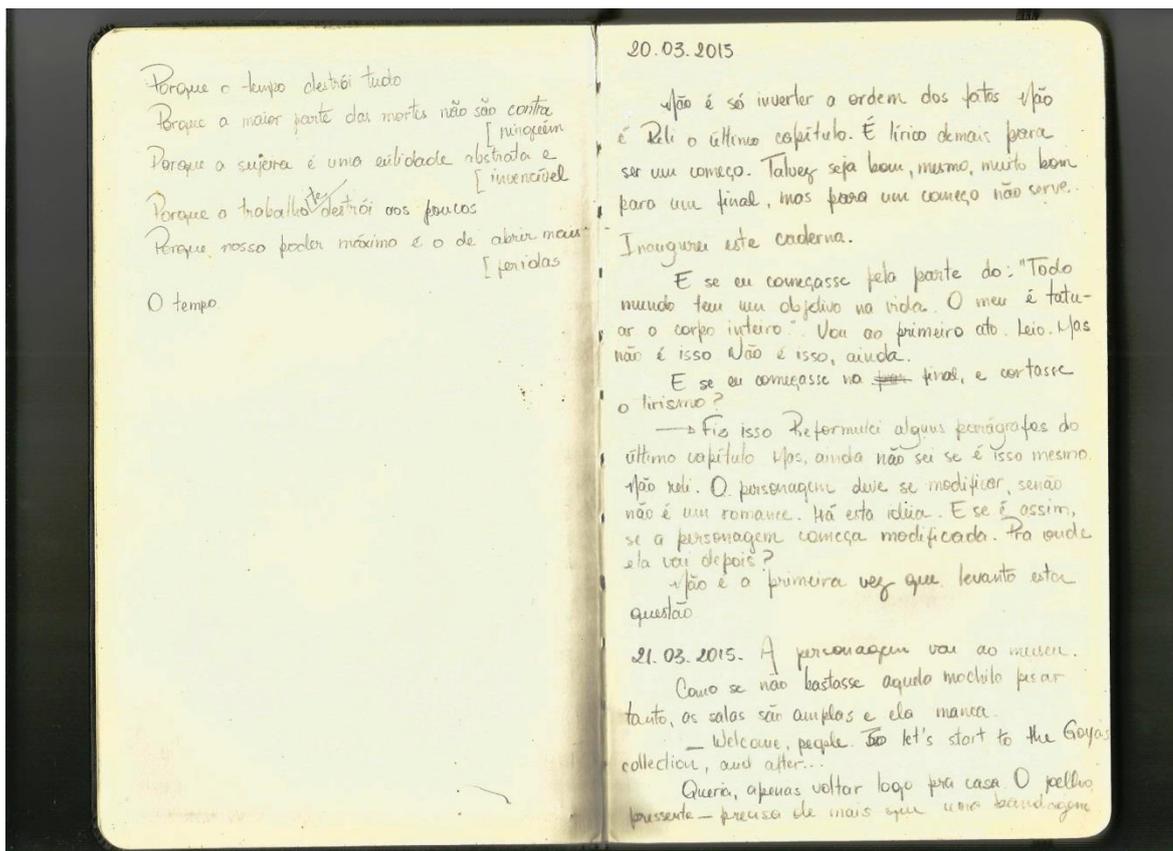
E prosseguimos. Braços amarrados pra não cair, falando demais só pra não apagar, sempre no entorno dessa névoa que deixa a gente um pouco, só um pouco, só a quase lá de se cumprir o que se propõe. E nem importa tanto se a queda for inevitável. Se os olhos se fecharem. Vamos ligar as luzes da sirene, vamos correr mais rápido, vamos nos esforçar em dobro em direção a um futuro sem nos dar conta que esse futuro já ficou para trás há muito tempo, como uma piada sobre cabras desnecessárias, ou uma propaganda sobre crianças presas num carrossel.

E continuamos, frames repetidos de esperança, jogados, incessantemente na torrente de imagens, uma nova volta, uma nova vida, uma miragem. Me ocorre que quando o hospital me liberar eu vou voltar para o estúdio, que Jack e eu podemos viajar com a exposição e ele ficará satisfeito embora finja estar surpreso. Mas, no fundo, pensando bem, eu não tinha mais por que acreditar nisso. A ambulância para.

E as portas se abrem, bem à minha frente.

Naturalmente, há nela vários problemas que impossibilitariam que fosse uma cena de abertura. Uma entrada no diário de bordo (abaixo sua transcrição) indica a primeira preocupação com a questão:

Figura 3 - Entrada no diário de bordo datando de março de 2015.



Fonte: arquivo pessoal

20.03.2015¹⁰

Não é só inverter a ordem dos fatos. Não é. Reli o último capítulo. É lírico demais para ser um começo. Talvez seja bom, mesmo, muito bom para um final, mas para um começo não serve. Inaugurei este caderno.

E se eu começasse pela parte do: "Todo mundo tem um objetivo na vida. O meu é tatuar o corpo inteiro". Vou ao primeiro ato. Leio. Mas não é isso. Não é isso ainda.

E se eu começasse do final e cortasse o lirismo?

Fiz isso. Reformulei alguns parágrafos do último capítulo. Mas, ainda não sei se é isso mesmo. Não reli. O personagem deve se modificar, senão não é um romance. Há esta ideia. E se é assim, se a personagem começa modificada. Pra onde ela vai depois?

Não é a primeira vez que levanto esta questão.

¹⁰ Optei por adotar, na parte da transcrição, uma fonte diferente para evitar confusão na leitura.

Uma breve reavaliação dos filmes *Memento*, *Irréversible* e *Bakha satang* me daria algumas pistas sobre como funciona a inversão. Pois ambos os filmes abrem mostrando uma situação tão desconcertante e tão insólita, que acaba incitando o espectador a permanecer atento. Em *Memento*, a cena inicial, mostra, em plano detalhe, uma fotografia Polaroid na qual vemos um homem morto a tiro. Muito sangue derramado. A mão que segura a foto tem uma tatuagem, e sacode a foto, no entanto, à medida que o tempo vai passando a fotografia vai, em vez de tornar-se mais nítida, se esmaecer até ficar completamente em branco. Neste ponto, o primeiro personagem que vemos, e vamos supor, é o protagonista, coloca a foto de novo na polaroid, *destira* a fotografia (a câmera se afasta, vemos seu rosto suado e com manchas de sangue), o revólver no chão, salta para a mão dele, a bala volta para o revolver, ouvimos o estouro e, o *des-mata* alguém. Em seguida, um segmento em preto-e-branco nos apresenta, em voz off, a situação do personagem. Ele acaba de acordar em um quarto de hotel e não faz ideia de por que está ali ou o que está acontecendo.

Em *Irréversible*, o filme abre com dois homens que estão presos numa cadeia que falam em sexo, violência. Eles conversam, quando são interrompidos por uma sirene. A sirene traz um homem muito ferido. Os dois que ali já estavam querem saber a história deste homem recém chegado este homem cuja alta cultura, as roupas, destoam do lugar e são motivo de chacota. Ouvimos um dos policiais desdenharem “Professor de história meu ovo”, eles dizem. “Vai apodrecer aí!”. E uma incômoda fotografia contribui para a sensação de não entender o que se passa.

Em *Bakha Satang*, a história começa num segmento chamado “Outdoor Excursion”, vemos um trêm passando sobre a ponte e, debaixo da ponte, um homem muito bem arrumado, de terno, está jogado perto do rio. Ele parece morto, mas à medida que a câmera se aproxima, vemos que ele está vivo, e que chora. Sua expressão é de desespero. Então ele se levanta, anda à margem do rio até chegar a um grupo de pessoas. Elas estão vestidas casualmente, bebem, dançam, comemoram. À medida que ele vai se aproximando, as pessoas passam a reparar nele, umas parecem temer essa figura, outros o aceitam no grupo, fazendo troça. Tresloucadamente, então, este homem começa a dançar, exagerado e triste. Umass pessoas se assustam, outras riem, até que alguém se

aproxima e pergunta: “Você não é Youngho?”. A pergunta lhe faz paralisar. O homem continua “Há quanto tempo não lhe vejo?”. Então este homem explica que só não o tinha convidado porque não conseguiu encontrá-lo, tenta acomodá-lo ao grupo, mas o homem, transtornado, continua agindo de maneira absurda e ameaça se matar. O que de fato faz: atira-se na frente do trem em movimento e isso dá fim à sequência inicial.

Assim, voltando a análise do problema inicial, ou seja, como inserir o personagem e seu motivo na abertura, se o romance é invertido. Onde entra o personagem e seus motivos nessas aberturas? Quem são os protagonistas e o que eles querem nessa história? Qual a informação e a dúvida que nos assola depois de acompanharmos isso? A ideia aristotélica da *energéia* seria refutada por essas narrativas?

A primeira semelhança: os personagens estão “estragados”. Em situação de violência, sexo, histeria. Estão, quase sempre vestidos de uma maneira que destoa da situação, ou seja, terno e gravata, um traje muito civilizado para uma situação muito animalésca. Assim, no quesito “ação”, minha história estava afinada com estas três situações iniciais de enredos invertidos: a personagem estaria vestida de maneira, para dizer o mínimo, curiosa. Estaria bastante “estragada”, e a situação é extrema e emergencial.

A premissa que eu tinha, então: o romance deve abrir com uma personagem, o personagem mostra seu desejo, e seu desejo conduz do capítulo 1 ao 2 não estaria equivocada se tomarmos por base estas aberturas? Afinal, neste ponto da história os personagens já estão obtendo o que queriam, já estão matando ou já mataram quem queriam matar. A ação já acabou.

Talvez convenha, neste ponto, diferenciar o enredo da fábula. O enredo, ou a trama, é a forma material como os eventos estão dispostos na linha dramática para produzir no seu leitor ou espectador um efeito determinado. A fábula é imaterial, é a história, o que aconteceu com os personagens.

Esta diferenciação é necessária aqui, pois na fábula, naturalmente, o tempo não pode voltar atrás, os mortos não podem voltar à vida, e não é possível desfazer o que já foi feito e, do mesmo modo, a história é obrigatoriamente uma sucessão de primeiro as causas e depois os efeitos. Os personagens avançam buscando solução para seus

problemas, mas no enredo, essa ordem pode ser invertida: podemos ver primeiro o personagem histórico, atirando-se na frente do trem para, só depois, compreender que ele estava falido e traumatizado, acabara de ver a morte de uma mulher do seu passado. Podemos, então, neste momento, apesar de não entender o porquê da falência, nem a importância da mulher seguir mergulhando cada vez mais fundo para ver o personagem em sua juventude... E assim sucessivamente.

Então, a ideia aristotélica de *energeia*, ou de que o personagem e seu motivo movem o romance não é na verdade refutada por *Memento*, nem por *Irréversible* ou por *Bakha satang*, embora essas histórias nos ajudem a ver esta teoria por um outro ângulo que Aristóteles não pensou com base na prática dos gregos trágicos.

Pois há, de fato uma diferença. Numa narrativa modular do tipo anacrônico, o personagem e seu motivo não devem ser tomados pela fábula. E sim pelo enredo. As seções da história precisam ser tomadas como unidades que são, de certa forma, independentes. O que isso quer dizer? Quer dizer que, embora na fábula de *Memento*, e no filme de maneira geral, o protagonista seja Leonard Shelby, um homem com problema de memória que deseja encontrar e se vingar do homem que assassinou sua esposa e lhe causou sua deficiência, se virmos a sequência inicial isoladamente, o personagem é um homem estranho, aparentemente saudável, e o que ele *quer* é “entender o que está acontecendo”.

Já em *Irreversible*, nossa atenção é captada com um falso início. Um homem na cadeia conta sua história sobre como estuprou a própria filha e como isso o levava à prisão. Neste ponto, ele vê chegar à cela um homem educado, Pierre, e, curioso, lhe pergunta o que o levou ali. Ou seja, embora o protagonista da história seja Marcus, e seu desejo seja o de se vingar, ou seja, reparar, pela violência, o estupro sofrido pela namorada. Neste trecho, o protagonista é o prisioneiro, ele é quem aparece com um desejo e este desejo, com o qual nos identificaremos é, convenientemente, entender o que tinha acontecido, como um homem tão educado e bem vestido, pôde chegar ao mesmo lugar que eles.

Em *Bakha Satang*, o protagonista da história é Yougho que quer superar um trauma de guerra e proteger seu primeiro amor da sordidez em sua vida, mas no primeiro segmento, ele aparece mais como um antagonista. Primeiro aparecendo sem ter sido

convidado no picnic de um grupo de amigos, personagens que, como nós, veem este homem de terno como um estranho inconveniente. É com estes personagens que nos identificamos. Eles são os protagonistas deste segmento ao menos se seguirmos a orientação de Howard e Mabley (2002) “devemos examinar, a seguir, qual personagem passa por maiores mudanças”. Neste caso, se fazemos esta pergunta, nossa balança penderá para os participantes do picnic. Youngho chegou ao lugar transtornado e morreu, mas os que testemunharam sua morte, certamente não serão os mesmos depois daquilo. Além disso, eles estão fazendo para o invasor as perguntas que nós também estamos fazendo: “O que houve com você?” ou “De onde vocês se conhecem?”, eles querem é entender o que se passa, querem eliminar o desconforto o qual, como espectadores, também sentimos e, ao fim querem evitar o suicídio do misterioso personagem que, antes de se jogar ameaça a eles, e também a nós, dizendo para a câmera: “Eu voltarei”.

Já em *Cinq fois deux*, a história começa com um divórcio. Mas, os personagens, o casal, assim que o consegue vão para um quarto de hotel. Nossa identificação é, sobretudo com o marido. Ele dirige para a mulher perguntas como “Por que não quer mais se despir na minha frente?”, “Você tem alguém?”, “Você me traiu?”. Ele quer entender o que deu errado na relação. Ele quer voltar. E nós também. Isso nos conduz para anos atrás, um dia qualquer onde o desapontamento de ambos com a relação é patente.

Assim, diferente do que ocorre nas narrativas tradicionais, nas narrativas modulares anacrônicas, nem sempre o protagonista da história é o mesmo protagonista da primeira cena, ou do primeiro módulo. Nestes casos, para imputar no leitor a pergunta que o levaria adiante “o que aconteceu aqui?” pode ser necessário tomar de empréstimo o protagonista que detém o maior grau de ignorância. O que tem como motivo principal “entender o que aconteceu e como aconteceu”.

Então, por mais que na fábula possamos partir do protagonista, dos seus problemas que o motivam a uma solução e que, no meu caso era (Samara quer deixar de estar à mercê do próprio corpo e passar a usá-lo, e resolve tatuá-lo), na trama, nosso motivo principal é entender o que houve com ela e, para isso, usaremos o personagem que mais autenticamente se faria esta pergunta. Este é o teste, ao fim, sobre quem deve

focalizar cada cena: o personagem cujas motivações mais coincidem com as nossas. Se o próprio protagonista puder, por um motivo ou por outro, estar ignorante das razões, ele pode ser o focalizador, se não, então talvez seja conveniente, para o bem da fluidez, adotarmos, temporariamente, outro protagonista, outro motivo. Outro foco embora a situação fosse ainda a mesma: Samara passando mal e sendo socorrida, só que agora o focalizador seria alguém que vê a cena de fora.

Como resolvi isto, em minha experiência?

Uma entrada no diário, que data de 13.07.2015 relata uma experiência pessoal que foi anotada pela afinidade que tinha com o projeto em andamento.

Figura 4 - Entrada no diário de bordo que data de julho de 2015

13.07.2015.

Retornei a parte da ambulância. Tuu que começar com ela. Não tuu feito. Tudo isso parte das dores de cabeça dela e isso não pode entrar só no fim. Eu lembrei daquele dia na PK: Eu havia saído sem um bom casaco e foi esperava há tempos pelo T1, mas quando ele finalmente parou eu era a primeira da fila — me disseram: *Alguém sobe!* Disseram. Tem alguém passando mal aí dentro.

Mas a fila não se dissolvia. Custou pra mim entender: As pessoas que estavam lá dentro desceram, o motorista, inclusive. Eu desci. Pela porta do meio, uma multidão carregava uma mulher morena e corpulenta (não lembro se era negra) e lhe deitaram no banco de concreto ~~em~~ que fica entre a passarela e os toldos das paradas. ~~As mulheres~~ havia umas mulheres de 40, 50 anos que assumiram o Pânico e gritavam. Uma ambulância! Alguém ajuda! Mas que nem conheciam a desmaiada e nem faziam nada direito. Não conseguiam passar as informações para o Serviço do Samu e faziam um alvoroço sufocante ali. Os homens — o motorista ~~assumiu~~ falava no celular e explicava que não, que o ônibus não podia sair, aos que perguntavam. O cobrador tentava organizar a baldeação.

Fonte: arquivo pessoal

Figura 5 – Continuação da entrada no diário de bordo datando de julho de 2015

Eu fiquei ali, perto da mulher pra ver o que acontecia. Tentei gravar as vozes no celular. Mas não é preciso ser um gênio para entender que não ia dar certo. Além disso, eu só queria voltar pra casa. Estava com fome e com frio.

A mulher às vezes acordava, mas parecia tão entediada com aquilo. Fechava os olhos de novo. E não ajudava em nada. Lhe deram o papel de vítima. Agora ela tinha que executá-lo.

Em algum ponto o segurança da Puc chegou ali. Com um walkie Talkie. ~~Quanto TI~~
~~se~~ Ele ficou em contato com a ambulância, explicando onde, exatamente, estava a mulher. A multidão dissipou. As duas mulheres histéricas continuaram lá. Mas, no mais... Se alguém visse de fora, era só uma mulher dormindo, duas cuidando, enquanto os ônibus chegavam partiam, levavam e deixavam passageiros.

O TI, o outro, veio. Eu pensei duas vezes, mas acabei entrando.

Não sei se a ambulância chegou.

Não sei o que houve com a mulher.

— x —

13.07.2015

Retomei a parte da ambulância. Tem que começar com ela. Não tem jeito. Tudo isso parte das dores de cabeça dela e isso não pode entrar só no fim. Eu lembrei daquele dia na PUC: Eu havia saído sem um bom casaco e já esperava há tempos pelo T1, mas quando ele finalmente parou – eu era a primeira da fila – me disseram: Ninguém sobe!, disseram. Tem alguém passando mal aí dentro.

Mas a fila não se dissolvia. Custou pra mim entender: As pessoas que estavam lá dentro desceram, o motorista, inclusive. Eu descí. Pela porta do meio, uma multidão carregava uma mulher morena e corpulenta (não lembro se era negra) e lhe deitaram no banco de concreto ~~em~~ que fica entre a passarela e os toldos das paradas. ~~As mulheres~~ Havia umas mulheres de 40, 50 anos que assumiram o Pânico e gritavam. Uma ambulância! Alguém ajuda! Mas que nem conheciam a desmaiada e nem faziam nada direito. Não conseguiam passar as informações para o Serviço do Samu e faziam um círculo sufocante ali. Os homens – o motorista ~~assumiu~~ falava no celular e explicava que não que ônibus não podia sair aos que perguntavam. O cobrador tentava organizar a baldeação.

Eu fiquei ali, perto da mulher pra ver o que acontecia. Tentei gravar as vozes no celular. Mas não é preciso ser um gênio para entender que não ia dar certo. Além disso, eu só queria voltar pra casa. Estava com fome e com frio.

A mulher às vezes acordava, mas parecia tão entediada com aquilo. Fechava os olhos de novo. E não ajudava em nada. Lhe deram o papel de vítima. Agora ela tinha que executá-lo.

Em algum ponto o segurança da Puc chegou ali. Com um walkie Talkie. ~~O outro T1 veio~~ Ele ficou em contato com a ambulância, explicando onde, exatamente, estava a mulher. A multidão dissipou. As duas mulheres histéricas continuaram lá. Mas, no mais... Se alguém visse de fora, era só uma mulher dormindo, duas cuidando, enquanto os ônibus chegavam e partiam, levavam e deixavam passageiros.

O T1, o outro, veio. Eu pensei duas vezes, mas acabei entrando.

Não sei se ambulância chegou.

Não sei o que houve com a mulher.

Assim, levando em conta a mudança de protagonista e de motivo na primeira cena e tomando alguns elementos da vida real para serem empregados à história que eu tinha em mãos. Cheguei à seguinte cena inicial:

8H11.

O ônibus para e abre as portas diante da universidade.

—Ninguém sobe — eles dizem — tem uma mulher passando mal aí dentro.

Está quente e abafado lá, as pessoas se comprimem e se arrastam para fora do coletivo. “Uma mulher sangrando e passando mal”, dizem, “abram espaço” ou “tem que virar a cabeça dela pra cima”. Eles a conduzem para fora e a multidão vem junto. Duas senhoras assumem o posto de guardiãs, histéricas, e um segurança com o emblema da Instituição, fala através de um Walkie-talkie.

—Na saída principal— ele diz —, do outro lado da Ipiranga.

Muita coisa está acontecendo no entorno. As pessoas formam filas e reclamam da demora.

— Por favor, gente, vamos dar espaço para que ela possa respirar.

Dizem queixas (Sabe há quanto tempo eu espero o T1? — uma voz de mulher — Há uma hora e quarenta minutos!) e uma terceira pessoa abana a doente com um catálogo de farmácia. Quando o motorista da ambulância e mais outro se aproximam. Ambos estavam cobertos de uma camada fina de suor que lhes dava uma aparência infernal, brilhante. Assobiavam, com estridência, uns para os outros. Ele fica quieto e esconde o papel na sua mão.

“Tatuagem?”, diz um deles, para a mulher desmaiada. Enganchei os polegares nos bolsos da calça, transferei todo o peso do corpo para um dos lados e revirei um pouco os olhos.

— Tatuagem? — ele disse pra mim. E eu queria responder algo curto e preciso, mas não tinha certeza de haver entendido bem a pergunta. Demorei demais, porque o sujeito que havia falado ergueu os olhos para o céu e, plantando as mãos nas barras do alicerce, concentrou sua atenção na porta da ambulância que parava ali. Ela se abriu, o paramédico saiu, de lá mascando um chiclete e aparando uma prancheta contra o quadril.

— O que houve aqui? — perguntou pra mim. E foi bem na hora que me abriram o casaco e descobriram meu corpo seminu por baixo. Todo ele: o pescoço, as costelas, clavícula, quadril, barriga, tudo estava tatuado com traços que, nem se esforçando muito dava pra entrever a representação figurativa de alguma coisa.

— Jesus Cristo... — ele disse como se lamentasse; e o soutien branco estava empapado também, de sangue e tinta — , o que deu tão errado pra você, moça?

Fechou de novo o meu casaco.

Minha única esperança é tentar me manter calma, já que falar e respirar não podem mais ser feitos simultaneamente, já que além de tudo o meu queixo treme de frio, e eu espero as palavras voltarem a se ordenar em minha cabeça, a formar frases com sentido completo. É quando uma voz masculina afirma me conhecer.

— Sim, eu conheço ela. Mora aqui perto.

E então dá vontade de dormir de novo, de me entregar de verdade dessa vez, de não resistir.

— Moça, será que pode me explicar como foi isso?

— Marcelo — eu disse.

Isso foi tudo o que consegui pronunciar.

Ou seja, também a minha história, assim como as outras que eu tinha visto e que tinham este formato, começaria com uma personagem numa situação bastante extrema: ela está passando mal, está sangrando. Sua própria condição de pessoa tatuada é estranha naquele contexto. Mas, conduzir o leitor a perguntar-se o motivo disso e não a querer saber se ela chega ou não chega no hospital a tempo. Se ela vive ou morre, esta era a parte escorregadia da questão.

Então, sim, o que move nosso interesse ainda é o personagem e seu motivo. Mas o que eu descobri, escrevendo uma história invertida, e tentando deixá-la, ao mesmo tempo, interessante para ser lida, foi que o motivo, que está presente na parte, nem sempre coincide com o motivo do todo. O personagem principal dos módulos não são sempre os mesmos. Minha protagonista, portanto, surge, na versão invertida, muito mais como objeto que como sujeito da ação. E, em primeiro plano, um foco narrativo câmera, recupera para primeiro plano, o ponto de vista dos vigias, socorristas e passageiros, que querem entender, e inculcar no leitor este desejo, como foi que tudo aconteceu.

2.4. Personagem e mudança

Há certos dogmas que, como escritores, desenvolvemos, e eles são tão antigos que sequer nos damos conta deles. Por exemplo: imaginemos uma criança que não gosta de comer bolo de chocolate e tomar refrigerante ao mesmo tempo. Ela vai ver as pessoas, em todas as festas de aniversário, comerem bolo com refrigerante, mas aquilo lhe parecerá errado. Por algum motivo ela tem certeza que o refrigerante só deve ser tomado com salgadinhos. Até que anos mais tarde, adulta, digamos, numa aula sobre harmonização entre comida e vinho alguém lhe explica: que o muito doce, quanto

contraposto a uma bebida mais ácida, perde parte do seu sabor, enquanto deixa o sal mais pronunciado.

Agora, vamos trazer a situação para a literatura. Bem, uma boa parte dos escritores começa a elaborar suas histórias na base da tentativa e erro, na base do empirismo. Eu já tinha um livro publicado quando ingressei, no ano de 2015, na oficina de escrita do prof. Luiz Antônio de Assis Brasil, mas, foi nesta oficina que ouvi, pela primeira vez a assertiva: em geral o personagem evolui. Observar a evolução dos personagens, foi um dos primeiros exercícios dirigidos de observação durante a oficina.

Um dos primeiros romances que tentei escrever foi aos 17 anos. Era sobre um garoto pobre e esforçado que buscando condições financeiras para sair da casa dos tios, onde morava de favor, e casar com a namorada, acaba desenvolvendo uma droga sintética. Esta droga, uma anfetamina, que não apenas o deixa acordado, e mais inteligente, tem também um incrível potencial de venda. Ele passa a traficá-la, tornando-se rico, mas ao fim, porque desenvolveu uma dupla personalidade pelo uso abusivo da substância, porque o negócio tomou toda a sua vida, porque ao fim, o dinheiro, em vez de levarem-no para mais perto da formatura em química e da garota, que eram seu motivo, o afastaram ainda mais de ambas. Ele se arrepende. Assim, em meio a um tiroteio, o personagem é obrigado a saltar do precipício e então... Era tudo um sonho. Ele havia apenas pego no sono, e acorda em seu quarto pobre, com a namorada ainda lhe perguntando se ele vai querer misturar o café com os comprimidos, mas ele, mudado depois do sonho, diz que não. Deixa o excesso das madrugadas, as misturas de comprimidos, e sai para passar a noite com a garota.

Eu tinha 17 anos. Eu podia não ter entendido ainda que este “foi tudo um sonho” era um clichê. Eu estava ansiosa para fazer cenas com armas, roteiros cheios de reviravoltas que apenas revelavam minha imaturidade literária... Mas, mesmo aí, eu já tinha percebido que se minha intenção era escrever um romance, então eu tinha que pegar meu personagem X, que está estudando demais, que quer sair da pobreza, que não tem tempo para a namorada, e levá-lo até o ponto em que ele, acorda, a casa é a mesma, a situação é a mesma, mas ele faz escolhas diferentes e está mudado.

Esta certeza esteve presente sempre quando tentava escrever um conto ou um romance. Na oficina, no entanto, e participando de um doutorado em Escrita Criativa,

tentando escrever um romance cuja estrutura fosse invertida, fui ainda mais levada a pensar sobre isso. Passei a lembrar, desde os romances clássicos, aos mais modernos para concluir que, talvez, de fato, haja, na literatura personagens que nunca evoluem, nunca mudam, mas estes, eu certamente estaria muito menos inclinada a acompanhar de uma capa à outra.

E o que acontece no caso da narrativa invertida? Ora, se tomarmos como base as narrativas cinematográficas *Irréversible* e *Bakha Satang* e *Cinq Foix Deux*. Estes personagens têm possibilidade de evoluir?

De acordo com Sean Cubitt (2004), é exatamente aí que mora a diferença entre as narrativas modulares e as tradicionais. Cubitt argumenta que a tarefa dos personagens nestas narrativas modulares não são a de mudar, mas de chegar a um acordo com o seu destino. Além disso, ressalta:

In this way the narration, too, becomes spectacular, as we wait for the moment in which the various unraveled lines are knitted into a satisfying coherence. In the process, narrative reveals the coincidences, the flukes of chance that give us this specific version of the story, making play of the casuistry that allows the manipulation of narratees to pretend to some sort of causality. We are not taken in by these stories. Rather the pleasure derives from the craft with which they are put together. Like the washing-line of the montage of affects, the construction of the database narrative is modular, encouraging games with flashback (*Memento*), time travel (*Twelve Monkeys*), and temporal dislocation (*Pulp Fiction*) to demonstrate with even more brilliance the command over events enjoyed by the pattern-making impulse (p.239).

Assim, mais uma vez, talvez seja conveniente considerar que o protagonista da fábula pode não ser o mesmo protagonista da trama. No caso das narrativas modulares, em que a fábula só se mostra, completa, depois de chegar ao fim, o personagem que nos empresta seu ponto de vista partirá de uma necessidade de se reconciliar com algo em seu passado. E este algo precisa ser ainda mais importante, e de certa forma, irremediável, do que as consequências.

Então, neste caso, o final precisa ter um tom diferente em um romance escrito da maneira direta e de maneira inversa?

A seguir copio o capítulo 2 do romance Estrago quando escrito em sua ordem direta:

Não há relógios nas salas dos médicos. Eu constato imediatamente quando ponho o primeiro pé lá dentro. Tem os quadros, sempre do mesmo estilo toscamente abstrato, a parede com a textura rugosa, as enormes mesas de mármore ou vidro. É sempre o mesmo consultório, o mesmo mau-gosto decorativo que entrou em voga na década passada junto com o ano de obtenção dos seus diplomas e seus juramentos éticos. A única diferença é a pessoa atrás da mesa.

— Então não é uma dor? — ele se volta, para mim, com o queixo baixo como se quisesse me fazer perceber um engano: isto aqui é uma clínica de tratamento para a dor, o olhar dele me lembra. E é um calvo de meia-idade, baixinho, parece ainda menor atrás da mesa. Eu explico:

— É mais como se fosse uma dormência... Uma pressão...

— Forte?

— Leve.

— Hum.

— Mas está me deixando louca.

Já é o terceiro neuro no mesmo mês. Terceira consulta. Com toda a chateação inclusa nisso: meu chefe olhando pra mim como se eu fosse uma grande espertinha, também a Telma, que tem que me cobrir quando saio mais cedo ou chego mais tarde, me dizendo: “Nossa, muito difícil mesmo essa doença sua. Já pensou se fosse sério?”. Isso inclui Marcelo sugerindo outro analgésico: “É toma um desses. Esse é bom, você vai ver”. E quinze ligações telefônicas com recepcionistas de clínicas, infelizes, “Não, não temos vaga pra esta semana”. “Não, não atendemos com hora marcada, só por ordem de chegada”. “Não, ele está de férias”. “Não, ele parou de atender pelo seu plano”. “Não, ele viajará para um congresso”. E a cabeça lá. Incomodando.

Com um lado da sua cabeça sempre amortecido, você aprende a ver muitas coisas de uma maneira diferente. Por exemplo: se o médico à sua frente mostrar-se desconfortável e você flagrá-lo olhando para seu decote, é muito difícil que você se incomode.

— Pode me falar sobre suas noites de sono?

Este é o momento em que eu falo: “Uma merda”, e suspiro, cansada. Uma merda como todo o resto. Sempre a mesma coisa. Às seis da manhã o despertador toca. Eu encaro meu teto. O mofo que há na parte esquerda, que descascou a pintura. O sono é tanto que eu penso: Por que não morro logo?

É quando eu começo a pensar no suicídio em termos pragmáticos. Na cama, de manhã, querendo dormir, penso em tudo o que eu poderia usar para me envenenar. Poxa, morrer ali, entre os lençóis, e não ir para o trabalho; penso em tudo que eu poderia usar pra me cortar, em todos os prédios da cidade de onde eu poderia me atirar... O problema é que, também em termos pragmáticos, se pra qualquer uma dessas coisas — remédios, facas, prédios — se para qualquer uma delas eu vou precisar sair da cama mesmo, então

eu sempre concluo ser mais fácil, é a conclusão a que chego todos os dias, simplesmente me vestir e ir trabalhar.

Eu sinto sono demais para o suicídio.

Puxo a saia do vestido e penso em Marcelo: “Você não devia dizer isso pros médicos. Assim nunca vão te receitar os remédios bons”.

Mas o médico ri.

— Parece ser bastante sono.

Eu trabalho feito zumbi o dia inteiro. Eu cochilo no meio da reunião. Eu desenvolvo modos de dormir sem fechar os olhos e aos poucos tudo ao meu redor parece um sonho ou um filme daqueles difíceis de entender. Metade do crânio dormente.

— Metade?

— Sim.

— Pode mostrar onde, exatamente, fica a dormência?

Eu localizo a região na cabeça. É do tamanho de uma mão enorme e aberta.

— O problema do sono — eu continuo — é que ele some assim que eu pego o ônibus do trabalho pra casa. Seis da tarde todo esse sono passa. Eu passo a noite acordada e a mil por hora.

— Então há mesmo um ciclo irregular!

Ele diz isso assim, com pontos de exclamação: impressionado. Parece que cheguei no meio de uma conversa que ele tinha com outra pessoa. Com outras várias pessoas. Existe *mesmo* um ciclo irregular. Ele diz e só aí eu chego para perguntar: “Então, qual é a piada?”

Quem olha, pensa que ele descobriu a cura para o câncer.

— Apesar de tudo, acredite, a insônia nem me incomoda tanto — explico.

Ele parece alguém que acabou de sair do navio para a terra firme. Seus cotovelos se espalham pela mesa e faz um meneio de cabeça e começa a rabiscar num bloco de notas timbrado.

— Claro — ele diz —, mas as coisas não ficam em compartimentos separados na vida, não é? Deixe-me ver... Samara, não é? Com que você trabalha?

— Com coisas em compartimentos separados.

Ele olha para mim apertando os olhos.

— Arquivo — expliquei. — Arquivista.

— Ora! — Ele livra os olhos da tela da expressão pesada, parecendo mesmo interessado. — Meu tio era arquivista. Você arquivava o quê?

— Vídeos — eu penso na lógica de Marcelo. Não vão receitar os remédios bons. Os piores médicos são os que pensam que não dá pra resolver coisas separadamente. — No telejornal — eu respondo.

— Certo. Samara, não é? Veja bem, Samara. Há vários tipos de dor de cabeça. E muita gente fala da enxaqueca, mas a enxaqueca é só um dos tipos. Veja isso aqui..

Ele me mostra o papel no qual vinha rabiscando. Circula dois nomes ilegíveis, desenha uma cabeça. Eu não consigo prestar atenção. Reparo num sinal carnudo ao lado de sua bochecha e finjo interesse olhando para ele, alternando calculadamente seu rosto, o papel, o sinal. Seu rosto, o papel... O frio do Dedoc. Esqueci de falar do frio que faz no

Dedoc. Será que não há uma relação? Por exemplo: aquilo não poderia congelar, de alguma forma, um crânio?

Você desenvolve modos de fingir que presta atenção: Rosto: claro que eu não quero, não me importo com todas as dores de cabeça do mundo e suas peculiaridades maravilhosas. Papel: ele faz setas apontando as têmeoras do desenho, pega a caneta preta, pinta metade do desenho. Sinal: eu só quero saber o nome, cacete, quero um nome para isso que eu tenho e um tratamento. Rosto: novos nomes ilegíveis, novas coisas indecifráveis. Papel: ele afasta a ponta do lápis e abre e fecha as mãos num ramallete nervoso de dedos que se tocam. Sinal: balança a cabeça para a esquerda, para a direita, para a esquerda, para a direita.

— Mas... — Você aprende a procurar as pausas na fala de alguém para dizer o que pensa que é importante. E eles continuam falando.

Você desenvolve modos e gestos. Sobretudo depois de conviver muitos anos com Marcelo. Quantos anos juntos? Quantos ele disse que tínhamos? E entende a hora de dizer: tenho que ir. O médico pinta metade, meia cabeça do lado esquerdo. Pesco palavras: olho caído, lacrimejante, hemi-alguma coisa... Então diz:

— Você está numa crise agora?

— Bom... Agora, não. Mas ainda ontem...

É aí ele parece desapontar-se. Seus ombros caem um pouco, ele recolhe-se de volta na cadeira, joga as mãos nos braços da poltrona.

—É... Então nem adianta examinar. Se for o que estou pensando, não vai ter analgésico que chegue. Teste uma certa classe de antiinflamatórios... Este aqui, vou colocar na receita.

Não vai funcionar, eu sei disso. O otorrino já tinha passado antiinflamatórios.

— E então?

— Então veio uma porção de efeitos colaterais, mas a dormência continuava lá.

— É como eu disse...

Às vezes você se arrepende de não ter prestado atenção.

—Por enquanto, você precisa mesmo é de sono natural e saudável.

—Bem, eu não consigo.

—E vou ser bem enfático nesse ponto: vai precisar fazer um exame assim que estiver em crise.

—Mas dá pra saber o que é?

—Não quero me precipitar, sim? Vamos continuar investigando — Ele me olha com a cara de quem tinha acabado de perder o bonde e baixa o rosto, abandona o papel e volta ao computador— Pra a insônia você pode procurar passiflora nas farmácias naturais. Sabe, um composto? E talvez um chá de camomila, forte, antes de deitar... Faça exercícios pela manhã, não fique no computador ou diante da tv depois das 18h. Isso vai melhorar bastante as coisas.

—Acho que o senhor não entendeu— eu digo.— Eu estou realmente sofrendo muito.

Eu consigo saber exatamente o que ele vê quando me olha aqui sentada, implorando por um alívio, por um diagnóstico, me queixando de dores: que idiota. Eu sou um caso perdido.

— Olha, é um caso importante pra eu te receitar sem ter certeza, entende? Faça isso: espere a crise, faça o exame, e volte com o resultado.

— Sua fila de espera é de um mês.

Eu realmente sinto que perdi algo. Não estou bem certa do que, mas sei que não fui sempre assim tão... anestesiada. Eu costumava querer coisas da vida.

Ele suspira.

— Olha, eu vou fazer o seguinte. Vou te dar meu número pessoal. Anote. Você liga direto pra mim assim que tiver feito tudo e eu dou um jeito de te ver logo.

Mas eu já não estou mais dando atenção de verdade. Puxo, da bolsa, uma caneta sem tampa, a tinta falha. Eu rabisco a parte interna do meu próprio braço para fazê-la pegar.

— Não precisa fazer isso — ele diz. — Vou anotar eu mesmo, aqui no cartão, certo?

Mas eu já havia riscado o braço, linhas desconexas, um arabesco ondular que, por um momento me lembra de uma coisa, eu olho para aquilo.

— Houve uma vez que bati a cabeça — digo. — Bem nesse ponto que fica dormente. Bati com muita força. Caí.

Mas ele não parece surpreso com a informação. Chega um momento da consulta em que se torna proibido dar pistas novas. Eu sei. É por isso que continuo olhando os rabiscos no antebraço com a impressão de que ele vinha como uma *déjà vu*, para me lembrar de algo.

— Ah, olha só... Uma vez eu dei entrevista para o telejornal, esse que você trabalha — ele diz me estendendo o cartão com uns quatro números de telefone acrescentados em caneta —, será que existe como eu conseguir o vídeo dessa entrevista? Você sabe... É bom fazer um arquivo pessoal...

Eu deixo a sala dele, passo pela sala de espera, devagar com o telefone já na mão para ligar para Marcelo, mas ao sair, na calçada, com o sol forte do meio-dia como uma bofetada na cara, entendo que não há exatamente uma escolha — este médico não parecia saber nem mesmo um milímetro a mais do que os outros oito que visitei e o que ele me propunha: Mais um exame de caráter eliminativo, mais consultas, testes, e mais remédios analgésicos — Eu rasgo a requisição de exame e jogo na lixeira da calçada a receita, como se tivesse acordado de um transe muito longo, numa vida que não é minha, sem saber para onde estava indo, guardo o telefone de volta na bolsa, e olho ao redor. De onde eu poderia pegar o ônibus daqui? E apertando os olhos contra a claridade, olho para frente. Design Ink.

E aí atravessei a rua.

Ao reescrever a mesma cena, tentando fazer dela uma cena final, no entanto, a personagem tornou-se mais ativa. O que antes não era evidenciado senão na forma de

sarcasmo, ganha peso e, em vez de fingir que ouve o médico, a personagem o interpela. Deixa mais claro para o leitor o peso da sua decisão final que, afinal de contas é a mesma, como vemos abaixo:

Enquanto ele fala eu observo seu consultório: é o mesmo consultório que eu havia visitado mil vezes, antes. A mesma mesa de vidro, o mesmo abstrato feio, a mesma parede texturizada. Ele está dizendo algo sobre os vários tipos de dor de cabeça.

— O que o senhor quer dizer — eu me precipito, interrompo sua fala — é que não existe cura.

Ele para de falar, de escrever a receita, e olha pra mim, com um meio sorriso engatilhado.

— É isso, não? – continuo. — Eu entendo. Entendi o que o senhor quer dizer. Isso o que eu tenho, que está me debilitando, dia a dia, crônico, moderado, contínuo... Como a vida, tem sintomas muito inespecíficos. Não há nada que o senhor possa fazer. Não é câncer, não é um enorme tumor, não é enxaqueca. Pode ser milhões de coisas, e, então, por consequência, pode ser nada. Não tem um nome. E não tendo nome, não tem cura. É lógico, não é?

Mas ele já está pronto a me dizer as coisas de sempre: passiflora para a insônia. E você tem que parar de fumar. Faça exercícios pela manhã, não fique no computador ou diante da TV depois das 18h. E eu estou cansada das coisas de sempre.

Porque sentada aqui, onde estou, consigo saber exatamente o que ele vê quando me olha à sua frente, implorando por um alívio, por um diagnóstico, me queixando de dores que nem são fortes, que nem são dores: que idiota, é o que ele pensa. Eu sou um caso perdido. Todo dia são tantos casos perdidos nessa mesma cadeira. Que sem nem mudar o tom, ele prossegue.

—Faça o exame, certo? Espere a crise vir, faça o exame...

E eu já sei que em seguida ele vai recomendar tratamento psicológico.

Eu já parei de dar atenção de verdade. Puxo, da bolsa, uma caneta sem tampa, a tinta falha. Eu rabisco a parte interna do meu próprio braço para fazê-la pegar.

Com a requisição de exame e a receita, eu deixo a sala dele, passo pela sala de espera, devagar. Mas ao sair, na calçada, com o sol forte do meio-dia como uma bofetada na cara, me faz entender que não há exatamente uma escolha — este médico não parecia saber nem mesmo um milímetro a mais do que os outros oito que visitei e o que ele me propunha? Mais um exame de caráter eliminativo, mais consultas, testes, e mais remédios analgésicos...

Eu rasgo a requisição de exame e a receita. Jogo os dois na lixeira da calçada.

E, como se tivesse acordado de um transe muito longo, numa vida que não é minha, e estivesse numa calçada, aleatória, sem saber como fora parar ali, ou para onde estava indo, Eu não consigo mais lembrar porque estou com o celular na mão.

Guardo, então, o aparelho na bolsa, olho adiante: uma mulher, sai da loja à frente, olha pra mim como se me conhecesse, depois sai, vai embora. Eu não penso mais em Marcelo, prestes a ser despejado, em sua proposta estranha de morarmos juntos. Não penso em meu pai doente, precisando de cuidados. Não penso na queda que anos atrás estragou a mim, a tudo o que eu quis e não penso em Sérgio, em Telma, no trabalho, na dor, eu apenas penso: Design Ink – e é isso o que está escrito bem ali na frente, nas vidraças do sobrado. Concluo: é um estúdio de tatuagem.

E, apertando os olhos contra a claridade, como se me preparasse para saltar, ou como se tivesse rodas sob os pés, atravesso a rua.

Assim, voltamos mais uma vez à questão da energia. Naturalmente, nós seguimos uma narrativa para ver uma potencialidade se desenvolver, porque queremos ver nossos personagens buscarem a solução para seus problemas e se, no caso das narrativas modulares, a solução não está na transformação, cabe ao escritor encontrar a evolução potencial que se encontra no passado. Nos exemplos cinematográficos o que temos são estes exemplos: Porque em *Memento*, Leonard Shelby quer reviver o que já foi vivido antes. Então a linha narrativa, apresenta-nos, outra vez, o que já passou. Porque em *Irréversible* Marcus e Pierre querem reparar o mal feito a Alex, e a linha narrativa nos entrega, no final, a personagem de Alex, feliz e realizada com a própria gravidez. Em *Bakha Satang* o personagem quer se desfazer de um trauma que fez dele impróprio para o amor, e nós voltamos ao ponto em que tudo era possível e em *Cinq Foix Deux*, Gilles quer que ele e Marion voltem a ser o que eram, portanto voltamos ao exato momento em que eles se apaixonaram.

Então, em última instância, se voltarmos à pergunta “Por que escrever um romance invertido”, podemos nos apoiar no que diz Cameron sobre o determinismo, sobre entropia, mas se falarmos do ponto de vista dos personagens e dos seus motivos, como criadores, voltamos ao começo para dar aos personagens uma chance de voltar atrás. Porque seus motivos se aliam à volta no tempo, resta-nos tecer, na arte, o que na vida real não é possível: voltar atrás. Ainda que já saibamos, de antemão, tudo o que a o percurso deles tem para dar errado.

CAPÍTULO 3: DAS ESPECIFICIDADES LITERÁRIAS

3.1. Primeiro teste

Minha primeira tentativa de inverter o romance não gerou uma forma de romance que funcionasse.

Esta afirmação que faço, é sem dúvidas um problema num trabalho desta natureza. Pois para ir adiante nela, eu teria que levar em consideração o que viria a ser esse “funcionar”? Funcionar para que? E para quem?

Para que o relato desta experiência não naufrague em especulações e termos pouco operatórios. Opto por dizer: o livro não produzia o efeito que produz uma narrativa cronologicamente invertida cinematográfica. Pois sim, embora o romance como um todo, não tivesse um ponto de chegada, não havia uma forma final que eu como autora almejasse acima das outras. E que me faz dizer que a versão final, esta que considere “melhor”, era a forma que eu estava buscando desde o início pois, como aponta a crítica genética: a criação não tem um ponto de chegada. Não se pode considerar uma perspectiva teleológica.

Assim, quando afirmo que o romance não funcionava para a leitura que ali conseguia detectar, o verbo é meramente aproximativo. Procura uma representação geral para algo que dizia respeito à minha própria crítica. O que poderia ser um psicologismo inadequado.

Partamos então de pelo menos uma das muitas definições que existem sobre boas histórias bem contadas. Elas não são apenas sobre, como afirma Frank Daniel *Alguém que quer desesperadamente alguma coisa mas está tendo dificuldade em obtê-la*. (citado por HOWARD e MABLE, 1993, p.51) Uma história é também o modo como o leitor a vivencia. Isto digo, adaptando o que dizem Howad e Mable (idem), dizem se referindo ao público, ao espectador, no seu guia *Teoria e prática do Roteiro*.¹¹Na

¹¹ “Uma boa história bem contada’ inclui outro elemento crucial: a maneira como o público vivencia a história. O que o espectador sabe, quando fica sabendo, o que sabe que um ou mais personagens desconhecem, o que o surpreende – todos esses são elementos que integram a técnica de contar uma história. Admenistrar essas e outras partes do envolvimento do espectador é a maior façanha do roteirista. Sem esses elementos, uma boa história acaba sendo apenas uma porção de eventos em sequência, não uma vivência pela qual o espectador anseia. (p.51)

literatura, a boa história bem contada também depende do que o leitor sabe, quando fica sabendo, o que sabe que um ou mais personagens desconhecem, o que pode esperar, temer, antecipar, o que o surpreende.

Assim, minha impressão como leitora era que, apesar dos elementos que compõem um romance estarem presentes no texto, ele acabava sendo apenas uma porção de eventos em sequência passível de compreensão, mas estéreis de interesse.

E que, para melhor me fazer entender, sugiro que pensemos no capítulo Um que já foi aqui anexado (p.31) em relação ao seguinte, que aqui coloco:

Dois

Minutos antes ela tinha dito a mesma coisa:

— Marcelo?

— Hum.

Mas a entonação era outra.

— *Faça suas malas, sim?*

Samara apenas vestiu um casaco por cima da calcinha e soutien descombinados e saiu do apartamento.

— *Não — ela disse a ele, com o sangue ainda respingado no corpo. — Eu não quero discutir mais. Olhe só pra nós dois — argumentou, mostrou o sangue nela e nele — isso está ficando violento.*

Um ultimato silencioso, o dela. Manuseou as chaves. E se você a visse assim — com o casaco fechado até o último botão, as botas longas, e com um cachecol, ainda por cima — pensaria que é apenas uma mulher comum, uma pessoa comum, dessas tantas cujo corpo pode ser só isso: um corpo. Uma mulher, apenas, talvez mais rápida ou brusca que as outras que moravam no mesmo prédio. O problema era que, se lhe abrissem o casaco, veriam espalhadas tantas tatuagens, tantas... E nem bonitas eram. Impossível não se perguntar: Por que alguém faz isso consigo mesmo? Sessenta por cento, era a conta. Sessenta por cento do corpo tomado de tinta.

Convém também dizer: Ele, Marcelo, (que ficou no quarto, que deveria ter arrumado as malas, que ouviu o ultimato), quando via Samara só conseguia enxergar esse número: sessenta por cento. As tatuagens. Sim, como se enxergasse através do casaco, o que ele viu foi isso: o amontoado de tinta que era ela saindo pela porta e lhe mandando fazer as malas. Bateu a porta.

— *Não vai nem ficar para me ver recolhendo os brinquedos?*

Mas ela não voltou para o quarto. Ele pegou a lixeira, a única coisa à disposição e com as duas mãos e toda a força atirou contra a parede. Vida de merda. Pensou. Atirou também o telefone, que fez um baque surdo e se espatifou no chão. Queria sair atirando milhões de coisas contra as paredes, teria feito isso com todo o gosto se o apartamento não estivesse vazio de objetos. Sobre a cama, um colchão nu. Nos armários, nenhum objeto, nenhuma roupa pendurada.

Era assim que terminava, então?, pensou ele, de novo, mais apaziguado: A vida é cheia de pequenas fagulhas do inesperado. Então, estendeu a mão, alcançando o caderno. A vida é cheia de pequenas fagulhas do inesperado, anotou. Depois, foi até a janela, esperando para vê-la sair do prédio, pela calçada. Estava ainda com o coração aos pulos,

com um desconforto no estômago, como se tivesse engolido um elevador gelado. E então achou bonito esse pensamento: Engolir um elevador gelado, anotou também. E foi aí que escutou um ‘Ei’, familiar, esperançoso.

Ele voltou à janela. Samara passava, corria, lá embaixo, ele podia vê-la, dando sinal para o ônibus, na rua. “Ei!”, ela acenava e aquilo... Aquilo dava uma realidade tão grande à coisa toda. “Ei”, que ele não aguentou mais ficar parado, Que merda eu fiz? — se perguntou. “Ei”, Que merda foi essa que acabou de acontecer?

E o que vem a seguir é confuso.

Pois, se lhe perguntassem, e perguntariam, o que exatamente ele pretendia quando, Que merda foi essa que acabou de acontecer?— ele pensou e se enfiou, rápido, dentro de qualquer roupa — quando saiu correndo rua afora, constrangedoramente, na mesma direção do ônibus que já tinha partido. Se perguntassem ele não saberia o que responder. Só achou que tinha que impedir alguma coisa. Mas o quê?

Não tinha chegado a pensar que os semáforos, que o trânsito fariam o coletivo emperrar no fluxo, não tinha ideia de que mais adiante, sim, o T1 estaria estacionado, na parada seguinte. Que haveria uma aglomeração de gente no entorno.

— Ninguém sobe — ele ouviu alguém dizer. — Tem uma mulher passando mal aí dentro.

E por mais que não soubesse, ele não sabia, o que dizer sobre seu rompante de correr para a rua. Mesmo assim ele já podia presumir todo o resto. Subitamente, sente medo que alguém, de alguma forma, perceba que há sangue dela em seu antebraço, na dobra do antebraço, e dele nas unhas dela.

— Eu conheço a tatuadona — diz alguém, uma voz masculina — ela mora aqui perto. Enciumado e tentando resgatar o fôlego, olhou para o próprio antebraço que ardia do corte sujo, achou que estivesse sendo injustiçado ‘Ora, eu também estou machucado, aqui’, diria. Mas nenhum paramédico lhe deu atenção, nem mesmo o homem que dizia conhecer a tatuadona o reconheceu, e aos poucos a multidão se dissipava.

Vou adotar como metáfora uma situação pela qual a maior parte das pessoas já deve ter passado: Você caminha por um prédio conversando com alguém ao telefone. Um shopping, digamos. Você quer subir para o andar superior, é lá que está o seu interesse, dirige-se, então, à escada rolante, e, só na frente dela percebe, com um certo constrangimento, que esta não é a escada certa. Esta desce ao invés de subir. Você teria reparado se não estivesse distraído, procura então a escada certa. Geralmente ao lado desta.

Então, minha impressão ao ler a primeira versão de Estrago, foi de que eu havia arquitetado um prédio, no qual se entrava pelo térreo, que estava recheado de atrações no primeiro andar, mas então, por puro descaso, eu o havia equipado, ligado os dois pisos apenas com escadas que rolavam para baixo. Ou seja: estava criando uma confusão desnecessária. Dificultando o acesso. Criando a necessidade de dar a volta

procurar a escada certa, a que sobe, e que não existe. Ao fim criando o impasse, como escalar?

Escrever no sentido inverso me obrigou, talvez pela primeira vez à mesma encruzilhada na qual o formalismo, aliás, já havia encontrado seu impasse, como bem coloca Jouve (2002) “um estudo limitado às estruturas leva a modelos demasiado gerais ou demasiado incompletos e o valor de uma obra não reside no uso desta ou daquela técnica pois é a leitura que dá sentido ao texto”.

Se até então eu podia idealizar que como escritora eu não escrevia para um leitor, escrevia pelo prazer de criar. Fui obrigada a encarar a advertência de Howard e Mable: “Não faz sentido e não é possível escrever um drama eficiente sem pensar na vivência que o público vai ter dele assim como não se pode pensar em desenhar roupas sem ter o usuário em mente, sob pena de fazer um traje com três mangas, sem pernas, e uma cintura de dezessete centímetros” (p.51).

Voltando à metáfora da escada rolante: foi no processo de leitura que percebi que o romance não funcionava. Era um prédio com escadas que rolavam no sentido errado. Com alguma sorte, eu poderia fazer o leitor aceitar o jogo, poderia pedir a as colaboração para se esforçar, vencer a escada, dizer “alguns romances requerem mais esforço”, mas do ponto de vista pragmático, a menos que este fosse o efeito desejado, um efeito de hermetismo, dificuldade, inacessibilidade, a menos que eu quisesse, fosse, de fato, irritar o leitor. O que tinha acontecido era que eu como escritora, eu havia procurado um determinado efeito que encontrava nos filmes, havia me esforçado para produzi-lo, na literatura, mas por algum motivo, ele continuava não funcionando.

Este impasse obrigou a pensar na obra do ponto de vista da leitura. E pensar isso, significava se interrogar: de que modo se lê um texto, o que nele se pode ler e o que não se pode. O que leva o leitor do primeiro parágrafo para o segundo? Do primeiro capítulo para o segundo? Da capa à contracapa. E neste ponto era também obrigada a considerar as especificidades da atividade leitora em contraposição a atividade espectralora.

Para pensar no texto a partir da produção de sentido, dos efeitos codificados, um levantamento sobre as teorias da recepção, revisadas por Vincent Juvet em sua obra *A leitura* (2002), me ajudaram a considerar que, embora a ficção que eu estivesse tentando escrever não fosse pensável por algumas das teorias da recepção – por exemplo, a

estética da recepção de Jauss, que analisa a sua literatura pelo seu impacto sobre as normas sociais, como ela é recebida por uma sociedade -- afinal não estava nem pronta, nem publicada -- se pensássemos nela do ponto de vista da leitura, pela teoria do leitor implícito de Iser, poderemos considerar que o leitor é, afinal, um pressuposto do texto. O modo como uma obra organiza e dirige a leitura é, do seu outro lado o modo como o indivíduo-leitor reage no plano cognitivo aos percursos impostos pelo texto.

Mas que leitor? segundo Jouve, é com a publicação de *A leitura como um jogo* (1986) e *Ler o tempo* (1989) de Michel Picard que se passa a criticar justamente a ideia de que hipotéticas leituras teóricas feitas por leitores igualmente hipotéticos leitores e que talvez nunca tenham existido, de fato. Jouve disserta, então, sobre as teorias do Leitor Real, e penso que estas podem oferecer um horizonte interessante de perspectiva para pensar na produção de efeitos criação literária. No processo criativo, penso eu, o escritor é também um leitor, um leitor real.

E no caso particular de Estrago, partindo da minha própria leitura eu chegava à seguinte conclusão: faltava algo no texto que lhe restituísse da artificialidade. Não parecia haver nada de especial que me despertasse o interesse humano para ir de um capítulo a outro. E por mais que alguns trechos, unidades, funcionassem em si, como por exemplo: a primeira cena, que era simples, satisfatória, legível.

Mas ao passar adiante, no capítulo seguinte, alguma amarra se afrouxava. Arrefecia meu interesse de ir adiante. Com insistência, de qualquer forma, avançava para os segmentos seguintes: três, quatro e cinco – estes pareciam funcionar juntos e isolados do restante dos capítulos – Mas, por mais que eu gostasse destes, três últimos, por mais que eu visse ali um conflito, um drama, e por mais que estes me pusessem atenta e gerassem uma confusão interessante. Vencer a primeira escada, me levava a um universo comparável ao do famoso mosaico de Escher, com escadas que iam em todas as direções – um universo fascinante, sem dúvidas, se nos for dado pronto como nesta imagem:

Mas que, por se tratar de leitura, e não de artes visuais, não de cinema, não de televisão ou de videoclipe, o leitor era quem precisava produzir o mosaico o mosaico em sua cabeça a partir das pistas que o texto ditava degrau por degrau linha a linha.

Proponho a leitura dos segmentos Três e Quatro do romance invertido em sua primeira versão para melhor compreendermos o problema que está na ligação entre eles:

Três

A verdade é que se Marcelo não tivesse olhado tão assombrado para o próprio pulso. Se não tivesse agido como uma perfeita vítima em um filme ruim, olhando, primeiro pra a pele, depois pra a minha cara, como se olha para um monstro. Se não se tivesse mostrado tão ofendido, então eu não teria tido que empurrá-lo pra mais longe. E machucado ainda mais forte.

— Não é isso o que você quer? — Devolvo. A chuva recomeça. Chega até nós pelas frestas da janela basculante. — Não é do seu fiasco que você está falando?

Esta é a etapa da histeria se anunciando.

— Não — ele responde —, eu estou falando é *disto* — aponta para minha costela, nua. Para meu seio, nu. Para minhas tatuagens todas, mas sobretudo para esta última, no seio. Seu dedo, inquisitivo, riste, se move apontando braços, pernas, tronco, pescoço. Grita e se agita todo. — Será que você consegue me explicar que merda é *isso*?

Agita as mãos. A civilidade sempre acaba no ponto em que ele agita as mãos.

Etapa da histeria. Chegamos.

Ele puxa a toalha do pendurador, se cobre escondendo o pau brochado, retraído, e entrando no fundo do banheiro como se fosse uma tática de guerrilha.

— Estou falando de *aberrações*, Samara! De *você* virar uma aberração, uma coisa grotesca, bem na minha frente sem que eu possa....

Eu afirmo com a cabeça. Eu continuo, sem gritar e com frieza: Sim.

— Porque você prefere que eu falhe — eu digo. — Quer que eu fracasse. Como você fracassou. — Das minhas unhas, da marca delas, em seu braço, começa a arder nele o silêncio. A verdade.

— Não — ele diz. — Não é nada disso — e talvez eu esteja certa dessa vez. Ele respira fundo. Solta o ar pela boca — Eu quero entender. Só entender... — repete, repetiu ainda outras vezes. Ele, mais do que eu, tentando evitar a palavra que se punha, silenciosamente, entre nós, como um muro: tempo. — Você está me trocando por uma porção de tinta?

É aí que percebo que estou trincando os dentes tão forte que a mandíbula chega a doer.

Tempo.

— Acho que precisamos de um tempo — eu digo, afinal. Solto a tensão na mandíbula e sinto o cansaço residual no crânio, nas têmporas.

Esta é a etapa do cansaço.

— Por que está fazendo isso agora? — ele insiste.

Etapa do cansaço. Nunca tínhamos chegado nela.

— Olha, eu vou ter que sair bem cedo... — explico. Suspiro.

— Como foi que nós chegamos neste ponto? — ele me pergunta, mas não espera resposta. Segue em fúria para dentro do banheiro como se prestes a esmurrar algo ou alguém.

— Marcelo? — eu lhe chamo, mas ele não responde. Sua voz chega a mim abafada, continua como se falasse sozinho.

— Quero dizer, o que você está fazendo?— esbraveja, de onde estou eu lhe vejo como se procurasse a razão do nosso fim chafurdando nas gavetas — Como é que você vem com essa história de sair, e de tempo... Como foi que chegamos neste ponto?

E sai do banheiro com a lixeira nas mãos. Exibe pra mim seu conteúdo. Subitamente ele se sente muito esperto, e me mostra, uma por uma, todas as cápsulas dos remédios que eu sistematicamente jogava no lixo. Estende-as pra mim, satisfeito, indignado.

— Neste ponto — ele diz como se nosso relacionamento fossem os comprimidos no fundo da lixeira.— Você está me trocando por uma porção de tinta? Ou por aquele tatuador fetichista?

E num tempo, impossível de precisar quanto, nós apenas nos ferimos, usamos todo tipo de argumento absurdo. Como ele acusando Jack, (“Aquele tatuador”) de só estar querendo me comer (“Se não já tiver comido” — , acrescenta). De mim, contra-atacando (“Bem, alguém, pelo menos, devia querer”). Dele indignado com esse “pelo menos” (“Que quer dizer com essa merda? Justo você?”) E de então sabermos que só estávamos dizendo as piores coisas deliberadamente, para machucarmos um ao outro. Até voltar à questão principal, e é ele quem diz. Repete:

— Como foi que a gente chegou nesse ponto?

— Não importa. — eu digo, tentando empregar alguma doçura artificial na voz. Depois de um suspiro — Não importa como chegamos. Importa que não podemos voltar.

— Então, sim, você está me trocando por um estúdio de tatuagem?

E eu não digo mais nada.

Teoria número um sobre tatuagem: você não pode voltar atrás.

A primeira coisa a fazer, eu penso, é sair. Pôr um casaco e sair. Procuo pelo chão a calcinha que estava usando, o soutien. O ridículo da situação era meu guarda-roupas vazio, nenhuma calça sob o pendurador.

— Está tudo nas malas — ele diz —, no meu apartamento.

Não desisto. O casaco é comprido, fica um vestido longo se abotoo até o final.

— Marcelo.

— Hum.

—Faça suas malas, sim?

E antes de sair ainda penso em dizer algo como ‘Sinto muito’, mas acabei não encontrando o tom ou forças e, para não piorar o ridículo, eu apenas saio, vou embora. Bato a porta.

Esta é a fase do cansaço. Nunca tínhamos chegado nela.

Quatro

Antes da fase da histeria tem a fase que chamo de “premonição”.

— Isto não é objetivo de vida — foi o que ele disse. Estava sentado, nu, à borda da cama, no escuro do quarto. Me negava seu corpo e repelia o meu como se em vez de tatuagens, eu tivesse lepra. — Por que está fazendo isso agora? — ele perguntou. E é nesse ponto que pressinto. Eu sempre pressinto.

Se você estivesse praticando um esporte, saberia sobre o próprio fracasso antes de ele acontecer de verdade. A queda da ginasta. A bola batida fora da quadra. Os próprios atletas sabem do erro, muito antes de ele ser material, visível e palpável para todos. O gesto que antecede a queda. Eu chamava isso assim: premonição.

E aqui é a mesma coisa. Eu estava saindo do banheiro, ainda nua. Recostei na parede. No inverno, os minutos que precedem o nascer do sol, sempre às 5h são de um

peso incontestável. A gente reconhece pelo cheiro. Antes do amanhecer é a definição suprema do último suspiro de esperança. Tudo vai terminar. Recomeçar. Mas não, ainda. Não agora. A iminência do *denouement* — poucas coisas conseguem o mesmo pavor: o segundo antes do beijo, do patinador, no ar, antes de finalizar a manobra, do céu clarear atrás de nuvens densas no horizonte, de Marcelo dizer: Por que está fazendo isso agora? Chove.

— Eu me pergunto... — ele continuou, Marcelo continuou — ou melhor, eu *te* pergunto: Por quê?

Mas pressentir algo, saber que vai acontecer, não significa que você possa reverter a queda.

Respirar fundo. Apertar os músculos das coxas e fechar as pernas como se quisesse dizer para o corpo, *você sabe o que isso significa*: significa que não vamos mais trepar. E o orgasmo que estava prestes a eclodir em mim e que não se dissolve, não dissipa, continua latente enquanto olho pela janela basculante. Me conter. Se estivesse mais escuro, eu penso... Talvez ele não tivesse atentado para... é que eu já sei disso, também: Já aprendi com as vezes anteriores que o orgasmo interrompido não terá volta. Que, sim: há um minuto estávamos sobre a cama, há um minuto eu estava prestes a gozar, mas não importa. Não podemos voltar para aquele minuto. Já sei. Que o orgasmo preso não vai dissolver, que não vai dissipar, que não vai murchar como acontece com o pau dele. Eu sei, mas não posso explicar isso para o meu corpo. O gozo recalcado, pelo contrário, agora ficará em mim como um terremoto interno, me fazendo tremer de frio.

— Samara, você não vai dizer nada? — ele continua.

— Essa hemorragia já aconteceu mil vezes — eu digo, entredentes. — Acontecia sempre quando eu era criança. Já te contei isso.

— Eu perguntei outra coisa, Samara. — ele me lembra. Mas não, não era. Era a mesma coisa. A mesmíssima coisa há quase um ano. Do outro lado da kitchenette, os vizinhos, em sua polidez comedida, vão fingir não escutar a fase da histeria quando ela chegar, e ela vai chegar, a falta de respeito pela hora, pelas crianças no prédio. O relógio marca quatro e meia e não fossem as nuvens pesadas, adensando-se ao leste, já daria pra ver o céu. A ilusão de que cozinha, sala, escritório e quartos são ambientes separados se desfaz na penumbra. Significa que não tenho pra onde ir com o corpo se quiser fugir da discussão. Resta olhar a rua deserta, molhada, fria...

Eu queria só que nos encaixássemos, que terminássemos o que começamos. Urgente e sobretudo. Mas ele quer me ver de fora, a ereção já vai virando uma meia bomba...

— Por quê? — ele volta a perguntar. — Eu realmente queria entender — e eu continuei olhando para o outro lado, através da janela, vendo a rua. — Por que isso agora? Quando a pergunta, na verdade, era minha.

Era minha:

— Mas por que isso agora? — eu tinha dito.

O ritmo da minha respiração já tinha mudado (Agora.), o mundo já tinha silenciado (Agora.), mas ele pulou pra fora de mim.

— Que porra é essa?

É claro que tentei reaver seu corpo, insistir... Não teve jeito.

— Você tá sangrando, Samara!

Saiu de cima de mim, simplesmente. De dentro de mim. Me deu com o vazio de mim mesma, de assalto. E eu que tentava abraçar (Vem cá). Pedir para que não parasse (Não para), fiquei sem resposta e sem remédio. Ele recuou, me virou de frente pra ele e então, só então, viu a tatuagem nova. No seio. Aí se afastou mais, incrédulo, de joelhos, sobre a cama (Vem cá) eu tinha chamado, tinha abraçado pela cintura. (Estou prestes), mas ele me empurrou. (Você tá sangrando), repetiu. Sentou, e exigiu que eu fosse ver no banheiro (Vá ver! Vá ver do que eu falo).

E porque eu obedeci, porque fui até o banheiro e acendi a luz para ver a tal hemorragia, então ele teve certeza. Viu meu seio. Minha tatuagem nova, no seio e então sentou na borda da cama.

— Samara, por que foi que a gente voltou?

Encaro o sangue.

— Isso é normal. Essa hemorragia — disse ainda do banheiro da suíte.

— Eu fiz uma pergunta.

Eu saí do banheiro, a luz ligada de lá joga um feixe de luz sobre seu corpo nu, sentado à cama, que diz.

— Samara — ele disse —, assim eu não consigo mais.

E começou a chover.

Ele diz que hoje quer, sim, que hoje ele quer que eu explique bem detalhado, passo a passo, Como foi que essa merda começou, afinal.

Justo agora?

— Samara, se você era um exemplo de normalidade. — ele diz como se precisasse me lembrar — Se seu emprego lhe pagava o bastante. Se você nunca foi e nem nunca gostou das pessoas que faziam esse tipo de coisa. Por que, então; Por que decidiu, do nada, que iria virar a louca tatuadona?

Respiro fundo.

— É por causa do livro — pergunto esquecendo de fazer a entonação da interrogação. — É por causa do seu livro que você está fazendo isso agora. — digo.

— Não — ele diz, trincando os dentes, apertando a cabeça com os dedos contorcidos. — Não tem nada a ver com a porcaria do meu livro — continua — que se foda a porra do meu livro.

Claro que era por causa do livro.

— Eu só queria saber. Saber que merda é essa. E não me venha, de novo, com essa besteira de que é um objetivo de vida. Não cola. Nunca colou. Cacete. Olhe pra você.

Começo a tremer mais. De frio. Do orgasmo retido. Meu silêncio avança no tempo, no horizonte, e uma hora, você sabe: é inevitável, quatro e meia da manhã, quatro e quarenta e cinco da manhã. A rua escura, a cidade, o continente inteiro, aqui, o escuro ainda avança, avança até começar a ser lambido pelo sol, até ser completamente tomado pelo sol. Sessenta por cento. Eu colo a testa na janela basculante. Dá pra sentir o cheiro frio. E do mesmo jeito, meu corpo, a seu próprio ritmo, vai cobrindo-se de tinta até o eclipse total.

— Comecei as tatuagens pelo mesmo motivo que você começou o seu livro. — É o que me ocorre dizer. — por uma questão artística.

Mas ele riu. Riu e levantou da cama.

E como se não bastasse meu orgasmo interrompido, ele procurava a toalha e eu ficava só na nudez e na minha conversa.

— Mentira sua — Ele passa por mim. Em direção ao banheiro. Puto. É quando eu, com alguma agudeza, que me sai mal-calculada, é verdade, seguro seu pulso.

— O que você quer? Quer que eu fracasse e seja covarde como você?

Bem mal-calculada. As unhas cravaram com gosto na carne dele, no braço, e ele urrou de dor. Não foi por querer. Mas, se Marcelo não tivesse olhado tão assombrado para o próprio pulso. Se não tivesse agido como uma perfeita vítima em um filme ruim, olhando, primeiro pra a pele, depois pra a minha cara, como se olha para um monstro. Se não se tivesse mostrado tão ofendido, então eu não teria tido que empurrá-lo pra mais longe. E machucado ainda mais forte.

— Não é isso o que você quer? — Devolvo — A chuva continua, na madrugada. Chega até nós pelas frestas da janela basculante. — Não é do seu fiasco que você está falando?

Ou tudo isso seria ciúme de Jack?

É neste ponto que começa a dizer que eu, que meu corpo, não passamos de aberrações.

Mas antes tinha dito: Adoro seu corpo.

E depois: Puta merda. Tinha esfregado o pau na minha bunda. Eu fechei os olhos. O pau dele estava duro no vão que há entre as duas nádegas, no ponto entre as covinhas. Fecho os olhos e também contorço meu corpo de lado, me esfrego nele, pressionando as coxas. O movimento é involuntário: procura sozinho o que quer, em espasmos, indo e voltando. E neste ponto é só isso: um homem e uma mulher: dois corpos que se conhecem bem, que conhecem os atalhos. Eu só fecho os olhos. Concedo. Ele disse: adoro quando *ele* fica assim. *Ele*. Marcelo fala do meu corpo como se fosse uma entidade em separado. Está certo: não sou eu de verdade. É o corpo e que rasteja sozinho, que acaba por causar o animalesco, o bestial em nós, os movimentos maquinais. Ele disse: *Ãi*. Eu continuava de olhos fechados. Ele tentando dar conta de mim inteira: O seio solto na blusa, uma bunda, uma nuca, uma boca, eu me encaixo nele, invisto contra seu corpo, me esfrego, somos como duas colheres encaixadas. Ele diz: Mais alto. Ele diz: Geme. Ele agarra com o braço, mas não consigo. Estou prestes. Eu paro de mexer. Paro o ar. É agora. Mas ele me vira de frente pra ele, interrompe, e depois me repele, me esvazia. Abro os olhos. Ele diz:

— Puta merda, teu nariz tá sangrando.

Teve ainda um momento intermediário. O momento do benefício da dúvida.

— Samara, assim eu não consigo mais.

— O quê? — pergunto — A ereção?

E não, não era à ereção que ele se referia.

Eu olhei para a janela.

— Essa hemorragia já aconteceu mil vezes— eu digo— acontecia sempre quando eu era criança. Já te contei isso.

Mas não adiantou nada.

Cinco

Já estava dormindo quando cheguei do Design Ink com o soutien dentro da bolsa e, no lugar dele, a costela e o seio vinham envoltos em filme plástico e pomada. A dor de cabeça tinha passado, sempre passa, durante a sessão. E o seu ronco já dava para ouvir

imediatamente quando abri a porta. Eu entrei tentando não fazer barulho, fechei bem devagar a. Não lembro quando resolvemos isso. Que era melhor que cada um chegasse sozinho ao sono. Sobre a cama, lá estava Marcelo, completamente alheio ao que se passava e ao lado dele o livro que teimava em rever, em tentar reescrever. Seu último fiasco. Eu não acendi a luz. Não fiz barulho. Descalcei, com todo cuidado, as botas de salto e deixei, muito devagar, as chaves sobre a mesa.

Estupendo. Eu pensei comigo mesma, olhando meu próprio corpo nu no espelho da suíte. Estupendo: o desenho tinha a forma de fractais, pequenos arcos, concêntricos e sombreados espiralados em torno do seio direito, vários deles, ainda desmanchando-se, transpirando sangue pelos poros, ao redor do mamilo. Jack, mais uma vez, tinha me salvado. Olhando agora, já não parece que as tatuagens estão em mim. Parece que eu estou nelas, dentro delas, como se fossem uma casca ou uma armadura. A tatuagem envolta em gordura, sangue preto de tinta e papel filme. Eu me sinto protegida e apaziguada. Só um rosto se distingue nessa multidão de sangue e tinta. Posso ver. Bem ao lado do mamilo: Aquele rosto representa Marcelo.

Quinze minutos, cinquenta e sete segundos e cinquenta e três milésimos.

Este foi o tempo que me levou para ler, em voz alta, estes três capítulos em cadeia. Pode não ser um dado muito relevante, eu o fiz aqui apenas para demonstrar que em matéria de efeito, o intervalo de tempo entre ler três capítulos e ver um quadro de Escher, é de uma discrepância flagrante. Nos obriga a considerar, agora, mais questões que são específicas do ato da leitura.

Claro que usar a própria leitura como parâmetro não é um processo inocente. Eu apreendia o texto com minha própria cultura, com minhas determinações socio-históricas e naturalmente, minhas exigências que poderiam não ser, a priori, as mesmas de qualquer outro leitor e que, no entanto, era unicamente sobre a qual me parecia possível e honesto operar.

Talvez neste ponto caiba pensar, então certas peculiaridades da fruição na leitura. Primeiro, fundamentando-se sob as propostas de Gilles Therrien (citado por JOUVE). a leitura é um processo de cinco dimensões: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico e deles, para a presente questão que é importar um formato, um efeito do audiovisual para a literatura, creio que convem destacar sobretudo as duas primeiras por serem as que mais são específicas deste tipo de fruição.

Primeiro deles, a questão neurofisiológica: a leitura por mais que também se utilize do aparelho visual, são outras as funções do cérebro que nos fazem atribuir um sentido à palavra CASA e à imagem de uma casa.

“Diferentes estudos -- entre os quais o de François Richaudeau (1969) -- tentaram descrever com minúcia tal atividade. Mostraram que o olho não apreende os signos um após o outro, mas por “pacotes”. Assim, é frequente “pular” certas palavras ou confundir os signos entre si. O movimento do olhar não é linear e uniforme; ao contrário, é feito de saltos bruscos e descontínuos (de movimentos ‘sacádicos’) entre os quais pausas mais ou menos longas (entre um terço e um quarto de segundo) permitem a percepção. Durante essas paradas, o olho gravaria precisamente seis ou sete signos, ao mesmo tempo que anteciparia a sequência global a uma visão periférica mais vaga. (p. 17-18)

Um detalhe para se levar em conta, por exemplo, diz respeito à aparência da personagem de Samara que, no cerna da história, é um ponto de interesse. Como isto é descrito? Na voz da personagem que diz “me abriram o casaco e descobriram meu corpo seminu por baixo. Todo ele: o pescoço, as costelas, clavícula, quadril, barriga, tudo estava tatuado com traços que, nem se esforçando muito dava pra ver ali a representação figurativa de alguma coisa”. A imagem é imprecisa da maneira que não seria se estivéssemos de fato vendo a cena. Por exemplo: a cor da tatuagem e a forma das tatuagens não está especificado.

Há outros problemas; O deciframento, como bem coloca o autor, depende também de um espaço de memória. que é limitado. O que nos leva a inferir, por exemplo que não é a toa que a maior parte dos turn-pages, além de terem intrigas cheias de reviravoltas são compostos também de frases curtas, sentenças na ordem direta. Este

sistema é perfeitamente adequado a decodificação. E, por outro lado, uma frase longa demais, cheia de conectivos, pode acabar ficando confusa, e não-codificada com precisão.

E, no caso do presente texto, se o leitor vai adiante ignorando uma frase que não entendeu muito bem, ou entendendo erroneamente, esta lacuna pode ser crucial na produção de um efeito. Uma falha como esta: uma frase truncada, vaga, num discurso que, ainda por cima pesa a mão da autora que parece querer forçar a personagem a descrever seu próprio corpo (alguém falaria das próprias tatuagens pelo que elas não são?)

Mas, de modo geral, o texto não é de difícil leitura. Estruturado com frases na ordem direta, curtas, claras quando a ação que tentam narrar. Em suas unidades micro, nas cenas em si, não se abusa do espaço de memória do leitor. E elas não são difíceis de decodificar, e isto é uma questão. E este é outro parâmetro que precisa ser levado em conta. Quanto tempo dura um filme? Em geral, pouco mais de uma hora, nos filmes que serviram de referência à este processo, pelo menos, nenhum tinha mais de uma hora e meia. O mesmo, se pode dizer de uma peça, um episódio de série e um videoclipe. Um romance, no entanto, quanto tempo passamos com ele? O quanto vamos lembrar de um capítulo para o outro.

Mas há uma função posterior, o processo cognitivo, que torna o texto difícil. Diz Jouve: “Depois que o leitor percebe e decifra os signos, ele tenta entender do que se trata. A conversão das palavras e grupos de palavras em elementos de significação supõe um importante esforço de abstração” (p.18)

É possível, inclusive que more aí a vocação das *database narratives* para o audiovisual: Uma vez que o leitor precisa “armar a conta” na própria cabeça. A profusão de dados e de variáveis exigem um esforço muito maior na leitura; O leitor que preocupa-se em entender a trama, precisa concentrar-se no encadeamento dos fatos em um sentido, enquanto a ação progride noutro (afinal, os personagens não estão caminhando para trás).

Se a ação em curso, depender de um encadeamento dado anteriormente, sacrifica-se a progressão em favor da interpretação e o leitor, mais preocupado em compreender o que se passa pode diminuir o ritmo, voltar a reler -- outro detalhe que

não faz parte do estatuto do cinema, mas faz parte da literatura: a imposição do ritmo de leitura é dada pelo leitor que, caso não compreenda um detalhe ou outro, pode tomar duas escolhas diferentes: ir adiante confiando que mais à frente este detalhe ficará melhor explicado e a confusão criada pode ser proposital, ou tentar entender, esforçar-se e decretar nisto uma falha dele ou do texto.

Ainda na mesma obra, Jouve salienta algumas particularidades da leitura em relação à comunicação oral é o seu estatuto de comunicação diferida. Em uma trama de ficção que precisa ser remontado, mentalmente, tal qual um quebra cabeças, é preciso fornecer ao leitor os ganchos que lhe permitam remontar esta estrutura. No que tange esta situação o cinema adquire uma posição privilegiada por compor seu pacto espectral a partir de um horizonte comum de referência entre a instância narrativa e a audiência. Evita confusões pois estamos vendo a mesma coisa que vê o autor do filme. E na leitura, a situação espaçotemporal só existe fundamentando-se na estrutura do texto, num jogo de relações internas que o leitor vai reconstruir na medida do que julgar necessário à compreensão.

Uma comparação entre as duas linguagens por exemplo, esta fita por Robert J Ray, a questão das tomadas definidoras é levantada com as seguintes orientações:

Como aficionados do cinema, estamos acostumados a tomadas definidoras que duram só alguns segundos na tela. (...) Como leitores cujo intervalo máximo de atenção contínua foi modelado pelas sessões de cinema, podíamos pular essas passagens, pois estamos com pressa de ver o que acontece. Mas como escritores, nosso papel se inverte. Temos a obrigação de informar o leitor sobre o cenário de cada cena, o tempo, quem está no palco o que estão fazendo e quem está chegando. Um dos segredos do ofício do escritor é fazer que esses cenários desempenhem dupla função”. (RAY p.72)

Função, aliás, talvez seja uma palavra-chave para melhor compreendermos as engrenagens que poderiam estar impedindo a fruição da narrativa. A literatura, de maneira geral, é composta de uma certa seletividade na qual há elementos são postos por exercer funções eles levam a ação para frente, informam aspectos importantes. Outros estão ali pelos seus efeitos estilísticos.

Para exemplificar: se no em diálogo entre X e Y, é preciso marcar um tempo de silêncio desconfortável entre uma fala de X e uma fala de Y. A solução pode ser a mais óbvia, dizer “Ficaram em silêncio e depois Y disse” mas isso pode acabar gerando a impressão de que as coisas estão passando mais rápido do que deveriam. E, se usada em excesso, pode virar o atestado de um texto ruim e preguiçoso.

Considerando outro exemplo, retirado do texto:

— *Não é isso o que você quer?* — *Devolvo, fria. A chuva continua, na madrugada. Chega até nós pelas frestas da janela basculante.* — *Não é do seu fiasco que você está falando?*

O inciso colocado entre a primeira e a segunda frase de Samara cumpre três funções pelo menos: informa qual é o cenário, o espaço tempo em que os personagens estão, marca um breve silêncio entre uma frase e outra da personagem e ainda contribui para a caracterização da personagem e para aproximar o seu caráter com o do clima.

A questão é que numa profusão de elementos, é possível inferir erroneamente na função de um elemento. Um detalhe que passamos batido julgando ser acessório, podia ser importante para a cena seguinte. (A personagem tem sangue nas unhas quando desmaia no ônibus porque minutos atrás, tinha cravado as unhas no braço de Marcelo. Numa leitura apressada, este detalhe passa batido e natural. A personagem está sangrando, então não chama suficiente atenção o fato de ela ter sangue também nas unhas). E, por outro lado, outros para os quais o texto tenta chamar atenção naufragam por ficarem artificiais demais (a mão da autora pesando, chamando excessiva atenção para o que é importante, desfazendo o efeito de que a obra se desenvolva como a vida)

Uma outra questão específica do texto literário e que poderia comprometer o interesse na fruição diz respeito ao que cada leitor compreende do texto. Por exemplo, se descrevo minha personagem como uma mulher ‘muito’ tatuada, crio uma limitação que proíbe ao leitor imaginá-la como alguém sem tatuagens. Mas, de quantas tatuagens se compõe este “muito”, a menos que eu escolha especificar o leitor pode deixar que interfira na cena seu próprio conceito pessoal do que é este “muito”. Tento, então passar uma impressão de poluição visual, de abundância ao enfileirar substantivos que

denotam partes do corpo: pescoço, as costelas, clavícula, quadril, barriga... Há um efeito pretendido, mas o quanto dele é alcançado, isto só a leitura revela.

Afinal, o leitor aborda o texto com sua própria subjetividade. Ele ao fim é que acabará por decidir quais detalhes lhe são marcantes, qual aparência têm as coisas. Num filme, não nos resta opção, Emma Bovary terá a cara que tem a atriz a quem foi dado o papel. Mas no livro, há uma liberdade.

No texto, tudo o que não está proibido, está permitido. Mas, do ponto de vista da criação, é preciso vigiar essa liberdade. Pois na intersecção de todas as leituras possíveis, há algumas que são indispensáveis para fazer sentido.

Mas isto não é pensar que o sentido existe no texto e não na leitura? Em partes, pois ainda assim os textos não são todos sinônimos. A grande limitação de que é impossível ao autor, e é bom que seja assim, ter o absoluto controle sobre como o leitor vai decodificar cada cena, isto não significa que ele não possa produzir efeitos. E influenciar o modo como a leitura se atualiza na cabeça do leitor? A resposta é, se ele sabe como uma narrativa é entendida e memorizada, que isto não ocorre de maneira linear como várias descobertas no campos da psicologia cognitiva já demonstraram e que, como coloca Jouve, tudo o que hoje já se sabe sobre as estruturas cognitivas de um texto na memória dão uma nova dimensão aos textos trabalhos narratológicos estruturalistas e semióticos pois dizem muito também sobre como escolhemos e organizamos informações.

Uma estrutura subjacente pode ser imaginada: depois de ter interpretado cada frase de uma narrativa como uma construção de proposições, estabelecemos as relações (pacotes de microproposições semânticas) e reduzimos espontaneamente uma informação que podemos então estocar na memória. O papel da memória parece fundamental e parece cômodo e operacional distinguir uma memória de curto prazo (ou memória de trabalho) e uma memória de longo prazo.” (p.84)

Ou seja, como leitora posso me interessar pela cena, visto que estou operando com minha memória de curto prazo. Mas ao fim do capítulo, ou do módulo, a memória resumirá estes elementos todos, vai compactá-los na forma de uma proposição.

Qualquer detalhe que não participe desta proposição correrá o risco de ser esquecido. Voltando à metáfora da escada rolante: se o leitor não pudesse dar sentido a alguma informação, se não vir função maior daquele detalhe no capítulo, e deste detalhe depender a fruição do capítulo seguinte, então como se parasse no meio sua difícil subida de uma escada que desce, ele seria levado de volta para baixo. à escala zero da progressão textual.

E, se não faço isso, se não deixo que o leitor libere sua memória de trabalho, a compreensão não prossegue, sendo em vez disso, saturada.

Como, então, posso desobrigar o leitor de tentar tecer relações entre o último evento de um módulo e o primeiro evento do módulo seguinte e ao mesmo tempo, não ser cobrado pelas informações que pretendo para favorecer o enredo? Uma solução, se anuncia pela observação de algumas obras literárias e aqui destaco principalmente duas obras: *Marcas de Nascimento*, de Nancy Houston e *Samba sem mim*, de Caio Yurgel nas quais os capítulos funcionam mais ou menos como unidades fechadas. Isto me levou à minha segunda tentativa de inverter o Estrago.

3.2. Segundo teste

Minha segunda tentativa de inverter a linha dramática de Estrago, funcionou sob alguns aspectos, mas não era um romance.

Para irmos além nesta proposição, precisamos então primeiro dizer o que é um romance é. E, se até aqui foi mais importante definir o que era uma narrativa, o que era a ficção e até mesmo o que era uma ficção literária, neste momento do trabalho, precisaremos nomear, ou seja, tornar cognoscível, diferenciável dos demais por suas particularidades intrínsecas, tanto o romance quanto a novela e conto. Não por defender que isto seja de suma importância na hora da criação, mas porque ao verificar que algo deu errado, e em geral para o escritor iniciante as coisas tendem a dar errado, voltamos ao âmbito das ciências: queremos descobrir onde e por que deu errado e nisso torna-se imprescindível delimitarmos e distinguirmos não apenas o objeto, mas também os métodos e as teorias que propomos para sua análise.

Será necessário também voltar algumas casas no sentido das teorias narrativas. Pois se foi por meio das teorias da recepção, que passamos a pensar na obra a partir dos seus efeitos em uma leitora real (que era, no caso, eu mesma – como todo autor é o leitor alfa da sua própria obra), no momento em que precisamos voltar à criação, buscar alternativas para reescrever, é mais uma vez o formalismo que vem nos dar suporte. E por mais que isto possa gerar a impressão de que estamos misturando alhos com bugalhos na análise, misturando conceitos opostos e descontextualizando o pensamento de maneira utilitária. No caso da presente experiência de fazer um romance invertido, como sua própria natureza, era composta por atividades de diferentes naturezas (leitura e escritura, crítica, busca de alternativas, reescritura, releituras) o mundo abstrato das correntes teóricas que são aparentemente opostas, revelam-se, na verdade, complementares.

Assim, para o segundo rascunho de Estrago, inspirada por alguns romances como *Marcas de nascença*, *Samba sem mim* e *A visita cruel do tempo*, me ocorreu que uma maneira de desobrigar o leitor de buscar a ligação entre a última parte de um capítulo e a primeira parte do capítulo seguinte seria alternando o protagonismo entre os três personagens centrais e usando a forma do conto, bem como fizeram estes autores, para compactar as unidades em unidades fechadas.

Mas, para melhor explicar este método e o que eu quero dizer com isso, é importante primeiro contextualizar que esta ideia de que há uma forma do conto e uma forma do romance é oriunda da narratologia, um campo de estudo que teve seu termo cunhado por Tzvetan Todorov (2008), e que se volta à observação das narrativas de ficção e não-ficção por meio da sua estrutura e elementos inerentes.

Todorov constata que os estruturalistas dos anos 20 nos legaram uma tipologia das narrativas simples através de Chklóvsky (1976) e, de certa forma, também de Eikhnenbaum (1976). Formas que diferenciam o conto e a novela do romance a partir de sua complexidade e dos seus aspectos sintagmáticos e paradigmáticos. Assim, segundo o autor, pensar numa abordagem estrutural da narrativa, é compreender que muitas formas e categorias podem ser reconhecíveis e poder diferenciá-las pelo que elas possuem de geral e não de específico e considerar as várias estruturas fixas que formam a unidade dentro de um gênero narrativo.

Eikhnenbaum, por exemplo, observa que o desenrolar do romance e da novela seguem leis diferentes: enquanto o romance termina em um ponto de enfraquecimento, caindo, ligeiramente, depois de alcançado o ponto culminante (pouco antes do final), a novela deve terminar sempre no momento preciso em que a história atinge o ápice.

E assim, partindo do geral para o particular, conclui que, num romance, a impressão de trama é gerada pelo restabelecimento da ordem. Enquanto, sobre a novela, por exemplo, Chklóvski (1976) pensa na ideia de formas abertas e formas fechadas representando-as nas através de equações. Na primeira, temos sempre um traço comum e uma cadeia infinita de sequencias, como a sucessão de aventuras de uma mesma personagem, enquanto, o romance fecha-se em si mesmo, e repousa sobre uma oposição (citado por TODOROV, 2008, p.43).

Para os formalistas russos, a narrativa poderia ser analisada com uma série de métodos que, se não são consensuais dentro do próprio grupo, têm em comum a característica de serem exatos, muitas vezes oriundos das ciências matemáticas. Métodos estes que adquiriram mais popularidade na linguística, a sintaxe e morfologia, mas que começaram a ser empregados na análise da literatura. Tomachévsky, por exemplo, aplicou a teoria das cadeias de Markov, que vem das ciências exatas, ao estudo da prosódia. E, sobre estes procedimentos de análise, se se convencionou chamá-los de

—formais, foi à revelia dos próprios pesquisadores do grupo, que evitavam o termo, afinal, para eles, tudo é forma. O conteúdo também está expresso na forma.

A aplicação destes métodos visavam descrever o funcionamento do sistema literário, de isolar e apreender aquilo que todas as obras necessariamente compartilham. Ou seja: em vez de olhar para as obras dentro de sua especificidade, olhá-las em sua generalidade e apreender o que elas guardam de comum e, deste modo, possibilitar uma análise científica do texto literário a partir de seus elementos constitutivos e a evidência de suas leis.

Uma importante chave aqui, e fundamental para compreender como os formalistas compreendem as estruturas narrativas dentro de um texto, é pensar que, para eles, a narrativa contém, no seu —Todo, um tema. Mas não é só o —Todo que o contém. Cada parte da narrativa também tem seu tema. Cada capítulo, cada ato. E, para Tomachévski(1976), se assim formos decompondo, chegaremos fatalmente às partes indecomponíveis, às menores partículas do material temático: o *motivo*. Ou seja, neste caso, a menor unidade significativa de um texto não é a oração.

os estudos dessa vertente foram e continuam sendo fortemente criticados. Uma das acusações mais comuns advém do próprio caráter formal da análise. Mas, bem como coloca Leyla Perrone-Moisés, que traduziu para o Brasil *As Estruturas Narrativas*,

o conceito de modelo, fundamental para o estruturalismo, tem sido atacado como um conceito a-histórico, imobilista. Entretanto, devemos precisar que não é ao modelo em si que visa a análise estrutural. O modelo, assim como as distinções acima citadas é uma abstração com fins aplicativos. Procura-se, por exemplo, estabelecer o protótipo ele mesmo, mas para aplicá-lo a obras particulares. Criase pois, um movimento circular: das obras particulares extrai-se o modelo, que será em seguida aplicado a obras particulares. (PERRONE-MOISÉS, 2008, p. 10-11).

Indo para definições um tanto mais metafóricas John Gardner (1997) diz, concordando com Joyce, que um conto caminha para uma epifania. “Um clímax de percepção ou iluminação por parte do personagem principal ou, pelo menos, do leitor – alcançando efeito pela plena justificação de seu clímax através de um background autenticador.

Qualquer evento que pareça ao escritor surpreendente, curioso ou cheio de interesse pode formar o clímax de uma história possível. (...) Dependendo da complexidade da maneira de ver do escritor—i.e., de

quanto background ele imagina precisa nos dar para a compreensão do evento – o clímax torna-se o ponto alto de uma história curta, uma novela, um romance. (p.228)

No caso do romance que aqui estamos analisando, uma entrada no diário de criação, sem data, escrita em meados de setembro de 2017, decompondo a linha de consequências e causas e considerando uma alternância entre os personagens, cheguei à seguinte tabela que correlacionava o que cada personagem estava fazendo a cada nó narrativo.

	SAMARA	MARCELO	JACK	OPM	TATONGEM/DOZ
	Uma no estúdio p/ conta os objetos	COM O ROMANCE PRONTO, LIGA P/ SAMARA	CUIDA DOS PROBLEMAS DOMÉSTICOS	PREPARA O JAVIER	
QUINA RECEBE A LIGAÇÃO DE JACK E BEBE O QUE SOBRA		MARCELO LEVA AS CAIXAS DE SAMARA P/ O PRÓPRIO APART. TRABALHA? VOLTA. DOBHE.	NO ESTÚDIO, JACK FAZ A LIGAÇÃO AVISA QUE ACHOÇA SOBRA		TATONGEM
BEIJA A MODERNA POR CAUSA DO ROMANCE DELE.		MARCELO E SAMARA EM 5ª PESSOA. ELAS QUER SOLIDARIEDADE PARA UM VÍDEO. ADOA	JACK MORDE NO ESTÚDIO CENÁRIO DE AMOR - FALA O CECÍLIA EM ALGO E ESCREVE O LIA APOES COM O LINDO		MARCELO
SAMARA ESTÁ EM CASA EM UM CAIXA FORA, MARCELO NA REMÉDIOS, MARCELO FAZ PERGUNTAS		CHEGA O MARCELO E LÁ P/ O MARCELO ESCREVE	JACK VIDA À NOITE DESENHANDO.		
SAMARA ARRUMA AS COISAS DE JACK E PASSA MAL		MARCELO TRABALHA NO BANCO.	NO ESTÚDIO, JACK MANDA MENSAGENS, MAS QUANDO LÁ, TEMER AS CHAVES, DESENHA		
NA CASA DO PAI, ELA TENTO DESPEDIR MAS ELE SO QUER NÃO SE ATRASAR		MARCELO TRABALHA NO BANCO. ESCREVE O LIA P/ O MARCELO	LIGAÇÃO DE SAMARA SOBRE O EMPREGO. ENVIAR - MELHOR		ENVIAR O ROMANCE P/ A EDITORA. A RESPOSTA VEIO AUTOMÁTICA.
ACORDA NA CASA DE SAMARA, DEMISSÃO		MARCELO TRABALHA NO BANCO	JACK MANDA UM VINHO E UM JORNAL P/ SAMARA.	JACK MORDE O BAIXISTA	
O PAI INFERNA QUE VAI VOLTAR P/ O INTERIOR					
CONVERSAS COM JACK NA PARADA					
DEMISSÃO					
JACK ESTÁ NA SAÍDA					

Noutra entrada do mesmo diário, há mais notas de regimento que revelam a intenção de produzir o efeito de contos:

seis, sete e oito que foram narrados tendo como protagonista Os personagens de Samara, Jack e Marcelo, respectivamente.

Quarta-feira

16:15

Samara

Aquilo podia ter se dividido em várias sessões curtas e seria enrolado por dias, semanas, meses, mas nenhum de vocês dois estavam mais dispostos. Você chegou antes, usando além das botas de salto, uma camisa destinada a se manchar e um soutien que obrigatoriamente voltaria na bolsa. Tremia de frio, batia os dentes enquanto enfiava na porta sua própria cópia das chaves do estúdio. Não demorou muito: pela janela, logo depois de acionar o aquecedor você o viu entrar no prédio e lembrou do que ele havia lhe advertido: Vai doer.

Você tirou o casaco

Pareciam vir de lugares completamente diferentes, olhando assim. Você tremendo, ainda, e Jack usando uma camisa comum, com as mangas dobradas até o antebraço. Você tinha ficado indecisa se devia ou não voltar-se para a porta, quando ele entrasse. Ao fim, quando voltou-se, foi sem pensar enquanto ele entrava lhe olhando, de longe, o seu rosto em vários pontos específicos: as bochechas, a boca, a área dos olhos, o cabelo. *Mantenha a calma* – você disse a si mesma – *o frio sempre lhe fez parecer muito nervosa.*

— Esta umidade... — você reclamou.

E você sorriu, mas os cantos da sua boca tremiam e ele em vez de sorrir de volta, fechou os olhos, numa piscada muito lenta. Já tinha lhe dito: ia doer. E também não foi até onde você estava, ancorada à janela, só lhe olhou com algum carinho que pareceu inadequado.

— Veio andando? — você perguntou. — O trânsito parece tão ruim agora...

E sim, Jack tinha vindo andando. Alguma história sobre o ônibus atrasado, parado no meio do congestionamento. Você se desvencilhou do olhar de Jack. Do peso do jeito silencioso dele. Desenlaçou o cachecol do pescoço como se, de repente, houvesse pressa. Perguntou pelo caderno, mas não funcionava assim e não adiantava tentar apressar as coisas. Ele encostou-se onde você estava e ficou lhe observando.

— Está tudo bem? — ele lhe perguntou.

— A cabeça — você disse. — Queria começar logo.

Ele tirou o caderno da bolsa. Entregou.

— Bem... — entabulou um suspiro daqueles longos que dá pra ouvir da outra sala e disse —, veja com cuidado.

Disse: como se houvesse algo no jeito de se ver aquilo que pudesse mudar o que ia ali dentro, fazer doer menos. Você sentou no sofá de dois lugares. Ele ao seu lado, lhe ajudou com o cardigã deslizando-o delicadamente pelos ombros e tocando sua pele com as pontas dos dedos como se lhe tivesse tatuado em braille.

— Fico arrepiada assim — explico. Me desculpo.

O arrepio altera os desenhos, eu sei. Você gostaria de se desculpar pela pele cheia de bolinhas e pelos pêlos que deviam ter sido depilados a laser antes disso tudo começar e que agora é tarde.

Mas para Jack não é só o desenho, a tatuagem, mas a vida que há por trás daquilo.

— Não importa — retrucou. — Estou adorando — porque o arrepio é a vida e é justo o que deixa isso tão...

Você encontra nas páginas do moleskine de Jack todos os desenhos e esboços de cada uma das tatuagens que carrega na pele. Estão lá: os fractais que tem nas costas; os arcos que os ligam aos ossos da bacia, está ali: a ave de asas abertas na clavícula. Passe as páginas do caderno de Jack. Puxe os vários pedaços de si mesma.

— É tão incrível — você disse.

Este caderno doeu em você. Cada microperfuração, cada poro. Você sangrei este caderno inteiro. Mas Jack continua despindo o resto da sua roupa, descobrindo a obra, você, com cuidado, perícia, profissionalismo.

— Vire-se — ele pede. — De frente para mim, por favor.

Obedeça. Ainda concentrada no caderno. Passa diante de você: um grafite, os padrões que fizeram no começo do mês: seus olhos percorrem as curvas, caminhos. Ele abre os botões da sua camisa, o fecho do soutien. Abre-os, afasta-se e, de pé, olhando, põe o queixo para trás até a cadeira tatuadora. Até escorar-se nela.

Você continuou folheando, mas percebeu, que ele desviou o olhar de você neste ponto. Vai doer.

— Está completo — você disse. — Você não me falou que estava completo — insistiu. Jack estava lhe olhando. Confirmou com a cabeça.

Então era isso.

— Está completo — você repetiu.

— São só esboços — ele disse.

Nesse momento você sabe que algo, não só o caderno de Jack, chegou ao fim. Que agora talvez possam conversar e dizer algo para finalmente acabarem tudo.

Você sente essa coisa. Não é tristeza, mas é parecido. É como uma lucidez tremenda, um desamparo.

— Agora já sabemos, então... — você já sabia — já sabemos como termina.

— Sabemos.

E apesar de sentir, apesar de pensar que gostaria, precisaria, poder se emocionar ou expressar algo por Jack, para seu traço, para sua cara também desamparada perante o mundo, para a mortalidade dele próprio em sua pele. Ninguém gosta de finais.

— Jack...

Mas será que você consegue fazê-lo entender?, fazê-lo alcançar? Você pensa: *Jack, precisamos dar um jeito de você entrar na minha cabeça e saber que tem essa coisa, entende?*

— É. Eu sei — ele falou — somos muito parecidos, afinal.

São mesmo: já estão sozinhos desde então.

— Vai doer — ele disse de novo.

Você sabe que vai. Confirma.

— Vamos começar logo.

E ele ligou a máquina tatuadora.

06:40

Jack

Era em parte por causa do inverno, e a consequente diminuição do fluxo de clientes, que o estúdio fechara as portas para atendimentos não-agendados e o próprio Jack sabe disso quando acorda, quando esfrega os olhos inchados diante do janelão da varanda e olha, mais uma vez para o caderno ao seu lado. Ele sabe.

Sabe mas, antes de estender a mão para a brochura, o Moleskine recoberto por couro ali no centro, ele pensa também que para além disso, para além do inverno, do custo inviável de manter o lugar em plena atividade, com suas luzes, sua despesa de manutenção e dois funcionários, Jack pensa, agora, que há também as vantagens adicionais de ter o lugar parado, e o caderno ali é prova disso. Estica o braço.

Pois estava completo, finalmente. Jack, sentado, segura o caderno pelas bordas, folheia de uma página a outra sentindo orgulho — Ele tinha passado a noite inteira trabalhando naquilo, desenhando imerso numa espécie de furor criativo que o induzira a perder não só a hora do jantar, mas também a de voltar para casa, e que fez telefonar para casa, para Cecília, dizendo que não voltaria esta noite, e que o levaria, ao cabo das quatro da manhã, a fazer sua cama no divã do escritório ao lado da sala de tatuagem — agora estava pronto. O estúdio fechado lhe dera as condições. E o orgulho que sentia vendo as formas, os desenhos, quase todos em escala de cinza dançarem diante dos seus olhos, só era superado pelo incômodo do que isso — caderno pronto — afinal: significava. Tinha que telefonar.

Além disso, ela tinha mandado mensagem logo cedo, Samara. O celular vibrou duas vezes dentro do bolso da calça, despertando-o e dizendo, de novo, que não podia entregar sua caixa, ou suas coisas hoje, ainda. *Não estão mais comigo* — explicava — *Foi, por engano, junto com a mudança. No carro.* Ele já sabia que ela antes mesmo de olhar o nome no visor. *Eu não consegui impedir.* Então lhe restou telefonar de volta. Apertar duas vezes no botão verde.

— É pelo seio — Jack diz, direto, quando ela atende. — Vi que não há outra maneira possível de se fazer isso.

Não quer mais falar sobre a caixa. Não importa: da outra vez ela não veio porque a cabeça doía demais. Hoje, parece, é porque dói de menos. Não quer falar, mas escuta, pacientemente, ela lhe contar algo sobre os remédios que vem tomando, sobre o alívio que as tatuagens lhe dão. Sobre o namorado ter acabado de sair, batendo a porta, sobre como ninguém entendia... É sempre igual, ele sabe disso. Ele telefona, eles vão discutir a solução para a questão do seio, para o sombreado das costas, para os jasmíns que brotam, em tinta, do braço dela. E ao fim restará a ele resolver, sozinho, o que fazer com isso. O que fazer com eles dois. Apesar dos problemas pessoais, a raiva, as portas batidas, bebês abortados. Sim, e ela concordará. Passaram-se dias, semanas, eles se enfureceram um com o outro algumas vezes e ao fim não importa. É só isso: vão resolver. Vão começar tudo de novo. A exposição de Praga está salva desde então. E, agora desperto, ele abre o frigobar, serve a si mesmo, apesar da hora, uma dose de vodka gelada e pura e começa a falar:

A questão, Jack se põe a explicar, é que os jasmíns-da-índia, que estão no lado direito do braço, têm uma tridimensionalidade diferente dos geométricos das costas. Ele explica, se aproxima da janela do sobrado. Dali dá pra ver a placa Clínica da Dor que levou Samara até ele. É outro ponto de vista, ele diz, também sobre isso: só tem um jeito. Fazer pontilhados muito delicados...

E ela deixa que ele fale agora. Pelo telefone, ele ouve, somente, o chiado da sua respiração, que parece acelerada.

E como fica sua cabeça sem os remédios? — ele pergunta.

Implodindo — ela lhe responde. E completa: —, mas foi bom você ter ligado.

Claro que ele não acreditou. Não acredita, ainda, que estivesse mesmo sob efeito de remédios:

Ele sabe que você vem?

E como aconteceu antes, N vezes, Jack já sabe: vão marcar um horário. E em algumas dessas próximas noites eles poderão fazer sessões de tatuagem, ele vai machucá-la com a agulha, vai desenhar à vontade sobre sua pele enquanto ela contará sobre sua vida: sobre dar entrada no seguro

desemprego, sobre saque do FGTS, o plano de saúde, o quadro do pai doente. Não tem a menor importância porque esse sistema pode durar por dias, por semanas, dependendo da extensão da tatuagem.

E acho que dessa vez — ele disse antes de desligar — achei mesmo a solução e essa do seio — diz solenemente. Como se tivesse descoberto a gravidade — ,podia ser de uma vez só. Numa sessão única, se você aguentar.

Aguentar, neste contexto, ela sabe o que significa.

Desligam. A exposição se salva mais uma vez.

Então Jack olhará o material, as peças para montar, empilhadas. Ela não irá para Praga, mas a exposição se salva, mesmo assim, com este algo inacabado. É assim mesmo, ele sabe disso, sempre foi assim com ele, nunca consegue terminar as coisas: xícaras de café, relacionamentos, exposições. Fica tudo inconcluso, gorado e disso se extrai a graça. Carrega o copo, pela metade até a varanda, senta.

E ela? ela vai tomar um pouco mais daquele vinho, ele imagina, o Sauvignon Blanc que ele deixou pra ela ontem, ou... quando foi? Perfeito, jovem — o dia está esfriando, mas mesmo assim... E depois vai guardar o que sobrar na garrafa na porta da geladeira. Ele repara: uma moça chega e abre com a chave as portas da Clínica da Dor.

Ele não conta que agora bebe quase sempre a mesma vodka. A mesma que beberam naquele hotel, daquela vez em que ele tinha as ideias e ela tinha a pele em branco ideal para o negócio. Desceram de madrugada pelas ruas da cidade. Foi mesmo naquela noite? Ele pagou a garrafa inteira e beberam, caminharam à noite conversando. E da outra vez teve o gosto do Sauvignon Blanc misturado à conversa sobre fractais, e que ficou como uma dessas memórias repetitivas que, constantemente, incomodam debaixo da língua. Ele lhe deu o caderno dias depois, entregou. Disse: Escreve teu nome na primeira folha e ela fez. Samara, ela escreveu, sem sobrenome. Ele termina a vodka, agora, olha de novo a clínica que ainda não abre, passa, de novo, as páginas do caderno. A saída. Daqui por diante é só seguir para baixo a lenta e vertiginosa queda. Não tem mais o que fazer: agora é só cair. Marcaram para este fim de tarde porque ela ia, antes, despedir-se do pai. Ela vai insistir em querer pagar, ele vai, como sempre, recusar o dinheiro dela. Transcorrerá como uma caminhada já delimitada, traçada, com quem contorna vazios e espaços em branco. Cor, linha, sombra. Podia prolongar, mas no fim, não faria diferença. Sessão única é melhor. Está cansado. E ela vai aceitar e terminar de cair.

05:00

Marcelo

Encontrei o comprimido no fundo da lixeira, ao lado do vaso e não disse nada sobre isso.

— Você vem tomar café, Samara? — perguntei, ainda do banheiro. Não ouvi nada em resposta. Dei descarga. Saí.

Saí, pois ela tinha dito “Quero me desfazer de algumas coisas que não servem mais” e também “Não precisa ter tanta pressa, deixa eu olhar as coisas antes de você levar”... Um homem precisa saber o que está fazendo. Precisa saber que o problema com esse “não ter pressa”, como muita gente já sabe, é que ele significa, na verdade: “quero tempo para conseguir um pretexto” ou “quero deixar minhas opções em aberto antes de ir morar com você”. As pessoas são desonestas.

Ontem mesmo recebi um e-mail da editora dizendo que ficava grata.

Sim, a editora, a mulher que decidiria pelo meu futuro inteiro, pela realização ou não de um sonho que eu tenho desde os dezesseis anos. Que ela ficava grata, mas não estavam recebendo originais submetidos por autores, espontaneamente. E dizia ainda: que o cronograma da casa — ela dizia assim mesmo “casa” — estava fechado para os próximos três anos.

E daí é justo, não?

Sim, a princípio você pode pensar: Pelo menos essa daí teve coragem de admitir que não vai ler.

Mas, não. Não tem nada de justo nisso. Eu tinha vontade de escrever de volta dizendo: e se eu for o próximo Fitzgerald? Hein? Será que você não vai se arrepender, depois, de não ter nem mesmo lido?

Saí do banheiro. Samara se espreguiçava parecendo bem disposta.

— Que horas são? — ela perguntou.

Mas é claro que não escrevi este e-mail desaforado para a editora.

— Bem cedo — eu aponte para a janela querendo mostrar que o sol nem tinha nascido.

Ela reparou no guarda-roupa dela aberto, vazio: não escrevi o e-mail.

— O que houve aqui?

Porque em vez disso, passei a noite empacotando os pertences de Samara. Enfiei as panelas em caixas, tirei as gavetas da cômoda e empilhei-as sobre o banco traseiro do carro com tudo dentro. É incrível quantas coisas a gente consegue resolver rápido quando está com raiva. Joguei fora todo o conteúdo vencido da geladeira, que era quase tudo, fiz uma trouxa com os lençóis, tirei a maior parte do lixo. Subi e desci as escadas enquanto Samara ainda dormia e quando tudo terminou, eu estava fisicamente esgotado e com uma sensação de satisfação enorme que só podia ser traduzida assim: pelo menos essa questão aqui já está resolvida.

Foi exatamente o que falei pra Samara quando ela acordou e viu tudo limpo ao seu redor. Ela estranhou a naturalidade com que eu abria as portas do guarda-roupa dela.

— Tudo resolvido — eu disse. — Já empacotei tudo, coloquei tudo no carro. Levo lá pra casa antes de passar no banco.

— Mas, querido — ela fez uma cara engraçada —, eu não tinha dito que...

Dito. Samara diz coisa demais. Se você for dar atenção, ou crédito... Tinha dito, por exemplo, que não tinha nada a ver com essa exposição desse tal Jack (e que espécie de artista usa um codinome desses?), e também que estava tomando os remédios... Mas na hora que eu deitei na cama, depois de ter passado a noite fazendo, sozinho, a mudança dela, depois de arcar, sozinho, pela responsabilidade sobre a sua, sobre as nossas vidas. Eu deitei exausto ao lado dela na cama, e senti um grão, um grãozinho, me incomodando, me impedindo de dormir, entre os lençóis. Enfiei a mão lá dentro pra ver o que era e era um comprimido. Que vaca mentirosa.

— Só isso? — perguntei pra Samara — nenhum “obrigada por ter tido todo esse trabalho. Você foi muito gentil de fazer tudo isso enquanto eu dormia”? — e sorri pra que ela soubesse que essa advertência não era para terminar em briga.

Ela ficou quieta.

— Tudo bem — disse afinal. — Me desculpe.

Pois é claro que esse “não estamos aceitando originais de autores” era desonesto. Isso significa: aceitamos originais de quem tem amigos influentes. Aceitamos originais de quem é nosso amigo. Aceitamos originais que chegam aqui indicados.

— Está tudo no seu carro, então? Aí na garagem? Aí embaixo?

Fiz que sim. As pessoas são engraçadas.

— Onde mais estaria o meu carro?

Mas eu realmente gostaria de saber como, sim, como exatamente, eu vou conseguir uma indicação de alguém. Como se todas as pessoas que tem o poder de dizer isso me dão mais ou menos a mesma resposta com cifras diferentes: “Poxa, cara, não posso te prometer nada. Mal dá tempo de ler os que já tem”, ou “Sinto muito, mas...” Como? Como foi que meteram na cabeça que se ninguém está falando bem de você. Então, provavelmente, você não é mesmo bom. Talvez você nem exista.

— Você não me disse nada sobre a ideia da viagem — eu disse a Samara. Ela me olhou desconfiada.

— Que viagem?

— Eu te falei ontem sobre passarmos um ano viajando.

— Ah, isso — ela veio até onde eu estava, começou a me ajudar com as últimas coisas que eu colocava na caixa: hidratante, óleo de amêndoas, sabonete líquido — achei que era uma ideia ainda a ser amadurecida.

— Bem, não é — eu disse e vi que ela estava, na verdade, tirando as coisas da caixa e devolvendo aos lugares. — É uma ideia para agora — eu vi e não disse nada. — Para o próximo semestre, no máximo. O que me diz? Não acha que seria bom? Não tem mais nada impedindo: você não está trabalhando, eu posso pedir uma licença... Já cansamos disso aqui, não? Vamos para um lugar onde as pessoas estejam vivas de verdade. Onde a gente possa conhecer coisas, conhecer a nós mesmos...

— Querido, assim não sobra nada para eu tomar banho hoje, ainda.

E a viagem foi um conselho de Heitor. Ele foi quem leu meu último conto e disse: é a melhor coisa que você já fez.

Sim, Heitor, meu amigo que costumava andar comigo pra todo lado anos atrás e que dizia, na cara dura, ter preguiça de ler Ulisses, de ler Guerra e Paz, poxa, essas são coisas realmente obrigatórias, eu o aconselhava. E agora, que era ele o escritor publicado, semifamoso, agora ele estava lá dizendo: Faz como eu fiz.

O que Heitor tinha feito? Bem... Nada demais, só abandonado o curso de direito, se mandado com todo o dinheiro da festa de formatura para Buenos Aires, comprado uma máquina de escrever, alugado um xalé rústico. “É só o que você tem que fazer, meu caro: vai por mim. Escreve. Escreve mais disso. Se isola do mundo e faz só isso”. Ele voltou da Argentina com uma barba espessa, uma cara de bêbado e o livro dele virou febre entre adolescentes. Depois entre pós-adolescentes. O último foi premiado. “Pega a Samara, ele disse, já que vocês voltaram, e se manda com ela pra algum lugar que te inspire de verdade”.

Então larguei as coisas do banheiro, bruscamente, dentro da pia. Joguei tudo lá e fui recolher o conteúdo da cozinha.

— Te disse que o Heitor leu meu conto novo?

— Ah.. Foi? E... que tal?

As pessoas são desonestas.

— Ficou empolgadíssimo — eu tentei sorrir, mostrei os dentes. — Disse que foi a melhor coisa que já fiz — só que essa também é uma mensagem cifrada. Você sabe disso. Percebe ainda com mais clareza agora que a diz em voz alta e, poxa, o esforço de ficar animado com isso cansa, deprime ainda mais. — Ah, bem... — murmuro —, sei que você não acha que o que eu escrevo seja importante, mas...

— O quê? — o que me irrita em Samara não é que ela minta, mas que ela ache que pode me enganar.

— Sei exatamente o que pensa, Samara — eu falei logo —, e se quer saber, não tem problema nenhum. Você acha que sou um desses caras de meio expediente, posando de ser artista.

Do jeito que ela me olhou, tão ofendida, nem parecia que vinha descartando os comprimidos e fingindo que tomava.

— Marcelo, de onde você tirou isso?

Soltei tudo o que tinha nas mãos dentro das malas. Biscoitos, meia garrafa de azeite, um potinho de cúrcuma em pó e gengibre seco. É incrível como a raiva te dá energia.

— Ah, eu sei o que pensa! — falei logo. — Não precisa ficar fingindo.

Então fechei a mala cheia sobre a bancada, rapidamente empilhei todas elas, tudo o que faltava, puxei o lençol da cama, deixei o colchão nu. Ela não disse mais nada. Eu fui tomado de novo, da mesma uma onda de eficiência, e saí limpando o apartamento, indo e voltando, enquanto ela se espremia pelas paredes toda vez que eu passava por ela, como se eu tivesse o dobro da minha largura. Eu penso isso. E de repente parece uma boa ideia. Talvez eu devesse anotar: “Quando passo pelo corredor, ela se espreme na parede como se eu tivesse o dobro do meu tamanho. E se isso fosse uma história, uma metáfora, de alguém que descobre, desse jeito que está obeso?”, mas aí me lembro que todos os meus cadernos, que todas as minhas canetas já estavam também lá embaixo então. Abro um saco de plástico grande, empacoto os pares de sapatos, as prateleiras ficam balançando.

— Samara, me diga apenas uma coisa, certo? Foi porque ele é mais bem sucedido? Porque ele viaja?

— Ahn?

E daí eu percebi que minha raiva estava se acumulando das mãos para a garganta.

— O tal do Jack. Não se faça de sonso — eu queria esmurrar as paredes. — Foi o fato de que ele corre o mundo com sua arte que lhe fez querer ligar-se a uma pessoa dessas? Uma pessoa *doentia* dessas?

Então você percebe que ela está olhando pra você como olharia para um cachorro raivoso, ou para um ladrão com uma arma.

— Meu querido — ela falou, muito devagar e cuidadosa — , já lhe disse que não tinha a menor ideia de que ele fosse fazer aquilo.

— Sim — eu confirmo, tento me acalmar para que ela saiba que eu não sou isso. Eu não sou o vilão aqui dentro. A vilã é ela. A mentirosa é ela — Você disse. Mas e aquela coisa do *Escritor de fim de semana*?

Dessa vez eu peguei ela.

— Que coisa do escritor de fim de semana?

— De quando me deu esse livro. Claro que foi uma indireta...

— Ah, Marcelo, pelo amor de Deus. Aquilo foi só um presente.

Me chamou de Marcelo.

— Bem, eu sei que... — respiro fundo, porque ela me chamar pelo nome é o mais garantido sinal de que uma briga está pra começar... — Olhe, eu reconheço que fico apavorado com a ideia de fracassar. Certo? Tem toda a questão do dinheiro. Eu ficaria morrendo de medo de dar um passo errado e ficar com a marca disso pra sempre.

— Bem, talvez uma marca pra sempre não seja a pior coisa do mundo.

Mas, espera, não era disso que ela vivia falando antes dessa coisa toda começar? Que queria viajar, que devíamos ter ainda uma vida interessante enquanto ainda éramos jovens? Que devíamos nos esforçar e correr atrás das coisas que queremos.

— Meu amor, na verdade não estou mais tão certa de que ainda de que somos tão jovens assim...

É exasperador.

— Pois se não foi isso. O que foi então, cacete?

— Marcelo, para de gritar.

Eu não estava gritando.

— Eu não estou gritando.

Eu só estava dizendo.

— É que parece que você não entende, porra.

Ela continuou:

— Meu amor, eu parei, sim? Parei. Ainda que volte a fazer tatuagens procurarei um tatuador diferente. Veja, você também teve uma vida, também foi atrás das coisas que queria, escreveu seu livro... Qual a diferença, afinal?

A diferença não era óbvia? A diferença é que ninguém estava publicando catálogos com meu nome na capa. Dando entrevistas sobre mim. Eu não estava na capa de nenhum caderno de cultura.

— Bem, e ainda que estivesse. Acha que eu atribuiria a culpa a você?

— Antes de a entrevista acontecer — eu disse.

— Como?

Eu não ia dizer aquilo. Ela praticamente me forçou.

— Samara, você mesma disse.

— Não grita.

— Disse que ficou sabendo da exposição antes de ele dar a entrevista, vocês se encontraram na recepção do jornal, pelo amor de deus...

— Marcelo...

— E não fez nada para impedir.

— Marcelo, acha que sou dona da exposição, da arte, de outra pessoa?

— E é porque ele tem talento.

— Marcelo...

— Porque, na sua opinião, ele tem talento —, continuei porque neste ponto nada me pararia. — e deve expor do a quem doer. Você poderia ter tomado providências se não estivesse tão... Se não estivesse tão abobalhada. Você recomendou a exposição pros seus amigos jornalistas.

Então o despertador tocou. Cinco da manhã. Era hora do remédio dela. Eu saí furioso, peguei, a caixa de comprimidos. Eram caríssimos. E atirei nela aquilo com toda a força que a raiva me dava e ela grunhiu.

— Toma essa merda de verdade dessa vez — eu disse e quero ver se dessa vez ela vai ter a cara de pau de jogar fora.

E peguei as coisas nos braços. Eu não estava mais me responsabilizando por mim.

— Marcelo, aonde você vai?

Não dei ouvidos. Peguei as malas todas de uma vez. E saí. Ela quis me impedir. Eu fechei e segurei a porta.

— Marcelo, espera. Eu preciso pegar uma coisa no seu carro.

Tranquei por fora, era o único jeito. Calculei que o tempo que ela levaria pra achar as próprias chaves lá dentro, me permitiriam ir embora, ileso. Um homem precisa saber o que está fazendo e não. Não vai pegar porra nenhuma no meu carro. Desci as escadas, uma mala em cada mão, como se fossem papéis. Joguei tudo no banco da frente mesmo, sentei, coloquei a chave na ignição e bati a porta. Pronto. Está feito. Agora ela não mora mais aí. As coisas estão todas comigo.

Mas, não, não sei porque demorei tanto pra dar a partida. Fiquei ainda um tempo na garagem, o carro fechado, olhando a escada. Ela devia descer *neste ponto*. Devia descer, devia vir atrás de mim, me pedir desculpas. Nós dois tínhamos que ficar juntos. Devíamos ir pra a minha casa agora mesmo e daí treparíamos, conversaríamos. No fim ficaria tudo bem.

Mas ela não vinha. Nada. Nenhum ruído e, nesse passo eu estava começando um processo de chegar atrasado no banco. Puta merda — me ocorreu, de repente — mas que diabos eu tinha feito, afinal?

Voltamos, agora ao momento do teste da leitura: ou seja, por que iniciei este capítulo do ensaio dizendo que a segunda tentativa funcionou sob certos aspectos, mas não era um romance?

Naturalmente, qualquer que seja a técnica que o escritor opte por utilizar, terá com ela perdas e ganhos. Vamos começar com o que minha leitura julgou serem ganhos desta forma.

Primeiro ganho foi que, criando um contraste amplo o leitor pode se desobrigar de procurar uma continuidade de um capítulo para o outro. E criando climaxes particulares, permito que o leitor feche o sentido do que acabou de acontecer e parta para o próximo segmento sem buscar a linha de continuidade.

Esta estratégia, creio eu, gerou alguns saltos de qualidade, sobretudo nos capítulos que têm Marcelo como protagonista. E é porque este foi um dos maiores ganhos sobre a questão dos personagens que prefiro analisar a diferença pelo caso de Marcelo.

Ao trabalhar as unidades separadamente, seu personagem ganhou força. Seu motivo — querer voltar para Samara, ou ganhar Samara de Jack ou ser um heróis — estava perfeitamente alinhado, embora isto tenha ocorrido de maneira acidental, com a forma da narrativa inversamente organizada. Marcelo quer voltar com a ex namorada, Samara. Quer porque é da sua constituição querer de volta sua zona de conforto. Era neste ponto que ele antagonizava com Samara, aliás, desde que surgiu a ideia desta história. Esta,

que era sua fraqueza numa história linear, vira sua mais força e virtude. Resumindo: Marcelo, que estava confortavelmente infeliz na origem desta fábula, quer voltar no tempo e a ordem da trama está lhe permitindo isto.

O ponto de vista escolhido para a sua narração foi a primeira pessoa por diversos motivos. Primeiro porque (e aqui não convém disfarçar) era a mais fácil. A primeira pessoa, como afirma Jouve (2002) nos permite aderir muito mais rapidamente ao ponto de vista do personagem. A empatia¹² é mais imediata, como em um jogo 3D, ou um traje pret-a-porter. Embora, claro, só vá vertir bem às pessoas que vistam aquele número.

Pois, do ponto de vista da leitura, é possível que haja leitores que se sentirão ainda mais afastados do texto quando reduzo a distância emocional e proponho o ponto de vista de Marcelo. O leitor tem todo o direito de não aceitar o papel que lhe é atribuído. Existem textos nos quais não se consegue ‘entrar’. Em geral, não se leem até o fim.

Mas, se como escritores estamos partindo da nossa própria leitura, o personagem de Marcelo, seu ponto de vista era, para mim consideravelmente fácil de operar, ou seja: eu tinha com ele suficientes semelhanças – Marcelo é escritor, é também leitor, eu tinha com este personagem uma certa concordância. E como leitora, vi nisto uma autenticidade que me gerou empatia.

Pelos mesmos motivos, os capítulos que tinham Jack como protagonista enfraqueceram significativamente. As necessidades da história – recriais-se no sentido cronológico, por vezes obrigavam a narrar, por exemplo: onde Jack estava quando sumia do estúdio. Mas, para ele, para o ponto de vista de Jack, a história não era sobre o estúdio. Era sobre seus problemas domésticos. Sobre viver-estar em casa. E, caso isto não fosse exatamente um problema para Jack – e neste caso, não era – a dificuldade de extrair drama era uma importante barreira. Mas que talvez pudesse ser transposta afinal, como relata Gardner esta é uma dificuldade esperada.

¹² Não confundamos, empatia com simpatia. Empatia não significa concordar ou sequer simpatizar com o personagem, mas sim algum interesse de experimentar o mundo sob aquele ponto de vista.

Muito do que é normalmente incluído numa história real ou num romance entra não porque o escritor o deseje desesperadamente, mas sim pela necessidade da matéria: a cena justifica alguma ação posterior, fornece as bases de alguma motivação, revela aspectos do caráter e da personalidade dos personagens sem os quais o clímax projetado não terá credibilidade. Frequentemente, o escritor vê-se ocupado em desenvolver laboriosamente um personagem menor, que jamais teria introduzido na história se não fosse preciso vender o relógio para a bomba de efeito-retardado ou para a tosquia dos carneiros. Frequentemente, o escritor luta com todas as forças para tornar expressiva uma tempestade, não porque se importe com tempestades, mas porque se ela não parecer real ninguém vai acreditar no telefonema de Martha no meio da noite. (p.172)

O problema neste caso talvez tenha sido uma limitação minha como escritora pois tenho com o personagem de Jack uma maior distância no horizonte de referências. E conseguir compreender as motivações mais patentes de Jack não significa conseguir sentir as mais internas. A impossibilidade de alguém com minha história, minhas convicções, minha forma de ver e experimentar o mundo, são também uma impossibilidade de ser Jack, de pensar como Jack. Nesta impossibilidade, só me é permitido então narrar Jack, uma terceira pessoa compouquíssima intrusão e que oferece apenas um relato fenomenológico dos seus atos.

E é aí que a narrativa perde em matéria de romance. Tentar ir ao melhor do episódio para cada personagem é refratar também a unidade narrativa. Dispersar a unidade da ação. Voltando à metáfora anterior: do prédio e da escada rolante. O que eu tinha feito era interditar a escada, colocar todas as atrações no térreo e as enfileirado em salas uma depois da outra, depois da outra, cada porta levando à sala seguinte, sem que houvesse nisso uma coerência interna e fazendo com que muitas vezes o leitor saísse da montanha russa, exausto de adrenalina, emoção, suor, aberto a porta seguinte de calças curtas e dar com uma conferência sobre teoria da relatividade, em uma sala muito escura. Onde lhe obrigam a ficar sentado e prestar atenção na fala monótona de um palestrante.

O choque não é ruim, naturalmente, se fizer parte do efeito que o autor te em mente. Um romance harmonioso pode se fazer tanto de ritmo quanto de quebra de

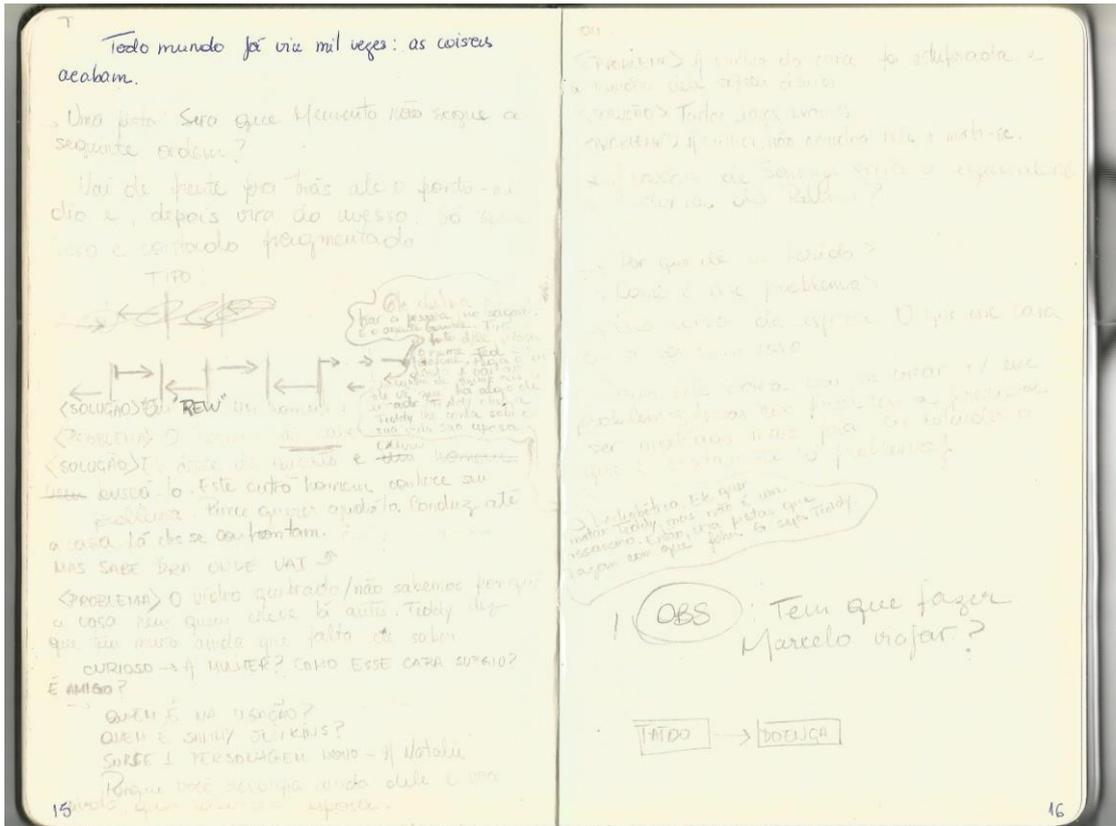
ritmos. Mas, no caso destes capítulos a quebra não ajudava, não contribuía num efeito geral de unidade. E acabava por funcionar um pouco como um livro de contos, que tinham em comum o mesmo núcleo de personagens e mesma fábula. Com o defeito adicional de que, um capítulo dependia do outro. Ou seja, se precisassem funcionar sozinhos, seriam, contos inócuos.

Outro problema que não posso deixar de mencionar: a extensão. Fechar casa unidade em ações que acontecem num tempo determinado, cria uma necessidade de operar quase que unicamente com cenas, sem sumários. Se fosse para cobrir todo o tempo diegético que os personagens precisaram do início da ação: o ponto em que Samara não tinha tatuagens, Jack não conhecia Samara e Marcelo estava satisfeito com suas próprias ilusões, o resultado poderia ser um romance cuja história não justificava sua extensão.

Então quando digo que esta versão funcionou sob certos aspectos, quero dizer consigo entrever ali uma trama passível de funcionar: a da novela, por exemplo. Num espaço diegético menor que cobriria o espaço temporal que vai da primeira separação de Samara e Marcelo até a segunda. Narradas apenas do ponto de vista de Marcelo e produzindo assim o acompanhamento de uma linha emocional e que versava sobre outro tema.

Ou seja: tratando cada unidade da última metade do romance como se fosse um conto, eu conseguiria uma linha narrativa invertida eficiente até a metade do romance. E como isto me fazia lembrar exatamente a trabama de *Memento*, e de *Shimmer Lake*. Se eu progredisse criando duas linhas narrativas intercaladas e que se espelhassem. Percebo que a estrutura que funciona como novela pode servir de base, de linha mestra, para um romance que tenha uma outra linha, a de Samara, no sentido oposto.

Numa inserção do diário de criação, encontro a seguinte análise do enredo de *Memento* representando o sentido direto e inverso a partir de flechas.



Isto levou à considerar algumas possibilidades de inversão e contra-inversão, entre as quais destaco esta abaixo rascunhada:

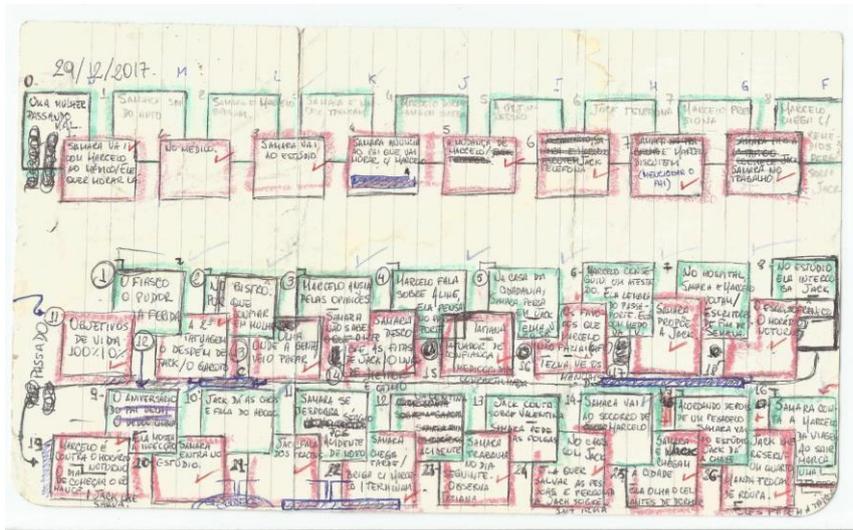


Figura 6: Planejamento de montagem invertida. Papel avulso (frente)

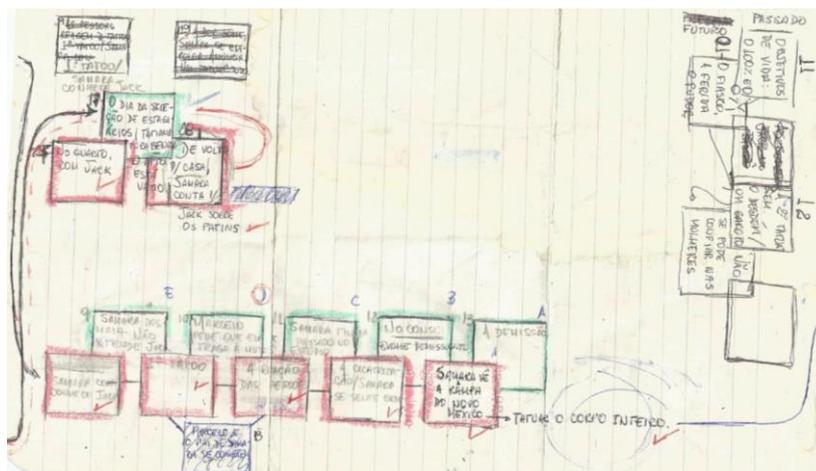


Figura 7: Planejamento de montagem. Papel avulso (verso)

Mas, ao fim, no entanto, uma outra versão foi preferida em comparação a esta. A versão que segue, e que considerei como final. E que segue anexa compoendo a parte criativa deste trabalho. E que resumo em uma sinopse.

3.3. Terceiro teste: Sinopse invertida

No fim dessa história ela é levada pela ambulância no sentido contrário ao que estava querendo ir com uma inútil tatuagem que pretendia afirmar: Escolhi Marcelo, e a certeza de que tinha estragado tudo.

Estragado: Pois neste ponto já não fazia diferença quem ela dizia escolher, o que dizia querer. Marcelo, já sabia que ela tinha voltado ao estúdio, dispensado os remédios. Não acredita mais nela. Ela mentiu sobre o jornal, mentiu sobre seu envolvimento com o tatuador. Isto é o que apontam as evidências. Contra fatos não há argumentos. Ela não justifica. Eles brigam.

Não justifica que precisou voltar ao estúdio para ter certeza de que Jack seria, de fato e para sempre, inatingível. Em algum momento ela tinha achado que podia vir a conhece-lo, podia vir a saber o que estar do lado mais forte, mas agora achava que não. E a raiva que agora ele sente dela: uma raiva polida, gentil apenas anuncia o que o caderno já tinha materializado. Ela abre, folheia as páginas. Estavam acabados. Os dois, como uma dupla estavam acabados. Tinha feito suas escolhas agora era terminar de cair e aguentar as consequências.

Dias antes fora o exame demissional. O médico lhe havia examinado, observado o modo como o seu rosto se contraía. As ausências que ela tinha, que teve “Só estou aqui para dar o atestado demissional” – ele falou—“mas isso não é normal, menina. Deveria procurar um especialista”. Ela foi embora, ligou pra Marcelo, disse que logo chegaria em casa para fazerem a mudança dela. Não pôde deixar de reparar na pena que o médico sentiu dela por estar sendo demitida.

Foi quando as coisas começaram literalmente a cheirar mal que Samara tomou conhecimento da garota. A última tatuagem que fizeram havia infeccionado, da costela dela saía um sumo malcheiroso, típico da infecção por bactérias.

E Jack havia parado de dar as caras no estúdio. Problemas domésticos ele anunciou. Enquanto ela continuava indo pra lá, matando o tempo, esperando por ele. Editando para as tatuagens futuras, fitas de vídeo que trazia clandestinamente do arquivo do telejornal onde trabalhava. E então a garota entra, revoltada, perguntando onde estava Jack. Desconfiando que Samara o encobria. .

-- Você também não é perfeita-- a garota dizia -- E eu sei de você. Sei tudo o que estão fazendo, vocês dois.

Samara então, sob o stress, vê a infecção progredir, Jack continua desaparecido, a garota acha que a culpa é dela e se ela lhe denunciar, se for na emissora e dizer “a arquivista de vocês está roubando as fitas do acervo... Se isso acontecer, estará no olho da rua.

Enquanto ela espera, que Jack telefone, lhe acalme, diga que era um blefe, a garota não sabe de nada... Vai ficar tudo bem, quem acaba telefonando é Marcelo.

Ela confessa que está com saudades. “A gente se gostava tanto”. Ela diz. Ele ainda gosta dela. Ela não entende por que acabaram, porque tinha que ser ou as tatuagens ou ele. Não entende como tudo se estragou tanto.

E no fundo entende. Tudo isso foi porque havia descoberto no arquivo do jornal, o passado de Jack: tinha visto seu rosto, ainda garoto, coberto de estilhaços, de um para-brisas. O carro não resistiu, ninguém mais que estava no acidente resistiu. Jack -- ela havia pensado -- ele era um sobrevivente. Ela viajou junto com ele, porque queria conhecer melhor como é um sobrevivente, mas viajar lhe fez brigar com Marcelo, o namorado. Ela ficou vulnerável, a dor de cabelça lhe atacou e acabou que ao fim, foi Jack que viu dentro da cabeça dela. Ele soube que ela estava doente, lhe levou analgésicos, e acabou, dentro do seu quarto, lendo seus diários. “Você é perfeita”, Jack disse, como se constatasse, se corrigiu: “perfeita para mim, pelo menos. Para o que eu quero fazer”.

Ela chegou a perguntar o que era isso. O que ele queria fazer.

Mas ele não respondeu e ela acabou dormindo.

Quando acordou na manhã seguinte, ele ainda estava lá.

E na verdade tudo começou por causa da dor de cabeça. Quando o médico o décimo quinto médico, pediu mais um exame. E ela se viu na expressão dele, no que ele devia estar pensando: “não vai ter nome”. E não tendo nome, não tinha cura. Estava fadada a viver com dor, já havia ouvido falar nisso, pessoas que vão apenas se debilitando e debilitando... Ela saiu do consultório e vê do outro lado da calçada um estúdio de tatuagem, do qual sai uma garota que poderia muito bem ser ela, com um braço sangrando -- isto deve doer-- mas a dor é inevitável. Ela atravessou a rua.

Decidiu fazer tatuagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É feia. Mas é uma flor. Furo o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

É chegado, então o momento de voltar à metáfora inicial que abriu este ensaio. Desta vez, na forma de uma pergunta: o escritor poderia ser considerado, ao seu próprio modo, um cientista? E o ato de escrever um romance, uma experiência de criação equiparável à invenção da lâmpada ou à descoberta dos antibióticos. Grandes contribuições de gênios criadores?

Talvez coubesse ser mais claros quanto ao que chamamos de gênio, o que chamamos de criação. Ninguém cria algo por querer. Uma criação sempre parte de um problema, uma necessidade. Se primeiro dissociarmos o conceito do ser criativo da grandiosidade das suas descobertas e invenções e o ato da criação pelas suas grandes pequenas conquistas seremos obrigados a reconhecer a importância de invenções mais prosaicas como, por exemplo, um pegador de roupas, um tipo de arames para segurar papéis. O gênio que age procurando resolver problemas pontuais: as folhars estarem soltas, as roupas caírem do varal.

É por este viés que penso que a escrita criativa e a investigação do processo é um grande experimento. Um salto que parte de uma necessidade: do sujeito que lê um livro, que lê dois, que lê dez, cem... até que num dado momento, passa a formar suas próprias soluções, interferir no final de uma história, teimar que neste ou naquele ponto, o autor teria feito melhor, se fizesse de outra maneira. Da sua maneira. Neste ponto nascerá um problema que só poderá ser solucionado quando ele mesmo puser em teste suas convicções, e começar a escrever.

Ao escrever este trabalho, tentar relatar uma experiência criativa, num campo que esta somente agora engatinhando uma saída para além das fórmulas e tentando produzir disto um relato responsável, torno claras as dificuldades da área: faltam referenciais. Faltam termos, sobram metáforas... Enfim há na academia, na produção disciplinada, a mesma escassez de dispositivos de segurança quanto há na arte que se faz clandestinamente. Creio haver nisso uma vantagem. Pelas dificuldades inerentes ao campo, só os artistas mais francos, os que realmente se interessem em descobrir, de

fato e com honestidade, aquilo o que só a ficção revela sobre quem somos enquanto humanos. Os que sabem que quando um artista cria subordinado a conceitos equivocados, o efeito de sua obra, por mais admirável que possa ser, não é o de verdadeira arte.

Para fechar, então a metáfora do romancista com o cientista, restará ainda uma questão, e proponho pensar nas as implicações do princípio de Heisenberg, ou seja, até que ponto o instrumento da descoberta – seja ‘o processo da ficção’ ou o bombardeio do átomo – altera o quadro que se pretendia esclarecer. Os riscos existem. Vários deles, sendo o primeiro, e mais evidente deles, o subjetivismo. Uma suspeita que se mostra permanente pois quem garante que escritor/pesquisador, ao propor uma visão sobre a construção narrativa não está, no fim das contas, apenas privilegiando suas próprias preferências? Até que ponto o viés da confirmação não estaria condicionando proposições e leituras e ao fim revelando muito mais sobre o criador que sobre a experiência.

Outro deles: a salada de Teorias. Cada linha de pensamento e corrente de análise propõe um modo estruturado de ver o objeto de pesquisa. Descaracterizar esta estrutura com o salvo conduto da multidisciplinaridade se feito de maneira irresponsável, pode invalidar todo o caráter da pesquisa, transformar uma área de conhecimento em achismo ancorado em mal-entendidos, um pequeno jogo de crenças sobre os limites e liberdades da produção de ficção, que pode, claro, ter seus adeptos, mas que não é conhecimento, não é ciência, nem é arte. É religião.

No caso deste dito experimento, tentei deixar claro ao longo do relato, os momentos em que estavam presente: minha própria subjetividade, minhas vontades, minha forma de ver o mundo como escritora e a literatura que me interessava. Tentei deixar claro meu ponto de partida: eu tinha os personagens, tinha o conflito, tinha uma crença pessoal de que por causa dos motivos da personagem principal, eu teria problemas para criar um romance interessante. E tinha também crenças: de que uma ideia, quando nasce, possui, em seu estado bruto, todos os elementos necessários para seu pleno desenvolvimento e cabe ao artista lapidar.

Eu, por conhecer minha personagem acreditava que a tomada da decisão dela por se tatuar, o modo como isto aconteceu, poderia ser um momento muito mais

organizador, decisivo e fecundo do que o fim da história, que em todos os cenários (e isto era outra crença minha) só poderiam acabar de maneira insatisfatória mas que este começo só adquiriria seu peso quando conhecido o final.

Portanto, para fechar outra metáfora que permeou todo este ensaio: quis construir a escada para o andar de cima porque suspeitava que podia ser este sentido, contrário à gravidade, o melhor jeito de vivenciar a história. Ao meu favor havia as narrativas audiovisuais que conseguiam provocar este efeito, e contra mim, a falta de evidências de que este formato poderia funcionar na literatura, o fato de não ter ainda adquirido maestria, e também, cientificamente falando a impossibilidade de apontar parâmetros objetivos para responder à pergunta: ‘afinal, o romance funciona?’. E tentei, a partir de tudo isso, criar condições observáveis.

Chego então ao final do relato deste metafórico experimento científico com mais questões do que respostas, é verdade: o que se procura em um romance? O que nos leva a avançar do capítulo 1 ao 2? O que é um romance que funciona? mas também com algumas descobertas, parciais, também. A importância de alinhar a trama ao motivo dos personagens em cena. Que nenhuma situação é suficientemente estranha, na literatura, para ser digna do interesse do leitor se não houver, dentro da próprio universo ficção, algo que codifique este interesse. Que nos direcione a procurar as causas. Seja lá o que for o algo que buscamos de um capítulo a outro, este algo é indissociável dos personagens. Eles, como uma cápsula, um ego experimental, permitem que acoplemos neles nossa humanidade, nossa capacidade de envolvimento.

E se concluí que para revelá-los estamos fadados à regra do jogo e na literatura as ambiguidades e lacunas fazem parte da experiência. Assumir essas lacunas é um jeito, se não de inverter o sentido da escada rolante, pelo menos desligá-la, e deixar que o leitor livre para escolher subir os degraus, sem contudo precisar vencer a escada. .

Assim, a empreitada na tentativa de pegar um romance, tentar invertê-lo, testar formas, descrever o processo. O que revelamos não é tanto um resultado fechado, este trabalho nunca teve a pretensão de estabelecer um modelo, uma fórmula, mas sim revelar alguns pontos do funcionamento da ficção em literatura. Que podem e puderam ser experimentados com ganhos e perdas. De novo: não há receita pronta, nem nunca

haverá, para a criação literária. Mas entender como ela funciona e fazer disto uma segunda natureza é justamente o único meio de prescindir delas.

Quanto a forma final, o romance que escolhi chamar de versão final é aquela para a qual consigo estabelecer os seguintes parâmetros: narrar a história de maneira cronologicamente invertida. Possuir uma coerência interna e legibilidade. Os capítulos se relacionam uns com os outros numa cadeia de causa e consequência e vai do início ao fim com a mesma unidade e assim, ao menos para fins experimentais consigo assegurar: pode não ser bom, mas é um romance.

O resto é literatura.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby ou la Création*. Paris, Circé, 1995
 _____. *The Coming Community*. 4a.ed., Minneapolis, University of Minnesota, 2003
- AMIS, Martin. *A seta do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco. 1996
- ANÔNIMO, Trad. Mamede Mustafa Jarouche. *Livro das mil e uma noites*. vol.1- Ramo SÍrio. 3. ed.São Paulo: Globo. 2006
- ARISTÓTELES. Poética (trad. Eudoro de Souza) in *Aristóteles Ética a Nicômaco*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4.Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991
- BARTHES, Roland. The Reality Effect. In BARTHES, R. *The rustle of language*. New York, Hill and Wang, 1986
- BRESSON, Robert. *Notas sobre o Cinematógrafo*. São Paulo, Iluminuras, 2005
- CAMERON, Allan. *Contingency, Order and the Modular Narrative: 21 grams and Irreversible*. The Velvet Light Trap 58. Texas: The University of Texas Press. 2006, 65-78
 _____. *Modular Narratives in Contemporary Cinema*. New York: Palgrave Macmillan, 2008
- CUBITT, Sean. *The Cinema Effect*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press. 2004
- EGAN, Jennifer. *A visita cruel do tempo*. Rio de Janeiro-RJ: Intrínseca. 2012
- FANTE, John. *1933 foi um ano ruim*. Porto Alegre: L&PM, 2003
- FRANK, Juliana. *Meu coração de Pedra Pomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1997
- GOSCIOLA, Vicente: *Narrativas complexas para a TV Digital: Do cinema de atrações à interatividade in Televisão Digital; Desafios para a comunicação*. Porto Alegre: Sulina. 2009
- HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

HEMINGWAY, Ernest: A arte da ficção 21. In: *As entrevistas da Paris Review*, vol. 1. 1. ed. Trad. Christian Schwartz e Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras. 2011, p.58-92.

HOUELLEBECQ, Michel. O mapa e o território. Rio de Janeiro: Record. 2012

HOWARD, David e MABLEY, Edward. Teoria e prática do roteiro. São Paulo: Globo. 2002

HUSTON, Nancy. *Marcas de nascença*. Porto Alegre-RS: L&PM Editores. 2007

JAMES, Henry. *A arte da ficção*. Osasco-SP: Novo Século. 2011

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

K. DICK, Philip. *Retorno ao Passado*. Lisboa: Editorial Panorama. 1967

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. São Paulo: Companhia das letras. 2009

LEONES, André de. *Como desaparecer completamente*. Rio de Janeiro: Rocco. 2010

LINS, Osman. *Nove, novena*

_____. *Avalovara*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986

LOPES, Denilson. 2012. Encenações minimalistas e pós-dramáticas do comum in: *No Coração do Mundo: Paisagens Transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012

MACIEL, Luis Carlos. *O poder do clímax*. Rio de Janeiro: Record. 2003

MELVILLE, Herman. *Bartleby, O Escrivão*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011

OZ, Amos. In: *As entrevistas da Paris Review*. vol. 1. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p.269-298

PAULS, Alan. História do cabelo. [Ficção] *Revista Piauí*.60, set. 2011. Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-60/ficcao/historia-do-cabelo> Acesso em 27 de junho de 2015

PINTER, Harold. *Traições*. In Teatro II. Lisboa: Relógio D'água editores, 2002, p.115-166

RAY, Robert J. *O escritor de fim de semana*. São Paulo: Ática. 1998.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

VILA-MATAS, Enrique. *Bartleby e Companhia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VARGAS Llosa, Mario. *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Elsevier. 2006

YURGEL, Caio. *Samba sem mim*. São Paulo: Benvirá. 2014

ZAMBRA, Alejandro. *A vida privada das árvores*. São Paulo: Cosac Naify, 2013

_____. *Bonsai*. São Paulo: Cosac Naify, 2012

ANEXOS

ANEXO 1 –

Capítulo sobre Marcelo equivalente ao dia do exame demissional de Samara

– Você tem algum compromisso de carro na cidade agora de manhã? – indagou Samara.

E ele sentiu uma pontada no estômago porque não, na verdade, não. Não ia de carro para a cidade– pelo menos não agora. E continuou digitando suas mensagens em silêncio. Pois à medida que reatavam, ele retomava os encontros com o grupo de Escritores Anônimos. E, se por um lado achava a prática digna de perdedores, não queria que ela soubesse que ele fazia isso, por outro tinha encontrado um jeito ótimo e astuto de manter esses encontros sem nunca ter que falar sobre eles. Uma prática muito simples que consistia em primeiro: deixar o laptop e os capítulos impressos dentro da bolsa que costumava levar para o banco, se vestir logo cedo como se fosse trabalhar, e então bastaria mencionar qualquer encontro ou reunião que de fato ia ter neste dia, depois despedir-se com um beijo.

Ele rolou a barra do visor no arquivo de mensagens onde estava escrito *Seu Mário* e foi nos Contatos por Grupos. Clicou no nome *Escritores Anônimos*, pensando que já ainda estava cedo para ir ao café onde se encontravam. Depois num dos nomes, lá dentro: *Aline*. Ele sentaria bem ao lado de Aline, uma escritora fraca, mas com belos dentes separadinhos, uma voz suave. Ele olhou as últimas mensagens que mandou pra ela. A última datava do sábado: “*Foi uma merda, Aline, claro. Por que você não ficou até o fim?*”

Ela tinha levantado e ido embora no meio da sua leitura no encontro do sábado. Mas ele tinha certeza de que desta vez, com o segundo capítulo, a coisa não seria do mesmo jeito: finalmente cairia na glória de todos, seria aplaudido, elogiado... Não era que pretendesse ainda dormir com Aline. Não mesmo. Não ia mais para a cama com ela desde a noite em que cuidou da febre de Samara. Ali, na penúltima mensagem, da quinta: *Estou no Pronto Socorro do hospital e não vou poder ir para a sua casa.*

– Marcelo?

– Hum.

– Te perguntei se ia para a cidade de carro hoje cedo?

O que mais gostava no seu método de esconder o encontro no café, era que ninguém poderia acusá-lo de estar *mentindo*, ali. Ele simplesmente esquecia. Claro, estava esquecendo naquele momento, (Pronto, esqueci) de mencionar este detalhe. Olhou novamente as mensagens do sogro.

– Vou encontrar com o Heitor– ele respondeu a ela, finalmente, sem desligar a atenção do celular. Não era resposta para a mesma pergunta, mas quem poderia culpá-lo? Heitor era o único entre seus amigos escritores que Samara realmente respeitava como artista e, além disso, ele estava distraído na hora (Acaba que não é muito caro alugar um contêiner).

-- Com o Heitor, logo pela manhã? –, e nesse ponto ele se viu enredado na própria armadilha – Tem certeza que ele vai aparecer?

Pois a ideia era criar uma nuvem de distração para sumir no meio dela e em vez disso, acabou se esquecendo que o respeito de Samara por Heitor provinha justamente do fato de ele ser, na verdade, bastante aberto com ela quanto ao seu trabalho. Do fato de que ele nunca a punha de lado nas conversas intelectuais, sobretudo naquelas sobre disciplina, em que explicou como se orgulhava de escrever sempre pela manhã, como se fosse um compromisso religioso e como era por isso que nunca marcava compromissos das oito até o meio dia. “É o horário que a musa sabe que estou em casa”, Heitor costumava dizer (embora, para Marcelo, essa história toda de “musa” não passasse de uma enganação que tinha muito mais a ver com o fato de o amigo ser um notívago inveterado, cheio de eventos para comparecer: saraus, lançamentos, jantares com editores, premiações, viagens. E com o fato de querer deixar as namoradas em casa e dormir sozinho, e não aceitar que viessem, de manhã, tomar café quando podiam flagrá-lo com outra. Porra, a vida de Heitor era semelhante a de um rock star com menos dinheiro).

--Marcelo?

A partir de agora ia ter que mentir. Tomou consciência disso.

-- O estranho é que foi ele mesmo quem solicitou o encontro. – respondeu Marcelo, percebendo que precisava reajustar o próprio espanto, associar seu nervosismo a uma preocupação com a amigo. – E, poxa, agora que você falou parece mesmo estranho. Será que a musa trocou de turno?

Guardou o telefone. A conversa com o sogro patou bem no ponto que ele perguntava: *E Samara?* – perguntava o Sr. Airton – *Como ela está?*

-- Eu ia lhe pedir carona para o exame demissional – Samara disse. –Daqui tenho que pegar dois ônibus para chegar ao consultório médico. Depois vou ter que pegar mais um para ir para o meu apartamento porque estou sem roupas limpas aqui...

Ele gostaria de responder: Bem ela vai fazer o exame demissional e está sem roupas limpas.

Mas se dissesse isso ao Seu Airton, precisaria dizer também que Samara fora demitida e ele não tinha certeza se podia dizer isso, se ela mesma já tinha contado. E falar da demissão, por sua vez, exigiria dizer que a causa da demissão foi uma doença. E falar da doença lhe fazia sentir culpado. Como se lembrasse o jeito que ela estava ontem quando ele a buscou de tarde, fragilizada, na calçada do prédio dizendo queria mais falar com ele. Nem se deu ao trabalho de perguntar pois não era raro Samara voltar dos encontros com o pai toda amarga, ou toda irritada.

-- Me daria carona até o consultório médico.

E a súbita pontada de culpa que lhe atacava de novo no estômago.

– Não vai dar – ele disse.

E agora não é mais apenas uma mentira. Agora é mentira e negligência. Uma culpa que ele neutralizava com porções igualmente pontiagudas de auto-indulgência. Ora, foi ela mesma quem praticamente me forçou a escrever este romance. Agora, que o fiz, não tenho o direito de colher os aplausos? Seria mesmo justo eu abrir mão dos meus próprios interesses só para ficar sendo babá de uma mulher adulta?— sentiu também uma pontada de medo: e se ela voltasse ao estúdio? Se voltasse atrás daquele tatuador como um viciado volta a subir o morro? Porra, isso podia pôr toda a reconciliação a perder.

– Marcamos de encontrar no Parque e é contramão.

E era bom, porque justamente o medo lhe daria o salvo conduto para mentir um pouco, com a nobreza dos que apenas querem equilibrar os pratos: *Essa coisa dela com esse tal tatuador sempre cheirou mal, pra mim. Não estaria devendo a ele algumas mentiras?* E além disso, qual o problema de ir de ônibus? Que tipo de pessoa pode ser tão mimada a ponto de não poder pegar ônibus como todo mundo?

Se apressou em dar contado, o dinheiro para três passagens de ônibus e saiu antes de ser tentado a desistir. Mas se tinha uma coisa que ele sabia sobre mentiras era que uma vez que você começa, tem que ir até o fim. Se ele desistisse (a história já tinha soado bastante estranha) se mudasse a gravidade dos fatos agora e sugerisse que, sim, que fossem juntos ao médico, fariam o demissional, tomariam um belo café caramelo, subiriam juntos ao apartamento dela, trepariam exorcizando qualquer terceira presença antes do almoço... Se ele fizesse isso tornaria mais confusa ainda sua própria história e ela acabaria recuando. O que há de errado aqui? – ela perguntaria – por que sinto que tem algo que soa tão sinistro?

Então fechou a porta do apartamento atrás de si: não queria ser pego exatamente por se arrepender e fazer a coisa certa como naquele *1933 foi um ano ruim*. Ou quando, no filme *Os Incompreendidos* Antoine Doinel, é preso justo quando tentava fazer a coisa certa. E, na verdade, pensando bem as duas histórias eram quase plágio uma da outra com esse desfecho, não?

--Ah eu nunca assisti *Os Incompreendidos* – Aline respondeu arfante, os peitos pulavam pra cima e pra baixo por cima do decote da blusa. – Mas o Fante eu li e achei fantástico! – ela dizia num fôlego final, com a intimidade enervante dos fãs. – Você também acha ele fantástico?

Não tinha gozado, ela. Tinha gemido, tinha insistido, cavalgando sentada sobre ele, mas em certo ponto, claro, ele não aguentou mais, esporrou sem controle dentro de sua boceta lisa. Era uma das maiores fraudes da literatura, o tal do John Fante, ela chegou a fingir antes que o seu o pau de Marcelo retrocedesse completamente: a meiabomba inofensiva daquela década, era isso o John Fante representava. Era confortável, e ela tombou de lado, era confortável, mas disfarçada de subversiva. Todo aquele fetiche em cima da pobreza, do pobre escritor sofrido com seus amores impossíveis, e mulheres nuas. Marcelo pensou, mas já pacificado da estadia dentro de Aline, não disse nada disso, não protestou, não respondeu sua pergunta. Ela levantou a blusa cobrindo os seios.

-- Mil novecentos e trinta e três é um livro doído.

E mais uma vez, ele não tinha mentido. Ela se aninhou em sua coxa, ele permaneceu sentado. Olhando o quarto, pensativo. De qualquer forma, o cinema tinha interpretado melhor aquele olhar que o menino, apanhado em delito, dá para seu mundo ao ver tudo desmoronar ao seu redor. A perda da inocência. Ele pensava: é a perda do estatuto do inocente para o de criminoso, de culpado. E neste ponto, por algum motivo a boceta negligenciada de Aline, exposta, também lhe pareceu triste, ele estava ficando comovido, estava querendo chorar e o quarto de hotel, aquele tom doentio de salmão nas paredes, não estava ajudando, o celular vibrava, ele sabia que era o sogro. Mas enxugou os olhos e lembrou que não mentia.

-- Os Incompreendidos...

Não mentia porque tinha proposto para Aline que fugissem para um lugar sossegado, para discutir literatura. Porque estavam ali, agora mesmo, justamente, discutindo o Fante dela e isso era literatura? E ele estendeu a mão. Olhou a tela do visor. Samara: 1 ligação perdida.

– E qual é o lance com esse seu ex-sogro mandando mensagem? – Aline lhe perguntou, sem nem levantar a cabeça que repousava na coxa dele. Ela estava agora em posição fetal, deitada em seu colo, a boceta ainda exposta.

– O seu Airton? – perguntou sem corrigir o termo “ex”. – O seu Airton manda mensagens porque é um senhor sozinho. Além disso, acho que ele sempre quis ter um filho homem. Ou talvez só tenha se apegado a mim.

Já no filme *Os filhos do paraíso*, o menino olha para os próprios pés e chora.

-- Ah – ela disse. Depois se endireitou, sentou na cama. Procurou as próprias roupas. -- eu adoraria ajudar pessoas idosas...

A raiva que ele sentiu de Aline, de repente, era descomunal e incompreensível. Foi por ela ter se referido ao sogro como idoso?

-- ...O problema é que nunca soube como.

Ou por ter pensado: “e lá vem ela de novo”. Pois como era possível? Como era que alguém poderia não saber como ajudar idosos? Ou crianças, ou refugiados dos países de guerra. Como? Na certa havia abrigos aos montes precisando de quem apareça para dar uma mão, e ela, se fizesse isso, faria melhor negócio por si mesma do que cair na história mal contada dele de ir prum quarto de hotel discutir literatura. Faria melhor negócio com isso do que lendo John Fante. Como ela podia não saber que uma rápida busca no Google indicaria milhares de endereços.

--Bem, ainda que eu olhasse os endereços, ficaria sem jeito de aparecer sozinha – ela disse, parecendo tímida apesar de ter se livrado da própria calcinha com uma rapidez fenomenal – Você iria comigo? Me ensinaria a fazer isso ou conhece alguém que faça?

Ou talvez seu ódio era porque a voz dela soou humilde e suplicante: era a voz de uma mulher que estava ainda seminua, que sabia estar sendo preterida, que secretamente sempre soube que ele não tinha esquecido a ex-namorada, e que, ainda assim queria sua companhia, sua ajuda, seus comandos, seu pau. Porque sua vontade mais súbita era, claramente, passar-lhe um sermão, dizer: Aline, me escuta: o que aconteceu hoje não vai acontecer de novo, tá? Não que eu não goste de você. Você é uma boa garota e tem que procurar alguém que realmente te mereça. E paralisado, voltou a olhar a tela do celular.

-- Vou tomar um banho – disse.

Pois se ele fizesse isso, se lhe desse um sermão, dissesse, porra, eu estou sendo um sacana contigo, você não vê? Ela certamente se magoaria, sairia chorando, perguntando por que ele não gostava mais dela. E embora tudo isso fosse horrível, ele sabia que era horrível, aquilo longe de pôr fim à relação, só grudaria Aline nele ainda mais: É você está certo, ela sempre lhe dava razão, Mas como eu posso mudar isso? E pediria: Me ajuda a mudar isso. Pois esse sermão, esses conselhos, eram justamente o que ela queria nele. E ele teria que dizer, não, garota, não é nada com sua aparência, e se sentiria culpado porque, porra, ela era gostosa pra caralho, Pode falar, ela perguntaria triste, é por causa dos meus seios? Eles passam uma imagem errada. E ele ia ficar de

novo de pau duro, ficava sempre de pau duro quando ela se depreciava. É por causa do meu cabelo? Das minhas roupas? E quando ele saiu do banho, ela estava vestida.

-- Desculpe – ele pediu sinceramente e ela sorriu porque não entendeu o motivo.

-- Eu estou um pouco tenso de ficar aqui – ele estava sendo sincero outra vez, se levantou para vestir as calças – Sabe, foi covardia minha ter fugido do encontro com o pessoal dessa manhã e me sinto culpado por ter trazido você nessa fuga. Eu estava com medo de que destruíssem meu texto, frase a frase, como fizeram da última vez...

--E u sei muito bem como é aterrador – ela concordou -- Também fiquei apavorada no dia que iam ler o meu.

Ele lembrou do texto dela. Uma historinha sobre uma garota que ia fazer compras e que era intimidada pelas vendedoras, mais ou menos como na cena de *Pretty Woman* quando a personagem vai comprar roupas na Rodeo Drive. Na verdade, as personagens de Aline tinham uma tendência colossal a caírem, tropeçarem, a se passarem por idiota, apesar de serem sempre descritas por um termo do tipo “Ele notou de cara que ela era diferente das demais”, e sempre tinha esse Ele, como havia sempre um Ele que lhe dava esta posição de “diferente”, embora, nas ações, esse “diferente” nunca chegasse a se justificar: elas eram garotas perfeitamente comuns, liam livros, iam para a faculdade, sentiam-se sozinhas, esperavam o momento de algo fantástico lhes acontecer e não eram excepcionais em praticamente nada, de onde vinha, então, o “diferente” das demais? Ele tinha se perguntado como perguntaria isso na hora das críticas, sem parecer ofensivo.

--E meu nervosismo foi tanto – ela continuou -- que fiquei com enxaqueca e no dia não pude mesmo ir. Ela lhe acariciou o rosto.

-- Bem, eu não sei se enxaqueca e nervosismo tem relação um com o outro. ..

Mas antes que ela perguntasse “Acha que não? Acha que pode ter sido então algo que eu comi de errado enquanto estava nervosa?” ele perguntou:

-- Você leu mesmo o meu capítulo – ele perguntou,-- podia me dizer o que achou dele. Se achou bom, se achou ruim?

Ela soltou o rosto dele, olhou para os próprios pés, as sapatilhas vermelhas que calçava.

-- Bem, eu não sei criticar os textos da maneira como os outros fazem... Sou meio leiga nisso e não sei nada de narrador diegético ou extra-diegético. ..

-- Não tem problema -- ele insistiu -- por favor, sua opinião é justamente a que importa.

Ela continuou calada, ele insistiu dizendo que os outros do grupo, os que sabiam o que era narrador extra-diegético, se compraziam em ser cruéis e não construtivos.

-- Diga com suas próprias palavras.

Eles derrubam o texto dos outros para sentirem-se mais confortáveis com os seus, mas Aline não. Ela não tinha esse tipo de maldade.

-- Só diz se achou chato, maçante... Se achou idiota e não conseguiu chegar ao fim...

-- Eu cheguei até o fim – e ela pareceu dizer aquilo como se lhe escapasse. – Peguei, não consegui soltar e achei triste– concluiu.

-- Triste? – ele se levantou, liberou- a se levantar da cama – mas como assim, triste?

-- Triste, ora.

-- Você quer dizer que é sofrível?

-- Não, quis dizer triste mesmo – e ela pareceu se impacientar nessa hora. – Quero dizer que eu até chorei.

Não era uma crítica muito apurada, mas ele se deu por satisfeito. Na verdade, talvez tivesse pressionado demais e ela parecia estar prestes a chorar agora mesmo.

-- Pode de deixar em casa? Eu tenho aula agora de tarde.

Ele lhe abraçou como se dissesse ‘Ei, foi só um livro, já passou’. Então o celular vibrou de novo.

-- Claro. Eu também estou atrasado. Disse, Preciso ir para o banco.

Aline morava numa casa de muros altos, com cerca elétrica. Ele parou o carro bem na frente, puxou a alavanca do freio de mão. Ela olhou pra ele antes de descer com um meio sorrisinho, demorou um pouco a abrir a porta do carro, procurando as chaves na bolsa enorme.

-- Se cuida, tá? – ela disse, depois saiu, acenou pra ele sumindo pela porta – até mais.

Seria bom acreditar que Aline sabia, mesmo que ele não tivesse dito, que o tinha acabado de acontecer entre eles foi uma despedida e que era por isso que ela dizia esse “Se cuida” e acenava. Ele engatou a primeira e saiu dali ainda pensando naquele “Eu até chorei quando li”, procurando significados escusos. Podia significar que o texto não era enfadonho e sim comovente. Queria também acreditar, também, que Aline, quando leu, não tinha associado à figura dele, de Marcelo, a psique do personagem sem nome, obcecado pela ex namorada. Virou à esquerda, que ela não tinha associado Samara à personagem da ex-namorada mutante e, sobretudo, ele pensou por fim, que não tivesse se reconhecido no papel da garota com quem o protagonista ficava. A triste personagem retratada como uma pobre coitada destituída de qualquer atrativo, usada pelo protagonista unicamente como um band-aid sentimental que tinha praticamente se oferecido à força pra ele quando na verdade ele a tinha cortejado um maldito mês inteiro. Ele pegou a avenida principal na direção do banco, passava das onze da manhã, e ele esperava que ela não lesse como reais os fatos de que se ele se masturbava na sala vendo fotos da ex, enquanto a garota dormia, de como ele traçava constantemente comparações entre as duas e como a ex parecia sempre melhor pois era mais generosamente descrita. Esperava que não, o sinal estava vermelho, porque se ela entendesse desse jeito, então ele não seria mais uma vítima das críticas do grupo, implacáveis que diziam “isso é pura masturbação ególatra”, ou “Pura prosa auto-indulgente”. E depois o sinal abriu, ele seria, deste modo, apenas uma pessoa cruel que expunha ao grupo a intimidade de uma garota que não lhe fizera nada de mal e para quem ele continuava mandando capítulos, forçando-lhe a ler cada detalhe dos sentimentos dele por outra pessoa. Mas, pensando bem, se fosse assim, ele virou a direita, na garagem do banco, e o vigia abriu o portão, talvez isso significasse que seu texto não era exatamente ruim como eles disseram no encontro do sábado. Ele estacionou na vaga embaixo da goiabeira. Se fosse assim então cada crítica que recebeu nada mais era senão um protesto a favor do decoro, era um coro de solidariedade em relação a Aline, mas a arte não deve fazer concessões deve?

E depois ele saiu do carro. Recebeu outra mensagem que vinha do sogro. Ignorou e entrou no banco. Tentou retornar a ligação para Samara, mas dessa vez foi ela que não atendeu. se Samara atendesse ele ia perguntar: Acha que John Fante foi influenciado pelo filme de Truffalt? E independente do que ela respondesse, ele sabia

que ela tinha lido o tal 1933 enquanto estavam separados. Sabia, ele tinha visto o exemplar, um pocket book, fuleiro, estava esgarçado e cheio de grifos – ele nunca conseguiu fazer ela se interessar por literatura – e quando ele folheou o livro, quando foi na casa dela no domingo e o livro tinha uma dedicatória que dizia “Com carinho, de Jack”. E ela não atendia. Porque ainda independente de ela dizer “É possível, pois o livro foi publicado em 1985, e o Fante devia ver mesmo muito cinema, já que trabalhou com isso”, ou se dissesse “mas não sei quando o livro foi escrito”. Ele ao menos saberia se estavam bem. Saberia pelo tom dela, se ela tinha ido encontrar Jack e saberia, isso era o principal: se ele continuava inocente.

Por favor, atenda.

Ele tinha que continuar sendo o inocente.

Mas, puta que pariu, ela não atendia o telefone de jeito nenhum.

Às três da tarde, quando encontrou com Heitor, a insistência nas ligações deixou o amigo desconfiado.

-- Cara, por que essa necessidade tão grande de falar com ela, agora?

Ele ficou impaciente.

-- Quero saber se está tudo bem.

O que poderia ter acontecido de mal que ele ainda não tivesse sido informado ele não sabia dizer. Tinha argumentado, então, que Samara não estava bem de saúde. Que ele ficava a cada dia mais preocupado. Tinha arranjado pra ela esses remédios fortíssimos, que davam alucinações e tudo...

-- Mas se ela está medicada. Relaxa.

-- Não relaxo. É este o problema.

Ele tirou uma caixa com tarja vermelha da bolsa. Ela se recusa a tomar o remédio. Me devolveu na maior cara dura. Você não imagina o trabalho que me deu conseguir isso aqui pra ela. É uma droga das boas.

Do jeito que Heitor olhou com pouca curiosidade para a caixa. E isso devia significar que não é o tipo de droga boa para escrever.

-- Olha, se eu não conhecesse vocês, diria que estão claramente se traindo.

-- Traindo?! – ele tentou não soar nervoso demais, guardou o comprimido na bolsa -- Por que diz isso?

-- Porque ela tinha ligado pra mim de manhã, querendo falar com você.

Ele fixou os olhos em Heitor.

-- Eu disse que você já tinha saído, e ela pareceu satisfeita. Mas, ei, da próxima vez é melhor me deixar avisado se quiser que eu minta junto com você.

-- Ora, eu não menti – disse para Heitor. -- Ela provavelmente se confundiu do horário do nosso encontro. Só isso. Ela te pareceu desconfiada? Foi esse o problema?

-- Não, mas parecia estranha. Queria saber se estava tudo bem com você.

-- Ela queria? O que você disse?

-- Disse que sim, que estava tudo bem. Mas por que diabos estão tão preocupados um com o outro? Porque querem tanto saber se estão bem?

. Neste momento ele soube que assim que saísse ia direto para o apartamento de Samara, o banco que se fodesse. E mais ia aparecer lá querendo casamento mesmo, papel passado, eles iam viajar, iam ter lua de mel. Grandes erros pedem grandes redenções. Ele quase foi descoberto, mas não tinha importância porque nunca, nunca

mais ia fazer isso, nunca mais ia ver, sequer passar perto de Aline. Ele ia mudar, ia ser mais generoso, compreensivo, ia levar ela de carro, apoiar que ela voltasse a estudar.

-- Ah, Heitor, é razoável se preocupar...

E uma nova mensagem do sogro apitou em seu telefone.

-- E você leu ou não leu o meu livro, afinal?

-- Não, mas eu li o conto.

-- Ah.

-- E é um conto muito bom. Você está evoluindo. Só tem que investir mais tempo nisso.

Infelizmente, ele não estava mais dando importância (por que ela se preocuparia com *ele* estar bem?) estava apenas começando a sentir-se nauseado. Enojado.

-- Você acredita mesmo nisso, Heitor? – Marcelo quis saber -- Acredita mesmo que eu deveria investir mais? Que tenho futuro? Olha só pra mim. Eu já estou nos trinte e tantos.

E nisso olhou para seu próprio prato, para a porção enorme de lasanha gordurosa, desejando ser capaz de acreditar no que Heitor dizia sobre ele e seu trabalho. Sem conseguir evitar que cada elogio soasse como insulto, que cada observação fosse falsa e os conselhos viessem esquivos. Ele se pegou desejando não ter faltado o encontro com os escritores fracassados. Pelo menos assim teria críticas reais com as quais se amuar.

– Você está prestando atenção no que digo? – perguntou Heitor. – Você parece estar ficando com mais raiva a cada elogio que te faço.

– Desculpa – respondeu Marcelo.

Ele largou os talheres no prato, olhou para Heitor, teve aquele tipo de nostalgia, um vislumbre do tempo em que os dois andavam sempre juntos. Das vezes em que Heitor cuidou de seus acessos de fúria em público, como lhe tinha tirado de várias situações francamente suicidas, a náusea trazia, inclusive a sensação salgada do dedo de Heitor em sua garganta lhe obrigando a vomitar os dez comprimidos de aprazolam que tinha tomado certa vez. Agora mentia para Samara e esta foi a última vez que Heitor lhe salvara a pele, para no final lhe incentivar, Cara, tu é um escritor talentoso. Ele lembrou de como Heitor sempre acreditava, no começo que era Marcelo e não ele mesmo, o destinado a fazer sucesso. E como tudo isso foi desaparecendo ao longo dos caóticos anos de sucesso de Heitor. Ele foi ficando com vontade de chorar de novo.

– Cara, o que foi? – Heitor perguntou pondo a mão inteira no seu ombro.

– Tenho a sensação de que isto é o fim das coisas e não o início delas – disse a ele – você está aí falando que eu tenho futuro. O futuro já ficou pra trás, como no livro, como no conto que eu escrevi, entende?

E Heitor provavelmente entendeu.

– Meu velho, é possível que você esteja certo – ele disse afinal –, é possível que isso aqui já tenha dado o fim, mas enquanto não apagarem as luzes, enquanto ninguém aparecer com a vassoura e mandando a gente vazar, a gente continua aqui, e continua tentando se dar bem, é esse o espírito, não?

Ele achou a ideia interessante. Pensou: e se eu for um fantasma? Ou um zumbi.

-- Enquanto estivermos aqui a gente continua a função, certo?

Então ele dirigiu com pressa, até o apartamento de Samara, não sem antes passar numa pizzaria e pedir o sabor preferido dela, e não sem antes se prometeu cuidar dela,

fazê-la tomar os remédios, ia tirá-la daquele apartamento cretino, cheio de pessoas cretinas, de fantasmas cretinos, livros cretinos, faria ele mesmo a mudança desde que ela dissesse sim.

Então foi por isso, por nenhuma outra razão que ele quando foi ao mercado da frente comprar água (ela não tinha uma só gota de mineral em casa) pediu as caixas. Foi por isso. Por todos os eventos do dia que se misturaram dentro dele culpa, perda, inocência, e que viraram um nó que ele queria dissipar conversando com Samara. Que ele ficou sozinho na entrada, esperando a mulher que disse “só um minuto”. Foi por isso, e porque precisava parar de sentir culpado que ele viu uma chamada na capa, o ícone pequeno, no jornal dizendo Brasileiro no Salão de Praga destaca-se com tatuagens. Ele nunca precisou ler o nome.

-- Senhor? – Disse a mulher com a pilha de caixas – Está tudo bem?

Ele sorriu, sem jeito, pegou as caixas empilhadas, voltou para o apartamento onde Samara já tinha, de novo pego no sono. Decidiu, que não.

Não, isso, definitivamente, não pode ser o fim. Ela ressonava, tranquilamente sobre a cama, estava dormindo. E finalmente chorou. Já era o fim. Chorou enquanto Samara ressonava dopada de remédios, enquanto Aline provavelmente chorava também, lendo o terceiro capítulo do romance. E a noite avançava com o planejamento de interpelá-la, afinal, como que ela tinha mentido tão descaradamente dizendo que nem sequer eram amigos? Olha lá: ela posava nua pra ele. Por acaso estava pensando em ir com esse sujeito para Praga? Sabia que ia ter que pedir explicações, que ia encurralá-la desta vez, ia virar uma briga, ela ia dizer um monte de mentiras de novo, mas enquanto ela não acordava ele continuaria sem saber quais. Quais mentiras ela precisaria dizer para não foder com tudo o que ele tinha planejado de tão bom para os dois?

ANEXO 2

Capítulo narrado por Marcelo equivalente ao momento da infecção de Samara

A melhor maneira de prever o futuro, e olhando para o passado. Quero dizer, da primeira vez que o carro enguiçou, também chovia.

Marcelo com o carro parado no meio da principal forçou o motor mais umas cinco vezes. Debaixo da sinfonia de buzinas atrás dele. Ele girava a chave, fazia careta, ouvia de novo o som débil do motor que não dava a arrancada. Idiota. Babaca. Pêm. Pêm. Pêm. Nessa hora eu penso que vou ter que ligar para alguém, vou ter que pedir ajuda para sair dessa e é só então que percebo o celular descarregado e a agenda inteira de telefones se esvai. Só tinha uma pessoa que eu tinha o número de memória: Ela.

— Sua ex-namorada? — Hermano perguntou — Samara?

Ele vinha reforçando, ultimamente, o termo “ex”, lhe parecia. Pois Marcelo muitas vezes ainda se referia a ela como se falasse de uma namorada atual. O termo “ex” era estranho. Remetia para ele uma porção de outras moças com quem tinha tido relacionamentos muito superficiais e que ele mesmo tinha terminado. Já o nome “Samara” este ele evitava com um pavor esquisito. O nome Samara, por exemplo, este ele passou a reforçar só no último mês, com o intensificar de um estranho efeito colateral do rompimento, Marcelo vinha desenvolvendo um tipo de pânico do nome. sendo pronunciado perto de si, por exemplo, quando ouvia uma conversa paralela, quando via sites de filmes de terror, se o visse escrito num contrato qualquer do banco, no nome de uma correntista, ele sentia o coração acelerar e suores... “Ela”, então. Ele dizia assim, com um olhar, um enfoque especial, e não precisava mais do que isso. Ela: Hermano entendia. Quando passou a ficar claro que sua situação era completamente outra: outros compromissos, outros hobbies, outro apartamento, nova rotina. Não tinha mais disposição para ver as séries que viam juntos, não queria ouvir as músicas que ouviam ir aos restaurantes que frequentavam...

— É. Samara — ele repetiu didaticamente — Minha ex-namorada.

A situação eles já podiam ver era aquilo que nas várias sessões, com abordagem cognitivo-comportamental, citalopam e Apraz, aprendido a reconhecer como o Jogo da Reconquista. Para Marcelo, fazer tudo diferente, arrumar um apartamento, começar a escrever feito um louco, mudar os restaurantes, mudar de vida, e até mesmo o ato de não ligar, de não escrever pra ela, eram, na verdade, uma forma de se pôr mais perto. De afirmar que estava mudado. Tinha construído sua superação, passo a passo, esperando que, num belo dia ela entendesse como o mundo era incrível perto dele. Se conseguissem, então, mudar o objetivo de Jogo da Reconquista para Jogo da Vida, então isso seria, por si só, a cura de sua obsessão. Não que Hermano dissesse coisas desse tipo “cura”, “obsessão” nem lhe perguntava seus sonhos ou falava sobre seus pais. No consultório, eles sentavam um diante do outro em poltronas muito confortáveis, pretas.

— Nunca trabalhou com um divã?

— Eu prefiro assim. Nesta posição em que estamos, não há desconforto que eu leia ou anote coisas aqui, em sua ficha, você também anota as suas, há contato visual, muitas informações que são passadas pelas expressões...

— Você às vezes anota aí outras coisas? A lista do supermercado, por exemplo?

— Não — ele disse. — Não gosto de fazer listas de supermercado.

Era uma coisa curiosa para um psicólogo cognitivo comportamental admitir.

— Achei que vocês fossem fãs de listas — Marcelo disse.

— Não necessariamente.

Marcelo tinha no colo um caderno universitário cheio de listas, de tabelas, tarefinhas que Hermano lhe mandava fazer, mas no de hoje, na tabelinha de hoje, havia cinco colunas: situação; pensamento imediato, reação, sentimento, intensidade, pensamento alternativo. A situação então era essa: com o carro enguiçado no meio da rua, Marcelo tinha imediatamente pensado “achei um motivo decente para ligar pra Ela. O sentimento: esperança, felicidade, e daí, todo o resto: descer do carro, discar o número, ignorar as buzinas, ele nem conseguia mais ouvir os insultos. Na verdade, estava tão focado, tão seguro, que, quando confrontado sobre como fizera para encontrar um telefone público, nem conseguia lembrar se realmente fora necessário algum esforço. O negócio simplesmente estava lá. Como se fosse o destino.

— Talvez fosse o meu dia de sorte.

Mas antes do enguiço, ele vinha tendo um dia francamente ruim: o despertador tocar berrando. Acordar mau-humorado, de ressaca, e perceber só no chuveiro que estava sem xampu, a pasta de dentes estava no fim, você sai do chuveiro para o quarto e ainda emboladas numa mala grande, todas as suas roupas (limpas e sujas) estão amassadas e você precisa cheirá-las, uma por uma, para saber qual ainda está usável. Então você ouve a porta, Aline chegara do mercado com duas sacolas dizendo que não tinha nada pro café na geladeira. (Não, ela não foi embora. Não saiu, sorrateiramente, no meio da noite como bem seria conveniente) e agora ele seria obrigado a dar bom dia, tomar café da manhã juntos, lidar com o contrangimento pós coito, e deixa-la em casa, quando já estava atrasado.

Mas agora, depois de decidir ligar, os mesmos Idiota, Babaca, e pêm pêm pêm, todo aquele cenário palpitava de desafios interessantes: Na frente um agradável café vazio, o supermercado ficava ao lado... Quer dizer: ele era o jogador entrando no Cassino e a sorte estava claramente ao seu lado. E quando ela chegou na Biz vermelha, com um mecânico na garoupa, parecia disposta a se deixar levar. Tinha cortado os cabelos, sorria.

— Mil desculpas— Marcelo explicou assim que ela desceu — Eu apenas parei no sinal e desde então está aí, apagado. Foi preciso empurrá-lo para que saísse do meio da rua.

Comparando com antes, dava pra ver que o cabelo dela estava mais curto, ela parecia um pouco mais magra, também. Vestia jeans, jaqueta de mangas compridas, e mesmo assim dava pra ver tatuagem nela: lhe chamou atenção, sobretudo, algo como uma partitura musical que acompanhava o desenho das clavículas.

E quando o mecânico chapinhando as sandálias em umas poças da calçada, girou a chave na ignição, o motor funcionou perfeitamente. Ele ainda abriu a tampa do capô...

– Não há nada errado com este carro – ele disse – está com a revisão em dia?

Teve a impressão de que aquilo poderia estragar todos os seus planos.

— Estava realmente apagado— Marcelo diz para ela. — Samara, sei exatamente o que está pensando, mas eu lhe garanto que não lhe chamaria aqui se houvesse outra opção.

—Está tudo bem — ela amenizou — é igual comigo. Com minha dor de cabeça. Sempre passa no dia do exame.

Ele lembrou das dores de cabeça dela com uma nostalgia estranha. Desculpou-se ainda mais enfaticamente agora.

— Ora — ela disse parecendo impressionada com algo — Você parece, na verdade muito bem.

E ele chegou a sentir sua pontuação crescendo, os números aumentando no jogo da Reconquista. Agora podia chamar logo para um café, se oferecer para pagar um favor. Para recompensá-la.

—Entendo —, Hermano interrompeu. — Já sabemos que a mera expectativa de se mostrar mudado para a Samara lhe anima a ponto de fazer você considerar um problema desses: seu carro quebrado, o dia de chuva, a falta no trabalho, as buzinas, o celular... uma grande dádiva. Mas a pergunta é se você pensa nos motivos que levaram vocês a terminar.

Ele olhava aborrecido para Hermano. Gostaria de dizer que não há nada mais natural do que ficar animado ao saber que vai rever alguém de quem se gosta. Que terminar um relacionamento amoroso não significa que os dois precisam virar desconhecidos completos, Não era uma pessoa rancorosa.

— É claro que eu penso nos motivos — mentiu.

O que Hermano, no entanto, parecia incapaz de entender era que isso não significa que eu quisesse passar todos os dias, até o fim da vida sem ela. Precisava dela, Precisou dela no passado, para pôr a própria vida em ordem, precisou dela na segunda, quando o meu carro enguiçou...

— Na verdade, o que descobrimos, é que você consegue se virar muito bem, sozinho, não é? Sabemos disso por causa do apartamento. Do seu romance.

Hermano usava, sempre que podia, seus progressos contra ele.

— Você disse que foi morar com Samara porque não conseguia arrumar um apartamento decente, mas na verdade, em menos de uma semana procurando, você achou um apartamento muito bom, não foi?

Na semana passada o Clube do Escritor designou aos seus membros o exercício de fazer um conto que se passasse no futuro. Andróides, máquinas, distopias, mundos paralelos, Marte, qualquer uma dessas coisas era uma possibilidade e tudo o que ele conseguiu foi escrever que “No fim Ele e Ela ficam juntos”. No fim, num futuro daqui a sei lá, uns vinte ou trinta anos, ele pensou: então eles já estariam de novo juntos. Hermano disse que a forma mais garantida de prever o futuro de alguém era avaliando o passado dela.

Então claro que quando Hermano dizia que a forma mais garantida de prever o futuro era olhando para o passado, queria insinuar que eles dois, ele e Samara, já terminaram mal antes e que uma vez postos juntos de novo, iam acabar mal de novo. Mais de uma vez Hermano havia sugerido uma proximidade entre a personalidade de Samara e a personalidade da própria mãe: sempre pintando o mundo colorido para o seu

bem, sempre pronta a vir no mínimo sinal de choro, fazendo-lhe sentir indefeso, diminuído. Marcelo havia em todas essas vezes girado devagar o volante numa outra direção. Estavam ali, os dois juntos, para reescrever uma história de recomeços. A bela jornada pela qual ele era obrigado a passar aprendendo a reerguer seu próprio mundo, correr atrás dos sonhos que lhe eram caros: .Viajar pelo mundo, . Aprender a beber, Publicar um romance e ser um celebrado autor jovem. Era para o bem daquele pacto que ele mantinha Hermano longe de questões como essa: sua mãe, por exemplo. Ele ainda se lembra da casa dela, de quando tiraram dois caminhões de lixo de lá antes de manda-la para um lar de idosos que ele continuamente não conseguia visitar e o tempo ia ficando curto.

— Basta você olhar o seu caderno, Marcelo. Você traçou metas, se empenhou. Não é esta a sua definição de uma pessoa feliz?

Mas o que a maior parte das pessoas, e evidentemente Hermano, também não percebe é que no Jogo da Reconquista há desafios, estímulo, há um antagonista do outro lado, um prazo, um beijo feminino na linha de chegada. Era fácil dar tudo de si neste cenário. Mas se transformassem isso no Jogo da vida, todos esses estímulos se esvairiam. Não tem mais ninguém na linha de chegada, nenhum antagonista, ninguém perde e isso é apenas outro jeito de dizer que ninguém ganha. Daí é só a Vida. Nisso ele já tinha falhado muitas vezes.

No café, Samara já sabia que ele ia pedir um latte caramelo antes mesmo de terem olhado o menu. E sorriu, sozinha quando ele perguntou à garçonete se tinham algo neste sabor.

– Ainda não enjoou disso?

Tinha sido a descoberta dele do ano passado, ele ainda lembrava exatamente como tinha começado: o café que servia bebidas geladas incrementadas com espresso. De como o gosto por aquilo evoluíra para as bebidas quentes, de como isso foi determinante quando ele escolhia uma cafeteira (“quero uma que faça não só café, mas capuccino com caramelo”).

– Talvez disso aqui eu nunca enjoie – comentou quando as xícaras chegaram, fumegantes. Ele perguntou sobre seu trabalho, se estava ainda no turno da noite.

— Quem me ligou nesses dias foi o seu pai — Marcelo disse — Queria saber algo sobre tipos de cerveja.

— Cervejas? — ela pareceu espantada — Meu pai?!

— Era para uma receita. De pão. Ou talvez frango...

– Bem, ele continua obcecado com isso da comida. Gasta uma nota em ingredientes caros, frescos, gordurosos... Virou o rei da manteiga... Eu não sei... Será que é certo se nutrir assim? Nessa idade? Eu vou te contar, isso me preocupa.

– Claro. Você sempre se preocupa– ele diz, rindo – mas há mais no seu pai do que você pensa. Ao fim, talvez ele esteja mesmo ganhando mais vitalidade aprendendo todas essas coisas novas. Você já provou? Já comeu algo?

– Sim – ela disse – biscoitos com gosto de leite de magnésia.

Ele riu jogando a cabeça para trás. Ela acrescentou:

— Mas o cheiro era de baunilha.

– Mas e como está *você*? – ela quis saber.

- Encontrei um apartamento muito bom na saída da cidade.
- Ora, mas que notícia boa...
- Sei que sempre achou estúpido isso de morar longe do centro, mas... – Ele fez um meneio, indicando o telefone que eu segurava na mão – era uma chance dessas imperdíveis. Um apartamento grande, dois quartos, varanda...
- Quartos bons?
- Sim, na verdade, ele é bem espaçoso – diz – eu te mostro qualquer dia, você vai adorar conhecer aquilo.

Foi no dia que o pai de Samara, telefonou convidado Marcelo para o jantar de aniversário “Não sei como vocês ficaram”, ele disse, “mas, se achar conveniente, seria um prazer para mim recebê-lo no jantar de formatura”. E, foi justamente com essa pergunta: “É conveniente?” Que ele fez quando ligou para Samara depois de meses separados. “Seria *inconveniente* se eu realmente fosse?”. que Hermano veio com essa de que o futuro está no passado.

Ele tinha certeza de que, se estivessem juntos lá em uma festa é sempre uma festa: eles beberiam, conversariam, dariam risada... A forma mais garantida de prever o futuro era considerando o passado – ele soube disso numa conversa com o psicólogo -- e, por mais que o psicólogo provavelmente quisesse lembra-lo que ele e Samara já deram errado antes, bastava seguir por esta mesma lógica, e daí, veja: a maior prova de que se sentiriam atraídos um pelo outro numa festa e poderiam acabar na cama era o fato de já terem se atraído antes. Ele perguntou: Você não pretende levar este seu amigo... Este seu... tatuador para a festa, pretende? Ao passo que ela respondeu: Jack? Ele chegou a ter medo da frase que viria a seguir, mas ela disse: Ele é meu tatuador, só isso. E embora tivesse admitido, que no seu caso, ser o tatuador não era ser pouca coisa. Diss também que Não, que Jack, o tal Jack, não era seu amigo. Por que eu levaria meu tatuador para o jantar de aniversário do meu pai?

—Eu pretendia dizer que não iria, de qualquer forma — Marcelo falou. — Ia dizer que tenho um encontro com o grupo de escritores, que não podia ir.

—E você disse isso?

— Não deu tempo. Quando voltei do banheiro ela já tinha pago a conta, falava no celular e pareceu, subitamente, estar com pressa, como se tivesse uma emergência para resolver...

Ele empurrou a caixa de lenços na minha direção. Eu pensei rapidamente em tudo o que tinha pela frente: preciso comprar um presente de aniversário, preciso de uma roupa limpa, imprimir o romance...

— Por favor, não pergunte qual foi o meu pensamento imediato.

E soluçava, ouvindo claramente, o tic tac do relógio.

ESTRAGO

Versão na ordem inversa

8H11.

QUINTA-FEIRA

O ônibus para e abre as portas diante da universidade.

—Ninguém sobe — eles dizem — tem uma mulher passando mal aí dentro.

Está quente e abafado lá, as pessoas se comprimem e se arrastam para fora do coletivo. “Uma mulher sangrando e passando mal”, dizem, “Abram espaço” ou “Tem que virar a cabeça dela pra cima”. Eles a conduzem para fora e a multidão vem junto. Duas senhoras assumem o posto de guardiãs, histéricas, e um segurança com o emblema da instituição, fala através de um walkie-talkie.

—Na saída principal— ele diz —, do outro lado da Ipiranga.

Muita coisa está acontecendo no entorno. As pessoas formam filas e reclamam da demora.

— Por favor, gente, vamos dar espaço para que ela possa respirar.

Dizem queixas (Sabe há quanto tempo eu espero o T1? — uma voz de mulher — Há uma hora e quarenta minutos!) e uma terceira pessoa abana a doente com um catálogo de farmácia. Quando o motorista da ambulância e mais outro se aproximam. Ambos estão cobertos de uma camada fina de suor que lhes dá uma aparência diabólica e brilhante. Assobiam, com estridência, uns para os outros. Ele fica quieto e esconde o papel na sua mão.

“Tatuagem?”, diz um deles, para a mulher desmaiada. Engancha os polegares nos bolsos da calça, transfere todo o peso do corpo para um dos lados e ela revira um pouco os olhos.

— Tatuagem? — ele disse pra mim.

E eu queria responder algo curto e preciso, mas não tinha certeza de haver entendido bem a pergunta. Demorei demais, porque o sujeito que havia falado ergueu os olhos para o céu e, plantando as mãos nas barras do alicerce, concentrou sua atenção na porta da ambulância que parava ali. Ela se abriu, o paramédico saiu de lá mascando um chiclete e aparando uma prancheta contra o quadril.

— O que houve aqui? — perguntou pra mim. E foi bem na hora que me abriram o casaco e descobriram meu corpo seminu por baixo dele. Estranhamente, eu fiquei feliz por dois fatores. Primeiro por ter escolhido um soutien e calcinha sem furos, antes de sair de casa agora há pouco. E segundo, porque minhas tatuagens, pelo menos nessa

situação, me tornam muito menos nua e vulnerável do que estaria, por exemplo, se isso tivesse acontecido antes.

— Jesus Cristo... — ele disse como se lamentasse; O soutien estava empapado de sangue e tinta. Ele olhou para as minhas tatuagens, a da costela tinha voltando a cheirar mal repentinamente — , o que deu tão errado pra você, moça?

QUARTA-FEIRA

Ligou pela manhã, tinha ligado, no dia anterior para dizer de novo, que havia encontrado um jeito para a questão da costela.

— É pelo seio — ele diz — Temos que começar com sombreados muito discretos.

Eu já sabia que era Jack muito antes de ver seu nome no visor. Das janelas basculantes ainda dá pra ver o carro arrancando. Eu me escoro na quina para lhe ouvir, vendo o carro arrancar e cantar pneu rua afora.

— Ele já foi? — Jack me pergunta.

— Sim— Minha cabeça ainda dói, eu procuro os hematomas recentes — Acabou de sair, na verdade.

— É pelo seio — diz de novo. Repete.

E com a pressão cada vez mais forte a comprimir os dentes... Eu já sabia, penso. Da outra vez foi a mesma coisa, e é sempre igual: a solução para a questão do seio, para o sombreado das costas, para os jasmims que brotam, em tinta do meu braço. Eu concordo. Ele passa dias, semanas, desaparecido. E ao fim é a mesma coisa: Vamos começar tudo de novo. Sentindo o olho direito inchado até o ponto da pálpebra cobrir metade da íris, carreguei o telefone na energia e sentei ao lado do aparelho. Eu já estou salva desde então.

A questão, ele vai explicando, era que os jasmims-da-índia, que estão no lado direito do braço, têm uma tridimensionalidade diferente dos geométricos das costas. Explicou: é outro ponto de vista. Disse também que sobre isso só tem um jeito: pontilhados muito delicados. Eu deixo que ele fale. Eu olho para o apartamento vazio de móveis. Achava que pareceria maior quando tirasse os móveis, mas não. Agora ficava ainda mais nítido o seu tamanho. Vinte e dois metros quadrados. Eu olhos as parede descascadas, a luz do meio dia encher o ambiente: Salva, por antecipação. Eu penso. E pelo meu silêncio, ele quer saber:

— E a cabeça? — me pergunta.

— Implodindo — eu lhe respondo. E completo: — foi bom você ter ligado.

Ele não aceitou. Não aceita. Sempre que lhe falo da cabeça, dos remédios, sempre que lhe falo dessa coisa toda, ele se cala. Ainda está puto.

Desligamos.

E como aconteceu antes, N vezes, eu já sei: vamos marcar um horário. E em algumas dessas próximas noites as minhas dores que nem são dores vão desaparecer. Vai durar por dias, semanas, dependendo da extensão da tatuagem. Por dias, semanas, não terá importância: dar entrada no seguro desemprego, no saque do FGTS, o plano de saúde, e mesmo o pó que entra pela janela, esse intolerável pó que enche Marcelo de alergias e o apartamento de espirros, mesmo isso não terá importância.

O som dos carrinhos que vendem CD's pirateados, os gritos das brigas dos vizinhos, o frio, a umidade virando bolor. Não tem importância. Acho que dessa vez, ele disse antes de desligar, achei mesmo a solução. Diz solenemente. Como se tivesse descoberto a gravidade ou como se...

Eu já estou salva. Eu sou assim: me antecipo às coisas como quem confessa tudo, em pensamento, na sala de espera do psicólogo e quando chega a sua vez (Próximo) não tem mais nada a dizer. Nada a analisar. Resta procurar uma roupa. Qual escolher? Qual ele quer que eu ponha?

Devíamos ter dividido tudo em várias sessões curtas e enrolar aquilo por dias, semanas, meses, mas nenhum de nós dois estava mais disposto. Eu cheguei antes. Tremendo de frio, enfiando na porta a minha chave. Não demorou. Pela janela eu o vi entrar no prédio e lembrei do que havia me advertido: Vai doer.

Tirei o casaco.

Parecíamos vir de lugares completamente diferentes. Eu tremia de frio, usava um cachecol de linha, mas Jack estava usando uma camisa comum, com as mangas dobradas até o antebraço. Eu voltei. Eu voltei-me para a porta ele entrou me olhando o rosto em vários pontos específicos: as bochechas, a boca, a área dos olhos, o cabelo.

— Esta umidade... — reclamei.

E eu sorri, mas os cantos da minha boca tremiam. Ele não sorriu de volta. Fechou os olhos, numa piscada muito lenta. Eu sabia: ia doer. E não veio até onde eu estava, ancorada à janela, só me olhou com algum carinho que me pareceu inadequado.

— Veio andando? — perguntei. — O trânsito parece tão ruim agora...

E sim, tinha vindo. O ônibus atrasado, parado no meio do congestionamento. Eu me desvencilhei do olhar de Jack. Do peso do jeito silencioso dele. Desenlacei o cachecol do pescoço como se, de repente, houvesse pressa. Perguntei pelo caderno, mas não funcionava assim e não adiantava tentar apressar as coisas. Ele encostou-se onde eu estava e ficou me observando.

— Está tudo bem? — me perguntou.

— A cabeça — eu disse a ele. — Queria começar logo.

Ele tirou o caderno da bolsa e me entregou.

— Bem... — entabulou um suspiro daqueles longos que dá pra ouvir da outra

sala e disse —, veja com cuidado.

Disse: como se houvesse algo no jeito de eu ver que pudesse mudar o que ia ali dentro, fazer doer menos. Sentei no sofá de dois lugares. Ele ao meu lado, me ajudou com o cardigã deslizando-o delicadamente pelos ombros e tocando minha pele com as pontas dos dedos como se me tivesse tatuado em braile.

— Fico arrepiada assim — explico. Me desculpo.

O arrepio altera os desenhos, eu sei. E eu me desculpo pela pele cheia de bolinhas e pelos pêlos que deviam ter sido depilados a laser antes disso tudo começar e que agora é tarde.

Mas para Jack não é só o desenho, a tatuagem, mas a vida que há por trás daquilo.

— Não importa — retrucou. — Estou adorando — porque o arrepio é a vida e é justo o que deixa isso tão...

Você encontra nas páginas do moleskine de Jack todos os desenhos e esboços de cada uma das tatuagens que carrego na pele. Estão lá: os fractais que tenho nas costas; os arcos que os ligam aos ossos da bacia, está ali: a ave de asas abertas em minha clavícula. Passe as páginas do caderno de Jack. Puxe os vários pedaços de mim.

— É tão incrível — eu digo.

Este caderno doeu em mim. Cada microperfuração, cada poro. Eu sangrei este caderno inteiro. Mas Jack continua despindo o resto da minha roupa, descobrindo sua obra, eu, com cuidado, perícia, profissionalismo.

— Vire-se — ele pede. — De frente para mim, por favor.

Obedeço. Ainda concentrada no caderno. Passa diante de mim: um grafite, os padrões que fizemos no começo do mês: meus olhos percorrem as curvas, caminhos. Ele abre os botões da minha camisa, o fecho do soutien. Abre-os, afasta-se e, de pé, olhando para mim, põe o queixo para trás até a maca. Até escorar-se nela.

Eu continuo folheando. Ele desvia o olhar de mim. Vai doer.

— Está completo — digo. — Você não me falou que estava completo — insisto. Jack está me olhando. Confirma com a cabeça.

Então é isso.

— Está completo — repito.

— São só esboços — ele diz.

E eu sinto que algo, não só o caderno de Jack, chega ao fim. Que agora talvez possamos conversar e dizer algo para finalmente acabarmos.

Sinto uma coisa. Uma tristeza. Uma lucidez tremenda, um desamparo.

— Agora já sabemos, então... — digo — já sabemos como termina.

— Sabemos.

Eu sinto uma coisa e gostaria, precisaria, poder me emocionar ou expressar algo por Jack, para seu traço, para sua cara também desamparada perante o mundo, para a mortalidade dele em minha pele.

— Jack...

Será que consigo fazê-lo entender, fazê-lo alcançar? Jack, precisamos dar um jeito de você entrar na minha cabeça e saber que tem essa coisa, entende?

— É. Eu sei — ele diz — somos muito parecidos, afinal.

Sim, somos. Já estamos sozinhos desde já.

— Vai doer — ele diz.

Sei que vai. Eu confirmo. Vamos começar logo.

É preciso esclarecer que da primeira vez que vejo Jack eu não tenho como ter ideia de que seja ele o tatuador, sequer que fosse artista. Embora possa concluir, claro, pelo seu modo de se vestir – um blazer esportivo sobre camisa, óculos com armação de acetato, um cabelo bem cuidado – que fosse um homem refinado e, por mais feminino que isso possa parecer, um homem de bom gosto. Enfim... Não dá. E dá menos ainda para dizer que de cara eu tenha me sentido ‘atraída para seu universo’. Não é assim. Não se antevê universo nenhum daqui de onde estou às cinco da tarde, numa padaria-lanchonete de esquina, a não ser o mastigar de salgadinhos pelas pessoas à minha volta, a compra categórica de pães das primeiras fornadas e o fluxo de gente indo e voltando, quase todos os clientes oriundos dos hospitais e laboratórios que ficam aqui perto – enfermeiros, técnicos, familiares de doentes. Daí esse homem entrar aqui e me chamar atenção. Jack me chamar atenção. Por quê? Bem...

Bem antes do horário marcado para a tatuagem, eu já tinha descido do ônibus, na principal. Tinha consultado o relógio (quatro e quarenta), percebido que era cedo. Fiquei fazendo hora, nesta padaria. Eu não tinha almoçado, me recomendaram ir bem alimentada. Então, pouco depois de eu ter sentado aqui com uma empada de frango e uma limonada fresca, Jack entrou, pela porta lateral, como o desconhecido que era, eu ouvi pedir, por favor, uma carteira de cigarros e a partir daí fiquei observando ele abrir a embalagem, fumar o primeiro deles. Está lá, ainda. Eu o observo: seus olhos comtemplam a brasa do cigarro fumado, ele esmaga a bituca, com empenho na borda da lixeira. Então ele olha para mim, direto nos olhos. E antes de ir embora, antes de

tomar a mesma direção que vou acabar tomando em seguida, meneia, de leve, a cabeça como se fôssemos senhores distintos, da mesma classe social que, educadamente, se cumprimentam.

Eu nem retribuo, nem finjo não ter visto.

É isso. Quero dizer: mesmo que tenha dado pra ver a tatuagem, a máscara chinesa no pescoço, e mesmo aquilo sendo um paradoxo curioso à elegância clássica do seu vestuário, o que realmente me chamou atenção foi algo nos seus gestos, nos modos. Uma coisa aristocrática, andrógina, e que me remetia à imagem de Yves Saint Laurent e então é um exagero deduzir que eu tenha me sentido, desde a primeira vez atraída por aquilo. Não importa que tudo o que aconteça depois acabe me desmentindo.

Porque depois estaremos olhando para isso aqui retrospectivamente, vamos querer imputar que já no primeiro olhar, esse que ele acabou de me dar, que nele já estava contido tudo. Tudo o que estamos destinados a construir, a compartilhar ou matar. Que esse olhar contém as viagens, os desenhos, as mortes que virão depois... Somos sempre tentados a ver as coisas assim. Mas ainda que o façamos, que digamos: “mas esse olhar duro, obstinado e ao mesmo tempo irremediavelmente solitário, já era, de cara, ‘aquilo’, ou, por que mais eu me encheria de ideias como esta: de um Yves Saint Laurent, destinado a revolucionar, em busca da modelo adequada para vestir o seu smoking?”. Mesmo que façamos isso, temos que admitir: eu não tenho como saber.

Convém dizer que isso não me é incomum. Que eu observe as pessoas em geral e lhes atribua desejos, sentimentos, falhas, passados... Eu sempre faço isso. Eu as observo nas calçadas pra me distrair, para odiá-las com mais propriedade... Depois

esqueço. Eu, com meu tédio sanado, vou embora e esqueço a história toda. Se lembro desses devaneios específicos, sobre Jack, é mais porque – e isso nunca tinha acontecido antes – mesmo depois de ter ido embora, pagado a quiche. Mesmo depois: quando abri a porta e entrei no estúdio de tatuagem, quando esperei minha vez, etc, etc... Tudo isso eu lembro ainda porque depois de tudo é ainda uma surpresa estranha que ele, o Yves Sait Laurent da padaria, esteja atrás da porta vermelha que abro, no estúdio, usando uma capa branca por cima do terno esportivo, e uma máscara cirúrgica. Ele foi parar bem na minha sessão de tatuagem.

– Ah, aí está você – eu digo como se reconhecesse um velho amigo.

E ele concorda.

– Sim. Aqui estamos nós — seriamente — Vamos começar?

E tudo o que vier depois, portanto, se for contado com uma ênfase mística: duas pessoas que nunca se conheceram e sim se reconheceram, como predestinados a viverem juntos uma coisa enorme, almas complementares, Dalí e Galarina, Paul e John – o que houve de verdade foi isso. Nada de mais. Só o de sempre: um jogo fortuito de pequenos acasos associado a um momento especialmente frágil de minha parte: a primeira tatuagem. E daí por diante eu me forço, deliberadamente, a não esquecer nenhum mínimo detalhe daquele dia.

INVERNO

Inverno

Todas as atividades, mesmo as mais emocionante, ilícitas e contraventoras chegam ao seu momento de tédio — pensei nisso ao buscar no sistema a localização das fitas do dia — e eu me lembro que estava, naquele dia, usando o computador do meio, e com dor de cabeça, quando comecei, muito incomodada, a reparar num mau cheiro. Funguei mais forte. Telma estava do outro lado do arquivo.

— Está sentindo isso?

Ela virou a cadeira dela na minha direção, deu duas cheiradas no ar que só lhe fizeram levantar os óculos que escorregaram pela base do nariz. Depois deu de ombros. Fez que não. Cheiro nenhum. E voltou a digitar no computador, completamente absorta no trabalho que fazia. Eu virei na direção do teclado.

Roubar, é um exemplo clássico dessas coisas. No começo, da primeira vez que você faz, há uma inebriante impressão de poder, doses e doses de adrenalina despejadas na corrente sanguínea.

— Você tem certeza? – insisti.

Adrenalina é o melhor analgésico do mundo.

— Quer dizer, não é um cheiro constante, mas às vezes, parece que o vento traz.

Meu corpo todo doía, não apenas a costela que cicatrizava da última tatuagem...
– Hum. Pois eu podia jurar que subiu um mau-cheiro.

— Deve ser do ar condicionado – ela chutou, ainda concentrada –, ninguém limpa isso nunca.

Então eu agora tinha de levantar de onde estava, enganar Telma, enganar as câmeras, ir até as estantes...

– É algo assim como o de... Sabe bicho morto?

Fingir que o problema é o cheiro. Isso estava me dando um cansaço imenso.

Abrir a porta sanfodada que dava acesso às fitas.

Foi por isso que, antes de fazer qualquer coisa, eu abri a gaveta da minha escrivaninha, tirei dali uma aspirina botei na boca.

— Você tem biscoitos? — Ela finalmente parou de digitar e olhou pra mim com interesse — Quero dizer... Lembra que o Seu Almeida Campos tá por aí hoje.

Com a diferença que dessa vez o mau-cheiro é real.

— É um fedor orgânico, sabe? — eu falei — um rato morto, ou comida velha...

Telma ainda alternava entre olhar meu rosto, minha gaveta..

— Não. Não tenho biscoitos. E não tem medo do Sr. Almeida Campos entrar aqui e sentir esse cheiro?

— Se eu não sinto, ele também não vai sentir.

— Você não sente porque não respira fundo. – eu disse e ela. Entrei no arquivo.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Já está perguntando—eu resmunguei.

Vasculho o pó no setor B. Eu odeio o setor B.

— O que está fazendo com as fitas do arquivo?

Isto é meu coração acelerando.

— Como assim?

— O Sérgio te deu uma tarefa especial e eu sei que pra essa tarefa você tem usado as fitas do arquivo...

— Ah isso. Nada de mais. Já te mostro.

Hoje o jeito é enfiar a fita no meio das outras, as certas, as que eu já tinha que catalogar mesmo. E Telma continua com os olhos colados na tela...

— Estou separando os casos mais famosos para contar a história aqui do Maior Arquivo do Telejornalismo.

Eu voltei a me virar na direção da tela, mas então, assim que me virei, senti de novo o mesmo mau cheiro.

— Agora você sentiu! – perguntei. – Agora você *tem* que ter sentido?

Mas ela estava ficando com amuada.

— Você tem sido estranha

Ora é claro que estou estranha. Tem um bicho morto aqui. E se o Senhor Almeida campos descobre...

— Ah vamos. É porque estou me sentindo mal — foi o que falei.

Ela parou de novo de digitar, olhou pra mim, meio sorridente:

— Então o problema deve ser em você – ela disse exatamente desse jeito. Muito séria.

— Como assim?

— Sentir cheiros que não existem.

Mas foi algo no jeito como ela disse “em vocÊ”. eu acabei percebendo, na mesma hora, que a umidade dentro da minha roupa era maior que o normal. Todas as evidência se iluminaram juntas num insight de constrangimento.

Pois no exato momento em que ela falou foi como se eu já soubesse desde antes a causa. Foi como se eu reparasse instantaneamente que meus movimentos eram os gatilhos que faziam o fedor disparar. Puta que pariu: eu fiquei dura diante do computador. Puta que pariu – pensei – O cheiro vinha de mim. E então eu paralisei na cadeira. Será que alguém notou? E movendo apenas os dedos para digitar no teclado, Será que a Telma notou?

Custaram exatos cinco novos assuntos puxados (Como está se saindo o estagiário novo?), para que eu finalmente me decidisse. (Que dia, exatamente, ela ia se formar?), Para me sentir confortável em deixar a cadeira, (Quantos arquivos vieram do Bom Dia?), para eu sair do Dedoc tentando não mover demais o dorso (Algun deles era de homicídio?), e ao mesmo tempo tentando parecer natural (Sérgio tinha ligado, já, pra ela?). Eu atravessei aquele corredor que contornava todo o complexo: a redação do impresso, a redação do Portal, A redação da TV, Salas das chefias, para finalmente chegar ao corredor dos serviços, (então ultrapassar o bebedouro, a sala dos cinegrafistas) e entrar, quase que desesperada ao banheiro. Tranquei a porta.

Eu comecei abrindo os botões da camisa. Eu não quis acreditar, mas neste ponto, já não havia a mínima dúvida: O cheiro mais horrível que eu já tinha sentido na vida vinha de mim mesma. Tirei a segunda pele de nylon. Havia alguma coisa supurando da minha costela, da tatuagem feita por Jack, que cheirava quase tão mal quanto foi má a sessão que tinha resultado nela (eu sabia que estava doendo demais e sabia que aquilo estava errado, mesmo assim, não soube o que dizer quando ele falou que estava se divorciando. “Você é uma mulher incrível”, ele tinha dito e eu não sabia se estava sendo condescendente. Mas ali estava eu: o cheiro, a aparência péssima que a coisa tinha vista do espelho. É difícil explicar o tanto que fiquei com medo.

Então, meu único ímpeto foi lavar aquilo o melhor possível. Eu não sei. Não sei se esperava que aquilo cicatrizasse por conta própria. “Você deve ter relaxado, só isso” — eu disse a mim mesma — Pois se Jack visse aquilo eu voltaria à minha condição mortal, voltaria aos consultórios médicos, faria exames, e eu não queria mais fazer exames.

A além disso, Eu só precisava de um pouco de tempo. Era só até que a exposição ficasse pronta, eu pensava. Bastava que conseguíssemos decidir quais as próximas tatuagens, descobríssemos o processo, então eu teria tempo, teria todo o tempo do mundo para convalescer, fosse de dor de cabeças, infecções, inflamações — do mesmo modo que negociava com o trabalho: é só uma fase .

O que era mais ou menos a mesma explicação que eu dava no trabalho: vai valer a pena — eu fazia eles acreditarem. Eu só estou com uns problemas para achar o tal arquivo.

Abri a bolsa. Tudo o que consegui encontrar lá dentro foi uma pomada hidratante, um rolo novo de filme plástico, um pacotinho pequeno de protetores diários de calcinha.

Bem, vai ter que servir, eu pensei, juntar os quatro absorventes e grudando-os numa placa de filme plástico que eu prendia ao dorso como se fosse uma cinta. Ao fim, joguei a segunda pele no lixo, guardei tudo, limpei a bancada, lavei o rosto e, antes de sair, eu me olhei, ainda no espelho, bem de perto.

Tudo igual – eu disse a mim mesma checando o aparecimento de qualquer ruga nova, qualquer traço tenso – Sim, eu continuava a mesma. Ninguém diria, de olhar pra mim, que eu havia virado um monstro. Além disso...

Sim, além disso: eu coloquei a bolsa no ombro esquerdo. Saí, como se nada tivesse acontecido.

Foi só um incedente isolado.

Peguei o ônibus da emissora para o estúdio mais cedo. Reforcei a dose de aspirina e trabalhei, como se nada tivesse acontecido, duramente na edição dos vídeos da exposição.

— Quando ele vai voltar a dar as caras aqui? – a garota, entrou pela porta do estúdio com jeito de que já tinha ido ali umas outras tantas vezes, mas eu não reconhecia seu rosto.

— Perdão?— eu trabalhava a edição dos vídeos no computador da recepção —, no que posso ajudar?

Ela queria saber de Jack e eu também não sabia.

— Quer que eu veja a agenda dos outros tatuadores da casa?

Ela começou a rir e eu me assustei. Tive medo que ela estivesse rindo do meu cheiro.

— Eu já sei sobre você. . Você Ele me contou. Você a garota nova. deve ser a garota nova — ela disse encarando minhas tatuagens e me fazendo perceber, notar, as dela tinham padrões muito parecidos com os meus nos ombros, no colo, no pescoço... — A questão é: você por acaso sabe de mim?

Eu fiquei quieta: Jack havia me dito que em momentos assim, é difícil, mas é melhor ficar calado.

— Que previsível! E agora você tenta ser como ele. Bem previsível. Mas a pergunta aqui é outra: o quanto você sabe de mim? A pergunta agora é se o fato de ele não estar aqui significa que você também já foi para a estante — e ela estava falando alto, Barto e Raul saíram das suas salas e vieram ao meu socorro — Deve ter, já, uma nova garota nova porque é assim que acontece e você fica aí acobertando ele.

Jack tinha tido um caso com a modelo que me antecedeu e todo mundo sabia disso.

— Perdão — eu disse a ela —, mas você não me conhece.

E foi aí que ela começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

— Eu não conheço você? É claro que eu conheço você – ela disse, e Barto e Raul pediram que ela se retirasse – eu já fui você.

E aquilo ficou de uma hora pra outra fora de controle, eles passaram a puxá-la pra fora, dizendo, vem cá, vamos conversar, o que só fazia ela falar comigo mais de longe e mais alto:

— Você também não é perfeita – ela disse, eu tive ainda tempo de ouvir isso – E quando ele descobrir vai se decepcionar e lhe punir.

Quando ela saiu todo mundo no estúdio estava me olhando, eu me tranquei no banheiro, esperando a poeira baixar, não pude evitar o pensamento de que ela sabia não de minha relação com Jack, mas da minha infecção. “E quando ele descobrir, vai se decepcionar e lhe punir”. Então eu pensei na pele dela, seus braços tinham marcas de cortes, iam do pulso até as axilas, tantos que toda a parte interna do braço parecia um papel crepom. Isso não foi Jack quem fez, conheço o padrão dos automutiladores. Mas havia também cortes, muito mais profundos, em lugares do corpo que ela não conseguiria fazer sozinha. Então alguém bateu na porta.

— Samara?

Era Raul me lembrando que passava das cinco e meia.

— Não está no seu horário de voltar para a TV?

Então de noite, quando cheguei tudo o que eu queria era que Jack telefonasse preocupado, me dizendo que estava tudo bem que tinha sabido da garota indo ao estúdio, fazendo escândalo. Mas quando o telefone tocou, e quando eu queria que alguém me tranquilizasse, promettesse: ela não sabe. Dissesse: Não, essa garota não sabe sobre as fitas. Ninguém sabe. Ninguém vai saber. Era tudo um blefe.

Mas em vez disso, quem ligou foi Marcelo.

— Desculpa estar ligando a esta hora — ele disse — sei que deve estar chegando no trabalho...

E eu me encaminhei ao banheiro para trocar o remendo que vinha fazendo e percebi que tinha piorado muito.

— É que eu terminei de escrever uma coisa... Queria saber se posso te mandar...

— Samara? — Ele perguntou — Está tudo bem?

Eu não queria chorar, mas não conseguia conter as lágrimas, não conseguia conter a salmora a salmoura nem tudo o de podre que saía de mim. sem nenhum controle...

— Está tudo bem, sim — eu disse a Marcelo — é só que...

— A cabeça? — ele perguntou — Está se sentindo mal com a cabeça?

— Não, não é isso... Eu só estava aqui pensando... Por que foi mesmo que a gente acabou? A gente já não se fala há algum tempo.

OUTONO

Ele tinha saído do apartamento no meio da noite levando apenas uma Targus azul com o computador uma pilha de cadernos.

Não pode ser nada definitivo, eu pensei apesar da chuva, dos trovões, ao pegar a estrada com Jack. É só que às vezes acontece essas coisas... Quando duas pessoas moram juntas... O apartamento é tão pequeno... Acontece. Alguém se irrita, faz uma mochila, sai batendo a porta... Mas não era definitivo.

— Ele está escrevendo um livro — eu disse.

E a chuva rufava sobre a capota. Jack ligou os limpadores.

— O quê?

— Marcelo — eu falei mais alto, voltando-me para Jack — A pessoa que ia vir comigo. Meu namorado. Ele está escrevendo um livro.

Se fosse definitivo eu não diria namorado. E também não estaria tão preocupada com a chuva, com o caminhão à nossa frente, tapando toda a visibilidade. Não estaria preocupada com a viagem.

Mas, antes mesmo de entrarmos na rodovia, já tinha ficado claro que as circunstâncias jogariam positivamente contra nós durante todo o tempo. O centro da

cidade estava com vários pontos de alagamento, o trânsito inteiro era uma engrenagem travada com luzes vermelhas e buzinas soando de todos os lados. E além disso..

Bem, além disso, alguma coisa parecia deixar Jack de mau humor. Sua mandíbula estava travada, seu silêncio retumbava pelo carro aplificado pela chuva na capota.

— Olha só aquilo... — eu disse apontando um carro batido, abandonado na diagonal da pista.

– Acha que devíamos parar para ver se há como prestar ajuda? – perguntei.

Jack nem sequer reduziu a velocidade.

– Não nessa hora. Não nessa chuva – e depois, como se sentisse que eu esperava que ele continuasse – É perigoso.

Qualquer um concordaria com ele a chuva acabava de aumentar, bastaria pisar no freio, bastaria caminhar a pé com um maldito triângulo sinalizador, e então seríamos nós os vulneráveis, dois corpos que não emanam brilho entre uma curva e um barranco, numa estrada sem pardais, ainda por cima perto de um carro capotado de onde sempre se pode vaziar óleo...

— Ora, o carro não vai pegar fogo na chuva, vai?

– Pode ligar para o Samu, de qualquer forma – sugeri.

Mas não havia sinal de celular ali, e não demorava, logo havia um novo acidente...

– Puta merda. Olha isso!

Na hora, eu devo ter pensado: Nós estamos a pelo menos cinquenta quilômetros da última cidade e nenhuma ambulância ou reboque cruzou com a gente até aqui. Eu pensei: talvez alguém precise de ajuda.

Mas depois, meses depois, sempre que eu fosse lembrar dessa viagem ficaria evidente que tinha outra coisa, mais abissal, na sensação de vulnerabilidade que me provocava aqueles carros capotados, rodas para cima, no escuro dos barrancos.

Parecia que a estrada jogava numa espécie de desafio comigo: Consegue ignorar um acidente? Certo. Mas consegue ignorar dois? Três? Aquilo deu vontade de mostrar umas duas ou três coisinhas a Jack sobre nós, da classe trabalhadora, como aprendemos a ajudar uns aos outros. Um moralismo incoerente que apenas mascarava minha atração por aquelas latarias resplandescentes arruinadas em segundos, ossos quebrados, braços estendidos para fora de janelas pedindo socorro... Era tão sem graça, tão lugar-comum simplesmente deixar tudo aquilo ali em vez de aproveitar a ocasião, aceitar o desafio, mandar a cautela às favas, viver perigosamente e, ora, mas que merda, participar de um maldito resgate?

– E se o desafio fosse, não para sua educação cristã, ou seu espírito aventureiro, mas para o seu bom-senso. Ele disse. Talvez essa estrada esteja testando sua capacidade de resistir ao impulso. Até os aviões dão nos informes, algo sobre pôr a máscara primeiro em si mesmo.

– Naquele, parecia haver alguém preso nas ferragens.

– Bobagem – ele disse – está imaginando coisas.

E a medida que deixávamos carros para trás,

— E o que foi que houve na noite de ontem, afinal?

— Como assim? — eu perguntei — Nós fomos ao Bistrô, não se lembra?

Eu percebi que Jack não pararia de jeito nenhum. Pelo contrário.

— Não me refiro a isto — ele respondeu, acelerando na direção de um caminhão pedindo passagem. — Me refiro a essa... Discussão? Essa que você teve com seu... namorado? Marido?

Deu sinal pedido a vez para ultrapassar. Não é atendido. Insiste.

Eu olho pra ele lançando luz alta, apertando os olhos.

A cara acidente ele ia ainda mais rápido como se o mero fato de estar ali pudesse, de alguma forma, incriminá-lo ou contaminá-lo.

– Sua irmã morreu em um acidente de carro, não foi?

Na mesma hora, como numa espécie de impulso, Jack colocou o pé no freio.

– O que disse?

O carro derrapou bambo na pista molhada.

– Como pode saber disso? Quem foi que te contou?

Eu gritei com o susto, ele retomou o controle da direção, voltando a acelerar consegui olhar para ele. Estava com o meu coração palpitando alto e envergonhada por ter gritado.

– Eu só... Eu vi a matéria que fizeram sobre o caso na TV – expliquei – os casos não solucionados, eles são compilados e arquivados na geladeira que é onde fico – olhei para ele – nesses dias me foi solicitado algo como CASO ANDRADES... Alguém ainda está respondendo processo?

– Se sabe do caso a partir das matérias que foram feitas pelo jornal onde trabalha, então não sabe de nada, – ele disse voltando a acelerar até grudar na traseira de um novo caminhão à nossa frente – os jornalistas são incompetentes. Não mostram as coisas do jeito como acontecem de verdade.

– Você e sua irmã eram apegados?

Ele ficou intercalando olhares entre os retrovisores e a estrada, como se pensasse na resposta certa. Ou como se não pudesse responder aquilo apenas como sim ou não.

– Ela se chamava Carla.

Eu fiquei quieta, fazendo que sim com a cabeça. Sua pele do rosto parecia ter sido repuxada para trás e sua mandíbula se tornara mais pronunciada como se ele mascasse um chiclete muito duro. A chuva foi reduzindo sua intensidade. Jack desistiu de ultrapassar.

– Era a pessoa mais importante do mundo.

Ao fim, eu não entendi muita coisa sobre o acidente. Ele me contou muito pouco, quase nada: só que foi na BR 101, que ele estava dentro do carro também, que o caminhão vinha na faixa contrária.

– É estranho como você se pergunta – ele disse – ,por que ela? Sim, como pode, no mesmo carro, mesmo acidente, mesmo impacto, uma pessoa morrer na hora, e a outra que parecia tão mais frágil, sair com cortes meramente superficiais.

– Bem, parecem perguntas bem inúteis se quer saber o que eu acho.

– Inúteis?

– Se nada vai trazê-la de volta, não é? Sei lá, esse empenho todo, vingança, processos... Parece inútil. *Acidente* não tem esse nome a toa.

– Não é isso que dizem no seu jornal.

– Eu não ouço o que dizem no meu jornal.

– Ahn?

– A televisão do dedoc não tem som, apenas imagens. Eu vi o seu rosto, os destroços, vi o carro todo amassado, uma três por quatro da garota...

– E o que mais?

– E você olhando para a câmera. Através da câmera. Sério. E recusando-se a responder qualquer coisa que lhe perguntassem.

A lembrança volta a se interpor em minha memória “ele não parece triste, machucado, sequer com medo”

— Você parecia estar com raiva.

– Gostaria de poder ver essa fita — ele falou — É óbvio que eu mesmo nunca vi.

Fiz que sim, sem muito interesse, não estava a fim de dizer o óbvio, que tinha ficado fascinada pensando: aí está um sobrevivente. E então a chuva recomeçou.

Passa das 23h quando entramos na cidade.

– É melhor ir direto ao credenciamento – ele diz – se procurarmos hospedagem, não vamos ver mais nada.

Paramos o carro em uma rua que parece movimentada. Faz frio. E todo o ar rescende da umidade. O chão estava cheio de poças. Abrimos as malas procurando casacos e descemos a avenida com os braços cruzados.

Passamos ao longo de uma pequena praça com bancos pintados de branco e canteiros de bougavílias.

— A maior parte dos eventos aqui é noturno mesmo — Jack explicou, mas eu não vejo graça neles.

Um soutien adesivo, desses que grudam na pele na frente como um silicone e uma blusa que era mais um lenço amarrado atrás do pescoço e no fim das costas, é isso o que estou vestindo quando chegamos à tenda principal. É perfeitamente adequado para uma manhã à beira mar, mas quando você chega num lugar desses à luz do dia entende que não se trata apenas de tatuagem. É possível sentir-se tremendamente *undressed* com um corte de cabelo comum, em cores comuns, da mesma maneira que se sentiria num baile black tie usando chinelos. Aquelas pessoas, línguas divididas ao

meio, half-cuts, alargadores, piercings e, sim, por que não?, maquiagem, tintura de cabelo: elas cuidaram, produziram aquela aparência com tanto empenho e desejo quanto qualquer alpinista social indo ao réveillon de Copacabana, com uma única diferença: ninguém está tentando esconder as marcas dessa transformação ali, nada de luzes californianas com “efeito natural”, mas cabelos turquesa, laranja, flúor. E nisso há uma honestidade que é ao mesmo tempo que me assusta, também me enche de esperança. Estamos todos fingindo – é isso o que dizem –, mas pelo menos aqui nós estamos deixando isso bem claro.

– E não lhe parece curioso que todo mundo tente ser autêntico de uma forma que é comum a todos? – Jack pergunta – Quero dizer, quando você olha as pessoas mais modificadas... Elas se parecem bastante entre si. Não acha?

Nós entramos em um dos salões onde estava em curso algum debate com algum tatuador-celebridade do momento.

– Deve ser por conta da limitação científica – eu respondo.

– O que quer dizer?

Nós ficamos de pé ao fundo da sala que estava cheia e barulhenta. Nenhum assento livre, eu me escoro numa quina de parede, solto a bolsa no chão.

– Digamos que eu – eu disse –, do auge da minha originalidade, queira asas articuláveis, com uma plumagem bem colorida, ou digamos que queira trocar minhas duas pernas humanas por quatro equinas e virar um centauro. Eu não teria como fazer isso, teria?

– Bem...

– Mas se eu quisesse chifres, como pareceu querer aquele cara ali da ponta, então eu bastaria implantar um pouco de titânio debaixo da pele e estaria resolvido.

– A questão é: o que você faria com chifres como aqueles, se eles são estéreis? Sim, ora, cinquenta gramas de metal implantado cirurgicamente não fazem de você um touro, não fazem de você um bicho perigoso e letal...

– É o que me parece mais interessante – eu suspiro –, uma área que passou por cirurgia é sempre mais delicada. Mais sensível... É grosso modo uma *fraqueza*. Eu sei disso: fiz uma cirurgia no joelho quando era adolescente. Dói até hoje, é meu maldito calcanhar de aquiles.

Ele olha para meu joelho na hora, e eu aponto com o dedo a cicatriz já envelhecida, mas ainda marcada e grotesca.

– Não adianta fazer essa cara – digo –, uma hora isso pode acabar virando um problema seu, do seu estúdio – ele ri um pouco e desvia o olhar –, mas veja o caso dele: aquilo não parece um ponto fraco, não é algo para ser encoberto, e nunca, nunca mesmo vai entrar em minha cabeça que se ele me desse uma cabeçada doeria mais nele do que em mim, realmente.

É uma piada, mas Jack em vez de rir, fica mais sério.

– Acha isso dá algum sentido à vida dele? Quando ele acorda de manhã com os efeitos colaterais da cirurgia e as dores cabeças lancinantes?

– E você acha que se trata disso? – eu lhe pergunto – Acha que chifres ou piercings ou tatuagens... Acha que essas coisas servem para dar sentido à vida de uma pessoa?

– É um ícone da individualidade, a marca que diferencia você de milhares de outras em uma multidão. Memorável, talvez estética. O que mais uma tatuagem seria?

– Uma aposta no eterno?

– Nada é eterno – protesta – eu e você não somos eternos e essas tatuagens, as nossas, vão ser retalhadas sem qualquer mística em um necrotério, ou serão comidas por vermes debaixo da terra, incineradas em crematório...

– Eu não digo eterno no sentido de sobreviver à própria morte. Mas no sentido de ir conosco, de apodrecer conosco quando formos enterrados.

– É nisso que pensa? – ele pergunta – Que quer suas tatuagens envelhecendo e morrendo com você?

Dou de ombros.

– Me dá algum consolo nesses tempos. Ficou difícil acreditar que qualquer coisa possa durar hoje em dia...

– E é assim que pretende passar todo o resto da sua vida? Manufaturando a si mesma numa esperança de que alguma coisa permaneça consigo?

Eu faço que sim com a cabeça. A palestra estava terminando, as pessoas começaram a levantar dos seus lugares.

– Tem alguma ideia melhor?

E Jack me conta sobre suas viagens. É a primeira pessoa que eu conheço que havia viajado para a África. E ele fez isso de barco em algum cruzeiro quando o pai ainda era ativo. Ele fala sobre o centro da cidade do Cabo e de como tudo aquilo era cosmopolita. Fala sobre Roma, sobre a parte da cidade que os viajantes não costumam conhecer: com academias de ginástica, postos de gasolina, prédios modernos... Fala de sua irmã e de como ela tinha servido e mandado beber a primeira dose de whisky que tomou na vida.

– Deve ter sido difícil vê-la morrer – comento.

– Sim. Foi. Mas hoje penso que foi melhor assim. Sabe, ela era realmente incrível. Era bonita, e intensa: pintava a óleo em telas gigantes, ouvia concertos polifônicos. Foi ela quem me inseriu na arte, que exibiu para que eu visse os filmes de Bergman, que me emprestou livros... Mas o que restaria a ela, a alguém como ela, agora, quando estaria com quase quarenta?

– Como assim?

– Quero dizer, sobre a pintura, ela não era exatamente boa. É difícil reconhecer isso, mas guardei algumas de suas telas e está lá a falta de técnica, de precisão... De originalidade.

– O que ela pintava?

Ele sorri.

– Eu – diz – eu ficava posando para ela horas e horas... Se fosse possível ter gravado aquilo, ela pintando: a paixão, a ferocidade, a autenticidade. Ela era a melhor parte da obra. Sua energia... O que o tempo não faz com isso? Com pessoas como ela? Não seria triste vê-la, como uma esposa e mãe frustrada, vivendo em função de alguém? Ou como workaholic, descabelada e envelhecida em algum trabalho de merda? Tudo, todas as possibilidades parecem anticlímax quando postos ao lado de uma juventude tão enorme. É um pouco como aquelas grandes personagens que morrem, precisam morrer no fim do filme porque não há como evoluírem daquilo sem perder alguma coisa de essencial.

– Ainda podia ter viajado mais – eu digo com pena – é como você disse: morrer é uma ideia estúpida.

Jack estava inscrito na categoria Pontilhismo. Isso é tudo o que eu sei sobre a tatuagem que seria gravada em mim quando tiro a blusa e deito de bruços na cadeira tatuadora. O sol já começa seu itinerário em direção ao oeste, e os 33 concorrentes, bem como as pessoas que vão ser tatuadas se organizam para começar o trabalho. Jack parece muito tranquilo.

Há um fotógrafo documentando todo o evento. Eu reparo nele enquanto espero começar. Ele aproxima-se das mesas, uma por uma, mexe na lente aplicando zoons, se ele estiver dando close na mesa de Jack agora, já sabe a esta altura, mais do que eu sobre minha própria tatuagem. E enquanto eu me distraio com pensamentos como este, Jack se aproxima da minha orelha.

– Não deixe que eu te machuque – ele diz.

E começa a tatuar.

No momento exato que a tatuagem começa a ser feita, é quando você começa a perdê-la. Eu sinto a dorzinha começando bem no centro das costas, entre as omoplatas. A música está alta, e soam ao mesmo tempo o burburinho de milhões de conversas e o som de todas as trinta e três máquinas ligadas ali ao meu redor. Você se pergunta: onde estão os outros? O que Marcelo fez? Para onde foi? Você se imagina daqui a dez ou vinte anos, ainda vai lembrar de Jack, ou as lembranças todas se confundirão e você se questionará como era mesmo aquele evento? Quem era aquele tatuador?

E é isso, fiz uma primeira tatuagem para me lembrar que cáí. Mas eu nunca penso na queda quando olho a tatuagem. Eu só penso na ocasião que me levou a fazê-la. Eu penso no consultório, no médico estúpido, nas caixas de Marcelo em meu apartamento.

Fazer uma tatuagem não é o mesmo que uma sessão de depilação com cera quente e nem é como ver, pela televisão um grupo de pessoas batendo umas nas outras. Não é um parque de diversões com riscos seguros, controlados, reversíveis.

E mais do que dor, você sente a vulnerabilidade tremenda de estar em um luta. De estar perdendo em uma luta. De estar por baixo enquanto lhe desferem chutes e tudo o que você pensa, tudo o que consegue pensar é: uma hora acaba. Sim, uma hora tudo acaba. Marcelo acabou.

A tatuagem surpresa é um risco real.

E você descobre ter passado a vida inteira com medo de que algo ruim lhe acontecesse. A gente passa a vida com medo de ser pego desprevinido, sozinho, num beco escuro. Tem medo de cair, temos todos medo de nos pôr vulneráveis, de ser abandonados e no entanto, às vezes aquilo o que temíamos... E, às vezes o pior acontece: ficar órfã de mãe, cair da rampa e se contundir, o namorado fazer as malas, eu penso na irmã de Jack. Eu penso que estou ali à mercê da vontade de alguém que tem todos os motivos para odiar o mundo, com minha pele sendo dilacerada – são coisas como esta que a gente teme – então pra que correr na direção contrária? Por que não ir direto na direção da merda?

E depois acaba. Nenhum aviso, nenhuma sensação em especial. Jack desliga a máquina, eu seguro o soutien ouvindo os passos dele caminharem se afastando. Sento.

– Jack?

E quando volta tem dois espelhos nas mãos. Me entrega um menor, e segura o maior atrás de mim.

– Pode ver ali também – fala apontando para uma parede toda espelhada.

Minha tatuagem nova era uma série de pequenas espirais que dançavam no movimento do meu corpo.

– Ficou muito bom – digo. Sem conseguir forçar o sorriso que seria oportuno. O desenho era incrível, claro, incrivelmente bonito, original... Mas agora que eu vejo, agora, que a única coisa que está diante de é que a tatuagem e não a surpresa, agora que

a sessão, e o concurso, tinham acabado, eu apenas me decepciono: não estou sentindo nada em especial.

VERÃO

Em certo ponto da sua carreira, você descobre que as primeiras gavetas de cada funcionário do telejornal têm um pacote de biscoito aberto. Âncoras, repórteres, produtores, editores, as moças da recepção e você sabe o que isso significa. Estatisticamente, pelo menos duas pessoas estão nesse exato momento, comendo, estuprando a mais bem-cuidada regra do Sr. Almeida Campos, ‘Por favor, não comam fora da copa’.

Parece que não dá problema. A câmera não registra a imagem da comida, enquanto ela está lá, camuflada e eu tenho usado o mesmo truque. Aqui está a minha gaveta aberta. A única diferença, é que em vez de guloseimas clandestinas, eu tenho aqui dentro um livro aberto.

— Ei, Samara, escute aqui — diz Sérgio, entrando na geladeira — temos um problema pra resolver.

Fecho a gaveta calmamente. Pego o bloco ao meu lado.

— Pois não?

A caneta que uso está, na verdade, falhando há mais de um mês, eu apenas emulo, finjo que anoto e que presto atenção enquanto ele diz: Apresentação em power point Diz: cinquenta minutos. Enumera casos famosos: Andrades, Arianne, Moura e Silva; faz gestos amplos com os braços e uma cara de quem se acha importante.

— Está me entendendo bem? Vamos fazer direito dessa vez. Sem amadorismos.

— Claro — respondo — fazer direito. Entendi sim.

Mas acontece que se você está com metade da cabeça dormente, e com uma pressão absurda embalando a vácuo o seu cérebro, sua audição vai ficar muito limitada. Seu olho enxergará embaçado. Tudo o que acontecerá com você, na sua frente, estará recoberto por uma película plástica, bem parecido com um sonho, e nessas horas tudo o que você poderá fazer é apertar os dentes. Pressione uma arcada contra a outra e comece a ranger.

— O que é isso? — ele pergunta.

— O quê?

— Isso que você acaba de fazer... — ele aponta para o meu rosto, pra a minha boca. Finjo não saber do que ele fala e passo a mandíbula para esquerda, para a direita, ele corre o olho pelo meu rosto até chegar ao meu braço.

— Ah — e parece que encontra ali alguma resposta. No filme plástico que escapa pela manga da minha camisa — Quer dizer que já fez outra? — esforça-se para deixar clara sua reprovação.

Eu apenas suspiro.

—Sabe, em muitas culturas —digo — fazer tatuagens representa amadurecimento espiritual.

E me seguro para não rir. Esses idiotas são engraçados.

— Bem, esqueça. Prepare essa apresentação aqui. Vamos ter que resolver isso antes do mês terminar. Leve para fazer em casa se precisar usar o google.

Joga na minha mesa um encadernado antes de sair e bater a porta. *Departamento de Documentação TV Pontal. Programa de Treinamento*. Então é isso?, me pergunto, esse é o futuro no qual nos comunicaríamos por imagem mais que por texto. Se eu fosse uma pessoa esperançosa, veria no uso indiscriminado da fonte Comic Sans MS, alguma ironia, mas essa ilustração abaixo do título, tirado de um Clipart do office, a forma retangular de um homem, retíssimo... Isto são apenas coisas feias, mal-feitas. Nenhum significado. Embora o livro que eu leio diga que é possível encontrar expressão artística em tudo. O ponto de vista faz a beleza — eu tinha parado numa parte assim quando

Sérgio me interrompeu — o ponto de vista certo vê potência, presença onde um olho mal treinado vê...

Desenvolvi o que chamei de “método de aprendizado” justamente porque a empresa tem essa severa política com relação ao uso das ferramentas de trabalho. Os cinegrafistas aqui não podem pegar caneta no almoxarifado, os motoristas não têm acesso a bloco de notas, e nós, aqui do Dedoc, nós não temos acesso à internet. Como eu vou procurar informações para elaborar um novo material didático para a seleção de estagiários eu não sei, e isso não parece uma questão válida para meu chefe, *Faça essa parte em casa*, era o que Sérgio recomendava. Filho da puta. Volto às páginas do livro.

Então volto à leitura. Abro a gaveta, se eles estão suficientemente à vontade para roubar meu tempo livre, meu tempo não-pago, em casa, então por que eu não deveria usar o tempo que vendo a eles para, entre outras coisas, ler um livro? Viro a página. As câmeras de monitoramento devem achar curioso que eu passe tanto tempo encarando a gaveta, mas não podem me demitir por isso. Um olho mal-treinado não percebe que todas as formas quadradas sugerem imobilidade, estagnação...

Hoje é quarta-feira. Sérgio usa gravatas nas quartas-feiras.

— Samara? — ele volta a abrir a porta — Só mais uma coisa: não comenta com a Telma não, tá? Senão começa o corpo mole.

Pois claro. O encadernado jogado sobre a minha mesa, disso eu consigo entender o significado: significa que não vão contratar a idiota da Telma e sim algum dos

estudantes que estiveram aqui na semana passada. Por mais que ela tenha se empenhado feito uma filha da puta para que nada, nada mesmo, desse errado durante seus dois anos, a empresa só tem vaga para dois contratados. O outro é mão-de-obra barata. Estagiários. Ela adiou a formatura em seis meses pra ver se eu era chutada daqui até lá, mas agora não tem mais jeito: ela vai ter que se formar. Vai endossar as estatísticas de desemprego enquanto eu continuo trazendo livros impressos em casa, para ler na surdina.

— E faz uma apresentação legal. Com a história do Dedoc. Trechos das imagens mais famosas... Caso Andrades, Moura e Silva, Arianne...

Fecho o livro. Marco a página com uma caixinha amassada de bepantol baby. Vou na direção das estantes: Muito bem.

Foi depois de Jack ter dito “humanos esculpidos em madeira” e aquele “sem esforço” que eu comecei a me interessar de verdade pela leitura de imagens. Eu pesquisei coisas. Coloquei as palavras exatas dele no google assim que cheguei em casa. Usei aspas. Taggeei tudo o que pude. Eu já vinha me tornando uma assídua frequentadora de sites sobre tatuagem, tinha comprado revistas especializadas e lido matérias sobre ‘como descobrir seu estilo estético’. Passava as noites vendo essas porcarias de reality shows do tipo Miami Ink, Los Angeles Ink... Eu já estava reduzindo a quantidade de refeições feitas fora de casa para economizar dinheiro e evitar perder a forma. A forma: eu me olhava no espelho do banheiro ao chegar em casa depois da segunda tatuagem, é algo que você precisa levar em conta se quer fazer do seu corpo uma tela, se quer evitar que a pele estrague no engorda-emagrece. Eu ficava avaliando

tudo isso e repetindo para mim mesma a equação: o que fazer com a forma? Enquanto Marcelo dizia: quer ir depressa com esse banho?

E resmungava:

— Claro que não! Sempre podemos chegar mais atrasados.

Se não fosse a discussão toda sobre objetivos de vida na manhã daquele dia, ele estaria tenso, mas não mal humorado. Eu sei disso. Na cabeça de Marcelo quase tudo o que eu faço, o que escolho, o que demoro no banho e os cuidados com a pele, são formas requintadas de provocá-lo, de aborrecê-lo. Eu deveria ter levado em conta, segundo ele: o momento era péssimo. De um lado, Heitor querendo mostrar em primeira mão seu novo livro e, como sabemos, a inveja é similar a uma propensão natural a pedras nos rins. Do outro, o jantar onde isso aconteceria: um Australiano cujo prato mais interessante era costelas de porco, bem servidas, mas que, não, infelizmente, eu não ia poder dividir com ele o prato.

— Porco não é bom para a cicatrização — eu tinha explicado.

Mas era como se o tivesse provocando. Essa história com carne suína era mito, ele explicou, qualquer idiota saberia disso, mas eu dei de ombros.

— Ainda que seja, — reafirmei — tem glutamato monossódico no molho deles.

E ele arfou de irritação. Eu estava ficando “fresca”, e se tem uma coisa irritante nas pessoas é... Resumindo: havia um papel para mim, que eu conhecia, Heitor contaria à nova namorada: “Esse foi o cara que me apresentou os Russos”, apontando

para Marcelo, depois completaria para todos os presentes na mesa “Sem esse filho da puta aí, eu não seria escritor”. Então Marcelo ria dizendo: “Tinha dois amigos foda. Sempre tive: você e o Gógol. Muito natural apresentar os dois”. E eu deveria, sei disso, nessa hora, ter inteirado a xaropada, dizer com um sorriso idiota o quanto Marcelo se orgulhava de Heitor, emular um ciúme da relação entre os dois. Em vez disso falei da capa do livro.

—O que é? — perguntei com o exemplar nas mãos — É um tronco, ou uma escultura de tronco? — Claro que Marcelo entendeu o que significava. Em questão de minutos lá estava eu falando sobre Bruno Walpoph, Anders Krisar. São referências interessantes no que concerne uma pessoa tatuada. E eu tinha pesquisado depois de voltar do estúdio.

Tive que aguentar o homem emburrado a noite toda. Mas pelo menos tive a oportunidade de conversar com a Laura, a namorada de Heitor, que trabalhava para o governo selecionando obras para expor em espaços públicos.

— Como é que eu faço — perguntei a ela — para entender essa coisa de arte? Para ter um olho bom?

É possível que ela tenha feito por maldade. Tenho consciência disso. Viu minha cara comum, e deve ter pensado: qual o livro mais difícil do meu primeiro ano de curso? Disse: Gombrich, disse Donis Dôndis. E eu aceitei, sim, a sugestão, anotei os nomes no celular, porque por mais que cada página me custe uma vida para ser lida — eu tenho que te dizer: essas pessoas escrevem de um jeito bem truncado — entre um e outro capítulo eu tinha tarefas práticas para realizar. Exercícios. Aceitei porque entre

uma e outra catalogação, pesquisa pro jornal, eu teria condições de me instruir, e por mais que Marcelo se emburre (desde quando fazer tatuagens é algo importante?), Laura garantia: essas coisas te abrem os olhos. E, sabe como é isso? Sabe como é voltar para casa no banco do passageiro depois de um jantar animado para um apartamento minúsculo e sujo, cheio de mofo? Sabe como é olhar da janela as pessoas sorrindo, bêbadas, e ter a impressão de que elas veem um mundo diferente do que você está vendo? Que essa visão tem algo a ver com sua educação deficitária, com o fato de ter ido e voltado sozinha para cada um dos campeonatos que participou, porque seus pais ficaram com a louça suja do mundo e deixaram a porcaria da pia de herança, Então quando Marcelo deitou na cama, emburrado, e eu tive a impressão de ter visto a mim mesma, a adolescente que eu fui, aquela idiota chegar, entrar suada de tanto treino, tantas quedas, direto para o banheiro e fechar a porta. Tive vontade de ir atrás dela: Você pensou que ia ficar bem, eu disse a ela: Você disse que a gente ia pra Miami. Liguei o computador e a impressora, ele fez dois estalos para ligar, eu mostrei isso pra ela, mostrei a serragem, resultado dos cupins, falei dos ratos do tamanho de cachorros que passavam pela escada do prédio. Porra, eu ri dela, Olha onde a gente veio parar.

Baixei e imprimi o livro naquela mesma noite. E li enquanto ela chorava idiota encolhida debaixo da mesa.

Nas estantes, começo pegando o caso Andrades, depois o Moura e Silva. O meu método consiste em mais atos ilícitos, claro, não basta roubar no tempo. Caminho

mais dois passos, paro quando vejo: na prateleira há um buraco. Tem a largura de três fitas onde deveria estar o caso Arianne. E é em detalhes como este que preciso prestar mais atenção ou vou acabar sendo flagrada. Caminho, disfarço para as câmeras, até a minha bolsa. Mas a questão é: se me pegassem, se descobrissem que uma funcionária tem levado para casa as fitas da empresa, devolvo Arianne aos arquivos como uma fita intocada, se soubessem que gravo para mim mesma algumas cenas que tiro daqui do acervo, junto o Moura e Silva e o Andrades e levo-os para a minha mesa, as imagens são públicas, já foram exibidas na tv, Sento. Regulo a imagem para o preto e branco. Do que exatamente poderiam me acusar? Coloco no videocassete, espero um pouco. O que tem aqui pra mim, hoje?

Se preparar para assistir uma fita dessas é como dar um salto para o desconhecido; o que foi, afinal, caso Moura e Silva? Foi das coisas que aprendi a temer e a gostar nesses últimos dias.

Tinha chegado à parte em que o livro falava sobre *o imaginário mundo da representação em preto e branco* bem no dia em que trocaram os adesivos entre as fitas de VAZAMENTO/ESGOTO com a de HOMICÍDIO/ESQUARTEJAMENTO. Claro que não é culpa do livro, as pessoas são desleixadas nesse trabalho, só isso. Mas o fato é que eu tirei as cores da pequena Tv do Dedoc, e apertei Pause. Fiquei olhando para o esgoto a céu aberto, primeiro com curiosidade, depois com o maravilhamento de quem entra pela primeira vez num museu e depara com uma pintura de um Van Gogh. Fiz o

mesmo com o corpo esquartejado. Meu deus, que coisa incrível. E isso foi só o começo da questão.

As lições práticas coincidiram com o dia em que Marcelo começou a ler o livro do Heitor.

– Vida de merda – eu o escutei dizer como se explicasse algo a si mesmo ou anunciasse uma estação de trem.

Ele lia o romance na varanda enquanto eu, no quarto, escrevia num caderno o nome “diário de observação visual”. Minha primeira tarefa era muito simples *escolher entre os pertences ou entre as fotos de uma revista algo que tivesse valor tanto em termos de belas artes quanto em termos de artes aplicadas.*

– Vida de merda – ele repetiu. Eu imaginei sua boca movendo e pronunciando com a fumaça do cigarro, emulando uma névoa em torno de si, entre a varanda e as coisas restando. Escutava como se não ligasse, ou como se já soubesse, desde sempre, que estação era aquela. Mas enquanto passava os olhos por tudo o que possuía: embalagens de hidratante Nívea, frascos de remédio, ibuprofeno, dipirona, solução salina, minhas botas gastas no canto do chão, o cesto de roupas sujas, as cadeiras com a pintura descascada.

— O livro é excelente — e ele dizia aquilo voltando ao quarto, com um ar de tristeza.

—Não tenho nada — foi o que eu respondi. E dormimos deprimidos.

Se não fosse aquela tristeza, eu não teria reparado. Mas como nós deitamos na cama, quietos, abraçados naquela noite, eu fui trabalhar sensível demais no dia seguinte. Sensível o bastante para que no meio da catalogação, uma fita retrancada como SHOWROOM/MOVELARIA, me chamasse atenção e aí eu vi. Sim. Notei O vaso. A coisa mais bonita do mundo, um sério candidato a tatuagem mais bonita do mundo. E estava bem ali, no meio de um plano aberto, dividindo a tela com uma multidão desinteressante de pseudo-intelectuais.

Putá merda.

Então eu entendi o que era a beleza, a experiência da beleza é assim: conhece o prazer de esmurrar alguém que odeia? De ferir, de bater? De chutar até sentir alívio? Então... Olhar aquilo era ainda melhor.

E eu não resisti. Pausei a imagem, fotografei a tela com meu celular, recortei, editei. Depois, não satisfeita, roubei. Sim, enfiei a fita dentro da minha bolsa: *Valor em termos de belas artes*, eu anotei no caderno: *a surpresa das espirais que vão para todos os lados como se fosse um engano, ou acidente, um caos*. Valor prático: *colocar flores secas e perfumar o ambiente*. Então a Laura podia ter alguma razão. Essas coisas abrem os olhos da gente. E eu descobri que era excelente nisso de cometer pequenos furtos. Nunca é tarde para se descobrir um talento afinal.

Em três semanas lendo aquilo enquanto trabalhava, copiando material, eu aprendi muita coisa. A violência nas imagens de vazamentos de esgoto, a disritmia estanque dos corpos atropelados, a crueza fantástica de um cavalo cansado sendo

açoitado no meio da rua atrapalhando o trânsito e mesmo a raiva sufocada no rosto das pessoas que enfrentam uma fila para o caixa com ventiladores na mão. E eu consigo saber, sem precisar ouvir o som, qual a história que está sendo contada, a história real, não a que os jornalistas gravam em áudio, eu aproximo dos detalhes, distingo os atropelados acidentais, dos suicidas, sei se a culpa foi do motorista ou do motoqueiro. Eu simplesmente sei.

Sei porque acabei por me dar conta: está tudo aqui. Nesse dia, olhei comovida para as lombadas das fitas e cartuchos nas estantes. Tudo o que acontece nessa cidade e, de certa forma, no mundo, nas pessoas, no que realmente dói nelas, acaba por bem ou por mal, em alguma matéria, em alguma fita dessas: as crianças que soletram, as mulheres que aguentaram quietas, a solidão, os desejos... Podem cortar a internet, então.

Eu vi muita coisa. Uma garota de pijama no meio do dia arrastando um colchão para o quarto ao lado. Eles entram na casa das pessoas, os cinegrafistas daqui; filmam suas panelas, seus comprimidos, suas contas de luz empilhadas. Desde que me dei conta, assisto tudo, das mais recentes às mais antigas fitas, com o FastFoward apertado. Puta merda: eu vi ao fundo de um protesto, uns manequins de loja jogados num lixão, vi um cachorro debruçado num fiteiro como se fosse o próprio vendedor, vi um homem chorando de verdade, compulsivamente, e falando para o microfone com todo o pudor suspenso, vi os apenados nus, em filas em meio à podridão completa da rebelião, vi um homem algemado depois de estuprar uma menina de cinco anos, o semblante dele era tão sereno. E depois, também, eu vi os vídeos gravados pelo próprio estuprador, apreendidos pela polícia. Sim, os vídeos apreendidos também podem vir parar nos

arquivos da gente, às vezes. Foi uma semana dos infernos, aquela. Muito trabalho se acumulou, culparam Telma. Mas eu não conseguia parar de assistir.

Desde então criei um método: separo fitas por retranca. Ordem alfabética. Roubo elas assim que chego, meticulosamente, isso me deixa mais tranquila, a retranca do momento é ‘Acidente’. Eu passo o dia pensando, ansiando o momento de ir pra casa, de assistir, apalpo minha própria bolsa, sinto o volume secreto. É assim que me mantenho focada naquilo que realmente me interessa: a leitura do livro lá dentro, as tarefas práticas, o diário de observação visual. Isso é o que eu chamo de ética trabalhista. A fita começa a rodar. O caso Moura e Silva, eu me lembro agora: Um psicólogo voltando bêbado de alguma festa ultrapassou um sinal vermelho às seis da manhã e pegou, em cheio, o carro de uma Procuradora Geral da República que, para azar dele, estava indo para a Missa do Domingo. Não demorou muito, descobriram que, ainda antes disso, o mesmo homem atropelou, matou e fugiu sem prestar socorro, uma velha moradora de rua. Imagens de segurança mostram o exato momento, em que ele a faz saltar pelo capô, pelo para-brisas e pelo teto. Chegou a parar o carro por cinco segundos antes de dar de novo a partida e ir embora. Como será que ele estava?

Ejeto. Fita seguinte, caso Andrades.

O caso Andrades parece mais antigo, é preciso colocar a fita pequena no adaptador maior, eu devia estar na faculdade ainda quando aconteceu, ou morando fora. Uma garota encontrada afogada.

Em casa, à noite, eu tiro as fitas da bolsa. A retranca é ACIDENTE, agora tem também o caso Moura e Silva. Fita um: acidente entre dois carros e uma moto, na véspera do dia das mães, dois adolescentes mortos. Um carro em frangalhos em diagonal sobre a calçada. Fita dois: carro contra o muro de uma casa. Fita três: carro de novo, só que numa rodovia federal. Dou pause. Eu tento apreciar a imagem no seu melhor ponto: quando está no plano mais aberto. Qual é a história aqui? Bem, o capotamento solitário está na ausência de qualquer outro carro, o processo criminal no fato de ter virado um caso importante. O fato de ter havido sobreviventes, no alvoroço dos paramédicos. Há um caminhão na mesma faixa, mas isso não é uma pista. Se você reparar bem, esse veículo não se envolveu no acidente, provavelmente chamou o socorro e teve que ficar lá, só isso. Um garoto tenta levantar da maca. Eu pressinto que aqui tem algo errado.

O socorro é mostrado em plano médio: carros, ambulância socorrendo um menino, uma multidão, o asfalto. Corta. Fotos em três por quatro de uma menina, uns 18 anos, loira, bonita, apesar desse ar meio macabro. Depois o carro, um maracujá de ferro, é mostrado em primeiro plano. Corta: voltamos à cenas do socorro, e daí eu sinto aquilo. O mesmo que senti vendo O vaso, ou O esgoto. Aperto pause. O que há aqui?

O garoto: coloque nele uns dez anos a mais, uma barba, corte seus cabelos, ponha nele roupas elegantes, tatuagens, faça-o fumar. Quero dizer, Jack já tinha me perguntado da última vez: O que é um artista famoso?

Então eu já sei. Da próxima vez que eu for lá no estúdio dele vou dizer: Você é um artista famoso. Vou dizer: eu lhe vi na televisão.

E talvez ele fique confuso. Vida de merda – Marcelo ainda lê o livro. Eu ejetto a fita, resmungo, ele tem razão, eu podia nunca ter visto isso. Ponho para regravar, já pensou se eu perdesse essa?

– O que está fazendo aí? – Marcelo pergunta – que vídeos são esses que você tanto assiste?

– É pro manual do dedoc. Eu estou tendo que refazer, Sérgio passou isso hoje cedo.

A resposta vem assim que fico suficientemente perto da rede wifi na forma de uma vibração em meu bolso. *Você tem 1 mensagem*. E-mail, claro, era isso que Tatiana queria dizer. Termino de subir as escadas até o terceiro andar: *Tattoo Week*. Um flyer virtual. Abro a porta. Acho que agora eu entendi.

Mas no outro dia, não teve jeito.

– Eu não consegui lhe esperar para jantar – diz Marcelo, deitado na cama com o controle remoto na mão – comi pão com linguiças, de qualquer forma... Você não ia querer.

Eu ainda estava com aquele termo na cabeça o que seria uma “Tatuagem-surpresa”?

– Minha cabeça está me matando – eu comento – parece que a teoria sobre a alimentação foi de água abaixo.

Você volta a pensar nos médicos, nos dentistas, nos psicólogos. Passa das 21h quando finalmente consegue pegar num livro, e com os remédios espalhando seu efeito deletério, amortizante, na corrente sanguínea, (Não é boa essa sensação próxima de embriaguez, o texto vai se bagunçando, sua mente vai ficando confusa) e é como se você voasse, ou estivesse prestes a cair (mas pra onde?) escorregar de uma imaginária borda do décimo quinto andar, enquanto insiste “O traço. O que é, afinal, um traço?”.

– Por que está tão interessada nisso? – Marcelo me pergunta, aponta para o livro que está no meu colo.

– É percepção visual – eu digo – ajuda a escolher melhor essa próxima tatuagem.

– Mas precisa saber tanto assim?

– Ora, não – eu digo – não preciso saber *tanto assim*. Nem também eu estou lendo *tanto assim*.

– Sempre que olho você está lendo isso.

– Talvez não esteja olhando o suficiente.

– Estou olhando desde a semana passada.

Suspiro. Os olhos dele estão cheios de mágoa. Sei exatamente o que ele quer com essa conversa. Quer que feche isso e deite com ele diante da televisão. Sim, mais atenção, é a sua queixa. Quer mais atenção, mais companhia. Quer que eu fale, quer que eu conte algo do trabalho, qualquer coisa, num tom de voz brando e terno. Não quer apenas trepar antes de dormir, não precisaria estar comigo num relacionamento se só precisasse disso.

– Está passando um programa engraçado – ele diz – vem pra cá. Fica aqui.

Então eu poderia lhe responder: “Não. Não devíamos mais perder tempo com programas engraçados”. Diria: “Você queria ser escritor, você tinha talento, não tinha? Devia estar escrevendo agora”. Mas então chegaria a hora dele, de ele me perguntar: “Acha mesmo possível?” – ele me faria essa pergunta com os mesmos olhos incrédulos que lança sobre mim agora – “Acha que ainda há tempo? Pra mim? Pra nós?”

E o que eu diria? “Bem, Marcelo. Eu sei que você também sofre”.

“Você sofre. Você trabalhou o dia inteiro em um emprego de merda sem ter autonomia, sem ter complexidade ou a mínima relação entre esforço e recompensa. O dia inteiro é isso: Uma pessoa senta-se diante de você, do outro lado da mesa. Estou com um problema. Sim, as pessoas que sentam diante de sua mesa sempre têm um problema: o financiamento não foi aprovado, ou bloquearam o depósito que veio do exterior, o dinheiro desapareceu. E você é não apenas o detetive que precisa descobrir o que foi que deu errado, mas também o portador das más notícias “Entendo seu problema, mas não posso resolver”, “sim, mas... Senhora? Senhora, por favor, não há razão para se exaltar”. Uma multidão de queixas, de chatices, o pagamento dos benefícios, a fila exaltada para dar conta, pedir número de pis-pasep, ouvir educadamente cada xingamento. E em casa, tarde depois de dirigir, cruzar meia cidade no horário do rush para um apartamento vazio, ainda conseguindo ouvir o eco das vozes, aas malditas vozes deles “mas por quê?”, “mas meu benefício”, “mas, mas, mas”, por que eles sempre têm um “mas”? E você já comeu, fritou linguças para comer com pão igual viu o personagem de algum livro fazer, já pôs as roupas para lavar, foi até a gaveta

de remédios, os antidepressivos acabaram de novo, a farmácia fica a cinco quadras. Você já lavou a louça que ficou do café da manhã, já lembrou que a moto, na garagem, está vazando óleo e o livro do Heitor está ainda sobre o criado mudo. Exausto e abstinente de citalopram. Senta-se diante da TV. Há um programa na Tv que é, na verdade, sua única alternativa para driblar a insônia. E então você me pergunta, será que não merece isso?”

– O que houve? – ele pergunta – por que não gosta mais de fazer as coisas que sempre fizemos?

“Acha mesmo que é possível? Sozinho e nessas circunstâncias?”

Então você escuta o coro de risadas vazando da tv até seu ouvido, sua dor, as risadas chegam tristes a você, e lhe tocam em algum ponto, na sua barriga, seus intestinos, num ponto que dói muito.

Você pensa na pessoa à sua frente, nas suas fraquezas, suas impossibilidades. Ela está tão sozinha quanto você e este é um momento de iluminação em meio a meses apagando incêndios, reajustando planos, treinando a resiliência: Vocês estão sozinhos. Estão absolutamente sozinhos e envelhecendo. E todas as histórias de *self made men*, todos os que disseram “eu comecei do zero”, mas o zero deles era ainda muito mais adiante que o seu zero. Ninguém nesse mundo consegue sozinho.

Então talvez seja por sorte, ou por sobrevivência, você vai esquecer disso nos próximos dias enquanto repete, diariamente, os mesmos erros. Não há jeito, você entendeu: isso aqui é um ciclo viciado, termina mal, mas por enquanto...

Sim, mas por enquanto.

– Samara?

– Desculpe – respondo por fim. – Isso é uma série?

E você já fechou o livro que tentava ler, já colocou um saco de pipocas para estourar no microondas.

– Tá, tem algo que eu precise saber pra acompanhar?

E já tratou, também, de engolir o choro que vem disso, que lhe ataca a garganta. Ele ri, Marcelo. É só por hoje, mas ele ri.

– Não, é o piloto. Está reprisando.

– Espera... Esse não é aquele ator do...

É só por hoje. Amanhã não vai mais doer. Amanhã o dia começa de novo. Você vai voltar a teimar com os antigos problemas, vai brigar porque Marcelo estragou suas camisetas lavando as roupas brancas e coloridas ao mesmo tempo, sim, não há dúvida, amanhã começa tudo outra vez.

PRIMAVERA

Marcelo tinha trazido tudo no fim de semana. Pela sala, onde antes ficavam as plantas decorativas e mesinha de centro, agora há caixas espalhadas com grandes letras onde se lê: LIVROS, ROUPAS, CD's, demarcando território. Isto é provisório — ele tinha me garantido — Só enquanto eu arranjo um apartamento pra mim. Na verdade, os termos “sala”, “corredor”, “cozinha”, que já eram arbitrários num apartamento de vinte e dois metros quadrados, se desfazem na bagunça.

— Tem problema? — Ele tinha perguntado — Tem problema deixar isso aí, por enquanto?.

Descolo as costas da parede. Volto, com a long neck na mão, para dentro do quarto onde Marcelo termina de instalar sua TV.

— Não — respondo. — Problema nenhum.

Foi primeiro por puro tédio que fiquei olhando, distraidamente para dentro das caixas. Paro ao lado, da IMPORTANTES, puxo de lá um livrinho fino.

— Conseguiu achar, afinal? —ela está aberta e um livro se sobressai entre caixas de óculos, caixa de relógios, de canetas. “Arquitetura do desconforto”. — Não é este o primeiro livro do Heitor? Achei que tivesse perdido.

— Ah— ele limpa as mãos na bermuda. — Você sabe, na mudança as coisas aparecem.

O livro estava com as bordas sujas, olhelhas marcações...

— É bom? — eu lhe pergunto

— É sim — ele guarda na maleta as ferramentas que estavam espalhadas no chão. — bem, quero dizer que não faz feio para os padrões daqui.

Sei o que ele quer dizer com isso.

— Ele vai lançar o novo agora. Marquei de irmos com ele para o litoral neste fim de semana para comemorarmos...

Ele passa as mãos nas pernas da bermuda.

— Tem certeza que não tem problema, não é? — ele pergunta levantando do chão.

Olho o relógio disco-de-vinil, o pufe transparente.

— Posso levar tudo para a vaga de garagem, mas como você nunca recebe visitas...

Eu libero todo o ar dos pulmões, apoio na pilha de tralha a long neck pela metade. Dou de ombros. Tanto faz.

— Minhas costas estão me matando e, que calor da porra... A cerveja tá gelada?

Afirmo com a cabeça. Ele caminha em direção ao frigobar, ginguando da esquerda para a direita, com a mão na lombar. Abre a porta, pega a Stella, abre no dente.

Quero dizer: lá está ele. Um homem de bermuda, sem camisa, os pneus saltando do cóis e cambaleando de volta para o quarto com o controle remoto.

Não é como se estivéssemos casando — ele tinha dito no começo — e eu só penso. Será que um homem agora é mesmo a resposta? Esse homem? E pensando nisso entro no banheiro

— Teu celular tá tocando — ele diz — quer que atenda pra você?

Não respondo, mesmo assim ele bate à porta do banheiro.

— Samara tem um cara chamado querendo falar contigo aqui. Diz que o nome é Jack.

Mas que tipo de nome é esse?

O fato é que tal de Jack não disse muito. Apenas que se eu quiser fazer a tatuagem, ele topa. Basta dar o sinal.

Eu sento à mesinha, Marcelo me olha do sofá, comendo sucrilhos com leite achocolatado e vendo a programação de “clips para levantar” da VH1. O som irritante cliclete, de *Misunderstood* do Bon Jovi toma conta de tudo.

— A gente almoça junto amanhã?

— Não. Tenho um compromisso à tarde.

— Mais exames?

— Não.

— O quê?

— Acho... Acho que vou fazer uma tatuagem.

— Então, certo, vamos falar sobre sua dor...

Eu observo seu consultório: é o mesmo consultório que eu havia visitado mil vezes, antes. A mesma mesa de vidro, o mesmo abstrato feio, a mesma parede texturizada.

E, talvez, sim, os sintomas, todos esses que você relata estejam correlacionados, mas também pode ser que sejam coisas separadas. E essa coisa de ter caído...

— O que o senhor quer dizer — eu me precipito, interrompo sua fala — é que não existe cura.

Ele para de falar, de escrever a receita, e olha pra mim, com um meio sorriso engatilhado.

— É isso, não? — continuo. — Eu entendo. Entendi o que o senhor quer dizer. Isso o que eu tenho, que está me debilitando, dia a dia, crônico, moderado, contínuo... Como a vida, tem sintomas muito inespecíficos. Não há nada que o senhor possa fazer. Não é câncer, não é um enorme tumor, não é enxaqueca. Pode ser milhões de coisas, e, então, por consequência, pode ser nada. Não tem um nome. E não tendo nome, não tem cura. É lógico, não é?

Mas ele já está pronto a me dizer as coisas de sempre: passiflora para a insônia. E você tem que parar de fumar. Faça exercícios pela manhã, não fique no computador ou diante da TV depois das 18h. E eu estou cansada das coisas de sempre.

Porque sentada aqui, onde estou, consigo saber exatamente o que ele vê quando me olha à sua frente, implorando por um alívio, por um diagnóstico, me queixando de dores que nem são fortes, que nem são dores: que idiota, é o que ele pensa. Eu sou um caso perdido. Todo dia são tantos casos perdidos nessa mesma cadeira. Que sem nem mudar o tom, ele prossegue.

—Faça o exame, certo? Espere a crise vir, faça o exame...

E eu já sei que em seguida ele vai recomendar tratamento psicológico.

Eu já parei de dar atenção de verdade. Puxo, da bolsa, uma caneta sem tampa, a tinta falha. Eu rabisco a parte interna do meu próprio braço para fazê-la pegar.

Com a requisição de exame e a receita, eu deixo a sala dele, passo pela sala de espera, devagar. Mas ao sair, na calçada, com o sol forte do meio-dia como uma bofetada na cara, me faz entender que não há exatamente uma escolha — este médico não parecia saber nem mesmo um milímetro a mais do que os outros oito que visitei e o que ele me propunha? Mais um exame de caráter eliminativo, mais consultas, testes, e mais remédios analgésicos...

Eu rasgo a requisição de exame e a receita. Jogo os dois na lixeira da calçada.

E, como se tivesse acordado de um transe muito longo, numa vida que não é minha, e estivesse numa calçada, aleatória, sem saber como fora parar ali, ou para onde estava indo, Eu não consigo mais lembrar porque estou com o celular na mão.

Guardo, então, o aparelho na bolsa, olho adiante: uma garota com uma mecha roxa sai da loja à frente, olha pra mim, eu poderia muito bem ser ela, agora, com um braço sangrando — isto deve doer— mas a dor é inevitável. Ela atravessou a rua.

Eu não penso mais em Marcelo, prestes a ser despejado, em sua proposta estranha de morarmos juntos. Não penso na queda que anos atrás estragou a mim, a tudo o que eu quis e não penso em Sérgio, em Telma, no trabalho, na dor, eu apenas penso: Design Ink – e é isso o que está escrito bem ali na frente, nas vidraças do sobrado. Concluo: é um estúdio de tatuagem.

E, apertando os olhos contra a claridade, como se me preparasse para saltar, ou como se tivesse rodas sob os pés, atravesso a rua.

Estrago (romance)

Versão na ordem direta

1.

Ele dá sinal para a esquerda e começa a olhar pra frente e pra trás até lhe darem espaço.

— Tem certeza que é por aqui?

Mas quando finalmente saímos da faixa à direita, que quase não se movia, é a vez de a do meio se tornar a mais lenta de todas.

— Certeza mesmo?

Não tem muito como errar aquilo. É seguir na principal e dobrar à esquerda.

A avenida já está cheia às sete e meia da manhã. Não adianta. Mas Marcelo, tentando manter o pé no acelerador o máximo de tempo possível, troca mais uma vez de via, para frear em seguida, meio metro depois, quando a fila que tinha acabado de abandonar começava a fluir mais rápido ao nosso lado. Eu sei que não adianta dizer nada, porque desde que começamos a namorar é assim. Se resolvo aceitar a carona dele, se deixo minha própria moto na garagem do prédio e espero na guarita para que o seu carro passe e me pegue, então preciso aceitar o jeito dele de dirigir. E o jeito de Marcelo dirigir é assim: baseado em sensações, em impressões, ansiedade, e não necessariamente na relação esforço e resultado. E de onde estou, no banco do passageiro, é como se escutasse um milhão de discussões diferentes sobre este mesmo assunto.

“Você não tem a menor noção dessas coisas, Samara. Não fosse por mim, nos atrasaríamos todo dia”, ou...

“Certo, você cronometrou. Mas isso foi uma exceção. Porque hoje estava fluindo mais fácil mesmo”, ou..

“Ora, é claro que não estamos ao lado do mesmo carro desde o começo da avenida”, ou ainda:

“Apenas me deixe dirigir, certo?”

Então eu me distraía sozinha memorizando os carros que começaram na avenida à mesma altura que nós. O Siena prata que havíamos ultrapassado há cinco minutos, agora, emparelha conosco.

—Está conseguindo reconhecer as ruas?— ele pergunta — Ler as placas nas esquinas?

Uma dessas manhãs de sempre: o sol forte e quente do lado de fora, brilhando demais no retrovisor, o rádio tocando as vinhetas e propagandas que já decoramos no caminho de todos os dias para o trabalho. O caminho é o mesmo, a hora também, e eu acabo cantando junto os jingles todos, com os lábios, sem produzir som: o da faculdade de medicina, do café Bom Sabor, da casa de câmbio Real Valor, da companhia de água

e esgoto... Puxo a aba do rebatedor de sol e me olho no espelho para conferir a maquiagem. Aí lembro: não usei maquiagem.

—Não posso me atrasar hoje— ele diz— Me perder e ficar rodando, de carro, no início da manhã seria um inferno.

Eu poderia ligar o GPS.

— Não, pelo amor de deus, isso piora tudo.

A maquiagem foi só uma das coisas que reduzi drasticamente desde que as crises começaram. No trabalho, as pessoas perguntam o que há comigo. Por que estou tão pálida. Eu confiro bem os dois lados da face pelo espelho minúsculo e penso: talvez estejam certos. Levanto o queixo. Dá pra ver meus lábios ressecados, quase abrindo um corte. Dá pra notar, na luz boa dali, das oito da manhã, que há uma área esbranquiçada nas maçãs do meu rosto.

Mas não há por que pensar nisso agora.

Eu fecho a aba voltando a olhar para os carros que refletem a luz do dia em seus capôs, os edifícios, as árvores na calçada. Não há por que pensar nisso porque não é pra o trabalho que estou sendo conduzida.

Eu me recosto melhor no banco enquanto Marcelo avança aos solavancos e freios pela avenida, o movimento faz meus cabelos balançarem, o cheiro do meu próprio xampu me enoja. Foi fácil cortar o uso do perfume, da maquiagem, também tenho evitado o cigarro, a moto tem ficado na garagem... Mas sobre isso, não havia muito que eu pudesse fazer. Ganha-se de um lado, perde-se de outro.

Ganha-se de um lado, perde-se de outro.

Foi o que disse a dentista, por exemplo, depois de me extrair todos os sisos, fazer cinco obturações, limpeza de tártaro e até um clareamento em sessões que se espalharam ao longo de um mês inteiro — incluindo as horas de espera do ônibus, de espera na sala, de espera do próximo ônibus, de espera da cicatrização, de espera, de espera, de espera... Quatro sessões, sempre à tarde, sempre na semana, sempre saindo às pressas da empresa para, ao final de tudo, o incômodo permanecer e ela dizer que, bem, então era nada com os dentes. Mas perde-se de um lado, ganha-se de outro, foi o que ela disse me oferecendo um espelho para ver que belo trabalho, que dentes maravilhosos eu tenho agora.

“Por que não procura um otorrino?”, ela sugeriu “Essa pressão que você diz... Isso pode ser sinusite”.

Pela janela o Siena fica novamente para trás e eu sou jogada pelo carro para a esquerda enquanto ele entra de vez na faixa ao lado.

—Já conferiu os documentos? — ele pergunta — Não vai precisar voltar pra buscar a carteira do plano de saúde, vai?

Só aconteceu uma vez. Mas Marcelo vai fazer isso durar para o resto das nossas vidas.

—Só estou preocupado — Ele levanta os ombros, é seu gesto defensivo. Um motociclista passa pelo vão entre os carros ao seu lado —, preocupado com *ocê*.

Você consegue perder quase um mês inteiro de trabalho se levar a sério a cartilha médica e especialmente se quiser fazer as coisas pelo plano de saúde. O cálculo é mais ou menos o seguinte: para cada especialista que você precisa visitar, digamos, um otorrino, são pelo menos três tentativas de agendamento. Você vai ligar para o primeiro, mas só vai chamar. Você vai insistir, alguém vai atender lá pro quinto toque. Você vai dizer que é primeira vez. Elas vão dizer: “Só mês que vem”, ou “Só pra agosto”, ou ainda, “Ele não tem mais convênio com este plano”.

Repita isso umas seis vezes, tentando sempre o número abaixo do guia do seu plano de saúde, e talvez encontre um especialista que te atenda na semana em questão. Do outro lado, uma voz boceja e diz, no piloto automático: “Por ordem de chegada, a partir das duas da tarde”.

Elas estão sempre no piloto automático. É impossível não se compadecer.

O que eu chamo de a *estabilidade da minha rotina* é que eu sempre sei que há um tempo de espera de pelo menos três horas. Mesmo que você chegue às duas em ponto. Isso porque, na ânsia de ser a primeira a ser atendida, alguma senhora levemente acima do peso, com quadris pesados e uma cara de constipada, chegou duas horas mais cedo. Além disso, o médico chega sempre uma hora atrasado. Ou seja: mesmo a primeira paciente espera três horas.

Isso costumava me deixar puta da vida.

Quero dizer: você chega às duas e encontra a sala lotada. Claro que tem vontade de dizer: “Mas que merda vocês têm na cabeça?”. É o tipo de coisa que não entra na lógica delas. Elas fazem fila mesmo quando o cinema vende ingressos com o lugar marcado, essas velhas. A ânsia de entrar primeiro no ônibus, de ser o primeiro a ser atendido... Não importa que não haja lógica. Então você senta, pega uma Caras do ano passado na pilha e espera, bovinamente.

Você vira um mestre zen-budista nesse esquema.

Marcelo para no sinal vermelho e começa a tamborilar, ansioso, no volante. No rádio, começa a tocar o programa de esportes. Rodada do brasileirão. Eu já não estava mesmo ligando muito. Sabe de um negócio? Eu não gosto de gente zen-budista.

— Está ansiosa? Tá doendo agora?

Suspiro. Não é bem uma dor. Eu já tentei explicar isso várias vezes. E ele se agita ao volante.

— Eu sei, mas é mais fácil chamar de dor. Passa a mensagem mais rápido.

É mais como um formigamento, uma pressão...

— Tá. Um tipo de dor.

...uma dormência.

E eles prescrevem analgésicos. Sempre tem um analgésico. Não importa se você tenta explicar que não, não é esse o problema. A ideia é sempre interromper a dor. Sem dor, as pessoas vão vivendo, vão levando. Anestesiadas. Ninguém reclama. E exames: o médico vai sempre te requisitar alguns exames pra ter bem certeza do que se trata.

— Bom, pelo que me disseram, se esse não souber o que é isso, ninguém mais vai saber.

Isso deveria ser um consolo.

— Eu estaria animado, se fosse eu. Mas quem liga para o que eu penso...

Fazer exames é a pior parte. Eles sempre têm muito menos revistas. E é exatamente a mesma encheção de ir ao médico: tentar agendar, aparecer na hora, o atraso... Só que com secretárias são ainda mais tristes.

Eu consigo ver a mim mesma ao longo do último mês ao telefone, entrando e saindo de diferentes salas de espera de laboratórios: taxas no sangue, de hormônio, de urina, de fezes, você elege os lugares com os melhores cafezinhos grátis, compara as cadeiras, a atualidade das revistas, ultrassom, raio x, tomografia do tipo A, tomografia do tipo B. Você reconhece em todas as recepcionistas a mesma recepcionista de terninho, óculos e cabelos compridos. O médico diz: não é o que estávamos pensando, e depois: suspenda os remédios.

Você decora o nome do balconista da farmácia. Você o confunde com o médico da vez - todos de jaleco branco. Vá num neurologista, vá num reflexologista, vá num angiologista. E você faz: eletrocardiografia, eletroencefalografia, eletromiografia. Você usa um aparelho constrangedor o dia inteiro e conta ao médico tudo o que você fez enquanto o usava. Inclusive, você informa, no relatório, o momento preciso “hora: 18h35” em que “Atividade: transa com namorado” e escreve ao lado, “Intensidade de emoção da atividade: Razoável”.

Você sobe em cima de uma esteira, te colocam eletrodos, você vai caminhando sem sair do lugar... E você vai vendo a sucessão dos dias, a cara fechada do seu chefe, os colegas de trabalho com as indiretas, o apartamento precisando de limpeza e o médico pergunta: É impressão minha ou você está mancando na esteira?

Você compra e descarta novos remédios. Você levanta e descarta hipóteses. Apesar disso tudo, a dormência continua lá.

— Não sinto nada — eu digo, finalmente, a Marcelo. Eu tento procurar bem dentro da minha cabeça, ao menos uma pontinha da sensação, mas — Estou

maravilhosamente bem como há meses não acontecia. — e justo hoje. Puta merda. — e isso me dá a impressão de que vai dar em nada, essa consulta.

Ele se agita no banco, começa a morder o canto da boca.

—Tá vendo? Você vê problema até na ausência de problema.

Mas eu só queria mesmo era que ele me deixasse quieta. Um pouco. Ainda assim, retorno. Explico:

— Só queria dizer que é mais fácil ver um problema crônico quando está aparente.

— Aparente não se usa nesses casos — ele mexe o pescoço para os dois lados como se voltasse a se sentir confortável.

— Tá, Marcelo, é mais fácil achar o cadáver quando ele começa a feder. Fica melhor assim?

Ele retorna para a esquerda assim nos aproximamos da rua marcada e tenho a impressão de que ele sabia exatamente em que ponto dobraríamos. Eu apalpo com a ponta dos dedos a região do lado direito do meu rosto, bem onde geralmente incomoda.

E justo hoje Marcelo resolve que vai me azucrinar.

—É na próxima — eu digo.

Ele liga a seta, eu me concentro na cabeça, mas não há nada mesmo. Nem sombra do incômodo que não passava há dois meses. Dois meses.

Dois meses: eu olho pelo retrovisor, Marcelo para no sinal vermelho. A impressão que dá é a de que eu havia passado todo esse tempo, 61 dias, vagando por corredores azulejados. Que sempre, atrás da porta da sala de um médico, havia um outro consultório com outro médico, e lá dentro, outra porta para outro e para outro, e para uma sala de espera e para a outra. E eu via essas pessoas com seus jalecos brancos em uma fila indiana interminável até o fim da vida.

O sinal abre, ele acelera. Entramos na rua transversal, o pavimento é velho e o carro treme. O sol entra pela janela dele fazendo-o recolher um pouco o braço esquerdo.

— Você trouxe aquele calendário que você fez marcando todos os dias em que a crise apareceu? *Aquilo* era uma coisa legal pra mostrar.

—Mas que diabos você tem hoje?

O carro passa violentamente num buraco que raspa no carter.

— Só estou preocupado.

Mas ele só reduz a velocidade quando vemos, poucos metros adiante, uma ambulância saindo da calçada para ganhar a rua.

— E você tem sido bem desligada desde que esse negócio com a cabeça começou.

— Mas, de novo a história da carteirinha que eu esqueci naquele dia? Foi só uma vez.— Eu aponto a rua— É aqui. À esquerda, de novo.

Ele liga a seta, o tic-tac dela envolve sua fala.

—Não estou falando só daquele negócio. — Ele faz a curva invadindo a outra faixa, e segue no meio na rua bem pavimentada, quase vazia—Aquilo foi fichinha. — A seta desliga— Mas você esquece das coisas. Ou não presta atenção a elas, sei lá... Semana passada mesmo eu disse que estava com medo, meu livro não sai do lugar, meu blog está parado, cada vez menos gente curte o que escrevo...

Eu vejo do lado esquerdo a placa grande, com letras azuis e um desenho de um alvo.

— Ali, ó: Clínica de tratamento da dor.

—... E eu disse que o Arthur ia mesmo parar com o aluguel e o proprietário não vai renovar o contrato comigo. — pisa no o freio, desacelera e olha pra mim — Lembra do que você disse?

—É complicado lembrar. Você disse durante uma crise?

—Você disse: Acho que a coisa tá feia pra todo mundo.

Ele reduz a velocidade. Dá a seta e para o carro na calçada recuada em frente à clínica. Continua falando:

— Certeza que você nem sabe qual o problema nisso.

—Bom, talvez eu não saiba mesmo...

Estacionamos.

Percebo, então, que a calçada recuada é de um tipo bem diferente de loja. Design Ink. É tudo o que está escrito nas portas de vidro fumê.

— Que tipo de loja é essa? — pergunto.

— E você tem estado tão isolada... Tudo bem que tem essas dormências, formigamento, sei lá o quê... e, deus, como eu espero que esse tal médico vá resolver, dessa vez... Você já não consegue perceber que eu também estou precisando de ajuda. Essa questão do apartamento, então...

— O quê, Marcelo? Você quer que eu te empreste dinheiro? É só pedir.

— É claro que não. Não quero nada disso.

Eu tento ver se há movimento dentro da tal loja, mas é impossível espiar qualquer coisa. É um estúdio de tatuagem. Mas quem diabos vem aqui tão longe para fazer tatuagem?

— Quería que você me convidasse a morar com você.

Foi bem na hora que algum pedestre tombou, bateu na traseira do carro. Eu olhei para trás desorientada a tempo de vê-lo xingar alguns palavrões antes de sair andando.

— O que foi isso?

— Um idiota.

E se eu fosse supersticiosa diria ser um mau-agouro. E mesmo não sendo não posso negar que sentir o carro tremer, assim que Marcelo me pediu para morar comigo, acabou contribuindo para a sensação de pavor que me toma de assalto agora, como uma catástrofe, mas ele ainda vai insistir, vai voltar ao assunto.

— Você podia ter convidado para morar junto — ele olha pra mim —, se realmente se importasse.

— Marcelo...

Sinto a pele dos lábios repuxar. Ele fica olhando pra baixo.

— Só pensei, ora... Que seria um negócio bem gentil de oferecer, na sua posição. Você mora sozinha, namoramos há dois anos e eu estou praticamente na rua. Não é nada fora do comum.

— Sim, mas eu não pensei...

— Não era como se a gente fosse casar e jurar amor eterno. Seriam soluções práticas. E temporárias. Até eu achar um lugar.

— É que... eu não sei... eu não estava esperando. E tem essa... consulta. É sério isso?

— Olha, tá tudo bem. Se não der eu entendo, mas pensa um pouco. Não seria tão mal, seria?

— Eu tenho que descer — eu disse, catando a bolsa do colo — e você não pode se atrasar...

— A gente almoça, então?

— Claro, claro... a gente almoça.

Eu seguro a tranca da porta, ele alisa meu joelho.

— Não vai ser nada — ele diz. — A cabeça, quero dizer.

— Claro, não vai ser nada.

Então lembro de beijá-lo de despedida.

— Brigada por ter me trazido — eu digo, e olho adiante, mas tudo o que eu consigo ver é o reflexo escuro de mim e de Marcelo, encapsulados no Corsa, através das portas do estúdio de tatuagem diante de nós.

2.

Não há relógios nas salas dos médicos. Eu constato imediatamente quando ponho o primeiro pé lá dentro. Tem os quadros, sempre do mesmo estilo toscamente abstrato, a parede com a textura rugosa, as enormes mesas de mármore ou vidro. É sempre o mesmo consultório, o mesmo mau-gosto decorativo que entrou em voga na década passada junto com o ano de obtenção dos seus diplomas e seus juramentos éticos. A única diferença é a pessoa atrás da mesa.

— Então não é uma dor? — ele se volta, para mim, com o queixo baixo como se quisesse me fazer perceber um engano: isto aqui é uma clínica de tratamento para a dor, o olhar dele me lembra. E é um calvo de meia-idade, baixinho, parece ainda menor atrás da mesa. Eu explico:

— É mais como se fosse uma dormência... Uma pressão...

— Forte?

— Leve.

— Hum.

— Mas está me deixando louca.

Já é o terceiro neuro no mesmo mês. Terceira consulta. Com toda a chateação inclusa nisso: meu chefe olhando pra mim como se eu fosse uma grande espertinha, também a Telma, que tem que me cobrir quando saio mais cedo ou chego mais tarde, me dizendo: “Nossa, muito difícil mesmo essa doença sua. Já pensou se fosse sério?”. Isso inclui Marcelo sugerindo outro analgésico: “É toma um desses. Esse é bom, você vai ver”. E quinze ligações telefônicas com recepcionistas de clínicas, infelizes, “Não, não temos vaga pra esta semana”. “Não, não atendemos com hora marcada, só por ordem de chegada”. “Não, ele está de férias”. “Não, ele parou de atender pelo seu plano”. “Não, ele viajará para um congresso”. E a cabeça lá. Incomodando.

Com um lado da sua cabeça sempre amortecido, você aprende a ver muitas coisas de uma maneira diferente. Por exemplo: se o médico à sua frente mostrar-se desconfortável e você flagrá-lo olhando para seu decote, é muito difícil que você se incomode.

— Pode me falar sobre suas noites de sono?

Este é o momento em que eu falo: “Uma merda”, e suspiro, cansada. Uma merda como todo o resto. Sempre a mesma coisa. Às seis da manhã o despertador toca. Eu encaro meu teto. O mofo que há na parte esquerda, que descascou a pintura. O sono é tanto que eu penso: Por que não morro logo?

É quando eu começo a pensar no suicídio em termos pragmáticos. Na cama, de manhã, querendo dormir, penso em tudo o que eu poderia usar para me envenenar.

Poxa, morrer ali, entre os lençóis, e não ir para o trabalho; penso em tudo que eu poderia usar pra me cortar, em todos os prédios da cidade de onde eu poderia me atirar... O problema é que, também em termos pragmáticos, se pra qualquer uma dessas coisas — remédios, facas, prédios — se para qualquer uma delas eu vou precisar sair da cama mesmo, então eu sempre conluo ser mais fácil, é a conclusão a que chego todos os dias, simplesmente me vestir e ir trabalhar.

Eu sinto sono demais para o suicídio.

Puxo a saia do vestido e penso em Marcelo: “Você não devia dizer isso pros médicos. Assim nunca vão te receitar os remédios bons”.

Mas o médico ri.

— Parece ser bastante sono.

Eu trabalho feito zumbi o dia inteiro. Eu cochilo no meio da reunião. Eu desenvolvo modos de dormir sem fechar os olhos e aos poucos tudo ao meu redor parece um sonho ou um filme daqueles difíceis de entender. Metade do crânio dormente.

— Metade?

— Sim.

— Pode mostrar onde, exatamente, fica a dormência?

Eu localizo a região na cabeça. É do tamanho de uma mão enorme e aberta.

— O problema do sono — eu continuo — é que ele some assim que eu pego o ônibus do trabalho pra casa. Seis da tarde todo esse sono passa. Eu passo a noite acordada e a mil por hora.

— Então há mesmo um ciclo irregular!

Ele diz isso assim, com pontos de exclamação: impressionado. Parece que cheguei no meio de uma conversa que ele tinha com outra pessoa. Com outras várias pessoas. Existe *mesmo* um ciclo irregular. Ele diz e só aí eu chego para perguntar: “Então, qual é a piada?”

Quem olha, pensa que ele descobriu a cura para o câncer.

— Apesar de tudo, acredite, a insônia nem me incomoda tanto — explico.

Ele parece alguém que acabou de sair do navio para a terra firme. Seus cotovelos se espalham pela mesa e faz um meneio de cabeça e começa a rabiscar num bloco de notas timbrado.

— Claro — ele diz —, mas as coisas não ficam em compartimentos separados na vida, não é? Deixe-me ver... Samara, não é? Com que você trabalha?

— Com coisas em compartimentos separados.

Ele olha para mim apertando os olhos.

— Arquivo — expliquei. — Arquivista.

— Ora!— Ele livra os olhos da tela da expressão pesada, parecendo mesmo interessado. — Meu tio era arquivista. Você arquiva o quê?

— Vídeos — eu penso na lógica de Marcelo. Não vão receitar os remédios bons. Os piores médicos são os que pensam que não dá pra resolver coisas separadamente. — No telejornal — eu respondo.

— Certo. Samara, não é? Veja bem, Samara. Há vários tipos de dor de cabeça. E muita gente fala da enxaqueca, mas a enxaqueca é só um dos tipos. Veja isso aqui...

Ele me mostra o papel no qual vinha rabiscando. Circula dois nomes ilegíveis, desenha uma cabeça. Eu não consigo prestar atenção. Reparo num sinal carnudo ao lado de sua bochecha e finjo interesse olhando para ele, alternando calculadamente seu rosto, o papel, o sinal. Seu rosto, o papel... O frio do Dedoc. Esqueci de falar do frio que faz no Dedoc. Será que não há uma relação? Por exemplo: aquilo não poderia congelar, de alguma forma, um crânio?

Você desenvolve modos de fingir que presta atenção: Rosto: claro que eu não quero, não me importo com todas as dores de cabeça do mundo e suas peculiaridades maravilhosas. Papel: ele faz setas apontando as tências do desenho, pega a caneta preta, pinta metade do desenho. Sinal: eu só quero saber o nome, cacete, quero um nome para isso que eu tenho e um tratamento. Rosto: novos nomes ilegíveis, novas coisas indecifráveis. Papel: ele afasta a ponta do lápis e abre e fecha as mãos num ramalhete nervoso de dedos que se tocam. Sinal: balança a cabeça para a esquerda, para a direita, para a esquerda, para a direita.

— Mas...— Você aprende a procurar as pausas na fala de alguém para dizer o que pensa que é importante. E eles continuam falando.

Você desenvolve modos e gestos. Sobretudo depois de conviver muitos anos com Marcelo. Quantos anos juntos? Quantos ele disse que tínhamos? E entende a hora de dizer: tenho que ir. O médico pinta metade, meia cabeça do lado esquerdo. Pesco palavras: olho caído, lacrimejante, hemi-alguma coisa... Então diz:

— Você está numa crise agora?

— Bom... Agora, não. Mas ainda ontem...

É aí ele parece desapontar-se. Seus ombros caem um pouco, ele recolhe-se de volta na cadeira, joga as mãos nos braços da poltrona.

—É... Então nem adianta examinar. Se for o que estou pensando, não vai ter analgésico que chegue. Teste uma certa classe de antiinflamatórios... Este aqui, vou colocar na receita.

Não vai funcionar, eu sei disso. O otorrino já tinha passado antiinflamatórios.

— E então?

— Então veio uma porção de efeitos colaterais, mas a dormência continuava lá.

— É como eu disse...

Às vezes você se arrepende de não ter prestado atenção.

—Por enquanto, você precisa mesmo é de sono natural e saudável.

—Bem, eu não consigo.

—E vou ser bem enfático nesse ponto: vai precisar fazer um exame assim que estiver em crise.

—Mas dá pra saber o que é?

—Não quero me precipitar, sim? Vamos continuar investigando — Ele me olha com a cara de quem tinha acabado de perder o bonde e baixa o rosto, abandona o papel e volta ao computador— Pra a insônia você pode procurar passiflora nas farmácias naturais. Sabe, um composto? E talvez um chá de camomila, forte, antes de deitar... Faça exercícios pela manhã, não fique no computador ou diante da tv depois das 18h. Isso vai melhorar bastante as coisas.

—Acho que o senhor não entendeu— eu digo.— Eu estou realmente sofrendo muito.

Eu consigo saber exatamente o que ele vê quando me olha aqui sentada, implorando por um alívio, por um diagnóstico, me queixando de dores: que idiota. Eu sou um caso perdido.

— Olha, é um caso importante pra eu te receitar sem ter certeza, entende? Faça isso: espere a crise, faça o exame, e volte com o resultado.

— Sua fila de espera é de um mês.

Eu realmente sinto que perdi algo. Não estou bem certa do que, mas sei que não fui sempre assim tão... anestesiada. Eu costumava querer coisas da vida.

Ele suspira.

— Olha, eu vou fazer o seguinte. Vou te dar meu número pessoal. Anote. Você liga direto pra mim assim que tiver feito tudo e eu dou um jeito de te ver logo.

Mas eu já não estou mais dando atenção de verdade. Puxo, da bolsa, uma caneta sem tampa, a tinta falha. Eu rabisco a parte interna do meu próprio braço para fazê-la pegar.

— Não precisa fazer isso — ele diz. — Vou anotar eu mesmo, aqui no cartão, certo?

Mas eu já havia riscado o braço, linhas desconexas, um arabesco ondular que, por um momento me lembra de uma coisa, eu olho para aquilo.

— Houve uma vez que bati a cabeça — digo. — Bem nesse ponto que fica dormente. Bati com muita força. Caí.

Mas ele não parece surpreso com a informação. Chega um momento da consulta em que se torna proibido dar pistas novas. Eu sei. É por isso que continuo olhando os rabiscos no antebraço com a impressão de que ele vinha como uma déja vù, para me lembrar de algo.

— Ah, olha só... Uma vez eu dei entrevista para o telejornal, esse que você trabalha — ele diz me estendendo o cartão com uns quatro números de telefone acrescentados em caneta —, será que existe como eu conseguir o vídeo dessa entrevista? Você sabe... É bom fazer um arquivo pessoal...

Eu deixo a sala dele, passo pela sala de espera, devagar com o telefone já na mão para ligar para Marcelo, mas ao sair, na calçada, com o sol forte do meio-dia como uma bofetada na cara, entendo que não há exatamente uma escolha — este médico não parecia saber nem mesmo um milímetro a mais do que os outros oito que visitei e o que ele me propunha: Mais um exame de caráter eliminativo, mais consultas, testes, e mais remédios analgésicos — Eu rasgo a requisição de exame e jogo na lixeira da calçada a receita, como se tivesse acordado de um transe muito longo, numa vida que não é minha, sem saber para onde estava indo, guardo o telefone de volta na bolsa, e olho ao redor. De onde eu poderia pegar o ônibus daqui? E apertando os olhos contra a claridade, olho para frente. Design Ink.

E aí atravessei a rua.

3.

É uma grande decepção quando chego ao estúdio para descobrir que tatuagem, uma coisa que deveria ser tão essencialmente rebelde, precisa ser, afinal, tão planejada. Tão milimetricamente planejada em cada pormenor. A ideia era pegar meu braço riscado com caneta, atravessar a rua, falar com o tatuador, assim como quem chega a um bar americano precisando de uma dose de uísque, e dizer: “Cobre isso aqui com agulhas”.

— Então... — diz o homem tatuado atrás do balcão. — Não funciona bem assim.

Nunca gostei de quem começa suas frases com “Então”, mas ele está certo. Sim, o homem que finge me levar a sério, apesar de dividir sua atenção entre meu rosto e algum vídeo de esporte que assiste pelo laptop. Não funciona bem assim.

Fazer uma tatuagem, ele explica, tem que ser um negócio organizado. Sim, concordo. Muito organizado. E não custa dizer, também, sendo mais específica: parece muito com o procedimento de ir a um cartório. Desenho em três vias, autenticadas. Lista de espera. Pagamento parcelado em até três vezes. Sim, aceitamos débito. Você consegue ver os escriturários com jeans rasgados, burocráticos, com suas águias, tigres e carpas nos braços. Indo e voltando com o papel manteiga, com provas, com transfers, sim, três vias. Porque hordas de patricinhas se revezam para tatuar frases de “Carpe Diem” ou “Love” ou “Freedom”. Certo. Dane-se.

— Dane-se — eu digo.

Não para alguém específico, mas para a ideia toda de estar ali que, claro, agora me parece idiota até o absurdo.

— Eu queria uma tatuagem, não uma prova de vestido de noiva. Vocês têm até os diabos das coxinhas na sala de espera.

Ele ri. Meio tenso, meio com medo.

— Você tem senso de humor — é o que ele diz, apesar de eu não estar rindo.

—É necessário. Sério — ele continua, falando para mim por cima de adjetivos hiperbólicos do narrador esportivo. — A tinta da caneta, o suor do teu braço, tudo isso tem impurezas. Infeciona. A gente tem que limpar a pele, antes.

Ele olha para a minha cara, e se apressa em dizer:

— Mas, claro, há formas de preservar a espontaneidade.

Há formas de preservar a espontaneidade. Taí uma frase que daria uma bela tatuagem.

— A gente poderia, por exemplo, fotografar teu braço agora, passar exatamente, até os erros, para o transfer, com mesa de luz...

Fico com aquilo na cabeça: um desenho cuidadosamente, cirurgicamente, transplantado. Até os erros. Milimétrico. A espontaneidade embalsamada ainda é espontânea?

— E depois de o desenho estar pronto e aprovado pelo tatuador, aí é só correr pro abraço.

Ainda podemos chamar de espontâneo quando teve tanto empenho, esforço e intenção?

— Marca o horário e você vem no dia, bem alimentada, mas sem ter consumido álcool, café...

— Você gosta de esportes de risco? — eu pergunto a ele olhando para a tela do laptop — Surfe? Skate? — e me seguro para não dizer também: inline? Patins inline na rampa vertical?

— Moto — ele conta. — Meu irmão ainda faz, até — levanta o rosto, sorrindo, enche o peito, pronto a me contar todas as suas façanhas. — Por quê? Por causa disso? — ele pausa o vídeo, sorri constrangido — Desculpa.

Eu ergo os ombros. Minhas manobras eram de uma espontaneidade calculada, segundo meu treinador, mas isso eu não digo. Não deu muito certo essa espontaneidade.

— E quanto custa isso? — Eu estendo para ele de novo, o braço.

É quando ele finalmente olha para o desenho com atenção, franze o cenho.

— Isso?!

Olha de novo, concentradíssimo, repuxa os lábios. Não consegue evitar a cara de decepção.

— Sabe, o preço da tatuagem é pela área — ele diz — Uma tatuagem dessas, tem, o quê? Uns dez centímetros? Ficaria por uns cento e oitenta, mas... Pode virar o braço assim para eu ver uma coisa?

Obedeço. Mas sua cara fica cada vez pior. São só dois riscos. Dois arabescos que fiz por impulso numa sala de consultório médico. Não fazem o menor sentido, ainda mais assim, vistos de onde ele está, pelo ângulo errado. Ele está estranhando, e me encara como se perguntasse: tem certeza que quer tatuar essa bosta?

— Além disso, tem o preço mínimo — ele continua —, que é cento e trinta. Sim. Mesmo que seja para tatuar um ponto de um milímetro, vai custar cento e trinta.

— Tá tirando onda com a minha cara? — eu pergunto.

Ele explica como se tivesse essa informação já pronta na cabeça e a repetisse o tempo inteiro: porque independentemente do tamanho do desenho, a agulha descartável tem seu preço, os materiais todos, que não podem ser reaproveitados, têm seu preço.

— Não, não — interrompo. — Estou falando do ponto de um milímetro. Existe quem apareça para tatuar uma coisa dessas?

Ele ri.

— Você ficaria espantada.

Além do mais, e isto é algo que só descubro muito tempo depois, ninguém cresce na carreira fazendo estrelinhas, coraçõezinhos e símbolos de infinitos que poderiam vir num chiclete. E, já que é pra perder tempo fazendo essas porcarias, então que os artistas sejam bem pagos.

Mas ainda não sei disso.

— Quer dizer que tanto faz se eu tenho dez centímetro de um boneco de palito ou dez centímetros da Mona Lisa? O preço é o mesmo?

— Basicamente...

— E tem que marcar horário e entregar o desenho com antecedência?

— E dar o sinal no agendamento.

Ele percebe minha cara de desnorteada.

— Quero dizer, metade da tatuagem já tem que ficar paga.

— Tem mais alguma coisa? Xerox autenticada em cartório? Firma reconhecida? O número do plano de saúde?

— Não, só vou anotar teu telefone pra passar pro Jack.

Quem é Jack?

— Você não conhece o Jack? — ele ri — Então como diabos conseguiu achar esse estúdio?

Aponto para o outro lado da rua, para a clínica de tratamento da dor. Foi só um passo. Um grande passo, na verdade, mas isso eu também só fui descobrir depois.

Jack é o dono do estúdio.

Sabe, havia muitas lendas sobre Jack ali naquela saleta descolada.

De que Jack revolucionaria o mundo da tatuagem de modo definitivo e faria,

um dia, uma exposição em museu com pessoas nuas e riscadas em vez de telas. De que Jack estava cotado para aparecer num reality show de tatuagens de onde o melhor tatuador sairia com um novo estúdio montado. De que Jack não tatuava mais as demandas tradicionais porque tudo isso o entediava profundamente.

Mas eu ainda não sei de nada disso também.

— E cadê o Jack?

— Deixa teu número e o desenho que eu passo pra ele.

Eu já tenho uma boa ideia do que vai acontecer. A fila indiana. Marcar horários, esperas, exames...

— Olha, deixa pra lá...

Há um sem número de pessoas considerando há décadas a ideia de riscar no corpo as iniciais dos filhos, ou uma carpa cheia de cores.

Eu realmente não estou interessada em passar por esses entremeios todos...

Há gente considerando entre a ideia de ter uma, ou várias, ou considerando os tamanhos.

Eu já quis ter uma única, mas vou acabar é tendo várias, como essas pessoas hiper modificadas, cujas partes do corpo — perna braço, tronco, costas — já deixaram de significar perna e braço e tronco e costas há muito tempo para significar meros detalhes das tatuagens que carregam.

— Eu não pensei direito... acho. Talvez tenha que refletir melhor.

Mas tinha Jack.

— Essa tatuagem é a cara do Jack — ele diz — pode crer que ninguém mais nessa cidade vai fazer com essa tatuagem o que ele pode fazer.

Eu rabisquei o número de meu telefone, movida pelo piloto automático, já mais concentrada no que acontecia do lado de fora, os carros que passavam do lado de fora, os pedestres definhando debaixo do sol, do que no que acontecia dentro do estúdio.

— Jack te liga.

Me despeço.

Ele olhou de novo para o desenho rabiscado no meu braço de um jeito engraçado.

Marcelo detestava essa história de chamar de engraçado tudo o que eu não conseguia definir.

4.

Meu pai não estranhou quando cheguei em casa com uma fratura exposta aos onze anos de idade. Não estranhou quando eu disse que queria ir sozinha morar nos Estados Unidos aos treze, ou quando fiz DDI dizendo que havia aberto o supercílio numa manobra muito arriscada na rampa. Não estranhou quando perdi o x-games aos quinze e anunciei aposentadoria aos dezesseis. É a mesma coisa agora, quando conto sobre Marcelo, explicando que ele irá morar comigo daqui a alguns dias.

— Não significa que eu esteja casando — ressaltou — só que estamos juntos há bastante tempo e ele está pra ser despejado.

Meu pai apenas olha na direção da cozinha, como se esperasse que minha mãe, morta há mais de dez anos, saísse dali, magicamente, para salvá-lo desta conversa.

A casa já é outra, cidade é outra e, poxa, esta cozinha é bem diferente. O problema é que a presença da minha mãe ao pé do fogão ou da pia, como um membro amputado dele, teima em querer coçar e na impossibilidade de fazê-lo, lhe resta olhar para mim, estupefato. O que se diz nessas circunstâncias?

Se ela estivesse ali, provavelmente diria: “ah filha, seu pai está cansado. Venha cá que eu dou um jeito nisso”. Ele diria algo entre “sinto muito” e “parabéns”, se trancaria no quarto das tralhas para batucar com as baquetas numa borrachinha e não perder a forma e eu ficaria lá com ela, entre ressentida e amargurada, me perguntando: qual o problema de perder a forma se você não é mais baterista de ninguém?

E, no entanto, agora... Sim, agora depois do episódio da hipoglicemia que quase o levou ao coma e depois de tê-lo forçado a mudar de cidade para que eu pudesse ficar de olho. Agora, resta a mim dar um jeito nisso, amaciar as coisas pra ele.

— E o senhor? Como vai indo?

O problema é que eu sei, esse arremedo de conversa burguesa deprime tanto a ele quanto a mim.

É isso. Meus pais. Sabe Woodstock? Pense nisso. Pense nisso e afaste-se disso em léguas e léguas. E pense numa cidade pequena, num Brasil perdido, em famílias que não deixam herança e você terá um breve vislumbre do que era a vida dos meus pais. Você também tem televisão, como todos os outros. Você sonha junto, como todos os outros. Você também sente. Mas sua família precisa que você ajude em casa. E, claro: você quer salvar o mundo da guerra, você quer lutar pela liberdade, em passeatas, acampamentos, mas aí quem vai lavar os pratos?

Meus pais ficaram com os pratos.

— O senhor ainda tem tocado bateria?

— Não. Faz tempo que estou sem tocar.

— Sei.

— A síndica veio dizer que o vizinho ao lado achava irritante.

— Mas não sai som.

Ele dá de ombros. Semana passada foi sozinho ao enterro do cara que era o guitarrista da banda que eles tinham. Infarto, ele me conta, em meio a observações sobre a tradição judaica não ter velório e da sensação de ter um quipá sobre a cabeça. Não parece abatido, e sim conformado. Faziam covers dos Beatles quando jovens. O vocalista foi o primeiro a morrer no acidente de carro mais estúpido que já ouvi falar.

Estúpido porque, a priori, ninguém capota fatalmente o carro em plena avenida da praia às cinco horas da tarde de um feriado de páscoa, mas foi exatamente isso que o John Lennon deles fez. Isso faz uns três anos, eu o havia acompanhado até o velório com medo de que ele esquecesse dos remédios. Péssima ideia por dois motivos: primeiro porque ele agia como se fosse um menino asmático que precisa ir à festa acompanhado da mãe; segundo por causa da memória que ficou em mim daquele dia: três homens velhos, que se afastaram da multidão buscando abrigo na sombra de uma árvore, vestiam pólos e jeans, trocavam, lá e cá, gestos de uma intimidade que se revelava meio pasma. E bem neste ponto, um homem com uma calvície precoce arrastando uma criança pela mão se aproximou de mim, e cochichou: “Ficam obcecados com isso, não é? Com a ordem com que os Beatles verdadeiros morreram”. Eu precisei olhar duas vezes para reconhecer o Pedro. Puta merda, o Pedro. Foi só então que lhe abracei, desejei os pêsames sinceramente, lembrando de como tínhamos passado a infância escalando árvores, entrando na casa mal-assombrada. De que ele tivera uma paixão adolescente por mim logo que eu comecei a criar seios, quando todos os outros meninos ainda me achavam desengonçada e esquisita. Eu tinha ficado triste, de verdade, com aquilo, a cara do Pedro. O menino que eu tinha rejeitado aos doze anos estava velho, feio, cheio de filhos, e agora era o pai dele o primeiro a morrer, enquanto os outros três voltavam para dentro do salão a passos lentos.

Pelo que meu pai conta, o enterro do guitarrista foi mais rápido, mais direto.

— As tradições ancestrais são melhores com essas coisas. Pá de terra direto na madeira do caixão...

— E a Marianne? Como estava?

Ele olha para a minha cara. É o mesmo olhar que o médico me deu quando eu disse que não era uma dor.

— Estava triste — e me mostra as palmas da mão como os dedos voltados para baixo. — De que outro jeito ela estaria?

Eu me recosto no sofá, respiro fundo.

Os amigos do meu pai costumavam passar dias e dias com suas esposas e filhos, na nossa casa. Eu ainda os conhecia assim: o pai do Pedro, o pai da Joaninha, o pai de Marianne... Nossa casa virava um grande acampamento nesses tempos. O jardim virava palco do maior show cover dos Beatles, feito pra ninguém enquanto mulheres sem muito assunto, e doloridas pelo hábito, sentavam em volta da mesa armada na área, dançando e esfregando os pés descalços na grama. Na sala, com os sofás afastados, os colchões de casal eram dispostos para as crianças que dormiam amontoadas umas sobre as outras. Sim, vamos acordar bem cedo, nós dizíamos, antes dos adultos. E ficávamos por lá, nos esforçando pra dormir enquanto minha mãe passava da cozinha para o jardim levando mais e mais salgadinhos de salsão.

E se em algum momento as festas acabaram, se as relações mudaram, o que fizeram, eu simplesmente não sabia dizer já que saí para morar fora do país cedo demais. E tudo o que me ocorre é que estar aqui, comunicando sobre um homem vir morar comigo enquanto ele fala de cerimônias fúnebres, é de que, todas as voltas que fiz, todo o gasto, todas as sucessivas superações e teimosias, deram somente nisso. Tinham que dar somente nisso. A vida não dá certo, eu tomei o caminho mais longo, viajei para mais longe, desatolei daquela cidade de merda onde ele me fez nascer, mas no fim acabava igual ao Pedro. Casamento, filhos, empregos de merda, cansaço.

— Traga esse rapaz aqui, um dia, esse seu namorado.

— Claro, trago sim.

É bem nessa hora que o interfone toca. O almoço dele, feito por uma empresa especializada em refeições para diabéticos, chega pontualmente a uma da tarde. Eu digo que não se incomode, que eu desço para receber, enquanto ele põe a mesa.

— Sempre sobra — ele diz. — Você come junto?

— Claro — digo —, não quero ficar só invejando seu prato.

Ele arqueia a sobrancelha, contrafeito. Sabe que ninguém nesse mundo invejaria o prato dele.

No dia que cheguei dos Estados Unidos de muletas, minha mãe tinha sentado comigo na cozinha para dizer: “Eu me apaixonei pelo seu pai quando soube que ele era diabético”.

Eu estou olhando para o meu pai, agora, bem à minha frente, ele mastiga a comida sem gosto, calado. Não devia ser um homem muito atraente mesmo se você tirasse uns 40 anos daquele corpo e ainda assim aconteceu a ele, a minha mãe.

Esta é uma daquelas lembranças que você fica revisitando o tempo todo: “Eu me apaixonei pelo seu pai quando soube que ele era diabético”. Na hora em que ela, minha mãe, me disse isso ele estava no quarto de visitas, treinava sua habilidade com

as baquetas. E é também uma daquelas lembranças que talvez contenha elementos de outras. Porque ela sempre me levava à cozinha, servia café amargo, dava um sorriso e começava a falar. Quando penso sobre isso, sobre como recebi essa história, com o café passando de um lado para o outro da boca, as muletas apoiadas, penso que seria eloquente me engasgar, dizer “Por favor, mãe. Essa não é uma história romântica”.

Mas nem o engasgo, nem a pergunta vieram. Ela continuou a história dizendo que eles, ela e meu pai, estudavam juntos, que um dia meu pai passou mal na escola e teve que ir pra casa antes do fim das aulas.

É difícil pensar nisso do jeito que ela queria me fazer pensar. Não dá pra imaginá-lo sem ser velho. Eu os imagino, os dois, com seus, sei lá, quarenta anos, numa sala de aula cheia de crianças. E no outro dia, ele faltou, ela contava, só lá pro terceiro dia de ausência ele reapareceu, branco como um fantasma, sem conversar com ninguém.

Para encurtar a história: ela foi até ele perguntar o que tinha acontecido e ele disse: Descobri que sou diabético. Que não podia mais comer nada de doce. Que tudo, agora, que podia comer, não tinha gosto e não podia nem se recusar porque aí viria a hipoglicemia.

Ela disse que lembraria pra sempre daquele olhar aterrorizado, como se pedisse socorro. Eles nem eram tão amigos assim.

E mesmo sendo difícil imaginar, eu me esforço para ver o que veio depois: uma menina de jeans e conga indo, depois da escola, para a banca de revistas. Uma menina impressionada, que tinha acabado de ter sua primeira experiência com a mortalidade, através de um colega doente. Ela comprando em vez da revista com fotonovela, uma edição com receitas suculentas para diabéticos. Eram edições muito raras naquele tempo — ela tinha explicado— custavam caro. E mesmo assim, ela deu isso a ele de presente no dia seguinte.

No momento em que a garota dá a revista ao garoto, a expressão dele muda completamente. “Ele olhou pra mim como se eu fosse um anjo” foi como ela interpretou, ela sentiu, com aquilo, algum poder e viu que poder era bom. O garoto, por sua vez, tem consigo sua primeira experiência pornográfica olhando as fotos superproduzidas de alimentos, claro, essas imagens em revistas de receita sempre parecem melhores do que são de fato.

“Dar algo bom para alguém, não é o mesmo que devolver algo bom que se acreditava perdido”

Ela olhava pra cima ao contar isso, como se seu interlocutor estivesse em outro lugar, numa câmera que lhe pegava oblíqua, mas eu estava bem ali, e ouvia as baquetas do meu pai no seu padrão repetitivo. Tive pena dela. E dele.

—Mãe, não se preocupe, tá? — eu disse pra ela, — Eu sei o que quer dizer. Não vou deixar minhas... limitações... você sabe... Não se preocupe.

Achei que ela estivesse dizendo aquilo por mim: veja só. Até uma doença pode ser apaixonante. Veja seu pai. Veja que as pessoas ainda vão te amar apesar disso. Talvez te amem justamente *por causa* disso. Alguém vai querer cuidar de você.

Eu não quis ouvir mais, embora ela continuasse contando. A história de como casaram, então, veio logo em seguida e com o mesmo roteiro da primeira:

“Ele tinha chegado em minha casa” — ela tinha contado— “namorávamos há cinco anos e ele disse: ‘Olha, eu não posso mentir pra você. Há um risco enorme pra mim de desenvolver glaucoma. De ficar cego. De que isso aconteça lá pros quarenta. Talvez menos’. Eu pensei: Se eu casar com esse homem, ele não vai me ver envelhecer. Eu o conduzirei pela casa, cheia de rugas, mas ele ainda vai ter, de mim, uma imagem jovem, sabe? Num homem cego, poderia estar a chave da eterna juventude”.

Eu queria que ela parasse.

— Mas ele não ficou cego, mãe. E você envelheceu.

Ela suspirou e abandonou a xícara que esfriou em meio à viagem do tempo.

— Essa foi a melhor parte.

E hoje, que sinto dores de cabeça tanto quanto ela devia sentir, que estou sem muito do que lembrar, penso se o certo não era ter ouvido mais. Ter perguntado: mãe, essas dores de cabeça que você sente. Em que parte, exatamente, elas doem?

E olho meu pai, agora, à minha frente. E não sabemos dizer muito um ao outro. Ela se foi. Um homem viúvo e diabético.

— Traga esse rapaz aqui, um dia. Esse namorado — repete.

Eu balanço a cabeça, afirmativa. E saio dali o mais rápido que consigo.

5.

Marcelo trouxe tudo no fim de semana. Pela sala, onde antes ficavam as plantas decorativas e mesinha de centro, agora há caixas espalhadas com grandes letras onde se lê: LIVROS, ROUPAS, CD's, demarcando território. É como se houvesse um morto no meu corredor — eu penso e o sol de domingo vai se pondo atrás da construção em frente ao prédio. Um morto em meu corredor: apoio a cerveja no parapeito da varanda, repensando, isso deve ser frase de algum filme já que os termos “sala”, “corredor”, “cozinha” são arbitrários quando se mora num apartamento tão pequeno. “Tem problema?” — Ele tinha perguntado — “Tem problema deixar isso aí, por enquanto?”. Descolo as costas da parede. Volto, com a long neck na mão, para dentro do quarto onde Marcelo termina de instalar sua TV.

Tinha ido para a varanda só pra ter, de longe, a vista da invasão dos colonizadores. As luminárias colonizadoras do tipo *lava lamp*, os livros colonizadores de literatura. Paro ao lado, da caixa IMPORTANTES, ela está aberta e um livro se sobressai entre outros pertences mais regulares (caixas de óculos, caixa de relógios, de canetas). “Arquitetura do desconforto”.

— Conseguiu achar, afinal? — comento, tirando o exemplar da caixa.

Ele apenas me olha, de onde está no meio entre mini varanda e o pufe, sério, confuso.

— O livro, Marcelo. Não é esse o livro daquele seu amigo.

— Ah— ele limpa as mãos na bermuda.

— É bom? — eu lhe pergunto

— É sim — ele guarda na maleta as ferramentas que estavam espalhadas no chão. — bem, quero dizer que não faz feio para os padrões daqui.

Sei o que ele quer dizer com isso.

— Parece que ele conseguiu um contrato agora. Vai ser reeditado por uma editora maior.

Significa que Marcelo se sente traído. Ele passa as mãos nas pernas da bermuda. Na sua cabeça, tudo não passaria de mais uma evidência de como o mundo é injusto, de como as pessoas menos sérias acabam na vantagem em detrimento àquelas que, como ele, dispensam atalhos. Os que realmente leram *Ulisses* de Joyce, até o fim. Significa que ele era quem deveria ter escrito um livro. Ele era quem vivia falando sobre escrever um livro desde que eles dois ainda estavam na escola. E estaria certo, ele, eu diria: “sim, concordo, todos uns filhos da puta, uns folgados, pegando atalhos”, mas o problema é que a carreira literária de Marcelo, aos trinta e cinco anos, já não era mais uma questão de caminho mais longo ou mais curto, pois toda ela consistia apenas em 1) Ler livros escritos por outras pessoas, 2) Atirá-los contra a parede, afirmando

categoricamente: "Isso é uma merda. Consigo escrever coisa melhor até dopado" e 3) passar semanas inebriado, plenamente convencido de sua superioridade.

— Tem certeza que não tem problema, não é? — ele pergunta levantando do chão.

Olho o relógio disco-de-vinil, o pufe transparente.

— Posso levar tudo para a vaga de garagem, mas como você nunca recebe visitas...

Eu libero todo o ar dos pulmões, apoio na pilha de tralha a long neck pela metade. Dou de ombros. Tanto faz.

Ele tira a camisa. É uma de botões, nesse xadrez junino que os hipsters com excesso de peso começaram a usar desde o último verão e que agora enfeita a mesa da minha escrivania.

— Minhas costas estão me matando e, que calor da porra... A cerveja tá gelada?

Afirmo com a cabeça. Ele caminha em direção ao frigobar, gingando da esquerda para a direita, com a mão na lombar. Abre a porta, pega a Stella, abre no dente.

A ideia era comemorar a mudança com a cerveja.

Eu pego a minha. Dá pra ver meu rosto através do reflexo esverdeado e suado dela.

— Caralho, não, essa merda ainda tá quente.

Quero dizer: lá está ele. Um homem de bermuda, sem camisa, os pneus saltando do cóis e cambaleando de volta para o quarto com o controle remoto.

Não é como se estivéssemos casando — ele tinha dito no começo — e eu só penso. Será que um homem agora é mesmo a resposta? Esse homem?

O som da TV ligada. Um reality show sobre estilistas brigando por uma carreira. Ele não gosta deste programa, mas vê mesmo assim, toma outro gole da cerveja quente.

— Vem pra cá.

Arrasto-me até a outra ponta do sofá. Um Chesterfield herdado da casa antiga do meu pai, trazido do interior. Velho, restaurado, desconfortável.

— A gente vai precisar de outro ventilador— Eu digo.

— Por quê?

— Tem que ser um pra cada. Nesse calor não dá nem pra trepar. Você sabe. O calor escorre até pelo meio das pernas.

Ele ri de um jeito solto. Definitivamente, outro ventilador.

Arranje um homem bom, minha mãe dizia. Alguém que possa ficar ao seu lado.

Reality show de transformação: Cinco gays, cada um com uma especialidade, transformam a vida, a casa, até os pequenos gestos de um hétero. Estão sempre com pressa, ansiosos, como se participassem de uma gincana que tem como propósito pôr abaixo tudo o que puderem em comentários ácidos, cruéis. Transformá-lo num novo homem, é essa a proposta. Todos aplaudirão, no fim. As cortinas de veludo que já estavam no apartamento desde quando ele mudou, são legítimas, sim, mas vão para o lixo. Os bibelôs que pertenceram à avó, os souvenirs de viagem, o do retrato dos pais, desfocado sobre a cabeceira, o bonsai de supermercado – ele regou aquilo tão religiosamente... Tudo substituído por móveis novos do Ikea, por arquivos digitais no iPad, por uma orquídea feia e rara. No gran-finale, ele corta os cabelos e faz a barba. É como num filme de High School, quando a menina tira os óculos de grau e solta o cabelo. Todos aplaudem. Ao fim, ele poderá pedir a moça, que usa poliéster e salto médio, em casamento.

— Você está certa. Faz calor mesmo — Marcelo comenta. — Se pelo menos a cerveja gelasse logo.

Dou de ombros.

— Tá tudo bem? Você tá tão calada.

Eu aponto com o dedo para o lado direito da minha própria cabeça.

Você dorme. Você acorda. Abro os olhos. Um reality substituído por outro: um bando de gente pagando pela velharia abandonada em containers. Ninguém sabe o que há lá dentro e é isso o que torna a disputa por eles emocionante. Eles lucram e perdem fortunas.

— Vou pegar outra. Quer?

— Essa premissa é ilusória.

— Hã?

— Eles dizem que lucram, mas o lucro é apenas suposto. Eles não venderam de verdade todas essas bugigangas que arremataram naquele leilão imbecil. Levar as coisas para alguém que diz que vale um milhão não é o mesmo que ter um milhão.

— Ah, você está falando do programa. É... Eu já tinha pensado nisso.

— No final, essas pessoas devem mesmo é acabar cheias de porcarias que não querem.

— Quer a cerveja?

— E você pensa em toda a poeira acumulando. O risco de roubarem. Você tem que restaurar, zelar, acomodar... Você vai pagar um depósito, limpeza...

— Tá, você bebe da minha se quiser...

— Quer dizer: e nem tem valor pra eles. Não tem valor de verdade.

— Quer mudar de canal?

— Foi só uma observação. — Eu digo.

— Sei — ele diz, desconfiado — só uma observação.

Você dorme. Você acorda. Há gritos esganiçados de mulher e o som de vidros caindo. Você olha atordoada para os lados, os nervos dando um calafrio. Custa a entender que o som vem da televisão. Marcelo está ao meu lado, na cama, morde os próprios punhos.

— Que aconteceu? — pergunto.

Eu percebo a pressão na cabeça aumentando, eu pressiono simultaneamente a têmpora, a sobrançelha e a mandíbula direita como se fossem botões de Ctrl, Alt, Del.

— Você dormiu.

A dor. Acontecia quase sempre do mesmo jeito. Uma pressão, um incômodo, que cresce, que exige providências. Nessas circunstâncias eu apertava o maxilar, apertava a cabeça, e aos poucos, a pressão, por mais que não cedesse, tornava-se algo narcotizante, me fazendo apagar. Até que, em algum ponto, eu acordava assustada sem saber o que havia acontecido, com a impressão de ter dormido 24 horas e estar atrasada para o trabalho, quando, quase sempre tinha dormido por no máximo uma hora, apenas. E dessa vez não é diferente.

Você dorme. Você acorda. A tarde tinha virado noite. E eu perco completamente o sono.

O relógio-vinil faz tic-tac. Marcelo tem terrores noturnos. Eu já tive um relógio de parede antes. Mas me livrei dele quando a insônia começou. A insônia ou o formigamento na cabeça. Não dá pra saber direito o que veio antes, o que veio depois. Não dá pra saber mais. Os terrores noturnos são interrompidos por roncos. O tic-tac mostra que passam das quatro da manhã. É impossível dormir com o tic-tac. Encaro a janela na lateral. Há um conjunto de casas sendo derrubadas a dois quarteirões e o prédio treme. Ninguém sente, mas, no meu caso, tem a cabeça, tem a vertigem... É impossível dormir assim. Pela janela, abaixo do toldo, dá pra ver o dia amanhecendo nublado. Cinco da manhã. A cabeça apertada. Eu volto a pensar na imagem do cérebro de plástico

sobre a mesa do médico, no desenho que ele fez num papel: uma cabeça, dois nomes ilegíveis circulados e setas que apontavam para as têmporas do desenho. Um quarto da cabeça, pintado de preto. Marcelo se vira ao meu lado.

—Você ainda não dormiu?

Ele vira para o outro lado, volta a roncar. É a trilha sonora do prédio desabando.

Enfio-me dentro de uma calça de moletom. Desço as escadas. O porteiro não está na guarita, eu forço o portão por dentro e escuto seus passos correndo de volta pro posto.

Nas ruas, há um cheiro enjoado de lixo amanhecido, recendendo da chuva. As lojas, fechadas, projetam sombra no dia que já está nublado. Se eu soubesse, teria colocado umas mangas compridas.

Na esquina fica o conjunto de casas que estão sendo derrubadas. A calçada delas foi destruída e o vão de ruínas toma todo o quarteirão. Não é aquele tipo de ruína poética, dos casarões históricos que vão criando lodo nos arredores, sendo engolidos pelas próprias árvores numa mostra irrefutável da pequenez da arquitetura, da engenharia, das artes, perante a natureza. É o tipo de ruína feia, cheias de homens vestindo cinza, botas e capacetes. Com máquinas disformes. Um dia vão comprar também o prédio onde eu moro. Vai tudo ter que ficar bem maior, mais transparente.

Entro na padaria da outra esquina. Metade das portas de ferro ainda estão abaixadas.

— Já estão servindo café?

Há uma mulher de uns quarenta anos do outro lado, muito ativa. Do tipo que sempre sabe o que tem que fazer. Do tipo que poderia jogar futebol sem esperar que ninguém lhe diga que posição tomar.

—Se for só café, sai. Mas a chapa ainda não esquentou. Ovo, pão com manteiga... pra isso tem que esperar um pouco mais.

Ela diz tudo isso olhando para mim, mas sem parar o serviço.

—Tudo bem. Café preto, então.

Há no canto um senhor de camisa meio aberta, um chapéu e um ar meio perdido olhando a obra. Sua expressão é de um desgosto profundo por cada pedaço daquilo. A mulher entra em direção à cozinha, e eu sento ao lado dele.

— É difícil dormir com isso aí, hein?

Ele suspira antes de responder, e não me olha.

—Pra mim, todo dia é difícil.

—Sim, mas, quero dizer... com o barulho, com a terra tremendo. Parece que tá em falso.

— Pra mim é sempre assim: falso.

Ele dá um gole no seu copo americano de café. Balança a cabeça negativamente, aponta pra a construção.

— Eles pensam que me enganam com isso.

— Eles?

— É. Isso não me convence. Você sabe... eu vi um filme na tv. Com aquele ator. Como é mesmo o nome dele? Um engraçado.

Demoro pra decifrar que filme é esse, mas acabo entendendo que se tratava de O show de Truman. Eu vi isso ainda no videocassete da casa dos meus pais quando era adolescente.

— São uns sacanas, os controladores.

O velho está convencido de que é assim que funciona. Que nossas vidas são controladas por um diretor que, querendo sempre ver ação, drama, manipulava os acontecimentos e cenários.

— Isso aí. Eu sei como funciona. É como a piada da cabra.

— Piada da cabra?

Ele me olha pela primeira vez.

— Seu Reinaldo, deixa a moça — interfere a mulher, trazendo meu pedido.

—Não, tá tranquilo — eu digo — Ele tá contando uma piada aqui.

Seu Reinaldo suspira.

— É assim: Você tem um cara, e esse cara tá completamente fodido. Ele tem uma casa assim, bem pequenininha, caindo os pedaços, tá cheio de filho. É menino chorando com fome, menino gritando no braço da mãe. Tudo passando fome. A mulher doente, a casa cheia. Um inferno.

— Sei.

— Aí ele pensa: assim não tem condições. Vai atrás do prefeito e pede ajuda. Diz: “Ó, eu tô fodido. Os filho tudo passando fome, uma casa caindo os pedaços, a lavoura não vingou. Não sei o que fazer mais”. E o prefeito diz: “Olha, tudo que eu posso te dar é essa cabra aqui”. O cara vai com a cabra pra casa. Vai satisfeito. E tudo

muda. As crianças param de chorar pra brincar com a cabra, a mulher melhora porque não tem mais que ficar de olho nas crianças...

— Legal.

— Não. Não acaba aí: depois que deixa de ser novidade, as crianças voltam a chorar ainda mais alto, a mulher fica ainda pior. Quer dizer: a cabra não resolveu problema nenhum e agora, além de tudo, eles têm que dividir a comida pra mais uma boca, e a cabra come que só os diabos, caga no meio da sala, come o estofado.

A mulher volta pegando o copo vazio que ele deixou na bancada, olha desconfiada pra mim e pro senhorzinho.

— Aí o cara volta à prefeitura. Diz que não tem condições. Que a cabra tá acabando com a vida deles, faz sujeira, come o estofado, come a comida, faz menino chorar. Que ele não aguenta mais. Então o prefeito diz: “Certo. Vou ajudar você”. Quando o cara volta pra casa, volta certo de que o prefeito é o melhor homem do mundo. Transformou a vida dele no paraíso.

—Por quê? O que ele fez?

—Ficou com a cabra.

Eu rio.

—É. Você ri. Você ainda é nova. Mas não tem graça. É bem isso — e aponta pra a construção. — Eles não me enganam. Não vou cair mais nessa.

Eu termino de tomar o café, em silêncio com o velho, assistindo à máquina derrubar a casa à nossa frente. Os golpes de retroescavadeira ecoam no meu próprio corpo, e para a cabeça eu busco alívio aproximando-me do vapor do café, como se fosse uma compressa.

— Eles podiam ter comido a cabra — eu digo.

Mas ele não me olha de volta. Eu pago a conta e vou embora dali com aquilo na cabeça. Penso se o prefeito não tinha acabado de receber a cabra de um outro desesperado. Penso se a cabra teria alimentado mesmo essas pessoas. Penso se o próprio homem da piada não acabaria readquirindo essa cabra. Quando vejo, já estou na porta do prédio e o porteiro me dá bom dia.

Você entra em sua casa e, de repente, há um estranho em seu sofá, comendo a comida da sua geladeira. Ele olha pra você e diz:

— Onde diabos você se meteu?

Não dá vontade de responder.

— O médico disse pra fazer exercícios de manhã.

Eu passo direto para o banheiro, ele me acompanha os passos sem se mover.

— Usando sandália?

— O que você esperava? Tênis de corrida?

Ele se cala.

Já pesou se o velho da padaria estivesse mesmo certo? Esse é o show da minha vida e eu sou a protagonista insone e mal-humorada?

Eu tiro peça por peça, ligo o chuveiro e insisto em ligar a chave térmica, apesar do calor. Apesar do suor.

Este é o show da minha vida e Marcelo entra no banheiro de onde vê, através do boxe, meu corpo de ex-atleta, agora sem definição. Os braços meio flácidos guardam registros de um bom tríceps.

O calor alivia o incômodo no rosto, desobstrui a respiração. Eu fecho os olhos e deixo a cabeça sentir o efeito compressa. A pressão escorre líquida.

— Vai fazer algo para o café?

Este é o show da minha vida e alguém resolveu que eu precisava contracenar com um outro personagem. Coloquem esse aí na casa dela. Vá lá. Está ficando desinteressante. Ela não faz nada em casa.

A água escorre. A pressão dissipa. O cheiro enjoado do sabonete. Os cheiros são tão inevitáveis.

Botem um estranho para roncar ao lado dela. Para perguntar onde ela esteve. Eu termino o banho. O vidro embaça.

Este é o show da vida de alguém, mas certamente, este alguém não sou eu.

Vestir-se é um outro problema.

O apartamento tem vinte e dois metros quadrados sem contar a varanda. Isso significa que agora, todos os dias eu me visto sob o olhar de Marcelo.

Normalmente eu abriria todas as portas do guarda-roupa, pegaria uma boa distância dele e circularia nua. Secaria, nua, os cabelos com a toalha. Num dia comum eu colocaria a maquiagem do jeito que a empresa recomenda. Usaria o secador. Mas hoje eu escolho tudo mais ou menos adequado, carrego tudo nos braços e me visto no banheiro mínimo e úmido.

—Teu celular tá tocando.

Ele bate à porta do banheiro. Eu já estou vestida. Do outro lado da linha, há um cara chamado Jack.

—O estripador?

Mas o tal de Jack não diz muito. Apenas que se eu quiser fazer a tatuagem, ele topa. Basta dar o sinal.

Eu sento à mesinha, Marcelo me olha do sofá, comendo sucrilhos com leite achocolatado e vendo a programação de “clips para levantar” da VH1. O som irritante cliclete, de *Misunderstood* do Bon Jovi toma conta de tudo.

— A gente se encontra no almoço, mais tarde?

— Não. Tenho um compromisso à tarde.

— Mais exames?

— Vou fazer uma tatuagem.

6.

É claro que Marcelo ficou desconfiado com a notícia. Estamos de novo no carro, de novo atrasados, e eu penso nas fitas que tinha separado na última sexta-feira. Preciso pôr em ordem o acervo do programa comunitário.

— Mas uma tatuagem, como? Você nunca me falou disso.

E os carros passam por nós. Ele não trocou de faixa nenhuma vez.

— Não tem muito o que dizer, Marcelo. Eu tava lá na clínica da dor, tinha o estúdio na frente. Fiquei curiosa.

— Mas você já tinha a ideia de fazer isso?

Os homens gostam de conversar com o rádio ligado. Mais do que isso: precisam ligar o maldito rádio do carro assim que entram nele. Eu continuo quieta com minha observação enquanto finjo tentar lembrar. Porra, por que ele não desliga essa joça antes?

— É pra sempre — ele diz. Me alerta sobre isso como se fosse necessário — Tem que pensar bem no significado — continua —, e além disso — usa agora seu tom defensivo, a voz fica mais aguda, os ombros se erguem —, hoje à tarde eu tenho que...

Não pode ir comigo. É isso o que seu tom quer dizer. Apesar de estar falando sobre sua agenda para a tarde, sobre o aluguel do contêiner que ele combinou de ver.

— Já tinha reservado a noite de hoje pra ir jantar com o seu pai.

É bobagem, eu sei, mas pelo jeito como ele fala, pela energia que empreende defendendo sua causa, eu quase chego a pensar que eu tivesse, de fato, feito o convite para ir comigo como acompanhante. Mas não. Eu não fiz. Em nenhum momento eu sequer pensei em fazer isso acompanhada. E eu não sei. Não sei o que acontece. Marcelo tinha um enorme símbolo maori no antebraço.

— Eu estou preocupado seriamente com você — ele diz. — Está se tornando uma pessoa distante, relapsa, esquece de me contar as coisas. Você tem que...

Mas eu só me incomodava porque, se ele nem está ouvindo a porcaria do rádio, se nem está prestando atenção nessas malditas análises econômicas, então, por que não desliga essa merda?

— Você nem lê mais o meu blog.

Marcelo é um cara que conquistou algumas coisas muito caras pra ele: uma namorada estável, um emprego que paga razoavelmente, uma aparência descolada, seu blog com 2.183 visualizações — são coisas materiais pequenas e que o afastam das coisas que ele realmente queria: ser escritor de livros, viajar pelo mundo. Mas ele morre de medo ao ver esse equilíbrio delicado, essa aparência, desmoronar.

A tatuagem Maori dele, ele me disse um tempo atrás, significava bravura. Teoricamente, nas tribos, sempre quando um guerreiro vira homem passa por um ritual e ganha uma dessas no antebraço. Compreenda, não confundo as coisas que Marcelo me conta com uma informação verdadeira. Eu conheço a compulsão dele em explicar o mundo a partir de informações duvidosas que pesca na internet. De qualquer forma era bom ouvi-lo dissertar com tanta segurança no começo do namoro: que tinha toda uma ordem na cultura deles. Não se tatua o rosto antes do peito, mas que isso, essa coisa da ordem, essa parte era mais difícil de explicar.

No rádio, a Mírian Leitão prevê o quanto nossa vida ainda vai mudar para pior.

— Talvez não signifique nada, essa tatuagem — eu digo — talvez eu apenas queira uma e não tenha um diabo de um significado.

—Eu falo isso pra você não se arrepender. Não sei... ir num estúdio de tatuagem assim, sozinha...

As coisas de Marcelo não cabem no meu apartamento. Há caixas e caixas na minha garagem então ele tem um problema só dele para se ocupar esta tarde. E pareceu muito viável e suficientemente descolado para alguém como ele, alugar um contêiner.

—Eu queria estar lá. Fui com um amigo quando fiz a minha primeira.

Há dois anos, Marcelo fez cover-up. Você sabe: quando você não gosta mais, pinta por cima pra esquecer a outra coisa.

Então ele não era mais um guerreiro Maori. Ele transformou numa espécie de galáxia e decidiu que podia começar a gostar mais de astronomia pra fazer aquilo fazer sentido.

— Não vejo problema em ir só. Pego o ônibus no fim do expediente. Depois mais outro e vou pra casa. É simples.

— Só estou dizendo.

Marcelo está sempre dizendo. Essa tatuagem precisa ter sentido.

Porque hoje as coisas são diferentes. Hoje se um homem precisa virar homem ele aluga um contêiner. É a modernidade. Em um contêiner você pode juntar suas coleções da infância e desocupar o apartamento. Você pode proteger seus importantíssimos bens como se mantivesse um esconderijo secreto a salvo da maldade do mundo. Hoje um guerreiro precisa de um contêiner já que as porcarias dos apartamentos ficaram pequenos demais.

São coisas de que ele gostava muito. Quando você tem espaço, aprende rapidamente a preenchê-lo com coisas muito especiais: uma coleção de CDs com episódios do Pica-pau, uma coleção de HQs independentes, uma coleção de embalagens de refrigerante— Uns são nacionais, outros não. Uma coleção de *action figure*. Uma réplica perfeita e diminuta de Marilyn Monroe, uma pimenteira amarela. São coisas muito importantes.

Meu apartamento tem vinte e dois metros quadrados e eu tento viver com o mínimo possível.

Adeus conjunto de facas afiadíssimas, a plantação de temperos e mesmo aquele casaco que deveria ter sido bordado com insígnias ou bandeiras de cada um dos países por onde ele passasse. Que acabou ficando só com umas duas quando descobriu a mão de obra que era aquilo e o quanto era difícil conseguir as insígnias.

Não cabia. É o problema moderno do espaço.

Pior que o casaco nem esquentava direito.

E a solução moderna é a dos contêiners.

Seu jogo de canecas de louça, seus quadros feitos por novíssimos artistas que em algum momento vão deslancar. Com todas as imperfeições: os borrados que estão ali justamente para revelar: é uma obra de arte autêntica, feita por um artista sério. Lá está: o momento em que a mão tremeu. Marcelo compra as obras pelas falhas e arrematou no e-bay uma aquarela borrão do grafiteiro do momento. Vai enquadrar, mas ainda não deu tempo. Enfim, também vai pro contêiner.

Todas essas coisas poderiam ser arrematadas num leilão. Vejamos este lote. Quando você deixa de pagar o aluguel de um contêiner tudo o que está dentro dele pode ser leiloadado às cegas. Marcelo ri pensando na possibilidade de alguém desconhecido comprar suas coisas todas. Será que saberia onde revender a coleção completa do Homem-Aranha? Quanto será que dariam por ele?

Ele pensa na edição número um de Birdman, na edição autografada de um livro que comprou na Itália, mas nunca leu.

“Cinquenta reais?”

“Aqui!”

“Cem reais”

“Aqui!”

E ele gostaria de dizer: “tá de sacanagem? Isso vale muito mais!”

Mas o aluguel do contêiner até que é barato.

E além disso, já chegamos ao ponto em que desço do carro. O mirante da torre desponta entre os outros prédios, e Marcelo aproveita o sinal vermelho para parar no meio da rua. Eu tiro o cinto, entreabro a porta pronta para descer no meio do turbilhão de buzinas.

— Não precisa mesmo ir comigo ao estúdio. Está tudo bem.

Ele ainda esperneia outras justificativas. Sugere remarcar.

— Marcelo — eu insisto —, é só uma tatuagem.

7.

A porta se abre. Entra uma garota alta e ossuda com um bloco de notas na mão.

— Precisamos de todas as fitas com as matérias sobre “O caso Ariane”.

É isso. Nenhum “Bom dia”, nenhum “Oi”. Eu tento me endireitar na cadeira porque estava, antes de ela entrar, debruçada sobre a mesa mitigando a pressão no crânio. Ajeito a blusa, estico o braço para o bloco de anotações da bancada.

— Anotou?

— Quando foi o caso?

— Abril... ou maio...

Eu bocejo. Continuo olhando pra ela.

— O quê? — Ela pergunta.

Meu olho direito está com espasmos.

— Estou esperando você responder.

— Eu já respondi: abril ou maio.

— Abril ou maio?

— Isso.

— Qual dos dois?

Ela aperta os olhos, aproxima as sobrancelhas. Eu me apoio na mesa. Mas o que dá nessas meninas? Ela mira a parede vazia ao meu lado. Solta todo o ar dos pulmões num suspiro aborrecido.

— Acho melhor passar pra buscar depois.

Sai fazendo “toc-toc” com o sapato. Deixa a porta entreaberta. Essas meninas são engraçadas.

É difícil decorar os nomes. Todas passam como em um desfile e parecem ter o mesmo rosto, o mesmo cabelo, os mesmos óculos. Passam um mês, dois, depois entra outra igual, no mesmo lugar: abre-se a porta da minha sala, uma voz despersonalizada diz: “Precisamos do arquivo de um caso”. E é uma menina morena, e é uma menina loira, e é uma menina com mechas vermelhas, mas é sempre a mesma. Se você for editar isso em vídeo vê essa mesma porta se abrindo umas 365 vezes e, por ela, entra uma

baixinha, uma alta, uma vesga e dizem: “precisamos do arquivo”. Todas iguais. Só mudam os formatos.

Eu levanto massageando a têmpora. Meu trabalho é esperar que esta porta, esta mesma que agora preciso fechar por causa dela, se abra.

Você ouve o nome do caso da vez, você pede a maior quantidade de dados que conseguir sobre o material que procuram: se o caso é recente ou antigo, se é policial ou político, se tinha imagens impróprias na época da exibição, qual era a retranca na pauta. Volto para a minha cadeira. Alongo o pescoço para o lado esquerdo.

E com o tempo, você vai perguntando o mínimo. Porque elas mesmas nunca sabem de nada.

Volto à mesa. O programa que usamos aqui se chama *easynews*. Então não deve ser por acaso que ele só fica difícil para os arquivistas. Busco os óculos na gaveta. Quando a pressão na minha cabeça é muito forte, meu olho direito, que normalmente é bom, fica com a visão toda embaçada.

Uma empresa de comunicação está sempre procurando novidades: os atropelamentos do dia, os crimes que aconteceram, a nova onda de assassinatos e golpes. Eu fico com o passado de tudo isso. Quando as notícias viram papel embrulhando peixe, quando todas as matérias viram tomadas de câmera meio desbotadas. Aí é que elas, as notícias, interessam para este setor.

Sem o Dedoc, a empresa não poderia fazer levantamentos especiais, não poderia dar o mínimo de continuidade a essa história de notícia. Você liga o jornal e lá está o julgamento super aguardado de um crime hediondo que aconteceu há dois anos. Enquanto a voz em off do jornalista explica do que se trata, vai haver imagens um tanto envelhecidas e elas geralmente mostram detalhes chocantes e desfocados de um corpo da maneira como foi encontrado no meio da mata. De um homem algemado sendo levado por policiais. Do mesmo homem saindo da delegacia com escolta de um sujeito de terno e um *habeas corpus* na mão. Dura cinco segundos, isso, numa matéria normal. É nesses cinco segundos que eu entro. Eu passo umas duas horas, às vezes mais, pra reunir o material desses cinco segundos.

Minha carteira assinada diz: arquivista sênior. E diz respeito a uma sala que tem um metro e dez de largura, onde fico sozinha, de portas fechadas, com centenas de fitas e um ar-condicionado brutal, e que, muito carinhosamente apelidamos de geladeira.

A temperatura da sala é adequada para conservar fitas. Mas congela fácil um ser humano. Cada um guarda aqui um casaco. Somos três revezando turnos. Uma delas, Telma, não é funcionária de verdade, e sim uma estagiária, ela faz o trabalho de dois, por menos de um quarto do preço.

Digito no computador: ARIANE. Não há nada.

A menina que abriu a porta também é uma estagiária. Oficialmente, estou acima dela. Meu salário é quatro vezes maior.

Digito de novo: ARIANNE. Não há nada.

Oficialmente, eu poderia manda-la à merda porque sou contratada, ela não. Estou acima dela na hierarquia.

ARYANNE. Zero resultados.

Mas essa coisa de hierarquia é meio complexa numa empresa de comunicação. Extra-oficialmente, ela é do jornalismo, eu sou do arquivo. Meu setor trabalha para o setor dela. Ponto pra ela.

ARYANE. Nada.

Extra-extra oficialmente eu não vejo jornal e não dou a mínima.

ARIANI. 3 arquivos. Junho de 2010.

O pulo do gato no meu trabalho é você saber que não pode procurar no programa de buscas apenas pelas palavras-chave em todas as suas variações. Você tem que ver também tudo o que está lá alguns dias antes e alguns dias depois. Às vezes o cara que arquivou está com pressa, ou com uma dor de dente, então coloca apenas: “suíte” para nomear o arquivo. Nisso, o arquivo mais bem refrigerado de TV da cidade vira essa imensa bagunça;

Minha maior estabilidade trabalhista é saber me virar bem em meio a bagunça.

A porta sanfonada atrás de mim emperra para abrir e, dos meus dois lados, há, pelas estantes, pelo menos quatro tamanhos diferentes de fitas K-7 acumulando mofo e separadas por época. As que procuro são do tamanho de carteiras de cigarros, ou seja: gaveta de baixo. Eu consigo segurar cinco delas, com uma só mão. Não é um talento inútil.

Em dias de crise, abaixar e levantar é a combinação perfeita para tontura, e náusea. Isso já me deixou em pânico antes, já me fez levar uma chamada de Sérgio por ter espatifado “O material” e vomitado sobre ele. Mas hoje consigo segurar cinco fitas com uma só mão, é mais uma questão de equilíbrio que de força, e assim, agora, quando a tontura vem ao levantar, eu estou com cinco cartuchinhos enfileirados no antebraço, bem firmes. E mesmo que minha força se esvaia do corpo, mesmo assim tenho uma mão livre com a qual posso segurar a estante e esperar que passe. Isso dá uma sensação idiota de estar vencendo alguma coisa recorrendo à trapaça, vencendo deles. Quem foi mesmo que vocês chamaram de *instável*?

Volto ao birô recuperada. Ponho no vídeo-cassete sobre a mesa e vejo o material em uma mini-televisão de 14 polegadas: são imagens de uma moça sem a parte de cima da roupa jogada num matagal usando uma calça jeans Levi’s. Cortam para um

documento: um exame de gravidez. Imagens editadas destacam nomes que significam positivo ao fim do exame.

Pause: A imagem congelada mostra ruínas de uma casa perto de onde o corpo da moça foi desovado. São paredes paralelas e sem teto, em alguns pontos dá pra ver os tijolos aparecendo por trás do reboco. Aquilo me dá uma sensação esquisita. Fotografo a tela com o celular. Mando imprimir. A impressora está a quatro salas de distância, na secretaria da emissora.

Tiro uma fita, coloco a outra: um rapaz algemado entrando numa delegacia, acompanhado de um sujeito engravatado. Eu costumava lembrar dessas coisas. Esse caso, por exemplo, de uma menina bonita, eu lembraria. Acho que foi assim: ela foi achada estrangulada e no bolso da calça estava um exame de gravidez positivo. As suspeitas, claro recaíram sobre o namorado. Mas na mesma semana, a melhor amiga dela sumiu de casa.

Não dá pra ter bem certeza. A TV do Dedoc não tem som. Você acaba criando sua própria versão dos casos, assim. Assistindo a fitas brutas guardadas no arquivo, sem som, nas horas vagas, nos dias em que ninguém precisa de coisa alguma daqui. Tem acontecido cada vez com mais frequência ultimamente. É muita coisa nova pra dar conta.

— Você lembra do caso, não é? — pergunta a garota à minha frente.

O crachá é o mesmo. Diz “Estagiário”, mas a moça... Tenho a impressão de que é outra. Loira. Alta. Dá pra ver, no braço dela, uma enorme tatuagem vívida de Alice no País das Maravilhas.

— Ainda está cicatrizando, esta — ela diz.

Mas eu apenas dou de ombros.

—Era a menina que o namorado estrangulou? — pergunto.

Ela faz que sim, balançando a cabeça e olhando a minha tela. Uma Alice mais macabra, talvez. Do jeito que seria se fosse uma história gótica.

Eu também já fui estagiária — penso em dizer — já usei um crachá desses. Sem foto. Sem nome. Fui efetivada em junho de 2010. No dia que esse caso aconteceu. Naquele dia, eu me lembro ainda de ter pego o material, salvo a fita bruta, cadastrado no sistema, eu tinha dito: “nunca vou esquecer esse caso”.

E o meu chefe riu.

“É sério”, eu disse. “Vai ficar na minha cabeça pra sempre”.

Ele balançou a cabeça.

“Você ainda é nova aqui e se espanta com isso. Mas você vai ver ainda tanta atrocidade passando por esse cadastro de arquivo que não vai mais conseguir diferenciar um atropelamento acidental com o de um estupro de uma criança”.

Não soube o que aquilo queria dizer, na época. Só ficava olhando para o relógio esperando meu horário de sair. Iria comemorar, certamente, porque tinha conseguido o emprego fixo dos sonhos, com plano de saúde, plano odontológico, férias. Porque com meu salário daria para financiar um apartamento pequeno. Vinte e três anos e dona de meus próprios vinte e dois metros quadrados. Claro que eu estava orgulhosa. Eu, nova demais, idiota demais, estava vibrando, me enchendo de esperanças de que tudo era um belo ponto intermediário no caminho para algo melhor.

Mas agora, quase cinco anos depois, eu ainda estava no mesmo lugar e não apenas tinha visto tudo se sedimentar ao meu redor, como se tivessem adquirido massa, mas também eu havia perdido completamente a vontade de me mover e me sentia ao mesmo tempo deprimida e infinitamente grata por ter aquilo. Por ter *pelo menos* aquilo.

— Eu gostei da tatuagem — digo, liberando as fitas para a garota. — Como é mesmo o teu nome?

Ela sorri.

— Tatiana — diz — Eu sou nova.

Tenho certeza que sim. Ela vai embora satisfeita, tomada daquela vibração das pessoas empolgadas, enérgicas e prontas a mostrarem serviço. E, pra mim, o sistema acusa uma mensagem interna: *Solicitação especial!!!*.

Assim mesmo. Com muitos pontos de exclamação.

Bom dia — O e-mail começa e isso não é um cumprimento. É apenas o nome do Jornal da Manhã. *Bom dia Cidade*. Ou *Bom dia*, pros íntimos.

E depois a ordem: *Favor separar todas as imagens de matérias referentes a: Inflação, Cruzado, Cruzeiro, Cruzado novo, Remarcação de preços*. Embaixo está escrito o prazo (*amanhã*), para quem a pesquisa deverá ser entregue (*A Redação*). Este sistema poderia se chamar *badnews* em vez de *easynews*. Isto é uma péssima notícia.

As matérias de economia são as piores. O editor sempre jura que tem algo no arquivo que corresponde ao seu ideal platônico ilustrativo. Por exemplo? Bem, neste caso eles querem a clássica imagem dos remarcadores usando calças semibags, acorados nos corredores de supermercados vazios, e prateleiras vazias.

Todos nós vimos essas imagens no telejornal.

Todos nós queremos vê-las de novo agora.

Mas em qual jornal nós vimos? No da manhã? No da tarde? No da noite? De qual emissora?

Vimos em todos! – os editores respondem. Eu esfrego a têmpora direita. Respondo: Solicitação recebida.

É nisso que minha manhã passa. As fitas dos anos 90 ficam junto da corrente de ar, a pressão na cabeça triplica, meu nariz entope.

Às vezes morro de inveja dos ilustradores, dos cinegrafistas, dos fotógrafos. Gostaria de poder usar computação gráfica e dar o serviço por concluído. Ou contratar atores, figurantes, figurinistas.

Uma tatuagem. Eu levanto da mesa em que estou, fecho a sala para buscar minha impressão. Tenho que pensar numa desculpa que justifique ter impresso aquela imagem, aquele “print screen” onde aparecem as ruínas, as paredes sem o teto, o cenário perto do qual o corpo de uma jovem morta foi encontrado. Meus pensamentos se auto-atropelam: uma tatuagem. Eu penso quando vejo Tatiana passar de novo pelo corredor, olhar pela janela do Dedoc. Estranhamente, ela sorri pra mim.

Uma tatuagem. Como nunca havia pensado nisso?

8.

É preciso esclarecer que da primeira vez que vejo Jack eu não tenho como ter ideia de que seja ele o tatuador, sequer que fosse artista. Embora possa concluir, claro, pelo seu modo de se vestir – um blazer esportivo sobre camisa, óculos com armação de acetato, um cabelo bem cuidado – que fosse um homem refinado e, por mais feminino que isso possa parecer, um homem de bom gosto. Enfim... Não dá. E dá menos ainda para dizer que de cara eu tenha me sentido ‘atraída para seu universo’. Não é assim. Não se antevê universo nenhum daqui de onde estou às cinco da tarde, numa padaria-lanchonete de esquina, a não ser o mastigar de salgadinhos pelas pessoas à minha volta, a compra categórica de pães das primeiras fornadas e o fluxo de gente indo e voltando, quase todos os clientes oriundos dos hospitais e laboratórios que ficam aqui perto – enfermeiros, técnicos, familiares de doentes. Daí esse homem entrar aqui e me chamar atenção. Jack me chamar atenção. Por quê? Bem...

Bem antes do horário marcado para a tatuagem, eu já tinha descido do ônibus, na principal. Tinha consultado o relógio (quatro e quarenta), percebido que era cedo. Fiquei fazendo hora, nesta padaria. Eu não tinha almoçado, me recomendaram ir bem-alimentada. Então, pouco depois de eu ter sentado aqui com uma empada de frango e uma limonada fresca, Jack entrou, pela porta lateral, como o desconhecido que era, eu ouvi pedir, por favor, uma carteira de cigarros e a partir daí fiquei observando ele abrir a embalagem, fumar o primeiro deles. Está lá, ainda. Eu o observo: seus olhos contemplam a brasa do cigarro fumado, ele esmaga a bituca, com empenho na borda da lixeira. Então ele olha para mim, direto nos olhos. E antes de ir embora, antes de tomar a mesma direção que vou acabar tomando em seguida, meneia, de leve, a cabeça como se fôssemos senhores distintos, da mesma classe social que, educadamente, se cumprimentam.

Eu nem retribuo, nem finjo não ter visto.

É isso. Quero dizer: mesmo que tenha dado pra ver a tatuagem, a máscara chinesa no pescoço, e mesmo aquilo sendo um paradoxo curioso à elegância clássica do seu vestuário, o que realmente me chamou atenção foi algo nos seus gestos, nos modos. Uma coisa aristocrática, andrógina, e que me remetia à imagem de Yves Saint Laurent e então é um exagero deduzir que eu tenha me sentido, desde a primeira vez atraída por *aquilo*. Não importa que tudo o que aconteça depois acabe me desmentindo.

Porque depois estaremos olhando para isso aqui retrospectivamente, vamos querer imputar que já no primeiro olhar, esse que ele acabou de me dar, que nele já estava contido tudo. Tudo o que estamos destinados a construir, a compartilhar ou matar. Que esse olhar contém as viagens, os desenhos, as mortes que virão depois... Somos sempre tentados a ver as coisas assim. Mas ainda que o façamos, que digamos: “mas esse olhar duro, obstinado e ao mesmo tempo irremediavelmente solitário, já era,

de cara, ‘aquilo’, ou, por que mais eu me encheria de ideias como esta: de um Yves Saint Laurent, destinado a revolucionar, em busca da modelo adequada para vestir o seu smoking?’. Mesmo que façamos isso, temos que admitir: eu não tenho como saber.

Convém dizer que isso não me é incomum. Que eu observe as pessoas em geral e lhes atribua desejos, sentimentos, falhas, passados... Eu sempre faço isso. Eu as observo nas calçadas pra me distrair, para odiá-las com mais propriedade... Depois esqueço. Eu, com meu tédio sanado, vou embora e esqueço a história toda. Se lembro desses devaneios específicos, sobre Jack, é mais porque – e isso nunca tinha acontecido antes – mesmo depois de ter ido embora, pagado a quiche. Mesmo depois: quando abri a porta e entrei no estúdio de tatuagem, quando esperei minha vez, etc, etc... Tudo isso eu lembro ainda porque depois de tudo é ainda uma surpresa estranha que ele, o Yves Sait Laurent da padaria, esteja atrás da porta vermelha que abro, no estúdio, usando uma capa branca por cima do terno esportivo, e uma máscara cirúrgica. Ele foi parar bem na minha sessão de tatuagem.

– Ah, aí está você – eu digo como se reconhecesse um velho amigo.

E ele concorda.

– Sim. Aqui estamos nós — seriamente — Vamos começar?

E tudo o que vier depois, portanto, se for contado com uma ênfase mística: duas pessoas que nunca se conheceram e sim se reconheceram, como predestinados a viverem juntos uma coisa enorme, almas complementares, Dalí e Galarina, Paul e John – o que houve de verdade foi isso. Nada de mais. Só o de sempre: um jogo fortuito de pequenos acasos associado a um momento especialmente frágil de minha parte: a primeira tatuagem. E daí por diante eu me forço, deliberadamente, a não esquecer nenhum mínimo detalhe daquele dia.

Antes de eu entrar ali, tinham me dito: A primeira tatuagem é um grande passo.

Por isso, antes do outro tatuador sair do balcão com o desenho e desaparecer atrás da porta vermelha onde Jack certamente já me esperava, eu repeti, mentalmente: um grande passo. (pra onde meu deus do céu?). Olhei os quadros na parede, inquieta: aquarelas emolduradas, pornográficas de tão realistas, e abstratos feitos com linhas retas, quase matemáticos.

— Tá com medo que doa? – Um outro homem, provavelmente tatuador, de camiseta preta, apareceu descendo por uma escada helicoidal (eu nem tinha percebido que havia uma escada helicoidal) deu com meu comportamento apreensivo na sala e tinha me estendido a mão dizendo chamar-se Raul Costa.

Mas eu, em vez de lhe responder, apenas olhei na direção da porta vermelha.

—Vai ser no pulso — foi o que eu disse.

—Sim, mas você tem medo que doa?

A pressão na cabeça continuava lá. Isso prejudica minhas habilidades sociais, me deixa ensimesmada, como quem está calculando números, e além disso, o olho tremendo, o olho direito em seus espasmos, involuntários.

—A primeira tatuagem é um grande passo — eu disse.

Ele riu.

— Pode crer.

Em direção a lugar nenhum, pensei.

Eu teria gostado, num dia como esse de conversar sobre esportes radicais com o colega dele.

—O Barto?

Foi bem nesse momento que o tal Barto volta pra o balcão, anuncia minha vez:

— Pode entrar. Tá pronta?

Quando a porta se abriu, havia o Yves Saint-Laurent da padaria.

— Ah, aí está você — eu disse.

E eu entrei no estúdio de Jack.

Que tipo de dor será essa? Eu me pergunto sentindo o olho direito tremer, ainda. A sala é maior do que eu esperava e há algo nela que me lembra os diversos consultórios e hospitais onde já estive. Não que os hospitais tenham paredes em verde-pistache, nem janelas grandes, com esquadrias de madeira envernizada. É mais algo relacionado ao ar de assepsia o cheiro de álcool e plástico. A cadeira tatuadora, por exemplo, é toda envolta em filme pvc e ele, Jack, me entrega uma folha de papel com o desenho.

— Vamos começar só com as linhas.

É um comentário estranho. A priori, o desenho que pedi é *só* de linhas. Mas olhando ali compreendo o que ele quer dizer. Primeiro: que a ampliação que tinham feito no estúdio a meu pedido fez as linhas tornarem-se robustas, dignas de preenchimento:

— A linha já revela o desenho, não se preocupe — ele continua explicando — se doer muito, você pode deixar pra fazer essa parte depois.

E segundo que, por trás das linhas, como se fosse um fundo, havia micropontos, algo como um granito que deixava as linhas suspensas como se flutuassem a um centímetro do chão.

— Essa parte é uma sugestão — ele diz — Você só faz se quiser. Nem vai para o transfer.

Normalmente não gosto de surpresas. Sobretudo se elas vêm na forma de uma sugestão ou um conselho... Gostei daquela, entretanto. Sim, eu gosto. Afirmo com a cabeça para Jack, e sorrio querendo significar exatamente isso. Devolvo a folha. O que mais posso dizer?

— A palavra de segurança é “Tempo” — ele começa a desmontar o apoio de braço, que está do lado errado — se sentir que a pressão está caindo, ou se doer além do que você suporta...

Eu deveria gritar “Tempo”. Entendi. Solto a bolsa no sofá de couro preto do outro lado.

— Não posso só pedir pra parar normalmente?

Ele ri.

— Claro — concorda —, mas corre o risco de eu não entender e continuar tatuando.

Há uma longa fenda que começa a se abrir em mim no momento em que o desenho vai para o meu braço com o auxílio do decalque (“é pra sempre”), E que só estanca depois, quando já estou sentada, quando ele, com a agulha na pistola, todos os instrumentos perfeitamente dispostos na bancada de mármore — tinta preta no godê, creme na espátula, espátula sobre o papel-toalha — liga o aparelho direto em minha pele e o zunido enche a sala de som, e a minha pele com uma dorzinha. Que tipo de dor é essa?

É um tempo dilatado e imensurável no qual começo a reparar em tudo o que há ao meu redor: molduras de nus artísticos com pessoas tatuadas na parede. Um sofá de couro, preto, vazio. Um espelho ao meu lado pelo qual vejo meu corpo tenso sobre a maca. Meus olhos captam tudo, e ainda assim é como se tudo ao meu redor estivesse prestes a se desfragmentar, a ser borrado, como se eu pudesse ser sugada do hoje, do agora, e ser lançada impiedosamente para um lugar ainda mais doído onde eu já estive, ou onde vou estar, sinto uma fisgada no joelho.

—Relaxa —ele diz —, encosta o pescoço no espaldar — mas não dá pra ver os lábios se moverem por trás da máscara e a voz dele é abafada.

Que tipo de dor é esta?

É como...

Eu tento me concentrar na dor da agulha. Que tipo de dor é essa? Como se ela fosse minha única conexão com o momento. Como se eu precisasse depois, ao sair dali, descrever exatamente para um médico, as sensações que assolam uma pessoa sendo tatuada. Como se, ora, se eu conseguir dizer as palavras certas, se eu conseguir...

É como... Sabe quando a gente se corta com a gilete?

Respiro fundo, tento relaxar os músculos, como Jack pediu, baixar os ombros... Há fotos de mulheres absurdamente lindas, seminuas, cobertas com adagas ou com o que quer que seja em uma moldura do meu lado direito.

Ou como quando você está andando na rua, debaixo de uma nevasca, e os lábios racham no frio formando aquele cortezinho ardido, porque você não lembrou, (você nunca lembra), de colocar um protetor labial...

Como quando você se corta com papel porque resolveu alimentar a impressora da colega no escritório e isso devia ser uma gentileza, então alguém pergunta:

—Está tudo bem aí?

E é Jack, perguntando. Eu balanço a cabeça afirmativamente. Ele passa a gaze limpando o excesso de tinta que escorre.

— É a primeira?

— É.

Mas é impossível manter a concentração nisso. Eu percebo que a tinta preta soltando, ela não parece tinta, ela parece um pó, fuligem, terra.

Então eu estou debaixo da nevasca, estou no escritório, estou raspando as pernas com gilete no banheiro, mas não ali.

Como quando você precisa tirar a terra dos joelhos ralados pra avaliar a dimensão da cicatriz que vai ficar.

E eu não consigo. Olhe pra isso, olhe para as paredes azulejadas, para os fios grisalhos e presos do tatuador. Preste atenção nessa dor de agora, eu me ordeno. Preste atenção nisso. Esqueça as outras dores.

“Descreva essa dor”, “Como assim não é uma dor?”.

E se não dói quase nada. Então por que me dá essa coisa estranha, esse tranco na garganta que sobe até os olhos como se fosse água?

Jack desliga a máquina.

— Ainda quer preencher?

Ele troca as agulhas. Me explica rapidamente que há uma agulha para linha, outra para preenchimento. Não fala muito.

O zunido recomeça. Volto a reparar em tudo: O que há na bancada, o que ele usa, o aspecto da pele dele, o aspecto da tinta se desprendendo. Pense na dor, pense na dor... Mas não funciona.

É como quando suas articulações incharam e você quer correr para a sala de embarque, mas o mais rápido que consegue andar é o que qualquer um atinge na velocidade normal. Sua mochila pesa e, sabe o peso daquela mochila? Sabe o tanto que ela arde nos seus ombros? Sabe? Especialmente se você tem dezesseis anos?

Um ruído estranho se solta de mim. Essa agulha de preenchimento raspa a pele como uma lixa. O sangue, finalmente, se torna reconhecível.

—Está doendo tanto assim, já?— Jack pergunta.

Faço que não com a cabeça. Eu nem estou aqui, sabe.

—Quer falar sobre a história disso?

— É uma história longa demais.

Eu estou, então, dentro do avião. As poltronas mínimas. A cabeça ainda dá voltas e eu tento encontrar os analgésicos na mala, os relaxantes musculares já fazem efeito, estou sonolenta. O avião parte.

Fique acordada, é o que eu me digo: esse momento é importante.

Mas não importa, eu não estou lá. O avião parte. Eu acordo e estou no ar. Eu não estou em lugar algum.

Jack desliga a máquina de novo. Comenta que fiquei um pouco pálida. É normal, segundo ele.

—Posso pedir uma coisa? — pergunto — posso marcar logo a próxima?

A primeira tatuagem é um grande passo. Basta observar essas pessoas indo e vindo na rua. Essa gente semidespida, de costas nuas, veja em multidões de beija-flor, de fadinhas, de tribais. Veja essas pessoas com o corpo todo riscado, repare melhor em tudo isso: dá pra saber em que exato momento de suas vidas a tatuagem foi feita. E eu não me refiro apenas ao esmaecimento das cores, ao inevitável espalhar dela, do engelhar da pele. Me refiro também, e sobretudo, ao conceito do desenho. Houve a moda dos golfinhos, houve a moda dos tribais, das estrelinhas pequenas no pulso, das estrelas grandes sobre os ombros. Há aquelas que você, mais ou menos, intui cobrirem

algo que já não faz mais sentido. Você sabe: corações preenchidos com tinta preta maciça, ramagens arbitrárias de flores... Tudo parece estar encobrindo algo. Isso é cover-up.

Se me arrependo desta tatuagem de hoje, terei mais ou menos um terço do meu braço coberto de preto, começando pelo pulso. Vai ficar parecendo uma necrose.

O braço de Jack é assim. O cara com a máscara de cirurgião, com as mangas do blazer arregaçadas. Ele tem boa parte dos antebraços pintados de preto maciço. De longe, parece a continuidade de uma manga, ou pulseiras de couro preto. Por baixo da tinta, você sabe, há alguma coisa escondida pra sempre.

—Isso era uma tatuagem antiga que você resolveu cobrir?

—Como?

—Essa cobertura preta que você tem no braço.

Eu fico constrangida porque minha voz está embargada.

—É — confirma. — Foi uma tatuagem que eu fiz muito novo e não combinava mais comigo.

Ele me entrega um panfleto “Cuidando da sua tatuagem”, antes de sair dali, e é com alguma surpresa que percebo ao sair do estúdio que já é noite. Que o tempo havia passado, o sol tinha ido embora enquanto eu estava ali dentro. “Posso marcar logo a próxima tatuagem?” eu havia perguntado a Jack.

Mas por que diabos eu disse isso?

9.

O porteiro do prédio do meu pai me diz:

— Pode subir, mas ele avisou que tá no banheiro, tomando banho.

De cara já sei que deixou a porta aberta. Eu comento com Marcelo ao chamar o elevador. E se eu fosse uma ladra? Um bandido? Mas Marcelo está claramente de mau-humor e não diz nada, não oferece ajuda ao me ver equilibrando, num só lado do corpo, minha bolsa, a caixa de papelão que contém o jantar. Não posso segurar peso no lado recém tatuado, Jack tinha me explicado isso. E explicou também que não seria boa ideia acompanhar Marcelo à praia neste fim de semana, nem comer alimentos muito condimentados.

— Você pode ir sozinho, se quiser— eu digo a Marcelo quando o elevador abre.

Mas ele insiste que sozinho não é a mesma coisa.

—Vou remarcar com o Heitor, já disse.

Nós entramos no apartamento, eu passo direto para a cozinha, despejo tudo sobre a mesa de lá. E Marcelo para de pé, no meio da sala, avaliando todo o ambiente, com as mãos nos bolsos. Este é o tipo de preâmbulo que, num dia normal me deixaria aborrecida, mas hoje é na verdade algo bom. Entro direto para a cozinha deixando Marcelo pra trás. É um modo de ficar encarando vaidosamente minha nova tatuagem enquanto nossa tensão ecoa no apartamento com o som do chuveiro ligado nos fundos.

— Pai, estou aqui — grito para as paredes, voltando à sala. É engraçada a propriedade modo que uma tatuagem tem de soltar micropartículas de sangue no plástico. Era isso que eu ia comentar.

Ia, pois agora Marcelo está diante da estante olhando as molduras de fotos: eu com oito anos, com sete, com cinco, com quatro, em quase todas, aparecendo em grandes grupos de crianças menores.

— Qual dessas aqui é você? — ele pega nas mãos a dos cinco anos, uma moldura com meninas sorrindo.

— Ora! — eu digo tentando conter minha surpresa — Não sabia que ele tinha trazido essas fotos na mudança.

Mas Marcelo está intrigado, com alguma coisa na imagem.

— Sou a do meio. Cinco anos — eu digo.

Digo, mas estou pensando em outra coisa. Eu sento no sofá, O ruído do chuveiro cessa. O que me incomoda é pensar...

— Cinco? Tem certeza?

...que em algum momento, enquanto eu não estava prestando atenção, meu pai parou diante da estante da casa velha, olhou para a estante e de alguma forma pegou

essas fotos todas: a dele com vinte anos, sentado na bateria, da minha mãe, com um sorriso e um hibisco laranja nos cabelos...

— Parece grande para cinco anos — Marcelo continua comentando. Os barulhos que vêm do banheiro agora são baques secos. Quero dizer, será que ele estava começando a virar aqueles velhos comovidos? Meu pai?

— Parece — eu respondo. — Mas vai estar escrito no verso, com a caligrafia da minha mãe esta mesma informação. Tira do porta-retrato pra ver.

Ele manuseia, mexe nas pequenas trancas do objeto. E pior: em algum momento entre a semana passada e esta, ele parou bem ali e, também de algum jeito, colocou na estante daqui. Por quê?

— Está grudada.

— O quê?

— A foto está grudada no vidro — ele devolve à estante — Mas, sim, cinco anos. Sua mãe tinha uma letra bonita.

E o barulho do chuveiro recomeça.

— Você era comprida, hein? Quero dizer... As pernas...

Ele observa mais uma vez.

— Sim. Eu era.

E de repente pensar nisso com o braço sangrando me faz pensar na pergunta: Você tem alguma ideia? — me dá vontade de perguntar a alguém. — Sabe o tanto que uma menina comprida precisa cair nessa vida?

Se você olhar as minhas fotos, com cinco anos de idade e shorts de educação física, a primeira coisa que vai reparar, como se fossem uma anomalia, é nas minhas pernas. Longas, finas, com uma hiperdistensão para trás e joelhos voltados para dentro: ali estava o meu maior orgulho, minha marca registrada. Eu tinha naquela época, uma passada longa e solta como a maioria das pessoas leves. Meu pai costumava rir disso. “Atletismo? É o que vai fazer com essas pernas de flamingo? Ei, treinador, corre, chama a ambulância que a menina aqui deu um nó nas pernas?”. Ele era um homem pacato, taciturno, era raro fazer piadas, raras coisas lhe chamam atenção a este ponto. Mas, como dá pra ver na imagem, meu caso era anômalo o suficiente. Eu com esse um jeito de parar com as pernas entrançadas e os calcanhares juntos, era impossível não reparar. “Um nó nas pernas” era, senão um risco real, pelo menos algo graficamente imaginável em meu caso. Que eu correndo, as pernas no ar, flexíveis demais de repente embolando como fios de macarrão, e eu acabando com a cara no chão, as pernas ainda para o alto —, isso explicaria o segundo retrato, quero dizer, se o mundo corresse de trás pra frente, e as pessoas ficassem mais jovens em vez de mais velhas: pois nela eu apareço aos três anos, de maria-chiquinha, um sorriso sapeca e um enorme galo protuberando do lado direito da testa.

— Ele deve ter orgulho dos seus méritos — Marcelo disse — Quase todas as fotos você estava numa espécie de time, não?

Na última delas eu apareço com os patins no braço, na frente da estátua da liberdade.

Dou de ombros. O chuveiro desligou outra vez, há uma nova leva de baques secos vindos de lá. O meu pai sempre soube que a corrida era uma coisa temporária, mesmo quando nem eu mesma sabia: tinha explicado esta questão pra mim, alguma vez,

numa dessas ocasiões que eu vinha interromper seu ensaio disciplinado, noturno, com as baquetas, para narrar, com todas as nuances do exagero, minha vitória na corrida.

“Ei, pai, imagine só...”. Meus pais nunca se juntaram ao coro patético e desocupado dos pais que iam aos jogos escolares e gritavam o nome dos filhos com toda a empolgação fingida, como se aquilo fosse uma tarefa compulsória, que, não raro, atrapalhava as coisas e gerava trapaças que vinham para mim no pedido: “Me deixa ganhar dessa vez, Samara?” eu ouvia isso de vários dos competidores: que os pais ficariam decepcionados se depois de terem feito tanto esforço para sair cedo do trabalho, pago uma funcionária pra fazer hora extra, seus rebentos ainda precisassem lhes atirar na cara a mediocridade dos próprios genes. “Não faz diferença pra você, Samara. Os seus pais nunca vêm mesmo”. Então, de noite, quando eu chegava com as medalhas, contava tudo “acredita nisso?”. Eu podia narrar, exagerar, maquiagem um pouco os números do cronômetro... O quão enorme era a distância que me separava das outras crianças.

— É muito natural, querida — ele dizia alongando os braços — É aritmética básica. Suas pernas são mais compridas, suas passadas são mais largas. Ano que vem, as outras crianças vão crescer também. Melhor não se gabar muito pra que elas não queiram se vingar.

Meu segundo detalhe mais marcante, este não aparece na foto. Era a teimosia competitiva. Eu tenho uma lembrança viva de alguma discussão em particular na qual combati o argumento dele de que as outras crianças uma hora iriam ficar tão altas quanto eu usando uma lógica infantil de que o crescimento e a idade estariam sempre diretamente relacionados. “O que está dizendo não tem sentido”, eu falava. “Eles crescem dois centímetros. Eu cresço dois centímetros. A diferença se mantém”. Essas são as lembranças das vezes que eu Quase ganhei uma argumentação com o meu pai. “Mas não é daí que a diferença vem”. “Mas o senhor tinha falado que era aritmética básica”.

Mais baques secos, vindos do banheiro.

Quase ganhei: Pois aí, meu pai ficava nervoso, minha mãe vinha e interrompia tudo como se tivesse um radar que disparava, de onde quer que ela estivesse, assim que a glicose se desequilibrava no sangue dele. E no momento que as coisas esquentavam, quando ele se punha nervoso, tentando explicar como a diferença é o resultado de uma subtração, e a ordem do minuendo e o subtraendo...

Minha mãe, que no minuto anterior estava ocupada demais para ouvir a narração da corrida, vinha da cozinha pronta a encerrar a querela (será que eu não já disse para não irritar o seu pai?) me dava um cartão vermelho, e daí me sobrava sair às marchadas direto para o meu quarto (castigo). Para ouvir, ainda com a medalha pendurada, ouvir a voz dele para ela.

“Sua filha não sabe aritmética básica!”

— Eu tinha mesmo umas pernas bem grandes — digo a Marcelo. — Mas hoje todas essas meninas são da minha altura, ou maiores.

Acabava sempre igual. Logo ela acalmava ele, não sei como, então eu ouvia risadas dos dois, passava a ter certeza que riam de mim. O compasso da bateria recomeçava. E minha mãe aparecia à soleira da minha porta, segurando o riso e dizendo.

“Amanhã eu mesma lhe ajudo com as contas”.

E neste ponto Marcelo ri.

Sim, ele ri. Acabou de notar que em todas as fotos, todas, sem exceção, eu apareço com a cabeça inclinada... Eu ouço o desodorante aerossol vindo do banheiro, finalmente. E isso significa que o banho acabou.

Porque, já que a teimosia não aparece nas fotos, a segunda coisa que saltará aos olhos, nas molduras, é mais como uma piada oculta que se revela aos poucos, quando você olha para todas elas em conjunto.

— Mas como... — e Marcelo ri. Todo mundo ri nessa hora.

Uma foto com a cabeça inclinada é uma coisa. Mas oito?!

— Que Genial! — ele diz maravilhado olhando para a estante — Isso é intencional?!

Eu suspiro, apenas. Eu estou preocupada, claro, será que sintoma de alguma coisa, meu pai ter trazido esse troço consigo, será que ele está ficando deprimido...

— Ah, meu, deus, me desculpe — a voz dele toma a sala, pego de surpresa, saiu do banho usando apenas uma bermuda de algodão, sem camisa — Não sabia que você tinha companhia. Samara, por que não me avisou?

Ele coça o próprio braço, constrangido, então percebe no meu, a tatuagem.

— Achei que tivesse ouvido a gente — eu levanto, vou na direção da Marcelo que já está com um sorriso de orelha a orelha, divertido depois das fotos, já estendendo as mãos para meu pai. — Este é Marcelo.

— O senhor veio gabar-se da boa forma, estou vendo.

Mas talvez seja o fato dele ter trazido as fotos, talvez eu seja mesmo paranoica, ou uma teimosa patogênica. No momento que Marcelo ressalta o “físico” do meu pai, eu percebo que na verdade, assim, só de bermuda, fica tão óbvio: ele está magro demais.

— Oi, Pai — digo — Tá tudo bem por aqui?

Ou... Está simplesmente, pela primeira vez, realmente parecendo cansado.

— Sim — ele confirma —, está tudo bem.

Meu pai não se espantou quando minha mãe desmaiou no meio da sala, de um aneurisma. Não se espantou quando, quatro semanas depois, eu voltei à fisioterapia. Não ficou nada surpreso quando passei na USP em biblioteconomia e usei todo o dinheiro do seguro de vida para financiar minha sobrevivência longe de casa. É a mesma coisa agora. Não se espanta que eu tenha escolhido um namorado com óbvios problemas de auto-controle à mesa. Nem com meu braço. O aspecto carnoso, dilacerado, da pele, o sangue preso ali junto ao desenho e à tinta devem ter, pelo contrário lhe aberto o apetite pois é justamente sobre carne que ele fala, recém-saído do banho.

— Vamos sair pra jantar, então?

Sobre carne. Sobre uma vontade irresistível que vinha tendo de comer picanha, e fala das capas de gordura, do sal grosso envolvendo a peça, e...

— Talvez pudéssemos — ele continua. Sugere. — Tem uma churrascaria aqui perto — me informa como quem não quer nada —, nem demoraríamos a chegar se pegássemos um taxi. Tem um ponto na esquina — ele engole a saliva acumulada na boca.

Meu pai não pode comer gordura animal. Eu digo a ele:

— Suas taxas deram altas da última vez.

Marcelo faz um olhar de “bem que eu disse”, pra mim. Que eu ignoro, explicando:

— Eu mesma passei na marmitaria no caminho para cá, pai. Me ofereci pra trazer a comida. Vamos todos comer igual ao senhor, hoje.

Marcelo ergue os ombros pra ele como quem diz “Você deve saber sua filha como é”, ou como “Não tenho nada a ver com isso”. Eu mostro a ele as tigelas sobre a mesa. Ele parece desconfiado, o meu pai.

— Por que fez isso?

— Tinha que passar na farmácia de todo jeito... Era perto. Eu estava de carro com o Marcelo...

É com uma certa decepção que ele tira a tampa da marmita, olha lá dentro: frango, e aquela comida de self service cujo gosto parece ser igual em todas as suas variedades. O frango assado com gosto de carne ao molho, o feijão sem alho com gosto de macarrão. Fumaça quente. Tudo com gosto de fumaça quente.

Olha dentro das tigelas com uma expressão de desapontamento por toda a humanidade. Desapontamento, desgosto. O cheiro, eu entendo, dá até náusea. Ele olha para Marcelo como se pedisse sinceras desculpas por isso.

— Bem, vocês comem, então — diz. — Vou me vestir — ele parece desanimado —, na verdade, pensando bem, nem estou com tanta fome.

— Mas pai.

Ele olha com um interesse maior pra meu braço, agora, pro sangue. Continua salivando. Se coça de novo.

— Quer que eu passe um pouco de sal grosso aqui no braço? — brinco — Não acha que o gosto da tinta atrapalha?

Ele não diz mais nada. Vira-se de costas, resignado e vai, casa adentro, se amoquiar no próprio quarto. Eu vou atrás.

— Pai? Ora, não seja assim, vamos. Pai? Quando foi a última vez que o senhor comeu?

Mas ele faz um gesto aborrecido com a mão, antes de fechar a porta. Um gesto que Marcelo não vê e que me indica: como protesto, meu pai vai remexer no prato a noite toda como faz sempre que está com raiva. Ele fecha a porta atrás de si.

É preciso fazer algo para que meu pai coma.

— Então quer dizer que o senhor tocava bateria? — Marcelo pergunta — A Samara me contou que tinha uma banda.

Eu deixo Marcelo conversando com ele, na sala de jantar. O relógio marca sete e quarenta e sete. Eu abro a geladeira do apartamento. Tenho que lembrar de trazer coisas do supermercado pra cá. A geladeira do meu pai está quase tão vazia quanto a minha: não tem carne, nem ovos, não tem a mínima chance de eu atender suas necessidades por comida boa e caseira a partir daqueles ingredientes: uma caixa de leite desnatado, água mineral, iogurtes desnatados, suco de laranja diet. Velho mimado, penso comigo. Minha mãe acordava às cinco da manhã para sovar pães especiais. Isso deixa as pessoas no mau-costume. Eu lembro dela com seus olhos revirando de sono, das noites que passava batendo patês, da horta que cultivava com os temperos necessários: alecrim, tomilho, hortelã, sálvia. Eu estou me sentindo estranha. Os sons que vêm da sala discutem agora a próxima vinda de Paul McCartney ao Brasil. A verdade é que eu não sei o que fazer.

Contratar os serviços de uma empresa especializada em refeições para diabéticos, encher a geladeira com ímãs e panfletos com ocupação para a terceira idade, instalá-lo num prédio com academia, sauna, piscina... Todas essas coisas que fiz no último mês tinham me dado a impressão: faria o meu pai me parecer mais próximo de mim. Mas, ao contrário, eu sentia ainda mais distante como se toda a familiaridade que houvesse entre nós dois tivesse desaparecido junto com o cenário da casa dele, da cidade dele. E ao mesmo tempo que eu sentia culpa por não alimentar seus parcos desejos cada vez mais raros por alguma coisa e uma estranha consciência de que meu cuidado não era apenas por ele, e sim por mim. Por reconhecer o corpo de um velho ali nele. E daí pensar: esse velho, é seu.

É seu: você será obrigada a vestir, a limpar. Todos os cuidados do mundo são pouco se puderem afastar, por pouco que seja este momento infeliz.

E a outra alternativa a isto era absurdamente mais desoladora. Significaria: agora não resta mais ninguém.

E porque nenhum de nós dois estava preparado para aquilo. Eu e meu pai sozinhos em uma vida familiar, sem ela. E no entanto, há exatos dez anos tentávamos nos adaptar. E vinha dando certo até que ele esqueceu, sim, meu pai responsável, ele simplesmente esqueceu de jantar e todo um esquema que era confortável para ambos (eu morando na cidade, ele no interior. Eu telefonava, ia vê-lo nos feriados...) todo um esquema veio abaixo. Caiu sobre o meu colo, na forma de um telefonema que dizia: “Seu pai está na UTI” e que versava sobre algo como: ele disse que se sentia cansado, deitou, pegou no sono e, na manhã seguinte, quando a diarista bateu, ninguém abriu a porta. Ato contínuo: vizinhos ciosos arrombam a porta, ambulância, paramédicos. “Um homem de sorte, o seu pai” – disseram “Foi por questão de minutos que ele não entrou num coma irreversível”.

E onde aquela ligação termina? Bem, aqui estamos. Eu fecho a porta da geladeira, meu braço toca, de leve no encosto de uma cadeira e a pele arde levemente. Há algo diferente em mim, algo inespecífico, como uma sensação geral que veio depois de ter feito a tatuagem. Mas, o quê? Acima do balcão um pote de Herbalife sabor baunilha divide o espaço com um jogo de painéis esmaltadas.

— Dizem que é uma refeição completa.

Eu me assusto. Ele está na soleira da porta, vestido e me vendo encarar a prateleira.

— O senhor tem tomado isso, então?

Ele faz que sim. O jeito como meu pai me olha não é como um pai olha para uma filha. Mas provavelmente do jeito que você olharia para um quadro abstrato.

— Escute, o rapaz, disse que ia trazer o carro, por isso desceu na frente...

— Ah, sim, já vou.

— Você já vai.

— Quer dizer. A não ser que o senhor precise de mais algo.

— Não, não...

— Ah.

— Só disse por dizer.

— Hum.

— Porque está tarde.

— Sim, eu vou. — repito.

E depois suspiro, sem graça.

— Desculpa, pai.

— Pelo quê?

— Sei que é difícil se adaptar. A cidade aqui é meio caótica, mesmo... A gente perde a liberdade... O Marcelo só tinha como vir hoje.

— Fui à piscina do prédio hoje.

— Ah.

— Pareceu limpa.

— É. Dá pro gasto.

Claro, a piscina. Como eu podia nem ter perguntado o que meu pai fez durante o dia. A piscina. Então eu tentava ver qualquer vestígio disso nele ou na casa: uma loção sobre o raque, uma toalha estendida, areia em algum ponto. Nada. Ele nem parecia queimado. Apenas com a pele gasta. E talvez se coçando demais.

— Bom, então já vou.

— Tá.

— Tenta ficar bem, pai. Joguei o resto do jantar no lixo, mas deixei a sobremesa na geladeira. Tem balas Valda, também. Eu trouxe da farmácia.

— Certo. Tudo bem.

— Só para o caso.

— Claro.

Ele passa direto para a mesa de jantar, pega o pote com sua refeição completa nutritiva, em pó.

— Escuta...

— Hum?

E o liquidificador na prateleira alta:

— Por que não levou as sobras do jantar para casa?

Não sei o que isso quer dizer.

— Você parece gostar tanto.

— Você não precisava ter sido assim com o seu pai — Marcelo diz quando chegamos em casa — Aquela coisa de “Quer que eu passe sal” — ele explicou — Poxa, tem que entender a coisa de geração... Ele pode não ter aprovado o que você fez, essa tatuagem... Parecia que realmente lhe enfiar isso goela abaixo. Com tempero e tudo...

Do que diabos ele está falando?, é o que eu me pergunto. Que diabos isso quer dizer.

—Só quero dizer... Bem, nem todo senhor nesta idade gosta de ver as filhas fazendo tatuagem.

Eu dou de ombros. Foi assim que Marcelo ficou super-amigo do meu pai.

—Meu pai era baterista de uma banda de rock — eu disse — acredite: ele não fica exatamente chocada quando vê alguém fazer tatuagem.

Eu não estava blefando neste ponto, meu pai nunca tinha sido contra tatuagens. Embora eu mesma não ache, também que isso seja o tipo de coisa que ele entendesse por body art. Body art é quando uma garota de dezoito anos faz galhos de cerejeira no

pulso ou quando um artista faz nas costas um negócio bonito e original que se assemelha aos princípios do paisagismo e ergonomia: o melhor desenho, para a melhor parte do corpo.

— Meu pai é um filho dos anos sessenta, Marcelo.

Não, ele não poderia chamar aquilo que eu tinha levado pra a sua casa, envolto em filme plástico, de uma expressão do belo assim como não poderia chamar a refeição equilibrada, de comida. Nem mesmo se ainda estivesse naqueles anos, quando ele tinha entre quarenta e quarenta e cinco e achava bonito tudo o que podia ser considerado “jovem”. Achou bonito quando minha prima de dezoito anos fez um golfinho no tornozelo. Achou bonito quando viu na praia um cara com uma carpa colorida no braço musculoso. Reafirmou: “É bonito. Só não faço porque... Bem, olhem só pra mim”.

É a teoria do meu pai: tudo é mais difícil quando você é diabético.

— Ainda assim, não custava ter cedido e levado o pobre homem à churrascaria.

E quando você tem uma filha mulher.

— É para o bem dele.

E quando você está ficando velho, careca, cansado e cheio de doenças.

— Ele não ia morrer por isso. Carne e doce são coisas diferentes.

E sua mulher, que deveria cuidar de você até o fim, foi embora pela saída de emergência do “até que a morte nos separe”.

— Só estou querendo dizer...

Eu sei o que ele está dizendo: o meu pai está ficando velho. De modo que as coisas vão ficando todas muito difíceis e muito feias e tudo lhe dá um certo constrangimento. Ele está ficando velho e o mundo também parece envelhecer e amolecer, junto com ele. Toda vez em que ele sente uma vontade, um gosto, um desejo, parece que será a última vez antes de ele ter que achar bonitas as fotos do próprio passado, em algum lugar escondido entre o guarda-roupa de casal e o banheiro da suíte.

— Mas por que é que estamos discutindo a minha relação com o meu pai, afinal?

Pois a diferença é que eu sei que o passado não foi tão encantador assim a ponto de fazer questão de exibir as fotos. Eu quero dizer: Por favor, Marcelo, nem comece. Isso não é um daqueles seus contos.

— Só quero dizer que gostei dele, do seu pai.

— Ótimo — eu digo. — Todo mundo gostou de todo mundo.

Mas enquanto Marcelo fala eu relembro pedaços da conversa dos dois no jantar: Marcelo dizendo como gostaria de ter aprendido um instrumento, como teria adorado tocar um baixo, como tinha, na verdade, esse jogo, ele podia levar pra lá um dia. Como esse jogo tinha instrumentos de brinquedo e que o desafio era equivalente a tocar só que sem ter que enfrentar desafinação, erros de som... Beatles Rock Band, Marcelo falava. E que tinha deixado o jogo, e os instrumentos num contêiner, que meu apartamento era muito pequeno.

Todo mundo gostou de todo mundo, é o que eu digo, mas na verdade penso no jeito como o meu pai olhava pra Marcelo e perguntava “Um jogo?”

— E que aquelas fotos suas eram tão boas, no sentido de serem, premonitórias, sabe? Daria um conto tão bom...

— Como assim?

— O galo, a cabeça pendendo, a corrida... Tudo!

- Não estou entendendo.
- Não é justamente do lado direito que sua cabeça dói? Ou pesa?
- Bem, era...
- Como assim “era”?
- Na verdade, não estou sentindo agora.
- Claro, porque está sentindo o braço
- Não — eu falo.
- Na verdade, não estou sentindo nada.

10.

Essa impressão de sentir nada ainda não havia se dissipado quando meu chefe me faz sua primeira repreensão do dia, no Dedoc, mais de quinze horas depois de ter saído da cadeira tatuadora.

— Mas que merda é essa? — ele aponta para meu braço, para a manga da minha camisa empapada de sangue e tinta — não pode ir para a redação desse jeito.

As fitas já estão empilhadas sobre a mesa, com o formulário ao lado, preenchido e assinado por mim quando ele decide riscar seu próprio nome por cima do meu. Sérgio Motta — corta os dois t's com um só traço. — Nem conhece o material. Não saberá responder se o editor reclamar que “latas de ervilha com três preços diferentes não são exatamente a ilustração desejada”. E mesmo assim, ele sai, equilibrando em seus bracinhos curtos o levantamento que eu fiz, pois não pode, proclamou isso gravemente, não pode permitir que uma funcionária sua seja pega toda desmazelada pela inspeção-surpresa.

— O sr. Almeida Campos está fiscalizando pessoalmente, hoje — explica, já tomando a direção da porta. — Seria demissão na certa. Você sabe como ele é.

Fecha a porta. Olho meu braço. Tenho que lembrar de usar mangas curtas, evitar os tecidos claros e aprender um jeito de fazer esses curativos direito.

O Sr. Almeida Campos é o careca circulando de terno entre os corredores lá fora. Dono da empresa, esse magnata local da comunicação é também, por acaso, um obsessivo por limpeza, pela aparência branca e cristalina das coisas. As redações aqui têm paredes de vidro que são esfregadas diariamente e ele, nesses dias, checa se há digitais marcadas. Neste jornal, por todo o prédio, as pessoas são proibidas de comer e tomar café fora da copa. Há câmeras de vigilância por todo lado monitorando este tipo de comportamento. Ele encontra as funcionárias nos corredores e as manda pra casa, para trocar de roupa, se estiverem com um jeans desbotado ou estrategicamente rasgado, se usarem roupa muito curta, se o aspecto parecer sujo. Ele não quer saber se é a moda: a secretária dele precisou colocar borrachinhas nos sapatos porque ele se irritava com o som dos passos dela.

O problema é que quanto mais eu tento conter a salmoura que sai do braço, mais parece que sai coisa dali.

Você suspeita ter perdido uma camisa, passando os dedos pelas fibras do tecido branco e manchado. O filme plástico escorregou logo no começo da manhã porque era muito pequeno, o bepantol engordura tudo, e a tinta ainda escorre. Quando o expediente terminar, eu vou passar pelo corredor e acenar “tchauzinho” com um braço completamente ensanguentado.

Você pode sangrar um pouco por uns três dias dependendo da tatuagem que faça. E o inchaço pode não ser bonito de se ver.

Os funcionários no corredor, por exemplo, fizeram uma cara engraçada ao me virem chegar com os punhos da camisa ainda dobrados até o cotovelo. A pele estava inchada em gamas de vermelho e roxo por baixo do tecido e, talvez tenha sido o desenho, o fato de haver micropontos, tinta clara, abstrato... A cara deles parecia mais com a de quem vê um eczema... Estavam em mais ou menos seis batendo papo no corredor, e depois que passei, o som animado de suas vozes virou uma gama de cochichos que já quase não se ouvia quando virei à esquerda para a geladeira.

Sérgio volta da redação com um ar aborrecido. O editor lhe garantiu: a pesquisa que eu fiz estava incompleta. Ele ia precisar se esforçar mais, e rápido.

— Como é o nome da máquina? A que colocava etiquetas adesivas com os preços?

Não respondo. Continuo vendo as fitas do dia com a velocidade aumentada, cadastrando palavras-chave: buraco, esgoto, vazamento, asfalto...

— Samara?

— Hum?

— Nada. Deixa pra lá.

Ele bate com as duas palmas sobre a mesa e levanta com raiva, caneta e um bloco.

— Isso está horrível, sabia? — aponta para o meu braço — Está se estragando.

E some, emputecido, pela porta sanfonada atrás de mim. Eu rio.

Que diabos ele queria dizer com uma merda dessas?

A semana inteira corre assim.

Quarta-feira: vou ao almoxarifado e o garoto de lá balança a cabeça com cumplicidade pra mim porque soube que ando machucada.

— Acidente de moto, não foi? Espero que o filho da puta do motorista do indenize.

Ninguém pergunta nada. Eu fiz isso comigo mesma.

Quinta-feira: a vontade de coçar mostra que você realmente é uma nova pessoa. Você, aos treze anos, costumava lacerar com as unhas cada ferida, cada machucado que fizesse, e *que azar* você fazia muitos. Mas agora aprendia o ato estoico da paciência, você, cuidadosamente, desembrulha o braço do filme plástico, massageia, delicadamente, mais uma camada de pomada, ganha dois segundos de

alívio. Por que consegue essa disciplina? Por que tornou-se cuidadosa? Depois refaz o embrulho.

Seu corpo está tentando se livrar da tinta. Jack tinha explicado isso. Seu trabalho é dificultar a tarefa.

Às vezes eu digo: é uma tatuagem.

Nessas horas as pessoas se empolgam. A estagiária de jornalismo tem uma rosa vermelha no braço. Ela abre a porta da minha sala, Olha pra mim empolgada e diz:

— Deixa eu ver.

Mas fica sem palavras quando levanto a manga.

— Abstrato — seu lábio inferior se sobressai ao superior — Mas é legal.

As pessoas ficam constrangidas por mim. Como se temessem precisar me informar que aquilo não era bonito. A garota abaixa os olhos, pega as cinco fitas sobre a mesa

— Boa sorte com a cicatrização.

A primeira coisa boa de se tatuar é a cicatrização. Parece que tudo nesse mundo pode ficar certo se você apenas lembrar de cobrir tudo com uma camada gordurosa de bepantol. Além disso, tem a história de colocar um filme plástico. Todo dia é uma novidade. Você observa sua pele reagindo àquilo como uma criança vendo o feijão germinar.

Telma, a estagiária do Dedoc, encontra comigo na saída do expediente sexta-feira. Não nos cruzamos há tempos. E ela abre seu sorriso.

—E aí? Deu certo?

Você bate o olho numa garota dessas e sabe que ela passou a vida pensando em fazer algo radical consigo mesma. Cortar o cabelo bem curto, usar uma calça de couro. Você olha e detecta de cara uma família certinha e pais divorciados, amigos, uns irmãos mais novos ilegítimos, todos meninos. Ela pousa uma palma da mão sobre a outra como se batesse uma palma muito leve. Eu puxo a manga e mostro pra ela a tatuagem.

— Ousado, hein?

É impressão minha ou isso é uma garota constrangida?

— Bem, a sala ainda está aberta — eu digo. Me pergunto todos os benefícios que uma boa sessão de tatuagem não fariam a ela. Não falo de uma sessão pra fazer coraçõzinho de linha, mas de uma coisa ampla, sabe? Com muito sombreado e talvez cores. *Ok, garota, adeus e até semana que vem*

—Mas não era ao neurologista que você ia? — ela fala. *Ok, garota, adeus e...*

— Hum?

Ela continua:

— Pra ver as dores de cabeça, quero dizer, deu certo, a sua consulta?

As dores.

Volto ao birô. Deixo a garota largada no meio do corredor sem uma resposta. Ela reaparece depois, na porta do dedoc enquanto fuço minha própria gaveta.

— Odeio quando isso acontece comigo — ela diz, aponta, rindo para o birô de maneira vaga para mim— pelo menos você não tinha batido ainda o cartão. Nem tinha saído para a rua.

As caixas de antiinflamatórios que costumavam chegar vazias ao fim da semana estavam cheias, ainda, e eu as seguro na mão.

— Está tudo bem? — ela pergunta.

Guardo de volta as caixas na gaveta.

— Sim— respondo — muito bem, na verdade. Deu tudo certo.

É por causa da alimentação, Marcelo sentencia:

— Você mudou seu estilo de vida nesta semana e isso certamente influencia.

Ele descreve de forma detalhada a minha dieta cheia de frutas, vegetais cozidos, carne grelhada, iogurtes. Não foi exatamente intencional, e para ser franca, eu não imaginava que ele prestasse tanta atenção em minha comida.

— Claro que noto. Parece que está o tempo inteiro me fazendo sentir culpado pelas porcarias que eu como.

Porco, ovos, condimentos... O panfleto de cuidados pós-tatuagem recomendava evitar todas essas coisas. Você passa a ler o verso das embalagens. Tudo contém Glutamato monossódico. E se há algum ingrediente misterioso, que poderia facilmente aparecer como componente de tintura para cabelo, você acha por bem evitar.

— Sem falar no patê que estragou na geladeira. Você sabe como odeio jogar comida no lixo.

Você passou toda a semana se sentindo o centro do universo. Escolheu as roupas pelo critério “fibras naturais”. Você bebeu dois litros de água diariamente. Trocou os lençóis da cama, usou filtro solar, passeou um pouco, logo cedo da manhã, pois achava

que a cicatrização requeria um pouco de ar livre. E de noite, quando não dorme hipnotizada, olhando o próprio braço (ficava torcendo o pulso pra lá e pra cá, vendo as micropartículas de casquinha) ficava navegando por sites de imagens: *Follow the collors*, *Pinterest*. Você descobriu um mundo novo das pessoas interessadas em design e baixou um livro chamado *Sintaxe da linguagem visual*.

— É assim mesmo — Diz Marcelo —, depois passa. Você vai perceber que não é nada.

Eu toco a camada de bepantol bem devagarzinho com o dedo médio, ela está macia e lustrosa, o que é um ótimo sinal segundo tudo o que li na internet. Faço um registro mental da cicatriz como está agora. Ficaria bonito desse jeito. Com esse traço em alto relevo para sempre.

— Depois tu vai até esquecer que tem tatuagem— ele ri. Está de bermuda sobre a cama lendo a nova edição de Logicomix. Eu escuto atrás de mim as pernas dele balançarem, relaxadas.

— Eu marquei outra para amanhã.

A cama para de balançar e as molas rangem, rolo a barra da página de navegação até embaixo e clico na notícia sobre os X-games. Décima edição das olimpíadas do esporte radical.

— Como é o negócio? — Marcelo pergunta.

Eu confiro na tela as imagens da nova rampa no Novo México ela parece bem maior enquadrada pela olho-de-peixe.

—Samara?

—Oi.

Ele sorri. É um riso tenso.

—Como assim fazer uma nova tatuagem? De uma hora pra outra você vai virar a louca tatuadona ou o quê?

—É.

Não há fotos da Fabíola na galeria de fotos. No lugar deles uma porção de rostos jovens demais, loiros e despenteados em contra-plongé.

— É o quê?

Eu mesma costumava parecer enorme nessas fotos. Uma das imagens mostra um piloto de motocross no ar, e o faz parecer um avião.

— Samara?

—Será que eu não posso ficar quieta um pouco?

Ele está sentado à borda da cama e me encara com a hq fechada na mão esquerda. Não está mais sorrindo. Tinha parado de achar graça em algum ponto entre um giro duplo completo que um skatista fez na rampa e a desclassificação, que lhe tirou da competição por falta de pontos.

Marcelo coloca a hq sobre o criado mudo e eu digo que vou tatuar o corpo inteiro. Estou feliz.

Marcelo coloca a hq sobre o criado e eu acabei de tomar a grande decisão da minha vida.

11.

Cada pessoa tem um objetivo na vida. Uns querem tornar-se doutores, outros querem um casamento com filhos e a felicidade em doses homeopáticas. Outros querem uma casa de praia, ser famoso e dar autógrafos. Todo mundo tem um objetivo. O meu era tatuar o corpo inteiro.

— Isso não é objetivo de vida — ele diz.

Eu devia saber que ia dar nisso.

São sete da manhã de um sábado, viemos tomar café da manhã juntos, Marcelo e eu, na padaria, e isso deveria ser a reconciliação pela noite de ontem.

— Acho que vou pedir pão na chapa — digo sem tirar os olhos do menu de plástico, como se não tivesse ouvido sua colocação.

Estava disposta a deixar o assunto no esquecimento. A lhe abraçar e beijar antes de sair. Mas ele, apesar de saber que levanto da mesa dentro de vinte e cinco minutos e vou, (sim, a sessão já está paga) sozinha e de moto para o Design Ink, não sossega. Não aborta ou adia os planos de iniciar outra discussão, pelo contrário.

— Não é nem sequer um hobby, quanto mais um objetivo de vida.

Fixo os meus olhos nos dele, séria, quero fazer notar minha contrariedade. Meu olho direito incomoda como um músculo fadigado ao encará-lo. É isso, então, afinal: acabar com tudo, o plano dele. Primeiro me impondo uma noite francamente ruim, na qual dormir foi uma sucessão de pequenos cochilos confusos. (Ah, eu estava indo tão bem). Minha dor de cabeça também estava de volta quando o despertador tocou, e agora toda a minha empolgação, o paladar, o olfato da narina direita tinham sumido. Como ele conseguia?

E eu acabo pedindo um sanduíche. Misto quente com suco de melão. A senhora ao meu lado faz que sim com a cabeça e depois desaparece para a cozinha.

— Você não vai dizer nada? — insiste.

Passamos a noite toda discutindo. Ou, sendo mais justa: ele discutindo comigo enquanto eu tentava dormir. Os homens tendem a seguir lógicas estranhas. Falávamos nisso antes, meses atrás. Porque comprei uma moto ou era porque esqueci o refrigerante dele quando pedi a pizza, não lembro ao certo. Mas era isso: ele faz um escândalo similar ao das crianças em supermercados, esperneia, grita, esmurra paredes. Acha razões escabrosas para coisas que são, ao fim, simples demais. E, no caso de ontem, a discussão confusa tendia ao mesmo absurdo. Minha ideia, tatuar o corpo, tinha, de algum modo a ver com não me importar mais com ele. Foi nisso que ficamos.

- 1) Ele dizendo: não estou a vontade com isso.
- 2) Eu ouvindo, não dizendo nada.
- 3) Eu cochilando.
- 4) Então eu era acordada pela frase: 1) Não estou *nada* a vontade com isso.

Em ciclos que começavam e voltavam em variações da mesma frase: 1, 2, 3, 4... 1234... Com ele dizendo: “Eu estou ficando inseguro com isso”, “Veja que você nem está se importando com o que eu penso”, “Isso está tão desconfortável”. E comigo, às vezes, interferindo, em algum ponto, no meio do ciclo, com um ou outro gesto carinhoso, ou um “Está tudo bem” ou “Não tem nada a ver com a gente” ou “Vamos tentar dormir, certo?” 123, 321, 312...

— Por quê? — pergunto, finalmente — Por que não é um objetivo de vida?.

— Porque é... Ora. É como se o objetivo de vida fosse "ver neve".

Foi uma resposta mais surpreendente do que eu havia imaginado, a dele. Qual o problema de querer ver neve? Eu penso nos esquimós lidando com isso dia a dia. Penso em Nanook, o filme que vi no minicurso de edição jornalística. E se Nanook sonhasse em ver uma pororoca? Tomar um banho de cachoeira?

— A questão não é essa — ele diz — Não é uma questão de ser fácil ou difícil.

Marcelo nunca viu neve.

— Qual o seu objetivo de vida? — eu lhe interrogo, seriamente.

Ele faz um breve silêncio, solene. Olha para as próprias mãos, depois diz:

— Eu quero ser escritor.

— Ah. Isso. Grandes coisas.

A garçonete traz meu suco e o sanduíche, cada um em uma mão. Coloca na mesa. Agradeço. Continuo:

— Ser escritor, casar e ter filhos, tatuar o corpo inteiro, ver neve. Não vejo diferença. Eu fiz uma... marco outra sessão, faço outra...

Ele parece contrariado

— A questão é o que vai fazer depois. — agita as mãos. Este é o principal indicativo de que está perdendo a calma — Entende? E quando acabar? E quando você tiver chegado lá e tatuado o corpo inteiro?

Mas eu não me exalto.

— Não sei —dou de ombros —o que vai fazer depois de ser escritor?

—Vou continuar sendo, ora merda. Vou fazer mais livros. Vou fazer livros até morrer.

—Pronto. Aí está sua resposta.

Ele ri. Mas não é um riso contente.

— Impressionante. Você não entendeu, ainda? Seu corpo é limitado.

Limitado. A palavra me belisca por dentro da barriga. Eu não estava esperando por isso, num centésimo de segundo a expressão de riso e deboche que eu ainda mantinha vai derretendo, desmanchando.

—Como é a história?

E é algo no jeito como eu digo isso. Como quem se defende num reflexo. Como se estivesse respondendo a outra coisa. *Que diabos ele pensa que sabe sobre os limites ou possibilidades do meu corpo?* E talvez eu tenha falado mais alto do que devia. Ele retesa na cadeira.

— Ei, não— é o que ele diz com as palmas das mãos voltadas para mim — Você está distorcendo as coisas. Não foi isso o que quis dizer. Absolutamente.

Permaneço quieta.

— Não estava falando do SEU corpo específico. Dos limites sobre SEU corpo. Falo do limite humano mesmo. De qualquer um. De qualquer homem sobre a terra. Quero dizer: Existe um 100%. Que é o limite. Não se pode ir além do 100%. Será que você entende? Não é o conjunto dos números reais, é o dos números naturais.

Mas eu continuo não dizendo nada. Pra falar a verdade, eu nem estava mais ouvindo nada.

—Desculpa— ele diz. Repete.

— Você quer ser escritor...

Eu digo, como se tentasse convencer a mim mesma. Não é uma pergunta. Digo: Você quer ser escritor. E saboreio por algum tempo essa constatação enquanto ele me olha, desconfiado.

— Eu nunca vejo você escrevendo.

— Mas ainda vou;

— Eu só vejo você lendo...

— Bem, é preciso ler muito.

—E você já tem algo? — minha voz sai mais aguda do que eu consigo controlar — Quero dizer? Já testou fazer pelo menos? — e meus movimentos mais bruscos como se eu fosse alguma máquina mal calibrada. — Nunca me mostrou nada que não fossem posts daquele seu blog.

— Ah — ele desconversa, joga as costas no encosto da cadeira — tem uns contos... — esfarelou ainda mais os restos de empada em seu prato — Mas não é mais do tipo que eu quero escrever futuramente.

— E vai ser o quê?— pergunto — Que tipo de coisa você vai escrever quando for escrever?

Ele não responde mais. Já percebeu se tratar de uma pergunta maldosa.

— Pelo menos um de nós está se esforçando. Zero por cento também é uma parte do limite, não?

Eu faço uma longa pausa dramática de silêncio, termino de tomar um suco. Ele cruza os braços e franze os lábios de raiva. Olho pra ele. Ele se rende.

—Tá, vai. Eu ainda acho uma palhaçada, mas, vá lá. Seu corpo, né? Pra ser honesto, acho bonito mulher tatuada. Dá um charme. Meu único ponto era: isso não é objetivo de vida.

Eu solto o ar aos poucos. Percebo o coração acelerado da raiva e talvez tenha sido a tatuagem, a dor... há uma ligeira vertigem. Aquela vertigem. Ele mastiga e engole o resto da empada e eu vou respirando. Um, dois, três. São quatro segundos. Sempre.

—Não vai comer o resto do sanduíche?

—Não, não posso ficar. Melhor ir andando. Tenho que passar na farmácia, comprar um filtro solar novo, depois vou ver meu pai...

—E sempre tem o seu pai.

Eu olhei bem pra cara dele. Nem valia a pena comentar.

—Quer saber de uma coisa que acabo de me lembrar?— eu digo, e isso me dá uma vontade enorme de abrir um sorriso. Há uma gota de suor escorrendo da testa dele. — Neve é realmente uma coisa espetacular— eu digo.

Sim, digo, achando graça: Neve. Eu gostava muito da neve lá nos Estados Unidos.

E levanto, me despedindo.

—Neve é fantástico.

12.

— A maior parte das tatuagens que você encontra na internet são cópia, da cópia, da cópia. — Jack me diz — Na internet, nas atrizes da tv... É difícil encontrar, sem esforço, algo realmente original.

Ele vai até o armário, pega de lá alguns transfers, indica que tem algo que preciso ver. Mas não para, enquanto mexe em materiais que só ele mesmo conhece, de dissertar sobre as maravilhas das tatuagens originais.

— E é preciso cavoucar um bocado, mesmo procurando em sites bem específicos... — conversa. Eu ponho a bolsa no cabide, ainda, em minha cabeça, está a cara contorcida de Marcelo. Por que ele ficou tão indignado? Era a voz dele dizendo: ‘um limite’, e dizendo ‘100%’, quero dizer, eu podia esperar uma reprovação, uma discordância, mas não imaginava que ele pudesse se ofender. Jack continua:

— Para certas pessoas custa tanto descobrir qual o estilo mais adequado que quando encontram, quando pegam o jeito, já se está com o corpo ocupado de coisas erradas, sabe?

Suponho que isso seja alguma espécie de advertência. Uma crítica velada, talvez, à minha pressa.

— O que não é o seu caso — eu reparo — visto daqui, você ainda parece ter bastante pele em branco. Eu observo as partes descobertas do corpo de Jack.

“Visto daqui”: Na verdade, se você olha pra Jack em mangas de camisa, pensa de imediato: “esse cara é todo tatuado”. Mas é claro que esse “todo” muda muito quando você decide, como eu decidi, que vai tatuar tudo, cada centímetro de pele com tinta. De repente, olho pra Jack e já não vejo uma máscara chinesa em seu pescoço e sim um grande vazio, um pescoço, envolvendo o desenho com possibilidades inexploradas.

— Não devia me contar hoje qual o significado disso? — ele diz. Diz e aponta para o desenho no transfer. — Não era esse o nosso acordo?

Faço que sim.

— Claro.

E continuo não dizendo nada. Em vez disso, continuo reparando nas tatuagens de Jack. Eu conto para ele sobre as tatuagens que já vi na vida, as que eu gosto.

— Gostaria de poder fazer algo assim — explico para ele, aponto um retrato que está sobre a mesa: uma fotografia em tamanho sulfite, preto e branco: Há uma mulher. Ela está nua de costas, e um dos seus braços totalmente tatuado tem um padrão de desenhos que, a medida que ficam maiores, ou menores, geram a ilusão de ótica —

Foi você quem fez isso? — pergunto — O que gosto aqui é que parece que não está tudo tatuado, quero dizer, embora esteja. Entende?

Estar dentro do estúdio de tatuagem não é o mesmo que estar na vida real. A pessoa que sou aqui dentro não é a mesma que meu chefe conhece, que Marcelo conhece. Jack afirma com a cabeça.

— Já viu aquele artista que faz esculturas perfeitas hiper-realistas de pessoas texturizadas?

Ali dentro minhas necessidades são outras. Por exemplo: eu preciso conhecer coisas como esta, um artista que faz esculturas, para poder expressar corretamente o que quero fazer com a minha pele.

— Não. Não conheço — respondo — É um artista famoso?

Ele dá de ombros.

— Bem, você sabe como é. O que é um artista famoso hoje em dia?

Eu sei como é? Uma segunda tatuagem é ainda um grande passo. Mas você percebe o quão curtos podem ser esses passos se não tiver muita noção de para que se está indo.

— Você me lembra um garoto... — Jack diz — Ele era bem novo. Ficava voltando aqui como um viciado em crack volta a subir o morro. Todo dinheiro que ele pegava, usava em tatuagem. Dava pena.

— Tem pena de mim?

Ele faz que não com a cabeça. Diz que não e diz que pra mim, que para o meu caso, ele só deseja sorte.

— Ele tatuava algo específico?

— Você viu as pastas de desenho ali fora?

— O mostruário?

— Antes havia preços. Preços abaixo de cada desenho. Ele juntava, não sei, uns cem reais, corria pra cá e procurava o que tivesse esse preço. Fazia. Não importava. Então, claro, com vinte anos ele tinha o corpo cheio — E suspirou — mas tinha mesmo muita porcaria.

— Que houve com ele?

— Eu não sei. Não lembro. Talvez tenha passado metade da vida dando dor de cabeça pra outro tatuador, tentando cobrir as besteiras que tinha feito.

Ele olha para o desenho que está nas suas mãos, desenhado, rabiscado no papel. Sugere:

— Vai marcar a próxima, então, suponho.

Faço que sim, com a cabeça.

— Por que achou que fosse sem esforço?

— Ahn?

— Eu estou pensando no que disse ainda agora, disse que custava muito para achar, *sem esforço*, tatuagens boas, originais.

— Ora, bem... — ergue os ombros. Seu olhos vão para o lado esquerdo. Sinto que o flagrei numa espécie de desdém não muito educado para com uma cliente, eu. Mas ele não está abalado, não está constrangido, não me pediria desculpas nem inventaria mentiras.

—É só marcar no balcão, se quiser.

Eu saio dali um pouco atônita, o meu rosto está queimando, meu coração está acelerado. De algum modo quem acabou se sentindo desconfortavelmente envergonhada fui eu. E aquilo, definitivamente, era algo com que eu não estava acostumada.

13.

Não bastasse o peso da mochila e o braço sangrando, o porteiro do prédio do meu pai é novo e não entende meu nome.

— Tamara?

— Samara.

— Lamara?

E deve ser novo na função de porteiro, eu escuto ele interfonando lá pra cima. É, seu Airton, ele diz: Naiara, Maiara... sei lá, uma peituda. Depois volta à janela:

— O seu Airton disse que não conhecia nenhuma Naiara. Ele tá descendo, aí.

Eu suspiro com cansaço. O sol está a pino e acelera ainda mais a corrida do sangue para fora do meu braço. Eu escuto os passos arrastados do meu pai se aproximando da guarita. A dor de cabeça irradia por todo o lado direito do corpo.

— É minha filha, Bruno — ele diz em seu desânimo típico.

Não digo nada. A mochila pesa por causa das compras.

— Porra — e ele abre o portão, apressado, desconcertado — Mas foi o senhor foi quem disse que não conhecia ela. — justifica, abrindo o portão. Bruno dá ainda uma boa conferida em minha bunda depois que passo. E meu pai me abraça protocolarmente quando eu digo que passei no supermercado. Não parece incomodado com meu estado, ou o braço sangrando. Diz: está tudo bem. E não é uma pergunta e daí acompanha sua filha única, eu, até o elevador, até o quinto andar. Uma boa hora pra chegar, segundo ele, há um filme bom passando na TV.

— Além disso sua tia ligou, ele disse. — Eu reparo que ele está bem barbeado, que usa uma boa roupa, bermuda de brim, camisa bem passada — ela perguntou por você. Sobre como vai o processo de venda da casa... — De outro modo não daria pra saber sobre o andamento das coisas, mas se passa as camisas, eu entendo: continua não querendo parecer um doente. Tudo na vida dele sempre se resumiu a isso: não parecer um aposentado doente. Meu braço ainda sangra.

— Me ligaram do laboratório — eu digo a ele — Disseram que o exame vai ter que ser refeito. Que o senhor não fez o jejum direito.

— Mas claro que eu fiz o jejum.

É melhor nem discutir.

— O senhor tem filme plástico? — eu lhe pergunto. — Preciso refazer este curativo.

Ele aponta para uma das gavetas da cozinha. Eu pego o rolo e desapareço entrando no banheiro.

Quando saio dali encontro o meu pai tentando fazer uma porção descomunal de claras virar neve no prato. A tv está ligada sem que ninguém preste atenção nela. Sua mãe fazia isso, ele diz. Enquanto trabalha, tem, a seu favor uma enorme mola, montes de vegetais picados, carne moída pronta.

— Omeletes soufflé — ele diz.

E contra ele há o fato de ele mexe aquilo com mais força do que jeito.

Eu sento. Minha teoria sobre as camisas passadas (está tudo bem), vai por água abaixo diante do espetáculo. Quanto mais meu pai insiste naquilo, em surrar as claras de ovo com a mola gigante, mais me parece absurda a ideia de tê-lo trazido até ali. Quero dizer: lá onde ele estava, em sua própria casa no interior sempre havia alguém, uma senhorinha, vizinhas que lhe batiam a porta com porções generosas de comida. Algumas até faziam doces diet como se alimentassem a crença de que o aspartame e a sacarina eram entidades sagradas, deuses dos diabéticos como Jesus e Maria funcionam para os católicos. Eu não entendo. Nunca vou entender o que há em certas mulheres que não podem ver um homem tentando se virar sozinho sem entrarem em pânico como quem precisasse, por favor, preciso urgentemente, cobrir esse homem de cuidados.

Ele massacra as claras, que desdenham do seu esforço.

E por mais aborrecido que ele se mostrasse com toda essa atenção que recebia (O que elas pensam? Que sou retardado?) é claro, que se beneficiava.

— Não entendo porque isso nunca fica do jeito certo — ele para de mexer e encara a leve espuma balançar no refratário. Arfa, cansado, mistura as gemas, de qualquer jeito, bate mais um pouco, põe farinha. — ficaria melhor, eu acho, se a clara ficasse branca.

Eu não quero ser chata. Mas aposto que eu, quando estiver velha, ninguém vai me bater a porta com compotas de geleia diet, ou com pães de milho frescos, ninguém vai insistir para lavar meus pratos, nem se apossar da minha pia pra fazer café.

— Eu nem estou com fome, pai.

Abro a geladeira. Começo a abastecê-la com vegetais, ovos, legumes, sucos diet, tem coisa ali pra alimentar um batalhão inteiro. Ponho a mesa. Ele entorna o conteúdo numa frigideira. Empenha-se em fritar as omeletes, concentrado.

Acontece que eu tinha que trazê-lo pra cá porque é aqui que moro e ele está ficando velho. Uma capital não deveria oferecer muito mais opções para a terceira idade não se deprimir? E não dá certo: os ovos grudam no fundo, ele se vê desastrado, tentando salvar aquilo, desgrudando crostas do fundo da frigideira. E sinto raiva. Que merda ele quer, afinal, encenando o teatrinho do pobre viúvo doente que não sabe se virar sozinho? Será possível que acha que eu vou sair daqui de onde estou, como minha mãe costumava fazer, e salvá-lo: deixe isso aqui comigo. Foi pra isso que ele me pagou escola a vida inteira?

Então ponho-me ainda mais confortável à mesa. Cruzo as pernas, satisfeita de repente, com minha decisão de trazê-lo. Sim, pois é claro que é isso, ele encena o próprio fracasso para me deixar com pena. E eu me convenço que se tivesse permanecido em sua casa, onde estava, sufocado pelos cuidados femininos, nunca ia aprender a se virar direito.

Ele tenta transportar a comida no prato.

Como os pais que jogam os filhos direto na piscina funda convencidos de que encontraram o melhor método para fazer as criança nadar, eu estou segura que quando ele traz, constrangido um prato de ovos mexidos para o centro da mesa, quando mergulha no próprio fracasso e me diz: Ainda estou aprendendo. Quando me sirvo daquela coisa repugnante feita de ovos e carne moída, eu sei: agora ele vai aprender.

— Ah, Você não sabe o que me aconteceu — ele diz.

— Hum.

— Encontrei a irmã do Marcão. Ela me parou no mercado aqui perto dia desses e me disse: Você não é o José Airton? Eu fiquei meio desconfiado, claro, mas disse: sim, sou eu mesmo... Pois acredita que ele também está morando aqui, o Marcão?

Marcão era o amigo-antípoda do meu pai, na banda. O baixista obsessivo, esquentado. Lembro dele mais nitidamente que de qualquer outro dos amigos que frequentavam nossa casa pois era dele que eu tinha mais medo. Ele tinha cabelos grandes, oleosos que pareciam sempre suados... “Teu pai?” — esta era a única frase que ele dizia pra mim quando era eu que abria a porta. Estava sempre a uns dois passos de distância da própria mulher e da filha.

— Eu nem sabia que ele tinha irmã — comento. — Ele está morando com essa irmã?

No meio da alegria confraternizativa, colorida, de quatro famílias num pátio, ao som de Twist and Shout, Marcão parecia mais com uma figura preto-e-branco, cheia de trevas, recortada de algum outro contexto: de uma página policial. De um protesto violento. Parecia óbvio que, por exemplo, ele se separaria uma hora ou outra. Era ele quem acabava sempre bebendo demais, brigando com alguém: com a mulher, com a filha, com o vocalista, com meu pai. Depois saía quebrando cadeiras e indo embora, puto e sozinho...

— Não é estranho? Ela disse que, na verdade, eu e ela estudamos juntos na segunda série. Que tinha me reconhecido pelos olhos. Que tinha reconhecido de longe.

— Olha só!

— E disse que eu ainda tinha os pés do mesmo jeito.

Eu ri.

— O senhor estava descalço no mercado, pai?

— Ora, não – ele fala desconcertado, sem jeito – claro que não. — parece até ofendido. Se endireita na cadeira, insiste em explicar — O *jeito* dos pés, seja lá o que isso signifique.

— Que curioso...

— Quero dizer: eu também não ia para o colégio descalço, o que você está pensando?

Eu rio.

— Sei, pai. Ela devia estar se referindo ao jeito como o senhor anda. E como para. A posição em que deixa os pés quando pára. Assim, como uma bailarina em primeira posição.

— Primeira o quê?

Ele dá de ombros, injuriado.

— Bem, eu tenho o direito de ficar confortável ainda em alguma posição, não é? E algo tem que permanecer afinal, depois desses anos todos. Algo tem que sobrar mesmo depois de velho.

Eu desconverso.

— E vocês não se viam desde então? Você e o Marcão tocaram juntos tanto tempo...

— Nunca. Eu nem lembrei ainda quem ela era. Disse que se chamava Virtuosa. O filho dela mora a umas quadras daqui e parece que eles todos vieram embora, também, pra cá, pra cumprir as funções de avó. Imagine...

— É. É incrível isso.

— Você achou?

— Sim, ela lembrar de você, depois de tanto tempo.

— Pois eu fiquei ressabiado.

— Por quê, pai?

— Ah, sei lá, lembrar de um menino sessenta anos depois. Isso é coisa de gente louca, não? Obsessiva. Perigosa. Eu não disse a ela onde eu morava.

— Pai, deixa de ser bobo. Uma senhorinha... Talvez ela gostasse do senhor. Uma paixãozinha, sei lá. O senhor pode ter sido importante na vida dela.

— Ah, não. Por favor. Na certa era uma daquelas meninas muito feias senão eu me lembraria. Sei lá o que pensava de mim. Imagina alguém que você nem sabe que existe pensando em você por sessenta anos.

— Pode ser bom. Ela deve ter guardado uma versão fantástica de você.

Mas ele não sabe, claro que não. A vida do meu pai. Ou a versão que ele contou pra si mesmo precisa envolver a doença. Nós comemos. Ele decepcionado com a própria comida. Eu firme em minha decisão de não ter pena dele. Quero dizer que não vai adiantar comigo. Não. Eu não vou sair de onde estou e lhe mostrar o óbvio: tem que deixar o óleo esquentar, tem que deixar a massa formar uma crosta... Se eu fizer isso: se começar a bancar a mulher que vem ao socorro da inaptidão masculina, mesmo que seja o meu pai, será como se eu estivesse traindo tudo o que ele mesmo em algum momento desejou pra mim.

Ele e minha mãe: sim seria como traí-la. Ela que me deixou toda vida, que fez questão toda vida, para que eu nunca, nunca mesmo, aprendesse a cozinhar, a lavar roupas à mão, a costurar, a limpar. Nunca. E quando eu me metia curiosa, na cozinha, querendo aprender um bolo, ela me expulsava dali aos gritos: Não, ela dizia, vá estudar, vá aprender algo de útil. Tinha que dar errado. E hoje penso se não há nisso alguma indireta. Será que ela se achava inútil? E ao mesmo tempo penso nele, no meu pai, falando na tal Adelaide, com sua função de avó, será que ele tem alguma ilusão sobre ser avô? Todos os seus irmãos já são, não seria tão estranho. Ele levanta, logo depois, de terminar, passa um café para a digestão.

— Esse pó é muito bom — me diz.

— Sim, que cheiro...

— Nozes. — ele esclarece — Cheira a nozes.

Faço que sim. Deixo que ele me sirva.

— Você sabia que o Marcão está com câncer?

Não sabia e não respondo.

— Está aqui fazendo quimio, num hospital aqui perto — ele faz um gesto vago com as mãos, como se fosse indicar a direção da rua — Ela disse que era... — e então se cala. Olha de lado.

— Que foi, pai?

Então volta-se pra mim.

— Quase todos os hospitais são aqui perto, não é?

Na frase, na pergunta dele, há uma espécie de epifania seguida de resignação. Como se entendesse, de repente, o motivo de ele estar alocado justo ali.

Ou talvez não: u deixo que ele continue falando sobre as coisas que tem feito e como tudo tem dado errado desde que chegou. Pergunto se posso ir fumar na varanda. Ele me olha estranho, como se fosse falta de respeito. Ao fim, consente, olha para o cigarro como se fosse me pedir um. Claro, ele diz. Claro. E volta a concentrar-se na televisão, o filme já está perto do fim. Minha mãe nunca fumou dentro de casa.

14.

Em certo ponto da sua carreira, você descobre que as primeiras gavetas de cada funcionário aqui têm um pacote de biscoito aberto. Âncoras, repórteres, produtores, editores, as moças da recepção e você sabe o que isso significa. Estatisticamente, pelo menos duas pessoas estão nesse exato momento, comendo, estuprando a mais bem-cuidada regra do Sr. Almeida Campos, ‘Por favor, não comam fora da copa’.

Parece que não dá problema. A câmera não registra a imagem da comida, enquanto ela está lá, camuflada e eu tenho usado o mesmo truque. Aqui está a minha gaveta aberta. A única diferença, sim, você já percebeu, é que em vez de guloseimas clandestinas, eu tenho aqui dentro um livro aberto.

— Ei, Samara, escute aqui — diz Sérgio, entrando na geladeira — temos um problema pra resolver.

Fecho a gaveta calmamente. Pego o bloco ao meu lado.

— Pois não?

A caneta que uso está, na verdade, falhando há mais de um mês, eu apenas emulo, finjo que anoto e que presto atenção enquanto ele diz: Apresentação em power point Diz: cinquenta minutos. Enumera casos famosos: Andrades, Arianne, Moura e Silva; faz gestos amplos com os braços e uma cara de quem se acha importante.

— Está me entendendo bem? Vamos fazer direito dessa vez. Sem amadorismos.

— Claro — respondo — fazer direito. Entendi sim.

Mas acontece que se você está com metade da cabeça dormente, e com uma pressão absurda embalando a vácuo o seu cérebro, sua audição vai ficar muito limitada. Seu olho enxergará embaçado. Tudo o que acontecerá com você, na sua frente, estará recoberto por uma película plástica, bem parecido com um sonho, e nessas horas tudo o que você poderá fazer é apertar os dentes. Pressione uma arcada contra a outra e comece a ranger.

— O que é isso? — ele pergunta.

— O quê?

— Isso que você acaba de fazer... — ele aponta para o meu rosto, pra a minha boca. Finjo não saber do que ele fala e passo a mandíbula para esquerda, para a direita, ele corre o olho pelo meu rosto até chegar ao meu braço.

— Ah — e parece que encontra ali alguma resposta. No filme plástico que escapa pela manga da minha camisa — Quer dizer que já fez outra? — esforça-se para deixar clara sua reprovação.

Eu apenas suspiro.

—Sabe, em muitas culturas —digo — fazer tatuagens representa amadurecimento espiritual.

E me seguro para não rir. Esses idiotas são engraçados.

— Bem, esqueça. Prepare essa apresentação aqui. Vamos ter que resolver isso antes do mês terminar. Leve para casa se precisar do google.

Joga na minha mesa um encadernado antes de sair e bater a porta. *Departamento de Documentação TV Pontal. Programa de Treinamento.* Então é isso?, me pergunto, esse é o futuro no qual nos comunicaríamos por imagem mais que por texto. Se eu fosse uma pessoa esperançosa, veria no uso indiscriminado da fonte Comic Sans MS, alguma ironia, mas essa ilustração abaixo do título, tirado de um Clipart do office, a forma retangular de um homem, retíssimo, olhando dentro de uma gaveta, isso apenas me deprime. Que horror. Quero dizer: o que diabos ele está fazendo?

Desenvolvi o que chamei de “método de aprendizado” justamente porque a empresa tem essa severa política com relação ao uso das ferramentas de trabalho. Os cinegrafistas aqui não podem pegar caneta no almoxarifado, os motoristas não têm acesso a bloco de notas, e nós, aqui do Dedoc, nós não temos acesso à internet. Como eu vou procurar informações para elaborar um novo material didático eu não sei, isso não parece uma questão válida, *Faça essa parte em casa*, era o que Sérgio recomendava. Filho da puta. Volto às páginas do livro. Porque, claro, se eles estão suficientemente à vontade para roubar meu tempo livre, meu tempo não-pago, em casa, então por que eu não deveria usar o tempo que vendo a eles para, entre outras coisas, ler um livro? Viro a página. Descubro: o que me incomoda nas gravuras onde predomina a forma do quadrado é a sugestão de imobilidade. Mas talvez o fato de me identificar demais com o desenho possa significar algo mais, ainda.

Hoje é quarta-feira. Sérgio usa gravatas nas quartas-feiras.

— Samara? — ele volta a abrir a porta — Só mais uma coisa: não comenta com a Telma não, tá? Senão começa o corpo mole.

Pois claro. O encadernado jogado sobre a minha mesa, isso é mais simples e direto de compreender do que a imobilidade sugerida na figura do quadrado: significa que não vão contratar a idiota da Telma e sim algum dos estudantes que estiveram aqui na semana passada. Por mais que ela tenha se empenhado feito uma filha da puta para que nada, nada mesmo, desse errado durante seus dois anos, a empresa só tem vaga para dois contratados. O outro é mão-de-obra barata. Estagiários. Ela adiou a formatura em seis meses pra ver se eu era chutada daqui até lá, mas agora não tem mais jeito: ela vai

ter que se formar. Vai endossar as estatísticas de desemprego enquanto eu continuo trazendo livros impressos em casa, para ler na surdina, enquanto bato: 1) os dentes de frio. 2) o ponto da entrada e de saída. Fecho o livro. Marco a página com uma caixinha amassada de bepantol baby. Vou na direção das estantes: Caso Andrades, Moura e Silva, Arianne. Muito bem.

Foi depois de Jack ter dito “humanos esculpidos em madeira” e aquele “sem esforço” que eu comecei a me interessar de verdade pela leitura de imagens. Eu pesquisei coisas. Coloquei as palavras exatas dele no google assim que cheguei em casa. Usei aspas. Taggeei tudo o que pude. Eu já vinha me tornando uma assídua frequentadora de sites sobre tatuagem, tinha comprado revistas especializadas e lido matérias sobre ‘como descobrir seu estilo estético’. Passava as noites vendo essas porcarias de reality shows do tipo Miami Ink, Los Angeles Ink... Eu já estava reduzindo a quantidade de refeições feitas fora de casa para economizar dinheiro e evitar perder a forma. A forma: eu me olhava no espelho do banheiro ao chegar em casa depois da segunda tatuagem, é algo que você precisa levar em conta se quer fazer do seu corpo uma tela, se quer evitar que a pele estrague no engorda-emagrece. Eu ficava avaliando tudo isso e repetindo para mim mesma a equação: o que fazer com a forma? Enquanto Marcelo dizia: quer ir depressa com esse banho?

E resmungava:

— Claro que não! Sempre podemos chegar mais atrasados.

Se não fosse a discussão toda sobre objetivos de vida na manhã daquele dia, ele estaria tenso, mas não mal humorado. Eu sei disso. Na cabeça de Marcelo quase tudo o que eu faço, o que escolho, o que demoro no banho e os cuidados com a pele, são formas requintadas de provocá-lo, de aborrecê-lo. Eu deveria ter levado em conta, segundo ele: o momento era péssimo. De um lado, Heitor querendo mostrar em primeira mão seu novo livro e, como sabemos, a inveja é similar a uma propensão natural a pedras nos rins. Do outro, o jantar onde isso aconteceria: um Australiano cujo prato mais interessante era costelas de porco, bem servidas, mas que, não, infelizmente, eu não ia poder dividir com ele o prato.

— Porco não é bom para a cicatrização — eu tinha explicado.

Mas era como se o tivesse provocando. Essa história com carne suína era mito, ele explicou, qualquer idiota saberia disso, mas eu dei de ombros.

— Ainda que seja, — reafirmei — tem glutamato monossódico no molho deles.

E ele arfou de irritação. Eu estava ficando “fresca”, e se tem uma coisa irritante nas pessoas é... Resumindo: havia um papel para mim, que eu conhecia, Heitor contaria à nova namorada: “Esse foi o cara que me apresentou os Russos”, apontando para Marcelo, depois completaria para todos os presentes na mesa “Sem esse filho da puta aí, eu não seria escritor”. Então Marcelo riria dizendo: “Tinha dois amigos foda.

Sempre tive: você e o Gógol. Muito natural apresentar os dois”. E eu deveria, sei disso, nessa hora, ter inteirado a xaropada, dizer com um sorriso idiota o quanto Marcelo se orgulhava de Heitor, emular um ciúme da relação entre os dois. Em vez disso falei da capa do livro.

—O que é? — perguntei com o exemplar nas mãos — É um tronco, ou uma escultura de tronco? — Claro que Marcelo entendeu o que significava. Em questão de minutos lá estava eu falando sobre Bruno Walpoph, Anders Krisar. São referências interessantes no que concerne uma pessoa tatuada. E eu tinha pesquisado depois de voltar do estúdio.

Tive que aguentar o homem emburrado a noite toda. Mas pelo menos tive a oportunidade de conversar com a Laura, a namorada de Heitor, que trabalhava para o governo selecionando obras para expor em espaços públicos.

— Como é que eu faço — perguntei a ela — para entender essa coisa de arte? Para ter um olho bom?

É possível que ela tenha feito por maldade. Tenho consciência disso. Viu minha cara comum, e deve ter pensado: qual o livro mais difícil do meu primeiro ano de curso? Disse: Gombrich, disse Donis Dôndis. E eu aceitei, sim, a sugestão, anotei os nomes no celular, porque por mais que cada página me custe uma vida para ser lida — eu tenho que te dizer: essas pessoas escrevem de um jeito bem truncado — entre um e outro capítulo eu tinha tarefas práticas para realizar. Exercícios. Aceitei porque entre uma e outra catalogação, pesquisa pro jornal, eu teria condições de me instruir, e por mais que Marcelo se emburre (desde quando fazer tatuagens é algo importante?), Laura garantia: essas coisas te abrem os olhos. E, sabe como é isso? Sabe como é voltar para casa no banco do passageiro depois de um jantar animado para um apartamento minúsculo e sujo, cheio de mofo? Sabe como é olhar da janela as pessoas sorrindo, bêbadas, e ter a impressão de que elas veem um mundo diferente do que você está vendo? Que essa visão tem algo a ver com sua educação deficitária, com o fato de ter ido e voltado sozinha para cada um dos campeonatos que participou, porque seus pais ficaram com a louça suja do mundo e deixaram a porcaria da pia de herança, Então quando Marcelo deitou na cama, emburrado, e eu tive a impressão de ter visto a mim mesma, a adolescente que eu fui, aquela idiota chegar, entrar suada de tanto treino, tantas quedas, direto para o banheiro e fechar a porta. Tive vontade de ir atrás dela: Você pensou que ia ficar bem, eu disse a ela: Você disse que a gente ia pra Miami. Liguei o computador e a impressora, ele fez dois estalos para ligar, eu mostrei isso pra ela, mostrei a serragem, resultado dos cupins, falei dos ratos do tamanho de cachorros que passavam pela escada do prédio. Porra, eu ri dela, Olha onde a gente veio parar.

Baixei e imprimi o livro naquela mesma noite. E li enquanto ela chorava idiota encolhida debaixo da mesa.

Nas estantes, começo pegando o caso Andrades, depois o Moura e Silva. O meu método consiste em mais atos ilícitos, claro, não basta roubar no tempo. Caminho mais dois passos, paro quando vejo: na prateleira há um buraco. Tem a largura de três fitas onde deveria estar o caso Arianne. E é em detalhes como este que preciso prestar mais atenção ou vou acabar sendo flagrada. Caminho, disfarço para as câmeras, até a minha bolsa. Mas a questão é: se me pegassem, se descobrissem que uma funcionária tem levado para casa as fitas da empresa, devolvo Arianne aos arquivos como uma fita intocada, se soubessem que gravo para mim mesma algumas cenas que tiro daqui do acervo, junto o Moura e Silva e o Andrades e levo-os para a minha mesa, as imagens são públicas, já foram exibidas na tv, Sento. Regulo a imagem para o preto e branco. Do que exatamente poderiam me acusar? Coloco no videocassete, espero um pouco. O que tem aqui pra mim, hoje?

Se preparar para assistir uma fita dessas é como dar um salto para o desconhecido; o que foi, afinal, caso Moura e Silva? Foi das coisas que aprendi a temer e a gostar nesses últimos dias.

Tinha chegado à parte em que o livro falava sobre *o imaginário mundo da representação em preto e branco* bem no dia em que trocaram os adesivos entre as fitas de VAZAMENTO/ESGOTO com a de HOMICÍDIO/ESQUARTEJAMENTO. Claro que não é culpa do livro, as pessoas são desleixadas nesse trabalho, só isso. Mas o fato é que eu tirei as cores da pequena Tv do Dedoc, e apertei Pause. Fiquei olhando para o esgoto a céu aberto, primeiro com curiosidade, depois com o maravilhamento de quem entra pela primeira vez num museu e depara com uma pintura de um Van Gogh. Fiz o mesmo com o corpo esquartejado. Meu deus, que coisa incrível. E isso foi só o começo da questão.

As lições práticas coincidiram com o dia em que Marcelo começou a ler o livro do Heitor.

– Vida de merda – eu o escutei dizer como se explicasse algo a si mesmo ou anunciasse uma estação de trem.

Ele lia o romance na varanda enquanto eu, no quarto, escrevia num caderno o nome “diário de observação visual”. Minha primeira tarefa era muito simples *escolher entre os pertences ou entre as fotos de uma revista algo que tivesse valor tanto em termos de belas artes quanto em termos de artes aplicadas*.

– Vida de merda – ele repetiu. Eu imaginei sua boca movendo e pronunciando com a fumaça do cigarro, emulando uma névoa em torno de si, entre a varanda e as coisas restando. Escutava como se não ligasse, ou como se já soubesse, desde sempre, que estação era aquela. Mas enquanto passava os olhos por tudo o que possuía: embalagens de hidratante Nívea, frascos de remédio, ibuprofeno, dipirona, solução salina, minhas botas gastas no canto do chão, o cesto de roupas sujas, as cadeiras com a pintura descascada.

— O livro é excelente — e ele dizia aquilo voltando ao quarto, com um ar de tristeza.

—Não tenho nada — foi o que eu respondi. E dormimos deprimidos.

Se não fosse aquela tristeza, eu não teria reparado. Mas como nós deitamos na cama, quietos, abraçados naquela noite, eu fui trabalhar sensível demais no dia seguinte. Sensível o bastante para que no meio da catalogação, uma fita retrancada como SHOWROOM/MOVELARIA, me chamasse atenção e aí eu vi. Sim. Notei O vaso. A coisa mais bonita do mundo, um sério candidato a tatuagem mais bonita do mundo. E estava bem ali, no meio de um plano aberto, dividindo a tela com uma multidão desinteressante de pseudo-intelectuais.

Putá merda.

Então eu entendi o que era a beleza, a experiência da beleza é assim: conhece o prazer de esmurrar alguém que odeia? De ferir, de bater? De chutar até sentir alívio? Então... Olhar aquilo era ainda melhor.

E eu não resisti. Pausei a imagem, fotografei a tela com meu celular, recortei, editei. Depois, não satisfeita, roubei. Sim, enfiei a fita dentro da minha bolsa: *Valor em termos de belas artes*, eu anotei no caderno: *a surpresa das espirais que vão para todos os lados como se fosse um engano, ou acidente, um caos*. Valor prático: *colocar flores secas e perfumar o ambiente*. Então a Laura podia ter alguma razão. Essas coisas abrem os olhos da gente. E eu descobri que era excelente nisso de cometer pequenos furtos. Nunca é tarde para se descobrir um talento afinal.

Em três semanas lendo aquilo enquanto trabalhava, copiando material, eu aprendi muita coisa. A violência nas imagens de vazamentos de esgoto, a disritmia estanke dos corpos atropelados, a crueza fantástica de um cavalo cansado sendo açoitado no meio da rua atropalhando o trânsito e mesmo a raiva sufocada no rosto das pessoas que enfrentam uma fila para o caixa com ventiladores na mão. E eu consigo saber, sem precisar ouvir o som, qual a história que está sendo contada, a história real, não a que os jornalistas gravam em áudio, eu aproximo dos detalhes, distingo os atropelados acidentais, dos suicidas, sei se a culpa foi do motorista ou do motoqueiro. Eu simplesmente sei.

Sei porque acabei por me dar conta: está tudo aqui. Nesse dia, olhei comovida para as lombadas das fitas e cartuchos nas estantes. Tudo o que acontece nessa cidade e, de certa forma, no mundo, nas pessoas, no que realmente dói nelas, acaba por bem ou por mal, em alguma matéria, em alguma fita dessas: as crianças que soletram, as mulheres que aguentaram quietas, a solidão, os desejos... Podem cortar a internet, então.

Eu vi muita coisa. Uma garota de pijama no meio do dia arrastando um colchão para o quarto ao lado. Eles entram na casa das pessoas, os cinegrafistas daqui; filmam suas panelas, seus comprimidos, suas contas de luz empilhadas. Desde que me

dei conta, assisto tudo, das mais recentes às mais antigas fitas, com o FastForward apertado. Puta merda: eu vi ao fundo de um protesto, uns manequins de loja jogados num lixão, vi um cachorro debruçado num fiteiro como se fosse o próprio vendedor, vi um homem chorando de verdade, compulsivamente, e falando para o microfone com todo o pudor suspenso, vi os apenados nus, em filas em meio à podridão completa da rebelião, vi um homem algemado depois de estuprar uma menina de cinco anos, o semblante dele era tão sereno. E depois, também, eu vi os vídeos gravados pelo próprio estuprador, apreendidos pela polícia. Sim, os vídeos apreendidos também podem vir parar nos arquivos da gente, às vezes. Foi uma semana dos infernos, aquela. Muito trabalho se acumulou, culpam Telma. Mas eu não conseguia parar de assistir.

Desde então criei um método: separo fitas por retranca. Ordem alfabética. Roubo elas assim que chego, meticulosamente, isso me deixa mais tranquila, a retranca do momento é ‘Acidente’. Eu passo o dia pensando, ansiando o momento de ir pra casa, de assistir, apalpo minha própria bolsa, sinto o volume secreto. É assim que me mantenho focada naquilo que realmente me interessa: a leitura do livro lá dentro, as tarefas práticas, o diário de observação visual. Isso é o que eu chamo de ética trabalhista. A fita começa a rodar. O caso Moura e Silva, eu me lembro agora: Um psicólogo voltando bêbado de alguma festa ultrapassou um sinal vermelho às seis da manhã e pegou, em cheio, o carro de uma Procuradora Geral da República que, para azar dele, estava indo para a Missa do Domingo. Não demorou muito, descobriram que, ainda antes disso, o mesmo homem atropelou, matou e fugiu sem prestar socorro, uma velha moradora de rua. Imagens de segurança mostram o exato momento, em que ele a faz saltar pelo capô, pelo para-brisas e pelo teto. Chegou a parar o carro por cinco segundos antes de dar de novo a partida e ir embora. Como será que ele estava?

Ejeto. Fita seguinte, caso Andrades.

O caso Andrades parece mais antigo, é preciso colocar a fita pequena no adaptador maior, eu devia estar na faculdade ainda quando aconteceu, ou morando fora. Uma garota encontrada afogada.

Em casa, à noite, eu tiro as fitas da bolsa. A retranca é ACIDENTE, agora tem também o caso Moura e Silva. Fita um: acidente entre dois carros e uma moto, na véspera do dia das mães, dois adolescentes mortos. Um carro em frangalhos em diagonal sobre a calçada. Fita dois: carro contra o muro de uma casa. Fita três: carro de novo, só que numa rodovia federal. Dou pause. Eu tento apreciar a imagem no seu melhor ponto: quando está no plano mais aberto. Qual é a história aqui? Bem, o capotamento solitário está na ausência de qualquer outro carro, o processo criminal no fato de ter virado um caso importante. O fato de ter havido sobreviventes, no alvoroço dos paramédicos. Há um caminhão na mesma faixa, mas isso não é uma pista. Se você reparar bem, esse veículo não se envolveu no acidente, provavelmente chamou o socorro e teve que ficar lá, só isso. Um garoto tenta levantar da maca. Eu pressinto que aqui tem algo errado.

O socorro é mostrado em plano médio: carros, ambulância socorrendo um menino, uma multidão, o asfalto. Corta. Fotos em três por quatro de uma menina, uns 18 anos, loira, bonita, apesar desse ar meio macabro. Depois o carro, um maracujá de ferro, é mostrado em primeiro plano. Corta: voltamos à cenas do socorro, e daí eu sinto aquilo. O mesmo que senti vendo O vaso, ou O esgoto. Aperto pause. O que há aqui?

O garoto: coloque nele uns dez anos a mais, uma barba, corte seus cabelos, ponha nele roupas elegantes, tatuagens, faça-o fumar. Quero dizer, Jack já tinha me perguntado da última vez: O que é um artista famoso?

Então eu já sei. Da próxima vez que eu for lá no estúdio dele vou dizer: Você é um artista famoso. Vou dizer: eu lhe vi na televisão.

E talvez ele fique confuso. Vida de merda – Marcelo ainda lê o livro. Eu ejetto a fita, resmungo, ele tem razão, eu podia nunca ter visto isso. Ponho para regravar, já pensou se eu perdesse essa?

– O que está fazendo aí? – Marcelo pergunta – que vídeos são esses que você tanto assiste?

– É pro manual do dedoc. Eu estou tendo que refazer, Sérgio passou isso hoje cedo.

Ele faz que sim. Eu odeio acidentes.

15.

“As tags são acrescentadas apenas no processo de catalogação...” ou “As tags, que acrescentamos depois de assistir ao”.

A cabeça dói. A semana havia passado feito um ônibus lotado. Quarta-feira, quinta, sexta, segunda e, agora, na iminência de esgotar o prazo para a entrega do tal “material de treinamento”, a única coisa que me ocorre, que me ocorria, (ah, os arquivos que procurei, que passei a semana inteira procurando, digitando o nome “Jack” das mais variadas formas), é falar da importância das *tags*. Apago novamente o texto da tela do Word, assopro dentro das minhas mãos em concha. E então olho com uma tristeza incorrigível e desproporcional a superfície do antebraço, duas tatuagens solitárias, já inteiramente cicatrizadas. Vida de merda. Trabalho de merda.

Pois ele tinha dito: quinze dias, sim, foi isso o que Jack falou. Tinha recomendado que em quinze dias eu deveria voltar ao estúdio para vermos se cicatrizou bem. Então, por “merda!”, o que eu quero dizer é: “Como foi que eu consegui falhar dessa vez?” Quero dizer, “Mas eu tinha um plano” e era até bastante simples: quinze dias, 150 páginas de leitura ao fim das quais eu estaria devidamente apta, capacitada a discutir minimamente sobre as próximas tatuagens... Claro. A falha foi ter pensado no livro como se fosse um filtro de barro ou moedor de carne, eu passaria por ele, página a página, e sairia do processo, duas semanas depois, como uma linha de montagem, como uma Samara nova. Uma Samara melhor, mais instruída, que no entanto...

As tags são a melhor maneira de voltar a encontrar uma fita. Procurem o máximo de referências, se possível, o nome das pessoas que aparecem em destaque no vídeo, o lugar que aparece nas filmagens...

No entanto o foco se tinha perdido. Sim, somos todos capazes de admitir isso.

E embora você saiba que não é possível precisar o momento exato em que a coisa desandou, você sabe que isso foi posterior à fita do acidente de Jack. Você se perdeu enquanto procurava informações sobre ele. E por quê? Bem, porque você acredita que ter alguma informação pessoal sobre Jack, seu tatuador, facilitaria o entendimento de seu estilo: pontilhismo ou a linha clara? Qual dos dois é a marca de alguém que foi antes de tudo um sobrevivente de um acidente de carro? E pensa nas faixas entrecortadas no pavimento. É um princípio ao qual eu, aparentemente, me filio, esse de que as pessoas, o que elas fazem, tem algo a ver com o que viveram, mas de onde veio isso? Apago tudo o que digitei. “*As tags são...*” “*As tags fazem*” e aí você se pergunta: não seria mais simples falar as coisas para os candidatos? Por que precisam fazer de tudo um manual?

Pois se eu pudesse, diria: pensem bem, o alfabeto é composto por 29 letras, incluindo o W o Y e o K. É mais do que o bastante para tornar qualquer imagem encontrável num sistema automatizado, num programa como esse que usamos. Gostaria de poder reforçar: sem isso somos a barbárie. Somos homens em cavernas, ou menos

ainda, bichos, cães, sem memória, vivendo um agora eterno, estamos soltos da linha do tempo.

Ou poderia dizer a eles, pedir: por favor, encontrem tudo o que há no sistema sobre um tatuador que usa o apelido de Jack e que esteve envolvido em um acidente de carro em 24 de dezembro de 1996, Br 230, sim, era natal, são muitos acidentes de carro no natal. Essa seria uma lição retórica, demonstrativa, ao fim da qual eu diria: estão vendo só? Explicaria: este é um tatuador importante, ecoa em minha cabeça aquele “Você não conhece o Jack?”, e ainda assim se o jornal precisasse hoje mesmo fazer uma matéria sobre ele vocês teriam recorrido a esse jota-á-cê-cá, no sistema interno e voltado dele feito uns panacas. Zero resultado.

Manual do Dedoc, escrevo, por fim: *A crescentem tags às retrancas quando elas chegarem ao arquivo*. Digito: *A menos que tenhamos uma incrível habilidade de desenhar, levará ainda muitos anos para que seja possível manifestar um pensamento por imagens da mesma forma que fazemos com palavras, que dirá, então, buscar essas imagens num arquivo de vídeos*. Num novo parágrafo explico a vida dos registros no sistema: eles nascem com a abertura da retranca na seção do jornalismo: produtores, repórteres, editores, exibição. Enfim. Fecha o capítulo.

É isso.

Até o fim do dia haverá tempo para repensar qualquer frase, qualquer ilustração. Você tenta voltar à leitura que está incompleta há dias, embora a dor de cabeça prejudique, emperre sua concentração. Sabe que resta apenas um método de pesquisa que ainda não testou: perguntar a alguém, e é a isso que vai recorrer. Já até sabe quem pode lhe dizer algo. A estagiária do jornalismo que fica no turno da tarde. Vai ter que esperar até o fim do dia.

Às cinco e meia, portanto, como de praxe, ela abre a porta do Dedoc.

– Ei, boa tarde – sorri, simpática. Depois se corrige – quer dizer, já deve ser boa noite.

Em meio às perguntas de sempre, de praxe (Todas são de hoje? Alguma será suitada? Nomes relevantes?) pergunto também, me desculpando pela indiscrição, quem fez aquilo no ombro dela.

– Esse desenho seu – digo, aponto com a caneta – reparei que é novo – e insisto – é sempre o mesmo profissional?

Sinto que a palavra “profissional” sai embotada, como se fosse eufemismo para alguma coisa.

– Ah sim! – afirma enfática – hoje em dia, pelo menos, sempre vou na mesma – diz e confirma minha suspeita – ter o *teu* tatuador, aquela pessoa em quem tu confia e que te entende, capta teus gostos, é uma *outra* coisa.

O que ela não fala: outra coisa em relação a quê? Que outra coisa? *Tatiana*. Leio em seu crachá. Então Tatiana tem um tatuador de confiança.

– Mas, claro – ela continua falando – No começo eu fazia em vários estúdios. Tenho vinte e duas tatuagens, ao todo – conta, orgulhosa – É por isso que digo, se quiser conhecer tatuadores, eu sou a pessoa pra você.

– Seis em ponto – digo –. Tenho que bater o ponto e dar o fora.

Ela sabe disso. Semana passada, ela me disse, demitiram um jornalista do turno dela.

– O Flávio. Não sabe quem é? Um gordinho que ficava no computador da quina esquerda...

Nos saímos juntas, então, caminhamos o corredor. Ingrid é o nome da tatuadora dela.

– Só não te recomendo marcar com ela porque está com a agenda fechada até maio do ano que vem.

Nós passamos o crachá na máquina de ponto, liberamos a roleta. Atravessamos o jardim até a parada na calçada oposta.

– De qualquer forma, se quiser, eu poderia te levar a conhecer o estúdio. Tem outros tatuadores lá muito bons. Ou tu poderia conversar com ela. Se ela gosta de ti, pode te encaixar em horários alternativos.

– Obrigada – falei.

– E posso te levar junto na minha próxima sessão.

– Ah, claro. Poderíamos combinar algo assim.

O ônibus demora. Eu continuo ouvindo Tatiana. Esse tipo de pessoa, sempre prestativa, aberta e franca, é exatamente o que me provoca desconfiança. Não me leve a mal, nem sempre eu fui assim, dura, mas são coisas que você aprende quando chega sozinho, para se virar sozinho aqui, numa cidade desse tamanho: se alguém te conhecer e já for te tratando como se tivessem passado a infância compartilhando cheetos, sobretudo se te convidar para algo, você tem que dizer ‘não’. Aprenda a ser frio. Não aceite nada. Essa é uma cidade de filhos da puta, seja uma filha da puta você também ou não sobreviverá muito tempo. É o que diz a voz que grita no fundo de sua consciência. Nem pedido de “que horas são” você responde se vier assim, cálido. Afinal, quem oferece amizade desinteressada? Quem oferece informação, ou uma vaga, ou te apresenta pessoas do próprio círculo sem antes de certificar que você não é estelionatária ou psicopata. Só se ela for idiota, ou esperta demais.

Dois ônibus passam. Nenhum é o dela, eu lhe ofereço um cigarro.

– Você parece viver mesmo esse mundo – comento – parece parte de sua vida.

Sim, ela concorda.

– A melhor parte da minha vida.

Então, nem idiota nem esperta demais. Está feliz em ajudar porque encontrou em mim uma chance de poder falar sobre algo que gosta e que conhece bem. Pode ser considerada autoridade no assunto.

– Minha mãe é contra. Claro. Eu moro com ela, ainda. É a pedra no meu sapato. Vive tentando me convencer a parar... Me critica, me inferniza. Acha que ter tatuagem dificulta a vida das garotas. Bem, a *minha* vida, só quem dificulta é ela. Já começou uma campanha pra que eu não vá nessa próxima convenção.

– Ah, uma convenção? – pergunto.

– Sim, vai ser um evento enorme e eu vou pra ser tela da Ingrid.

– Hum.

– Ela acha que lhe dou sorte nesses concursos.

– Concurso...

– É. Pra quem é tatuador tem muita coisa que vale a pena – O ônibus dela surge na outra esquina e para no sinal vermelho – Divulgar o trabalho, palestras, workshops... Bem, esse é o meu

– E para quem é tatuado? – pergunto – tem alguma graça?

– Ah, você quer vir?

Eu não esperava por isso.

– O quê? Eu? Não, eu só...

– Tudo bem. Eu te mando tudo pelo celular e a gente vai se falando.

O sinal abre. Ela acena para o ônibus que se aproxima.

– Se der tudo certo, fechamos uma van e ninguém precisa dirigir.

Ela sobe no veículo, desaparece no meio da noite, enquanto fico com uma interrogação ainda na cabeça: e desde quando ela tem meu número de celular?

A resposta vem assim que fico suficientemente perto da rede wifi na forma de uma vibração em meu bolso. *Você tem 1 mensagem*. E-mail, claro, era isso que Tatiana queria dizer. Termino de subir as escadas até o terceiro andar: *Tattoo Week*. Um flyer virtual. Abro a porta. Acho que agora eu entendi.

O anúncio fala sobre sorteios e shows e concurso para tatuadores, para tatuados em trajes de banho, haverá também palestras, suspensão corporal e tatuagem-surpresa e... Claro que eu não ia numa coisa dessas no litoral ainda por cima no meio do feriado.

– Eu não consegui lhe esperar para jantar – diz Marcelo, deitado na cama com o controle remoto na mão – comi pão com linguiças, de qualquer forma... Você não ia querer.

Eu ainda estava com aquele termo na cabeça o que seria uma “Tatuagem-surpresa”?

– Minha cabeça está me matando – eu comento – parece que a teoria sobre a alimentação foi de água abaixo.

Você volta a pensar nos médicos, nos dentistas, nos psicólogos. Passa das 21h quando finalmente consegue pegar num livro, e com os remédios espalhando seu efeito deletério, amortizante, na corrente sanguínea, (Não é boa essa sensação próxima de embriaguez, o texto vai se bagunçando, sua mente vai ficando confusa) e é como se você voasse, ou estivesse prestes a cair (mas pra onde?) escorregar de uma imaginária borda do décimo quinto andar, enquanto insiste “O traço. O que é, afinal, um traço?”.

– Por que está tão interessada nisso? – Marcelo me pergunta, aponta para o livro que está no meu colo.

–É percepção visual – eu digo – ajuda a escolher melhor essa próxima tatuagem.

– Mas precisa saber tanto assim?

– Ora, não – eu digo – não preciso saber *tanto assim*. Nem também eu estou lendo *tanto assim*.

– Sempre que olho você está lendo isso.

– Talvez não esteja olhando o suficiente.

– Estou olhando desde a semana passada.

Suspiro. Os olhos dele estão cheios de mágoa. Sei exatamente o que ele quer com essa conversa. Quer que feche isso e deite com ele diante da televisão. Sim, mais atenção, é a sua queixa. Quer mais atenção, mais companhia. Quer que eu fale, quer que eu conte algo do trabalho, qualquer coisa, num tom de voz brando e terno. Não quer apenas trepar antes de dormir, não precisaria estar comigo num relacionamento se só precisasse disso.

– Está passando um programa engraçado – ele diz – vem pra cá. Fica aqui.

Então eu poderia lhe responder: “Não. Não devíamos mais perder tempo com programas engraçados”. Diria: “Você queria ser escritor, você tinha talento, não tinha? Devia estar escrevendo agora”. Mas então chegaria a hora dele, de ele me perguntar:

“Acha mesmo possível?” – ele me faria essa pergunta com os mesmos olhos incrédulos que lança sobre mim agora – “Acha que ainda há tempo? Pra mim? Pra nós?”

E o que eu diria? “Bem, Marcelo. Eu sei que você também sofre”.

“Você sofre. Você trabalhou o dia inteiro em um emprego de merda sem ter autonomia, sem ter complexidade ou a mínima relação entre esforço e recompensa. O dia inteiro é isso: Uma pessoa senta-se diante de você, do outro lado da mesa. Estou com um problema. Sim, as pessoas que sentam diante de sua mesa sempre têm um problema: o financiamento não foi aprovado, ou bloquearam o depósito que veio do exterior, o dinheiro desapareceu. E você é não apenas o detetive que precisa descobrir o que foi que deu errado, mas também o portador das más notícias “Entendo seu problema, mas não posso resolver”, “sim, mas... Senhora? Senhora, por favor, não há razão para se exaltar”. Uma multidão de queixas, de chatices, o pagamento dos benefícios, a fila exaltada para dar conta, pedir número de pis-pasep, ouvir educadamente cada xingamento. E em casa, tarde depois de dirigir, cruzar meia cidade no horário do rush para um apartamento vazio, ainda conseguindo ouvir o eco das vozes, as malditas vozes deles “mas por quê?”, “mas meu benefício”, “mas, mas, mas”, por que eles sempre têm um “mas”? E você já comeu, fritou linguças para comer com pão igual viu o personagem de algum livro fazer, já pôs as roupas para lavar, foi até a gaveta de remédios, os antidepressivos acabaram de novo, a farmácia fica a cinco quadras. Você já lavou a louça que ficou do café da manhã, já lembrou que a moto, na garagem, está vazando óleo e o livro do Heitor está ainda sobre o criado mudo. Exausto e abstinente de citalopram. Senta-se diante da TV. Há um programa na Tv que é, na verdade, sua única alternativa para driblar a insônia. E então você me pergunta, será que não merece isso?”

– O que houve? – ele pergunta – por que não gosta mais de fazer as coisas que sempre fizemos?

“Acha mesmo que é possível? Sozinho e nessas circunstâncias?”

Então você escuta o coro de risadas vazando da tv até seu ouvido, sua dor, as risadas chegam tristes a você, e lhe tocam em algum ponto, na sua barriga, seus intestinos, num ponto que dói muito.

Você pensa na pessoa à sua frente, nas suas fraquezas, suas impossibilidades. Ela está tão sozinho quanto você e este é um momento de iluminação em meio a meses apagando incêndios, reajustando planos, treinando a resiliência: Vocês estão sozinhos. Estão absolutamente sozinhos e envelhecendo. E todas as histórias de *self made men*, todos os que disseram “eu comecei do zero”, mas o zero deles era ainda muito mais adiante que o seu zero. Ninguém nesse mundo consegue sozinho.

Então talvez seja por sorte, ou por sobrevivência, você vai esquecer disso nos próximos dias enquanto repete, diariamente, os mesmos erros. Não há jeito, você entendeu: isso aqui é um ciclo viciado, termina mal, mas por enquanto...

Sim, mas por enquanto.

– Samara?

– Desculpe – respondo por fim. – Isso é uma série?

E você já fechou o livro que tentava ler, já colocou um saco de pipocas para estourar no microondas.

– Tá, tem algo que eu precise saber pra acompanhar?

E já tratou, também, de engolir o choro que vem disso, que lhe ataca a garganta. Ele ri, Marcelo. É só por hoje, mas ele ri.

– Não, é o piloto. Está reprisando.

– Espera... Esse não é aquele ator do...

É só por hoje. Amanhã não vai mais doer. Amanhã o dia começa de novo. Você vai voltar a teimar com os antigos problemas, vai brigar porque Marcelo estragou suas camisetas lavando as roupas brancas e coloridas ao mesmo tempo, sim, não há dúvida, amanhã começa tudo outra vez.

16.

— Foi a senhora que deixou a moto aqui para a revisão? – pergunta a voz ao telefone.

— Sim — eu confirmo, pauso a imagem na pequena televisão em preto e branco.
— Quanto ficou?

E vigio a porta. Torço para que ninguém entre. Não deveria estar resolvendo meus problemas pessoais pelo telefone da empresa. Para cada ligação dessas, que faço, esboço primeiro um argumento, uma desculpa mental. Relaciono o motivo da chamada com minha eficácia. Eu quando aprovo o orçamento da moto (afinal, foi bem mais barato do que eu imaginava), já sei que se me questionassem, agora: *qual foi o motivo dessa ligação?* Eu diria, convicta de que falo a verdade: minha atual condução para cá gerou um problema, isto incidiu num atraso e, para que não se repetisse, usei o telefone.

Jamais diria: a moto. Muito menos minha moto.

O que mais eu não diria? Bem, não contaria que de manhã, enquanto eu colocava água na cafeteira, e dizia para Marcelo que passaria no estúdio na volta do trabalho, acabei, sem querer arrumando uma briga matinal. Algo a ver com as cápsulas de espresso terem acabado, com o fato de a região onde fica o Design Ink ser perigosa, à noite, para tomar ônibus. Lembro vagamente da frase “e agora o que eu devo ser além de romancista de fim de semana? Seu motorista? Seu barista?”.

Enrolo os dedos no fio torcido do aparelho.

— Vai estar pronta hoje mesmo? — pergunto ao mecânico e ele diz que sim.

— Claro. A partir das três da tarde já pode vir pegar.

Porque para evitar discussão, evitar chegar atrasada, eu apenas diria “tudo bem, tudo bem. Eu passo no estúdio outro dia”, diria “não precisa ficar todo nervoso”, mas é que então seria como ver Jack e Tatiana entrando os dois na minha cozinha e dizendo: “não pode escolher sozinha o que marca e o que desmarca com as pessoas?”. Me lembrava uma série de coisas adiadas uma vez, depois de novo, depois pra sempre. Eu respirei fundo, e com a maior calma que consegui, disse: “Bem, eu tenho um compromisso. Além disso, vou aproveitar que está cedo e mandar a moto para a oficina”. E ele ia falar que não é um bom momento, que sei o que ele pensa sobre ficar andando de moto, mas eu apenas continuei: “Então, não. Não preciso de motorista. Ou de barista. Pode ser apenas romancista de fim semana, se quiser. Ou então não seja. Pode ficar sendo bancário, como você já é. Ou seja pugilista, encanador, chef de cozinha. Porque independente disso, o que estou tentando avisar é: chegarei mais tarde”.

Você descobre que certas encheções de saco podem ser um belo empurrão em pessoas com estado avançado de letargia. Quero dizer: teu namorado te importuna antes

do café e, subitamente, o concerto que você vinha adiando há semanas, foi finalmente resolvido. Aliás, como um tornado de hiperfoco, você conseguiu, animada com esta pequena vitória, concluir várias pendências: O material didático está sobre a mesa, impresso e encadernado. Dez exemplares numa pilha reta que se ergue desde o tampo e numa versão que, graças a deus, tem aparência bem mais limpa e elegante que a versão anterior. E isso certamente está sem amadorismos.

Também começo a fazer apresentação em power point, reordeno o lado baixo da prateleira. Não decido, ainda, a fita do dia. O que vou levar hoje pra casa?

Devo ter demorado muito nessa questão, pois quando a porta se abre já é Telma chegando para o turno da noite, e me fazendo saltar de susto.

—Quer me matar? — eu olho o relógio com o coração acelerado — Não falta ainda uma hora inteira para dar teu horário?

—Ah — ela dá de ombros —, você podia precisar de ajuda. Não disse que tinha que sair hoje rigorosamente na hora.

Vou embora deixando as coisas como estão. Pego de volta a moto, guio até o estúdio, depois vou, por conta própria para casa.

Por conta própria... E pensar nisso, me dá um bem-estar tremendo.

Mas, e se ele não topar?

– Participa desses concursos de tatuadores? – foi isso o que eu perguntei pra Jack, o mais despreocupadamente possível, e apontando para uma pilha de flyers coloridos: *Tattoo Weekend* sobre a mesa dele. É como se eu nem soubesse mais que merda estou fazendo aqui.

– Não – ele responde sem tirar os olhos do visor do telefone.– Faz tempo que não participo.

Pois agora eu tinha tido tempo de pensar no não. Tinha entrado, tinha ensaiado, tinha consertado a moto, mas então ele disse “só um minuto”, quando entrei, espalmando a mão no ar concentrado no telefone. Essas coisas me desarmam completamente.

Então é isso? Você foi até ali, muniu-se de toda a empáfia, escolheu a melhor fala para deixar claro que está tomando uma decisão “quero que tatue em mim qualquer coisa que você queira”, e no entanto, vê, agora, que mesmo enquanto ensaiava isso na sua cabeça, não conseguia ir além da frase de efeito “qualquer coisa que você queira”.

– Raul é quem vai – Ele explica, por fim, encerrando a digitação. Coloca delicadamente o celular sobre a bancada, olha pra mim com presteza – Bem, vamos ver como ficou. E me chama, meu braço, num gesto vago inespecífico.

Porque e se ele disser que não? – eu coloco a bolsa sobre a mesa enquanto mostro para ele o desenho cicatrizado – se disser que não, que não tem interesse, que minha pele não serve, não é suficientemente lisa ou clara para que os desenhos se destaquem – E vaza para dentro da sala a conversa de um casal, na cantina sobre algum tipo de pomada anestésica.

–Muito bom – ele diz levantando as duas sobrancelhas – Posso fotografar você?
– pergunta – É para pôr no site do estúdio.

Então, se disser isso, ainda que o faça do pior modo “vá embora daqui” ou “sua louca de merda”, daí eu vou falar da fita. Vou dizer: tenho algo que você pode querer. E vou explicar que não, não se trata de chantagem.

– Eu fiquei sabendo desse evento aí, de tatuagem. Uma estagiária da TV me chamou para ir com ela.

Ele aponta a câmera do próprio telefone para mim.

– E ela tinha contado que é uma oportunidade boa para quem quer entender...
Pra quem precisa de ideias...

Ele dispara uma sequência de cinco cliques.

– Muito bom.

– Hum.

– O retrato. Olha só — ele me mostra no visor da câmera duas versões da mesma foto. – Gosta mais dessa ou dessa?

– Quero que tatue em mim qualquer coisa que você queira.

– Ahn?

Falei, eu penso. Mas a frase derrubada no meio do assoalho feito uma incontinência urinária não soa do jeito que soava no interior da minha cabeça. E o que vem depois dela é um afiado momento de silêncio pelo qual passamos contornando as beiradas do absurdo enquanto os ponteiros correm. Mas pelo menos, penso, eu falei. Há um certo alívio nisso. Não dá para voltar atrás nesse ponto.

– Como assim? – Jack é o primeiro a dizer algo.

– Deve ter uma coisa – tateio novamente –, algum desenho, uma forma, que tenha tido vontade de tatuar, mas que até hoje ninguém topou.

Ele fica me olhando.

– Você quer dizer...

– Eu pagaria do mesmo jeito – aperto com força o casaco que tenho nas mãos como se de fato estivesse frio, eu pudesse precisar dele – pagaria até mais, afinal é um desenho único.

– E por quê?

– Seria um investimento – respondo – um investimento na arte, talvez. No futuro – Eu só preciso de uma tatuagem nova – digo – é difícil explicar mais do que isso.

Eu lembro daquela história do “sem esforço”. Será que é isso o que ele pensa? Que estou tomando o caminho mais fácil? Claro, nos livros que Marcelo costumava ler, suas antologias de contos, estaria escrito que os olhos de Jack se estreitaram e aos poucos, algo como *inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos*. Que esses *leques de rugas se aprofundando revelariam uma expressão astuta*, talvez enquanto seus lábios deixavam escapar tensionados algum triunfo secreto. Mas a verdade era que o mundo real não funcionava desse jeito, com esses close-ups significativos, e essa capacidade de olhos, lábios, de revelarem verdades mais complexas que o que vemos num emoticon. Cai um silêncio mortal e Jack nada faz para ajudar. Pelo menos não me pede para ir embora. Se seus lábios tencionam ou não, parece aguardar que eu fale mais. Que me explique melhor sobre desse meu extraordinária e irregular pedido.

– O que você sabe de mim? — ele fala e a atmosfera se desfaz.

O que eu sei? Sei que este homem a minha frente gostaria de fazer tatuagens para as quais o próprio corpo não tem mais espaço. Sei também, sem precisar ver, que essas tatuagens passaram pelos mesmos crivos que me levaram às duas outras que tenho.

– Nada – respondo. – O suficiente.

E sei também que um desenho que se tatua, ao fim, não tem a ver com o que queremos que seja. Tatuamos âncoras para nos lembrar de manter os pés firmes no chão. Pensamos nisso por todo o primeiro mês de tatuagem, mas ao fim, o que fica na memória é apenas a forma, o traço. Nos gostamos de tatuagens como gostamos dos sinais do corpo, do desenho do nosso nariz. Então, nada, não sei nem preciso saber nada de Jack.

– Tenho alguém marcado para a próxima hora.

– Claro – eu digo pegando a bolsa – Me liga se resolver algo.

Num instante e eu já saí da sala de Jack. A fita do acidente continua pesando em minha bolsa. Não quero voltar para casa. Já estou pilotando de volta para casa. O vento está frio, é noite, e eu faço voltas desnecessárias, pego ruas demais, faço caminhos pouco lógicos na volta como se tentasse evitar a realidade. Só será real quando eu chegar em casa. Esse pequeno vexame, só quando eu ficar parada será real.

Chego em casa tarde, não há quase mais ninguém na rua. Marcelo está fora e deixou, sobre a cama o livro que dei pra ele. “Como escrever um romance de sucesso em 52 fins de semana”.

– A moto está boa – eu comento com uma certa tristeza, Telefonando. Perguntando onde ele está.

— Hospital— ele responde. — Venha pra cá, logo. Deixei dinheiro para seu táxi.

Então ele desliga o telefone.

– Parece só que está lenta demais – eu o ouço retrucar, mas nem replico, não pergunto, não quero saber de nada. Ligo o chuveiro quente. Afinal, eu tinha agido. Eu, uma doente de ossos tortos e péssima saúde fui lá e me ofereci para uma parceria, quis um mentor, um mestre. Mas será que faz algum sentido esperar que esse artista, esse que precisou sobreviver a um carro virado para chegar ali, possa verdadeiramente querê-la para alguma coisa?

17.

Uma enfermaria de hospital. Você acorda e está... numa enfermaria de hospital. Aqui está a insígnia. Aquele, num dos leitos, recebendo soro enquanto dorme, é o seu pai diabético. E você vai perceber, logo ao tentar se mexer na cadeira. Você procura um relógio... e ali está ele pendurado ao lado da portinha do banheiro. (Alguém deu descarga lá dentro). Passa das seis da manhã nos ponteiros. Você ainda se sente perdida. O suficiente para ainda se perguntar por que, sim, se é ele quem está preso ao soro, por que é você quem se sente ferida?

Esta é a minha situação.

— Ah, parece que você dormiu bem— Marcelo sai pela porta do banheiro, ainda enxugando as mãos em toalhas de papel— nada atrapalha o seu sono nessas horas, não é?

É isso. Então, em parte por ter visto Marcelo puto, em parte porque, claro

— Bom dia – eu lhe respondo.

E ele torce a boca jogando os dois papeis usados na lixeira ao meu lado.

— Eu consegui falar com a chefe da enfermaria, ainda há pouco – ele diz — Eles vão liberar a alta do seu pai e pedir para que procurem um especialista em fígado, assim que um responsável assinar um termo – não faz questão de disfarçar que está chateado e em questão de segundos, adota seu ar irônico num mexer da sobrelanceira — A questão é se *você* consegue fazer isso ou se é melhor que eu faça no seu lugar.

A cara de Marcelo diz muita coisa.

- 1) Que o fato de estarmos ali, no seu entender, é culpa minha e ele só não está explodindo em gritos, me exigindo explicações por consideração à situação.
- 2) Que eu não poderia ser enquadrada no adjetivo “responsável”
- 3) Que ele e meu pai se tornaram amigos. E era isso o que eu temia.

Até aí tudo bem. Minha própria cara confusa também dizia muita coisa.

— O que houve, afinal? – eu pergunto esfregando os olhos.

E como ele não responde, como em vez de responder ele espalma as mãos pra cima no seu gesto frustrado que significaria algo como “Tá de brincadeira”? eu me vejo obrigada a esboçar um gesto vago apontando para o leito e entrar na questão.

— Acha mesmo que eu tenho controle sobre a pressão do meu pai?

— Você é inacreditável – ele diz – está bebendo, por acaso ou o quê?

Levantei da cadeira, um pouco preguiçosa.

— Onde é que eu assino esse termo, então?

As palavras dele batem nos dentes e voltam. Ele suspira. É claro que não bebi.

— Está sendo bobo – eu lhe digo. Ele sabe que se eu tivesse bebido não teria sido autorizada a fazer a tatuagem que acabei de fazer — Eu passo no banheiro e daí vou assinar isso. Onde é?

Ele continua me olhando. Era só o que me faltava.

— Não acho que aceitem assinatura de quem não é parente, quem mal conheceu o paciente.

Que agora, seguindo o velho provérbio chinês que todos aprendemos com os filmes da Sessão da Tarde, Marcelo, tendo salvado a vida do meu pai, passa a ser responsável por ele.

— Procure a chefe da enfermaria no fim do corredor. – ele arfa, por fim, aponta para um lado, olha para o outro. Saio de lá em direção ao balcão. Mas foi muita coisa de uma só vez. Daí meu pai acordou.

— Eu já posso ir embora?

Logo quando cheguei no hospital, meia noite e quarenta e cinco, ele, meu pai, ainda estava sentado em uma poltrona e relutava contra o soro, olhou pra mim como se estivesse sem vontade de explicar muita coisa e do fundo de sua paciência conseguiu dizer:

— Não foi nada – ele tinha dito— a minha pressão subiu um pouco. Não é nada de mais.

Todo mundo tem algo a dizer nessas situações: Marcelo disse— Onde diabos você estava?

Meu pai disse: — Foi só a pressão.

Mas ninguém, do minuto em que eu chego até a hora que ele finalmente cede a receber o medicamento de maneira intravenosa parece conseguir manter uma conversa razoável. No leito ao lado do dele um menino respira dentro do nebulizador, no outro uma mulher geme e em intervalos mais ou menos regulares repete”Onde foi a enfermeira?” Duas garotas e um garoto bêbado tiveram alta, um estava com irritantes soluços.

Foi assim que meu pai e Marcelo viraram amigos de infância.

— Quer se certificar, por favor? – ele tinha me pedido quando cheguei, meu pai, me pediu, sinalizou com a sobrancelha para que eu seguisse a mulher de uniforme verde – essas incompetentes podem acabar me pondo um glicosado e daí, sim, teremos problemas.

Isso realmente já chegou a acontecer há alguns anos.

—Depois eu entro em coma e ninguém faz nada.

Peço a ele que não se preocupe, que está tudo bem, que o soro não tem glicose, eu mesma li as letras pequenas. Marcelo evita me olhar nos olhos enquanto explica algo sobre como meu pai estava quando chegaram ali.

— Se acalme, pai – eu peço — nesta altura, acho que até o vigilante na portaria deve estar sabendo que o senhor é diabético.

Ele parece mais enfadado que de fato preocupado, na verdade. É sempre estranho chegar no meio da confusão. E enfermeira conseguiu espetar a veia dele e diz que vai ficar tudo bem. A noite de hoje: vai ficar tudo bem. E prometo que o levarei para mais exames.

Marcelo sai da enfermaria, vou atrás dele, passando o corredor, passando a recepção, chegando ao terraço cheio de grama. Ele já está com seu cigarro aceso. do lado do imenso vaso de planta que mais serve como cinzeiro, a noite está com algumas estrelas.

— Onde diabos você se meteu? – Marcelo pergunta quando me aproximo – Onde era que você estava?

Na versão de Marcelo a história começa assim: eu sou uma irresponsável. Eu não contesto nada. Peço um dos seus cigarros e o isqueiro, fumo ao seu lado, vendo os carros estacionarem na frente da URGÊNCIA E EMERGÊNCIA, umas nuvens avermelhadas engolem as poucas estrelas ali e ele explode me explicando item por item por que eu estava completamente fora dos meus direitos. Isso-não-era-hora-de-fazer-tatuagem é um dos seus argumentos. Há outros: Por exemplo, eu-sendo-uma-irresponsável, o que, na cabeça dele, tem a ver com eu ter esquecido o celular em casa, com ter ficado incomunicável por horas a fio. Ele joga o próprio cigarro na lixeira atrás de si, ao som das cigarras cantando, tira o meu telefone do bolso dele e me entrega.

— Não saia mais sem ele – ele diz – Você deixou em cima da mesa.

Tento entender. Um celular sobre a mesa, então — começa com um celular sobre a mesa. Um celular vibrando e chamando em cima da mesa bem na hora que ele tentava escrever (Claro que eu tentava escrever, ora), quando tentar escrever era, no mínimo, impossível, (Eu estava preocupado) Eu não chegava em casa (Você sai pra trabalhar com uma dor de cabeça “engraçada”, avisa que tem se sentido mal, pega a moto... Como não quer que eu me preocupe? Qualquer coisa podia ter acontecido!) E quando, numa certa altura, ele começa a pensar em assaltos, em hospitais, quando pensa que eu poderia acabar ligando para o meu próprio número... É bem aí que ele escuta: (Você deixou em cima da mesa) e quando olha o visor (Pai) e, ele não tem nenhum motivo especial pra isso (Pai), mas mesmo assim atende dizendo “Boa noite”.

Se continuamos com a versão dele, de Marcelo, há do outro lado da linha um homem pedindo socorro e pedindo que alguém o leve ao hospital. Eu faço que sim,

calmamente com a cabeça. Pelas minhas contas, eu estava ainda no estúdio de tatuagem nessa hora. Essas coisas levam tempo.

— O que teria sido do seu pai se eu não estivesse ali? Se eu não tivesse atendido?

Mas se, neste ponto da história, estivéssemos com a versão do meu pai toda a coisa giraria em torno do “Não era nada”. Ele fez, pra me explicar, gestos vagos e aborrecidos. (O que se espera que um velho faça que não seja achar jeitos de ir para o hospital?) Ele fala em ter sentado, cansadamente, no sofá, em ter discado o número, meu número, e quando do outro lado uma voz masculina atendeu dizendo “Boa noite” e ele disse, muito calmo, algo como “Parece que preciso ir ao hospital. Pode avisá-la quando chegar?”. Pelo jeito como meu pai fala parece que só foi parar na enfermaria porque não tinha nada mais interessante passando na televisão. Como se tivesse ligado para um amigo e chamado para uma cerveja.

Em meio a isso tudo, Marcelo desiste no livro, meu pai do pijama, Marcelo tira o carro da garagem do prédio, meu pai vence cada metro até o elevador, depois até a guarita. Os dois se cumprimentam, cavalheiros educados. Marcelo pergunta: Qual hospital? E meu pai não sabe. Não importa.

Então não era agora, com essa postura de salvador da pátria e seus excelentes bons modos que Marcelo ia me fazer sentir mal. “Deixei dinheiro para o seu taxi”, era assim que terminava o bilhete.

— Isso vai acabar dando errado — meu pai falou.

Andar de moto não é tão perigoso assim se você toma certos cuidados, mas quando eu chego e meu pai e Marcelo são dois grandes amigos entediados discutindo a vinda de Paul McCartney ao Brasil e o preço dos ingressos. Eu suspirei. Que grande merda. Eu segurava o capacete.

— Isso de ela ter uma moto, vai acabar dando errado, sabe? — meu pai diz a Marcelo.

E Marcelo me olha de volta.

— Está vendo? Até seu pai concorda que é perigoso.

— Não pode ter uma moto uma pessoa que nunca andou de bicicleta.

Passei minha vida toda nisso. Eu arrumo namorados, eles conhecem a minha família, depois passam a usar as histórias da minha infância contra mim.

— Pai, pelo amor de deus, eu tinha cinco anos...

A verdade é que nada neste mundo constrói melhores amizades do que um inimigo em comum. Inimiga, no caso.

— E ela tem dor de cabeça, seu Aírton, por causa do vento no rosto.

— A sinusite? — meu pai perguntou — Isso é mais um motivo pra não ter esse troço.

Ao fim, se me separo deles, meu pai vai me azucrinar perguntando sobre o Fulano, sobre Beltrano.

— Esse troço — eu digo — me ajudou a chegar depressa, e o senhor disse a mesma coisa sobre os patins, que eu não devia ter uns patins inline, lembra?

Como se eu tivesse arruinado toda a brincadeira, ou como se fosse a megera que desfez uma amizade que tinha tudo pra durar pra sempre.

— Bem — ele fala meio contrafeito. Meu pai descartaria a mim e ficaria com meus namorados qualquer um deles, sem pensar duas vezes — eu estava certo afinal, não estava? E se lhe dá dor de cabeça... Se é daquelas que faziam você perder o equilíbrio...

Quero dizer, a relação já é delicada, e agora todas as conversas serão sobre Marcelo.

Escuta aqui, Marcelo — eu penso — você pode me roubar o estudio de tatagem, pode invadir meu apartamento, se meter dentro do meu trabalho, mas não pode, não venha arruinar também isto aqui.

— Bem, eu tenho uma moto. Isto não é mais algo a ser votado. E o diagnóstico de sinusite foi descartado há anos.

Então Marcelo se emputece, se oferece para falar com o médico.

— Bem, eu vou ver o que está acontecendo.

Quando obviamente não precisa. Agradeço: obrigada, mas não precisa. Eu sou o centro do universo e da calma. Sorrio, até. E quanto ele sai para fumar e meu pai diz: Você arruma uns namorados engraçados. Eu sou minhas próprias costas, o desenho abstrato nelas, os cortes dela, correndo, lutando desde já pela cicatrização.

Sim. Muito engraçado, o meu namorado.

E afinal será Marcelo, é ele quem tem o carro, quem vai levar meu pai de volta ao prédio enquanto eu volto pra casa de moto sozinha e ligo, de novo para os médicos. De novo, marcar consultas, negociar horários... Você pensou que ficaria livre disso ao desistir do tratamento para as dores de cabeça, mas não. Nunca fica. Como se fosse uma sina, todos os caminhos, por mais imbricados que pareçam, dão sempre na ligação de um médico que, não, infelizmente, não atende pelo seu plano...

— A menos que a senhora vá para o hospital onde ele dá plantão no sábado.

E de novo, para o trabalho, implorar compreensão. Dizer que estive com meu pai doente. Se não posso trocar meu turno para a tarde.

— Certo, fica marcado para o sábado então.

Quero dizer, por que diabos eles acreditariam?

18.

Jack não telefona no dia seguinte. Na sexta-feira, também não. O peso dos dias, sobre meu crânio se intensifica, e com ele o tédio, as bolsas de água quente, todo o desalento que eu acreditava terem ido embora de uma vez, retornam. Ligo para o estúdio, atende uma voz feminina.

— Aqui é a Samara — eu digo —. Sim, apenas isso. Sabe me dizer se ficou agendada alguma tatuagem em meu nome para a semana que vem? Pode pedir que alguém me telefone?

Mas na quinta-feira o expediente se estende além do limite. Já passava das 20h e Sérgio, que deveria ficar com o horário da noite, telefona dizendo que está com problemas, que não ia conseguir chegar... Não tenho escolha nesse, caso. Sou obrigada a ficar ali, no lugar dele. Aguardo as fitas do Boa Noite para arquivar, enquanto faço print screens de vídeos antigos. Até que a porta finalmente se abre e a garota, Tatiana, ela abre a porta e diz:

— Hoje teve um caso fantástico! — vibrando com isso. Está notavelmente alterada, mostra os dentes num sorriso empolgado, parece que está prestes a fazer piruetas até que eu lhe questiono com minha cara de enfado costumeira,

— Sim, mas o que vai em cada fita?

E ela joga na minha mesa três, das quatro que trouxe, e mantém a outra na mão, me entregando como se fosse uma pedra preciosa. Meu deus. Há quanto tempo ela está aqui, essa garota?

— Essa aqui, ó — acrescenta. — E eu estava lá.

É certamente nova na função. Ainda se empolga. E como se eu fosse sua amiga, ela começa a me contar suas últimas seis horas assim de trás pra frente: Tinha ouvido a própria voz na tv, há dois minutos, tinha levado meia hora entre ajudar na edição e gravar o off, há meia hora, tinha escrito o texto ainda com o coração acelerado, há quarenta e cinco minutos.

— Isto vai me ajudar tanto na carreira — ela diz.

E tudo, seu salto na carreira, foi porque um esquizofrênico fez a própria mulher de refém por cinco horas no Jardim Cidade Baixa. E porque havia cordão de isolamento, homens armados, força tática.

— Dá pra acreditar? — ela pergunta. — Teve tiro ‘de verdade’.

Então, por cinco horas inteiras, um maluco deu tiros pra cima e ainda pressionou uma arma, a mesma com que abriu buracos sobre o teto, o mesmo cano quente e recendendo a pólvora, contra a cabeça de uma mulher.

— E era a mulher *dele* — ressalta, está tão feliz, tão empolgada, que aquilo parece uma boa notícia.

Eu penso como se o caso fosse comigo, caralho, essa mulher dormiu com ele todas as noites, abriu as pernas pra ele numa frequência minimamente razoável, talvez tenha até feito sua comida, tantas fazem isso, tenha sido sua amiga, e levado-o junto para festas de confraternização de fim de ano, o doido. É nisso que dá. Bando de maluco de merda. Bando de mulher maluca de merda. Bando de estagiária maluca de merda. Se Sérgio tivesse chegado no horário dele, hoje, ela estaria ouvindo agora um discurso sobre a falta de deus no coração.

— Mas ele disse que falou com Deus, o *esquissofrêncio*. Que a voz de Deus estava na cabeça dele.

A porta do arquivo se abre novamente. Uma mulher de cabelo frisado e óculos tartaruga bota a cabeça lá dentro, pisca pra Tatiana.

— Parabéns pelo OFF — diz ela — Ficou muito bom.

Ato contínuo: a porta se fecha, a mulher vai embora e Tatiana está feliz. Ótimo. Feliz, e vai continuar feliz, contando com um sorriso ainda mais largo:

— E ele berrava. Berrava, e os olhos dele, caramba, eram olhos arregalados. Fanáticos. *Deeeus está mandando! Deeeus manda matar!* — faz uma voz específica nessa parte — Ele parecia o demônio, você tinha que ver.

Ponho a fita no vídeo realmente curiosa. Mas quando a câmera pôde captá-lo, saindo de casa algemado, e escoltado por policiais...

— É esse o cara? — pergunto com certa decepção apontando um sujeito mirrado, tímido e pobre que o batalhão conduzia ao lado de uma grade sem pintura. Ela faz que sim. Deus já lhe tinha abandonado neste ponto e ele era puro vazio.

É triste ver essas coisas. Deus preencheu a cabeça e os olhos desse pobre diabo por cinco horas e agora ele estava oco. Os olhos não diziam nada, diziam menos que nada. Num segundo tudo o que aquele homem foi se dissolveu no espaço, os aniversários, as pequenas conquistas, todas as decepções que ele chorou sozinho, a música que dedicou para a menina mais bonita.

— Ora, eu entendo esse cara muito bem — digo para Tatiana —, quer dizer, eu sei o que é ter algo na cabeça lhe mandando fazer coisas. Queria eu que fossem vozes.

Mas no meu caso é só a dor engraçada. Que me manda fazer os gestos mais estúpidos como esfregar o olho, por exemplo, ou ranger os dentes, e tampar uma narina, ou ainda: fazer tatuagens do lado. Mitigando o desconforto, eu machuco a mim mesma. Eu belisco a minha própria cara. Assoo uma só narina. Não tenho como evitar.

— Achei que também quisesse matar alguém — ela diz. Depois, como se pensasse melhor, dá de ombros — bem, quem não quer?

Mas eu estava falando sério: queria uma voz na minha cabeça. Consigo entender os esquizofrênicos que acabam matando familiares às machadadas guiados por “uma voz”. Uma voz mandou partir o crânio dos meus filhos. Uma voz me mandou destruir as tomadas de casa. Consigo entender fanáticos em igrejas entregando todo o dinheiro para um pastor. Os católicos confessando pecados obscenos para um padre e livrando-se da culpa. E quando eu disse a Jack, tatue em mim o que quiser, o que estava, no fundo, lhe pedindo era: por favor, seja um deus, pra mim? As pessoas não sabem delegar tarefas, mas eu não tenho esse problema.

Jack, por favor, eu tenho muito pra fazer, pra ler, tenho que fazer faxina no apartamento, arquivar, economizar, será que você poderia, por favor, cuidar do meu aprendizado com as tatuagens?

— Mas, a propósito, você vai pro litoral com a gente? Te guardei uma vaga na van.

—Não — eu digo — pode passar adiante, se quiser.

— O ar salino é bom pra enxaqueca.

— Obrigada — e ia dizer não é enxaqueca — Na próxima, talvez.

Ela sai de lá: a porta se fecha. Então o telefone toca outra vez e Sérgio diz

—Aliás, é bom ir se acostumando: você agora vai ficar com esse horário.

19.

Não é tão complicado, mas Marcelo não consegue entender direito.

—São três turnos e quatro pessoas — eu explico de novo a ele —, e se não há volume que justifique dois trabalhando à noite e a pessoa em teste tem que ser, obrigatoriamente acompanhada pelo chefe da seção. De que outro jeito isso seria resolvido?

Ele insiste.

— Só estou dizendo que podia ter barganhado. Há sempre uma barganha possível. — insiste mesmo. Mia sua queixa pra mim segurando um traveseiro sobre as coxas — De noite é o único horário que lhe vejo! — depois se amua entre os lençóis — Eles estão sempre mudando seu horário e você sequer reclama. De que horas você vai ficar chegando, então?

Eu não sei como argumentar com isso. Poxa, ele veio morar aqui. Nós dormimos juntos todo dia. Chegarei na hora que estiver liberada, como sempre, como qualquer trabalhador nesse mundo. Igual a ele, aliás.

— Mas gosto de jantar junto a você. Gosto de contar pra você meu dia quando chego.

E é claro que ele me desarma com essa. Como eu queria isso: um bom jantar, uma boa conversa ao fim de um dia puxado de trabalho e agora tudo isso estará perdido.

—Ainda teremos os fins de semana – negocio –, podemos nos divertir nos sábados, domingos...

— Ah, muito conveniente...— fala, defensivo – Sabe que vou começar a escrever meu romance nos fins de semana.

– Bem, não vai escrever o romance o dia *todo*.

Como se esquecesse de que tinha amaldiçoado o livro quando eu lhe dei embrulhado em papel colorido. “O que está insinuando? Que preciso dessas merdas?” Ele apenas afirma que sim, que vai escrever o fim de semana todo. Posso ir me preparando. Diz isso em um tom de ameaça que me faz lembrar: “a qual realidade, afinal, ele se refere com esse ‘jantar junto a você’, esse ‘contar pra você o dia’? Desde que estamos os dois aqui ele está sempre alienado diante da TV, ou do celular, ou do computador. Nossas conversas são entrecortadas por outras milhares de conversas, de imagens, de fotos feitas segundos atrás que já apareciam envelhecidas de décadas, e no fim, não importava o que quer que eu contasse do meu dia, teria que contar de novo depois porque a despeito dos 22 metros quadrados que nos confinam, a única vez que jantamos à mesa, presenciamos nada mais senão a maior orquestra de talheres batendo sob o silêncio sepulcral da nossa absoluta incapacidade de falar um com o outro.

- Devia ter dito que não podia. Que é perigoso voltar de moto à meia noite.
- Daí teriam me oferecido o transporte da empresa, que deixa em casa funcionário por funcionário. Sabe o que ia acontecer? Eu ia sair rodando a cidade, deixando um a um. Chegaria lá para as duas da manhã. Não é vantagem.
- Bem, eu vou começar a escrever. Esqueça os fins de semana.

E é mais ou menos o que acontece. O despertador toca de manhã, bem cedo, no sábado.

— Que droga — resmungo —, esqueci de desativar isso. Mas antes mesmo que eu tenha a chance de tentar desligar o alarme, Marcelo salta da cama.

— É o dia de começar o romance — diz.

E é algo sua frase, ou algo seu jeito de dizê-la, parado, de pé, na minha frente, com o alarme soando ao fundo, eu percebo que ele espera algo mais de minha parte do que simplesmente apertar um botão e voltar a dormir. Sento na cama, então, procuro o rosto dele com os olhos.

— Foi o dia que eu estipulei — ele continua.

E poderia ter prosseguido a frase com um “e agora?”, seria perfeitamente adequado. “Foi o dia que estipulei, e agora”? — condiz com essa cara, com o tom assustado, a necessidade de respostas, mas ainda que o fizesse, ainda assim eu não sei, não saberia... O que é esperado de mim nessa circunstância?

– Claro – eu esfrego os olhos, tento ganhar tempo. – Estou lembrada.

Quer um incentivo, isso está claro, mas para qual direção? De novo a velha questão de tentar medir a linguagem por micro-expressões nos olhos, nos lábios. Há na voz dele, doses iguais de vontade e medo e, ao que parece, seus olhos, excessivamente abertos, deveriam promover um sutil desempate: ele quer que eu diga “Mas justo hoje?”, que eu fale “Vamos aproveitar pelo menos *este* fim de semana” — se eu fizer isso, não tenho dúvidas, ele adiará o trabalho para a tarde, para a noite, para o fim de semana seguinte. Fará, hoje, o que eu disser, me ajudará a fazer faxina, montará os móveis que detesta montar, me comerá agora, aqui mesmo, e então seria eu, e não ele, a sabotar o projeto inteiro, o romance que não foi escrito, o horário burlado desde a primeira vez. Mas eu posso também dizer algo como “Bom trabalho” ou “divirta-se. Esfalfe-se de tanto escrever”, ou encenar, desafiadora, um “Rá, duvido que consiga”, para virar, então, esse tipo de antagonista que representa, ao fim, o maior incentivo para o trabalho.

Minha hesitação deve ter durado demais. Pois enquanto eu tentava adivinhar meu papel, minhas falas, ele precisou cumprir o quinhão que reservara a si mesmo. saiu encenando o soldado, diretamente para o chuveiro, abriu as cortinas deixando o excesso de claridade entrar no quarto. Talvez tenha sido o barulhinho do chuveiro, o cansaço que a luz me provocava, a dor de cabeça, eu acabo, pego no sono de novo, e ele volta até a cama me acordar, perguntando: onde está o conjunto de canetas?, e de novo: onde estão as borrachas?, Agora não sabe onde está o apontador e é melhor eu levantar logo.

Claro que as coisas não estão indo bem. Vão piorar se eu continuar aqui. Está na síndrome das pernas inquietas dele, na vista dos cadernos intactos, nos lápis

apontados e afiados, o prenúncio para mais uma daquelas discussões infundadas para a qual eu serei sugada à força sem chance de protesto, e que não é ou não devia ser, na verdade, comigo. Foi assim quando ele ficou indeciso sobre ir ou não ir conhecer os sobrinhos, sobre quando discutiu com os colegas do trabalho. E quando saio do banheiro, cogitando fazer um café, sua lua de mel com o manual chega claramente ao fim.

— Quer saber, há um grave problema nesse método de escrever romances, veja só isso aqui.

E se tem uma coisa que eu sei é que não há campos neutros num apartamento de 22m².

— *não é possível se fazer passar por outra pessoa de outro lugar ou outra cultura, mas sofisticada ou letrada...* Isso é babaquice, ora, quer dizer que todos os autores que escreveram sobre assassinato precisaram, de fato matar alguém? E Lolita?

Não há campos neutros e eu sou instada a escolher um lado. Ou eu o ajudo a fugir daquilo, banco a megera que o impede de escrever dando-lhe, por baixo dos panos, o alibi desejado para interromper a batalha que ele teme tanto. Ou então serei, eu, automaticamente, uma testemunha da covardia dele, um reflexo de suas fraquezas de medos e de modo que, por baixo dos mesmos panos, ele me odiará por isso. Me odiará como odiaria um espelho, uma câmera que filmava sua deserção. Ora, eu tenho que sair daqui, é claro, não posso ficar nessa arapuca de culpa e expectativas frustradas, passo para o banheiro, Marcelo diz.

— *Quem não sabe o que quer com sua escrita, acaba não indo a lugar nenhum.*

Ligo de novo para o estúdio. O telefone deve ter tocado na recepção, naquele sobrado em frente à clínica médica, um sábado ensolarado.

— *E se eu não quiser dar um nome para meus personagens? Que problema há nisso?*

O telefone chamava. Ah, por favor, me tirem dessa.

— *Um planejamento ruim é melhor que uma porção de improvisos geniais.*

Ah, por favor me salvem.

— *Métodos limitados geram obras limitadas.*

E então Barto atende o telefone.

— Ei, Samara? Que bom que ligou Jack estava justamente falando em você.

— *Antes de escrever qualquer coisa você precisa saber o final.*

— Ah, foi?

— *Um romance bom é um romance que mostra em vez de contar.*

— Tem um horário aberto aqui... Quarta-feira, você pode?

— Claro – respondo – posso sim.

É por isso que só se produz porcaria atualmente.

— Tem certeza? É colado com o feriado.

E se eu mentisse que tenho uma tatuagem para fazer hoje? Saio do banheiro com essa notícia. Tenho uma tatuagem para fazer hoje. E Marcelo estanca a frase que parecia pronto a dizer. Recua com cadernos na mão. Explico:

— O tatuador mandou uma mensagem, agora, perguntando se eu podia adiantar um horário que eu tinha para a quarta — a enunciação dessa mentira faz com que microgotas de suor brotem dos meus poros, eu sinto debaixo do braço como uma coceira ou uma pontada. Depois é só dizer que amarelei. Que preferi adiar.

— Seu tatuador ligou pra você?

Então eu liguei o percolador.

— Foi.

E na verdade, sim, não o tatuador propriamente, mas ligaram pra mim do estúdio essa parte é verdadeira. Em pleno sábado?

Dei de ombros.

— Todo mundo tem um motivo pra tatuar no sábado, às vezes.

20.

Então Jack fala em fractais depois de tatuar em mim um retrato do Ringo Starr. Fractais.

Sim, é isso exatamente o que ele diz. Não como se fizesse qualquer sentido, ou como se respondesse uma pergunta. Eu entro pela porta do estúdio no sábado estranhando a vaziez ali dentro, nenhum cliente na sala de espera, ninguém na cantina, uma placa indicando “Fechado” quando ele abre a porta com a chave e me diz isso: Fractais. E pouco depois disso fala em brancos.

— Mas que conversa é essa? — pergunto.

— Pois é — e ele responde —, não há outro jeito.

Eu posso repetir os meus “Como?” ou meus “Não entendo”. E afinal tudo o que quero saber se ele aceitou ou não minha proposta. Se vai ou não me fazer uma tatuagem-surpresa. Um desenho instigante.

— É isso — ele diz.— É como você precisa pensar. E não há nada mais lógico num desenho do que a continuidade dele — como se fosse voltar a falar nos tais fractais, aponta meus braços. — Você comete o erro mais comum de todos.

Sento numa cadeira à sua frente e ele começa a caminhar do modo que um professor faz para chamar atenção dos alunos

— Qualquer um pode chegar ao limite— ele explica. — Você pode tatuar o corpo todo e entrar para o livro dos recordes: a maior extensão de corpo tomada por tinta — depois aponta meu braço —, mas a questão é que, pra mim pelo menos, podia vir qualquer coisa, depois disso, no seu braço: um alien, citações de poema, gato sobre o telhado, new school... — ele suspira, depois continua: — Entende? Você começa a se tatuar com um arabesco, continua com uma muralha, pode terminar com qualquer... E o que é, afinal, esse corte aí?

Reparo que ele está sem o jaleco, que o material está guardado. É estúpido mas só agora percebo que o horário, este, que ele marca comigo não é para tatuar, mas para que conversássemos. Sobre Fractais ou brancos, muros, arabescos, cicatrizes.

—Por que essa coisa de fazer tatuagens é tão importante pra você? Qual o significado disso tudo?

Porque são a minha tentativa de continuar (eu penso) são, ou seriam (penso, mas não falo nada). De desaparecer com meu corpo fazer algo com ele. (E Jack continua

esperando uma resposta) Eu quero sentir algo. (continua me olhando em meu silêncio).
Realmente sentir algo. (Jack me olha, erguendo a sobrancelha).

— Não há significado— respondo.

— Não que importe, mas...

— E a cicatriz — eu digo. — Cicatrizes — me corrijo — são de quedas que tomei na rampa vertical quando ainda era atleta — dou de ombros — todo mundo já quase deu certo em alguma coisa.

Tinha ficado com aquela impressão de que o encontro era uma prova. Uma entrevista de emprego. Que Jack, talvez, estivesse me testando. Avaliando cada centímetro da minha pele e da minha ingenuidade. Por isso falo pouco. Quero, propositalmente, deixar as lacunas na conversa para que ele possa completar como se ligasse um desenho ao outro.

— Justamente — ele diz. — É justamente disso que estou falando. Branco, lacunas, ele diz: Dá na mesma.

— Então, o que há de errado com as minhas tatuagens, afinal?

— Quer tomar alguma coisa?

— Aqui?

— Aqui perto — ele me olha bem —, daí pode me contar essa história de rampa vertical. É isso a tatuagem, então? Não é um muro?

— Não — eu digo — Não sei.

Ele ri. Ri e torce o pescoço deformando a máscara chinesa perto da orelha.

— Não sabe se é um muro?

— Não sei se consigo, agora. Tenho que levar meu pai ao médico agora de tarde...

— Prefere me encontrar à noite, então... Tudo bem. No Bistrô aqui perto. Seis horas está bom pra você?

O Ringo Starr está sangrando no meu ombro e o médico diz que é uma síndrome muito comum em diabéticos.

— Síndrome... — eu repeti. — Quer dizer que não sabem a causa — eu falei, pensando, na verdade, sobre a ideia de jantar com Jack, sobre este ser o sábado mais longo da minha vida.. .E já que meu pai, que deveria ser o principal interessado no assunto, fica apenas ali sentado, feito uma criança comportada e não diz uma só palavra. — Não é isso? — eu continuei — chamar um grupo de sintomas de síndrome, se é que eu entendi direito quando pesquisei a respeito, significa que justamente que não se tem a causa.

— Bem, não necessariamente. — não é tão raro, mas ele parece bastante surpreso que eu saiba disso. — No caso do seu pai, geralmente a alimentação é a causa, ou a própria diabetes... Quantos quilos o senhor perdeu mesmo?

— Todos — ele falou afinal — Bom... Qualquer um perderia peso, não? Se sentisse gosto de leite de magnésia em tudo.

Se dizem que a causa pode ser isto ou aquilo ou aquilo outro, significa que não se sabe a causa.

— Pois é. Geralmente esse síndrome acomete pessoas que perderam peso muito rápido. E em diabéticos.

— Mas não é a síndrome que deixa ele sem paladar?

— Bem... Sim...

— Então é a síndrome que está emagrecendo ele.

O médico recomendou uma espécie de conserva, um preparado para substituir o sal. Legumes, ervas, vinagre...

— Você junta tudo isso num potinho...

E meu pai saiu tremendamente decepcionado do hospital.

— Antes eles tinham medicamentos — ele diz enquanto esperamos o táxi que eu chamei pelo celular— Agora ficam trocando receitas culinárias com o paciente.

Sua cabeça vai para um lado e para outro em negação. No dialeto dele ficava claro como ele entendia: não adiantava. Não adiante. Nada iria, dessa vez, suavizar sua queda e sua cara era a de quem tomou um café muito ruim.

Eu levo o meu pai de volta pra casa. Subo com ele para o apartamento e daí, do nada, ele levantou o dedo como que pedindo licença e, naquela voz falhada, fala:

—Cadê os outros?

— O quê?

— O John, o Paul, o George...

— Ah isso. Quem se importa?— Eu busco na gaveta dois garfos, duas facas e as disponho sobre a mesa. Eles parecem reluzir mais quando postos em contato com a madeira rústica e pesada da mesa. — Achei que o Ringo fosse o seu preferido.

Ele sentou no lugar que indiquei, tranquilo, olhando o horizonte pela varanda.

—Meu preferido é o Paul.

Depois pareceu curioso, aproximou as sobrancelhas uma da outra e voltou-se pra mim:

— Por que alguém preferiria o Ringo?

Eu sentei à frende dele. Não sabia dar um motivo.

— Porque permaneceu vivo.

— O Paul também.

— Há controvérsias. As teorias da conspiração dizem que é um clone — falei isso tão séria que ele riu. Riu mesmo. De repente. Eu já tinha esquecido como era meu pai rindo.

— Mas é sério! — eu reafirmei — eu gosto do mistério que há no Ringo. Ninguém sabe o que ele pensa. Ninguém pergunta. Todo mundo vive atrás das opiniões do Paul sobre tudo. Há livros de citações do John. O George é o rei dos interessantes... O Ringo só está lá...

— Filha— Ele interrompe— os Beatles são maravilhosos. O Ringo não é.

Não toquei no assunto da bateria. Dei de ombros. Não queria explicar nada, nem parecer condescendente.

— Então nenhum deles é.

Ele ficou me olhando, calado, calmo, parecia estar lembrando de outra coisa.

O bistrô não é tão perto quanto ele faz parecer, devíamos ter pego a minha moto, eu penso. Percorríamos, devagar, algumas ruas já bem desertas, pelos estacionamentos centrais de clínicas médicas, hospitais, consultórios. O bairro está cheio delas: eu observo enquanto Jack fala, pausadamente, sobre arte, sobre intrigas e maledicências no século XIX, os carros passam, aqui e ali, voando, livres do trânsito.

— E o que você quer dizer com os fractais?

Estancamos na calçada. O bistrô se chama realmente Bistrô. Nós terminamos o cigarro para poder entrar.

— Que a beleza que há nos fractais é tão regular quanto qualquer outra. Os desenhos italianos, renascentistas, também eram matemáticos... E funcionam bem no corpo humano. Essa coisa elástica, curvilínea e natural que é o corpo humano. O problema é que se você esquece isso: se esquece o espaço em branco. A vida e o incontrolável dela. Pode acabar fazendo tudo ruir. Despencar.

Será que é isso que eu preciso? fazer tudo ruir? Despencar? Penso dando a última tragada e Jack, que já apaga o dele no cinzeiro da porta, como se lesse pensamentos diz:

— Não, não é isso que você quer. Já vi isso acontecer. Já vi milhões de vezes.

Então entramos no Bistrô.

— Eu trabalho na geladeira da TV Pontal— digo a Jack.

O garçom nos serve com todos os gestos previstos no protocolo. A tentativa meio secular de fazer o trabalho com a perfeição do anonimato, como se quisesse nos fornecer a ilusão de que as taças se servem sozinhas, que os pratos com aperitivos, sujos e vazios, somem magicamente da mesa. Enquanto eu tento explicar também, mais ou menos o meu trabalho:

— Quando você vê demais uma coisa — digo —, seu cérebro, automaticamente, o anula para que você possa prestar atenção em estímulos novos.

Assim, o garçom, este do Bistrô, se posiciona do lado mais adequado, foge do campo de visão e nunca nos interpela diretamente e de frente... Este exemplo seria perfeito. Exceto por um detalhe: sua aparente proximidade com Jack. Eles se cumprimentam com olhares engraçados, a farsa se quebra, depois se reestabelece quando o garçom olha discreto para a minha direção. Serve-me com muita cerimônia.

— Você tem mesmo esse hábito? — Pergunto a Jack— Vir tomar vinho no fim do expediente?.

— Não — Jack sorri mais um pouco — Só às vezes.

Mas só quando o garçom se afasta. Quando vira de costas... (eu não vi quando ele me serviu. Não tinha dado pra ver antes de virar), indo embora é que eu vejo a tatuagem: há uma chama escapando de suas costas, saindo pela gola de sua camisa, bem na nuca.

— Fui eu — Jack afirma. Eu volto a olhar pra ele em sua expressão de eterno tédio, mesmo querendo ver melhor o desenho no garçom — e ele até que aguentou firme — ele continua — foi, certamente, uma das coisas mais dolorosas que fiz em alguém.

E quando tento voltar a ver o garçom e sua tatuagem, é tarde.

— O que era?

— O quê?

— A tatuagem.

Jack sorri. Devolve:

— Te pareceu interessante?

Já era tarde. Ele já havia sumido. Desaparecido, profissionalmente.

— Os repórteres também fazem isso nas matérias de TV— eu digo a Jack, porque é minha vez de falar. Aponto para o espaço por onde o garçom desapareceu. — Fazem isso: desaparecem nos arquivos.

E talvez tenha sido o fato de ele ter perguntado, ou o modo como continua me olhando no desconforto do silêncio. Talvez seja hora de dizer: “Sabe, sou fraca com bebida”.

Deve estar no código de ética dos garçons, eu suponho, devolver-nos a ilusão de que depois, quando formos nos lembrar do jantar, eles não vão estar mais lá, não serão mais importantes que a coluna à nossa direita, ou o corredor que dá pro banheiro. Não vão estar lá estragando a recordação como turistas estranhos fazem em nossas fotos de viagem.

— Parou de beber?

E sobre o que eu faço, sobre meu trabalho maçante de arquivista, minhas éticas trabalhistas. Tudo o que consigo dizer é que eles, os repórteres, precisam posicionar-se de um jeito que torne fácil remover dali, depois, sua imagem, para dela arquivar apenas o que é essencial. Que é isso que eu faço.

— Vou lhe servir um pouco mais — avisa.

— Imagine seu cérebro — eu digo a Jack e minha taça vai se enchendo —, suas memórias todas como uma grande empresa, uma repartição, e há sempre alguém encarregado de alguma coisa... Acesse suas memórias de jantares em restaurantes. Você consegue ver os garçons? Não? Pois então, esse é meu encargo: eu sou a pessoa que

apaga os garçons, que edita as imagens pra você e depois, quando precisar delas, vai pedir pra mim e vou te trazer o que houver de fundamental naquilo. Vou saber exatamente onde está.

Achei que foi uma resposta bem clara. Bem explicada. Mas Jack ri

— Minha pergunta — ele ri — foi sobre esse outro trabalho que você teve. Sobre essa história de ser atleta.

Devo ter corado.

— Você foi sempre tatuador? — devolvo;

— Não. Eu ia ser desenhista. — me conta — Eu era bom com desenho, um dia descobri a tatuagem... — as coisas assim, na vida dele, enfileiradas, uma coisa levando à outra, o êxito como se fosse algo inevitável — Foi fácil. Tenho que reconhecer isso: E acrescentou: Você não conseguiria obter de mim nenhuma história sobre tenacidade, perseverança, sobre vencer perante as adversidades. Não. Comigo foi tudo muito fácil. Sem adversidades.

Acontece que eu sei do acidente.

— Não quer dizer que não seja uma história boa.

— Não é. Acredite. A sua com certeza é melhor.

Só que a minha é mais simples que a dele, mais abrupta, também.

— Caí da rampa. Durante a manobra — mostro pra ele o arabesco como se estivesse mostrando um vídeo que filmasse exatamente o momento em que isso aconteceu. — E então acaba — eu digo: — acaba. Fim da história.

E fazer uma manobra de patins inline nada mais é senão desenhar no ar uma forma. O meu consistia num salto circular dado de costas, mas do qual eu voltaria de frente de pé, na rampa, eu desenho o percurso no ar para que ele entenda. Ninguém tinha essa manobra e, se desse certo, viraria a manobra Samara. O problema é que não deu certo. Eu caí. Despenquei dela, da manobra, com os patins o capacete.

—O desenho é o espaço em branco que preservamos— ele responde, finalmente.

Ele responde, sem titubear. Com o ar grave, mas sem me olhar, como se estivesse pensando em voz alta. Depois me olha, e suspira. É a coisa mais fantástica do mundo pensar nas coisas dessa forma.

— Acho que já bebi demais — eu disse a Jack — Se importa se eu for andando? Ele olhou pra mim, como se fosse a última vez que nos veríamos.

— Não, claro que não.

— Você vai continuar aqui?

Ele faz que sim. Eu levanto da mesa e vou embora, assim, boba e subitamente. Caminhando com algum calor que me era justo, e olhando para o mundo inteiro enxergando apenas as lacunas nos espaços que sobravam em cada coisa.

Passa das dez quando chego em casa.

– Onde você estava? – Marcelo quer saber.

– Dei uma volta de moto – respondo –, passei no estúdio... Não precisa ficar assim.

Mas ele já tinha ligado para todos os nossos amigos, todas as amigas que não vejo há tempos, para meu trabalho, dado voltas e voltas no quarteirão e tudo isso ele me conta caminhando atrás de mim pelo apartamento e sacudindo as mãos como se tentasse se livrar de algo ácido que tivesse grudado nelas.

– Mas que absurdo é esse? – eu pergunto, esvaziando os bolsos na gaveta ao pé da cama – ligar para todo mundo. Deve ter uma porção de gente preocupada, agora.

– Achei que o intuito de ter a moto era poupar gasolina e não sair queimando o combustível.

Como eu não falo nada. Não justifico ou discuto, ele apenas fala:

– Porra, Não faça mais isso.

Você faz cálculos. Cada centavo que eu tinha economizado até ali me deixava mais perto da nova sessão. Agora talvez sejam várias. Pensa nas voltas do trabalho, serão bem tarde a partir de agora

– Escuta essa: acho que pensei no conceito completo de como vou me tatuar.

Ele saltou da cadeira, trincando dentes.

– Vai fazer mais uma?

– Sim. Mais uma. Mais várias.

– Não vai fazer isso – ele diz – não pode fazer isso de verdade.

Dou de ombros. Eu não digo mais nada. Ele vem atrás de mim. Brigamos a noite inteira com os argumentos mais babacas, os travesseiros voam pelo quarto, os gritos dele ecoam no andar. Então eu canso. Digo que vou sair de novo, que volto quando ele estiver mais calmo.

– Não vai – dispara em minha direção e me segura pelos braços, grita, e eu luto pra me soltar – não vai porque se for, pode apostar que eu não estarei aqui na volta.

– Sim, faça isso. – eu falo, e talvez tenha sentido com a fala, algum prazer estúpido que me faz ir mais fundo. – Ninguém te chamou aqui, até onde eu lembro.

Pego as chaves da moto sobre a mesa, saio batendo a porta.

“O que estava acontecendo?” Eu paraliso no meio da escadaria como se estivesse sob efeito de algum feitiço, até onde eu me lembro, nunca tinha batido uma só porta na vida. Nem dizia também coisas que eram claramente nocivas, claramente para magoar, até que ouço o som de coisas quebrando dentro do apartamento. Pratos? Talvez copos, ou que seja, me tiram daquele estado de torpor, e era como se quebrassem dentro de mim. Forço-me a continuar descendo. Paro, de novo, mais um segundo entre o último e penúltimo degrau. Ao fim, continuo o percurso: “é só sair”, digo a mim mesma “é só continuar saindo”. Pego a moto na garagem, dou a partida pelo pé. “É só sair”. “É só acelerar. Isso. Só mais um pouquinho. Basta passar do portão da garagem. Passar do portão com a moto: você fez isso milhares de vezes. É a coisa mais simples do mundo”.

É isso. Eu saio como um carro que anda com o freio de mão puxado. E quando volto para o apartamento, uma hora depois, com o tanque vazio – a cabeça, realmente, eu me sinto mais calma, pronta a conversar civilizadamente, explicar, ouvir, dizer: “sei que dá medo quando a pessoa que está com a gente passa a acreditar em coisas novas, ou viver de um jeito novo”... Mas Marcelo não está mais em casa.

Marcelo não está. Tinha cumprido a ameaça: a mochila que costumava ficar sobre a cadeira da escrivaninha desapareceu, e antes mesmo que possa dar o próximo passo na direção do banheiro, da varanda, posso sentir a ausência dele pelo silêncio, pela calma do ambiente, vinte e dois metros quadrados de ausência. Ele costumava encher cada centímetro do ambiente com uma energia que, na falta de palavra melhor, eu caracterizaria como *ânsia*.

Sento na cadeira. O gosto do sauvignon blanc está ácido em minha boca ainda, olho pela janela o reflexo do poste sob a rua deserta. É claro que eu queria Marcelo fora dali. Claro que as coisas não estavam dando certo, e que era melhor evitar o desgaste inevitável que se seguiria, que se arrastaria por meses e anos de infelicidade conjunta. Eu já tinha pensado nisso. Mesmo assim, minha sensação ao chegar e dar com o apartamento vazio, a cadeira desocupada e aqueles móveis novos e a falta de uma das escovas de dentes sobre a pia, não era, não é, exatamente de contentamento.

Como sempre acontece quando rompemos um relacionamento, o dia seguinte amanhece coberto de nuvens. Não é possível, eu digo para mim mesma, só falta soltarem uma trilha sonora triste e começar a chover.

Chove.

Chego toda molhada no trabalho.

Durante todo o tempo que passo na geladeira fico pensando se não devo, se não devia mandar uma mensagem para Marcelo. Penso nisso enquanto arquivo, sem mudar as retrancas, as fitas do dia. Penso nisso batendo o cartão e saindo para o horário de almoço na direção do Banco do Brasil ali perto. E penso nisso também enquanto espero, na fila do caixa automático, sacando todo o conteúdo da minha conta bancária, oitocentos e trinta e seis reais, e enfiando dentro da bolsa – . Uma só tatuagem que cobrisse o restante do braço custaria quatrocentos – Naturalmente, quando caminho de volta na direção do restaurante conveniado com a empresa – Quanto tempo seria possível viver com quatrocentos reais? – de novo, olho para o visor do telefone. Zero ligações. Zero chamadas. Entro no restaurante.

O diabo é não ter a menor ideia do que escrever caso seja necessário fazê-lo. Revisando todo o conteúdo da discussão fica cada vez mais óbvio que o meu papel ali fora majoritariamente passivo. Marcelo foi quem deu um ultimato. Ele foi quem resolveu partir. Para mim, então, resta apenas esperar. Peço, do balcão mesmo, um sanduíche natural de frango pois as mesas da parte refrigerada estão cheias dos jornalistas. Olho de novo o visor do telefone. 13h45, torno a guardá-lo, constatando, aliviada, que estava olhando o visor a cada quatro minutos.

É um avanço tremendo se comparado a dez horas antes, quando perdi a madrugada inteira olhando para aquele visor sem deixar que se apagasse, encolhida, ridícula, debaixo da mesa, junto à tomada. Era uma noite quente, abafada. Para onde ele teria ido? para a casa do irmão, de Matheus, da mãe? A bem da verdade, não tinha importância alguma: eu não pretendia visitá-lo, nem mesmo ligar para ele ou responder possíveis mensagens durante a noite; queria apenas *saber*. Queria *fazer alguma coisa* Cogitava ligar para Tatiana e dizer que ia. É, isso mesmo, eu ia nessa tal viagem para a tal Tattoo Weekend. Era num lugar bom, afinal, para ir. Eu gostava de estar na praia, não gostava? Podia ganhar uma tatuagem de graça no evento, não podia? Não podia valer o gasto.

Me contive e liguei para ela lá pelas 6 da manhã, o telefone não fazia mais senão chamar e eu deixei uma mensagem de texto perguntando, cheia de esperanças, se ainda podia ir. Só às 9h, quando eu já estava de volta ao looping de pânico dentro da geladeira, finalizando o Power Point do treinamento do Dedoc, ela respondeu pedindo desculpas, mas informando que em virtude do feriado, a van acabou ficando acima do limite da lotação. E ia ter um temporal dos diabos – ela me informou– muita gente que vai surfar pegou carona na excursão para evitar a direção perigosa.

Encerrei a ligação com raiva, por que estava dando tanta importância àquilo da noite para o dia? Da noite para o dia, literalmente? Estava com os nervos à flor da pele, o trabalho tinha sido dobrado ao longo da manhã, Requeri formalmente duas malditas horas-extra e um almoço, começara seis atividades diferentes de uma vez, aquilo não era racional.

Tatiana passa por mim no restaurante. Tira os óculos, um tipo de Ray Ban espelhado, que sim, estavam voltando à moda, eu já tinha reparado, e lança um sorriso na forma de cumprimento pra mim. Um sorriso que me fez imaginá-la em roupas de passeio, camiseta no

lugar da camisa. Se eu fosse Tatiana minha previsão não seria a de passar as próximas horas consultando o celular minuto a minuto, mas sair do trabalho com a mala pronta, entrar numa van rumo ao litoral. Eu teria, no meu entorno, a atmosfera promissora que essas viagens costumam ter quando um bando de pessoas com interesses comuns e muito, muito particulares, resolvem se juntar e “pegar a estrada”.

Sorriso de volta, com uma inveja desmedida. E ela vai sentar junto aos repórteres.

Porque me lembro exatamente como essas viagens tendem a ser vistas e lembradas pelos próprios viajantes. Na memória, são mais ou menos como uma montagem composta por muitos primeiros planos, rostos que sorriem na luz bonita e estourada. Um filme de Cameron Crowe, praticamente, “está tudo acontecendo”. Vão tirar selfies. Eu não devia ter tocado no assunto da rampa ontem com Jack. Porque ter tocado nele faz com que agora eu lembre que essas selfies, apesar de ter nome novo, já era uma prática quando naquele torneio de 1999 eu segurei, na van, uma pequena Kodak portátil voltando-a para meu próprio rosto, e disse ‘junta aqui atrás, vocês’ de um lado do meu ombro havia o Túlio, do outro o Lipe, mais alguns três de quem não lembro o nome. E isso era um testemunho vívido de que 1) Estávamos juntos. Ninguém ficaria fora de quadro, da foto. O momento era compartilhado e a força da imagem não dizia respeito à fotogenia de ninguém, não era um retrato de uma pessoa mas da união de três adolescentes bravos, que estão mandando a escola às favas, que não estão sonhando com cargos bem remunerados, ou em jogar futebol ou ser modelo. E de que: 2) Estávamos sozinhos. Ninguém no comando. Ninguém do lado de lá da lente, para dirigir, para dizer ao Túlio que sua orelha seria cortada da imagem, para dizer ao Lipe que se abaixasse nem que... 3) que vistos do lado de fora, o que éramos senão: um bando de idiotas inviáveis. Perdedores, que não conseguindo sucesso ou aceitação em mais nada fundaram o próprio clubinho dos desesperados com patins horrorosos amarrados aos pés e calças cargo, para saírem juntos, confraternizarem-se sua moedinha: quem é o idiota que salta mais alto?, e se estão juntos, se conseguem se juntar, nem é por outra coisa mas porque os idiotas são muitos no mundo, por mera estatística acabam se cruzando e inventando pretextos: convenção de tatuagem, torneio de patins inline, dominó na praça, escritores de fim de semana. Um bando de fracassados, essa merda toda. Enxugo a patetice dos olhos. Termino meu sanduíche. Penso de novo em Marcelo sem evocar sua imagem mas a de sua mochila. Uma enorme Targus, preta com azul e cordinhas listradas em p&b balançando nas costas do zíper como fitinhas em um jipe num rally. Saio do restaurante num cansaço imenso. Bato o cartão de volta, caminho os passos que me cabem dar até a geladeira, resignada.

Passa das 16h quando finalmente o telefone chama, eu já estava terminando o serviço e o nome Jack, piscava no visor.

—Quis saber se chegou bem em casa, noite passada.

—Sim — respondo com um certo desânimo que me escapa da voz na forma de um suspiro — nenhum assaltante, estuprador... Está tudo bem. E você?

Começo a desligar o computador. Sobre a mesa coloco o material da seleção. Na gaveta pego os antiinflamatórios. Jack não estava esperando o meu tom de desânimo, e pede desculpas, se estou ocupada.

— Estou saindo do trabalho — eu digo. Ponho fitas do bom dia sobre a mesa, pego a bolsa, deixo um recado para Sérgio.

— É que eu queria saber... — ele disse — ... sondar: aquela van para a praia, que você disse que iria... Estava pensando se havia vaga para mais alguém.

Eu saio da geladeira, arrumo a blusa enquanto caminho com o celular apoiado no ombro.

— Não, não tem — atravesso a porta de vidro para a recepção, passo o crachá batendo o ponto — Na verdade, eu mesma já tinha desistido da minha vaga. É uma pena... — eu digo.

— Ah.

Atravesso a guarita vendo as nuvens se acumularem, cinzas, acima dos telhados.

— Parece que vem vindo uma chuva forte. As pessoas estão evitando dirigir ou coisa assim e pegam as vans... — caminho em direção ao estacionamento procurando as chaves da moto dentro da bolsa.

— Que pena, então.

— Nem me fale — eu disse. — Até perguntei para a garota se não sabia de outra van, se não tinha ônibus...

— Ora — ele interpelou — queria mesmo ir, então.

— Queria — disse — Você nem tem ideia.

— E, tem medo da chuva?

Eu rio. Parei ao lado da moto esperando para desligar o telefone e colocar o capacete.

— Se tenho medo da chuva? Bem, não, mas a minha moto tem 100 cilindradas, nem se eu fosse louca pilotaria sozinha numa coisinha dessas até o litoral.

— Não é o que estou querendo dizer.

— Se tenho medo de chuva...

— Estou, na verdade, querendo perguntar se teria coragem de ir comigo, de carro?

— Com você?!

— É. Apenas comigo. Eu dirijo.

— Mas não tinha dito que...

— E eu também precisaria de tela — acrescenta —, quero dizer... Se eu for me inscrever na competição, creio que posso contar com você para ser tela, não é?

— Bem... Pode, mas... — respondo debilmente.

— Que bom. Então, prefere que lhe pegue agora, aí no trabalho ou quer passar em casa, antes?

— Está falando sério?

— Veja, está ficando tarde. Acho que está claro que não temos muito tempo.

Que talvez todo mundo precise daquela bobagem que os comerciais nos empurram: viagens transformadoras, a ideia de que podemos rodar esses 270km e aí sim vamos encontrar As Respostas. Ou descobrir e nos conformar, que não há resposta nenhuma... É isso o que Jack fala, ou é o que entendo sobre o que ele fala, pois sua voz chega com dificuldade aos meus ouvidos. O rufar alto da chuva sobre a capota é ensurdecador e há um caminhão à nossa frente limitando a visão do que vem adiante.

– É seu caso? – pergunto – foi por isso que resolveu vir, afinal? Atrás d’As Respostas?

Ele acelera na direção da traseira do caminhão.

– Não – responde –, eu vim porque estava sozinho em casa, esses dias – diz como se houvesse relação lógica entre as duas coisas – Ia acabar fazendo merda se continuasse daquele jeito.

– Hum – eu fiz que sim com a cabeça –, mas duvido que possa evitar.

Ele dá sinal pedindo a vez para ultrapassar. Não é atendido.

– Por quê? – questiona – Por que acha isso?

– Merda a gente faz em qualquer lugar – esclareço – Não acha que pode fazer isso lá também?

Mas Jack parece concentrado na negociação da pista. Lança uma luz alta. Aperta os olhos.

– Merdas menores. Posso sim – ele liga a seta se adiantando na direção da faixa oposta – Mas pelo menos assim tenho uma desculpa para não estar na cidade amanhã – diz entrando na contramão

É aí que vemos um par de faróis acenando com o corte de luz à nossa frente. Obrigam Jack a reduzir bruscamente, voltar para trás do caminhão, liberando espaço. Um jato d’água se atira sobre o para-brisas dando, por um instante, a sensação desconcertante de visibilidade nula. Jack apenas ativou os limpadores, e permaneceu na velocidade de oitenta por hora, e como se nada tivesse acontecido, apenas disse:

– Eu não posso estar na cidade amanhã.

Então a princípio eu talvez estivesse, vá lá, apenas me entregando à ideia clichê do “cair na estrada”, e o status amistoso, vagamente distante, da relação que eu até aqui vinha mantendo com Jack, era propício ao empreendimento. Mas agora, que Jack recomeçava sua tentativa de ultrapassagem, com o caminhão acelerando junto, emparelhado conosco, vai ficando óbvio o

motivo da palavra “*coragem*” ter permanecido em minha cabeça com muito mais força que a menção ao carro alugado, ou à companhia dele. A estrada é perigosa, claro: falta duplicação, a chuva anula a transparência do pára-brisas e Jack – a única imagem que eu tinha dele fora do estúdio de tatuagem envolvia acidentes fatais em rodovias como aquela – parecia ter uma fantástica propensão à velocidade. Ele passa à frente do caminhão, finalmente. Aos poucos volta, vitorioso, para a pista à direita, de onde podemos voltar a ver o horizonte manchado de vermelho, borrado de umidade. Comenta:

– Dopamina e noradrenalina... – falou. Repedi para si mesmo o que eu já tinha dito, virou-se de novo pra mim, depois – você disse que queria vir por precisar de dopamina e noradrenalina... – sorria – Acha que vão te arrumar umas extra por lá?

– Não – eu falo. – Claro que não. Mas às vezes a gente precisa complicar um problema, para poder resolvê-lo de verdade – e sem fazer nenhuma transição, como se estivesse ainda no mesmo assunto, pergunto:

– Como é que é isso de Tattoo Weekend, afinal?

Na verdade, antes mesmo de entrarmos na rodovia, já tinha ficado claro que o tempo jogaria positivamente contra nós. O centro da cidade estava com vários pontos de alagamento, o trânsito inteiro era uma engrenagem travada com luzes vermelhas e buzinas soando de todos os lados. Já na BR, assim que entramos nela, fomos brindados com a visão de uma quatro por quatro capotada, de cabeça para baixo, no barranco. Isso havia me deixado levemente desconcertada, e foi difícil disfarçar minha vontade de ir na direção da fatalidade. Jack dissera “Vamos torcer para sair vivos dessa”, ao passo que eu só conseguia concordar relutante: “Sim, sim, claro. Sair vivos dessa. Você tem toda razão”. O problema é que agora, logo depois de uma ultrapassagem daquelas, lá estava um novo carro capotado no canteiro mais adiante.

– Meu deus – Jack comenta, sem reduzir a velocidade – Olha lá. É como dirigir pelo trem fantasma – está mal humorado de ter que dar com aquilo – Um susto a cada curva.

Mas se você reparar bem, vai ver que não tem fantasmas ali, que o que quer que tenha acontecido àquele pobre Gol ocorreu há tão poucos minutos que a vida ainda nem tivera tempo de se esvaír dos corpos. Veja as luzes do farol ainda acesas e essa contraditória fumaça embaixo da chuva.

– Acha que devíamos parar para ver se há como prestar socorro? – pergunto.

E ao escutar minhas próprias palavras, fica evidente para mim que a vulnerabilidade daqueles carros capotados, rodas para cima, no escuro dos barrancos me provocavam: “Nós estamos a pelo menos cinquenta quilômetros da última cidade e nenhuma ambulância ou reboque cruzou com a gente até aqui. Talvez haja alguém aí dentro. Eles precisam de nós”.

Mas Jack, com os olhos fixos na estrada, nem chega a reduzir a velocidade.

– Não nessa hora. Não nessa chuva – ele se divide entre olhar para frente e espiar o outro carro pelo retrovisor, olha pra mim quando percebe que o encaro, daí explica: – É perigoso.

Qualquer um concordaria com ele: a chuva tinha acabado de aumentar, bastaria pisar no freio, bastaria caminhar a pé com um maldito triângulo sinalizador, e então seríamos nós os

vulneráveis, dois corpos que não emanam brilho entre uma curva e um barranco, numa estrada sem pardais, ainda por cima perto de um carro recém capotado de onde sempre se pode vaziar óleo...

– Pode ligar para o Samu, de qualquer forma – sugere.

Só que não há sinal de celular aqui, e não demora, lá está mais um acidente.

– Puta merda. De novo?

É como se a estrada jogasse numa espécie de desafio comigo: Consegue ignorar um acidente? Certo. Mas consegue ignorar dois? Três?

– Agora, sim, devíamos parar – eu digo. E eu poderia perfeitamente continuar daí com um discurso, que gostaria de mostrar a Jack duas ou três coisinhas sobre como nós, da classe trabalhadora, como aprendemos a ajudar uns aos outros.¹³ É um moralismo incoerente, eu sei, que apenas oblitera um impulso mais abissal, meu, diante da questão: aquelas latarias resplandescentes arruinadas em segundos, ossos quebrados, braços estendidos para fora de janelas pedindo socorro – parece tão bonito. E é tão sem graça, tão lugar-comum simplesmente deixar tudo aquilo ali em vez de aproveitar a ocasião, aceitar o desafio, mandar a cautela às favas, viver perigosamente e, ora, mas que merda, participar de um maldito resgate?

– E se o desafio fosse, não para sua educação cristã, ou seu espírito aventureiro, mas para o seu bom-senso – sugere – Talvez essa estrada esteja testando sua capacidade de resistir ao impulso. Até os aviões dão nos informes, algo sobre pôr a máscara primeiro no próprio rosto.

– Parece que tinha alguém preso nas ferragens, ali.

– Bobagem – ele diz – está imaginando coisas.

E a medida que vamos deixamos carros para trás – o seguinte é um choque de frente entre um carro de passeio e um caminhão – eu compreendo: ele não vai parar. Não pararia de jeito nenhum, pelo contrário, parece ir ainda mais rápido como se o mero fato de estar perto de onde as coisas ocorrem pudesse, de alguma forma, incriminá-lo ou contaminá-lo.

– Sua irmã morreu em um acidente de carro, não foi?

¹³ Eu não estava exatamente dando ouvidos, pensava sobre algum retorno de algum acampamento, quantos anos eu tinha? Uns nove? Oito? Nós paramos para ajudar uma caçamba que havia atolado. Eu lembrava do esforço, dos gritos de ordem. A operação de esvaziar a caçamba, toda a coisa de fabricar uma alavanca, lembro que havia uma criança que precisava ser levada ao posto, lembro de como ela era quentinha nos meus braços enquanto eu corria a pé na direção do posto policial – era incrível como não sentia dor, nem frio, nem cansaço – A criança chorava muito, é verdade, e eu nem gostava de bebês, mas eu estava satisfeita por ter recebido a tarefa mais ativa. “Tu corre rápido mesmo, menina?” – me perguntaram – e quando voltei, a caçamba ainda estava lá e levou a madrugada inteira para desatolar. mas quando isso aconteceu **todas as** comemoraram. Eu cheguei em casa de manhãzinha, minha mãe de camisola já estava espreitando no jardim, coberta por um enorme casaco. Ela se espantou quando viu o estado da van, meu próprio estado com lama até dentro dos ouvidos. Me disse, muito triste que a enchente na região matara mais de dez pessoas. Mas eu estava sorrindo. Eu estava mais do que satisfeita.

Na mesma hora, como numa espécie de impulso, Jack coloca o pé no freio.

– O que disse?

O carro derrapa bambo na pista molhada.

– Como pode saber disso? Quem foi que te contou?

Eu seguro com força no painel à minha frente, percebendo que gritei de susto, ele retoma o controle da direção, volta a acelerar. O que posso fazer senão tentar respirar fundo?

– Eu vi a matéria que fizeram na TV – explico – os casos não solucionados... – mas as minhas ideias não se organizam em frases coordenadas – nesses dias me foi solicitado algo como CASO ANDRADES... eu estava na retranca acidentes... – olho para ele – Alguém ainda está respondendo processo?

Evidentemente que ele não entende nada. O que são retrancas, que caso Andrades é esse. O que isso tem a ver com a história. Eu conto então do meu sistema de aprendizado. Falo das fitas que levava para casa, o caderno onde colecionava recortes, *print screens*, falo que a fita do acidente dele, eu tinha chegado a leva-la comigo no dia que propus a tatuagem surpresa, mas ele permanece nervoso.

– Se sabe do caso a partir das matérias que foram feitas pelo jornal onde trabalha, então não sabe de nada – ele diz e acelera mais, 110km/h, e ele acelera até grudar na traseira de um novo caminhão à nossa frente. – Os jornalistas são incompetentes. Não mostram as coisas do jeito como acontecem de verdade.

– Você e sua irmã eram apegados?

Ele fica intercalando olhares entre os retrovisores e a estrada, como se pensasse na resposta certa. Ou como se não pudesse responder aquilo apenas como sim ou não.

– Ela se chamava Carla.

E eu fico quieta, fazendo que sim com a cabeça. Sua pele do rosto parecia ter sido repuxada para trás e sua mandíbula se tornara mais pronunciada como se ele mascasse um chiclete muito duro. A chuva vai reduzindo sua intensidade. Jack desiste de ultrapassar e vai reduzindo a velocidade.

– Era a pessoa mais importante do mundo – o caminhão à frente toma distância de nós – Deixa eu te contar como foi aquilo.

Ao fim, eu não entendi muita coisa. Ele me contou basicamente que era uma rodovia federal, a BR 101, que ele estava dentro do carro também, que foram quatro carros envolvidos no acidente, o caminhão vinha na faixa contrária.

– É estranho como você se pergunta – ele diz – por que ela? Sim, como pode, no mesmo carro, mesmo acidente, mesmo impacto, uma pessoa morrer na hora, e a outra que parece tão mais frágil, sair com cortes meramente superficiais.

– Bem, parecem perguntas bem inúteis se quer saber o que eu acho.

– Inúteis?

– Se nada vai trazê-la de volta, não é? Sei lá, esse empenho todo, vingança, processos... Parece inútil. *Acidente* não tem esse nome a toa.

– Não é isso que dizem no seu jornal.

– Eu não ouço o que dizem no meu jornal.

– Ahn?

– A televisão do dedoc não tem som, apenas imagens. Eu vi o seu rosto, os destroços, vi o carro todo amassado, uma três por quatro da garota...

– E o que mais?

– E você olhando com raiva para a câmera. Através da câmera. Sério. E recusando-se a responder qualquer coisa que lhe perguntassem.

– Pareceu o bastante?

Faço que sim, sem muito interesse, não estou a fim de dizer o óbvio, que tinha ficado fascinada pensando: aí está um sobrevivente. E então a chuva recomeça.

Passa das 23h quando entramos na cidade.

– É melhor ir direto ao credenciamento – ele diz – se procurarmos hospedagem, não vamos ver mais nada.

Paramos o carro em uma rua que parece movimentada. Faz frio. Abrimos as malas procurando casacos e descemos a avenida com os braços cruzados.

– Consegue reconhecer quem está tocando? – pergunto.

– Nem em mil anos. Não gosto desse tipo de música, na verdade.

Eu rio. Foi pergunta maldosa, claro.

– Ora! – ele retruca, num tom indignado – o que está querendo insinuar?

– Nada! – e eu também tenho um tom irônico, também exagero na ênfase – Só que você com seus Beethoven ou, sei lá, seus concertos para piano...

– Hum. Você ficaria surpresa.

Passamos ao longo de uma pequena praça com bancos pintados de branco e canteiros de bougavílias.

– Bem, não se preocupe. Eu também já não sou exatamente fã de música já há muito tempo.

Não é difícil achar o lugar onde o evento está instalado. O credenciamento é rápido, Jack dá apenas essa mesma alcunha enquanto eu tento espiar, sem muito sucesso, seu nome verdadeiro na ficha. Estamos cansados, isso é evidente em nossa postura, os músculos ainda comprimidos da viagem parecem reclamar da temperatura.

– Tenho que comer alguma coisa – ele diz – um sanduíche ou algo assim.

Eu concordo. Concordo e é assim que passamos a vagar ali pelas arestas da multidão procurando algo para pôr no estômago entre os carrinhos que oferecem toda a sorte de comida de rua. Acarajé, pastel, hot dogs... – desprezamos todos eles. É como se que já tivéssemos passado do estágio de fome ‘como qualquer coisa’ para o seguinte ‘agora já não faz a menor diferença’, e seguimos fastiosos, torcendo o nariz para tudo, passando duas, três vezes, pelas mesmas barracas.

– Acho que tenho uns biscoitos na mochila – ele diz, ao fim.

Francamente, não me importa muito.

– É. Vai ter que servir.

E voltamos na direção do carro.

É preciso andar ainda uns vinte metros, para finalmente darmos conta de estamos na direção errada; para voltarmos, vencidos, em direção à praça onde um garoto, não devia ter mais que doze anos, acena com um isopor no centro da calçada “refrigerante!, água!, cerveja!”, ele anuncia “Duas cervejas ao preço de uma!”. Paramos assim: com Jack me lançando um olhar interrogativo e eu assentindo.

– Bem, uma bebida sempre ajuda a aquecer, eu acho – e isso é o “sim” que consigo dar.

Uma long neck para cada, um, portanto, que já são entregues abertas.

– Mesmo quando se trata de cerveja?– ele questiona dando um gole na sua. Eu mudo de assunto:

– As pessoas te conhecem aqui?

Ele já tinha me explicado antes, horas atrás: parou de participar desses eventos porque não entendia direito como funcionavam. Porque dão muita importância ao desenho, o que é, segundo ele, uma forma infantil de ver a coisa. Voltamos a caminhar em busca do carro.

– Do ponto de vista estético – ele diz em seu passo lento –, uma tatuagem tem o mesmo valor de um bibelô de porcelana. É memorável, artesanato, quero dizer. Para mim, ser um bom artesão não é um problema, eu realmente me empenho em dominar a técnica, e é isso o que conta aqui.

– Mas estava interessado na arte, não no artesanato– completo.

– Soa ingênuo?

Eu acompanho sem esforço a passada de Jack.

– Não pra mim – eu dou outro gole na cerveja – mas, ei, eu sou o tipo de idiota que tem um caderno intitulado “diário de observação visual” – rio – que nada mais é senão um álbum de figurinhas. Ou um *pinterest* analógico.

– Não é nada idiota – ele para de andar pra dizer isso. O que me obriga a parar também olhar para trás–, muitos grandes gênios fazem isso. Quem falou para você que era idiota fazer uma coisa dessas?

Apenas desconverso. Quero continuar em frente. Quem disse? Eu não quero pensar em Marcelo, não quero porque pensar em Marcelo porque isso me faz enfiar a mão no bolso procurando o celular e este celular eu tinha esquecido no carro. Ele volta a caminhar.

– Quais são seus planos artísticos, afinal? O que te interessa nessa feira?

– As pessoas – ele responde – do sexo feminino, principalmente.

Eu devo ter feito uma cara um tanto assustada, pois ele se apressa em dizer que Não, não. Eu tinha entendido mal sua frase. Justifica:

– Digamos que eu tenho há muito tempo em minha cabeça um modo de entender o mundo pensando no estrago.

– No estrago?

– Você, por exemplo, já considerou que essas tatuagens todas, que você pensa tanto a respeito, e que vão durar para sempre no seu corpo... Pensa nelas sendo retalhadas sem qualquer mística num necrotério? Ou pensa na falibilidade do corpo de maneira geral? Eu não sei. Penso nessas coisas. Penso isso sobretudo quando olho para a pele feminina, por possuir menos colágeno, talvez; ou por ser mais lisa, porque trabalhei com mulheres mastectomizadas... Isso tem me deixado de mau-humor. Penso em como tudo isso é inútil.

– Quer dizer que olha para aquela garota ali e a imagina morta? – eu aponto para a moça do cadastramento, que vai atravessando a rua na direção da transversal.

– Sim – ele responde – penso nisso desde que vi a foto dela, o pequeno avatar, no e-mail. Desde o momento da pré-inscrição.

– Mas agora, que a vi de perto, vendo que seus desenhos são feios...

– Mesmo assim – ele diz – desenhos feios também carbonizam em acidentes. Também são uma questão no final das contas. A individualidade que todo mundo corteja ao fazer uma tatuagem, ela só me faz pensar na humanidade da maneira mais geral: a carne, a morte, etc... É mórbido, eu sei.

– Bem, eu gosto desse modo de pensar.

– Está falando sério?

Dou de ombros. Nos demos conta, de novo, que estávamos na rua errada, teríamos que voltar mais uma vez.

E talvez tenha sido por isso, ele me conta, então, sobre ter se formado em Belas Artes contra todas as projeções do pai. Um homem desses rígidos que não apenas foi contra a ideia, como também não acreditava na coisa de maneira geral. Que não via no que podia dar uma

formação dessas que não se liga a nada de essencial do ser humano. Sempre vai haver crianças nascendo para os obstetras, sempre haverá divórcios, crimes, construção de cidades, de prédios, mas Belas artes? A que fraqueza inerente ao ser humano essa formação se ligaria?

– Ele era arquiteto – me conta.

– Um arquiteto não é meio artista também?

– Não. Não era esse tipo de arquiteto. Era mais do tipo que trabalhava em tudo, que fazia reformas como dividir um quarto em dois, enfiar banheiros em quartos grandes... Se orgulha até hoje de ter um olho clínico para ver a planta de uma casa e saber onde enfiar um banheiro extra...

– Ainda está vivo, o seu pai?

– Parcamente. Está numa casa de repouso.

– Hum.

– De luxo. Fez questão de ir, na verdade.

Ainda não entendo, de qualquer forma, como ele tinha acabado tatuador. Tudo o que ele deixa claro é que a tatuagem só veio depois, que deveria ter sido algo breve, um desses desvios pelos quais todos passamos – o juiz que teve uma banda de rock, a modelo que chegou a fazer parte da seleção feminina de vôlei, o rock star que se formou em economia – algo como um meio difícil que tornaria você uma pessoa mais interessante. E nisso tinha achado um jeito de ganhar muito dinheiro com o 3d reconstruindo mamilos em vítimas de mastectomia.

– De modo geral, tive certeza de que deveria me enfiar de cabeça num projeto de arte, que envolvesse, sim, técnica, desenho, figurativismo, mas apenas em sua unidade micro, entende? Como numa peça o figurino é importante, mas é apenas uma das partes fundamentais, é uma atividade micro, dentro de um universo maior que era a instalação, que por sua vez estaria inserida numa performance.

– É o que está fazendo?

– Como assim?

– Está trabalhando nisso? Nesse projeto de... arte?

E então ele ri.

– Não. Talvez algum dia... Quem sabe? Ah, ali está o carro.

E caminhando cada vez mais devagar, então, dando golinhos na cerveja, dando a ela tempo de acabar.

– E acho que sei porque me dou bem com você – eu disse, sem muita empolgação.

– Sabe?

– Claro. Eu olho para você. Está na cara que está insatisfeito com sua vida. Que esperava mais do mundo real, mais porque foi uma criança, talvez um adolescente, também, melhor que a média, mais esperto. Devia ser mesmo. E pensou talvez que, sendo uma pessoa excepcional,

estaria fadado a ter também uma vida excepcional com realizações excepcionais e agora depois de ter feito tudo à sua própria maneira, tudo o que tem é o trabalho, a contabilidade, o imposto de renda. É isso que ninguém fala para as pessoas excepcionalmente boas: Elas também vão falhar.

Eu falo, e à medida que eu me empolgo, vai parecendo óbvio que não estou mais me referindo a Jack. Eu falo de mim. Jack não destrava as portas do carro e eu paro ao lado dele, na calçada, agarrando meus próprios braços cruzados.

– Então em algum ponto você descobre que não. Não. Sua vida não será uma grande *realização*. A vida não é, aliás, uma grande realização é só uma grande massa disforme que vem entre dois eventos sobre os quais não se tem controle: nascer e morrer. Não é uma grande tragédia. É o que acontece com todo mundo. O que você não contava era que pudesse ser, você mesmo, com sua excepcionalidade, também um “todo mundo”. Precisou descobrir por conta própria, trabalhando, recebendo um salário, depois amargando o cansaço. Você acaba dando um duro danado para conseguir ter seu próprio apartamento, e depois mais ainda para mantê-lo. Vai cumprir toda a tabela: casar ou juntar-se com alguém, vindo em seguida e quando se der conta, metade de sua vida já ficou para trás e o que você conseguiu?

Eu percebo que estou falando com um tom de deboche franco e ele, alternando entre olhar para a rua agora deserta e olhar para mim.

– Você bate com força, sabia.

– Eu não estava falando de você, é claro.

– Bem. Certo. Então temos algo em comum. Acha que resolveremos alguma coisa aqui num encontro de tatuadores numa cidadezinha de litoral?

– Sinceramente? Acho que pode ser um começo – E ele parece ficar surpreso que eu não responda a isso com mais cinismo. – Você pode ganhar um belo prêmio em dinheiro, trabalhar menos nos meses seguintes e ganhar mais tempo para fazer seu... – eu fiz um gesto vago, e circular na direção dele – sua arte. E eu vou ter uma tatuagem nova, que era o que eu queria desde o começo. A tatuagem se liga, sim, a uma falha fundamental humana: violência. E meus medos – eu voltei-me para ele – eu me sinto mais real quando sinto medo.

– Muito bem. Vamos sair daqui – ele aciona o alarme, que faz dois sinais sonoros curtos, e destravando as portas, automaticamente – Temos que conseguir um hotel, ainda.

Ele está certo, temos ainda que conseguir hospedagem, mas eu não tinha pensado ainda, na palavra hotel.

– Se não se importa – eu digo – eu fico em qualquer lugar barato, e você me pega amanhã, na hora de ir para o evento.

Eu não tinha como saber que viajar sem reservas é uma das coisas mais estúpidas que alguém pode fazer em termos de orçamento. Esse é o tipo de coisa que só descubro quando depois de passar por cinco pousadas, dou com um único quarto disponível e pelo qual estão cobrando o valor de um quarto de luxo.

– Bem – eu digo, hesitante ao recepcionista, balançando a cabeça como se negasse.

– Está tudo lotado – ele me informa – se não ficar aqui, desculpe dizer, vai acabar dormindo na rua.

Do lado de fora, Jack me aguarda encostado no carro.

Há ainda um Camping no fim de uma ladeira que garante chuveiros elétricos, cozinha equipada, além de wifi e outras facilidades do tipo.

– Não tenho barraca – Jack diz, dirigindo – e ainda se tivesse, certamente não teria trazido comigo.

Nenhum de nós dois está irritado. Ainda conseguimos nos manter suficientemente distante da situação para achar, na ideia do camping, uma graça sinistra. Será preciso mais: mais fome, mais cansaço para corroer este delicado bom humor e eu, na certa, não teria tempo de ver isso acontecer. Não depois de uma noite maldormida, seguida do trabalho no dedoc, da estrada debaixo de chuva, do evento, da música, da cerveja e além disso... Sim, além disso, Jack e eu, numa única noite, tínhamos passado de completos desconhecidos que éramos no começo da viagem, ao magnetismo dos apaixonados, horas atrás, que ficam ultra-centrados um no outro, mas não, não estamos apaixonados, para, agora, o estado menos atraente das pessoas que se conhecem bem demais, e que ficam em silêncio confortavelmente.

– Tem certeza que não quer ir para outro lugar?

– Não tem outro lugar para ir – eu digo.

Nós estacionamos o carro debaixo de uma árvore imensa e escura. Pagamos a diária de trinta reais do camping.

– Eu fico no banco de trás – digo – você vem para o banco do passageiro e rebaixa até o fim. É mais confortável.

– Vai estar com a pele horrível amanhã – ele fala obedecendo, acomodando-se no banco e, sabendo que não vai me demover da ideia.

E afinal: dormindo. Quase que automaticamente, como se desmaiasse. Eu faço as contas: foram mais de dez horas sem checar o celular, quase sem sequer cogitar fazer isso. Pego o aparelho, aperto o botão central para ligar a tela, mas é tarde agora. A bateria já tinha caído há muito tempo e a o visor escuro com o ressonar de Jack à minha transversal é tudo o que resta da noite.

De qualquer modo, Jack tinha razão, e eu acordo no dia seguinte com a cara completamente amarfanhada com as marcas do estofado no rosto. Abro a porta do carro, ele já está lá, com os cabelos molhados e penteados, as roupas trocadas.

– Conseguiu dormir? – eu pergunto.

– Como uma pedra – ele fala – surpreendentemente. E você vai gostar dos chuveiros – diz apontando para uma direção atrás de mim – se tem algum fetiche de estar em comunhão com a natureza e essas coisas.

Abro a porta do bagageiro. Pego a nécessaire, uma muda de roupas e saio na direção indicada rumo a algo como uma casinha a uns vinte metros de distância e não há teto nela. Era isso, então, o que Jack queria dizer com “comunhão com a natureza”? A água morna cai com uma pressão fortíssima na cabeça, como uma chuva perfeita misturada à brisa salina do litoral... É bastante agradável, claro, ainda mais num dia quente, úmido; eu ficaria extasiada se a coisa não fosse tão familiar pra mim, se não tivesse um chuveiro quase idêntico àquele no quintal da casa onde passei a infância. Deparo com uma vontade quase incontrolável de contar isso a Jack quando sair daqui: o quintal em ruínas da minha casa de infância, a estranha a arquitetura daquilo, restos de uma arquibancada, um palco, a edícula sem o teto com plantas trepadeiras, buchas naturais, em sua maioria: rampas, desníveis, tudo coberto por cimento liso, um enorme pátio e bem lá no canto, longe de tudo, inclusive da edícula: lá estava um chuveiro solitário. Eu poderia fazer uma piada, até, dizer: “Talvez tenha sido desenhado pelo seu pai, minha casa”. Ou talvez estivesse querendo que ele desenhasse tudo do modo mais hiperrealista possível. Não há retratos desse lugar, e ele mesmo já não existe. Nada, nenhuma recordação do canto onde provavelmente passei a maior parte de minha infância. Chegava da escola, almoçava, pegava os rollers e ficava ali, isolada, patinando de um lado para o outro, saltando das arquibancadas, enfileirando pedrinhas como se fossem cones. Da janela do quarto que era quase um primeiro andar em relação aos fundos, minha mãe às vezes eu a via me olhando: numa idade em que a maior parte das meninas estava lendo revista *Capricho*, trocando segredos e firmando laços de amizade sólidos e descobrindo o mundo além dos muros de casa, eu estava me enfiando ainda mais nos fundos da propriedade, no meu imenso jardim de cimento, com um par de instrumentos esquisitos que já estava ficando fora de moda... Desligo a torneira e dou conta de que não tenho toalha.

– Como fez para se enxugar? – Eu pergunto a Jack quando volto com parte da roupa grudada no corpo. Ele fuma escorado ao carro e aponta com o queixo para a casa principal.

– Eles alugam toalhas – explica – dez reais pelo aluguel. Era verde, a minha.

Eu acho curiosa a observação dele, mas, sem comentar nada, apenas endireito o banco e saímos no carro rumo a uma padaria procurando café. Só depois de chegarmos, sentarmos, de eu ter pedido misto quente e café preto e ele ter me perguntado ‘Como acha que são essas omeletes que servem aqui?’, é que eu finalmente entendo, claro, o comentário sobre a toalha: Ele, em toda a sua vida bem remunerada, certamente não conhecia nenhuma outra cor para roupa de banho que não fosse branca.

– Podemos procurar outro hotel hoje – eu falo – Pelo menos para você, quero dizer.

– Isso já está resolvido. Não se preocupe. – ele vai até o balcão fazer o pedido, volta, sentando-se à minha frente – O que foi?

– O que está resolvido sobre onde você vai ficar? Como se resolveu isso dormindo?

– Ah, não resolvi dormindo. Fiz umas ligações antes de você acordar. Reservei dois quartos, era exatamente o que tinham. Um dos quartos tem uma cama de casal e o outro tem... como é mesmo o nome daquilo? Duas camas, uma em cima da outra?

– Não devia ter feito isso – contesto com um tom neutro. – Não gosto de me sentir em dívida com ninguém.

– Não sinta. Você pagou quatrocentos reais para mim, se não se lembra.

– Para a tatuagem.

O café dele chega, antes do sanduíche.

– Digamos apenas que, da minha parte, seria desleal cobrar tanto pela tatuagem se eu posso ganhar muito mais com ela.

– Acha que pode ganhar?

– É difícil dizer. Exige bastante técnica, e isso pode ser bem visto. Mas não é nada que as pessoas queiram ou gostem de ver nessas competições...

– Acha que eu vou gostar de ver?

Ele sorri e baixa a vista.

– Eu espero que sim – levanta os ombros como se tivesse ficado sem jeito. – Ora, afinal, fiz pra você. Dá um pouco de medo de que não goste.

– Duvido que tenha medo.

– Tenho sim.

– Bem, não tenha – eu falo –, em todo caso, não tenho olhos nas costas. Nada que faça aí vai ter o poder de me incomodar muito – E como se ainda fosse o mesmo assunto, comentei: – Tem a programação do dia, com você?

Tudo o que fizemos foi deixar as malas nos nossos respectivos quartos. É um desses hotéis de praia, cujos apartamentos emulam uma vizinhança com todas as portas dando para uma área comum. O meu é um dos primeiros, de frente para o refeitório e o dele, um pouco mais adiante, subindo uma curta escada. Saio do quarto fechando a porta atrás de mim e Jack olha na direção dos meus seios.

– Que tipo de soutien está usando?

Nenhum constrangimento, nenhuma preparação. Ele simplesmente pergunta, direto, depois faz cara de enfado olhando na direção do portão.

– Sabe aqueles biquínis compostos por tiras que amarram atrás?

Faço que sim, com a cabeça.

– Talvez prefira usar algo assim se vamos mesmo fazer aquela tatuagem, hoje.

– Ah – eu balbucio sentindo-me estúpida até o último fio de cabelo – eu não sabia que o dia era hoje.

E volto para o quarto procurando uma roupa apropriada.

Um soutien adesivo, desses que grudam na pele na frente como um silicone e uma blusa que era mais um lenço amarrado atrás do pescoço e no fim das costas, é isso o que estou vestindo

quando chegamos à tenda principal. É perfeitamente adequado para uma manhã à beira mar, mas quando você chega num lugar desses à luz do dia entende que não se trata apenas de tatuagem. É possível sentir-se tremendamente *undressed* com um corte de cabelo comum, em cores comuns, da mesma maneira que se sentiria num baile black tie usando chinelos. Aquelas pessoas, línguas divididas ao meio, half-cuts, alargadores, piercings e, sim, por que não?, maquiagem, tintura de cabelo: elas cuidaram, produziram aquela aparência com tanto empenho e desejo quanto qualquer alpinista social indo ao réveillon de Copacabana, com uma única diferença: ninguém está tentando esconder as marcas dessa transformação ali, nada de luzes californianas com “efeito natural”, mas cabelos turquesa, laranja, flúor. E nisso há uma honestidade que é ao mesmo tempo que me assunta, também me enche de esperança. Estamos todos fingindo – é isso o que dizem –, mas pelo menos aqui nós estamos deixando isso bem claro.

– E não lhe parece curioso que todo mundo tente ser autêntico de uma forma que é comum a todos? – Jack pergunta – Quero dizer, quando você olha as pessoas mais modificadas... Elas se parecem bastante entre si. Não acha?

Nós entramos em um dos salões onde estava em curso algum debate com algum tatuador-celebridade do momento.

– Deve ser por conta da limitação científica – eu respondo.

– O que quer dizer?

Nós ficamos de pé ao fundo da sala que estava cheia e barulhenta. Nenhum assento livre, eu me escoro numa quina de parede, solto a bolsa no chão.

– Digamos que eu – eu disse –, do auge da minha originalidade, queira asas articuláveis, com uma plumagem bem colorida, ou digamos que queira trocar minhas duas pernas humanas por quatro equinas e virar um centauro. Eu não teria como fazer isso, teria?

– Bem...

– Mas se eu quisesse chifres, como pareceu querer aquele cara ali da ponta, então eu bastaria implantar um pouco de titânio debaixo da pele e estaria resolvido.

– A questão é: o que você faria com chifres como aqueles, se eles são estéreis? Sim, ora, cinquenta gramas de metal implantado cirurgicamente não fazem de você um touro, não fazem de você um bicho perigoso e letal...

– É o que me parece mais interessante – eu suspiro –, uma área que passou por cirurgia é sempre mais delicada. Mais sensível... É grosso modo uma *fraqueza*. Eu sei disso: fiz uma cirurgia no joelho quando era adolescente. Dói até hoje, é meu maldito calcanhar de aquiles.

Ele olha para meu joelho na hora, e eu aponto com o dedo a cicatriz já envelhecida, mas ainda marcada e grotesca.

– Não adianta fazer essa cara – digo –, uma hora isso pode acabar virando um problema seu, do seu estúdio – ele ri um pouco e desvia o olhar –, mas veja o caso dele: aquilo não parece um ponto fraco, não é algo para ser encoberto, e nunca, nunca mesmo vai entrar em minha cabeça que se ele me desse uma cabeçada doeria mais nele do que em mim, realmente.

É uma piada, mas Jack em vez de rir, fica mais sério.

– Acha isso dá algum sentido à vida dele? Quando ele acorda de manhã com os efeitos colaterais da cirurgia e as dores cabeças lancinantes?

– E você acha que se trata disso? – eu lhe pergunto – Acha que chifres ou piercings ou tatuagens... Acha que essas coisas servem para dar sentido à vida de uma pessoa?

– É um ícone da individualidade, a marca que diferencia você de milhares de outras em uma multidão. Memorabilia, talvez estética. O que mais uma tatuagem seria?

– Uma aposta no eterno?

– Nada é eterno – protesta – eu e você não somos eternos e essas tatuagens, as nossas, vão ser retalhadas sem qualquer mística em um necrotério, ou serão comidas por vermes debaixo da terra, incineradas em crematório...

– Eu não digo eterno no sentido de sobreviver à própria morte. Mas no sentido de ir conosco, de apodrecer conosco quando formos enterrados.

– É nisso que pensa? – ele pergunta – Que quer suas tatuagens envelhecendo e morrendo com você?

Dou de ombros.

– Me dá algum consolo nesses tempos. Ficou difícil acreditar que qualquer coisa possa durar hoje em dia. Não há qualquer instituição sólida mais. Não acreditamos em nenhum deus, não acreditamos na família, no estado. Nada parece real. Nada envelhece com a gente. Vamos trocando as coisas umas pelas outras...

– E é assim que pretende passar todo o resto da sua vida? Manufaturando a si mesma numa esperança de que alguma coisa permaneça consigo?

Eu faço que sim com a cabeça. A palestra estava terminando, as pessoas começaram a levantar dos seus lugares.

– Tem alguma ideia melhor?

A programação inclui além de conferências com tatuadores americanos de reality shows atrações como suspensão corporal, concursos de beleza composto por homens musculosos e garotas especialmente bem fornidas, mas nós, tanto Jack quando eu, não estamos na verdade prestando especial atenção em nada. Eu porque lhe conto sobre minhas vida:

– Meus pais nunca quiseram me dar um par de patins inline – eu conto a ele – achavam que se eu tivesse uma coisa dessas ia acabar morta debaixo de algum carro, ou simplesmente ia perder o interesse.

– Os pais sempre erram nessas projeções.

– Não os meus. Eles estavam certíssimos. Por isso tive que dar um jeito de juntar o dinheiro eu mesma. Cismeiquei que deveriam me dar dinheiro para levar para a escola, mas nunca comprei nada da lanchonete. Ficava guardando tudo. Gestar a ideia foi parte da graça, talvez. E era desesperador, pois o tempo ia passando, os exemplares da loja iam sendo vendidos. Quando

finalmente consegui chegar ao valor desejado só restava um único par na loja, que era grande demais para meu tamanho e na cor azul, que eu detestava.

E Jack me conta sobre suas viagens. É a primeira pessoa que eu conheço que havia viajado para a África. E ele fez isso de barco em algum cruzeiro quando o pai ainda era ativo. Ele fala sobre o centro da cidade do Cabo e de como tudo aquilo era cosmopolita. Fala sobre Roma, sobre a parte da cidade que os viajantes não costumam conhecer: com academias de ginástica, postos de gasolina, prédios modernos... Fala de sua irmã e de como ela tinha servido e mandado beber a primeira dose de whisky que tomou na vida.

– Deve ter sido difícil vê-la morrer – comento.

– Sim. Foi. Mas hoje penso que foi melhor assim. Sabe, ela era realmente incrível. Era bonita, e intensa: pintava à óleo em telas gigantes, ouvia concertos polifônicos. Foi ela quem me inseriu na arte, que exibiu para que eu visse os filmes de Bergman, que me emprestou livros... Mas o que restaria a ela, a alguém como ela, agora, quando estaria com quase quarenta?

– Como assim?

– Quero dizer, sobre a pintura, ela não era exatamente boa. É difícil reconhecer isso, mas guardei algumas de suas telas e está lá a falta de técnica, de precisão... De originalidade.

– O que ela pintava?

Ele sorri.

– Eu – diz – eu ficava posando para ela horas e horas... Se fosse possível ter gravado aquilo, ela pintando: a paixão, a ferocidade, a autenticidade. Ela era a melhor parte da obra. Sua energia... O que o tempo não faz com isso? Com pessoas como ela? Não seria triste vê-la, como uma esposa e mãe frustrada, vivendo em função de alguém? Ou como workaholic, descabelada e envelhecida em algum trabalho de merda? Tudo, todas as possibilidades parecem anticlímax quando postos ao lado de uma juventude tão enorme. É um pouco como aquelas grandes personagens que morrem, precisam morrer no fim do filme porque não há como evoluírem daquilo sem perder alguma coisa de essencial.

– Ainda podia ter viajado mais – eu digo com pena – ela podia ter visto Veneza. Dizem que está se acabando.

E então ele reconsidera. Para um pouco, calado, pensando, depois diz:

– Já imaginou ir para Bali?

Jack estava inscrito na categoria Pontilhismo. Isso é tudo o que eu sei sobre a tatuagem que seria gravada em mim quando tiro a blusa e deito de bruços na cadeira tatuadora. O sol já começa seu itinerário em direção ao oeste, e os 33 concorrentes, bem como as pessoas que vão ser tatuadas se organizam para começar o trabalho. Jack parece muito tranquilo.

Há um fotógrafo documentando todo o evento. Eu reparo nele enquanto espero começar. Ele aproxima-se das mesas, uma por uma, mexe na lente aplicando zoons, se ele estiver dando close na mesa de Jack agora, já sabe a esta altura, mais do que eu sobre minha

própria tatuagem. E enquanto eu me distraio com pensamentos como este, Jack se aproxima da minha orelha.

– Não deixe que eu te machuque – ele diz.

E começa a tatuar.

No momento exato que a tatuagem começa a ser feita, é quando você começa a perdê-la. Eu sinto a dorzinha começando bem no centro das costas, entre as omoplatas. A música está alta, e soam ao mesmo tempo o burburinho de milhões de conversa e o som de todas as trinta e três máquinas ligadas ali ao meu redor. Você se pergunta: onde estão os outros? O que Marcelo fez? Para onde foi? Você se imagina daqui a dez ou vinte anos, ainda vai lembrar de Jack, ou as lembranças todas se confundirão e você se questionará como era mesmo aquele evento? Quem era aquele tatuador?

E é isso, fiz uma primeira tatuagem para me lembrar que caí. Mas eu nunca penso na queda quando olho a tatuagem. Eu só penso na ocasião que me levou a fazê-la. Eu penso no consultório, no médico estúpido, nas caixas de Marcelo em meu apartamento, eu penso nos minutos de espera, no cheiro que o Design Ink tinha da primeira vez que entrei então talvez tatuagens não sirvam pra nos deixar mais belos, nem pra nos lembrar de nada que estivéssemos condicionados a esquecer.

Talvez não sirvam para homenagear os pais, mães, nem avôs veteranos de guerra.

Talvez só tenhamos isso mesmo. O corpo.

Fazer uma tatuagem surpresa não é o mesmo que fazer uma compressa morna. Não é o mesmo que uma sessão de depilação com cera quente e nem é como ver, pela televisão um grupo de pessoas batendo umas nas outras. Não é um parque de diversões com riscos seguros, controlados, reversíveis.

E mais do que dor, você sente a vulnerabilidade tremenda de estar em um luta. De estar perdendo em uma luta. De estar por baixo enquanto lhe desferem chutes e tudo o que você pensa, tudo o que consegue pensar é: uma hora acaba. Sim, uma hora tudo acaba. Marcelo acabou.

A tatuagem surpresa é um risco real.

E você descobre ter passado a vida inteira com medo de que algo ruim lhe acontecesse. A gente passa a vida com medo de ser pego desprevidido, sozinho, num beco escuro. Tem medo de cair, temos todos medo de nos pôr vulneráveis, de ser abandonados e no entanto, às vezes aquilo o que temíamos... E, às vezes o pior acontece: ficar órfã de mãe, cair da rampa e se contundir, o namorado fazer as malas, eu penso na irmã de Jack. Eu penso que estou ali à mercê da vontade de alguém que tem todos os motivos para odiar o mundo, com minha pele sendo dilacerada – são coisas como esta que a gente teme – então pra que correr na direção contrária? Por que não ir direto na direção da merda?

E depois acaba. Nenhum aviso, nenhuma sensação em especial. Jack desliga a máquina, eu seguro o soutien ouvindo os passos dele caminharem se afastando. Sento.

– Jack?

E quando volta tem dois espelho nas mãos. Me entrega um menor, e segura o maior atrás de mim.

– Pode ver ali também – fala apontando para uma parede toda espelhada.

Minha tatuagem nova era uma série de pequenas espirais que dançavam no movimento do meu corpo.

– Ficou muito bom – digo. Sem conseguir forçar o sorriso que seria oportuno. O desenho era incrível, claro, incrivelmente bonito, original... Mas agora que eu vejo, agora, a única coisa que está diante de mim no espelho é que a tatuagem surpresa, e a sessão acabaram, tinham acabado, eu não estou sentindo nada em especial.

Dois copos de vodka na sacada do quarto de Jack: é o que temos para hoje. Eu tinha sugerido que voltássemos para o hotel por hábito, porque de novo sentíamos fome. Estava um pouco cansada de Jack, e não queria repetir a inútil peregrinação pelos food trucks no evento. Mas logo que chegamos ao hotel, demos conta que o restaurante interno já fechara e a garota, a que estava na recepção, nos disse apontando para o relógio, que tudo o que podia fazer por nós, àquela hora, era nos servir no quarto.

– Isso foi estranho – ele diz me entregando um dos copos.

– Que ela não tenha querido nos servir no restaurante?

– Também – e bebe um pouco –, também isso. A coisa toda.

– Talvez devêssemos ter ficado no evento. Devíamos ter ficado lá, ao menos até o resultado fosse anunciado. Você tinha chances.

– Não dá pra saber – fala agora ligeiramente mais grave, mais calmo – foi algo que aprendi concorrendo nessas coisas reiteradas vezes. Quero dizer: é possível uma tatuagem ficar em segundo na própria categoria e acabar sendo a melhor do evento no final das contas. Isto não é uma competição séria.

– Bem, é arte. Não uma corrida de cavalos, não é?

– Era tão subjetivo assim com você? – ele pergunta – no seu esporte?

Mas então a campainha do quarto toca e com ela vem o jantar: carne flambada na cachaça e fritas para Jack, uma salada com frango para mim. Ele distribui os pratos na mesa, assina o recibo e senta-se. Nós comemos quietos.

– Por que nunca fala? – ele pergunta – Você sabe muito bem como é essa coisa de competir, sabe como tudo perde a graça depois que finalmente fizemos o que era para ser feito. É angustiante esperar pelos resultados, então não espero.

– Acha que fugir deles lhe livra da angústia?

– Bem, sim. Me lembra que não é pelo prêmio que faço isso.

– Pois para mim parece covardia – eu digo. – Tudo. A coisa toda. Você tem uma ideia, tem tudo armado em sua cabeça: na escala micro, a precisão da tatuagem, e também a performance, a instalação. Já foi bem-sucedido nisso antes. Então por quê? Por que não está, agora mesmo, se arriscando em fazer algo grande?

– Já lhe disse. Não sei mais o que quero fazer. Nem como.

– Claro que sabe – eu volto espetar folhas de alface com o garfo – Até eu sei o que você devia fazer – e desistindo da garfada, me contorço na cadeira, incomodada com o filme plástico. Ele suspira:

– Vem cá – diz ele, levantando – deixa eu te fazer outro curativo.

Nós bebemos durante toda a noite, sem trégua. Índo de um assunto a outro, às vezes rindo, às vezes ficando quietos. Há quanto tempo eu não bebia com alguém? Tinha frequentado, claro, por algum tempo, happy hours e confraternizações da empresa, mas nessas ocasiões eu quase sempre ficava quieta e suportava a interação social como um fardo.

– Você pensa em alguém quando está tatuando? – pergunto – quem você gostaria de machucar de verdade?

– Depende – e depois de pensar um pouco melhor retificou – Minha mãe.

E antes que eu tenha tempo de perguntar o porquê, ele já está me devolvendo a pergunta ao seu modo:

– Você? Pensa em alguém quando está sendo tatuada?

– Na minha teoria – explico pra ele – Acho que o poder máximo que temos é o de abrir mais feridas.

É isso. Eu explico pra ele: você não pode mudar o mundo. Não pode mudar sua cor de pele, seus genes, não pode não pode mudar o fato de que é uma besta animal, falível, socialmente sedentário e que sobreviveria muito mal sem toda essa parafernália que inventou para se tornar mais fraco: prédios, restaurantes, carros, civilização... Mas você ainda pode abrir em si mesmo umas feridas.

– Eu penso nisso quando estou sendo tatuada: que nenhum bicho se deixa ferir tanto espontaneamente, então talvez, abrir feridas com um formato específico, escolhido, seja o máximo que a humanidade consegue chegar. Ao trocamos o instinto de preservação pela beleza, somos humanos.

E eu falo sobre minhas dores de cabeça.

– Você não pode vencer as doenças crônicas, não pode conter a forma como tumores, benignos ou não, como eles se instalam e crescem em seu corpo, não pode

conter o barulho das construções na rua, o calor infernal, o café ruim, as pessoas que você ama e que irá perder. O poder máximo que você tem? Abrir feridas. E se podemos fazer isso. Podemos resolver qualquer coisa.

– Como por exemplo?

– Como minhas ligações ao plano de saúde que deveriam pagar por um especialista, mas que, infelizmente, no momento, senhora, não há nenhum conveniado.

Ele ri.

– Ou meu chefe, que desfez a ordenação que fiz das fitas do mês no arquivo.

Ele ri e levanta as sobrancelhas como quem diz “sério?”

– Ou um homem que invadiu meu apartamento, minha história e que agora me lança um ultimato e quer que eu abra mão de fazer tatuagens por causa dele.

Um minuto de desconforto, Jack sente que sua pergunta saiu errado. Ficamos quietos ouvindo a mulher que chega no apartamento ao lado, o som do chuviscar na calha, o frigoar dá um pequeno estalo.

– Ele tem alguma? – pergunta.

– O quê?

– O homem em questão. Tem alguma tatuagem?

– Duas – eu digo. – Bom, três se você considerar o cover-up.

– Tem um cover-up, então?

– Sim – eu respondo –, tem um cover-up bem grande meio polinésio.

– Claro – ele diz.

E deve ser efeito da cerveja: eu rio. Rio, em resposta. Claro, claro que tem um cover-up. Dou risada. Um cover-up feio. Claro! Ele sorri também, vê alguma graça nisso ou é o efeito da vodka.

Eu não quero ficar séria. Penso, um pouco aterrorizada, enquanto ele me olha muito fixamente. Você move 73 músculos para sorrir. Eu derrubo alguns, posso derrubar alguns e ainda assim insistir: sustentar os principais como um halterofilista na final das olimpíadas. Sorrio e meu sorriso treme, a boca, os cantos dela, são um pássaro capturado no copo de vidro, batendo asas e protestando para ir embora. Sustento, sorrio. Ele sabe. E sustento como sustentaria qualquer coisa: meu corpo caído, cheio de hematomas, com bravura, teimosia. Como quem engole o choro, eu levanto do chão, toda quebrada da queda, os olhos cheios e aguados, mas sorrio. Aceno. Saio da rampa, mancado, sorrindo, acenando. Não há outro jeito.

– Que é isso que está pensando? – pergunta.

– Lembrando – eu respondo. – Nada. Nada de importante.

– Sabe – diz ele – se me refizesse agora aquela pergunta, por que eu estava vindo para cá, eu teria uma resposta diferente. Por que alugar um carro, encarar duzentos e setenta quilômetros de estrada na chuva, me inscrever em cima da hora... Enfim, foi por isso, por alguma estranha ironia, acho que vim até aqui para poder conversar com você.

– Moro a três quilômetros do seu trabalho – digo.

– Sim, eu sei – ele se levanta – Não é ridículo? Que o acaso tenha precisado vir nesse formato para aproximar duas pessoas que ficam a dez minutos de carro uma da outra.

– Sete de moto.

É aí que me ocorre, como se eu me visse de cima, como se pudesse ser ao mesmo tempo parte da cena e espectadora dela, como se pudesse me ver de alguma parte do futuro em uma fita rebobinada e dizer: de repente você está aí, levemente alterada pela bebida, no quarto de um homem que exerce sobre você algum poder de atração...

Eu levanto subitamente

– Acho que preciso ir para o meu quarto – eu digo, como se achasse graça da situação – não tente me impedir.

Ele também ri.

– Eu te pego amanhã, então.

E talvez eu tenha olhado para ele de um jeito engraçado. Ele parece ter ficado constrangido, e mais que imediatamente, completa:

– Para viajarmos de volta, quero dizer. Temos que voltar amanhã.

Saio do quarto e percebo que já está amanhecendo. E pelo que eu consigo saber, do sol coberto atrás de um céu denso, um outro dia de chuva viria pela frente.

Chove torrencialmente por todo o domingo. Às dez da manhã, Jack liga para o meu quarto avisando que está de ressaca, precisa dormir e eu não poderia estar mais longe de fazer qualquer objeção: cansada de viagens na chuva, com sono, não tinha ainda refeito a mala, enfim. O café da manhã e o check out, que se fodam, ele tinha dito. Desligo, então, volto a dormir. Como se todas as noites de insônia dos últimos meses chegassem de uma vez para cobrar uma dívida abissal: eu durmo, sinto que durmo, sinto o prazer em estar dormindo quase como se estivesse comendo ou trepando. E por mais que minhas costas feridas doam, tudo o que eu faço quando sinto a pele arder é mudar de posição ouvindo a chuva rufar sobre o teto. Só acordo de verdade às cinco da tarde e há um bilhete deixado debaixo da porta dizendo: Paguei o adicional para sairmos às 19h.

É exatamente neste horário que abrimos nossas respectivas portas arrastando malas de rodinhas e deparando com uma longa fila no check out.

– Parece que a chuva atrasou todo mundo – comenta a garota da recepção.

– Sim, mas estava chovendo no começo do feriado também – Jack responde. Ela busca, então, o meu olhar de cumplicidade como se dissesse “homens!”. Eu sorrio amarelo. Tinha dormido a tarde inteira, não fazia ideia do que ela estivesse tentando expressar com aquilo.

E quando deixamos a cidade molhada atrás de nós, encontrando buracos, lodaçais em pontos que não lembrávamos.

– Será que foi mesmo forte assim, essa chuva?

É que eu entendo o que a recepcionista quis dizer: o primeiro dia de chuva e o terceiro são coisas muito diferentes. Logo ao entrarmos na estrada deparamos com um engarrafamento monstruoso.

– Mas que merda! – Jack paralisa seu corpo inteiro olhando aquilo – Em pleno domingo à noite.

O que aquilo representa? Bem, são mais de duas horas completamente parados, e não há sequer sombra de um motivo para aquilo. Os carros a nossa volta desligaram os motores.

– Acha que se você tiver ganhado o concurso, vão entrar em contato com você? – pergunto – Vão dar um jeito de fazer o prêmio chegar em você?

– Não acha que devia estar preocupada com outra coisa neste momento?

– O engarrafamento?

– Sim, por exemplo isso, o engarrafamento. São nove da noite, três de viagem, e você trabalha de manhã não é?

– Se não tenho como controlar, é inútil me preocupar.

– Bem, eu tenho que estar em casa, certo? Eu tenho que estar em casa de manhã ou isso pode acabar dando em merda.

– É algum problema... doméstico?

– Bem, suponha que você viajou para dar um tempo na relação, volte e encontre a casa vazia. O que vai pensar?

Eu fico quieta. Ele continua:

– O que você faz numa situação dessas?

Começo realmente a querer que os carros andem, que alguém bata no vidro, que algo aconteça e assim eu não teria que dizer nada.

– Estou cansado de lágrimas – diz Jack – É tudo o que tenho para dizer.

Como se houvesse qualquer lógica, como se fosse uma resposta acertada, eu apenas digo:

– Eu não chorei – digo. Estou olhando através do vidro da janela, na direção oposta a Jack– Aconteceu exatamente o que você está dizendo – e reitero, repito – eu não choro. Não chorei.

Mas já que os carros não andam, e o peso do olhar de Jack está sobre os meus ombros, eu sei que não é neste ponto que eu páro de falar.

Depois que eu caí na rampa vertical, o meu joelho ficou inútil para esportes de alto impacto. Já no hospital alguém veio dizer, tentar explicar, da maneira mais clara para que eu entendesse no meu inglês de estrangeira, porque eu estava fodida, mas o médico estava na verdade sorrindo, e dizia com ares de boas novas, alternando perguntas sobre meu país, com comentários sobre o quanto eu era sortuda. Eu queria entender por que ele estava tão satisfeito. Não ia precisar de cirurgia, ele disse, eu ia ter que imobilizar um pouco, tomar alguns medicamentos, mas tudo o que eu pude ouvir foi algo sobre: evitar impactos. Ele riu mais ainda quando falei em patins. Quando falei em manobras. Disse que nada impedia que eu ainda fizesse uma ou outra manobra, mas que duvidava, sim, duvidava que desse pra ir muito longe nisso. Eu só tinha dezesseis anos, estava a milhas e milhas de casa com “o grande sonho” todo feito em pedaços.

Seria como ter um pivô em vez de um dente verdadeiro e saudável, algumas coisas simplesmente não seriam iguais. Eu lembro de ter pensado que a queda, que a dor não tinha sido o pior, pois ali, na rampa, mesmo depois de cair, mesmo pressentindo que algo tinha dado muito errado, eu ainda tinha esperanças. Eu levantei, engoli o choro de terror, acenei e saí dali ainda patinando.

— *Eles vão consertar você — disse meu colega. — Vai ficar tudo bem, você vai ver.*

Mas não ficou.

— *Alguns impactos... — começou o médico, e eu tentei reunir toda a minha empáfia, tentei me agarrar à minha própria arrogância e ignorar cada palavra. Em certa altura ele olhou pra mim:*

— *Está no colegial? — ele quis saber.*

— *Sim e não.*

Ele não entendeu.

— *Eu já terminei o colégio no Brasil, mas aqui vocês têm um ano a mais.*

— *Vai para a universidade aqui?*

— *Não. No Brasil. Eu já fui aprovada lá, na verdade. Aceita.*

— *Bem... — ele pareceu confuso. — E qual a finalidade, então, de cursar este ano a mais de colégio? Parece que você só está perdendo tempo.*

Porque eu queria patinar. Eu queria a rampa vertical. E ia tê-la. Olhei para seu rosto: ele era rosado como um porquinho.

— *Posso voltar a treinar de leve, certo?*

— *Bem, você é jovem.*

E esse silêncio, essa sentença, era, na verdade, a maneira dele, a maneira americana, republicana e polida de dizer: “Olha, esses patins, esses de que você fala, você nunca mais vai subir neles de novo”. Ele não disse, só me passou as indicações receitou remédios e reclamou do ensino para os jovens hoje em dia. Eles imobilizaram minha perna, muito acima do joelho, me deram muletas, “E esse giro, esse que você sempre imaginou que estava muito perto de conseguir, você nunca vai fazer. Não vai conhecer sequer a sensação de um duplo, ou um lateral pra trás”. E eu me perguntava por que estavam engessando tanto essa perna, se a lesão era só ali no joelho, e se eu perguntava, eles me tratavam como uma louca dizendo ‘calma, garota’, ‘calma’, ‘calma’, ‘eu vou chamar os seguranças’. E os remédios, de que serviam, afinal, se era só pra amortizar a dor? Bem, ele não podia saber tudo, aquele médico. Eu engoli todas as perguntas. Mas, nem isso era o pior. O pior foi ter que engolir os acontecimentos, o pior era que eu tinha que contar isso para alguém, para meus pais, no Brasil. Eu teria que contar para o pessoal que morava naquela casa de estudantes onde eu estava. Um dos garotos do grupo, o italiano, chegou à república de noite, eu ainda estava na sala da TV, parada ali olhando para o nada com as muletas apoiadas no canto.

— E então? — ele quis saber, e eu lembro do rosto dele, um rosto ruivo, com sardas espalhadas no nariz como manchas em um pão de queijo. — O que os médicos disseram?

Mas ele, o homem com sua roupa impecável, não tinha dito nada. Tinha corrigido meu uso dos pronomes oblíquos, dito que eu era jovem, mas não teve coragem de dizer: você está fodida. E mais do que isso: que eu estava fodida por todas as razões erradas, por tudo o que escapava absolutamente do meu controle: está fodida por ter nascido no país errado, com o idioma errado, o gênero errado, a cor de pele errada e ainda isso: suas articulações não são boas. Sua constituição física, não é boa.

E não disse: vai voltar para seu país mancando, quebrada, não apenas nos ossos, ou nas articulações, algo dentro de você, de mim, terá quebrado, partido, vai falhar nisso de recuperar o joelho, de subir de novo sobre um par de patins, e todo esse passado, esse sonho que foi cuidadosamente cultivado, vai ser como um segredo. Como quando você levantou de uma tarde sonolenta num verão e percebeu, no banheiro, que a calcinha estava manchada de sangue e, sim, você sabia o que era, mas ficou ali dentro. Ficou ali dentro esfregando os fundilhos, tentando enxugar com o secador de cabelos, depois enchendo tudo com tanto papel higiênico, brava e determinada: Ninguém vai saber. Você vai guardar o sonho morto, como escondeu a mulher prematura, natimorta, naquela tarde, você vai esfregar e apagar cada pinga, cada mancha, você vai se achar muito boa em esconder cadáveres, mas não vai adiantar porque o tempo não volta. Ele não disse, com todos aqueles diplomas na parede o infeliz não disse, ele podia ter estragado o final logo ali, pular o filme, mostrar como acaba: você falha, ele podia ter dito: no final, você falha. E daí me pouparia o trabalho de descobrir. Mas não, eu tive que ir falhando cena por cena, cair centímetro por centímetro, você vai falhar: vai estudar qualquer coisa numa universidade sucateada, só pra no final trabalhar sem satisfação, ter um emprego de merda como todo mundo tem, como seus pais tinham. Alguém sempre fica com os pratos. Eu só tinha dezesseis anos. Mas o garoto ruivo na minha frente começou a sorrir. A minha ruína inteira, a

esperança escorrendo de mim como uma menstruação que eu precisava, eu tinha, que esconder, que conter, que segurar, porque não era hora, porque era cedo, ainda não, e eu não conseguia.

— Esses médicos não me conhecem. — foi o que eu disse a ele. Ao garoto ruivo. Antes de levantar, pegar as muletas e ir para meu próprio quarto.

E foi a partir daí eu me dei a missão de mostrar aos médicos que eles estavam muito enganados sobre mim. Enfieei uma porção de coisas numa mochila: um cachecol, um guia de viagem, coloquei ali também os analgésicos comuns, dos que eu tinha trazido do Brasil, algumas roupas, os patins e ataduras.

Sim, esses médicos, mesmo custando assim tão caro, mesmo com toda essa parafernália empolada de primeiro mundo, eles não sabiam nada sobre mim, não sabiam que eu mesma tinha comprado o primeiro par de patins vendendo o lanche no recreio, não sabiam que usei aqueles patins azuis até ferirem, até que a canela sangrasse. Os médicos não sabiam sobre a noite em que os garotos me desafiaram “Eu duvido que você pegue carona clandestina na caminhonete e salte dela em movimento”. E sobre como aquela missão, francamente suicida, lhes deixou, eles todos, com muito medo de mim ao passo que eu mesma não sentia medo de mais nada. Os médicos dali não sabiam que língua eu originalmente falava, e não sabiam sobre os meus ossos, meu poder de recuperação.

Bem, agora Marcelo estava cheio. Eu gostaria de ter podido evitar.

Marcelo tinha me deixado com a ameaça de procurar apartamento. Deu o fora. E eu havia contado a ele a história sobre a rampa, sobre ter caído nessa rampa, mas mesmo tendo contado muito, mesmo tendo deixado que ele me visse de tão perto ele não conseguiu entender. Marcelo não me amou apesar disso, nem por causa disso. E acabou não sabendo que aquilo... Aquilo não foi o fim da viagem aos Estados Unidos. Aquilo foi só o meio da história. Na outra metade eu sinto dor o tempo inteiro, dores lancinantes, meus ligamentos parcialmente rompidos, inflamam, incham, eu forço a perna, a rótula, eu evito os antiinflamatórios que me deixam chapada e caminho muito em cada cidade olhando pra tudo, pra todos os lados como se quisesse, precisasse roubar aquilo pra mim. Eu suportei a dor e caminhei, caminhei muito. Caminhei tanto quanto cabe a qualquer turista saudável caminhar, e peguei voos, Nova York, São Francisco, Los Angeles... Eu não contei pra ele que o pacote de viagens não incluía todos aqueles tours pelo país, que eu não podia ficar para trás quando o grupo partia. Eu me dizia que a chance era única. Às vezes gostaria que ele soubesse, sem que eu tivesse que contar: eu, carregando uma mochila mais pesada que a de qualquer outra pessoa, meu deus, aqueles patins, aquele equipamento todo, como aquilo pesava, e gostaria que me visse: me recusei a mancar, a fazer cara de dor. Simplesmente me recusei: a ficar no hotel, a ter um descanso terapêutico. Eu nunca mais ia ter dinheiro para viajar: meus pais estavam quebrados, quebraram para que eu fosse até ali, então tinha que fazer aquilo direito. E às vezes era impossível ir rápido, atravessar os sinais no tempo certo, as pessoas nos metrô, apressadas, me empurravam, me derrubavam e

eu com o joelho latejando. Às vezes, naquelas horas, dava muita vontade de chorar, de esmurrar. Mas eu não chorava.

Então eu não podia chorar agora. Porque isso, Marcelo ir embora, não era nada. Comparado ao joelho inflamado.

Claro que eu poderia ficar quieta e sentir alguma pena de mim mesma, seria justo. Eu podia me manter segura no meu próprio quarto dos Estados Unidos ou no conforto plácido do abraço de Marcelo quando chegava em casa depois de um dia ruim de trabalho, mas aquelas passagens custavam caro, e as tatuagem custaram caro. Então tinha que ir até o fim. Eu estava derrotada, e mesmo assim era como se tivesse chegado muito longe e agora, voltar atrás já era um caminho tão difícil quanto seguir em frente. Eu escrevi um cartão postal para meus pais. Não consegui dizer muita coisa, apenas: “Está tudo bem” — como se guardasse um segredo, como se protegesse minha mãe das minhas falhas. — “Saudades, Samara”. E com aquela mentira e aquela perna engessada eu tive a estranha consciência de que alguma coisa em mim ficava pra trás para sempre.

Mas isso Marcelo não sabia. Marcelo também não me conhece.

Uma ponte derrubada pela chuva. É essa a explicação para o engarrafamento. Será necessário fazer uma volta, pegar caminhos desconhecidos, se perder umas duas vezes de modo que, quando chegarmos na cidade, seis horas da manhã já estará amanhecendo e Jack, depois de ter ouvido tudo o que falei, estará gentil e sem pressa.

— Vamos deixar logo o carro na locadora — eu sugiro quando cruzamos o limite de entrada, com os laivos de sol no início do dia corando o céu.

— De jeito nenhum — replica, enquanto conduz na direção do meu apartamento. — Vai lhe fazer bem passar em casa antes. São seis horas, você terá tempo tomar um banho, deixar suas coisas, tomar um café...

De modo geral ele não está errado. Nesta hora, em um dia normal, eu ainda estaria acordando. Iria ainda fazer tudo isso, com folga, mas este não é um dia normal e eu volto a pensar em Marcelo.

— Por favor, não — eu digo. — É sério. Me deixe no trabalho.

Ele deve ter percebido que eu não estava tentando “não incomodar”.

— Só precisa me deixar no trabalho, entende? — insisto. Minha insistência vai acabar fazendo com que ele junte as peças: minha vida amorosa, meu apartamento vazio. Eu nem sei o que vou encontrar lá quando abrir a porta.

— É por causa desse namorado seu? — ele pergunta — por algum motivo ele lhe faria ter medo de voltar ao próprio apartamento?

Não respondo. Grande ideia, Samara. Agora ele pensa que Marcelo te bate. E ao fim, estamos parados na frente da porta Design Ink. Ele desliga o carro.

– Só abrimos às nove – ele diz remexendo no bolso. – Aqui. Fique com a chave. Tenho uma cópia em casa.

Que diabo eu faria com as chaves dele?

– Se não quer voltar para casa, está bem, compreendo. Mas não vou me sentir à vontade deixando você no trabalho com três horas de antecedência, ainda por cima depois de ter lhe feito viajar a noite inteira.

– Não foi você que me fez...

– Aí tem chuveiro, tem cozinha, você encontra alguma coisa nos armários da cantina e pode deixar sua mala.

– Jack...

– Me escute: você quer fazer suas tatuagens e eu quero que você as faça comigo. É importante, então, que estejamos... como é a palavra? Que nos ajudemos? É, bem... Agora eu te ajudo. Depois você me ajuda, sim?

– Sim, mas...

– E minha cabeça está cheia agora. Estou cansado. Não sei se consigo me expressar corretamente, mas é assim: vou precisar de você em algo. Isso é o mínimo que posso oferecer... Um processo simbiótico.

Francamente, o que se diz nessa situação? Meu Deus, como odeio essa impressão de estar contratando um serviço sem antes perguntar o preço, mas aí, ele olha para os meus olhos de uma maneira que me faz ficar constrangida. Diz:

– A esta altura não deveria ser necessário explicar muito – suspira muito fundo e como se estivesse prestes a confessar um crime, fala – então obrigado.

Como se apenas seguisse ordens, desço do carro, e abro o estúdio com as chaves que tenho na mão, com minha mala, enquanto ele desaparece no carro em direção à avenida principal.

Ele tinha dito obrigado. Ele tinha agradecido. Então o que restava, para mim, dizer?

Eu ainda penso nisso três horas depois. O que eu deveria ter dito a Jack quando ele me deu acesso ilimitado ao estúdio – chuveiros, geladeira, o armário, os produtos – o quê se não fosse “Obrigada”?

Eu estou no canto escuro da sala de apresentações, agora. Manejo o laptop enquanto Sérgio faz a apresentação lendo o roteiro que eu preparei e sempre que me movo, o cheiro cítrico que emana dos meus próprios cabelos me faz refazer a pergunta “o que eu diria?”. Pois este cheiro é do xampu que Jack tem no boxe – um xampu que, não apenas tem o rótulo todo escrito em francês, um preço cinco vezes mais alto, e uma estante diferente na farmácia, mas também um cheiro completamente novo, enigmático, cítrico... O que eu poderia dizer a Jack? Bem, uma coisa que me ocorre agora é perguntar: “Quer dizer que é esta sensação? É assim que é ser rico?”, mas ainda não é esse o cerne dessa agitação interna em mim.

Pois tudo está exatamente igual. Sérgio continua sendo um pulha que vai levar o crédito pelo trabalho que eu executei, o ar condicionado ainda é gelado demais, e os estudantes, cinco: dois garotos e duas garotas, continuam disputando a vaga de Telma sentados e atentos à apresentação. Mas embora eu finja, emule, uma intensa concentração na atitude dos universitários, como se os avaliasse, eu, com meu bloco de notas, estou aqui apenas pensando “Caralho”. Eu desenho formas circulares na folha de avaliação, não consigo fingir o meu costumeiro enfado, minha clássica irritação e depois do slide: 1. *História do arquivo*, e do slide: 2. *Termos do sistema*, quando exibo o slide 3. *Matérias premiadas*, eu apenas rememoro minhas últimas 72 horas e penso: eu não devia estar de mau-humor? Peso as horas sem dormir, o engarrafamento na estrada, as intermináveis conversas com Jack. Em vez disso, tinha entrado hoje assobiando, pelos corredores. E quando ouvi “Para a ponte que partiu”, nos burburinhos que vinham da redação do impresso. “Caiu a ponte na estrada, pelo amor de Deus, alguém tem que ter se fodido”. Eu fiz foi achar graça da coisa e quando o editor terminou a ligação dizendo – “Não me apareça aqui sem um personagem” eu apenas pensei: Poxa!, e com algum espanto constatei: hoje estou vindo no sentido contrário da notícia.

– Samara?

– Sim?

Sérgio, na frente do telão, está olhando para mim assim como todos os candidatos na frente dele. Os braços cruzados.

– Quando quiser.

Eu demoro um pouco ainda para passar adiante: Slide 4. *Analógicos e digitais*. E olho o visor do celular o nome de Jack *Você tem 1 mensagem*.

Talvez esta seja uma daquelas questões filosóficas sobre a árvore que cai no meio da floresta vazia, se ela faz ou não faz barulho. Mas deixe-me formular melhor. Pegue uma

redação de jornal televisivo – ah, você sabe como esses lugares conseguem ser movimentados, cheios de gente, vozes, as pessoas indo e vindo, a quantidade e a variedade de funções – e acrescenta a este espaço um item mínimo, um guarda-chuva em uma das gavetas, uma peça a mais de roupa íntima em um dos funcionários. Agora a questão: se você não vê este item no quadro, se ninguém viu a diferença, pode-se dizer que o ambiente mudou? Era nisso que eu pensava hoje, quando parei olhando o que editor fazia depois de gritar com o repórter ao telefone. Tinha a impressão clara de algo diferente no ar, mas as pessoas continuavam encaixadas em suas mesas, e vidradas em seus computadores, como sempre. Nessa hora a porta do televisivo se abriu e dela saiu Tatiana segurando um papel, ela sorriu quando ao me ver no começo do corredor e veio andando em minha direção como se tivesse algo importante para dizer.

A mensagem de Jack, no celular está escrito “*Temos que comemorar. Passa aqui no estúdio depois do trabalho? Estou cheio de ideias.*” e no Slide: 5. *O trabalho invisível.*

– Parte do nosso trabalho aqui está na invisibilidade, pessoal – Sérgio diz isso, porque eu diria isso –, mas, assim como um truque de mágica depende da sua parte invisível, o resultado final de uma matéria jamais será o mesmo, sem o empenho do dedoc.

Ele diz porque eu escrevi isso no roteiro. Enter. Slide 6. *Exemplo.* Eu treinei e calculei o tempo de fala como se calculasse o timing de uma piada. Enter. Play. Uma matéria que eu mesma editei dava a notícia sobre o julgamento: *Marcílio Fraga Gardini será julgado na tarde de hoje acusado de assassinato duplamente qualificado. A vítima seria a jovem Arianne Sampaio dos Santos...* Está tudo lá: Quem, o que, onde, como, quando e porque. E então a matéria termina. Sérgio diz, pergunta, para um dos estagiários:

– Que entendeu desse julgamento? – Pergunta isso, porque eu perguntaria isso. E no previsto silêncio que há entre eles, eu respondo a mensagem de Jack. *Claro que sim.*

E lembro de quando Tatiana me abraçou no corredor. “Parabéns”, ela disse ao encontrar comigo. “Parabéns!”. *E eu soube antes de ela dizer*, escrevo para Jack. Pois apesar de ter feito a pergunta “Como assim?” e “Parabéns pelo quê?”, não tinha como ter dúvidas, se não era meu aniversário, e se eu estava voltando de um concurso de tatuagem sem ter ouvido o resultado. “Melhor tatuagem Geral”, foi o veredicto. E enquanto ela dizia: “Vamos, me mostra” e enquanto eu tirava a jaqueta para exibir o desenho, tudo o que eu conseguia pensar era em Jack. Tudo o que eu ainda estou pensando em tudo de bom que pode vir de uma parceria com Jack. Tatiana tinha saído na direção da garagem dando uma piscadela “Te falei que valia a pena”. Eu tinha avisado a Jack que ganhamos e agora, *Claro que sim.* Eu apago a última frase. Enviar. Agora tenho uma comemoração para ir depois do trabalho.

– Estão acusando o cara de matar alguém... – diz um dos candidatos.

Claro que isso não explica nada.

– Todo dia alguém mata — Sérgio diz — todo dia alguém morre, algum veredito é dado... Por que estamos vendo o julgamento deste?

Então se quando terminei de entrar Sérgio roubou minha apresentação. Se disse “Nem fodendo que te deixo apresentar isso vestida assim”, e me colocou aqui no canto escuro da sala como uma otária passando slides, depois de ter pego meu roteiro, meu power point, meu trabalho e agora estar ali, explicando-o.

7. *O invisível*: cinco takes: uma garota morta de jeans e soutien, o exame positivo de gravidez, o laudo do carro do acusado, o acusado indo preso, o acusado indo solto. Num instante entendemos: este caso é diferente porque, sim, as pessoas morrem e matam todo dia, mas não neste mundo aqui. Não no nosso turno.

– É esse o nosso trabalho – Sérgio diz – nós fazemos o truque dar certo nós refrescamos memórias e contextualizamos.

Então, sim, tudo permanece idêntico. Outra ponte caiu, um esquema foi desmantelado, milhares de pessoas fizeram o imposto de renda. E num mundo paralelo, coabitável, sem que ninguém me veja, eu existo. A apresentação termina, todos aplaudem, cumprimentam meu chefe, não há dúvida de que foi um sucesso. Eu existo, esse trabalho é uma bosta. Eu olho com franco deboche para os universitários que veem meu lugar como algo desejável. Meu deus, eu rio mesmo deles, eles não sabem de porra nenhuma.

Já passa das cinco horas da tarde. Os clientes agendados do Design Ink foram embora e nós estamos comemorando o prêmio. Há alguns fregueses constantes que estão conosco na cantina e enquanto Raul e Barto discutem entre si algo relativo à agenda do próximo mês e, e enquanto todo mundo ri e fala ao mesmo tempo, Jack apenas olha para mim e diz, por baixo de todas aquelas vozes:

– Eu estou a mil por hora – diz com o semblante mais calmo e frio possível –, fiquei o dia inteiro pensando na sua ideia. Nas coisas que disse, no jeito como disse...

– Não se esqueça – digo. – Isso é só o começo. Você ganhou o prêmio, então...

– Eu quero uma tela e você quer tatuar o corpo inteiro. Sim, eu sei. Já entendi.

Sobre a mesa, coloridas de verde, sodas italianas nos fazem companhia. Eu tomo um gole da minha. E meu medo agora é que ele não leve a sério o que disse ser “o plano”. Eu quero este plano. Eu estou no caminho entre uma Samara que estava amortecida, aguentando o próprio corpo como um fardo e uma Samara que resolveu fazer alguma coisa com ele.

– Mas por hoje, podemos relaxar, não é? – ele pergunta – E o que é esse bloco de papel que você tem aí?

– Ah isso? – eu entrego na mão dele – estava rabiscando durante o expediente.

Eu lhe mostro o bloco na página que desenhei.

– Fez isso hoje mesmo, depois de saber da notícia?

– Sim, estávamos fazendo seleção de estagiários – explico. – Eu tinha que me distrair com alguma coisa.

Com os dedos, Jack sente a ruindade do papel. Antevê a próxima página.

– E o que é isso? – e começa a ler – *Teoria número um sobre a tatuagem: o sangue ao escorrer nos lubrifica...*

– Ei, não lê isso – peço. Ponho a mão sobre o papel – É besteira.

Mas ele apenas tira minha mão de cima do papel.

– Eu quero ler– ele diz, concentrado no que está escrito.– Quero ver dentro da sua cabeça.

Pelo menos quinze médicos já olharam dentro da minha cabeça até hoje.

– Não tem nada lá.

Eu repito o que eles disseram.

– Que tal se eu decidisse isso? – não gosto muito da ideia de Jack olhando as coisas pessoais que eu escrevo Além do mais, eu preciso saber se você é confiável.

Eu conseguiria provar que sou “confiável”, deixando ele olhar esses rabiscos bobos, essas frases que vem como se fossem iluminação, que eu anoto, para depois me arrepender? Bem, pelo que ele diz, sim.

– Já fez ensaio nu? – ele pergunta sem tirar os olhos do bloco. E se quero obter dele seu tempo, seu empenho, se quero ajuda, então é preciso estar à vontade. O primeiro passo é esse.

– Se importa se eu copiar esse bloco de notas?

– Se me importo?

– Pois a boa notícia é que parece que você tem um olho bom.

– Boa notícia... Significa que há também uma notícia ruim, então?

– Duas – ele me devolve o caderno, e diz, com um ar contrito. – A primeira é que você não sabe desenhar.

Eu dou de ombros. Nunca disse que sabia.

– Sim, é preciso encarar os fatos, deixar isso bem claro: seu traço, o jeito como representa o espaço... Está tudo torto, grosseiro...

“Mas que merda é essa?” É o que eu estou pensando “Por que ele está dizendo isso?”

– Sabe? Como os cartoons desenhados em muros de escola? Você olha e já adivinha como foram feitos. Alguma professorinha de educação artística se candidatou a fazer “Deixa comigo! – ela diz, a iludida – Eu sei desenhar”

Ele está, o quê?, me comparando a uma professorina de primário iludida?

– Figuras horrorosas, que depois ficam assombrando as crianças... – ele começa a sorrir, sadicamente – e depois se perguntam por que elas passaram a ter um medo brutal do Mickey Mouse.

– Podemos ir direto para a segunda notícia ruim?

– Ah, não reaja assim, certo? Falo para o seu bem.

Eu percebo que estou sentindo um incômodo. Mas, não sei o que é já que, de modo geral, não me incomodo de não ser boa desenhando.

– Vai dizer que não consegue lidar com críticas?

Eu nem precisaria dele se soubesse desenhar.

– Só estou curiosa – sorrio. – A segunda notícia ruim. Qual é?

– Ah, sim. É que essa figura – ele volta várias páginas. Aponta ‘o vaso’, de Julia Krantz –, isso aqui não é um vaso.

– Ora, como não é um vaso? Deixa eu ver. Dá isso aqui.

Ele afasta o bloco de notas de mim. E como se encarnasse o mordomo inglês, diz apenas:

– Isso, madame, é *muito mais* que um vaso.

É uma piada interna que tinha começado ainda no concurso: Ele tinha terminado de tatuar, me dado o espelho e dito. “Isto não é uma flor”. O espelho refletia um outro espelho, que refletia as minhas costas. “Isto, na sua pele não é uma flor”. E foi em parte porque ele ficara taciturno demais, pensativo demais... “Claro que não”, que eu acabei dizendo enquanto esperávamos as bebidas e a comida no quarto dele. Disse: “Isto é *muito mais* que uma flor”.

É essa a minha deixa para rir agora. Não rio.

– Talvez o sono esteja me pegando agora – digo, afinal – acho que meus pensamentos estão se embaralhando.

Então vamos para dentro da sala, Jack faz no meu outro braço o desenho que eu havia trazido no bloco de notas com alguns ajustes feitos por ele.

– Houve um tempo em que muita gente pedia algo parecido – ele fala. Sua voz sai abafada pela máscara – uma modelo, Marina Dias, acho que é esse o nome dela, foi a primeira a aparecer com uma. Depois vi uma igual na filha da Vera Fischer... Não sei o que houve nessa época. Por que as mulheres queriam ondas no braço.

– E você acha parecido? Essa tatuagem minha e as ondinhas?

– Não faz sentido eu ver semelhança?

– Não sei – digo – Não vejo o meu como ondas, mas como dobras, como uma representação gráfica de bordas de papel ondulando... Mas – então eu penso melhor – bem, talvez tenha uma semelhança: a de ficarem parecidos com braceletes quando estão no corpo.

– Era nisso que pensava? Que queria algo como um bracelete?

– Eu nem sequer acredito que vá se parecer um bracelete depois que você puder interferir.

Pois o plano é simples: a partir de agora todos os dias nos encontraremos para fazer tatuagens ou pensar sobre tatuagens, conversar sobre tatuagens. E quando ele termina de fazer esta, agora, com meu braço está vermelho, inchado e sangrando nós apenas olhamos, eu e Jack, satisfeitos com aquilo.

– Você pode ficar aqui o quanto quiser – ele recosta o corpo na mesa ao lado, cruza os braços – Faço suas tatuagens de graça. Vai ter um lugar só seu, seu armário, sua mesa. Vai ter um lugar para descansar, comida, televisão e Internet, além de uma vasta biblioteca sobre arte, tatuagem, design. Pode até dormir, desde que avise, previamente. Mas, em troca, quero poder usar sua pele, quero mais algumas dessas que você chamou de sessão-surpresa. Uma tatuagem minha. Uma sua. Tudo bem?

Eu apenas confirmo com a cabeça.

– E tem mais uma coisa. Pode parecer estranho, mas eu quero fotografar você. Uma foto por dia, todos os dias úteis, registrando a evolução do processo.

– Nu artístico?

– Não. Nem sempre.

Ainda nos mantemos suficientemente distanciados das coisas práticas, todo o trabalho que teremos, todos nós, daqui pra frente, Pois Raul e Barto se sobrecarregarão, Jack dispensará clientes para produzir uma grande obra e esta grande obra, quem sangrará, se tudo

der certo, serei eu. Nós ainda estamos comemorando o prêmio, ainda vemos de frente todo o esforço como algo bom, mas isso, em seu tempo adequado, deverá mudar.

– Tem certeza que está ok com isso? Que façamos, regularmente, isso que chama de tattoos-supresa? – Jack me pergunta.

– Sabe que sim – respondo –, se na outra metade do tempo você me ensinar se ganho as tatuagens de graça. Se eu puder participar do processo de elaboração uma vez ou outra.

– E o direito de cessão de imagem? Bem, você sabe, é uma medida estritamente burocrática. Eu não vou usar sua imagem, independente do que estiver assinado, claro, se não quiser, se não ficar confortável...

– Nenhum problema – eu digo. – Vá em frente. Providencie os contratos. Estou animada com isso.

Então sem saber o que exatamente será “a obra de arte”, nos apenas apertamos as mãos empolgados, como adolescentes que compraram um novo jogo. Ainda é cedo. Não sabemos ainda como passar os estágios, não sabemos como vamos encaixar o jogo em nossas rotinas, apenas queremos jogar e por enquanto, basta. Amanhã nos preocuparemos com o como. Amanhã nos reuniremos.

Saio do estúdio com algum material antigo de exposições passadas de Jack e a barriga doendo rir. Ao fim eu tinha me divertido muito. Tinha sido celebrada, ao chegar na cantina, com confetes e serpentinas: “Senhoras e senhores, a detentora da melhor tatuagem feita este ano”... Mas agora entro em casa, carregando na mão o peso da mochila e a realidade me recebe às bofetadas. Um soco na cara: o mesmo direto, que eu vou sempre ter que levar. As coisas de Marcelo tinham sido violentamente retiradas do lugar, a caneca de café está aos cacos no meio do cômodo, assim como os pratos Tok&Stock, meus livros de tatuagem, meus comprimidos, espalhados. Tudo está me dizendo: ele esteve aqui.

Sento, cansada e com a bolsa, no sofá vazio. Meu deus, eu suspiro, ciente que Marcelo já sabe da viagem, ponho o celular na tomada, 1 nova mensagem de áudio.

“Filha? Escute, só estou ligando para dizer que estou bem, certo?”

Eu vou ter que reunir os cacos maiores na mão e jogar no lixo. Os pequenos, não sei. Não sei ainda o que vou fazer com isso.

“A minha pressão já estabilizou. A glicose tá normal. Tá tudo normal.”

Achava que podíamos nos entender, Marcelo e eu, que depois eu o chamaria aqui pra conversarmos. Eu fico parada, imóvel ouvindo o insistente troar das máquinas e misturadores de cimento além da esquina.

“Agradeça ao Marcelo aí por mim.”

Mas que diabo aconteceu aqui na minha ausência?

Logo cedo da manhã Marcelo manda mensagem: “É incrível, mas só agora eu percebo o quão idiota é ainda esperar que você fale alguma coisa”. Como sempre me acontecia ao tentar respeitar decisões dos outros, eu sou chamada de indiferente, insensível... Enfim. Telefone.

– Onde você está? – eu tento saber. – Posso ir aí te ver, então.

É preciso ir de moto até quase a saída da cidade, e chove. Esta foi a grande ideia de Marcelo: um quarto de albergue para o qual ele mesmo tinha dirigido sem sequer cogitar ir para a casa do irmão, ou ligar para o ex-colega de apartamento.

– Você nem notou que eu não estava em casa – ele começa as acusações assim que entro no quarto. – Fui ao apartamento, lhei esperei chegar e você não estava. Você sequer telefonou. Seu pai esteve doente. Você sabia disso?

É um quarto bem modesto o que ele tem aqui: a pia fica a um passo da cama e a área do banheiro, apertadíssima, comporta, com dificuldade, apenas o vaso e o chuveiro.

– E você, pelo jeito, gostou de viver em espaços pequenos – meu cabelo está pingando, minha roupa gruda no corpo e meus olhos ardem das gotas que entraram pela viseira aberta do capacete. – Veja, por que não me empresta uma toalha, uma roupa seca? Daí, sim, conversamos.

– Tem toalha no banheiro – ele diz, vencido – mas se quer secador de cabelos tem que pedir na recepção.

Ele arrefece, dá por encerrado este round.

O básico ele já tinha me explicado. Eu entro debaixo do chuveiro e... se é que eu consegui entender direito, meu pai tinha precisado de companhia para o posto de saúde, é essa a versão de Marcelo. Ele teria entrado no apartamento com as próprias chaves para buscar tudo o que era dele: as roupas, a caneca de café, sua cafeteira de espresso, as cápsulas que eu sempre esquecia de comprar... E então o telefone tocou. Sim. O de casa. Neste ponto, consigo imaginá-lo confuso entre atender ou não, para por fim larga a mala de lado e atender.

Se eu tivesse mantido o celular ligado, enquanto estava no litoral, isso não teria acontecido. Assim, fui eu, indiretamente, que fiz o telefone tocar o telefone na mesinha entre o computador e a impressora. Do outro lado, uma voz masculina e cansada diz “Acho que estou morrendo”. Não é uma história absurda, essa versão dele sobre ir bater na casa do meu pai.

E, no entanto, apesar de engolir a explicação, há algo que me incomoda enquanto estou debaixo do chuveiro. O que ele quer comigo aqui? O que queria? E o problema é que se eu perguntar, sim, se for em frente e perguntar “Por que foi lá? Sim, por que voltou ao apartamento? Por que saiu, pra começo de conversa?”, então ele vai usar a carta do amor.

Porque me ama. Porque me ama foi embora, porque me ama voltou ao apartamento. Porque me ama acompanhou meu pai ao posto médico – e essa história precisará explicar melhor. E também é buscando meu amor que me dá este endereço e me recebe aqui. Não se dará ao trabalho de explicar que merda é essa, o amor. Nem o que ele espera ganhar com isso.

O que Marcelo quer. Essa é a pergunta que me paralisa no banheiro. Talvez ele queira a busca do amor por si só. Talvez tenha medo de dar os próximos passos, ir em frente, alugar um apartamento. E afinal, de quanto amor uma pessoa como eu precisa, de quanto precisa alguém como Marcelo, em termos objetivos? Nada. Absolutamente nada. Não precisamos de amor, não sabemos o que fazer com essa coisa mole e viscosa a que chamamos de amor. O que precisamos é de companhia. Alguém que esteja disponível, bem ali no cômodo ao lado para dividir a pizza que é grande demais para um só. Para distribuir calor, e colocar os olhos na gente. Testemunhar que estamos vivos mesmo depois do horário comercial. E companhia não é amor. Companhia é um serviço que, a um certo preço, um bicho de estimação pode prestar. Água, higiene e comida. Sai barato.

Enxugo os cabelos com a toalha. Saio do banheiro. Marcelo está sentado na borda da cama tubular me esperando.

— Eu viajei no feriado — digo — um concurso de tatuagens. Meu tatuador precisava de tela... – eu não preciso de amor, me dou conta – E foi você quem saiu, Marcelo.

— Fui eu quem saí — ele repete — mas que tipo de desculpa é essa? Onde você estava, quem mais foi junto?

Talvez Marcelo quisesse me guardar no contêiner.

– Porque eu nem contei para seu pai – ele diz –, eu não disse que tínhamos brigado, não disse que não tinha a mínima ideia de onde você pudesse estar... O homem precisava de socorro, pelo amor de deus, apenas larguei tudo e fui correndo.

Seria essa, essa, então a explicação para as coisas quebradas?

– Samara, eu fiz o que tinha que fazer. Agora, em separado, resolvemos nossos problemas.

Mas é isso o que quero? Resolver nossos problemas? Pois há outra história possível e essa eu acho bem fácil de imaginar: Marcelo sai para “me dar uma lição”, para que eu “aprendesse a valorizá-lo”, era um tipo de jogo que costumava ser facilmente praticado quando ele tinha seu próprio apartamento, nesses dias, aproveitava, saía com os amigos, como se desse a si mesmo um feriado, depois, voltava. Volta. Vai até o meu apartamento, esperando me encontrar triste, indefesa, mas se eu não estou lá, se não chego, se não entro pela porta, então onde mais me procuraria? Qual minha única família nessa cidade? Eu sei disso por conhecer Marcelo. Já por conhecer meu pai, por saber de cor o espetáculo do pobre viúvo diabético, sei da queixa: uma dor que está muito forte, uma tontura, uma vertigem... E se foi mesmo assim, se Marcelo insistiu e levou meu pai a um pronto-socorro, tenho certeza de que meu pai o adorou com todas as forças.

- Quando foi isso? – pergunto.
- Anteontem de noite.
- E estava indo buscar o que sobrou?
- O que eu estava indo buscar ou não, isso realmente importa?
- O que mais importaria?
- O que sobra de mim. O que ainda sobra de nós dois, era isso o que devia importar.

Bastava tê-lo abraçado e tudo se resolveria. A memória do corpo, mais do que a nossa própria, poderia nos restaurar o afeto. Mas, para fazer isso, teria então que pôr de lado esses absurdos curativos de pvc, teria que correr o risco de machucar, de suas mãos acharem minhas feridas e, assim, despertar ainda mais a raiva dele. “Veja o que está fazendo” – ele vai dizer quando se der conta da tatuagem– “agora até um abraço é dolorido”. Pela primeira vez vejo sentido em pomadas anestésicas e curativos especiais que liberem a pele.

- Você viajou só com o tatuador, então? – ele diz como se fosse para si mesmo.
- É o que estou tentando contar.

Ele enfrenta meu olhar e parece que há algo de acusatório nisso. Sai rapidamente do quarto rumo ao banheiro. Um momento depois está de volta. Toda a disposição para conversar desapareceu bem como seus óculos, seus cabelos estão desgrenhados. Trás numa das mãos suas cópias da chave, na outra, minha roupa molhada.

- Por favor, vá embora – ele diz e se tranca no banheiro.

Eu poderia insistir. Poderia pedir e explicar, e me fazer entender, mas minha impressão, depois de um pouco de silêncio, é apenas de que tudo o que há, o que podia ter havido, neste quarto apenas perdera a importância, tinha se esvaído, evaporado como acetona num frasco destampado. Levanto, então, sem dizer coisa alguma. Saio dali com ele ainda preso no banheiro e, da calçada, justamente, ligo para Jack. Digo: Quarta-feira é um bom dia?

E no entanto, é no prédio do meu pai que começo o dia seguinte. O porteiro me reconhece e assim que estaciono a moto. Abre o portão automático sem sequer me cumprimentar. Eu sei, hoje em dia, que isso tem mais a ver com meus braços desnudos, as tatuagens que aparecem, recém-feitas, do que com o meu rosto, necessariamente. As tatuagens, eu penso nisso quando me vejo no espelho do elevador: as pessoas me conhecem agora fisicamente por causa das marcas que eu mesma escolhi e não por aquelas que eu não podia controlar. Olho tudo isso no espelho do elevador, o conjunto que isso forma enquanto sou conduzida até o sexto andar... As marcas que eu escolho? Penso melhor, bem, sim, as que eu escolho e as que Jack escolheu pra mim. Toco a campainha da porta. Desde que acordei há essa espécie de ressaca em que fico me perguntando como explicar que o namorado que ele acaba de conhecer já está indo embora. Que era passado. Toco a campainha.

— Sou eu, pai — grito, e ele abre a porta sem camisa e uma escova na mão.

— Ah — ele diz em seu semblante impassível — veio ver se estou inteiro.

— Bem, eu tinha que vir — explico pra ele, entrando na sala — parece que os seus exames estão prontos no hospital, mas os documentos para pegá-los estão com o senhor.

— Isso seu parece estar indo mal — ele diz indicando o pvc que está escapando das minhas costas — precisa pedir ajuda pra fazer essas coisa aí atrás.

A pele ainda parece um pouco inchada, as casquinhas estão começando a soltar.

— Isso não é nada.

Ainda assim ele me oferece comprimidos.

— Tem certeza que não cai bem um antiinflamatório?

Passei os dois últimos anos tomando antiinflamatórios como ele tomava insulina.

— Não, obrigada.

Sentamos, os dois, ele em uma das cadeiras da varanda e eu no chão, diante dele. Depois, pega a escova que deixara ao seu lado e começa, com ela, a coçar a própria pele, os braços e as costas principalmente.

— Qual é o negócio com essa escova? — pergunto.

— Estou tentando me coçar.

— Dermatite?

— Fui na manicure e ela me tolheu as unhas.

— A coceira é consequência de alguma coisa, pai. Tem que descobrir o que está fazendo com que coce.

— Eu sei o que está fazendo com que coce — ele diz —, e é o mesmo motivo que faz meus cabelos caírem, e eu esquecer o nome das pessoas, eu estou ficando velho, ora, o que você esperava?

— Gente jovem também se coça.

No terceiro dia da tatuagem, então, nem se fala.

— Confie em mim — ele me lança seu olhar impaciente — as coisas da velhice são muito diferentes.

E enquanto ele continua se coçando, eu vou dizendo que pensava em mudar o fornecedor da comida dele, que tinha descoberto algo sobre como há mulheres, algumas senhoras, dessas que cozinham bem, como elas resolvem, depois que os filhos saem de casa e os maridos morrem, como elas resolvem fornecer comida para pequenos grupos de pessoas. Ele está ficando ansioso.

Começa a dizer que os invernos estão cada vez mais quentes, eu digo que o apartamento é ventilado, ele diz que o Federer já jogou melhor, eu digo que todo mundo está fazendo o possível, ele fala no filme que assisti no cinema eu digo que não vou ao cinema há muito tempo. Então ele me interrompe no meio de alguma frase:

— Eu quero voltar para o interior — ele disse.

— Como assim?

Então ele sentou, e eu senti que devia ter feito o mesmo.

— É isso — ele continuou. — Esse tratamento aqui não está adiantando de nada. Eu estou velho. Os velhos precisam morrer e ponto final.

Custou pra mim entender que ele estivesse falando sério.

— Olhe, este negócio é debilitante demais. Eu passo mal o tempo todo... E aqui... Eu não gosto. Eu me sinto preso nesta cidade imensa. Agora decidi. Não faço mais o tratamento. Ponto final.

Dias antes eu estava convencida de que ele realmente estava se adaptando.

— Mas que merda é essa? — alguma coisa tinha acontecido, claro — É por causa do Marcão? É alguma crise de meia-idade tardia? Devo levar o senhor num psicólogo?

Merda não vem sozinha. E o diabo é que ele nunca tinha me parecido tão lúcido e resoluto quanto naquele momento. Eu sentei no sofá na frente dele. Ele ficou me olhando ali, com aquele ar todo perdido, como se não tivesse mais coisa nenhuma pra dizer. Não

gostava desses medicamentos, desses médicos, desses tratamentos pro fígado. Era esse todo o seu ponto. Não gostava dessa cidade, apesar de ter feito todas as aulas de natação, de tango, de culinária que eu arranjava pra ele. Não gostava muito de mim também... Quero dizer: é claro que um pai ama sua filha. Ele certamente me amava como sendo uma coisa dele e de minha mãe e tudo mais, mas provavelmente não teria nada em comum comigo, não nos gostaríamos se fôssemos estranhos, desconhecidos, que entrassem, por acaso no mesmo vagão de trem. Eu sabia exatamente o que ele pensava. Ele achava que eu, por ser cheia de tatuagem, usar camisa. Por destoar completamente da ideia que ele tinha de uma mulherzinha, com bolsinha, risadinha não servia para a tarefa de ser filha dedicada.

Então, já que sou a brutamontes, aproveito pra bater duro.

— Então eu acho que já vou.

O jeito que ele me olhou...

— Por quê?

Eu não entendia.

— Ainda tem alguma coisa a mais pra gente conversar, pai? O senhor decidiu que não quer tratamento. Que não quer mais morar aqui. Tem alguma coisa ainda pra eu fazer nessa casa? Tem alguma serventia eu ficar aqui? Tem mais alguma decisão dessas imbecis para contar?

— Não. Mas faz diferença?

Como assim se fazia diferença.

— Porra.

— Porra?

— É, pai. Porra. O que quer que eu diga?

— Não sei. Pelo tanto que me custou sua educação... —e é dado aos pais apontar o dedo nessas horas — Esperava algo melhor, um vocabulário mais rico.

Porra. Caralho. Boceta. Vida de merda.

— O que o senhor quer é cometer um suicídio lento.

Ele quase achou graça, mas eu continuei:

— E, nesse caso, eu, como sua filha, não tenho nada mais eloquente pra fazer senão ir pra a minha casa, me trancar, e chorar sozinha, não acha?

— Você não chora sozinha. Eu também não.

— Certo. Chora do jeito que quiser, então, pai. Não é mais da minha conta.

— Escute. Não é o fim do mundo. Muita gente opta por não se tratar.

— Eu não sou filha de todo mundo.

— Você acha que não é uma escolha minha? Não acha que é meu o direito de tomar uma decisão?

— Não. Não é sua decisão. É seu egoísmo.

— Meu egoísmo? — dessa vez ele ri, de fato.

— Exatamente. Egoísmo que o senhor toda vida disfarçou se escondendo atrás de uma doença. Escondendo atrás de sua mulher...

— Minha mulher morreu — ele ergueu a voz.

— Isso mesmo. Eu sei. E sabe como eu sei disso? Sei porque era minha mãe, ali. Fui eu quem fiquei sem mãe. E agora, eu, que já perdi ela. Agora, por sua decisão soberaníssima, tenho que ficar sem pai também.

Ele parecia aborrecido.

— Está parecendo que a dor é mais sua do que minha.

— E suponho que eu devia pedir desculpas também por isso.

— Não — ele gritou. — Não tem. Que menina teimosa, meu Deus do céu.

— E é minha culpa também que o senhor esteja se sentindo mal com isso?

— Não, não é sua culpa. A morte da sua mãe também não foi sua culpa.

— Ah, pelo amor de Deus, não vem com essa baboseira psicologizante pra cima de mim, pai. Não foi sua culpa sua mãe ter morrido. Não foi sua culpa eu não querer me tratar. É claro que não foi minha culpa. Eu sei disso. Não é este o ponto.

— O ponto é: eu vou voltar pro interior. O que mais eu poderia fazer? Você tem o Marcelo...

— Esqueça Marcelo, está bem?

Passei a vida toda nisso. Eu arrumo namorados, eles conhecem meu pai, depois se juntam, os dois, contra mim. E quando me separo deles, meu pai passa a me olhar exatamente como me olha agora, como se eu tivesse arruinado toda a brincadeira, como se fosse a megera que desfez uma amizade que tinha tudo pra durar pra sempre. Meu pai descartaria a mim e ficaria com meus namorados qualquer um deles, sem pensar duas vezes.

— Já tinha acabado, na verdade, nós brigamos semana passada. Não sei por que ele não lhe contou — digo.

— Bem, depois vocês se resolvem...

— Não é assim, pai.

— Ele se preocupa tanto com você...

— Bem, nem sempre preocupação é vantagem, se o senhor quer saber. Nem todo mundo é como a mãe, sabe? Nem todo mundo vai ao abrigo de animais e sai de lá justo com o cachorro doente.

Ele olha pra mim como se eu tivesse acabado de fazer uma piada preconceituosa e sem graça.

— O que quer dizer com isso? – franze as sobrancelhas de um jeito que não o vejo fazer há muito tempo – Ele disse algo assim, por acaso?

— Não, mas não é difícil supor.

E eu tinha usado esse termo “doente” justo para que ele entendesse de qual dos lados ele devia ficar, mas ele apenas se levanta com a escova e, sai da sala em direção ao corredor volta de lá trazendo os documentos e claramente enraivecido, fala:

— Bem, não ponha sua mãe nisso sim? Por favor, não ponha sua mãe em nada disso.

De tarde, como o combinado, vou ao estúdio para assinar o contrato de cessão do direito de imagem. Mal termino, e Jack me estende um caderno preto de capa dura

— É seu — ele diz. E eu primeiro acho que ele está fazendo alguma confusão. Eu nunca vi esse caderno na vida.

— É seu — ele repete. — Pode escrever seu nome na capa.

E me custa um pouco ainda entender.

— Ah, Jack, você não deveria me dar presentes — eu digo a ele. — Já é complicado sem isto.

Penso que talvez Jack tenha reparado algo errado em mim da última vez que falamos ao telefone. Penso que talvez eu mesma tenha pedido, sem me dar conta, *Jack tenha algo pra mim*. Qualquer coisa.

Um truque: era isso o que eu pedia. E que esse truque me restituísse a diferença entre quem eu era, a vida risível que eu levava num apartamento minúsculo, úmido demais, e que ainda por cima estava cheio de lembranças ruins e quem eu precisava ser. Algo precisava acontecer ali dentro, algo que me restaurasse a humanidade, ou me premiasse, pelo estoicismo e a ignorância. “Eu tenho algo pra você”, ele tinha dito, então, como quem entende a própria deixa. E daí me entregou o caderno. Disse: “É seu”.

Minha mãe costumava me dar de presente bonecas com perfumes de frutas sempre que eu aceitava que me tirassem sangue. Semanalmente era isso, nós íamos ao laboratório. E mais do que tudo, mais que as agulhas eu temia o garrote, aquela repugnante tira de borracha, com que me amarravam o braço fazendo as veias saltarem. Isso dói, eu dizia. Não dá pra fazer sem isso? Mas da única vez que consegui convencer uma enfermeira a ignorar a ferramenta, o procedimento que tendia a ser apenas uma picada rápida, doeu como o inferno, minha pressão caiu e desmaiei ali mesmo, sem nem fazer cara de choro. Neste dia, saindo de lá entramos no supermercado e, na sessão de brinquedos ela disse: “Você pode ganhar duas, hoje”. Depois disse: “Parabéns”. Mas parabéns pelo quê?

— Não precisava — eu digo a Jack.

Digo porque é verdade. Não era necessário. Nunca foi. Mesmo ali, criança, eu não iria chorar ainda que não houvesse qualquer chantagem envolvida. (Hoje eu tenho a impressão de que talvez eu devesse ter realmente me assustado com aquelas constantes idas ao laboratório. Eu devia ter perguntado a ela: de que são esses exames de sangue que preciso fazer tão reiteradamente? E que resultado isso dava? Teria algo a ver com minhas inflamações? Minhas dores de cabeça?)

— Não precisava mesmo.

E era óbvio o significado que minha mãe gravava em mim com aquele gesto: “Você foi forte”. E também, com Jack, o presente dá outro significado às coisas. Faz dos cacos

minúsculos da caneca espalhados pelo chão da minha casa uma evidência de que eu seguia em frente. “Você é forte”. Pois não sinto mais a pressão na cabeça há tempos e Jack, que era um completo desconhecido pouco tempo atrás, me estende um caderno de presente, entre o horário do almoço e o segundo turno de expediente comercial.

— Minha mãe me dava presentes pra eu deixar me tirarem sangue — eu conto pra Jack — Mas, sabe, eu não sou mais criança. Ele vem pra perto de mim. Senta ao meu lado — Isso não é mais necessário — dou de ombros.

(Porque no fundo eu já sabia ali também, com sete anos de idade, pedindo para não usarem a fita elástica, que mesmo se eu não quisesse as bonecas, não haveria alternativa. Eu não tinha nenhuma escolha).

— Se eu também me benefico — Jack diz — então não é exatamente um presente. Vamos. Abra isso. Vamos começar a trabalhar.

Então eu tiro o elástico que mantem as folhas unidas.

— E Ponha seu nome na capa. Antes de qualquer coisa.

Obedeço. Escrevo *Samara* na primeira folha e só depois folheio. É aí que vejo.

— Mas — Olho de novo pra ver se não imaginei aquilo. — Está usado. — eu digo a Jack que franze o cenho por um segundo, um segundo inteiro, como se minha frase “está usado” fosse a última coisa que esperasse ouvir.

— Me deu um caderno usado? — eu forjo indignação. E seu rosto vai abrindo um sorriso contrito.

— Ora, mas... —É claro que está — ele responde — você mesma usou, de certa forma.

Ele trasferiu pra cá tudo o que havia no bloco de notas, além disso, desenhou com nanquim as tatuagens que eu já tinha e não como se fossem desenhos planos, e sim com os volumes do meu corpo num efeito de 3D.

— Aquele seu bloco de papel não era muito bom. Você gostou?

Então para não dizer “é a coisa mais incrível que já ganhei”, falo :

— É a coisa mais idiota que já ganhei.

E nós dois começamos a rir.

O que eu não entendia. O que minha mãe queria dizer quando falou: “Se você não chorar, se deixar a moça fazer tudo direitinho sem reclamar, te dou uma boneca quando sairmos” eu só entendi ao fim da primeira vez. O presente significava: vai doer.

— Você é impossível — Jack diz — Vem cá. Devolve o presente se não sabe agradecer.

Rimos.

E nós, como humanos, pressentimos o perigo e ainda assim repetimos os erros. Uma tatuagem na pele, nas costas da mão, por exemplo, é claro: Vai doer. E isso, nossa parceria, Jack sentado ao meu lado, rindo junto comigo e me levando para longe do apartamento infestado da minha própria derrota, da derrota de todas as pessoas que, naquele bairro, sempre parecem mais atrasadas, isso também dói. Vai doer. E nós rimos.

Eu não tinha como saber, mas Jack sabia.

— Absolutamente impossível.

Então ele, que já sabia tanto, que sempre sabia de tudo, poderia ter se dado ao trabalho de tirar aquele sorriso empacado no meio na própria cara, me dizer ali mesmo: vai doer. Podia tirar o sorriso da minha cara com essa frase (vai doer), ou pelo menos podia ter me perguntado: “Tem ideia do quão mal você acaba nessa história?”

Porque, claro, eu com o caderno nas mãos, dizendo sim à proposta de Jack. Qualquer um sabe que o imperdoável ali não é o “sim”, não é a assinatura, nem o salto que me lança outra vez irreversivelmente à queda livre. O sim sempre foi a coisa certa. O imperdoável é o sorriso, nossas caras idiotas, minha e de Jack, de quem — ah, por favor, ninguém é mais criança aqui — , ainda espera ser feliz. Ele podia ter me avisado, Jack. E não sorrido. Eu daria esse salto por puro ódio. Por causa do fígado moribundo do meu pai, por causa do pâncreas moribundo do meu pai. Por causa da cabeça de minha mãe. Por causa da bobagem e da imensa idiotice que era os meus pais definharem. Por causa da ingenuidade imbecil deles. Ter uma filha. Esta filha. No que isso ajudou, afinal? Eu daria, assim mesmo, o salto. Vai doer: eu já sabia. Mas este é o único jeito realmente forte de saltar.

Chego de noite no dedoc para meu primeiro dia de trabalho no turno novo. , eu já estou cansada. Sérgio me olha de cima a baixo, aponta para uma mancha gordurosa saindo pelo meu ombro, preta.

— Isto é sujeira?

E sem nem olhar para o que ele está mostrando, apenas respondo.

— Não, é sangue.

Resposta errada.

— Cuidado, Samara — ele adverte — são tempos difíceis. Se o Sr. Almeida Campos estivesse aqui, você sabe o que ele te mandaria fazer, não é?

O senhor Almeida Campos nunca vem aqui de noite. Resposta errada porque agora ele vai fazer o que mais gosta na sua posição de chefe: bancar o amigo, o compreensivo, *Todo Mundo Aqui Quer Te Foder* — é este o espírito da farsa. Todo mundo menos ele, claro. Ele está do meu lado. E minha obrigação, perante essa gentileza é ajudá-lo a não ficar mal neste papel. Só rindo. Essa de bancar o amigo, o pai, o que vai te proteger de você mesma, num ambiente selvagem. Essa é uma tática de controle muito apreciada nesta empresa.

Como se uma manchinha de nada fosse lá grandes coisas. Tenho seis pares de calçados, seis calças, doze camisas. Eu moro num apartamento de 22m² — não é preciso ser um monge zen budista para aprender o desapego nessas condições. Além disso — eu olho meu próprio ombro, e quase não vejo a mancha — além disso Marcelo tinha quebrado a máquina de lavar antes de ir embora. Essas coisas acontecem.

E Sérgio na minha frente, falando sobre o processo seletivo que se arrasta, sobre Fabiola, sobre a revisão do arquivo para o fim do ano, as retrospectivas já estão sendo preparadas. Ele fala que entende. Ele me olha, inclinando a cabeça pra baixo.

— Samara, eu sei, é uma merda ter seu horário trocado, custa a acostumar — e vai se pavonear todo falando sobre tudo o que aprendeu nesse trabalho —, mas para sobreviver aqui, é preciso esquecer tudo, tudo mesmo, sua vida pessoal, seus interesses... — ele diz que vai me recomendar um filme. Telma sabe qual é: ninguém chega a lugar nenhum sem se comprometer cem por cento — Sabe este nome no seu crachá? É isso: Samara Arquivista Sênior. É este seu sobrenome agora. É preciso esquecer o resto.

Eu afirmo com a cabeça. Visto o casaco para cobrir a camisa, Um filme. Um filme, Telma sabe o nome, vai me restaurar a integridade e compensar o deficit que há entre o que eu sou e o meu papel numa empresa. Um filme vai apagar meus problemas domésticos, o bater diário de Marcelo nas teclas e vai me compensar por ter aberto mão, não apenas de vida social, ou sentimental, isso já não existia, mas de ter uma vida útil. Vai te pagar o adicional de insalubridade por topar trabalhar num horário que é não apenas uma afronta à sua saúde e à sua sanidade, mas também ao seu biorrítmo, por chegar em casa tarde, e tensa. Por topar tomar banho como um ninja, tentando não bater em nada, não derrubar nada, para

não ouvir queixas dos vizinhos e ao deitar na cama você demora a conseguir grudar os cílios de cima com os de baixo, então o despertador toca.

— Claro — respondo —, obrigada pelo conselho.

O filho da mãe, satisfeito, entra pela outra porta em direção às estantes.

Eu levo para Jack todas as aparições, as fitas que encontrei sobre ele no arquivo da TV. E não me refiro às cópias, às gravações, que eu tenho em casa, mas as originais, o desfalque direto do arquivo pois, segundo ele me explicou, sua maior curiosidade era saber junto do que as aparições dele se grudavam.

— Você poderia pegar um estilete na bolsa e abrir um baita corte em si mesma na hora em que ele viesse reclamar. Faz um bem fundo. Seria assustador.

Eu rio. Jack diz essas coisas para me animar.

— É a única solução — ele diz, colocando as fitas no videocassete novo — Assusta ele. Assusta de verdade — e a TV exhibe as imagens: Jack está agora em um carro sem portas. Esta fita estava retrancada como TRÂNSITO/ARTISTA. Eu nunca a teria encontrado se ele não tivesse descrito a coisa pra mim. — Mostra que não tem medo.

Para Jack, os chefes diretos são os novos pais. Agora que nossa educação foi terceirizada, agora que tudo foi psicologizado e nossos progenitores cansaram de ser os vilões. Agora são os chefes diretos: são eles que precisamos matar e isso, Jack me esclarece, não tem nada a ver com ódio de classes. E eu ouço muito interessada. Mas eu só preciso, ao fim disso, do dia de trabalho, ontem ter sido cheio desses cochilos, meu impossível sono, eu só preciso de mais café.

— Quem disse que eu tenho um estilete na bolsa, Jack? — replico — E eu não tenho nada contra o Sérgio, na verdade.

— Não?

— Não.

— Talvez você seja louca.

Nós assistimos em seguida outras de suas exposições controversas. Cinco mulheres amputaram falsamente os seios com tatuagem.

— É um homenzinho de merda. Me dá pena. — eu suspiro. Cinco mulheres de jeans e o torso nu como Arianne, perfiladas e uma multidão de verdadeiras mutiladas protestando do lado de fora do museu. —, e além disso — eu digo a Jack — Além disso há câmeras em todo lugar naquela empresa. Eu só ia passar por louca.

Ele dá pause. Ejeta a fita.

— Talvez você seja mesmo louca — ele especula, olhando pra mim, muito sério — sabe: se você tivesse um acesso de fúria e esmurrasse seu chefe durante o expediente poderia ser clinicamente diagnosticada como louca. Isso te dá uma folga instantânea do trabalho e ainda pode, com alguma sorte, conseguir uma aposentada por invalidez. — ele diz isso muito sério —, mas tem que tomar cuidado — adverte —, tem que deixar claro que é coisa de gente louca. Tem que escolher o momento. Não pode fazer isso depois de receber uma ordem, por exemplo. Isso seria entendido como insubordinação e daí é demissão por justa causa. Você não ganha nada com isso.

Jack é cheio de informações importantes como esta.

Jack sabe: por que a maior parte dos cosméticos anti-rugas são uma farsa, porque há um efeito cicatrizante da manteiga de cacau e da pomada de bebê, e mesmo que eu lhe diga: minha pele resseca por viver no ar condicionado da geladeira, e por causa dos banhos quentíssimos que tomo ao chegar em casa depois de horas exposta ao frio, mesmo assim ele ainda será cheio de mais informações úteis: use meias de nylón, por exemplo, por mais finas que sejam, seguram sua temperatura por baixo de um jeans comum, muito melhor que um casaco enorme, que ainda por cima é de algodão. E sabe todas as formas possíveis de processar uma empresa.

— Como é que você sabe tanta coisa sobre trabalhadores e processos?

Eu penso que afinal ele é dono do próprio estúdio e que todo o regime trabalhista ali dentro, com os outros tatuadores, era bastante peculiar. Ele levanta, guarda as fitas no armário.

— Meu pai, é claro — Jack respondeu — sempre tanta gente trabalhando pra ele. Claro que, vez por outra dava errado, e alguém acabava conseguindo ferrar com ele, pelo menos um pouquinho.

Então Jack passou seu tempo desacreditando as relações trabalhistas.

— Já teve carteira de trabalho assinada alguma vez? — eu pergunto.

— Não — ele responde. — Deveria?

É esse tipo de coisa que me faz olhar pra Jack como se ele não fosse deste mundo.

— Vocês superestimam a carteira de trabalho — deve ser alguma crítica velada à minha classe, ou talvez ao meu sexo —, mas eu trabalhei numa loja num shopping uma vez.

Eu poderia ter respondido que por milhões de motivos damos importância à carteira de trabalho. Mas então ele conta que, na verdade, os únicos funcionários que interessam aos empregadores são os que lhes fazem se sentir poderosos, os que precisam do dinheiro no fim do mês, ou das indicações, ou do status. Por um momento, me deixo, então influenciar pelo modo como Jack vê as coisas.

— Bem, não faça essa cara — ele diz — está óbvio que eu não tenho uma boa relação com trabalho. Nunca vi, na minha família, ninguém trabalhando de fato. Devem ter feito isso eventualmente, em algum momento anterior a mim, ao meu nascimento, mas não tenho como experimentar algo apenas pelo discurso de “seu bisavô carregou caixas na feira, para sobreviver”.

Eu gosto da teoria de Jack. Acredito que a família fode nossas relações com o trabalho porque tenho o mesmo problema que ele, só que ao contrário, meus pais sempre trabalharam bastante, sem queixas ou reclamação sobre isso. Eles, meu pai e minha mãe, nunca chegaram com cara de derrotados, nunca maldisseram um patrão ou um colega.

— Dá pra acreditar?— eu pergunto a Jack — Uma casa com dois trabalhadores, e os infelizes nunca se deram ao trabalho de reclamar. Nunca deram qualquer mostra de cansaço, de enfado... Nem que fosse algo básico, didático, encenado. Quero dizer: eu não tinha como saber que cansava.

— E como achava que era?

— Não sei. Como andar de patins.

— Não foi isso que estragou você? Os patins?

— Não. Não foi bem isso — eu suspiro, hesitante. — Vamos fazer algo hoje, algo na pele?

— Não, hoje eu só vou desenhar você. Mas podemos fazer a costela no fim de semana.

É também por causa desses conselhos que passo as manhãs no estúdio mesmo não tendo mais nenhuma tatuagem por fazer. Eu auxiliava os tatuadores especialmente na organização de documentos, envios de correspondência ... Tinha pirateado o sistema de arquivamento utilizado na TV Pontal para o Design Ink e ensinado Barto a utilizar.

— É bem prático, está vendo? — eu lhe mostrava — E desse modo vocês conseguem encontrar qualquer imagem que queiram, o histórico dos clientes recentes...

E embora não recebesse um pagamento, propriamente dito, eu me sentia um pouco mais confortável para receber um abatimento nas sessões de tatuagem, o que não era pouco dado o preço que aquele estúdio específico cobrava de cada pessoa, muito artística e exclusiva, que entrava ali dizendo: eu queria marcar uma sessão, pra mim, para uma eu que agora ficava do outro lado do balcão e lhes perguntava: Primeira vez?

Não foi algo que tenha ficado decidido num momento. Nada do tipo: Então, a partir de hoje, Samara faz parte do estúdio, chegará às oito e abrirá as portas, ficará sentada no balcão cuidando um pouco de tudo e às vezes explicando às pessoas, se necessário “O valor é calculado pelo tamanho, paga-se o sinal antes, marca, vem bem alimentado..”, e mesmo que eu não fosse tatuadora, mesmo que eu não tivesse a menor intenção de ser tatuadora. Toda uma rotina ia se estabelecendo por uma série de coincidências, como, por exemplo: O dia em que tive que levar meu pai ao laboratório para o exame de sangue e fiquei depois sem ter pra onde ir entre deixá-lo em casa e ir para o trabalho. E depois, já que estava lá, e Jack tinha as tattoos por fazer, por que não ajudar Barto que não conseguia se lembrar como foi, como era exatamente, a tatuagem de pássaro que fizera naquela menina... Ou por que não ajudar as pessoas na pesquisa por um bom modelo de tatuagem...

Eu já quase não ficava mais em casa durante a manhã. Acordava bem cedo, saía para o estúdio, almoçava com Jack e depois ia para o trabalho, para a geladeira, onde ficava até as seis e depois disso eu, ainda preferia, passar mais uma vez no estúdio, e talvez fazer alguma sessão daquelas em que eu brinco de ser modelo, e ele fingia precisar que eu esteja ali para que eu seja desenhada.

Então, claro: nada exatamente decidido num dia ou num evento, nenhuma admissão, nem sequer um nome para pôr na prática, mas se assim mesmo fosse preciso escolher um ponto, e sempre escolhemos, eu teria elegido para isto o dia em que Jack me deu uma cópia da chave do estúdio.

Eu tinha acordado com o interfone, muito cedo, naquele dia.

— Sou eu — disse Heitor do outro lado — Vim buscar as coisas do Marcelo.

E quando ele saiu, levando tudo, tudo o que eu conseguia pensar era: hoje é quinta-feira. Pensava: Jack chega logo cedo ao estúdio nas quintas-feiras. Logo eu já estava na calçada esquentando o motor e girando o acelerador da Biz como se assim evitasse um certo estado sombrio ao qual estava propensa... Eu só queria estar lá dentro: entrei na principal ainda vazia, queria atravessar a cidade pela avenida e estar lá. Dei sinal para a esquerda pegando a rua esburacada, parei a moto na calçada, desci. E antes que pudesse me arrepender de ter ido tão cedo — a porta Design Ink estava trancada — eu dei conta do serviço começando na clínica da dor logo a frente. A recepcionista de terninho abrindo a porta, os pacientes chegando, muito antes das oito, muito antes do médico.

— Ei, você — gritou uma delas: não acha errado fumar esse cigarro justo na frente de um consultório médico?

Não respondi, como se fosse surda ou louca. Ela entrou de volta.

Foi só aí que percebi alguém se aproximando por trás de mim.

— Mas o que está fazendo aí? — era Jack que viera a pé pelo outro lado — Não diga que está aí há muito tempo?

Eu atiro o cigarro longe.

— Não faço ideia – menti, – . Eu tenho algo bom pra te mostrar.

— Bem, certo, entre. — e com um semblante muito grave disse — Vamos arrumar isso tudo.

Ele começou dizendo algo como: Isso não pode ficar desse jeito, ligando de uma vez as luzes, ar condicionado e ventiladores de teto. Eu não dei muita importância.

—Você aí pegando sol, ele disse, isso faz mal, sem falar na questão da segurança.

Tirei os óculos de sol, procurei onde pendurar a bolsa.

— Não tem importância — eu disse, já mudando de assunto — a avenida sem trânsito nenhum, acabei chegando mais cedo.

Mas ele parecia realmente incomodado com aquilo.

— Veja, vamos cuidar disso direito — pegou a chave dentro da gaveta por trás do balcão. Me estendeu. — acho que precisa disto.

Eu fiquei sem entender.

— Isto é o quê?

— A chave.

— Do estúdio?

— Bem, não é a chave da cidade... — ele riu. Precisou explicar melhor: — É simples: se estiver sem um lugar pra ir, venha pra cá. Se chegar antes de mim, abra. Se precisar de qualquer coisa, fale comigo. Agora me diga: está usando filtro solar, não é?

E na verdade, tudo aquilo parecia certo. Sim, está certo.

— Precisa de um lugar — ele falou — e de alguém que cuide direito de você.

E talvez fosse a noite mal dormida, o tempo que Marcelo estava ocupado demais e não dera conta da minha ausência, eu pensei: Por que não?

Peguei a chave, fiquei olhando pra ela, uma chavinha pequena metálica...

— Engraçado, eu sonhei com uma chave esta noite... — falei.

Eu me perguntei como passei todo aquele tempo de vida sem nunca ter sido cuidada por ninguém e de repente ele me oferecendo água e conforto, e uma chave, eu pensei.

— Poxa!

— O quê?

Protegida – pensei. Protecée.

—Por que está fazendo isso? — perguntei — Por que ser tão gentil. Eu não tenho nada a oferecer — dei de ombros.

Ele achou graça.

— Você se engana. Tem bastante a oferecer... pelo menos para mim. Além disso, o estúdio é meu ambiente neutro — levantou as duas sobrancelhas — Por que motivo eu não faria?

Mas claro, era óbvio, o tempo passado no estúdio tinha que estourar em algum lado e foi justo no trabalho que a coisa ficou mais evidente. A porta se abre: Sérgio aparece meio puto, com um desenho nas mãos.

— Isto é seu? – ele pergunta. Eu levanto a cabeça e dou com ele exibindo pra mim um nu artístico meu.

Sim. Exato. Sou eu ali desenhada e nua no papel.

— Posso ver? – pergunto, estendo a mão para pegar, ele me entrega. – Mas o que é isso? – eu digo olhando o papel mais de perto, o branco absoluto da folha de canson e o nanquim opaco nela sempre me causam essa impressão boa. Eu continuo olhando aquilo como se pela primeira vez; não é uma surpresa completamente fingida, ao fim. Eu realmente não lembrava de ter deixado isso solto. Um minuto atrás não tinha guardado a xérox disso na gaveta?

— Não se faça de louca, certo?

Eu devo estar sonambulando de novo. Devo ter esquecido o original dentro da máquina, é o tipo de coisa que tem me acontecido com mais frequência, ir à redação e depois não lembrar o que tinha ido pegar lá, receber o troco e deixar a sacola de compras... Mas o que é que se espera? A seleção de estagiários requer atenção enorme, meus próprios projetos requerem atenção enorme. O estúdio precisa que alguém faça as encomendas de material e está tudo meio tumultuado porque Barto passou de aprendiz a tatuador oficial... Quero dizer: de dar tanta atenção pra todo mundo o tempo inteiro eu acabo me distraindo nas coisas que não são assim tão importantes.

— Bem – foi o que eu disse. – Isso não é assim tão importante. – e soltei o desenho sem o menor incômodo na pilha do lado. Olho para Sérgio. – Mais alguma coisa?

O jeito que eu vi a cara dele caindo como uma fruta podre de incredulidade, foi engraçado.

— Samara – ele insiste. – Eu tinha lhe feito uma pergunta.

E não fica por aí. Desata a falar. Uma historinha engraçada sobre “O que você faria em minha posição? Se encontrasse um desenho de putaria numa impressora que serve ao seu setor. Se o Senhor Almeida Campos achasse durante uma inspeção?” e eu gostaria muito de ver isso acontecer porque também havia a lenda de que numa conversa com o editor de esportes, o tal Sr. Almeida Campos perguntou o que era cunnilingus. Falou “Vem cá, você que é um cara instruído nas coisas populares, me responda aqui uma coisa: Você sabe o que é cunnilingus?” E ao fim, disse: “Ah, sei. Mas é nojento, não acha?” – e enquanto eu devaneava nessa lembrança, O editor de esportes rindo, espalhando que o dono é contra todas as formas de sexo oral por uma questão higiênica, Sérgio me passava o sermão clássico que todos nós conhecemos sobre ser proibido usar a impressora da empresa para assuntos pessoais, eu só paro o devaneio, o dia em que a Senhora Almeida Campos foi à empresa e todos os olhares a ela dirigidos “coitada”, disseram, quando percebo o tom de pergunta de Sérgio.

— O quê?

— Perguntei se isso aí aparecendo é sua roupa de baixo.

Eu olho.

— Ah, sim. Bom. É. Em parte.

Ele diz:

— Isso é coisa de puta.

Eu suspiro. Já deu.

— E isso – eu mostro com o dedo nosso arredor e ele mesmo – isso é o que chamam de assédio moral – muito calma, preparo um bocejo. Penso melhor – talvez sexual também.

— Como é que é?

— Sérgio?

— Hum.

— Somos colegas, não é. Patrão, empregada, mas sobretudo colegas, não é?

Ele não responde.

— Não fica bem. – eu disse – a gente tem trabalho a fazer, não devíamos usar o tempo nessa coisa...

E eu devolvo a ele a questão: o que você faria na minha posição, eu digo, se teu chefe te distraísse do trabalho falando putaria, e te chamando de puta?

E ainda acrescento:

O que o Sr. Almeida acharia?

O estúdio não aceitava débito, nem crédito. Não contratava pessoas. As sessões do fim de semana eram marcadas noutra agenda e eu não ficava sabendo delas. Havia algo estranho ali e sobre isso ninguém falava. Mas no arquivo que eu mesma tinha instalado, o número de registro de tatuagens novas crescia, e eram tatuagens grandes, eram tatuagens-arte, eu ia embora na sexta-feira tendo registrado 70 sessões e quando voltava, na segunda, encontrava sempre essa diferença: 78 sessões finalizadas na semana anterior.

Jack me contou de suas viagens porque eu não parava de perguntar sobre elas. Eram sempre perguntas muito dirigidas: O que você sentiu? Como era a sensação? Mas ele quase sempre respondia de outra maneira, o que tinha visto, ouvido, por exemplo: o céu mais incrível do mundo fica no Atacama. Na época, ele ainda estava na fase da fotografia.

— Todo mundo que se acha criativo passa, infalivelmente, pela fase da fotografia. É sofrível. Sempre começa com fotos idiotas de partes aleatórias do corpo: os próprios pés, mãos... até as cópias toscas de Sebastião Salgado, fotografando crianças negras na rua como se fossem animais exóticos.

— Você fez isso? Fez fotos do próprio pé?

— Fiz de mesas, cadeiras. Naturezas mortas. É outro clássico.

Ele me mostrou as fotos uma vez que perguntei se restava alguma. Elas não pareciam tão desinteressantes na verdade. Eram quase sempre de bares, de pessoas que haviam acabado de sair e ainda ficavam ali os vestígios de uma presença.

— Eu gostava tanto disso. E aos poucos, se você presta bem atenção, dá pra saber que tipo de relação era aquela, das pessoas que sentavam à mesa...

— Só fotografava mesas com mais de uma pessoa?

— Não. Houve uma mesa que só havia uma moça.

— E que relação havia?

Ele suspirou.

— Eu não sei. Eu realmente não sei.

Ele mudava de assunto, claro, mas isso foi depois. Antes disso teve o Atacama. Todo mundo tinha que fazer fotos de algum exótico em preto e branco então, vamos lá, vamos fazer fotos de chilenos, como se fosse muito exótico ser chileno. E daí teve isso: fotografei. clic! O céu do atacama.

Nenhum mistério, ele disse. Nenhum sentimento especial, só leu os livros, se informou e tudo, comprou as coisas certas e foi. Foi para o Atacama para aprender a fotografar.

— Precisava ir tão longe pra aprender esse tipo de coisa?

— Bem, se o céu do Atacama não vai sair de lá, o jeito, se quiser fotografá-lo, é ir até ele.

E num segundo eu penso com algum ceticismo, qual o problema, o que existe em haver o lugar e se projetar? Se imaginar lá? Um lugar qualquer. E de repente parecer absurdo que alguém, que você, não possa chegar lá. Como olhar para um cartão postal da torre eiffel toda iluminada e pensar, Porra, por que não? Por que ela está ali eu eu aqui?

— Eu nunca fotografei — digo a ele, assim, uma revelação idiota, nada a ver com o assunto, mas justamente por não ter nada a ver é que ele sabe que é daí a rachadura. É daí que vai sair tudo, É daí, por este buraco que ele me corta e me decodifica.

— Pois devia. — ele diz — Alguma coisa.

— Mas que coisa?

— Qualquer coisa.

Eu tento lhe convencer que não teria nada para fotografar. Nenhum fetiche especial por pés, ou por cadeiras...

— O artista ainda é você — eu disse a ele — e por falar nisso, não acha que estamos levando cada vez mais tempo entre uma e outra tatuagem minha?

Mas ele muda de assunto quando falo sobre isso.

— Fazendo um cauculo básico, muito aleatório, mesmo assim eu sei que não chegamos sequer aos 50%.

— Você tem que ser mais paciente, ele disse — eu não vejo onde quer chegar com isso, com esse apego aos números. Não se trata do quanto e sim do “o quê”, não?

— Se trata de há quanto.

— Como?

— Se trata de há quanto tempo faz. Tem que ser recente.

— Por que não fotografa algo? — insiste — fotografa qualquer coisa e eu tatuo isso.

— Ahn?

— Eu faço. Faz uma foto de qualquer coisa se não importa mesmo tanto assim.

— Mas..

— Eu tatuo. Faz a foto e eu tatuo.

Eu não sei o que dizer. A coisa logo vira uma discussão meio bobeira e em risadas, ele teima que é uma experiência incrível. Ah não, tem que fazer isso. Vamos, experimenta se sentir genial, é uma delícia. Eu digo que não, que não vou fotografar coisa nenhuma, que

sou arquivista, que ele que não se atreva, mas sem querer, mesmo negando veementemente que faria, do minuto em que terminamos de conversar, até chegar no trabalho, eu não penso em outra coisa senão imaginar formas e objetos para fazer aquilo, na minha cabeça as possibilidades se acumulam aos montes, com a luz perfeita e do ângulo mais correto, todas as fotos que eu podia ter, e contrabandear e tatuar. Eu pego o celular e seleciono a câmera apontando para meu próprio pé, vejo a chamada perdida. Um número que não faz parte da agenda. Do outro lado uma voz estranhamente conhecida responde à chamada.

— Desculpe estar ligando...

Marcelo.

—... mas será que eu poderia te pedir ajuda?

Ele me explica rapidamente a situação toda. O carro apagado diante do sinal em frente ao semáforo, o celular descarregado, a impossibilidade completa de lembrar qualquer número telefônico além do meu.

— Poderia, por favor, me dar o telefone daquela oficina que cuidou de sua moto?

— Hum...

—Ah, eles foram tão rápidos, tão eficientes.

— Bem, era uma moto...

— Estou no meio da rua? Está ouvindo as buzinas? Bem no meio da principal e o carro nem acende.

— Certo, me diga onde está e levo alguém aí.

— Tem certeza que não atrapalho?

Claro que atrapalhava. O olhar curioso que Jack lança para mim quando desligo o telefone é a clara tradução disso.

— Vai precisar sair? — ele diz— Achei que tivéssemos combinado de preparar o dossiê para a exposição.

— Estarei de volta aqui em um segundo.

— Vai ao socorro do ex-namorado, então.

Não é uma pergunta sua última frase. E esse termo “ex namorado”, é a primeira vez de que Marcelo saiu do apartamento que eu escuto e ele parece contrastar com a imagem que me vem de um Marcelo desesperado em meio aos carros que buzina e xingam (Nossa, como ele fica absolutamente arrasado com essas coisas). Que contrasta com minha urgência de querer ajudá-lo e sobre isso não há o que se possa explicar, que seja compreensível para

qualquer um que veja esta relação de fora.

— Não — Jack fala —, na verdade esse tipo de relacionamento seu é muito simples de entender. Compreendo perfeitamente.

Mas não me deixa satisfeita, o comentário. Jack estaria, afinal, insinuando alguma coisa?

— Eu apenas parei no sinal — Marcelo explica assim que chego — E desde então está aí, apagado. Foi preciso empurrá-lo para que saísse do meio da rua.

Mas quando o mecânico chapinhando as sandálias em umas poças da calçada, e abrindo o capô, o motor funciona perfeitamente como se nada tivesse acontecido.

– Não há nada errado com este carro – ele diz – está com a revisão em dia?

Eu me escoro no muro do prédio à esquina. Enquanto escuto a conversa dos dois e todos os infinitos motivos que levam um carro a apagar numa situação como aquela. Talvez só tenha entrado um pouco d'água, é o que ele defende, fazendo menção de ir embora.

— Estava realmente apagado— Marcelo diz para mim. – Sei exatamente o que está pensando, mas eu não lhe chamaria aqui se houvesse outra opção.

E a verdade, o que tento dizer pra ele, é que não tinha chamado mesmo. Eu me ofereci pra vir.

—Está tudo bem – amenizo – é como aquela vez que você estava com dor de dente. Lembra disso? Vinha sempre de madrugada e sumia assim que você marcava o dentista.

—Ah, não. Espero que não seja igual.

— Por quê?

— Não lembra como terminou aquilo? Em pleno jogo Brasil e Alemanha, quartas de final da copa do mundo e eu dirigindo para a emergência odontológica.

E é claro que lembro. Lembro de ter ido junto, ter assistido gol a gol, a partida na recepção da emergência e dividido com o moço da recepção (aquilo estava incrivelmente vazio) os salgadinhos que carregávamos dentro do carro. Lembro como toda a coisa começou, no hipermercado, comprando salgadinhos e cervejas, quando ele subitamente desapareceu do meu lado e foi para o outro lado dos caixas, onde ficou me esperando sentado em um daqueles bancos com os olhos fechados e o corpo todo contraído de dor.

— Seu dentista ficava indo lá o tempo inteiro ver como ia o jogo.

— Está falando sério?

— Sim, quase o convenci a comer, até.

— Por isso aquele filho da mãe ficava saindo o tempo inteiro.

E nós nos divertimos porque então o mecânico se aproxima e olha pra mim, para minhas mãos tatuadas, para a minha moto.

– Sabe, não é seguro, sobretudo para uma moça jovem, andar numa coisa dessas por aí.– diz com gesto de mão vago e circular.

E enquanto Marcelo insiste em lhe pegar pelo tempo, uma mensagem de Jack chega dizendo que vai levar, ele mesmo todo o conteúdo aos correios, para ser remetido. Por um instante o tom da mensagem parece ressentido “*Não se preocupe – diz a mensagem – eu mesmo vou mandar o dossiê pelos correios.*”, mas isso é provavelmente coisa da minha cabeça. Que razão poderia ter Jack para ressentir-se? Tento retornar com uma ligação.

– Está tudo bem? – Marcelo pergunta pra mim.

– Sim, tudo bem – eu digo– só estou com uma preocupação. Tinha uns papéis do estúdio de tatuagem – explico – coisa que eu tinha me prontificado a organizar e levar aos correios antes de ir pra a TV.

– Quer que eu faça isso por você?

Desligo sem resposta. Poderia perfeitamente ser um comentário maldoso. Ajudar em alguma coisa? Com as tatuagens? Justo Marcelo? Mas não há qualquer sinal de deboche em sua expressão. Será possível? Claro que eu já tinha ouvido falar: ex namorados tendem a ser muito mais prestativos e polidos que os atuais, não que tenham necessariamente se tornado pessoas melhores, mas o afastamento elimina os vícios de convivência.

– Ninguém no banco ainda espera que eu vá trabalhar hoje, certamente – explica – mais tarde justifico. Queimo uma das minhas folgas.

– Não precisa mesmo – digo – a esta altura já deve estar tudo resolvido.

– Quer tomar um café, então? Um chá? Vai fazer bem nesse dia frio...

– Não sei.

– Ora vamos. Eu pago. Assim ficamos quites – e talvez Marcelo soubesse: a ideia de ficar quites era bastante atraente para mim, para minha vontade de evitar mal entendidos. – e além do mais – ele disse apontando com o dedo para a outra rua – é só atravessar a calçada.

No café, eu já sabia que ele ia pedir um latte caramelo antes mesmo de saber se havia a opção no menu. A garçonete chega à nossa mesa com o cardápio.

– Vocês têm chá preto? – pergunto.

– E algo quente com caramelo?

Sorriso, sozinha.

– O que foi? – ele pergunta – do que está rindo?

A moça some com os pedidos atrás do balcão.

– Nada – respondo – ainda não enjoou de caramelo?

Tinha sido a descoberta dele do ano passado, eu lembrava exatamente como tinha começado: o café que servia bebidas geladas incrementadas com espresso. De como o gosto por aquilo evoluíra para as bebidas quentes, de como isso foi determinante quando ele escolhia uma cafeteira (“quero uma que faça não só café, mas capuccino com caramelo”) ... Ainda lembro dele quando vejo as cápsulas à venda. Quando resisto ao impulso de comprá-las.

– É incrível como lembra dessas coisas – ele diz.

Então as xícaras chegam à mesa fumegando.

– Talvez disso aqui eu nunca enjoie – comenta. Depois pergunta sobre meu trabalho, se estou no turno da noite, ainda. Pergunta sobre meu pai, os cursos dele, os exames.

– Bem, ele continua obcecado com isso da comida – digo. – Gasta uma nota em ingredientes caros, frescos, gordurosos... Virou o rei da manteiga... Eu não sei... Será que é certo se nutrir assim? Nessa idade? Eu vou te contar, isso me preocupa.

– Claro. Você sempre se preocupa – ele diz, rindo – mas há mais no seu pai do que você pensa. Ao fim, talvez ele esteja mesmo ganhando mais vitalidade aprendendo todas essas coisas novas. Você já provou? Já comeu algo?

– Claro – eu disse – biscoitos com gosto de leite de magnésia.

– Que horror.

– E cheiro de baunilha.

Ele riu jogando a cabeça para trás. Naquela luz nublada o contraste entre os cabelos dele e sua pele parecem ainda mais nítidos, eu noto seus meneios de cabeça, seu hábito de falar com as mãos, a síndrome das pernas inquietas dele, seus gestos ainda me são tão familiares que podiam ser meus próprios.

– Mas e como está *você*? – eu quis saber.

– Encontrei um apartamento muito bom na saída da cidade.

– Ora, mas que notícia boa...

– Sei que sempre achou estúpido isso de morar longe do centro, mas... – Ele fez um meneio, indicando o telefone que eu segurava na mão – era uma chance dessas imperdíveis. Um apartamento grande, três quartos, varanda...

– Quartos bons?

– Sim, na verdade, ele é bem espaçoso – diz – eu te mostro qualquer dia, você vai adorar conhecer aquilo.

Foi bem na hora que Jack retornou a ligação. Nós pagamos os cafés e ao sair, nos despedimos. Ele me beija no rosto e eu sorrio, um pouco desajeitada. Faz um gesto dizendo que depois tínhamos que conversar melhor, entra no carro, eu dou a partida na moto. Tudo aquilo era tão natural.

– Nunca lhe contei, mas um pouco antes de conhecer você eu já tinha tentado montar essa mesma exposição com outra pessoa.

– Ah, é? – pergunto. – E quem era essa pessoa?

– Era cliente do outro estúdio – ele conta. – Ela levou lá um desenho bonito para tatuar e, como não conseguia se decidir pela área onde ia fazer: se nas costas, ou ao lado do seio, em cima do ilíaco, eu tentei lhe aconselhar e acabamos saindo juntos.

– Você quer dizer...

Ele balançou a cabeça como se dissesse sim. Isso deve explicar por exemplo a atitude de Cecília comigo.

– Mas era uma... Como explico? Uma pessoa complicada. Sim. Era isso. Uma garota jovem, imprevisível e complicada. Vários namorados, um mais esquisito que o outro. Namoradas também, é verdade. Tudo ao mesmo tempo. Uma confusão dos diabos. Ela tinha uma vergonha extraordinária do próprio corpo e, nunca, nunca mesmo, ficava nua na frente de alguém. Custou uma fábula convencê-la de que gostava dela. Meses até acendermos as luzes. E inúmeras repetições de “Não tem importância”, “Não vou reparar se na gordura da barriga”. Não pode ser tão grave assim”. Aos poucos é que isso foi mudando. Uma barreira depois da outra... Eu lhe tornei uma garota completamente diferente. Ela passou a caminhar nua e fumando de um lado para o outro do apartamento, tagarelando conhecimentos sobre biologia marinha, sobre filmes antigos... Viajou comigo pra todas as partes do país, encheu meus dias de sua presença e minha set list com suas músicas, me emprestou livros, recitou poesia. Depois começou a ter outros sonhos, claro. E quando começamos a falar sobre eu mudar de verdade para o apartamento dela, enquanto eu lhe instalava o chuveiro elétrico, consertava a descarga, o encanamento, ela descobriu um programa de especialização em *patiserie* na França e se mandou pra lá. Um confeitiro, ou coisa assim. Alguém mais jovem. Foi embora. Sumiu.

– Entendo.

– Ao fim, a coisa toda funcionou como se eu fosse um psicólogo, um estágio probatório...

– Bem...– eu não faço ideia do que se diz diante de uma história dessas.

– Ou um pai.

Eu não sei o que dizer pra Jack.

– É o que pretende fazer, também?— ele pergunta.

– O quê? Jack! Pelo amor de Deus, é claro que não.

– Não vai abandonar tudo isso pela metade enquanto recomeça vida nova com seu ex-namorado para que eu vire algo como uma piada interna de um casal que diz: lembra quando tinha a coisa das tatuagens?

– Do que está falando, afinal?

Ele não diz nada. Encara meu olhar a sério.

– Deixa de ser bobo, Jack. São relacionamentos diferentes aqui. Não estamos nesse tipo de envolvimento, nesse que você diz que tinha com a garota.

Ele inclina a cabeça me examinando. Seus olhos estão semicerrados e as sobrancelhas afundam no centro como as de um gato persa.

Saio da sala de Jack para o hall de espera. Pelas frestas da janela dá pra ver que o dia continua nublado e chuvoso. Barto, suspira de cansaço: uma cliente pediu remarcação, os materiais de papelaria não chegam, Raul está atrasado...

– Essa cidade é um caos instantâneo – reclama, colocando o telefone no gancho – basta adicionar água e vai tudo pelo cano.

– Posso ir buscar o material na papelaria – ofereço. – Pelo menos nisso, posso ser útil.

– Ora, não, não precisa sair na chuva por causa disso.

Mas eu insisto. Este é um dia muito peculiar, ao fim. E enquanto espero buscarem o pedido no balcão da papelaria, vejo uma garota caminhando muito devagar como se não percebesse que se estava encharcando e, ao se ver diante de uma enorme poça, em vez de contorná-la por fora, como todos à sua volta faziam, ela saltou sobre a água. Simplesmente saltou como uma bailarina com as pernas esticadas e as mãos estendidas pousando do outro lado da poça e continuando como se nada houvesse acontecido.

– Caramba!

– Aqui está – disse a dona da papelaria retornando ao balcão e sem dar a mínima para o que eu lhe dissera – No nome de Bartolomeu Monteiro, não é isso?

Volto para o estúdio com a sacola plástica protegida pela bolsa e então me abaixo na parte de dentro do balcão para guardar o material, organizando-os por tamanho, gramatura... No começo com rapidez, concentração, mas aos poucos vou divagando, experimentando, me aproximando das resmas de papel e folheando-nas para sentir seu cheiro fresco me envolver.

Eu tinha perguntado a Marcelo, no café, se ele tem estado bem, ele dissera “Na verdade, estou sim”, o que exatamente ele queria dizer com aquele “Na verdade”?

A chuva para, então Jack e eu falamos com Raul e saímos para fazer algumas compras pois Jack precisa, ele diz, de uma prensa francesa para fazer café.

– Em vidro – especifica – com aço escovado, ou algum material que não seja plástico.

– Pra quê – eu lhe pergunto – a cafeteira do estúdio está em perfeito estado.

– Quero saber que gosto tem o café que sai de uma máquina dessas. Li algo a respeito e me pareceu uma ideia tão boa. Gostaria de terminar a tarde tomando um desses. Uma boa xícara de café do jeito que um francês tomaria... Demorando-me muito, olhando a rua...

– E comendo madeleines – eu completo.

– Isso mesmo.

Na verdade, consigo visualizar perfeitamente essa imagem.

– Não acha incrível que haja tantas formas de aproveitar algo tão básico quanto um grão de café, calor e água?

– Sim – respondo –, mas não acho que ainda se encontre essas coisas em aço e vidro à venda por aí.

– Podemos encontrar numa loja de usados – ele sugere.

– Ah, certo. Está bem.

Eu vinha aprendendo a gostar muito dessas lojas que Jack frequentava. Em meio ao mundaréu de plástico, roupas em sintético e móveis que podiam muito bem estar empilhados na casa da bisavó louca de Marcelo, eu havia encontrado um disco do Cartola que deixou meu pai às lágrimas, um cinzeiro que fazia as cinzas sumirem se deixado ao sol, e até uma racleteira elétrica que me deixou inexplicavelmente exultante dizendo “Uma racleteira! Uma racleteira!”— e que encheu Jack de curiosidade sobre o tempo que passei na Chester House, nos Estados Unidos.

Nós caminhamos lado a lado na calçada no quarteirão seguinte. Entramos na padaria para onde ele compra os cigarros onde uma senhora com tintura de cabelo manchando as têmporas nos cumprimenta com um sorriso e logo volta-se com os olhos suplicantes para Jack, lhe perguntando se ele não tinha visto Audrey, a gata dela, por aí.

– Ela não voltou pra casa ontem – diz, olhando, então, para mim. – Esse bicho está me queimando os nervos!

Mas eu não tinha visto. Nem Jack também vira gato nenhum ultimamente. Há dias que bicho nenhum lhe escala a varanda do sobrado.

– Ah, isso me deixa tão preocupada – ela diz, entregando-lhe o maço. – Quero dizer: é uma ótima companhia, longe daquilo que falam dos gatos – e voltou a olhar pra mim. – Você não acreditaria no quão carinhosos esses animais podem ser. Quando ela está por perto, a Audrey, ela está *mesmo*. Me segue por toda a casa, deita-se em meu colo para a sesta, arranha os tapetes, almofadas, rouba comida... Mas quando sai... Minha nossa, fica tudo um vazio estarrecedor.

– Ela vai voltar – diz Jack. – Voltará quando estiver com fome.

– Ah, e quando volta dá mais raiva ainda. Vai estar cheia de hematomas e feridas. Da última vez tive que comprar uma caixa de transporte às pressas e lhe levar para um veterinário porque estava em frangalhos. Esses gatos de rua, devem lhe passar até doença!

Ela ainda remexe as moedas do caixa quando nos afastamos. Do lado de fora dali, uma loja chamada Mythos e Lendas está ainda com as portas a meio mastro por causa da chuva e lá dentro Jack remexe em pilhas de livros, amarelecidos, usados, que têm manchas de dedos, nódoas... e que abrem, viciados, em páginas que nada nos dizem. Com dedicatórias, trechos das vidas de seus antigos donos. Ele folheia vários, encontra um velho álbum de fotos antigas, dessas preto-e-branca, com bordas pregueadas.

– O que me diz disto? – pergunta.

– Pensei que estivesse procurando uma cafeteira.

– Mas o que acha dessas fotos?

Eram mulheres desconhecidas, vestindo roupas de domingo, daquela maneira constrangida e estranha que só as fotos antigas parecem ter.

– Eu vivo sem elas – disse.

Estava começando a ficar entediada porque a Mythos e Lendas só vendia livro e planta.

Jack desiste do álbum e nós entramos na Look Alike, que tem uma decoração tipo *Garage Sale* americana e onde tento encontrar alguma utilidade para uma jardineira suspensa, em metal, um pouco carcomida de ferrugem (Será que isso teria alguma serventia numa varanda? Bem, não na minha, obviamente, mas em alguma outra, mais espaçosa? E onde Jack encontra uma mala de couro, italiana, com um jeito antigo e rodas que deslizavam quando puxada pela cordinha de lado. Eu observo ele testar a mala. Parece que está com um cachorro teimoso, grande demais, sendo puxado pela coleira.

– Acha que devíamos levar essa mala?

– Está precisando também de malas?

– Eu não. Mas sei que você deve estar.

Ele entrega para mim a cordinha como um criador oferecendo para outro seu animal. E por um momento eu fico sem saber o que deveria fazer com aquilo. Não sei por que, mas eu rio.

– E desde quando eu preciso disso?

– Poderia me acompanhar na minha próxima viagem.

– Para Gramado festejar bodas com sua mulher que me odeia?

– Oh, não, isso seria inadequado. Estou me referindo à viagem que vem depois. A exposição em Praga. O que me diz? Não gostaria de conhecer Praga?

Eu soltei a cordinha da mala.

– Ah, Jack, não tem graça. Sabe muito bem que não tenho condições de viajar com você para Praga.

Ele recoloca a mala onde estava e saímos da loja.

– Mas você iria adorar Praga! – ele diz. Risonho enquanto caminhamos pela rua. Uma expressão que é ao mesmo tempo divertida e indignada mantendo-se um passo atrás de mim – E nem vai lhe custar tanto dinheiro.

– Só pode estar de brincadeira. Custaria uma fortuna. Passagem, hospedagem... Meu Deus, nem saberia por onde começar.

– Não se você estivesse cadastrada como co-autora da obra. Teria parte das despesas pagas pelo evento.

– Mas o que está querendo dizer? – Eu paro no meio da calçada, depois continuo caminhando – Não está querendo dizer que você *me* inscreveu no Salão de arte?

– Não tive outra alternativa. O desenho está em você, não está? Bem aí em sua pele.

– Mas, de onde tirou essa ideia? E o estúdio? Você não pode viajar com o estúdio do jeito que está nesses dias. Deixar tudo nas costas de Barto e Raul.

– Não mesmo. Eu teria que fechar.

– Fechar o estúdio?

– Qual o problema? Eu já fiz isso antes.

Seria impossível explicar o súbito peso que me acomete neste momento. Paro no meio da rua de novo e Jack volta a me alcançar.

– Para começo de conversa – ele diz –, eu já vinha pegando muito poucos clientes do estúdio. E agora que você tem ajudado na organização, posso reagendar a maior parte deles. Com sua logística, com tudo sempre pronto a tempo, podemos fazer numa semana ou duas, com folga, a mesma quantidade de clientes que fazíamos num mês. E você não disse que podia negociar folgas no trabalho?

– Teoricamente.

– O quê?

– Eu disse que se podia, *teoricamente*, negociar uns quinze dias de folgas. E me referia a dias espalhados, ao longo do ano... Ah, não devia ter feito isso, Jack. Não devia ter marcado isso justo agora e sem me avisar nada.

– Bem, não vamos transformar isso numa coisa de outro mundo, certo?

Chegamos à loja preferida de Jack uma porta enorme de ferro levantada, sem nome e com araras de roupas empoeiradas na entrada. Eu pego meus cigarros, acendo.

– Não vai entrar?

– Não. Vou fumar este cigarro e espero aqui.

– Mas aqui tem aquelas coisas de que gosta.

Eu não digo nada. Ele solta um suspiro e desaparece lá dentro. Vê-lo se afastar de mim me dá a sensação de alívio, como quem lava as mãos no fim de um trabalho sujo.

Eu me escoro na parede.

Então ele vai fechar o estúdio? E eu? É o que gostaria de perguntar, o que se espera de mim, nesse caso? Não é algo que eu queira pensar na verdade, e enquanto o cambio de nicotina com o pulmão me relaxa, tento ler alguma coisa pichada no muro da frente, mas as letras à minha frente, me parecem estranhas, enigmáticas como se viessem de um outro alfabeto. Duas senhoras passam por mim com sacos plásticos falando uma com a outra.

– Eu sei que ele não seria capaz, mas veja: Minha amiga fez três aplicações de *duas* gramas na mesma semana ...

– Ei Mocinha? Psiu.

Eu me viro para a loja.

– Mocinha. Ei. Psiu.

Vejo Jack com alguma espécie de cartola toda coberta de gliter preto e uma capa de Mandraque, curta demais pra sua estatura.

– Quer conhecer as maravilhas da clarividência? Vou adivinhar seus pensamentos e ler o seu futuro.

Resmungo qualquer coisa, mas ele segue imperturbável.

– Besteira. Está pensando besteira, quando deveria entrar aqui nesta loja fantástica e descobrir todo um mundo de coisas inacreditáveis. Aqui tem Maçaricos, Chaves de fenda, calçadeiras... Há um secador silencioso...

– O quê?

– Um secador de cabelos que não emite o menor barulho. Pode secar coisas madrugada adentro sem ter que se preocupar de estar incomodando os vizinhos.

– Jack, veja...

– E tem óculos azuis. Não apenas os aros, mas as próprias lentes são assim. Você pode pôr isso no rosto e jurar que tudo virou um episódio dos Smurfs.

– Jack...

– Jack? Deixe-me ver se o encontro aqui...– ele tira a cartola da cabeça, olha para dentro dela como se pudesse tirar dali um coelho, tira uma carta de baralho. – Oh, Não! – admira-se – Tem um recado de Jack para você – ele finge estar lendo com muita dificuldade um às de paus – Não per-ce-be-que-o Jack... Sabe muito bem se virar sozinho. Que consegue desmarcar tudo amanhã mesmo se for preciso? – Então eu sinto uma raiva estranha, é o fato de ele estar me tratando como uma criança que me faz querer agir como uma, que me faz querer chorar como uma menina de sete anos? – Agora, vamos, entre aqui – pois como adulta, eu tinha problema, tinha um impasse. – Venha ver: tem cortadores de biscoito no formato de Marilyn Moore –, mas como criança eu poderia sucumbir a encenação e aceitar os doces fáceis que ele me oferece –, e não seria incrível – ele observa – nesses dias ainda poder, finalmente, comer a Marilyn Moore? – como criança eu podia rir.

– Ora, Francamente! – joga o cigarro na rua.

E, vencida, acabo, sim, entrando na loja e rindo da piada.

Pois ao longo dos dias que se seguem, Jack faz com que a viagem para Praga e a exposição esteja em todos os lugares. Está na trilha sonora do estúdio, num trecho grifado de algum livro que eu passe os olhos, na cerveja que tomamos outro dia. É como se o mundo trabalhasse segundo suas ordens: começam a aparecer no estúdio, por exemplo, um moço de sotaque forte e que quando lhe pergunto de onde era, ele responde Czek Republic. E uma mulher que tatua um Mucha. Ele faz questão que eu veja: aquarelas antigas da cidade, com seu relógio enigmático, cheios de sua assinatura espalhadas pelo estúdio. E mesmo uma espécie de guia-turístico batido à máquina por ele mesmo aparece bem em cima da mesa onde costumo ficar, nas horas de folga... Eu deixo suas investidas morrerem como poeira assentando. Até que algum dia acordo em casa com o celular tocando e uma voz feminina do outro da linha me informa:

– Senhora Samara, seu horário para renovação de passaporte está agendado para hoje Às 9h.

Não sei o que dizer. Apenas corro de onde estou para o local indicado com meu passaporte antigo, respondo o que me é perguntado pago uma taxa cara demais para um documento e me deixo fotografar. Na volta, passo no estúdio furiosa.

–Eu poderia não ter dinheiro, Jack. Poderia estar ocupada. E... Ora... Deve ser até crime marcar uma coisa dessas para outra pessoa.

– Quando fica pronto? – ele pergunta.

– Como assim? Será que não ouviu uma palavra do que eu falei?

– Ouvi. Mas não tinha pergunta nela para que eu pudesse responder. Eu, por outro lado, estou lhe perguntando: quando fica pronto, o passaporte?

– Duas semanas– eu digo, um tanto desconcertada –, mas...

– Ótimo. Eu não entendo porque está tão furiosa. Não ia ter que renovar o passaporte de qualquer maneira? Eu apenas marquei uma hora. E ficou tudo bem não é?

Eu estou com raiva, sim, estou furiosa. Quero dizer que não estava preparada, que a foto ficou horrível, que o dinheiro vai fazer falta... Mas ali está ele, me olhando como se não houvesse problema algum e com isso me fazendo pensar: realmente, qual o problema?

– Íamos tentar, não era esse o plano? Você ficou de falar com seus chefes, pedir as folgas... Não vão te demitir por ter pedido. A menos que, bem... A menos que haja algum outro motivo para você não querer ir, por acaso tem alguém mais para dar satisfação?

– Jack, não é nada disso.

Barto entra na sala nesta hora.

– Jack, reconstrução do mamilo você ainda faz?

Eu saio da sala deixando-os a sós. Mas antes de fechar a porta ouço Jack dizer: É preciso murchar tudo, você sabe. Eu ainda me sinto zangada, mas agora talvez apenas comigo mesma. Não tinha como eu não admirar Jack. De alguma forma, o mundo funcionando sob os designios dele é eficiente, limpo, simples. Incrivelmente simples. Eu não tinha sido capaz de pensar de me expressar de maneira adequada, enquanto Jack, ele sequer parecera surpreso que eu tivesse mesmo ido lugar que ele marcara, na hora que ele marcara. Senti admiração por ele e também me sentia diminuída, impotente. Ele vai colar seios em mulheres que os consideravam perdidos, reconstruir suas possibilidades, e eu vou apenas esperar, nessa minha paralisia patológica, que minha imobilidade possa ser o eixo de alguma coisa no mundo que se move. Alguma coisa que será necessariamente alheia a mim.

– Vi os cadernos que deixou sobre mesa – eu digo a Jack – Estava relendo seu manifesto, o manuscrito dele, hoje cedo, e estava lá dentro os desenhos aquarelados que fez da tal garota. Eu gostei.

– Ah, aquilo. Bem. Aquela tinta não vai durar. Devia ter jogado fora.

– Poderia reproduzir – falo. Ele me lança um olhar analítico, eu continuo falando. – Sei que gosta de exemplares únicos, mas podia fazer uma tiragem pequena artesanal daquilo. Um livro ilustrado, talvez?

– Quer dizer, como uma *graphic novel*? – ele ri. Continua desenhando com a prancheta apoiada no colo e há algo de zombaria no seu tom.– Com as histórias ali, tudo junto.

– Ora, não seria tão absurdo.

– Não, não é viável. Teria que voltar a trabalhar com a prensa... Ou achar uma gráfica... Daria um trabalho infernal.

– E daí? Eu ajudo nisso.

Ele solta o lápis do papel, os olhos da folha e me encara.

– O que está dizendo?

– Como assim?

– O que está dizendo, Samara, está dizendo que está mesmo comprometida comigo?

– Comprometida?

– O processo de edição de uma coisa dessas é longo, trabalhoso. Uns dois anos, pelo menos, até a etapa de distribuir. Por acaso pretende estar aqui, ainda daqui a dois anos? Quando suas próprias tatuagens já estiverem todas feitas?

– Hum...

– Não posso começar um trabalho, interrompê-lo mais tarde, e depois recomeçá-lo toda vez que uma mulher inventa um capricho.

Fico calada. Ele volta a olhar o papel, daí como quem se impacienta, volta a me fitar, perguntando:

– Apenas diga-me o seguinte: Já falou com seu chefe? Vai comigo para Praga? O que quer, afinal, da sua vida?

– Ah, Jack, eu não tenho planos para tão...

– Não tem planos. É isso. Não faz a mínima ideia do que quer. E logo seu útero vai começar a palpitar querendo ter filhos ou casar... Vai largar isto aqui. O que espera que eu faça? Como contar com vocês? Num momento eu, as tatuagens, somos a redenção sagrada para lhes arrancar de vidas deprimente. Num outro aparece alguém para reclamar a posse de vocês e vocês param de trabalhar, de querer suas próprias coisas... Somem.

Eu fico tão surpresa com aquilo que não sei como me defender.

– Acha que pode continuar assim, dia a dia, sem um plano? Talvez esteja aqui no estúdio amanhã, talvez resolva voltar para seu namorado... Ah sim, eu vi como ficaram as coisas depois que vocês se encontraram.

– Mas eu só quis...

– E *eu só quero*: que não crie expectativas se não puder cumpri-las.

– Só ia ajudar a expor.

Ele não dá qualquer resposta, volta os olhos para o caderno, continua desenhando e a minha última palavra fica no ar algum tempo. Expor. Com sua petulância esvaziada, morrendo ali, misturada com a o tamborilar da chuva no teto que que recomeça nesse mesmo instante.

No fim do dia, todos parecem calados demais no estúdio. Barto e Raul trocam olhares depois voltam-se para mim, como se quisessem dizer algo. E apesar de ser, ainda, 17h30, já terminaram de fechar o caixa e a cantina enquanto eu falava com Marcelo ao telefone. A porta da sala de Jack se abre e de lá sai a última cliente do dia, com os olhos vermelhos e uma rosa imensa nas costas, detonando uma debandada dos dois que correm, desculpando-se, em direção à saída como se fosse sexta. Eu bato à porta de Jack.

– Posso te oferecer uma carona de moto?

Ele está na varanda, sua silhueta é entrevista ao fundo, com um cigarro nos dedos.

– Vou para a TV – persisto. – Posso lhe deixar em algum lugar que lhe seja conveniente... – e sem qualquer aviso, ele atira o cigarro violentamente contra o vento.

– Vá embora – ele diz. Seu tom de voz é frio e controlado, mais cruel por isso, justamente. Ele sequer tinha se virado para me olhar no rosto. E o vento é tanto que dá pra ouvi-lo assobiar nas frestas das basculantes, deixa a cinzas entrarem para dentro do estúdio.

– Cecília vem aqui hoje. Estou com problemas domésticos. Tudo o que eu não preciso é ter que lidar com isso e ainda com você aqui.

Ele nunca fumava na sala de tatuagem. Nunca tinha posto as coisas daquela maneira, sequer comentava a existência de Cecília. Me afasto. Vou para a calçada onde Barto ainda espera o seu ônibus e de onde acena pra mim quando me vê manobrar a moto. Sem dizer uma palavra recusa a carona que ofereço e dá a entender que está a par da discussão com Jack. Ele aperta os lábios um contra o outro, consternado, ergue muito os ombros –“Isso passa” – é algo assim que ele quer dizer? E claro que não. Não estou ofendida que Jack esteja levando a sério os ciúmes da mulher dele, evitando situações constrangedoras. Passei a vida inteira nessa merda, afinal, já estou acostumada: eu arranjo um amigo, um treinador, um parceiro... Depois eles se apaixonam, se casam, desaparecem. Arranco dali com a moto, na direção da TV. Não iria ser diferente se o parceiro da vez já estivesse casado ao me conhecer. Mas é isso, justamente, o que eu gostaria que ele soubesse: eu entendo Jack muito bem.

Bato o ponto. O jornal já está no ar quando entro, mas todas as pessoas que cruzam comigo pelo corredor parecem ter acabado de ver um fantasma.

– Boa noite – eu digo para a garota da xerox que vai, da diretoria para a recepção, mas ela só me responde com um piscar tenso de olhos e segue em frente. Logo eu começo

a ouvir os gritos: ‘Tomar no cu’, ou ‘Merda’ e ‘Isso é falta de caralho’... E as pessoas aglomeradas diante da redação da TV não deixam dúvidas sobre algo estar acontecendo.

– É por causa da Secom do estado...– disse o garoto da informática. –Parece que estão escondendo dados da segurança pública e a assessora da vez já foi estagiária aqui. Aprendiz do próprio Rui Guerra.

Eu não entendo nada do que ele me explica. Apenas olho, através das paredes de vidro, Rui Garcia se esgoelando ao telefone.

– Quer que eu diga qual é o problema? Você não sabe fazer o negócio. Não pensou em todos os aspectos envolvidos. Era uma incompetente quando estagiava aqui e continua uma incompetente, agora, brincando de assessora aí – a cabeça dele está vermelha como a de um pica-pau.

Suspiro. Não dou realmente a mínima para isso.

– Que seja – falo, dando de ombros. – Pelo menos é um problema só do jornalismo. Sigo pelo corredor fazendo a curva até o Dedoc, não sei o que dá nas pessoas quando o inverno chega, elas ficam mesmo mais mal-humoradas ou é impressão minha?

Passo toda a noite arquivando fitas, tremendo de frio, a luz é excessiva, eu cochilo sem me dar conta. Penso: talvez isso seja o inferno: uma necessidade brutal de sono, com a impossibilidade de dormir, esse retesar dos músculos... Digito isso numa mensagem para Jack, mas não envio. Talvez porque, aos poucos, eu noto que voltei a sentir minha estranha pressão do lado direito da cabeça (Quando isso tinha começado?) Talvez por concluir que quanto mais eu tentar estender esta bandeira branca, mais vou dar a Jack oportunidade de espezinhar. Procuo na gaveta os velhos antiinflamatórios e lá estão eles, bem no fundo, atrás dos livros de arte. Tomá-los, ou não? Isso não seria admitir que tudo começa de novo?

Saio da sala para o corredor – a briga de Rui tinha acabado e o silêncio é absoluto nos corredores. Meus passos estalam no piso, ecoam por todo o andar. Talvez eu só precise de um copo d’água. Uma bebida quente e... Afinal – a imagem de Jack volta a se sobrepor aos meus pensamentos –, se fosse pra mandar uma mensagem, dar um sinal de paz, não seria melhor fazer direito? Dizer aquilo que ele realmente queria ouvir? Volto do bebedouro olhando na sala do jornal impresso, os funcionários digitando freneticamente ao computador, enquanto na redação da TV, eles apenas olham na tela e falam ao telefone como uma central de telemarketing. Volto ao posto. À maldita geladeira onde o celular sobre a mesa insiste em ficar quieto. Eu começo a fazer as caretas que aliviam a pressão do crânio e suspiro, resignada: nunca tinha me ocorrido que seria preciso mostrar comprometimento numa situação em que sou eu que saio sangrando. Abro um e-mail em branco.

Destinatário. Eu procuro Rui Guerra pelo cargo. *Chefe de redação* e seu nome aparece com uma pequena foto ao lado, igual à do crachá. Na lacuna de assunto, digito: *Plantões do arquivo: dobras e folgas.* Mal envio a proposta e o telefone já toca sobre a mesa ao lado do teclado.

– Claro que aceitamos – fala um Rui que parece estranhamente exultante demais para quem estava há pouco mandando alguém tomar no cu – Pode chegar aqui cedo, amanhã? – pergunta.

Eu estou incrédula que isso tenha dado certo.

– Posso, sim – e tento mostrar entusiasmo. – Claro que sim.

– Oito horas, então? O horário das oito está bom pra você?

E ao fim eu percebo: dizer bom ou ruim é irrelevante neste ponto. Eu não tenho mais tantas escolhas.

Com uma eficiência nunca antes testemunhada na empresa, meus novos horários correm a planilha de escalas no sistema. Os pedidos do vale-refeição são despachados pelo Departamento Pessoal. Eu chego as oito e a recepcionista me entrega um segundo cartão liberando meu ponto pela manhã, depois diz:

– Meu deus, que cara horrível, essa sua.

Passo a roleta.

Eu cochilo ao longo desse dia tantas vezes que fica difícil distinguir a realidade do sonho. Você acorda e está dentro do ônibus. Acorda e está no vaso sanitário. Acorda e está sentada entre duas estantes do arquivo. Acorda e alguém diz: Corre!. Acorda com o celular tocando. Você acorda e está confusa. Acorda e diz.

– Dedoc. Bom dia.

– É assim que atende ao próprio celular, agora?

E seu coração acelera reconhecendo a voz do outro lado. O timbre suave, a piada revestida de timidez e medo.

– Marcelo?

– Achei que não fosse reconhecer minha voz. Está podendo falar? Preciso te pedir um favor.

E eu digo que sim, claro. Disfarço um bocejo, e ele vai direto ao assunto.

– Poderia me dar uma carona de moto nesta sexta? Tenho que deixar o carro na revisão.

– Bem... – hesito.

– Não tem problema se não puder – ele diz. – Só pensei em você porque a rota é bem na sua mão – ele explica – porque você pode chegar mais tarde no seu trabalho...

– É que nesses dias está tudo uma bagunça tão grande...

– Eu pago um tanque da moto. Arranjo um capacete eu mesmo se não tiver mais um reserva...

– Não é isso. É que meus horários estão e vão ficar um pouco malucos, eu acho. Por causa das escalas.

– Ah, sim. Estou sabendo.

– Está sabendo?

– Sim, seu pai me contou pelo telefone hoje cedo. Disse que você ia ter umas dobras esquisitas no emprego.

– Eu não sabia que você e meu pai vinham se falando.

– Ele me ligou, na verdade.

– Ah.

– Estava me perguntando sobre cervejas especiais.

– Meu pai perguntando de cerveja?

– Não era pra ele, claro. Era para os convidados. Ele vai fazer um jantar de aniversário para comemorar os sessenta e cinco... Eu fui convidado, aliás. Mas não sei, eu não sabia se era adequado confirmar minha presença... se você ficaria desconfortável com isso...

– Ora, não. Claro que não.

– Porque ele conhece pouca gente aqui, o seu pai. Achei que fosse por isso. E que se eu simplesmente não fosse, podia acabar ficando só vocês dois. Isso pareceu deprimente.

Meu deus, sim. Pode ser bem deprimente: eu penso no dia da minha formatura. Duas pessoas distantes ao ponto de ele sequer ter me contado que planejava dar uma festa...

– Não é bem uma festa. Pelo que me contou vai ser algo assim como um jantar, um jazz tocando ao fundo...

– Mas...

– Ah, você sabe como é o seu pai: ele quer fazer algo elegante – eu puxo uma cadeira, me sento. – Drinks, antepasto... Aliás, nisso ele foi bem enfático: não levar bebida ou sobremesa, pois foi um menu estudado, sabores combinando... Eu fiquei muito empolgado, na verdade.

– É esse curso de gastronomia que ele está fazendo... – eu digo –, mas não se anime muito. Não acho que você faça ideia de quanto sabor se perde quando se tiram o sal e o açúcar da jogada.

– Mas, então. Podemos fazer isso?

Meu coração acelera.

– Fazer?

– Sim, posso contar com sua carona?

– Ah, claro – eu digo –, se não tem problema pra você, se encaixar nesses meus horários malucos...

– Sabe, eu terminei o romance, finalmente – ele comenta. E depois de tantos anos juntos eu reconheci naquele tom o modo dele de se abrir, de tomar a direção de algo...

– Ah, que bom. Parabéns.

– Faltam as últimas providências, você sabe... Mandar para as editoras, lê-lo, também..

– Sei.

– Foi um choque vê-lo encadernado...—desabafou por fim. – Quero dizer, você espera que isso vai te fazer uma pessoa diferente: ver as páginas impressas, encapadas, seu nome debaixo de um título... Você espera poder dizer algo como: “Eu fiz!” E sair comemorando. Mas aquilo fica lá, mudo, sem despertar nada... É um pouco decepcionante.

– Imagino. Mas é natural, não? Bem, eu tenho que ir. Boa sorte com as editoras.

E trato de desligar logo.

Tatiana abre a porta com fones de ouvido, um bloco de notas e caneta nas mãos.

–Parece que vamos trabalhar juntas – ela diz num sorriso tenso.

Eu só estava me perguntando sobre Jack – quando infernos ele vai responder minha mensagem nessa porra de telefone? –, mas bastou ela se aproximar da mesa que minhas preocupações ganharem outro foco. Quero dizer, olhem bem a cara de Tatiana. Esta é a expressão de alguém que está com medo de ser mandada embora. Dá pra notar antes mesmo de ela abrir a boca, só pelo jeito como segura o bloco de notas, impondo tanta força que as unhas ficam brancas.

– É a retrospectiva? – perguntei.

– Bem... Sim, mais ou menos... – ela diz. E depois começa a explicar – Você já deve ter ouvido falar da briga do Rui com a Secom?

Tudo o que Tatiana me conta em seguida só me leva a um questionamento: será que as pessoas de fato sabem com que tipo de tecnologia funciona um jornalismo premiado? Uma emissora de vanguarda? Por exemplo, se eles fazem uma matéria para dizer quantas pessoas morreram vítimas da violência urbana neste último semestre e a Secretaria de Segurança Pública não quer passar números oficiais. Como você acha que eles contam isso?

– É como ele quer que faça – Tatiana explica – quer que contemos, nós mesmos, um por um, quantos casos temos disso: quantas pessoas foram mortas de maneira violenta na capital.

E Jack não atendia as ligações. Enquanto ela diz “Secom” e diz “Dados” eu apenas ouço o tuuuuu... tuuuuu... das chamadas sem resposta. Devolvo o fone ao gancho.

– Que coisa amadora – eu digo ainda sem lhe encarar. Interrompendo suas longas explicações sobre como o trabalho seria feito. – O que você quer fazer é uma contagem por registros – digo –, mas não deve saber que esse arquivo é meio bagunçado – eu não olho mais pra ela, mas sei que ela está engolindo saliva –, nem tudo está cadastrado aqui da maneira que vocês, do jornalismo, esperam. Muitos casos não são filmados – e eu fico escutando ela engolir saliva, sinto seus olhos pesando sobre mim. Puxo o celular de dentro da bolsa. Seleciono o número de Jack. Rio. – Que graça... O que pretendem dizer na matéria? Senhoras e senhores, a gente *acha* que morreram *mais ou menos* umas 230 pessoas? – mando uma mensagem de texto sem texto, para Jack apenas com um com um sinal de interrogação.

“?”

– Pelo menos – ela diz, inclinando a cabeça.

– O quê?

–Diríamos algo como “Nossos arquivos registraram *pelo menos* 230 mortos” – ela explica –, e um vídeo editado compilando essas 230 imagens de mortos em algo como três segundos convenceria-os dessa contagem...– ela se senta.

– Hum.

Só quando guardo o telefone, dou de cara com os olhos dela que na certa já estavam me encarando há muito tempo, como se eu tivesse lhe devendo uma resposta.

– Por que acha que vai dar errado? – pergunta.

– O quê?

– Parece que você achou a ideia bem absurda. Tá aí botando a mão na cabeça, esfregando a cara. E como eu mesma tinha me candidatado a ficar com isso. Então é bom saber de antemão o quão fodida eu estou.

– Bem... No caso, eu diria que: meio fodida – respondo. Ela fica me olhando ainda, agora com os olhos desviando para o lado. – *pelo menos* cinquenta por cento fodida. Que tal?

Então sim, aqui estou eu fazendo uma piada. Sorrindo, meio protetora, e puxando para ela a cadeira de Telma.

– Desculpe – ela diz – É que fiquei preocupada.

– A mão no rosto é um mau hábito antigo. Por causa de uma dorzinha que eu tenho...
– Fecho o olho esquerdo: a vista embaçada, tampo a narina esquerda e percebo a direita entupida. – Não se preocupe, digo. Vai ter que relevar muitos gestos desses se vamos passar a semana trabalhando nisso.

E, eu não sei porque, mas dizer aquilo realmente me dá uma satisfação bem boba. E se fosse mesmo só isso? Eu tenho a dorzinha e, por causa dela, um mau hábito. Nada de mais. Meu cotidiano não é severamente interrompido, assim como cada pensamento meu.

– E por onde vamos começar? – pergunto pra ela.

– Pelo casaco – ela diz – Vou buscar um casaco pra mim na redação. Puta merda. Isso aqui é um freezer.

Para começarmos a separar os cartuchos eu precisei tomar dois antiinflamatórios e escondi um squeeze com vodka no bolso do casaco antes de seguir para as prateleiras. Não que eu tivesse qualquer intenção de beber naquele dia, mas tinha pensado que talvez Adriana fosse precisar de aquecimento extra. Eu estava certa, afinal, pois esta não é uma manhã das mais tranquilas. O sistema sai do ar o tempo inteiro, o número de cartuchos nunca bate, parece mais frio que o habitual e Adriana rangendo os dentes, reclama.

– Não consigo pensar se estiver bêbada! – sem deixar, é claro, de dar pequenos golinhos parcimoniosos na garrafinha dizendo algo como – Poxa, isso realmente sempre parece ajudar tanto.

– Ah, isto não é nada – eu lhe digo – há buscas muito piores que esta.

Eu tive que lhe ensinar como lidar com os dedos congelando pois o a circulação sanguínea dela, parecida com a minha, não ajudavam muito

– Você tem que ficar levantando os braços e se mexer mais que o necessário. Fazer o corpo queimar um pouco de combustível, entende o que quero dizer? E esqueça o que disseram sobre inspirar pelo nariz e soltar pela boca. Faça o inverso e assim conseguirá manter quente o rosto e o nariz sem ressecar.

Ela diz que está experimentando.

Não é apenas o grosso da operação, também as pequenas coisas ficam atrapalhando a contagem. Por exemplo: demos conta que num mesmo registro de homicídio pode conter mais de um morto. Além disso, muitas gravações estavam estragadas, e o pequeno aparelho sem som da geladeira ficava desligando o tempo inteiro sem qualquer aviso prévio. A cada novidade, eu rio e digo: E lá vamos nós...

Os olhos de Adriana não desgrudam de mim como se eu fosse sua única esperança. E em certo ponto, ao escutar alguma algazarra oriunda da redação da TV, ela salta para o corredor.

– Ai, deus, será que algo já deu errado neste ponto?— ela pergunta e eu a sigo embora já tivesse observado: Rui Guerra não poderia estar menos preocupado. Dá pra escutar um pedaço da conversa em que ele gargalha dizendo “como é que ela ainda foi lá procurar uma sonora com a vaca?”.

– Ele lhe parece preocupado? – indago. – Você acha que um Chefe de reportagem que está prestes a tirar o programa do ar estaria falando em sonora de vaca?

–Tirar do ar!? – ela repete –, porra, eu não tinha pensado nisso.

Eu rio, pois essa é a primeira vez que eu vejo uma das garotas da TV falar palavrão.

Me lembro, enquanto trabalho com ela, da primeira vez que viajei sozinha pelos Estados Unidos. Inebriada pela súbita experiência de liberdade, tinha mentido para um italiano que sentara ao meu lado no avião dizendo pra ele que tinha uma banda de rock independente e que viajaria de van pelo território do Tio Sam tocando em estabelecimentos underground por dinheiro. Mentia do mesmo jeito agora, com ela, agindo como se fosse uma pessoa generosa e divertidamente sarcástica. Muito diferente do meu humor taciturno habitual e misantropia.

Mas depois que o expediente da manhã acaba, com Adriana se despedindo já nem um pouco preocupada, protegida por doses e doses de vodka, quando eu vou até a padaria almoçar, um garoto da outra mesa me pergunta o significado de cada uma das minhas tatuagens e eu respondo, sem mau-humor, que a proposta era mais sintática que semântica, ele sorri e fala:

– Poxa, vou ter que primeiro consultar um dicionário.

E depois um homem fura a fila do caixa bem na minha frente, o atendente com vergonha-alheia e um dragão chinês tatuado no antebraço tenta se desculpar. E eu apenas digo:

– Tudo bem – e sorrio. – Ele tinha só dois itens para pagar. Eu ia acabar pedindo mesmo que ele passasse na frente.

É aí que eu vejo, no reflexo das portas envidraçadas, como uma câmera que filmasse os dias: minha postura. É como se fosse a de outra pessoa. Eu estava relaxada apesar de ter sentido a volta da dor de cabeça. Talvez estivesse sendo honesta, ao fim, talvez esta fosse

eu: achando alguma graça na grosseria alheia, e não apenas mentindo educadamente. Eu não tinha me irritado, não tinha me decepcionado com a humanidade inteira. Foi um bom dia de trabalho com Tatiana, eu fiquei no horário contrário ao de Sérgio, tinha achado a maior parte das fitas que procurara. E se eu realmente pudesse ser esse tipo de pessoa? Pego a moto, conduzo sentindo uma estranha empolgação – será que é isso, a felicidade? – por estar indo até o estúdio de Jack e porque ao chegar lá sei que vai ter uma ótima sobremesa esperando por mim na cantina, e sei que Jack vai sorrir com notícia certa que eu tenho para dar: “Consegui as folgas”, eu ia dizer isso, “Nós vamos pra Praga, se o edital der certo”, mas, ora, não tinha porque o edital não dar certo.

E no entanto, Jack não está. Os clientes dele para o dia tinham sido remarcados desde o início da semana e apenas eu estou surpresa com sua ausência.

– Ele passou, sim, aqui – explica, Raul. – Mas isso foi mais cedo. Daí só disse que estava com problemas e não viria. Vocês tinham uma sessão hoje?

– Não – eu respondo. – Na verdade, não.

Fico no estúdio ainda a tarde inteira, olhando livros que já tinha visto, folheando álbuns de gravura, antigos... Ele tinha comprado a cafeteira que quis. Eu a vejo sobre a mesa, emborcada sobre um apoio de cortiça. Sento bem à sua frente. Fico olhando aquilo enquanto o relógio corre. Que gosto tem? – eu me pergunto – Que gosto tem, afinal, um café feito aqui? Será que ele já tinha descoberto? Abro os armários procurando algum pó, mas não demora muito até concluir que, ao fim, não sei onde vai a água, nisso. Não sei onde vai o pó. Volto a encarar a prensa. Sento diante dela e não sei quanto tempo mais se passa comigo ali montando e desmontando imaginariamente o aparato: o jarro de vidro, o êmbolo, a espiral dando voltas numa superfície cheia de buracos... Ao fim decido que não. Que certamente para aquela máquina, há um tipo ideal de café, uma moedura que se permita ser prensada naquele sistema. Quando dou por mim, o celular toca, eu desperto de um sono debruçado sobre a mesa com a cabeça quase explodindo de um dos lados, e é só isso: eu olhando por muito tempo uma cafeteira como alguém olharia um E.T., essa é a tarde que eu ansiara por conseguir. Só quando estou na moto, de novo, dirigindo de volta para o trabalho eu me dou conta: eu sequer tinha tocado na prensa.

– O mecânico falou que vai ficar pronto hoje mesmo – diz Marcelo – ele explicou que a coisa *parece* muito ruim, mas é apenas uma coisa no bico da vela. Nada na parte elétrica.

Eu não estranho, dessa vez, que ele estivesse me ligando. Tínhamos tido uma manhã perfeitamente civilizada, Marcelo e eu. Comigo passando em sua casa às sete da manhã, e com ele me cumprimentando, muito cortês, elogiando meu novo corte de cabelo. Depois

indo, em comboio, ele no seu carro eu na minha moto, até a oficina mecânica onde deixamos o seu carro.

– De todo modo – ele continua –, podemos busca-lo só na manhã de amanhã. Sei que fica mais cômodo pra você e eu posso tomar o ônibus daqui para casa no fim do expediente.

– Bem, sim – eu concordo embora tivesse pensado em me oferecer para conduzi-lo de volta pra casa também – E deu tudo certo com o romance? Mandou para as editoras?

– Ah, eu entreguei para o Heitor ler. E para a Laura. Você lembra da Laura? A namorada dele? Ela me viu entregando o encadernado pra ele e disse “Não tem mínima chance de eu não ler isso aqui!”.

Nós rimos. Até as gargalhadas com ele imitando o jeito de falar de Laura como se fosse uma gângster russa.

– Não acredito que perdi isso – eu digo.

E ele me pergunta sobre as dobras, sobre a dupla que eu estava fazendo com o pessoal do jornalismo.

– Você sempre odiou trabalhar com eles.

O problema é que mesmo não estranhando a ligação de Marcelo, eu não podia deixar de sentir algo diferente naquilo de conversar com ele sobre meu dia pelo telefone da geladeira. É como se tivesse retrocedido no tempo até a etapa do começo do namoro entre nós dois quando ele me ligava no meio da manhã e salvava o dia do tédio. Mas se fosse realmente assim, se estivéssemos de volta ao começo, então não teria havido o Design Ink, não teria havido tudo o que eu senti na cadeira de tatuagem e tudo: a exposição, o caderno, Praga, tudo se apagaria e isso é como um beliscão quente no pé da minha barriga, por dentro, no qual eu chego a realmente temer. Mas pelo quê? Por que Jack não respondia minhas ligações nem voltava ao estúdio?

No dia seguinte, vou buscar Marcelo pela manhã, mas ele não está na calçada me esperando e me convida a subir. Tinha feito ovos mexidos com bacon para o café, o cheiro estava tão convidativo que peguei para mim mesma um prato, uma xícara.

– Voltei a usar a cafeteira italiana – ele diz – de fato, hoje me parece uma ideia muito estúpida essa de ter uma máquina de espresso e passar a vida dependendo de cápsulas caras e difíceis de achar. Você não faz ideia de como eu vinha gastando com aquilo. De como eu tinha sempre que ir no mesmo hipermercado para as compras mais cotidianas, o tempo que se gasta.

Eu quase lhe disse que sabia, sim, muito bem. Em vez disso sorri.

–Esse bacon está muito bom.

É com o passar dos dias, e com a queda de mais de três graus na temperatura da cidade, que a dobra no turno passa a deixar, realmente, seus resquícios em minha cabeça. Terça-feira faz calor, na quarta chove a madrugada inteira. E sujeita a todas essas alterações minha crise passa a ficar inegável com todos os seus sintomas: a pressão no crânio, o olho caído, a obstrução da narina, deficiência na visão... Do meu lado direito, onde antes havia minha parte mais ativa, há, agora, um conjunto tenso de músculos que se intercalam em enunciar câimbras ou formigamentos.

— Você deve estar cansada — Tatiana diz. — Não sei como consegue esses horários de ridículos: vir trabalhar das seis ao meio dia, bater o cartão saindo ao meio dia e então, seis horas depois, voltar a entrar às seis da noite. Pelo menos você dorme direito quando chega em casa?

— Por quê? — pergunto. — Você dorme?

Essa é uma pergunta retórica. Ela sabe, tão bem quanto eu que essas lâmpadas, esse ambiente, esse lugar, de maneira geral, fode com o biorrítmo de uma pessoa. O que eu não quero dizer para Tatiana é que, a princípio esses horários desumanos não deviam ter sido uma burrice gratuita. Eu os tinha conseguido por Jack. Por causa da exposição de Jack, que a mera ideia de viajar com isso tinha sido por um instante algo como a luz de um farol piscando ao longe na escuridão. Mas, agora, onde está Jack? Ela me perguntaria se estivéssemos de fato tendo essa conversa, e esta seria uma pergunta que eu não saberia como responder.

Talvez eu apenas tenha me equivocado. Talvez não exista essa coisa de ter um tatuador de confiança, uma tatuagem exibida num Salão de Artes Plásticas. É assim mesmo. Não tem importância.

— E a contagem deu errado daquele jeito — ela completa —, vamos ter que realmente assistir as fitas e marcar tudo numa prancheta. Bem primariamente.

É também nesta noite que meu cansaço chega ao ápice: eu cochilo sobre a moto, de noite, quando vou de volta para casa. E é uma noite dessas gelada, irritantes. Eu perco o controle do guidão e caio no meio do asfalto como uma fruta podre. A moto ligada, ainda, está com as duas rodas paralelas ao asfalto.

— Tá tudo bem, moça?

As pessoas se juntam ao meu redor em meio ao asfalto. Um dos retrovisores está trincado, agora, com dois veios diagonais.

— Está sóbria? — ouço a pergunta vazar para mim em meio ao burburinho, mas já sei que não adianta responder. Eles vão continuar te olhando desconfiados e tudo o que você quer é que te deixem em paz, só gostaria de conseguir três coisas, agora: uma massagem no ombro direito, uma compressa morna, uma cama e horas infinitas de sono. Essa é minha motivação para erquer a moto, dar partida de novo. Conduzo o resto do caminho que falta para casa, e ao estacioná-la na garagem eu penso: É isso. Sim, agora eu lembro. Foi por isso, precisamente, que tinha deixado de pilotar. Não foi por economia de gasolina, não foi por

causa de Marcelo. Foi por causa da dor. A dor que trás, junto, a insônia, a insônia que eu curo com narcolepsia. “E da próxima vez”— eu subo as escadas em direção ao apartamento ainda lembrando algo que um dos curiosos dissera depois de presenciar meu pequeno acidente — “da próxima vez, você pode não dar tanta sorte”. Abro a porta de casa. Pego a bolsa de água quente e a ponho no microondas. Fico assistindo ela girar e girar lá dentro.

Como se nada tivesse acontecido eu estou de novo entrando na TV Pontal. Bato o ponto às seis da manhã, de novo, sem ter dormido um pingo. Minha calça está rasgada e suja do asfalto, minha camiseta entrevê os arranhões e marcas roxas nos joelhos, e nos ombro. Ninguém pergunta nada. Ninguém sequer repara mais essas coisas, não em mim, quando passo no corredor. Tatiana chegaria só no turno da noite, hoje e eu eu começo sozinha a contagem dos mortos por hoje e é aí que o telefone toca. Marcelo.

— Se importaria de ir comigo para o aniversário do seu pai, na sexta-feira? — ele pergunta— eu não quero ficar lá todo fora-de-contexto.

Tive que botar a mão no fone para que ele não ouvisse meu suspiro de cansaço. Eu pensei no desperdício que seria a noite: um homem com tão poucos amigos, fazendo um jantar difícil demais para pessoas que nem vão estar com fome. Enquanto falo com ele, coloco uma fita no aparelho, dou play, e vou assistindo no modo acelerado, até que apareça ali o primeiro corpo, bem no meio do asfalto. Faço um traço, anoto a referência do arquivo. O minuto, segundo e centésimo de segundo onde o corpo: um volume secreto, coberto com um pano, no meio do asfalto, com luzes da polícia piscando ao fundo, aparece com maior nitidez. Eu digo a Marcelo que por mim está ótimo.

— É até bom. Assim você me dá uma carona — eu digo que tinha voltado a pegar o ônibus. Mas quando ele pergunta o motivo, eu apenas desconverso — Pode me buscar na frente do estúdio de tatuagem, então? — pergunto — se lembra onde é?

Ele muda o tom na mesma hora.

— Sabe, tinha mesmo uma coisa que eu queria te perguntar... Aquele... Bem... Aquele tatuador seu...

— Jack.

Eu disse, embora suspeitasse que ele soubesse exatamente o nome.

— Isso. Jack. Por acaso estaria pensando em levá-lo junto para o aniversário do seu pai, ou algo assim?

— O quê?! Levá-lo? Não, não estava pensando em nada disso.

— Não estou insinuando nada — ele se antecipa –, mas vocês são amigos, não é?

E eu não consegui conter o suspiro que veio logo em seguida. Esse último, um pouco diferente do suspiro anterior.

— Pra falar a verdade, Marcelo... Acho que não sei dizer. Eu e Jack não somos tão próximos assim.

— Claro.

Desligo. O estagiário em teste deve chegar às oito horas, isso me dá uma hora e meia sozinha, ainda. Olho de novo o visor do celular. Eu tinha marcado com Marcelo de nos encontrarmos no estúdio de tatuagem.

Mas onde diabos eu estava com a cabeça?

Já é quarta-feira quando volto a falar com Jack. Depois de vários dias sumido, depois de eu ter matado o tempo destinado a ele em todo tipo de idiotice, ele telefona, simplesmente. E quando eu atendo, quando deixo de lado Tatiana, a contagem, e sento entre as estantes do Dedoc para atender o celular.

– Desculpe pelos dias anteriores – ele diz.

O que me ocorre, nessa hora, tocando as estantes geladas do arquivo, é que, por pior que tenha sido sua ausência, bem mais assustadora é a noção que tenho da formalidade em seu tom. Ele pede desculpas enfáticas por ter faltado, como se sua ausência pudesse ser só isso, um traço numa caderneta de presença ou numa folha de ponto, e mesmo quando eu estranho, quando eu quero saber um pouco mais...

– O que houve?

– Nada.

... Mesmo assim ele não abandona a postura resoluta recalcitrante. É difícil discutir com gente como Jack. Ele tem esse tipo de retórica inabalável que têm as pessoas que sempre ganham uma discussão.

– Veja– insisto. –, você não precisa me contar tudo. É normal, problemas acontecem... – não sei ainda porque estou tão complacente. – Mas... Veja – isso eu preciso dizer: – neste momento, quando parece que esta parceria se tornou algo grande, como estamos n’A quinzena combinada... – eu fico em silêncio alguns segundos, sem saber mais como argumentar. – Entende? – deixo a frase assim mesmo, incompleta.

– Claro – ele diz. – Mais uma vez: me desculpe, sim?

A sessão de hoje a tarde está de pé. Era isso, só isso, o que ele queria falar. E antes de desligar, eu na inocência da ignorância tenho ainda tempo para dizer a coisa errada.

– Ah, vamos, o resultado do edital sai segunda-feira. Não está ansioso? – insisto – Não fale assim, tão formal... – e esta parte eu digo desse jeito mesmo, rindo – do jeito que você fala, parece até que alguém morreu.

Ele fica quieto. Eu ouço sua respiração, o chiado dela, perpassar o fone.

– Bem, isso depende – ele diz.– Uma coisa que não chegou a nascer, pode ser considerada um alguém morto?

Eu não tinha como saber no que estava me metendo.

E há um coração boiando perto da margem do rio como um peixe moribundo. Tatiana me mostra isso.

– O que me diz? – ela pergunta. Aponta a imagem na televisão pequena do dedoc, como um médico mostraria a fratura em uma radiografia.

O que é que se pode dizer?

– Parece que temos que arrumar outro padrão de contagem – respondo.

Ela entorta a boca para o lado direito

– E eu estava tão animada com nossos progressos...

A frase de Jack ainda está na minha cabeça: “alguém morto”.

– Tem que entregar no fim da semana.

O que eu não consigo é situar aquilo, me situar no mesmo mundo em que foi possível o coração boiando. É. Parece que a vida é cheia dessas pequenas cápsulas do desconhecido, passar o FF, agora, assistir a fita de homicídios como aconteceria com qualquer outra fita do arquivo, é um desses saltos para o desconhecido que toda a vida derrubaram minhas certezas.

– Ah, As pessoas deviam ficar juntas – eu digo, desanimada.

– Que graça. Você ficou comovida?

– Não – eu lhe corrijo –, não é isso. Quis dizer que as pessoas deviam ficar *juntas*, sabe? Coladas, fechadas, tudo juntinho: Braço, perna, peito...Desse jeito não dá, assim, com tudo espalhado... – essas coisas realmente me deprimem. – Assim não tem quem conte. Assim suja pro meu lado – e eu volto, vejo e revejo mesmo VT. Eu me atraso para bater o ponto na saída.

No estúdio, Jack estranha que eu tenha vindo a pé. Eu tinha entrado lá desconfiada, tinha perguntado “E quantos meses tinha o feto?”, mas ele não quis falar sobre o assunto. E ainda assim, eu suponho, ele deve ter tido uma semana bem difícil porque trabalhou em minha pele com força, com afinco. Era um desenho enorme, com muito sombreado, e as agulhas ralavam, e eu sangrava mais do que o costume, mordi meus próprios dedos para desviar o foco de dor. E mesmo quando eu gritei “Tempo!, tempo!, tempo!” – ele continuou fazendo, imperturbável, continuou perfurando – “Você está querendo me matar?” –, gritei, afinal, puxando os músculos do rosto, emulando um sorriso dolorido para disfarçar a mágoa.

Ele ficou olhando atônito pra mim.

– Desculpa.

E essa era a merda. Ele vinha se desculpando demais.

Então agora quando olho no espelho a costela pronta, quando tudo o que eu quero é ir embora daqui correndo. Ir pra casa. Tomar um banho quente, enfiar a cabeça no chuveiro quente, o rosto na água quente...

– Que houve com sua moto, afinal?

– Que houve com isso aqui?

Descubro que um feto, mesmo que já tenha isso que chamamos batimentos cardíacos, não tem ainda um cérebro da maneira como conhecemos: as rugosidades, as fibras, sinapses... Ele me explica isso e então ficamos, Jack e eu, calados no estúdio vazio com a impressão de que tínhamos chegado onde ninguém mais chega.

– Talvez eu esteja me divorciando – ele diz e eu não sei como responder isso.

E chegar onde ninguém mais chega, significa que é vazio pra caralho. Deixo o silêncio voltar a cair junto com o sol que vai esmaecendo, esmaecendo...

– Tenho ainda que voltar para a TV – digo.

Mas minha frase é pequena demais, não tapa nem o começo desse silêncio todo.

– Então, a partir de agora, contamos as cabeças, entendeu? – eu digo a Tatiana, assim que abro a porta e a encontro conversando com Telma ao lado da mesa.

Meu corpo inteiro dói, não só as costelas recém tatuadas, mas meu crânio, mandíbula, meu olho direito, meu ombro – Esse é o método agora, certo? Foda-se o resto – , eu digo. – fodam-se os pés cerrados pelo tornozelo, fodam-se os corações boiando no rio, os suecos que aparecem aos poucos. Porra, assim não tem condições.

E massajeio o dolorido por baixo do filme plástico, por baixo da blusa. Essa dor, é como ter de novo oito anos e saber que não pode, que não deve chorar por que caiu da árvore, mas, ah, nem é tanto a dor, sabe? mas o sono.

– Está tudo bem? – Telma pergunta, com seu sorrisinho forçado.

– Estamos estabelecendo um método, aqui – digo pra ela. – A pior coisa na vida é não ter um método. Até as formigas tem um método.

Ela faz que sim, com a cabeça, sonsa. E daí se despede da gente. Sai fechando a porta atrás de si enquanto eu tomo o lugar na cadeira. Me jogo de uma vez sentando ali. E Tatiana me encara com sua prancheta de contagem.

– Então, deu tudo certo hoje a tarde?

– Foi na costela.

– O que? – ela pergunta.

– A tatuagem – eu disse – A de hoje, foi na costela. Todo mundo dizia que a costela dóia mais, por causa do osso...

– Os nervos.

– Hum?

– São os nervos, e não os ossos que fazem doer. Nunca tatuou a polpa da bunda?

– Tem algo que se possa fazer quando dói muito? Analgésicos, ou algo assim?

Então ela abre a bolsa, começa a tirar dali uma porção de cartelas, de frascos, de comprimidos, soluções nasais, bomba para asma... É incrível, ela tem mais remédios que meu pai.

– Está mesmo tudo bem em me cobrir na sexta à noite, não é? – eu lembro do convite de Marcelo – preciso tanto de um jantar decente essa semana.

Eu precisava tanto ficar longe daquela geladeira.

No entanto, quando já estou diante do prato, a mesa inteira começa a vibrar.

Mas o que fazemos com os miolos? – Tatiana pergunta pra mim em uma mensagem de texto – *se só tiver os miolos, se o crânio estiver meio que espalhado, misturado em algum matagal, o que fazemos neste caso?*

Vai começar tudo de novo.

Eu estou na casa do meu pai entre o prato principal e a sobremesa, e tento, revejo de novo, comento com Marcelo o conceito em torno do desenho que lhe mostrei no papel.

– Não é que seja tão ruim assim – ele explica. Ele, Marcelo, me explica, me diz que apenas acredita que mesma coisa poderia ficar melhor em escala de cinza. Como a que eu tinha no braço, por exemplo...

– Certo, parece que você não gostou – comento, entre divertida e implicante —, não gostou ou talvez não tenha entendido que esta, este desenho que mostrei no papel, é simplesmente a melhor tatuagem do mundo — não que eu esteja realmente divertida, ou divertindo-me — Como é mesmo o nome? – eu pergunto. – Como é mesmo, pai? O nome daquele artista, que faz umas mulheres e aquelas curvas... Art Nouveau... Eu acho... Ou era Art Déco?

Mas acontece que todos estão sorrindo à mesa. Marcelo ao meu lado, sorri também fazendo gestos com a cabeça, meu pai, fica de pé, começa a tirar os pratos: seus colegas do curso de gastronomia, uma senhora mais ou menos da idade dele, lhe oferece ajuda para tirar os pratos, dois homens com suas esposas, todos aprovaram sua codorna ao molho shitake...

Neste ponto a mesa treme de novo. Tatiana insiste. Me chama no celular. Míolos, era disso que ela queria saber, *O que fazemos com os míolos, nesse caso?*

E no fim vão dizer que me falta boa vontade. Que eu não sou acessível às pessoas do trabalho.

Samara? – Chama de novo, a mensagem no telefone.

E ainda assim não largo os talheres sobre o prato, não saio de onde estou sem concluir minha frase, como era o nome dele? Do artista que fazia os pôsteres? Claro que você sabe quem é. O que é tcheco. E os chamado de Tatiana morrem sem resposta, meus olhos lacrimejam da dor de cabeça, meu pai termina de tirar os pratos, anuncia a sobremesa...

– Não saiam daí – ele recomenda e desaparece na direção da cozinha.

O telefone para de tocar.

Talvez ela tenha desistido. Eu respiro fundo para tomar um pouco do vinho na taça à minha frente, mas antes mesmo de eu conseguir respirar, de devolver a taça ao seu lugar, o celular recomeça, como um terremoto inconveniente, atrapalhando a pausa. E isso deve significar: *Caralho, Samara e Quer foder comigo? Atende essa bosta.*

Peço licença. Levanto.

Olha, desculpa incomodar assim, no meio do aniversário do seu pai, mas já viu que horas são?

Dezenove horas de uma sexta-feira. Eu olho para a rua pela varanda. Os carros estão todos engarrafados no sentido contrário ao centro, os elevadores dos prédios descem lotados até o térreo. Todos os trabalhadores decentes já estão desligando seus computadores, baixando suas portas, fechando o caixa... E no entanto as putas, os ladrões e traficantes, estão agora acordando. Estão começando a ligar os celulares, se preparando pra a função. Pra eles, agora é que vai começar. Eu respondo a Tatiana que já chego. Que já estou saindo, vou tomar um taxi. A avenida que posso ver daqui, os dois sentidos dela mostram como o mundo está dividido entre o grupo dos trabalhadores regulares (engarrafados, indo da esquerda para a direita) e o das putas, ladrões e traficantes, vagabundos (na contramão, essa pista que corre fluida, quase vazia).

E em qual dos dois você pensa que estou?

— Preciso ir — eu digo, voltando à mesa —, me desculpem, é um emergência de trabalho — como se eu fosse uma cirurgiã pronta a salvar vidas.

E a sobremesa que meu pai passou seis meses aprendendo a fazer, vai ficar sobrando no meu prato.

É aí que Marcelo, levanta junto.

— Eu levo você — ele diz —, ah, por favor — pede. — Eu estava mesmo lhe devendo uma carona.

Então talvez tenha sido porque coloquei o cinto de segurança com cuidado demais.

— Sua dor de cabeça voltou? — Marcelo diz antes mesmo de dar a partida no motor.
— Ah, não olhe assim pra mim. Eu conheço você. Notei que não está nada bem.

— Bem, em parte — respondo —, uma parte é a dor de cabeça.

— E a outra parte?

Não quero dizer para Marcelo que acho que a tatuagem que fiz hoje está inflamando. Mas é claro que está.

— Quer ir para o pronto-socorro?

Eu rio. Mas Marcelo não vê muita graça. Ele tem um amigo que passou por isso, me conta, uma infecção depois de uma tatuagem mal feita...

— Minha tatuagem foi bem feita — eu digo.

— Sim, mas talvez seu tatuador tenha mudado a marca da tinta, ou o fornecedor... Talvez devesse ligar pra ele — sugere. — Pede para ele ler a composição no frasco.

Eu mesma costumava encomendar e buscar as tintas do Design Ink. Não é possível que ele tenha mudado de fornecedor. E, além disso, eu penso, além disso, tem Tatiana. Tatiana que precisa de ajuda para fechar a contagem.

— E quanto tempo isso leva? — Marcelo pergunta — quanto tempo precisa? Posso lhe esperar na recepção. Depois vamos para o hospital.

— Você odeia esperar — eu digo — E odeia hospital.

— Bem, as pessoas mudam — ele diz — Vamos, ligue pra ele, pro tatuador..

— Aí está — Tatiana me mostra quando entro no Dedoc. Pausa a imagem no televisor. — Isto aí — ela aponta para o vídeo. — O que fazemos com isso?

— Como sabe que são miolos? — pergunto pra ela enquanto visto o casaco e me ponho a postos.

— O que mais seria? — Tatiana responde.

E é claro que Jack ficou puto com a ligação que fiz pra ele.

Aponto a câmera do celular para o televisor, faço uma foto que sai estranhamente muito boa e envio pra Marcelo dizendo: *Parecem miolos, pra você?*

Ficou puto e me mandou ir lá, eu mesma, se quisesse saber o que tinha no frasco. “Fecho as nove em ponto. Não vou esperar. Se quiser use suas chaves”. A gente nunca imagina de que habilidades vá depender o nosso emprego, e por extensão, nossa sobrevivência, ninguém põe no currículo nada sobre experiência em contar corpos pelo videotape.

—Então conta — respondo. — Os miolos são uma cabeça fracionada — invento, na hora — portanto, valem como se fossem uma cabeça. São uma cabeça.

— Uma cabeça em pedaços... — ela repete, pensativa.

O que me aborrece nesse trabalho, como na vida, é a falta de método das pessoas. Eu fico aqui. Insisto em organizar em contar os mortos, separar cartuchos... Mas, porra, por pouco, muito pouco, o meu método não despenca de novo por causa desses defuntos estúpidos. Tatiana sai da sala levando a primeira pilha de fitas para a editora do jornal.

— Mucha! — eu digo pra mim mesma, sozinha quando ele fecha a porta ao sair.

Mucha. Era Mucha, o tcheco.

E, por algum motivo idiota é isso que me faz sentir aquele nó na garganta.

Aperto play. Então não derrubem o meu método, seus mortos filhos de uma puta. Não sei porque eu tinha essa impressão que viriam mais pessoas incompletas, e que de novo teríamos que repensar um jeito de contá-los... Play, Uma mulher nua, enforcada num hotel. Play: um homem com metade da cabeça desfigurada do tiro no meio do asfalto. Play: Um homem negro numa calçada, muitos tiros no dorso, Play, eu estou cansada, porra, isso aqui não dá pra mim. Não dá. Play: um travesti esfaqueado, Play: cinco homens um morto pra cada lado num bar. E eu juro, juro!, que se me aparecer outro esquartejado aqui, juro que largo tudo, que deixo tudo, que levanto daqui e não volto. Estou cansada. No meu colo o celular vibra. Levanto a cabeça.

Play: uma corpo de mulher, só o dorso.

Putá merda. Tiro o FF. E tendo a certeza de que vai acontecer tudo de novo (Arracaram-lhe algo? Não me diga! A cabeça!). Eu pauso. O celular está tocando. É Jack dessa vez. Jack que deve estar ligando para me mandar a merda. Então em vez de atender eu dou Play. Mas não. Não, ela não está sem a cabeça. A cabeça está logo ali, olha, enfiada no buraco e eu começo a rir.

Esse é o caso Arianne.

E eu rio. Rio de mim mesma por pensar que ia ter mais esquartejados. Que boba que eu sou. Fungo sentindo um alívio da pressão na garganta em forma de coriza e um gosto de ferro. Mas que boba... E por pura curiosidade fico vendo os detalhes tiro a velocidade, uso a velocidade lenta. O caso Arianne. É uma sensação tão boa, tão apaziguadora, neste

momento, ver essa morta tão bonitinha, tão conhecida, tão familiar que é quase como ir para casa.

A porta se abre. Tatiana volta da recepção.

— Já estou fechando tudo — digo sem tirar os olhos da tela.

— Samara?

— Estou fechando. Terminamos com essa merda, finalmente.

— Espera um pouco — ela diz – vem aqui.

Ela me olha bem de perto, no rosto.

— Olha, não quero te assustar e tem gente que não se assusta com isso...

E como eu não reajo, não entendo. O que ela está querendo dizer?

— Samara – ela diz – parece que você está sangrando.

A cafeteira italiana sobre o fogão dispara seu cheiro por todos os cômodos do apartamento dando seu sinal de que é hora de desligar e, vestido num roupão azul marinho com meias e chinelos, Marcelo perambula pelo corredor falando ao telefone com o médico.

— Fala, primo. Desculpa atrapalhar teu feriado...

Passa das oito e meia, Marcelo e eu já acordamos faz tempo, mas, enrolada numa pesada manta de microfibras eu continuo aqui, preguiçosamente, deitada no colchão de casal, no chão da sala, e ouço a conversa dele de olhos fechados.

— Ontem mesmo... — ele continua. — Lembra aquela churrasqueira elétrica que tava na casa de Tia? Então. Peguei ela, dei uma limpada...

Como o previsto, a segunda-feira começara com uma mensagem de Jack. “*Ganhamos o edital.*” O imprevisto, a minha apatia diante dela. Não ligo de volta. Não respondo. Tínhamos combinado, Maecelo e eu, de conseguir com o primo dele um atestado médico. Reservamos a manhã para cuidar disso já que de tarde, mais ou menos pelas três horas, eu acho, ele vai se reunir com um grupo de escritores.

— Ele está perguntando se quer um para cinco dias — Marcelo diz pra mim, sem tirar o telefone do ouvido.

Eu me ponho sentada. Cubro os seios e os braços com o lençol. O curativo no meu dorso está começando a coçar.

— Não sei ... — digo mexendo na fita hipoalergênica — Telma já deve ter deixado o dedoc ... Eles devem estar se virando em mil com um funcionário a menos.

Do meu lado, no colchão, há ainda um resto do meu desjejum – uma espécie de doce feito com massa folhada que ele comprou congelado e depois colocou no forno.

— Quer dizer que prefere um atestado de três dias?

— Ah... Bem...

— Sei que não vai querer pegar a semana inteira.

— Não vou mesmo.

— Quatro dias. Que tal? Justificaria a sexta, que não atendeu ao telefone, o sábado, o domingo... Hoje é dia útil pra você?

Faço que sim com a cabeça.

— Você voltaria amanhã.

— Amanhã... – repeti para mim mesma, como se pensasse a respeito e ele continua sua conversa ao telefone.

Eu recolho o prato com os restos do doce e levo tudo até a cozinha. Ainda me surpreendo como ele conseguiu um lugar tão amplo aqui. Eu sei: o prédio é antigo e prédios antigos têm mesmo essa vantagem. Na área de serviço, num varal de chão, há duas blusas e

duas calcinhas minhas. Que eu percebo, indo até lá, que ainda estão úmidas. E parada ali na frente daquela enorme janela, ao lado da máquina de lavar, o cheiro de café envolvendo todos os cômodos, vejo a chuva que umedece as serras ao longe.

É isso, penso, a mudança do clima, que não estabilizou. Quando eu estava nos Estados Unidos, uma das coisas que mais me chamava atenção era a solidez com que as estações chegavam, a segurança que as pessoas depositavam na previsão do tempo, enquanto aqui as estações chegavam e partiam num vai-e-vem pornográfico de esfria, esquentada, e chove e para de chover... Até que quando finalmente estabiliza, quando se pode, enfim, afirmar com certeza, ‘é outono!’ a impressão que dá é de que nada muda, mas muda.

Olho para trás. A pia está cheia com taças de vinho, uma bandeja de isopor cheia de pimentas bem vermelhas, mordidas, pela metade e o filme plástico rasgado. Tem também ali umas poucas tigelas de louça, um aparelho de fondue, velas, uma porção de velas, já pelo fim... Ele tinha pedido para que eu não lavasse nada. “Não se preocupe”, tinha dito “A diarista chega logo no fim da manhã”. Uma diarista, eu penso, olho pra tudo aquilo como se fosse ela e, minha nossa, isso dá um retrato completamente equivocado do que tinha sido o meu fim de semana. Ela jamais adivinharia, sobre as velas, por exemplo, que anteontem faltou energia neste quarteirão inteiro, que o aparelho de fondue era uma alternativa ao micro-ondas para fazer e manter as compressas quentes, que a pimenta longe de ser erótica era, sobretudo, vasodilatadora. Que eu precisava daquilo. E então eu olho de novo pela janela, repito para mim mesma e tento reter a frase. É claro que sim, eu precisava daquilo.

— Pedi cinco mesmo — ele entra na cozinha, ainda com o celular na mão — tudo o que você não precisa agora é voltar para um ar condicionado e descuidar da rotina do tratamento.

— Mas...

— Ora, vamos, toda empresa nesse mundo está preparada para a catástrofe que é um funcionário faltar. E você vai ter o atestado. Está legalmente amparada.

Eu rio

— O Sérgio e o Rui só aceitam atestado se ele for de óbito.

— Bem, se continuar assim, vai acabar conseguindo um — ele diz deixando sua voz mais aguda — confie em mim, certo?

Não respondo. Ele vem até onde eu estou, me olha bem no rosto e o segurando-o entre as duas mãos.

— Não vai lhe acontecer nada de mal — então, como se as duas coisas estivessem intrinsecamente relacionadas, diz, com certa gravidade o quanto precisa de mim. E talvez Jack tenha alguma razão, afinal de contas. Somos todos sórdidos.

Pois, afinal, talvez os pensamentos que a diarista vai ter, lendo o passado pela pia de pratos não sejam lá tão equivocados assim. Era verdade que eu tinha ido até ali, que subira até o apartamento de Marcelo, por causa da doença. Porque era ele quem me esperava no sofá da emissora, quando aconteceu. Porque eu cheguei pra ele e lhe disse da maneira mais neutra que pude: “estou com uma hemorragia”. Porque ele ficou me olhando, sem entender; eu disse: “deve ser por causa do anti-inflamatório”. Claro que ele não entendeu. Nem sabia que eu estava tomando anti-inflamatórios, e quando eu continuei, quando disse: “É a cabeça” – daí, não sei, não sei como foi, mas ele botou a mão na minha testa, sentenciou, ou melhor, decidiu que eu tinha febre. E como se eu fosse um personagem em seu romance, bastou ele dizer “Você está com febre”, que antes mesmo de vir o ponto final em sua frase, num único golpe — *febre*— eu me senti, me percebi, extremamente doída, fraca, com frio. Ele disse: “Vamos. Vamos comigo.” E eu não sei, já disse isso antes mas realmente não compreendo por que peguei minha bolsa. Simplesmente obedeci. Fui. Vim. Estou aqui.

No banheiro ao fim do corredor, ele toma seu banho e eu escuto o som da água caindo do chuveiro. O que me inquieta são as evidências. Quero dizer, eu saio da cozinha depois de guardar a louça, e sinto essa coisa estranha vendo o colchão no chão, o lençol sobre ele amarrotado, ainda úmido de água das compressas com o suor, as camisinhas usadas, amarradas, jazem, esquecidas, no canto da parede. O que eu não entendo, ou não entendi na hora, foi como em meio a toda aquela atmosfera de febre, de dor, de fragilidade, o pau dele ficou duro e eu molhada.

“Vamos tirar isto, sim”. Ele tinha molhado a minha blusa com a água das compressas. Foi acidente. Mas como se tudo fizesse parte de um procedimento terapêutico, de maneira controlada, como um enfermeiro. Ele me tirou a blusa, a calcinha, não tinha por que, mas ela também estava úmida e ele colocou entre as minhas pernas – um único dedo, o médio e deixou lá.

Então aqui estamos nós dois. Se tudo fosse uma série de tv, como as que assistimos juntos no fim de semana inteiro, isso seria o bastante para contar: eu acordando no colchão da sala, Marcelo nu ao meu lado... O espectador deduziria o resto. Noutro take, Jack apareceria sentado em sua própria varanda, com Cecilia, recém acordada, em seu colo, lânguida. Sobem os créditos. O espectador sai do cinema com aquelas dúvidas todas, com uma impressão amarga de que algo dói, mas basta. Bastaria porque nessas histórias, as coisas começam e depois elas terminam. Os personagens tomam suas decisões uma só vez. Não olham para trás, não ficam ressignificando o passado, nem aparecem depois para buscar itens pessoais, não há perguntas constrangedoras ou barganhas ridículas.

Na vida real, no entanto, eu ainda precisei voltar ao estúdio antes de ir para o pronto socorro e fiquei perguntando a Jack sobre os pigmentos que foram usados na minha última tatuagem. E, apesar de ele ter respondido “A de sempre”, muito sério e muito educado, a tônica daquela hora foi sobretudo de peso, eu aguentando o seu olhar acusatório despejando toneladas sobre mim, como um gato acuado, vingativo, ele fazia de propósito aquele silêncio cáustico, enquanto eu pegava e fotografava com o celular, os rótulos das tintas, como uma investigadora criminal diante do principal suspeito. Meu celular tocava, Marcelo me esperava no carro, lá fora.

— Sinto muito — eu disse a ele antes de sair — não era pra isso ser assim.

Ele não respondeu, claro. Jamais responderia uma bobagem dessas.

— Vamos precisar trazer mais coisas suas pra cá — Marcelo disse ao sair do quarto. Ele estava vestido, com uma jaqueta de tricô, cuja gola ficava levantada até o fim do pescoço ao modo de algum ator dos anos 50.

— Sempre gostei dessa sua roupa — digo para mudar de assunto. Não adianta.

— Posso ir até lá com você — sugere — não seria incômodo nenhum, se é o que está pensando...

Eu não respondo. Ao fim, eu preferiria deixar as coisas exatamente no pé que estavam. Como se, na verdade, eu não estivesse dando um passo ativo, mas apenas permanecendo. Como se a vida, ou essa nossa relação, fosse tudo uma grande linha contínua, sem solavancos, sem decisões.

— Não estamos atrasados? — pergunto.

Entramos no carro. Ele me dá um papel onde havia anotado o endereço do consultório e eu leio em voz alta.

— Edifício Máximo... — digo —, mas isso fica no final da rua da Independência... Você sabe qual é. É aquele prédio ao lado da banca de revistas.

É aqui que eu realmente percebo que estamos juntos de novo. A rua da Independência é uma das poucas que Marcelo conhece por nome, então, quando com muita segurança, ele sai do estacionamento para a avenida, tomando a primeira à esquerda depois da orla, eu suavemente recosto no assento ouvindo o rádio que ele acaba de ligar. Uma música pop dos anos 90 toca mixada com outra dos anos 2000.

—Mas olha só! — eu digo estranhamente exultante — mixaram Oasis com Green Day — comento. — Poxa essa foi a minha época de MTV. Lembra que tínhamos conversado uma vez que todo mundo costumava ter a sua “época de MTV?” No meu tempo a gente sabia quem era mais velho assim: perguntando quem eram os VJ’s que conheciam. Era velho quem dizia Astrid, quem dizia Cazé. Hoje somos velhos simplesmente por ter assistido MTV.

Acompanho, cantando, *Boulevard of broken dreams*. Foi o álbum que inaugurou o emcore, eu me lembro disso. Lembro de mim mesma torcendo o nariz para os calouros do curso de humanas com seus cabelos alisados, tingidos e seus antebraços cheios de cortes. Tudo isso, e olhem para mim agora: estou aqui quase comovida “Eu vi o nascer a música emo”, é o tipo de besteira que estou prestes a dizer. Por quê, meu deus? Como se estivesse dizendo “Eu estava lá quando Jimmy Hendrix colocou fogo na guitarra”.

— Você tem planos para de noite? — Marcelo pergunta — e, está podendo beber apesar desses remédios para a infecção?

Eu olho para o céu escuro. Esses dias chuvosos sempre me deixam com uma vontade de beber vinho, mas branco e não tinto como acontece com a maior parte das pessoas.

— Vinho? Ah, bem... Eu tinha pensado em lhe levar para algum restaurante novo. Você poderia escolher por nacionalidade. Que tal? São todos lugares novos para nós, ou... quer dizer... pelo menos eu nunca fui.... Enfim: você escolhe: México, Oriente médio ou... Hum... Leste Europeu?

A menção ao leste europeu me dá uma espécie de calafrio. Algo que eu demoro a entender o porquê, e então lembro.

— O passaporte!

— O quê?

— É que acabo de me lembrar que tenho que buscar meu passaporte renovado.

— Ah – ele diz, estranhando – Mas... Você vai viajar?

— Não. É só que... Ah, uma passada rápida na casa da cidadania vai resolver. Tem uma casa da cidadania no Shopping do centro. Não precisa se preocupar.

— Claro – ele pareceu confuso – podemos passar lá também depois.

Na frente do consultório do primo dele, não há problema algum para estacionar. As vagas estão livres, por causa do feriado, o trânsito está fluido. Nós subimos juntos pela escada e assim que entramos no consultório a recepcionista, já sorri e pergunta se viemos buscar o atestado.

— Marcelo, não é? — ela pergunta. É uma mulher gordinha com os cabelos pintados de loiro — O doutor teve que sair e deixou para que você pegasse.

Na banca de revistas, do lado do prédio, ele entrou e eu fiquei do lado de fora, fumando um cigarro. Há uma nova mensagem de Jack agora, no celular dizendo que precisa falar comigo e eu olho para ela com apreensão. Olho também para a banca: Marcelo tinha parado de folhear as últimas páginas das revistas semanais e estava pagando pelo fascículo do mês de uma coleção de cinema. Jogo o cigarro fora e entro, me aproximo de Marcelo que pede um maço de cigarros e depois me pergunta.

— Tem fumado dos vermelhos ou dos brancos?

Dou de ombros.

— Pra mim, dá na mesma.

— Prefere esses, que está fumando agora?

— Não, não – eu lhe digo – não era nada que eu preferisse realmente.

— E que acha de cigarrilhas?

— Parece ótimo.

— Não tem nenhuma opinião formada?

— Mas eu acabo de lhe dizer o que acho.

Ele torce um pouco a boca, pega um maço do cigarro que eu costumava fumar logo que nos conhecemos, e pergunta ao vendedor se tinham também refis para isqueiros.

Tudo corre tão eficientemente, que chegamos ainda antes das dez na emissora, quando Rui ainda não deve ter chegado. Marcelo para o carro na rua de trás, uma quadra antes.

— Vão exigir explicação sobre a sexta-feira.

— Como assim? Na sexta feira você saiu daqui sangrando e foi pro hospital.

— E não atendi o telefone.

— Ahn?

— Eles ligaram pra mim umas vinte vezes enquanto eu estava no hospital. Eu rejeitei todas as chamadas.

— Mas estava sendo atendida!

Na verdade boa parte das ligações chegaram ao telefone antes de eu estar no hospital. Essa é a parte que Marcelo não sabe. As cinco primeiras chamadas vieram antes, quando eu estava no estúdio de Jack.

— Ah, isso vai azedar meu bom humor, a via crúcis de ser questionada, e oferecer explicações... Não adianta: pra eles, a menos que eu estivesse inconsciente, minha obrigação era ter atendido. Não pode entregar isso lá, por mim?

E, ao fim, meu medo, por mais irracional que isso seja, é de entrar ali e as portas se fecharem atrás de mim. Eu ficar presa pra sempre, como acontece nos filmes de terror, dando explicações, remoendo a ladainha de Sérgio ou de Rui. E além do mais, penso, sim, além disso, o shopping é logo ali, eu podia ir à casa da cidadania, buscaria meu passaporte... Basta atravessar a praça...

— Tudo bem — ele diz —, te espero na praça, então.

Descemos do carro. Na casa da cidadania eu preciso pegar uma senha para atendimento e, ao meu lado, nas cadeiras da espera, há duas mulheres vestindo roupas chamativas e conversando sobre somas estratosféricas de dinheiro que tinha entrado, em dólar, em suas contas. Uma menina pulava, animada, em alguma brincadeira que eu não

consigo compreender mas que envolve uma contagem “E quatro e cinco e dez. Pá!”, dando, ao fim de cada contagem, uma risada alta estridente enquanto seu pai, um homem calvo de pólo e calça jeans diz, “mais baixo, querida”. Eu releio a mensagem. “*Queria falar com você*”, era o que dizia. E fico olhando para a frente, para o visor do celular, como se fizesse ali algo importante. Esse homem respira alto demais, reparo, e seu cheiro, esse perfume não é forte demais para estar usando a esta hora do dia? Tem cheiro de hálito recendendo a café. Isso. Não o café, propriamente dito, como ele cheira nos grãos, mas o que fica dele, depois de queimado, e misturado às bactérias da boca.

E, na verdade não foi um silêncio aterrador o que envolveu a minha conversa com Jack. Não em absoluto. Não com o meu celular tocando o tempo inteiro, insistente. Eu tinha, claro, olhado a tela e visto que era da TV. Devia ser Tatiana, ou a editora do jornal. O fato é que não tive coragem de atender. Não ali, não naquele momento na frente de um Jack indignadíssimo que me dizia “Por que está esmerdando a sua vida inteira? Por acaso está querendo me atingir, deliberadamente? Por causa de uma maldita semana que passei tentando consertar os estragos que isso aqui, isso com você, isso que aparentemente não tem importância, mas que me exigiu a ponto de eu ter estragado minha vida pessoal”.

O aviso sonoro apita acusando meu número. Uma senhora com cara de poucos amigos me manda sentar.

— Vim apenas buscar — eu lhe digo. — Na verdade, já devia ter vindo desde a quinta-feira, mas...

Ela pede minha senha e levanta-se para buscá-lo noutra sala. Quando ela levanta eu reparo melhor a aparência dela. Era uma mulher bastante atraente, com seus óculos em armação de tartaruga, as mãos perfeitamente manicuradas e desenhos complicados desenhados com esmaltes. Aquilo me comove um pouco: todo esse esforço, o tempo que ela deve empenhar nisso... Meu deus, uma batalha tão inútil, sem premiações sem vitórias... — me surpreendo com este pensamento — Ora, mas o que está acontecendo comigo, afinal? Já deve ser a terceira vez no mesmo dia que eu sou assaltada por alguma filosofada besta. Devo estar ficando com as ideias bagunçadas ou então deve ser a inflamação, os remédios, o dia nublado... Talvez eu ande dormindo demais.

— Obrigada — eu digo, muito assertiva, pego passaporte e saio dali.

Marcelo já me esperava na frente da praça.

— Como foi?—eu lhe pergunto — alguém te perguntou alguma coisa? Para quem você entregou?

— Ora, calma — ele diz — eu só deixei lá com a recepcionista mesmo.

— Ela não chamou ninguém do meu setor pra receber?

— Não. Só telefonou, falou com aquela moça... Como era mesmo o nome dela? Era um nome bem comum...

— Tatiana – eu digo – Mas ela é do meu setor.

— Não, não... É do seu setor. Você vivia falando dela.

— Telma?! — Eu lhe pergunto com algum espanto.

— Sim, esta mesma. Ela ligou, a moça da recepção, falou com essa Telma que seu atestado estava lá...

— Mas o contrato de Telma venceu no dia primeiro — eu digo para mim mesma.

— Bem, foi o que eu ouvi.

— Será que ela não avisou do vencimento e está indo trabalhar irregular? Ora, está vendo isso? Deixo de ir um dia e vai tudo pelo cano.

— Já decidiu onde jantaremos?

Almoçamos no sushi por peso que ficava na esquina do prédio de Marcelo. Escolha minha.

— Sabe o que mais me fez falta quando estávamos separados? — ele diz sentando à minha frente com vários rolinhos fritos. — Os problemas. Coisinhas pequenas... O cigarro que você sempre fumava entre o café e o almoço, as compras de sábado na feirinha pública para comprar café moído na hora, mesmo a mania irritante de ficar horas e horas olhando plantas que jamais iria comprar...

Que é que eu posso dizer? Sorrio como posso, sobre aquilo, seguro sua mão no meio do tampo da mesa. Ele continua falando.

— Não estou bem certo se você sabe, mas eu tive alguns encontros neste tempo.

— Bem – me adianto –, e daí? Não é mesmo? Quer fazer uma rodada de pratos quentes?

— Não, não. Espere. Eu realmente quero lhe contar isso. Eu saí com uma moça que participou como convidada de um dos grupos de literatura. Ela tinha trazido uns livros para uma colega e vinha de uma separação difícil, procurava se refazer depois de todo o trauma e, você sabe, eu estava na mesma fossa. Na realidade, acho que ela deve ter realmente se apegado. Foi difícil pra ela quando disse que você estava voltando.

Ele olha pra mim e, é incrível, mas parece realmente triste pela moça.

— Mas havia tantas coisas que me preocupavam, e não eram os defeitos, como se haveria de esperar. Mas *coisas*, qualidades, até. Ela era frágil, doce, falava tão abertamente sobre os próprios problemas. E no começo eu achava aquilo ótimo. Adorava como tudo o que eu lhe aconselhava virava imediatamente lei. Mas depois... Eu não sei... Passei a achar errado. “Guarda seus dramas para si mesma”, eu queria dizer pra ela, “Engula esse choro.

Pare de pedir conselhos. Pare de se desculpar e, pela última vez, não me fale o quão inteligente e bondosa é a sua cachorra”. Eu ficava pensando: meu deus, eu devo ser um sacana, por que estou o tempo todo querendo maltratar uma pessoa tão boa e gentil?

Como quando Jack dizia “tinha trago”. Sim, quando ele dizia “eu tinha trago um livro pra você semana passada” e eu estremecia. Como agora ouvir a sentença pronunciada corretamente me derrubava num imenso vazio. Como se a língua portuguesa tivesse virado uma coisa estranha, escorregadia ...

Dou um suspiro desses altos.

– Sim, entendo — digo.

– Eu preciso de você – ele diz. – Preciso para que eu continue sendo eu mesmo. Para que alguém me diga se estou vendo televisão demais, para completar as frases quando não consigo lembrar as palavras...

“Você não precisa disso”. Jack tinha dito.

– Talvez o que realmente pese numa relação é se gostamos de quem nós somos dentro dela.

– Ahn?

– Quero dizer: não importa de que maneira se escolha, sempre será preciso desistir de algo e a escolha se dá não por causa do que queremos ganhar, mas por aquilo que não podemos perder de maneira nenhuma.

– Ora, sim. Claro que sim.

Tenho a impressão de que ele sempre tinha sabido disso.

Terminamos de comer, mas não pedimos café porque está ficando tarde e Marcelo tem ainda seu encontro com os escritores;

– Ah, mas que dia – ele diz– dá vontade de me enfiar debaixo das cobertas e ver filmes a tarde inteira.

–Por que não fazemos isso, então?

Se ele não tivesse que sair, eu não teria que ir encontrar Jack. Não precisaria lhe explicar que agora estava mudando para o apartamento de Marcelo e tudo o que isso significava.

– Não posso desapontar o pessoal do grupo – Marcelo fala — vão opinar sobre meu romance hoje.

Voltamos para casa. Ele pega um encadernado não muito grosso e sai outra vez. Eu já enchi uma panela com água e botei no fogo, para ferver junto com um frasco de vidro, uma espátula. Os cuidados com a troca de curativos requerem um cuidado quase obsessivo

com esterilizações. Tomo um copo d'água, escovo os dentes, meticulosa. O relógio disco-de-vinil tiquetaqueia ritmadamente, abro as janelas. Eu ficava todo o tempo dizendo para mim mesma: preciso escrever pra Jack, preciso explicar pra Jack, preciso sentar e escrever direito tudo pra Jack, mas então eu sento, agora, muito solenemente à mesa da sala, eu abro o notebook, em minha caixa de entrada, eu escolho o ícone *Mensagem nova*, mas quando o campo de e-mails se apresentava para mim, em branco, quando eu estou ali, nenhum afazer ou interrupção, quando eu escrevo na linha de Assunto o texto: *Oi?* Então neste ponto eu só volto a olhar o céu através da varanda aberta, a parede, o teclado. E emudeço deitando a cabeça sobre o teclado, bem à frente de mim.

Da janela do bistrô podíamos ver as pessoas saindo dos bancos, dos colégios, das clínicas e começando a ocupar as paradas de ônibus. O sol já começa a fazer seu trajeto em direção ao oeste.

– É isso – Jack me diz. – Esta é a matéria prima: as pessoas automatizadas, conscientes, os medos de sempre. Este é o material que se tem para fazer o mundo novo – me mostra o material de divulgação que fez da exposição, que vai mandar para a imprensa – Vamos – ele diz –, peça uma bebida.

Dezesseis e trinta. Eu olho o relógio de parede, e digo para mim mesma enquanto Jack volta a me olhar, que não, não fui eu que ganhei o edital. Eu não tive nada a ver com nada disso, ao fim. E ele? Ele não terminou ainda sua dose e não vai querer que eu saia daqui antes disso. Sob a camisa eu sinto ainda o último curativo começar a umedecer, calculo o tempo que leva até precisar trocá-lo. Posso cuidar bem disso, eu penso, posso tratar essa ferida e esquecer, portanto, o sono, a noite em claro ainda pesando nos olhos como se lhes ressecasse, posso esquecer a mensagem na segunda pessoa “*Ganhamos o edital*”. Mas, por enquanto, é preciso esperar e observar Jack. É preciso permanecer aqui e enrolar, vê-lo olhando no fundo do próprio copo, lançando olhares reprovadores para meu refrigerante que acaba, sem trazer solução nenhuma. E por mais que não haja trânsito, não posso ir agora, Dezesseis e trinta e três. Marcelo já deve ter voltado pra casa.

– Eu não me conformo – Jack resmunga. – Deve haver algo, cinismo, talvez, ou uma viciosa degeneração da virtude, quando vejo você aí recusando uma exposição que você mesma pariu, carregando segredos que não são seus, que não pode me contar porque não seria... ético? é assim que se diz? Mas afetam a você e que por extensão me afetam. Quero dizer – ele aponta para uma aquarela de uma paisagem chuvosa, que está pendurada na parede, é tipicamente europeia –, olhe para essas casas. Me diga: não pagaria algo mais do que dinheiro para voltar lá? Para morar em uma, qualquer uma dessas janelas como se assim voltasse atrás? Como se voltasse no tempo e pudesse ser capaz de novo de fazer aquelas coisas. Pois é claro, o meu tempo já passou, também, e tudo o que posso fazer aqui é olhar as pessoas e rir delas, e beber, é patético. Mas se é tudo o que posso fazer, então eu faço isso. Eu olho. E você poderia, pelo menos pra me agradar, fazer o mesmo.

Eu consigo vê-lo, Marcelo, dentro do apartamento, deve estar chegando agora. Vai procurar por mim na sala, no quarto, na área de serviço... E quando a garçonete passar, Jack vai pedir outro conhaque e continuar falando, vai perguntar se tenho mesmo que ficar sóbria, se não posso tomar nem uma cerveja, “Ora, vamos”, vai dizer, “não pode ser uma medicação tão séria”. E eu, como sempre, vou dizer que não, que não posso, vou lembrar da advertência dada pelo primo de Marcelo. Mas se ele insistir, se estiver mesmo obstinado, então eu vou pedir, sim, uma dose. Um whisky, puro, por favor. Sem gelo e tentar compensar tomando o próximo comprimido mais cedo do que devia.

– O que houve? – Jack pergunta. – Aconteceu alguma coisa, dá pra ver, e parece que é o tipo de coisa suja que se pode... como se diz? Desabafar com alguém? Se abre mais: é aquela pessoa com quem você vive?

Eu suspiro.

– Entre outras coisas.

– E por isso, não vai viajar – a partir deste ponto, já não há interrogação em seu tom.
– Por isso, uma pessoa, você vai deixar passar oportunidades, vai preferir um namorado à cidade de Praga... Eu não sei, não entendo como funciona a cabeça de vocês.

Não era necessário falar que estava doente para Jack pois ali estávamos.

–Por quê? – ele apenas continua e, eu procuro, no rosto dele, a expressão de raiva que ele tenta amenizar transformando em desdém, com seu tom muito filosófico, eloquente. – Por que trabalhar com mulheres? Pois... Se você pensar bem – ele pondera –, não é tão injusto assim que ganhem menos. Como é o seu caso? Ganha menos que um homem com sua mesma função de arquivista no seu jornal?

Mas eu mal respondo:

– Só tem uma arquivista sênior no meu jornal – até porque ele mal escuta, segue falando:

– Não é só a gravidez, se você pensar bem. Tem que somar ao peso de um funcionário assim os imprevistos crônicos, essa coisa de menstruar, e todas as possíveis faltas, e as cólicas mensais...

Eu não sei. Não sei o que ele ganha com isso. O que espera de mim quando disserta seu rancor não só por mim, mas todo o meu gênero. Não me encara, sequer me considera, individualmente. Eu costumava gostar dos seus conselhos trabalhistas.

– Sim – eu digo –, você deve ter sua razão, mas como eu saberia?

– Sabe do que eu estou lembrando?

Isso é tudo porque não estou fazendo as malas agora mesmo para sumir com ele, para o estúdio, para Praga, para a puta que pariu, ou onde quer que seja. Por causa disso ele relembra, sim, ele diz: a primeira vez que eu apareci no estúdio.

–Você parecia tão forte – diz isso sem olhar para meu rosto, como se falasse não de mim, mas da irmã morta –, tão firme, com aquela pele esgarçada, estriada de uma cicatriz enorme... – uma pessoa morta há muito tempo – E... Como olhava! Aquele queixo erguido, aquela petulância.... Era a primeira vez que eu via alguém tão orgulhosa de algo que era um defeito – Então volta a olhar pra mim, bem direto nos olhos – Bem, é formalmente um defeito, não? Uma cicatriz? Uma cicatriz com toda aquela espessura... Lembra-se disto? E você chorou. Chorou e não deu a mínima importância para se aquilo me desconfortava. Poxa. Eu lhe respeitei tanto.

É bobagem, eu sei, ele fala de mim como se fala de um morto no seu velório. Como disseram sobre a minha mãe, “Puxa, ela era tão forte”. “Ah, ela tinha uma postura tão firme”.

– Eu lembro do toque da agulha na sua pele. Ela era mais... Como é que eu digo? Como morder um sanduíche quando a carne passou do ponto... –Ele fala daquele jeito como quem se apressa em não machucar. – Era bom, sim, era muito bom. Eu gostei, pelo menos.

Com condescendência.

– Falta às pessoas saberem apreciar adequadamente todos os tipo de particularidades.

E por isso, porque se apressa tanto em não me machucar, como se eu fosse fraca, como se me achasse fraca, machucou.

– Doeu – eu digo – Aquilo doeu.

Pois se eu tentasse, se eu dissesse: “Jack, não é nada disso, pelo amor de deus, eu estou doente”. Daí eu teria que ser mais clara, mais específica, eu teria que dizer se cedesse, um pouco que fosse, e ele ia me ver escondida no banheiro feminino da TV Pontal, ele sentiria o cheiro da ferida supurando, ele me veria encharcada de compressas, ele me veria toda aquela compilação das piores versões de mim e isso eu não podia lhe dar. Então acho injusto, mas escuto. Escuto ele descrever os defeitos da minha pele, aguento aquela condescendência forçada como uma prostituta aguarda o cliente desocupar o seu corpo: é assim mesmo, somos mulheres e aparece um homem oferecendo um anel, as coisas vão pelo cano.

– Pelo cano... – ele repete, reflexivo. – Está mesmo com medo, então. E o pior: está com medo por ele. Porque acha que isso doeria nele.

E como se hipóteses separadas se desenvolvessem em quartos separados, com Samaras diferentes. Numa delas estamos aqui, estou com Jack, a garçonete chega para anotar nossos pedidos, eu arrumo qualquer piada qualquer graça que comece, com um sorriso.

– Eu lhe contei sobre o documentário que estou ajudando a organizar? Sim, sim. É sobre atletas, ou... bem...– eu sorrio. – Era sobre atletas, virou algo sobre esforço, a tenacidade humana ou sei lá – são 29 músculos para sorrir. – Tinha um idiota que passou em primeiro lugar no vestibular pra medicina... Você sabe, conhece a história...

Eu continuo sorrindo.

Mas numa outra alternativa, uma Samara ligeiramente diferente poderia lhe perguntar: “Quem é você? A que tipo de fantasia está apegado quando cria para mim esse papel absurdo e espera que eu colabore com ele?”. Esta Samara não é tão diferente de mim, habita este mesmo corpo que eu, embora seja um pouco mais nova, e sendo pouco mais que uma criança ela não sabe fazer outra coisa senão debater-se entre as paredes do meu corpo, com um par de patins em cada mão e eles pesam e ela se cansa. Ela quer chegar tão longe, ela acha que consegue ir tão longe com essas oito rodas... Esta Samara se debate porque posso alugar minha mente, posso permitir que Jack entre em mim com suas palavras ácidas, cortantes, mas não posso desabitar-me dela enquanto isso. Então é ela quem recebe os golpes. É ela gritando fazendo minhas mãos tremerem, meu coração acelerar, ela quer sair, mas eu continuo falando, eu disfarço seus gritos.

– E o garoto – eu digo – Um fedelho mirradinho, branco feito um nematelminto, ele estava lá dando o depoimento, de que sim, que tinha estudado pra cacete e do nada.... Sim, do mais absoluto nada – meu coração já está a mil e a ferida parece escorrer mais – do mais absoluto nada, ele começou a choramingar e dizer, do fundo do fundo de todas as suas mágoas: “Meu cabelo!”, bem assim. Assustadíssimo: “Eu realmente não acredito que vão cortar o meu cabelo”.

– Ah, não – Jack sorri, finalmente.

– Ah sim. Eu queria que pudesse ver. Estava lá dizendo: “meu cabelo é a única coisa bonita que eu tenho!”, pior que era verdade. Que fedelho feio. E o diretor da escola queria cortar o cabelo dele diante das câmeras. Ainda lhe mandaram sorrir depois.

– Meu deus– ele diz, rindo. – Que mundo bizarro – e minha missão está cumprida: ele pede a conta.

Pede. Ele olha pra mim. Dissolvemos a tensão no riso, afinal. Porque eu vou dar amparo. Vou confirmar cada uma das suas hipóteses ultrajantes, ridículas, sobre mim, claro. Se assim você ficar satisfeito... Sustento. Ainda que doa, e dói, nós podemos rir daquele engano. O engano de termos planejado a glória, de termos acreditado um no outro. São só 29 músculos para sorrir. O que são 29 músculos diante de toda a extensão de pele que ele tatua? Minha cabeça, eu sei, é uma porcaria, meus ossos são uma porcaria e meu sangue é uma porcaria, mas meus músculos são bons.

– Que bobos nós dois – ele diz – Outra dose? Junto com a conta?

E ao fim, ele vai voltar pra casa, para seu mundo bom e confortável, uma mulher bonita, e luzes brandas, ele vai pensar, aliviado: foi só um engano, está tudo bem. Vai dizer, para Cecília, para Barto, para o mundo: “Não era”. “Não, não era ela o tema, a tela, a obra da minha vida. Era só uma mulher. Como as outras tantas. E nessas coisas, é assim mesmo, aparece um namorado, um marido, aparece alguém e acaba o compromisso artístico”. Porque daí aquele momento em que eu choro, na primeira sessão já não é mais O sublime, já não é mais sobre ele, já não é sobre a dor, ou sobre minha cabeça... “Viram?” Ele conseguirá, conseguiria, agora mesmo mostrar esse passado ressignificando-o como se desse um pause em uma cena. Conte os corpos. “Viram?”, ele diz e me mostra a mim mesma, “É só uma mulher e seus probleminhas: um namorado complicado, as inseguranças de sempre com a aparência, o chefe meio chato...” E por mais que seja eu, que seja justo pra mim que ele mostre esse passado, agora (“Porra, eu também estava lá, esqueceu?”), por mais que eu veja, onde ele não pode, que eu me lembre mais coisa que ele (o médico tinha falado da ressonância, tinha dito que precisava mais exames, sua bancada de mármore...) Eu vou concordar, “Poxa sim, você tem razão, eu era só uma mulher. Você está certo”. Eu tiro da contagem, não apenas o meu ego, mas tudo o que faz de mim um indivíduo único e irrepetível, tiro a dor, tiro a queda, mato de novo minha mãe, de novo, atiro os patins no lixo, esfrego fundilhos, e não era nada. Eu traio, claro, traio a mim mesma, confirmando a hipótese dele, mas assim, pelo menos assim, seu ódio vira indiferença e ele volta. Vai voltar e eu sei disso. Porque se não há nada lá, se não há mortos neste take, não há nada do que desistir também.

E ele vai ligar como ligou da primeira vez. Trocaremos o respeito mútuo, os grandes sonhos pelo resultado. As coisas. São tão fáceis as coisas se consideradas sem ênfase. Pedimos o café. Pagamos a conta. Nos despedimos. Ele volta, como quem volta de um bar. E eu volto pra casa, pra Marcelo. Com mais este cadáver no porta-malas.

“Eu poderia ter cuidado de você”, Jack tinha dito isso. Mas neste ponto eu penso na palavra “cuidar”. É essa a frase que se repete em minha cabeça quando eu chego no apartamento de Marcelo, ainda com a careta da última dose de whisky colada na cara.

– Marcelo? – chamo.

Inocente, disse tudo, Marcelo dorme. Está deitado e mal acomodado no sofá, com um livro caído ao pé do móvel, e o pau duro. Não acordou quando eu abri a porta, quando forcei a chave na maçaneta e me enfiei no seu dia assim, com minha vida, meus mortos, minha cara retorcida. Eu olho para ele, ressonando. Aquele pau duro como um terrível engano.

Quero dizer, o que você faria? Você o personagem que entra trágico, que entra pronto pra chorar, que entra em cena, na hora certa, mas daí vê que não. É o cenário errado. Está tudo errado. Você veio com roupas de guerra, mas relaxe, é um filme pornô. Uma comédia pornô. – “Eu podia ter cuidado de você”, ainda escuto. Se eu fosse outra, choraria. Como sou apenas eu. Apenas uma mulher, então, pé ante pé, sem fazer barulho, vou ao banheiro refazer meu curativo. Paro diante do espelho. Pois ainda que eu ficasse, ali, parada no meio da sala, olhando para todos os lados como se tivesse acontecido um tremendo engano, ainda assim não tinha nenhuma escolha. Na cozinha, uma panela de água ferve para esterilizar o material. Separo os medicamentos na bancada do banheiro. “Eu poderia ter cuidado de você”.

– Ei – Marcelo está parado agora à porta–, não vai querer ajuda com isso?

Está ainda com cara de sono. Com o volume todo dentro das calças.

–Vem cá – eu lhe peço um abraço.

E como se tudo fosse um erro, ele só quer entrar dentro de mim. Ele, o roçar no seu corpo, insistente, no meu, por mais triste que tudo parecesse: O relógio da cozinha fazendo tic-tac, o aplicador ficando sujo de novo, minha ferida descoberta, a cabeça, o gosto do whisky recendendo, os olhos de Jack acusadores em minha memória “Só uma mulher”. E tudo o que preciso ali é deixar que Marcelo entre, se imponha, se meta dentro de mim, porque ao fim Jack está certo. Ao fim a natureza faz de nós, exatamente o que somos. E o que somos?

Ele tira a minha blusa – Só um homem e uma mulher – E fica parado me olhando. Um homem e uma mulher abandonados, excitados e verticais, no meio de uma cena.

Nenhuma alternativa que não seja essa. Ele abaixar a minha calça, a calcinha, me erguer sobre a bancada da pia, E se enfiar direto, de uma vez só dentro de mim, e ferir, e doer. Gozamos ali mesmo, eu primeiro, quase imediatamente ao momento em que ele diz “Se abre mais”, ele logo depois, esportando dentro de mim e depois escorrendo através de mim, pelo balcão abaixo da bancada, sobre as toalhas limpas da prateleira e os chumaços de algodão em bolinhas, que ali estão guardados.

É isso. Assim que acaba. Eu vou depois limpar a pia, voltar a esterilizar o aplicador.

– Tenho que aplicar o remédio – eu lhe digo, e ele libera o banheiro.

Marcelo voltará para o sofá. Vai pegar o livro que estava caído no chão, voltar a ler. Tudo está exatamente como antes.

Saio do banheiro esfregando hidratante nas mãos.

–Você não me contou como foi no seu encontro de escritores – tinha acabado de refazer o curativo, me sinto limpa –, que acharam do seu romance?

– Um fiasco – ele diz, sério. Ainda está no sofá, folheia o encadernado, uma última vez e o põe de lado dando espaço para que eu me sente. – Foi a mesma coisa que Heitor achou, a propósito.

Passo meu braço por seu corpo.

– Não se preocupe. Você ainda pode...

Mas ele tira meu braço de si com uma força incrível e uma raiva tremenda, saltando pra longe do sofá.

– Samara, nem pense em começar – aconselha. – Pelo amor de Deus, isso resume cada coisinha errada a respeito de morar junto. Você não é minha... Não queira ser minha treinadora, tá bem? Não venha me dar motivação, estímulo...

– Mas...

– Todo o problema, tudo... Era por isso que eu não conseguia escrever no seu apartamento.

– Como assim? Agora a culpa é minha? – eu nem consegui entender como aquela conversa tinha dado tão errado tão rapidamente.

– Você está sempre ali, de testemunha.

– Não é pra isso que as pessoas casam?

– Não. Elas casam para que tenha alguém com quem comemorar as vitórias. Não para fazer os fiascos parecerem ainda maiores.

– Marcelo, eu...

– Eu sempre perco de você. Entende? Eu não tenho sua disciplina de atleta.

– Ex- atleta.

– Eu estou ótimo, aqui, certo? Sofrendo, sentindo pena de mim mesmo. Deixe. Não quero “uma força”. Arte não tem nada a ver com força. Será que você não poderia, então, uma vez só na vida, *não testemunhar* isso?

Quando você se assusta com algo do jeito que eu me assusto dessa vez, torna-se impossível defender-se. “Eu poderia cuidar de você” e pega seu encadernado, sai da sala resmungando que eu não deveria ser seu pai. Por que pai? Não seria mais natural ele me acusar de outra coisa?

E é aí que você se pergunta, sozinha na sala abandonada, na ponta de um sofá vazio: Será? E quanto a Jack? Será que ao fim é isso, Porque se for assim, se Marcelo tiver mesmo razão sobre isso de ser mãe ou ser pai, então a frase de Jack não precisa me atormentar mais. Será isso? Será que eu teria, em plena vida adulta, depois de uma vida inteira sem mestres, sem mãe, dado a Jack não o papel de um deus, mas a equivocada função de ídolo. Se for isso, então, não. Ele nunca poderia ter cuidado de mim.

Eu sinto por baixo da blusa, como se fosse suor, algum líquido escorrer da ferida. o medicamento supurar.

Pudor: eu jamais poderia deixar que Jack visse aquilo. Aqueles remédios reais demais, minha ferida aberta, supurando, real demais. Um ídolo, ou um treinador sempre vale pelos seus olhos. Pelo que enxergam em nós. Eu não podia deixar que Jack visse aquela ferida. Não poderia ainda querê-lo ao meu lado se ele testemunhasse aquilo. Simplesmente não podia, pois se eu deixasse, se o mundo das compressas, das feridas e a dos livros de arte, do estúdio e da esperança se misturassem, então tudo estaria, perdido, contaminados, no curso imponderável nesse emaranhado que, na falta de palavra melhor, eu insisto em chamar de vida.

A quarta-feira chega como se fosse aquela piada-lição-de-moral do “Enfie esse macaco no seu cu” que recebemos, ano passado, em um folha de papel ofício, durante uma dinâmica de grupo.

– Você conta pra ele que estava doente — diz Marcelo, parando diante do sinal vermelho.— Não precisa dizer que doença tinha.

A dinâmica, se é que eu consigo lembrar direito era sobre a importância de se comunicar. “Você só precisa ouvir o outro de peito aberto”, disse a psicóloga, “Precisa deixar que ajam, antes. E só depois começar a reagir”. Que piada... E era uma dessas anedotas longas, sabe? Que tem graça justamente por ser longa.

Então esse era o meu plano? Voltar para o trabalho e bem na hora, no minuto que Sérgio me interrogasse “Por que não atendeu o telefone na sexta-feira?” Ah, ele que não fizesse. Não fizesse porque senão eu ia dizer, “Sabe de uma coisa, Sérgio? Pegue esse departamento inteiro e enfie ele no seu cu”.

A preocupação tinha vindo desde a noite anterior.

– Está antecipando o sermão que ainda nem recebeu – Marcelo disse. Eu não conseguia prestar atenção no filme, não estava entendendo nada.

– Não consigo – digo. Levanto do colchão desistindo de olhar para a tela e andando, como se estivéssemos num filme, até a varanda para olhar para a rua. – Não consigo pensar em nada que logo me vem esse frio na barriga, um nó nos intestinos... Só de pensar em voltar para o trabalho amanhã.

Sim, antecipava. Antecipava justamente porque conhecia a coisa. Nunca era apenas tomar um sermão. Era uma via crucis, uma pergunta depois da outra: “Onde estava nessa noite?” “Por que não atendeu o telefone?” “Quem disse o quê?” “Tem certeza que quem disse não foi outra pessoa?” “Cadê?” “Me mostra onde está isso no sistema”. Ad infinitum. Uma sabatina para qual, por mais que eu tentasse me preparar, já sabia de antemão que falharia, sempre tem uma ou outra pergunta que a gente erra...

– Sabe quando dizem que o melhor da festa é esperar por ela? – eu digo para Marcelo.
– Bem, o oposto também é verdadeiro.

E se eu dissesse que tinha câncer?

Câncer funciona. As pessoas olham pra você de outro jeito quando acham que você está morrendo. Câncer te torna santo, te torna afável como um órfão, um bebê na lixeira do hospital. Câncer te dá permissão pra ser mal educado, arredio, para estar de mau humor, pra chorar no meio do expediente às quatro e meia sem motivo aparente, pra sumir com o relatório, pra sair mais cedo, pra comer na mesa, e sobretudo, sim, sobretudo te dá um motivo: para não atender o telefone mesmo quando sabe que é o trabalho chamando.

– Eu devia ter atendido ao telefone...

– Samara, pelo amor de Deus. Não vai acontecer nada. Ninguém tem obrigação de estar disponível para o trabalho depois que o expediente acaba.

– Você não conhece o meu trabalho.

– Veja, vai ser só um dia, certo?

E se o meu celular tivesse sido roubado? E se meu pai tivesse se internado? E se eu... Se eu... Se eu estivesse em coma? Tivesse feito uma laparoscopia urgente.

- Seu atestado desmentiria isso.
- Pode ser que ninguém vá olhar.
- Apenas engula a bronca, digira e volte a trabalhar. Siga em frente.

Por quê? Marcelo para o carro na frente da TV Pontal. Essa seria a primeira pergunta: Por que diabos é que havia um take com um vestibulando, um garoto brilhante que passou em primeiro lugar geral, por que ele, com sua horrorosa cabeça raspada, um take do seu rosto contrito foi parar no meio das fitas do especial de homicídios?

E isso era algo que eu não sabia responder. E será que eu não poderia ter revisado? Checado e rechechado os takes no vídeo, antes de aprovar e mandar direto tudo para a edição? O que tinha de tão importante para fazer que não podia gastar quinze minutos a mais? Cinco minutos a mais e evitar, assim, tudo o que veio em seguida?

Uma hemorragia em curso? Uma tatuagem inflamando? Eu não podia dizer nada disso. Minhas tatuagens são, serão sempre, um agravante e não atenuante. Eu não podia dizer que o estúdio fechava as 21h, que eu não podia usar minhas próprias chaves na frente de Marcelo. Esse é o mal de ter segredos.

- É só ouvir calada – Marcelo recomenda. – Mais tarde almoçamos.

Deço do carro.

A vida é, para nosso contentamento ou desencanto, um conjunto muito limitado de situações. Claro que o vestibulando não estava morto. Apesar de careca, apesar da cara miseravelmente infeliz, apesar de a fotogenia ter passado longe, o garoto, estava vivo. Estava vivo e mesmo assim a imagem dele aparece no vídeo que compilado com outros 378 cadáveres. É claro que a editora achou aquilo estranho. Estranhou no minuto que olhou o compilado. Por isso ligou para mim. Porque por mais que eu tivesse saído com tufo de papel higiênico no nariz, ela tinha que perguntar se era isso mesmo. Se esse menino careca foi uma vítima da violência. E insistiu nessa ligação por 12 vezes. Onde eu estava? Por que não atendi?

Bato o cartão. Passo a roleta.

Porque Jack disse: “Fecho às nove”. A situação era toda delicada. Você sempre se atrasa, Samara. Você está sempre pendurada com o trabalho, com seu pai e dessa vez... “Use suas chaves, se quiser”, claro que eu entendi o recado. Jack não era bobo. Sabia exatamente o que Marcelo pensava. Sabia que Marcelo tinha ciúmes. E se eu fizesse isso, se usasse minhas chaves, mostrasse para Marcelo: “veja, só o que tenho aqui”, então não importava o que eu dissesse, o que Jack dissesse. Foi por isso que fechei, então, eu simplesmente fechei a conta dos mortos, logo depois de assistir ao último take.

Eu nem mesmo revi, chequei, refiz a contagem, apenas mandei, faltava meia hora para que o estúdio fechasse, meu nariz começou a sangrar e eu fui embora. Entreguei a fita na ilha de edição. Disse: “Tá tudo certo” e, encontrando Marcelo na recepção, saí com ele, pedindo “Rápido”, até o Design Ink, para pegar a tinta.

Agora resta caminhar pelos corredores, em direção ao dedoc. Resta abrir a porta, resta lidar com o sorriso desconcertado de Telma. Resta procurar entender que sorriso é esse que ela dá pra mim, afinal. Esse sorrisinho assustado. Resta aceitar quando Sérgio me chama no canto

– Vamos conversar na sala do Rui García.

E se só resta isso, então eu faço isso. Puxo a cadeira. Aqui estou.

– Samara você sabe quem era aquele garoto?

– O primeiro colocado no vestibular geral.

– E o que mais, Samara? Onde ele estudava, por exemplo?

– Isso era importante?

– Se é importante? Bem, vejamos, digamos apenas que ele estudasse com o maior anunciante dessa TV. Desse jornal. O que você acha que isso representa?

Então tínhamos entrado na seara das perguntas para as quais eu não tinha resposta. O que isso representa? Qual foi a minha gafe? Subliminarmente insinuei que esta escola está formando não jovens brilhantes e sim cadáveres?

– Porra, Samara – do jeito que ele olhou pra mim, o sofrimento com que ele olhou pra mim quase me fez querer consolá-lo. “Ora, vamos ficar bem, Sérgio”, “Não se preocupa. Esse é o melhor arquivo do jornalismo nacional”. Demorou para assimilar quando ele disse – vou ter que demitir você, caralho – quase chorando.

– O quê?

– Tu veio me vacilar justo com um anunciante. Pediram cabeças aqui. Pediram cabeças! Era você ou a estagiária do jornalismo. Você usa 29 músculos para sorrir.

Mas de quantos precisa para esconder a enorme risada que eu quis dar nessa hora?

Da primeira vez que eu fui demitida era uma emissora minúscula, e todo o “procedimento” demissional se restringia a colocar a bolsa no ombro e dar o fora, mas a TV Pontal que me demitia agora, era um monstro cheio de corredores, de novas etapas e se por um lado com aquilo eu ganhava o sagrado direito de voltar pra casa, junto com o seguro desemprego e uma indenização, por outro, eu ia ter que passar pela sala de Sérgio, de Rui, e do Senhor Garcia. Eu teria que: parabenizar Telma por ter ficado com meu emprego, Alex por ter conseguido meu estágio. Eu tinha que vencer a sala de comunicação interna, a sala do D.P. e, finalmente, a do financeiro, que era no outro bloco. Corto o caminho passando pela recepção, e quando olho para a extremidade do outro sofá, vejo: um homem de terno, carregando uma maleta, uma senhora vestida com shortinho de algodão dando entrevista a um estagiário do jornalismo e, mais adiante: Um homem. Com camisas slim de golas muito muito bem-passadas, e uma tatuagem, suficientemente grande sobressaindo no pescoço pela gola.

Jack.

Esta sou eu ficando feliz. Sim, é isso o que me ocorre, ocorreria com qualquer um se avistasse num momento desses qualquer rosto familiar em meio a uma multidão de estranhos. Mas, claro, eu logo percebo o quanto é inapropriado. Ele não me viu— penso, olhando para o corredor que dá para os primeiros lavabos, esboçando alguma possibilidade de fuga. Esta sou eu olhando de lado, esbarrando nas paredes de vidro. Esta sou eu – eu me vejo de perfil –, e eu estou com cara de fracasso.

Passo por trás do balcão até perto dele, que direito ele tinha? Mas Jack ao me ver, apenas fecha o livro que vinha lendo, ergue as sobrancelhas sorridente como se soubesse que me encontraria ali e assim.

– Então quer dizer que é aqui – ele diz, se aproximando. – Muito interessante.

– Que está fazendo? – pergunto a Jack. – Eu não posso conversar agora.

Ele ri.

– Nem eu. Vim dar uma entrevista.

– Como assim, aqui? Aqui, aqui?

Ele riu.

– Meu anjo. Você está mesmo bem? Está confusa? – há algo no tom dele que insinua um desequilíbrio da minha parte. Não respondo, ele continua:

– Sobre a exposição. Ora, faz tempo que nenhum brasileiro emplaca algo no salão de Praga.

– Mas, está falando da *minha* exposição?

Devo ter falado isso alto demais. Pois a recepcionista e o homem de terno olham para nós cheios de curiosidade, ela, se inclinando ligeiramente para o lado para poder vê-lo melhor. E é bem nessa hora que Sérgio sai pela porta e ao me avistar, fala:

– Ora, aí está você. Venha, que já te ajudo com isso.

Ele vem pondo a mão nas minhas costas como se me conduzisse dali.

– Até depois – Jack diz para mim e volta a se sentar.

E eu não queria ir, mas estou indo. Saio olhando por cima dos ombros. Alguém vai acabar sabendo disso. Marcelo vai acabar sabendo disso. Eu entro na sala do D.P. Entrego meu número de matrícula, espero. Marcelo... Ele sempre havia me acusado de frieza, de não ser completamente honesta em relação ao que se passava entre mim e Jack para agora, veja: é Jack ali. Jack e não ele, no momento exato da minha demissão. Isso vai servir para confirmar todas as suspeitas: como eu podia ter me despedido dele hoje cedo tão carinhosamente e agora estar aqui com “aquele tatuador”?

Ora, penso, eu não tenho absolutamente nada a ver com isso. Não vou assumir porcaria de culpa nenhuma.

Eu ligo para Marcelo quando vou para o ponto de ônibus.

– Estou indo para casa – digo a ele – vou pegar o ônibus e vou pra o meu apartamento. Você passa lá ao sair do banco?

Com o meu ônibus já aparecendo depois da esquina, é, estranhamente no meu pai que penso. Passei as últimas semanas inteiras usando o trabalho como desculpa para não visitá-lo e agora, sem estúdio, sem trabalho... Talvez eu devesse visita-lo, finalmente. Meu ônibus passa. Eu, ainda ali, fico contabilizando quantas linhas vão direto dali para o lado leste. Não muitas, pelo jeito. Pois eu acabo ficando ali, os minutos passando, e passando. Os estudantes começam a transitar com seus uniformes de colégio, saindo para o almoço, as ruas ficam, subitamente cheias, então eu vejo Jack sair pelo portão. Deve ter conseguido dar a entrevista, afinal. E vendo que estou ali, com um casaco inexplicavelmente grande pendurado no antebraço, não hesita em vir até mim.

– Veja – ele diz erguendo os dois ombros –, é ridículo se melindrar porque eu vim dar uma entrevista – e depois as duas sobrancelhas –, a emissora não é sua.

Que diabos ele quer dizer com isso? Ora, parte do trabalho tem a ver com fitas da emissora, se eu me lembro bem, fitas que eu mesma roubei e cedi para Jack. E então? Ele tinha me entregado? Tinha dito, como quem não quer nada “veja que curioso: e parte do material exposto são fitas do arquivo de vocês”. Ele chega muito perto, rompe o limite do socialmente aceito como se fosse me contar um segredo ou me beijar, e o segurança na guarita passa a prestar atenção naquilo.

–E você também não é dona da exposição.

Eu me afasto.

– Não estava dizendo isso.

– Disse, sim. Minutos atrás. “Minha exposição”.

– É modo de dizer. Eu só... Não sei. Não estou entendendo mais nada – eu digo, seria adequado conseguir evitar que minha voz saísse tão entrecortada, como quem está prestes a cair no choro. Eu não ia cair no choro. Eu só estava com muito, muito frio. – Nem posso compreender como sabia com quem falar dentro do jornal para uma cobertura adequada...

– Ah, eu perguntei à garota do documentário. Lembra que me falou dela?

– Tatiana? Ligou para Tatiana?

– Sim, ela gostou muito de conhecer a história, a sua, dos... patins? É assim que se fala?

– Não me diga que contou pra ela que eu pratiquei um esporte.

– Achei que todo mundo soubesse isso sobre você.

– Não sabe. Ninguém aí dentro sabe. O que mais contou, afinal? Que a arquivista deles desfalcava o acervo?

– Mas que diabo acha que eu sou? Eu jamais contaria nada que fosse pôr você em risco. Pôr em risco *seu precioso emprego*.

Não, não faria nada de mal de propósito, eu sei disso. Mas e sem-querer? O que ele não seria capaz de fazer, por acidente? Não foi ele quem, sem se dar conta do que estava fazendo, provocou o acidente que matou sua irmã? Não foi ele quem, sem se dar conta do que fazia, estragou a vida da garota, sua ex-tela, ou ex-amante. Não por parcialmente culpa dele que a mulher tivesse abortado, e estivesse agora tomando antidepressivos... Não tinha havido, por causa dele, mortes, e abortos e pessoas enlouquecidas?

– Mas do que... – ele acha graça.

Na ignorância. Na mais pura ingenuidade, ele faz mal pra todo mundo. É como uma criança autista a correr no meio da construção, enquanto todo mundo se estrepa, se quebra, se corta tentando protegê-lo. Então talvez sua ignorância, sua falta de dolo, não seja atenuante, seja um agravante.

– Por acaso sabe que eu acabo de ser demitida?

Ele parece surpreso por um segundo, depois muda o jeito de me olhar.

– Não sabe. Sequer perguntou. Não estranha nem um pouco que eu tenha saído antes de você, com um casaco enorme... E não pergunta. Não pergunta porque não dá a mínima. Não se interessa de verdade pelas pessoas desde que elas estejam onde você quer que estejam.

Ele faz sinal para o ônibus que vinha chegando:

– Como isso aconteceu?

O ônibus ainda estava detido pelo sinal vermelho.

Eu não falo mais nada. Até o sinal ficou verde, o ônibus para diante dele.

– Quando passar no estúdio nós conversarmos?

Ele acena e sobe e o coletivo que arranca depressa.

Como numa cena de musical, você fica tão atormentado, com todos aqueles milhares de estímulos, gritando cada vez mais alto, até que num momento a música para e, sob o silêncio total, há apenas sua ridícula frase ecoando para todos os lados.

Poucas coisas nesse mundo são tão deprimentes quanto os consultórios que atuam dando exames admissionais e demissionais. É preciso esquecer tudo o que sabemos sobre esses lugares. Logo de início, acho que o que primeiro me chama atenção é a falta de revistas de celebridades. Depois noto que as cadeiras, três apenas, na minúscula sala de espera eram de fibra, sem qualquer acolchoamento, e só por último percebi o mais estranho: numa mesinha pequena, bege, uma secretária já bastante velha manipulava fichas em papel. Nenhum computador sobre a mesa.

– Samara? – ela diz para indicar que é minha vez.

E dentro, na sala do médico, a coisa não era muito diferente. As paredes, pintadas de bege, exibem apenas um diploma e três pôsteres – Matisse, Van Gogh, Kandinsky – relativamente pequenos e que substituem o enorme abstrato tosco que costuma estar por trás de todo médico. A mesa dele também é feia. Uma dessas de metal, que lembra os escritórios de contabilidade. É. Parece que o doutor aqui não quis adquirir o Kit consultório que os médicos que eu costumava ir apreciavam tanto.

– Demissional? – ele pergunta.

Eu faço que sim. Ele pede para que eu suba na balança. E depois de me fazer algumas perguntas chegamos no assunto da dor de cabeça.

– Precisa ver um neurologista especializado – ele diz – e talvez devesse parar com as tatuagens – explica – Vai precisar fazer exames de ressonância.

Eu não digo que já fiz todos os exames possíveis. Não digo: comecei as tatuagens justamente porque cansei desses exames. Em vez disso perguntei:

– Por que tem esse Dalí aí na mesa?

– Souvenir de Nova York – é tudo o que diz, como se uma reprodução de a *Persistência da memória* fosse tão óbvia quanto uma miniatura da estátua da liberdade.

Gostaria de ter podido dizer algo como “Eu estive lá, também. Estive no MoMa”, e que com isso ele pudesse saber, só com isso, sobre meu joelho, sobre o quanto ele estava esfolado, o quanto ele doía lá dentro. Queria que ele fizesse, afinal, a conexão entre o joelho e a cabeça: “Esse quadro, essa galeria... Essas coisas doem mesmo, pra cacete”. Em vez disso, ele estende para mim o laudo, em vez de empatia a cara dele é de pena

– Boa sorte – ele diz –, que você arranje logo outra coisa. Outro emprego.

Pena: eu não estava esperando por essa.

Será que perder o emprego foi uma coisa ruim que me aconteceu?

Desanimada por ter estado no consultório médico, passo no estúdio de Jack. Os preparativos estão a todo vapor quando chego. E, diferente do que tinha pensado, de como tinha imaginado ele, Jack não poderia estar mais empolgado. Quero dizer, era uma exposição normal: desenhos, cadernos e, sobre a mesa havia pilhas com esboços. Reproduções dos pedaços de meu corpo. As fotos. Todo dia era uma foto nova. Você olha essas fotos e percebe, realmente, uma vida se estragando. A questão é que essa vida era a minha.

– Não – ele diz – a questão é: Vamos ou não vamos colocar você no meio da sala. Se vou poder tatuá-la ao vivo.

– Se soubesse o que acabei de ouvir – eu digo. Explico que tinha ido fazer o exame demissional, que tinham me dito para dar um tempo nas tatuagens.

– O que uma coisa tem a ver com a outra?

– Ele disse que eu tinha que retomar as investigações sobre minhas dores de cabeça com um neuro...

– Ah – ele disse revirando os olhos, de repente mais relaxado – de novo isso.

– Bem, sim, de novo isso. Mas dessa vez ele falou na ressonância. Falou que...

O que gosto em Jack é que ele não dá a menor importância a isso.

– Vamos – ele disse – tem que ir entregar esse laudo no seu ex-trabalho não é?

E se encaminha para pegar um blazer, a carteira, dirige-se à porta, me conduzindo ao caminho que, no entanto era meu. Eu o encaro em dúvida.

– Que está fazendo? – pergunto. Porque está vestindo o casaco...

– Ora, está frio lá fora.

Eu queria dizer que não precisava que ele fosse comigo. Não o tinha convidado a ir comigo.

– Mas quer que eu vá, não quer? Quer me contar como foi sua demissão. E quer contar sobre o médico.

Claro que queria.

– Então. Estou pronto. Você tem um capacete extra?

Ele veio comigo, sentado à garupa da moto, segurando com as duas mãos as alças no fim do assento. E, como toda a coisa de entregar os documentos foi muito rápida, mesmo depois de tudo, muita coisa continua sem ser dita. Nós caminhamos até o portão de saída da TV.

– Acho que estou ficando com fome – Jack diz –, tem algum lugar aqui perto onde se possa comer rápido?

Eu o levo à padaria e restaurante que costumava frequentar quando trabalhava na TV. O horário de refeições já havia se esgotado, passava das três da tarde e as únicas alternativas eram os lanches. Nós olhamos, do balcão mesmo, o menu de sanduíches e Jack decide-se por algo que denomina Cheeseburger Especial e que chega à mesa em menos de cinco minutos.

– Não fez uma boa escolha - eu digo a ele – os cheeseburgers servidos aqui não são como os cheeseburgers que normalmente se encontram. Vai sentir vontade de pôr toda a carne pra fora. E as cebolas também.

Ele faz uma cara desconfiada para o prato, prova um primeiro pedaço e acaba com uma espécie de afirmação no semblante.

– Eu gostei – diz – Gosto quando a carne tem um gosto assim, meio que de patê de fígado.

Pergunto sobre como vão as coisas no estúdio. Quem vai cuidar de tudo na ausência dele, enquanto viaja para Praga.

– Ah, bem. Várias pessoas estão cuidando disso.

– Que várias pessoas? Ora, não me diga que simplesmente vai largar o estúdio do nada e...

– Ei, acalme-se. O estúdio continua lá. E o sistema do arquivo que você implantou está sendo alimentado às mil maravilhas. De manhã Raul insere as imagens, e, mais tarde Barto passa tudo para o sistema, acrescenta tags, enquanto faz a agenda e...

Todo aquele universo, do Estúdio de Jack, de repente, voltou à minha memória, com suas cores vivas, suas pessoas machucadas, resistentes, as histórias bobas e melodramáticas, ali dentro.

– Parece que já está sentindo saudades...

Jack sugere uma caminhada breve em torno da pracinha, fumar um cigarro, talvez, mas eu lhe digo que já está tarde. Estava exausta, na verdade, os músculos em torno da minha coluna estavam tensos, eu tinha que voltar para o apartamento de Marcelo, onde estavam meus medicamentos para a infecção. Lhe dou carona até o estúdio.

– Não quer entrar um pouco? – convida. – Podemos retocar as falhas que ficaram dessa última cicatrização.

– Não, acho melhor nos despedirmos – eu digo.

– Ou você pode me fazer companhia enquanto catalogo as peças.

– Não, Jack.

– Não precisamos tatuar. Não precisamos realmente fazer nada.

Um cliente sai do estúdio, acena para Jack e para mim.

– Jack, não entende minha posição? Estou morando com ele agora. Estou com ele há mais tempo do que você imagina. Já não estou mais no início da vida, Meus fios de cabelo estão ficando brancos, minhas dores pioram... Não dá mais tempo de mudar o que sou. O que fiz da minha vida. Eu não sou desse mundo aí dentro. É tarde, entende?

Ele fica em seu canto da calçada, os olhos escapando para algum ponto ao lado do meu rosto. Seus cabelos haviam murchado ao longo do dia, seus lábios haviam ressecado e por um instante ele parece muito jovem, cheio de planos e aberto. Uma coisa triste de se ver.

– Fique bem – eu digo.

Dou a partida na moto, e saio de lá sem procurá-lo no retrovisor.

Marcelo dorme. Estava dormindo no quarto, já, quando cheguei em casa, quando voltei depois de ter visto Jack, de ter dito não pra ele. Não me restava outra opção se não sintonizar a televisão num canal qualquer, uma maratona de alguma série americana: Cigarros e mais cigarros eram acesos, jantares acabavam, as pessoas entravam, diziam algo bombástico e já estavam indo embora. Está todo mundo sempre indo embora, eu penso. E claro, eu já tinha entendido a lógica dessas séries: protagonistas difíceis, durões, que fazem suas próprias regras e seguem invictos, invioláveis. Sempre a mesma moral: faça o que quiser, você tem o direito de viver segundo suas próprias leis. Mas o que está implícito nessa frase, e é o que a maioria das pessoas não percebe, é que, se é um direito, então também tem um preço. Gostaria de apenas uma vez ver personagens mais parecidos comigo, que fazem o que podem e desistem quando veem que é tolice insistir, que os preços cobrados não estão dentro do seu orçamento, ou não condizem com o benefício. Desligo o aparelho e vou pra a cama, Marcelo continua dormindo mais que pacificadamente embora ao seu lado, jogado no chão esteja o encadernado com o romance que escrevera.

Porque não resolve logo isso? –Marcelo pergunta, ao telefone. – Vá ao seu apartamento, dê uma arrumada, pegue suas coisas e leve para o novo.

Desde que voltamos, eu ainda não tinha voltado para casa.

– Quanto tempo consegue viver com três camisetas? – ele pergunta.

E talvez seja por isso, porque há dias minha casa não é limpa, a poeira não é expulsa, porque o mofo tem se proliferado tranquilamente ali dentro, que logo que ao abrir a porta, percebo minha narina esquerda entupida. Isso nunca fora bom presságio.

Começo a massagear o rosto.

Estão aqui: todos aqueles dias nos quais Jack andou sumido, as duas semanas que passei correndo feito uma louca, sim, tudo materializado: a minha falta de tempo na forma de roupas por lavar empilhadas, meu cansaço nas xícaras feito erva daninha. E roupas, e copos, e tudo. Tudo usado e abandonado com restos de café sobre todas as superfícies possíveis: nas prateleiras das estantes, na escrivaninha, nas prateleiras de livros. E talvez seja porque há uma porção de livros emprestados de Jack. Porque há desenhos meus, feitos por Jack... Eu sento na cama bagunçada e úmida.

Já sentiu como se alguém pudesse ver você?

Se Jack pudesse ver tudo isso... Então ele passaria seu olhar reprovador sobre a bagunça. Eu praticamente podia vê-lo revistar na lixeira a embalagem de macarrão instantâneo e gritar indignado: “Como pôde fazer isso?” – indignado. – “Como eu pude usar como tela um corpo que é um antro de glutamato monossódico”?

São cinco da tarde quando cansada de digladiar com a bagunça, vou aos correios e envio ao Design Ink uma porção de livros e desenhos dele numa caixa. Desenhos grandes, desenhos pequenos, sobras, cores, formas... Cadernos empilhados em condições duvidosas.

Porque no fundo eu queria ir fazer pelo menos o restante da tatuagem na costela. A noite inteira corre, intranquila e, dos meus sonhos, planos e mais planos se materializam em formas de ir fazer uma tatuagem com Jack. Só mais uma, só a continuidade desta última. Sonho com isso tantas vezes: eu levantando desta mesma cama pegando o celular ao meu lado e ligando, falando com Jack “sim, que tal fazermos fractais do lado esquerdo?”, que quando acordo, é uma surpresa descobrir que o celular sequer estava ao meu lado.

Passo a tarde arrumando o apartamento, colocando no lixo as coisas para doar, para jogar fora; depois tomo uma ducha. No chuveiro, no entanto, uma leve moleza nas mãos me alfineta como se fossem cócegas, eu deixo cair o frasco de xampu. Ao me abaixar para pegá-lo, uma tontura me faz deslizar de lado. Eu perco o equilíbrio e caio, bato com a testa na parede.

Que não tenha quebrado nada: é meu primeiro pensamento. Enrolada às cortinas de plásticos, tento mexer os membros. Um tremor engraçado percorre a musculatura.

Cataplexia. E meu joelho ruim está mal posicionado. Começam as pontadas: cruas, duras, lancinantes, na minha cabeça. Fecho os olhos. Tric, tric, tric...Respiro profundamente. Você tem que ficar calma, digo a mim mesma. Tem que ficar calma. Isso foi uma escorregada no banheiro. Acontece com muita gente, não significa que tudo está errado.

Há todo o tempo do mundo para relaxar, pensar, vamos acertar as coisas. E acertar as coisas, nesse contexto: a água ainda caindo sobre mim, eu ainda imóvel no chão de azulejos (você tem que se manter calma e razoável) é, antes de tudo, 1) se desembaraçar dessa cortina de plástico, se pôr de pé, com cuidado, como se levantasse usando patins – primeiro se firma as solas inteiras dos pés no chão, agachada. Essa moleza nos músculos, você já teve antes, quando era criança, não dura mais de dez minutos. Terceiro, avaliar no espelho se há algo machucado. E, quarto, tomar as providências necessárias em seguida.

O problema está entre o primeiro e o segundo. Não consigo me desembaraçar da cortina com as mãos moles, e não consigo me agachar e sentar, sem gemer de dor. Ninguém nunca se deu ao trabalho de explicar o que era essa moleza que costumava vir, por exemplo, após uma grande gargalhada, ou com as pontadas na cabeça. Descobri o nome cataplexia pesquisando sobre riso e sono no google. Nunca soube se era normal.

Agora estou aqui, no chão de azulejos, ridiculamente nua, com o ralo entupido e o banheiro ficando cada vez mais encharcado.

Que grande fiasco!, penso. É uma sorte que ninguém esteja aqui. Ninguém vai ver esse ridículo. Marcelo não vai ver, ou meu pai...

A moleza não passa. Você sabe, claro, que há desvantagens que não haja ninguém. Por exemplo: nada adiantaria gritar pedindo ajuda. A resistência do chuveiro pode queimar, e sem ninguém para rir do meu ridículo, eu vou ficar aqui, debaixo da água fria, as torneiras estão longe do meu alcance e, de qualquer forma, imersa em quatro dedos de água, pode não ser uma atitude inteligente mexer direto nas torneiras.

Levo uma boa meia hora até que a cataplexia passe, e eu seja capaz de me livrar da armadilha que armei para mim mesma: rastejo um pouco pelo chão, apoio-me na pia para me por de pé. Toda a vergonha já desapareceu agora. Arrasto-me apoiada na parede até o telefone, ligo para o trabalho de Marcelo. Atende uma voz diferente.

– Tive um acidente – digo –, estou o.k., mas não consigo ir para seu apartamento hoje. Não consigo fazer a mudança.

– Que acidente?

– Tive uma queda no banho. Alguma coisa me deu uma moleza. Um pontadas. É aquela dor de cabeça engraçada.

– Eu vou até aí.

Agarro e puxo as cobertas da cama, me enrolo nelas e comprimo, entre as mãos o crânio. As pontadas doloridas permanecem, To put my head together – é a frase que me

ocorre – e pensar nisso é pensar na ideia uma foice pontuda e eletrificada dentro de mim, cortando e fritando todas as minhas estruturas, nervos, ossos e eu, incapaz de qualquer coisa.

Talvez passe logo. Muitas vezes aquilo tinha acontecido e durado apenas uns poucos segundos antes de desaparecer sem retorno ou sequela. Algo insignificante, como uma câimbra no pé. Mas tinha havido vezes em que ficara imóvel por cinco horas inteiras, e, mesmo quando passava, alguma coisa ficava errada. Vinham desmaios, náuseas... Se eu interfonar para o porteiro? Vários avisos sonoros passam a se manifestar no celular sobre a mesa. É o toque de Jack.

Permaneço no meu canto, quieta. O toque continua, chama, insiste, teima até que finalmente cai desistente. Em algum momento essa dor vai ter que parar, eu penso afinal. Jack não volta a chamar nenhuma vez, nem deixa qualquer mensagem. E, à medida que meu corpo se aquece, uma sonolência – que não vem aos poucos, mas de uma vez – me assalta, me derruba e quando volto a abrir os olhos, o sol já mudara de posição, e a porta do meu apartamento está se abrindo.

Marcelo.

– Muito obrigado – diz a voz dele, ao longe, para alguém, recebendo alguma resposta incompreensível e continuando – Não precisa, obrigado. Está tudo bem.

Levanto o tronco, devagar, para não despertar a dor.

– Ei – eu digo – estou aqui.

Não são nem quatro da tarde, mas lá está ele. Traz nas costas uma mochila executiva, e nas mãos dois pacotes de supermercado. Prontamente, os coloca sobre a mesa e tomado por onda de eficiência começa a guardar tudo em armários, fechar portas.

– Está tudo bem – ele diz. – A partir de agora, eu vou cuidar de tudo. Eu faço a mudança.

– Como conseguiu vir tão rápido?

– Expliquei no trabalho que tinha lhe acontecido – pega um copo no armário – todo mundo ficou preocupado... Mandaram eu vir imediatamente. Eu liguei pro meu primo... Veja, consegui até remédios bons.

Eram os remédios que eu sempre tentava evitar.

– Marcelo...

– Não comece – ele diz, abre a porta, olha dentro da despensa, da geladeira – nem sabe o trabalho que me deu conseguir isso aí.

– Sabe que odeio tomar essas coisas pesadas.

– Você está sem água filtrada?

– Ahn? Bem... Sim, estou bebendo da torneira por hoje.

Ele enche, então, um copo até a metade e me entrega.

– O que comeu o dia todo?

Eu lhe explico meu jejum, tomo o comprimido. Dá para sentir o gosto amargo mesmo sem mastigá-lo.

– Vou comprar água potável na padaria ali na frente – anuncia– quer que lhe traga algo mais da rua?

Faço que não com a cabeça, bem devagar para que não doa, ele sai colocando a carteira no bolso, eu volto a deitar. De onde estou, na cama, consigo ver sua mochila. É a mesma que ele havia subtraído daquele mesmo apartamento cheia de roupas e apetrechos quando eu e Jack começamos as sessões-surpresa.

No que eu penso? Bem, me ocorre que eu tinha passado todos aqueles meses no apartamento envolvida com as tatuagens, trazendo livros de Jack para cá, seus desenhos... Se Marcelo depara com algo de Jack aqui vai achar que menti quando falei que Jack e eu não éramos tão próximos. Bem, claro que vai ter alguma coisa da exposição aqui. Nada parece mais inevitável do que essa possibilidade: vai ter um livro, ou um bilhete, uma nota fiscal que pertencesse ao estúdio... Os desenhos de mim nua, onde estavam? Sim, alguma coisa ia haver, eu só não sabia o que e nem onde.

Mas que merda. Acendo as luzes, abro bem os olhos e trincando os dentes para mitigar a dor, levanto e vou fazer uma revista pelo quarto. Com dificuldades para manter o equilíbrio, puxo o computador da tomada, apalpo entre as dobras dos lençóis, olho um por um os papéis sobre a mesa. Nada. Abro gaveta por gaveta, e só encontro minhas próprias coisas, punhadinhos bem ordenados delas ocupando os espaços. Rumo, cautelosamente até a área de serviço onde encontro uma cópia da fita com o acidente de Jack. E por mais que a única coisa escrita na etiqueta seja *Acidente: BR230*, mesmo assim, cismo em livrar-me dela. Rasgo a etiqueta em diversos pedacinhos e atiro na privada, dando descarga em seguida. E depois pego o cartucho. Abro a janela. E é aí que me ocorre que eu estou agindo de maneira muito estranha– deve ser esse remédio – concluo. Volto para o quarto caminhando meio tonta e guardando-a dentro da gaveta, deito na cama. Adormeço sem sequer me dar conta.

Não sei por quantas vezes mais Marcelo entrou e saiu do apartamento. Eu tinha a vaga consciência, às vezes, de que ele chegava ou que saía, mas não conseguia disposição sequer para cumprimentá-lo ou para perguntar onde ia. Ele vem até mim com a mesa-cooler do laptop trazendo um prato com nuggets assados e batatas cozidas.

– Coma um pouco – fala. – Sei que é difícil, mas precisa fazer um esforço senão os remédios vão prejudicar seu estômago.

Eu obedeco. Como, tomo o comprimido, volto a dormir ainda com o prato ao meu lado.

Acordo e ele está ao computador, Acordo e ele está parado olhando a rua pela janela. Acordo e ele está vindo deitar-se ao meu lado. Abraça-me... É claro que minha cabeça ainda dói, mas o remédio suprime parte da sensibilidade de modo angustiante, algo que apenas mascarava a dor sem resolvê-la e mesmo o sono, o sono não era reparador, não continha sonhos... Era mais como uma espécie de morte.

– Samara – ele diz no meio da noite, no escuro do quarto. – Vi a exposição daquele seu amigo no jornal de hoje.

É como se me tivesse ameaçado com uma faca.

– E também vi desenhos de você, vi as tatuagens que você tem. Era o jornal da sua empresa – continua. – E era capa do caderno. Com mais uma página inteira dentro...

– Certamente, não é o que possa estar parecendo – eu digo.

– Então o que é? – ele perguntou muito calmamente – Me explica. Como pode tanto destaque para uma exposição de arte. Um completo desconhecido...

– Ele não teve a mínima ajuda minha com isso, se é o que está pensando. Eu nem sabia que ia divulgar essa exposição. Eu já não estava mais envolvida. Não soube de nada até pouco antes de encontrá-lo na recepção, de ele entrar na redação e conversar com os jornalistas...

– Não sabia de nada – ele repete como se o dissesse para si mesmo – e aí o encontrou na recepção da TV.

– Lhe garanto que foi exatamente desse jeito.

Gostaria de não estar tomando remédios, não consigo argumentar direito, sequer pensar direito em meio a essa letargia branda.

– Você acredita em mim? – eu pergunto.

– Claro — ele diz rolando na cama de barriga pra cima – claro que acredito. Em seguida levanta-se, e vai lavar-se no banheiro.

Passo o dia inteiro na cama, ouvindo o movimento de pessoas entrando e saindo da casa. Identifico, entre elas, pela voz, o irmão de Marcelo, o zelador ajudando a carregar caixas. Não durmo. Não consigo. Fico aqui apenas para apreciar a chegada dos bárbaros – eles vêm aqui e levam tudo – todas as minhas coisas em caixas de supermercado que nem são tão grandes. E Marcelo empilha os poucos livros que tenho, primeiro. Depois: os eletrodomésticos, cds. Havia despejado, direto, sem qualquer organização o conteúdo das gavetas da escrivaninha, e eu ouço os armários de lençóis sendo abertos, pois a maior parte das minhas roupas já tinha ido.

– Achei melhor que eu mesmo fizesse – ele diz, me vendo acordada – não vai ficar organizado, nem nada, mas pelo menos fica pronto. Você odeia tanto esse tipo de tarefa.

– Obrigada – eu digo – é gentil da sua parte.

Me levanto para ajudá-lo de qualquer modo. Ele tira as camisas dos cabides. Eu as dobro e coloco dentro da mala.

– A parte pior: livros, cds, eletrodomésticos e eletrônicos já foram. Eu deixei sobre a mesa alguns lanches. Pode comer algo enquanto eu estiver fora. E, estive pensando, podíamos aproveitar, já que estaremos lá, e mudar o piso daqui. Poderia ficar melhor para vender.

– Parece ótimo.

– Talvez fosse bom, inclusive, com o dinheiro da venda, minhas economias... Irmos para um apartamento novo. Mais perto do centro, talvez.

– Ora, o seu apartamento é ótimo.

Ele começa a guardar os vestidos. Fico observando-o dobrar as peças com sua costumeira falta de jeito.

– Dizem que não é bom que um casal comece indo um para o apartamento do outro.

– Isso é bobagem.

– Que o mais adequado é que se mudem os dois, para um apartamento dos dois.

– Ora...

– Arthur e Elena não estão mais juntos, não sei se sabe disso...

– Bem, a gente conhece o Arthur... Duvido que isso tenha a ver com o apartamento.

– Isso aqui. Como se dobra?

Ele estende um vestido de tecidos muito mole: seda. Dois vestidos e um macacão frente única bem fora de moda.

– Isto foi da minha mãe – eu falo – talvez tenha mais coisa dela que eu devesse buscar no apartamento do meu pai.

– Seu pai... – ele comenta. – É engraçado. Mas eu acabo pensando no jeito como ele se adaptou para morar aqui... Sempre pensamos que em certa altura da vida, as pessoas não conseguem mais mudar mesmo que queiram.

Eu paro de dobrar as peças e reparo na mala que estávamos enchendo. Ela era em couro e tinha um aspecto antigo...

– Que mala é essa?

Lembro de Jack. De quando procurávamos nas lojas de usados por uma prensa francesa pela qual ele estava obcecado.

– Heitor me emprestou – esclarece – Espere. Acho que está na hora de tomar de novo o seu remédio.

Ele voltou com duas taças. Entrega uma pra mim, com um comprimido junto, e fica com a outra.

– Eu encontrei este vinho branco entre as roupas de inverno – ele diz – pareceu em bom estado, e eu pensei que poderia ser uma boa ocasião para brindarmos nossa nova vida juntos. Sei que não é bom beber e tomar esses remédios, mas meia taça não deve fazer tão mal...

Eu fico sem saber o que dizer. Ele bate a taça contra a minha. Sauvignon Blanc. Tão estranho ter junto, no mesmo instante, esse gosto e visão de Marcelo. Recosto de volta na cabeceira enquanto escuto Marcelo conversar amenidades. E seu rosto vai virando um sorriso estranho.

– Além disso eu terminei meu conto novo. O pessoal do grupo disse que foi a melhor coisa que já fiz.

Mal termina de dizer isso, seu humor fica rabugento. Como se o esforço de ficar feliz com aquilo lhe deprimisse ainda mais.

– Bem... – ele murmura –, sei que não acha que o que eu escrevo seja importante, mas...

– Hum?

– Sei exatamente o que pensa, Samara, e se quer saber, não tem problema nenhum. Acha que sou um desses caras de meio expediente, posando de ser artista.

— Mas de onde você tirou isso?

Ele agita as mãos.

– Ah, eu sei o que pensa! – grita – Não precisa ficar fingindo.

Ele fecha a mala cheia sobre a cama, depois joga ela no chão e arrasta para o lado. Não digo mais nada. É possível sentir a tensão no ar como se ela tivesse textura. Eu me afasto, enquanto ele continua fazendo as mesmas coisas, abre um saco de plástico grande e empacota os pares de sapatos, as prateleiras ficam balançando por causa da força que ele desfere contra cada calçado.

– Samara, me diga apenas uma coisa, certo? Foi porque ele é mais bem sucedido? Por ele viajar?

– Hein?

– Foi o fato de que ele corre o mundo com sua arte que lhe fez querer ligar-se a uma pessoa dessas? Uma pessoa *doentia* dessas?

– Meu querido, já lhe disse que não tinha a menor ideia de que ele fosse fazer essa exposição.

– Sim – ele diz – eu compreendo. Mas eu estava pensando na coisa do *Escritor de fim de semana*.

– Que coisa do escritor de fim de semana?

– De quando me deu esse livro. Se não havia nisso uma indireta...

– Ah, Marcelo, pelo amor de Deus. Aquilo foi só um presente.

– Bem, eu sei que... Eu reconheço que fico apavorado com a ideia de fracassar. Tem toda a questão do dinheiro. Eu ficaria morrendo de dar um passo errado e ficar com a marca disso pra sempre.

– Bem, uma marca pra sempre não é tão ruim assim.

– Quer dizer que foi isso? Queria que eu lhe levasse para viajar?

– O quê? Não. Não exatamente. Na verdade não estou bem certa e ainda somos tão jovens assim...

– Então se não foi isso. O que foi então?

– Meu amor, eu parei, sim? Parei. Ainda que volte a fazer tatuagens procurarei um tatuador diferente. Veja, você também teve uma vida, também foi atrás das coisas que queria, escreveu seu livro... Qual a diferença, afinal?

– A diferença é que ninguém está publicando catálogos com meu nome na capa. Dando entrevistas sobre mim.

– Ainda que estivessem. Acha que eu atribuiria a culpa a você?

– Antes de a entrevista acontecer.

– Como?

– Disse que ficou sabendo da exposição antes de ele dar a entrevista, vocês se encontraram na recepção, pelo amor de deus...

– Marcelo...

– E não fez nada para impedir.

– Marcelo, acha que sou dona da exposição, da arte de outra pessoa?

– Porque ele tem talento – continua como se nem me estivesse ouvindo.

– Marcelo...

– Porque, na sua opinião, ele tem talento, e deve expor do a quem doer. Você poderia ter tomado providências se não estivesse tão... Se não estivesse tão abobalhada.

O despertador toca anunciando a hora do meu remédio. Ele levanta, pega um comprimido, me entrega com um copo d'água e começa a colocar as malas cheias para fora. Eu fico exatamente onde estou. Não consigo me mexer para levar o comprimido à boca. E depois, afinal, enquanto ouço o carro dele arrancar da calçada para fora, apenas atiro com toda a força, aquela pílula ao chão. A dor havia metamorfoseado-se para a aquela pressão costumeira, procuro o meu celular desligado há dias pela casa, e volto a ligá-lo. “*Como seria o restante dessa última tatuagem?*”, mando a pergunta para Jack. Não vejo que horas são quando Marcelo volta para casa, deitada na cama, eu havia me aquietado, com os olhos fechados, a ventania era audível apitando nas frestas da janela.

Ele liga logo pela manhã, Jack, dizendo que tinha visto a minha mensagem e que era no meu seio. Sim. A próxima tatuagem, a que ele havia pensado pra mim, depois da catastrófica cicatrização da costela seria bem no seio. Eu já sabia que era ele antes mesmo de olhar o visor do telefone. São dez e vinte e três da manhã, eu olho pela janela o dia cinza, pesado.

– Está certo – eu digo.

Mas ele continua explicando: que tinha encomendado outras tintas dessa vez. Que era melhor fazer contrastes para dar um melhor balanço aos fractais do desenho, tudo aquilo que uma imagem pode ter, ou tudo o que Jack acha que uma imagem pode ser. Tudo o que minha pele pode carregar. Eu apenas concordo. Só me interessa fazer a tatuagem, é o que quero dizer, mas também isso é o tipo de comentário que Jack não gosta muito de ouvir.

– Contrastes – eu repito o que ele acaba de dizer – está certo. Eu acho Ok.

E, de cara, eu também já sei o que vem em seguida: ele vai dizer os horários que tem vai perguntar se quero ir antes do estúdio abrir ou depois de fechar. Tanto faz, na verdade. É difícil raciocinar muito claramente nessas horas, tenho que pensar ao mesmo tempo num jeito de mentir pra onde vou, nas dores de cabeça que continuam com aquela pressão do lado direito. Aquela dor havia passado tantas vezes debaixo da agulha, em meio ao processo de fazer uma tatuagem. Depois eu pensaria no resto. Pensaria no jeito de explicar: eu precisei. E depois, uma tatuagem a mais, uma a menos. Talvez precisasse saber quem foi o tatuador.

– Pode ser hoje mesmo? – pergunto. – Hoje de noite?

Eu já estou salva por antecipação. Não importa o que vou dizer a Marcelo depois. Como sempre, as coisas vão perdendo a importância mesmo antes de eu desligar o telefone: a entrada no seguro-desemprego, por exemplo, será adiada, o pagamento do plano de saúde, o pó que entra, incontrolável, na casa pela janela. Porque Jack diz: vai doer. Porque diz: venha quando quiser.

Vai doer. Desligamos.

Sem importância: carrinhos de som e cds pirateados de funk encham o quarto com palavrões e atos sexuais estranhos, gemidos gravados, a briga dos vizinhos, as crianças malcomportadas chorando, o frio, a umidade.

– Preciso sair hoje – é o que digo para Marcelo. Digo que tenho que entregar os arquivos para Tatiana, explico a ele sobre o documentário dela, conto que estive ajudando a editar – Muita coisa está comigo, ainda. Vou até a casa dela...

– Mas justo hoje? – ele pergunta – tenho reunião com o grupo de escrita. Não parece razoável você ir de moto quando está doente. Está tomando os remédios...

– Vou de ônibus – eu digo a ele – ou então eu tomo um táxi. Não sei...

Já está começando a escurecer quando coloco as fitas dentro da bolsa, visto um casaco... Devíamos ter dividido tudo em várias sessões curtas e enrolar aquilo por dias, semanas, meses. Mas nenhum de nós dois estava mais disposto. Eu chego antes. Tremendo de frio, enfiando na porta a minha chave. Não demora. Pela janela eu o vejo entrar no prédio e lembro do que havia me advertido: Vai doer.

Tiro o casaco.

Parecemos estar vindo de lugares completamente diferentes. Eu tremo, ainda, de frio, uso um cachecol de lã, mas Jack usa uma camisa comum, com as mangas dobradas até o antebraço.

– Voltei – digo como se fosse piada quando ele entra me olhando o rosto em vários pontos específicos: as bochechas, a boca, a área dos olhos, o cabelo.

– Esta umidade... – reclamo.

E sorrio, mas os cantos da minha boca tremem e ele não sorri de volta. Parece contrariado. Eu sabia: vai doer. Então vem até onde eu estou, ancorada à janela, me abraça. Este é um carinho inesperado.

– Veio andando? – pergunto – o trânsito parece tão ruim agora.

E sim, tinha vindo, O ônibus atrasado, parado no meio do congestionamento. Eu me desvencilho do abraço de Jack. Do peso do olhar silencioso dele. Desenlaço o cachecol do pescoço como se, de repente, houvesse pressa. Pergunto pelo caderno.

– Onde está?

Mas não funciona assim. Ele encosta-se perto da mesma vidraça onde eu estava e fica me observando.

– Está tudo bem? – me pergunta.

– A cabeça – eu digo a ele – tive uma crise. Queria começar logo.

Ele tira o caderno da bolsa, me entrega.

– Veja com cuidado – ele diz, suspirando. Sento no sofá de dois lugares. Ele ao meu lado, me ajuda a tirar o cardigan deslizando-o pelos meus ombros e aí confere, não só com os olhos mas tocando concentrado com as pontas dos dedos os traços das tatuagens cicatrizadas.

– Vai ficar tudo errado assim – explico. Me desculpo – eu me arrepio.

Mas para Jack não é só o desenho, a tatuagem. Mas a vida que há por trás daquilo.

– Não importa – retruca. – Estou adorando. O arrepio é a vida e é justo o que deixa isso tão...

Você encontra nas páginas deste caderno todos os desenhos e esboços de cada uma das tatuagens que carrego na pele. Estão lá: os fractais que tenho nas costas; os arcos que os ligam aos ossos da bacia, está ali: a ave de asas abertas em minha clavícula. Passe as páginas do caderno de Jack e puxe os vários pedaços de mim.

– É tão incrível – eu digo.

Este caderno doeu em mim. Cada microperfuração, cada poro. Eu sangrei este caderno inteiro. Então Jack começa a perfilar materiais sobre a bancada, perto do resto da minha roupa, ele encara a própria obra, eu, com cuidado, perícia, profissionalismo.

– Vire-se – ele pede – de frente para mim, por favor.

Obedeço. Ainda concentrada no caderno. Passa diante de mim: um grafite, os padrões que fizemos no começo do mês: meus olhos percorrem as curvas, caminhos. Ele começa a desenhar direto na pele do meu seio que reage também. Ele se afasta então, e de pé, olhando para mim, põe a mão no queixo, pensativo. Liga o aquecedor.

Eu continuo folheando. Ele desvia o olhar de mim. Vai doer.

– Está completo – digo. – Você não me falou que estava completo – insisto. Jack está me olhando. Confirma com a cabeça.

Então é isso.

– Está completo – repito dessa vez para mim mesma.

– São só esboços – ele diz.

E eu sinto que algo, não só o caderno de Jack, chega ao fim. Que agora talvez possamos conversar e dizer algo para finalmente acabarmos com aquilo.

E isto é, antes de qualquer coisa, tristeza. Mas é também uma lucidez tremenda, o desamparo de quem já sabe que vai cair.

– Agora já sabemos, então... – digo. – Já sabemos como termina.

– Sabemos – confirma. – Sabe, você devia voltar aqui amanhã de manhã...

Eu sinto uma coisa e gostaria, precisaria, poder me emocionar ou expressar algo por Jack, para seu traço, para sua cara também desamparada perante o mundo, para a mortalidade dele em minha pele.

– Jack...

Será que consigo fazê-lo entender, fazê-lo alcançar? Jack, precisamos dar um jeito de você entrar na minha cabeça e saber que eu queria vir aqui amanhã, queria, mas tem essa coisa, entende?

– É. Eu sei – ele diz –, somos muito parecidos, afinal.

Sim, somos. Já estamos sozinhos desde já.

– Vai doer – ele diz.

Sei que vai. Eu confirmo. Vamos começar logo.

Quanto chego em casa, Marcelo já está dormindo. Meu soutien está dentro da bolsa e, no lugar dele, entre a pele e o tecido da roupa, há o filme plástico envolvendo quase todo o meu dorso e pomada. Muita pomada. A dor de cabeça tinha passado, sempre passa, durante a sessão. E o ronco dele, ouvi quando abri a porta, é justamente o que me faz ser tão cuidadosa: entrar sem fazer barulho, eu penso, não o acorde. Fecho bem devagar a porta. Não lembro quando resolvemos isso. Que era melhor que cada um chegasse sozinho ao sono. Sobre a cama, lá está Marcelo, dorme sobre o colchão está nu, alheio ao que se passa. Ao lado dele está o livro que teimava em rever, em tentar reescrever. Seu último fiasco. Não acendo a luz. Descalço, com todo cuidado as botas e deixo, muito devagar, as chaves sobre a mesa.

Estupendo. Eu penso comigo mesma, olhando meu próprio corpo nu no espelho da suíte. Estupendo: o desenho tem também a forma de fractais, pequenos arcos, concêntricos e sombreados espiralados em torno do seio direito, vários deles, ainda estão sangrando, porejando sangue, ao redor do mamilo. Jack, mais uma vez tinha me salvado. Olhando agora, já não parece que as tatuagens estão em mim. Parece que eu estou nelas, dentro delas, como se fossem uma casca ou uma armadura na minha pele. Em meio aos arcos, em sombreados, quase como marda d'água, no entanto, há rostos, muitos rostos, uma neblina... Assim, se você olhar do jeito certo, vai acabar percebendo anônimas, multidões de pessoas, caminham por mim. Começo a tirar o filme plástico. Eu estou protegida e apaziguada. Só um rosto se distingue nessa multidão de sangue e tinta. Posso ver. Bem ao lado do mamilo: Aquele rosto representa Marcelo.

Eu penso na minha queda gigante me desclassificando do mundial. Penso nas roupas de seda da minha mãe. No tubo onde pingava o soro do meu pai, e tudo junto aos milhares de takes que eu tinha visto e arquivado na minha última semana de trabalho.

Esfrego enxaguado. A teoria número dois sobre a tatuagem: às vezes você só precisa saber o que fazer em seguida. Eu sei que não posso vestir roupas sujas amanhã. Eu sei que Marcelo levou minhas roupas. Então estou aqui. Sei que tenho que lavar o que acabei de tirar. E isso me dá a impressão, a acalentadora impressão, de que posso resolver a minha vida.

Eu jogo a cabeça debaixo da corrente morna de água, da ducha, agora, sim, com 40% do corpo cobertos de tinta, eu me sinto, de novo, pacificada, limpa. Há um ligeiro mal estar, claro, algo que se manifesta na boca do estômago ao tentar antever o que Marcelo dirá quando vir. Não tenho a menor dúvida que vai dizer alguma coisa. A água escorre pelo corpo, eu vejo as linhas tomarem vida. Desligo. Abro a porta do banheiro. Ele está virado para o outro lado. Há uma camisa dele dobrada ao meu lado da cama. Eu visto.

E, exausta, seminua, deito ao seu lado duvidando que pudesse me sentir tão bem quando ele, afinal, perceber meu corpo nu ao seu lado e me alcançasse com o braço. Olho o escuro ao meu redor – Não há nada aqui – como se isso significasse algo e apesar de ter marcado uma nova sessão com Jack às 7h.. Apesar disso, não coloco o despertador.

Então primeiro ele diz: Adoro seu corpo. Eu ainda não tenho certeza se estou acordada, se em meio ao sonho tinha encontrado Marcelo.

E depois: Puta merda. Esfrega o pau na minha bunda. Eu ainda estou com os olhos fechados e o pau dele está duro, roçando no vão que há entre as duas nádegas. Sem abrir os olhos eu apenas contorço meu corpo de lado, me esfrego nele, pression-o entre as coxas. O movimento é involuntário: procura sozinho o que quer, indo e voltando, e neste ponto é só isso: dois corpos que se conhecem bem, que conhecem os atalhos. Não abro os olhos. Concedo.

– Adoro quando *ele* fica assim – Marcelo diz.

Ele: Marcelo fala do meu corpo como se fosse uma entidade em separado, e está certo: não sou eu de verdade. É o corpo que age sozinho, que acaba por causar o que acontece em nós, os movimentos maquinais. E nesse ponto eu escuto a respiração dele. Ele tentando dar conta de mim inteira: o seio solto numa camisa dele, uma bunda, uma nuca, uma boca, eu me encaixo nele, invisto contra seu corpo, me esfrego, somos como duas colheres encaixadas. Ele diz: Mais alto. Ele diz: Geme. Ele me agarra com o braço, machuca meus pulsos, mas não consigo emitir o menor ruído nessa hora. Estou prestes. Eu paro de mexer. De pensar. É agora.

E aí ele me vira de frente pra ele, interrompe tudo. Então me repele, me esvazia. Abro os olhos, procuro-o sentindo uma súbita carência triste. Ele diz:

— Puta merda, você tá sangrando.

– Não para.

–Mas... Que porra é essa?

Ele levanta da cama.

– Volta aqui.

–Você tá sangrando, Samara! Vá ver. Olha essa blusa e...

Por um momento chego a pensar na hemorragia nasal. Corro ao banheiro faço uma bucha de pacendo a luz.

– Ora isso é normal – eu digo levantando – essa hemorragia, isso acontecia o tempo inteiro quando eu era criança.

Mas ele não está conformado com a resposta. O tempo que custa para entender o que aconteceu parece durar imensamente mais para ele do que pra mim.

– O que é isso?

Depois de anos compartilhando as mesmas paredes, o mesmo banheiro, depois de termos trocado todos os segredos possíveis e dividido a pia de lavar louças, Marcelo me nega o próprio corpo e repele o meu como se, em vez de tatuagens eu tivesse lepra.

— É só sangue — eu digo. Volto para o quarto com uma bucha de papel higiênico no rosto e rio. — Já tivemos muitas trepadas envolvendo sangue.

Mas ele não está sorrindo. Não parece ver graça nenhuma em minha piada.

— Assim eu não posso mais — ele diz, sentado na borda e encarando os próprios pés como se esperasse brotar deles alguma novidade.

— O que houve? — pergunto, mas ele apenas me devolve o olhar, com gravidade, e diz de novo, com mais ênfase.

— Samara, *assim* eu não posso mais.

Vai começar de novo. Eu sei. Nós dois vamos começar tudo de novo. Vamos percorrer a mesma via crúcis de acusações, seguidas de mal entendidos, mentiras, culpas. Eu não devia ter deixado que ele dormisse aqui hoje.

— Samara — ele chama — por que foi que a gente voltou?

E começa. Eu continuo parada, de pé, segurando o papel debaixo do nariz, e admirando pela janela as nuvens densas e avermelhadas se agrupam no céu sobre os prédios. Sempre achei tão fantástico o modo equivocado que as noites de chuva serem claras.

— Por quê? — repete.

— Essa hemorragia já aconteceu mil vezes — é o que falo, entredentes. — Acontecia sempre quando eu era criança.

— Eu perguntei outra coisa — ele me lembra.

Não vai adiantar. Há provavelmente uma resposta certa e insubstituível que eu tenho que dizer neste momento. “Porque nos gostamos”, é uma alternativa, “porque amo você”, talvez, mas não consigo me decidir. Diria qualquer frase, qualquer coisa que nos fizesse voltar para o ponto onde tínhamos parado. Minha excitação física custa a passar, as árvores continuaram tiquetaqueando de um lado para outro, o vento continua rugindo. Podia ter apenas pedido para que ele me abraçasse naquele exato instante, e isso talvez isso nos desse

uma nova chance forçando a natureza a fazer seu trabalho, obrigando nossos corpos a conversarem e resolver no nosso lugar. Em vez disso, deixo o mal-estar se instalar e crescer, minuto a minuto. Até não haver mais nada que se pudesse dizer.

— O que você quer saber, Marcelo? — falo, em voz baixa.

Porque se você estivesse praticando um esporte, saberia sobre o próprio fracasso antes de ele acontecer de verdade. A queda da ginasta. A bola batida fora da quadra. Os próprios atletas sabem do erro, muito antes de ele ser material, visível e palpável para todos. O gesto que antecede a queda. É ele que é determinante. O mesmo acontece quando você briga muitas vezes com a mesma pessoa.

— Só quero saber a verdade — ele diz e eu volto a cogitar a resposta do abraço, o que eu não noto aqui é que a deixa, o espaço para esse ‘Me abraça’ já tinha ficado para trás há alguns minutos. E ele continua. — Se você era um exemplo de normalidade — diz como se precisasse me lembrar —, se o emprego que tinha lhe pagava o bastante. Se você não era, nem sequer gostava das pessoas que faziam esse tipo de coisa. Por que foi que de uma hora para outra isso de fazer tatuagens se tornou tão importante para você?

— É por causa do livro de novo — e esqueço de fazer a frase soar como uma pergunta. — É por causa do seu livro que você está assim. Tão chocado que eu tenha ido fazer mais uma tatuagem.

— Não — ele diz, trincando os dentes, aperta a cabeça com os dedos contorcidos. — Não tem nada a ver com o meu livro — continua —, que se foda a porcaria do meu livro.

Claro que é por causa do livro.

— Eu só queria saber. Saber que merda é essa. Quero saber antes da mudança. E não me venha, não de novo, com essa besteira de que é um objetivo de vida. Não cola. Nunca colou. Cacete. Olhe pra você.

E, o problema, tanto aqui quanto num salto, de ginasta, ou numa rampa vertical de skate, é que pressentir algo, saber que vai acontecer, não significa que você possa reverter a queda. Abraços, trepadas, por mais fenomenais que sejam, resolvem a coisa apenas temporariamente e depois nem são mais lembrados. Eu começo a tremer mais. De frio. Do orgasmo retido. Meu silêncio avança no tempo, no horizonte, e uma hora, você sabe: é inevitável, quatro e meia da manhã, quatro e quarenta e cinco da manhã. A rua escura, a cidade, o continente inteiro, aqui, o escuro ainda avança, avança até começar a ser lambido pelo sol, até ser completamente tomado pelo sol.

— Comecei as tatuagens pelo mesmo motivo que você começou o seu livro — É o que me ocorre dizer. — Por uma questão artística.

Mas ele ri. Ri e levanta da cama.

— Mentira sua — passa por mim em direção ao banheiro. Puto. É quando eu, com alguma agudeza, que me sai mal-calculada, é verdade, seguro seu pulso.

— O que você quer? — digo — Quer que eu fracasse e seja covarde como você?

Bem mal-calculada. As unhas cravam com gosto na carne dele, no braço e ele urra de dor. E então é algo no jeito dele olhando tão assombrado para seu próprio braço, depois para a minha cara. Algo nisso de ele interpretar a vítima, que me faz sentir ainda mais vontade de machucá-lo.

— Não é isso o que você quer? — devolvo. A chuva recomeça. Chega até nós pelas frestas da janela basculante. — Não é do seu fiasco que você está falando?

Esta é a etapa da histeria se anunciando.

— Não — ele responde —, eu estou falando é *disto* — aponta para minha costela, nua. Para meu seio, nu. Para minhas tatuagens todas, mas sobretudo para esta última, no seio. Seu dedo, inquisitivo, riste, se move apontando braços, pernas, tronco, pescoço. Grita e se agita todo. — Será que você consegue me explicar que merda é *isso*?

Agitar as mãos. A civilidade sempre acaba no ponto em que ele agita as mãos.

Etapa da histeria. Chegamos.

Ele puxa a toalha do pendurador, se cobre escondendo o membro brochado, retraído, e entrando no fundo do banheiro como se fosse uma tática de guerrilha.

— Estou falando de *aberrações*, Samara! De *você* virar uma aberração, uma coisa grotesca, bem na minha frente sem que eu possa...

Eu afirmo com a cabeça. Eu continuo, sem gritar e com frieza:

— Porque você prefere que eu falhe — eu digo. — Que fracasse. Como você fracassou. — Das minhas unhas, da marca delas, em seu braço, começa a arder nele o silêncio. A verdade.

E num tempo, impossível de precisar quanto, nós apenas nos ferimos, usamos todo tipo de argumento absurdo. Como ele acusando Jack, (“Aquele tatuador”) de só estar querendo me comer (“Se não já tiver comido” —, acrescenta). De mim, contra-atacando (“Bem, alguém, pelo menos, devia querer”). Dele indignado com esse “pelo menos” (“Que quer dizer com essa merda? Justo você?”) E de então sabermos que só estávamos dizendo as piores coisas, deliberadamente, para machucarmos um ao outro. Até voltar à questão principal. Foi ele quem disse:

— Como foi que a gente chegou nesse ponto? — ele, mais do que eu, tenta evitar a palavra que se intromete entre nós dois: tempo — Você está me trocando por uma porção de tinta?

E na medida que eu sei que não importa como chegamos aqui, importa que não podemos voltar atrás, nós chegamos a uma estranha fase nova: o cansaço.

— Acho que precisamos de um tempo — eu digo, afinal. Solto a tensão na mandíbula e sinto a dor residual no crânio, nas têmporas.

— Então, sim. Você está me trocando por um estúdio de tatuagem.

E eu não digo mais nada. Nenhum de nós vai dizer mais nada.

A primeira coisa a fazer, eu penso, é sair. Vestir uma roupa e sair. Procuo pelo chão a calcinha que estava usando, o soutien que estava na bolsa. Eu preciso de uma roupa, mas o apartamento parece vazio de roupas.

— Está tudo nas malas — ele diz —, dentro do meu apartamento.

Não desisto. Pego o maior casaco que tenho, fecho todos os botões e antes de sair, antes de bater a porta, eu ainda penso em dizer algo como ‘Sinto muito’ ou ‘Boa sorte’, mas não tendo jeito de dizer isso sem piorar o ridículo da situação, eu apenas saio. Vou embora como se isso, eu saindo, Marcelo fazendo uma mochila para ir embora, como se isso estivesse acontecendo pela primeira vez.

E envolvida pelo mesmo mantra que me levou a Jack da primeira vez – é só ir em frente – eu desço as escadarias do prédio – só continuar, um passo na frente do outro – e tento não pensar na hipótese de que talvez – é só ir em frente, só abrir o portão e sair como você faz todo dia – que talvez eu tenha esmerdado mesmo a minha vida para sempre dessa vez.

O ônibus já desponta no fim da esquina quando ainda estou longe da parada.

– Ei – aceno.

Uma lufada de ar frio sopra no meu rosto, e de repente, eu me ponho correndo desesperada pela rua, enquanto aceno para o para o ônibus. A tatuagem roça no tecido do soutien.

— Ei – abano os braços. Esqueço, definitivamente, que estou nua debaixo do casaco e corro o mais rápido que posso em direção à parada. O joelho se ressent na hora. Uma pontada, elétrica, percorre meu corpo. O braço estendido na direção do asfalto. Vou o mais rápido que posso. O ônibus para à minha frente. Vejo duas pessoas descerem dele, isso me dá tempo e enquanto eu agarro, dentro do bolso, as chaves do estúdio e o dinheiro da passagem e os aperto forte, como se fossem amuletos, tento também, esbaforida subir as escadas. Agradecer ao motorista que fecha as portas atrás de mim.

Mas daí talvez tenha sido a corrida, talvez tenha sido o joelho, a tatuagem a hemorragia, o ônibus está quente lotado demais, e eu não posso tirar o casaco. Fico apenas parada, ali, apoiada. De pé. E uma súbita sensação de ter rido muito me faz perder um pouco

as forças, eu derrubo no chão o dinheiro, as chaves. E apesar de estar me sentindo ótima – na verdade, estou quase prestes a rir, escuto alguém dizer.

– Motorista!

E me abraçam.

–Pára que tem uma mulher passando mal aqui.

Uma ambulância a caminho do hospital. Você acorda e está... numa ambulância a caminho do hospital. Aqui está a insígnia. Aquele, no canto de lá, olhando para mim de macacão deve ser o paramédico. E você vai perceber, logo ao tentar se mexer na maca, que seu seio arde um pouco. Você procura alguma informação.

— Você teve um desmaio – ele lhe informa enquanto se aproxima. Sossego.

Deitada na maca, eu observo as placas, prédios e copas de árvore passarem velozes demais através de nós, os fios da eletricidade, os outdoors com pessoas gigantes,

— Está sentindo sono?

...rápidas demais, simétricas demais.

— Tente não apagar de novo. Permaneça comigo. Está me ouvindo?

Se eu pudesse enxergar com clareza, se pudesse fazer com que tudo parasse de girar, daria pra ver a rugosidade da cola mal feita, daria para sentir que está tudo mesmo desbotando, enrugando, carcomendo-se.

Ele põe uma lanterna nos meus olhos, primeiro um, depois o outro.

—Pode me dizer o seu nome?

— Samara.

— Samara, ótimo... — eu tento me recompor da vertigem, impulsiono o corpo, mas ele prossegue. — O meu nome é Jobson, certo? Vou ficar com você até chegarmos no hospital.

Eu tento encontrar um ponto fixo para parar a tontura, me esticando da maca, procurando a janela de trás da ambulância, mas então percebo que estou amarrada a ela, com um cinto de segurança.

— Eu preciso me sentar – digo a ele – ou vou acabar vomitando.

Então eu olho para meus próprios braços amarrados à maca. Para as linhas em escala de cinza, as gradações, o preto, e me agarro a eles. Um ponto fixo no espaço, para impedir a queda, igual quando você precisa girar muito rápido. Olhe pra si mesma. Assim você não perde o equilíbrio.

— Você vai ficar bem. Só está com a pressão muito baixa. Está sentindo alguma dor?

— Absolutamente nenhuma.

—Teve alguma hemorragia?

— Sim, mais cedo.

— Samara, não durma, certo?

Eu penso em Jack sentado no estúdio, debruçado sobre a mesa de luz, Jack limpando os materiais, Jack preparando tudo sozinho, no estúdio fechado no silêncio das seis da manhã, com a luz invadindo a antessala dispendo sobre a mesinha seus instrumentos. Eu penso em Jack olhando para o relógio. Eu penso em Jack olhando para a porta.

— Jobson... Filho do trabalho, não é?

— Isso, filho do trabalho. Você fala bem inglês?

— É uma geração só de filhos a minha. Andersons, Jobsons, Robsons...

Eu penso em Marcelo, dentro do meu apartamento, recolhendo seu xampu do boxe, sua escova da bancada. Fechando o notebook aberto sobre a escrivaninha, eu tento imaginar a sensação. Será que ele olharia uma última vez para a cama? Eu lembro de mim mesma, desclassificada na final do campeonato, eu lembro de mim mesma guardando os patins com treze anos.

— Está com frio, Samara? Consegue segurar este lápis com a mão direita?

— Filhos que não viram pais, sabe?

— Vou te cobrir com essa isso, vai estabilizar sua temperatura, certo?

— Aqui todo inverno é igual.

— Sabe dizer quem pode ir encontrar você no hospital?

— Não quero falar sobre nada disso agora.

Há um silêncio, no qual eu continuo em queda livre. Uma sensação maravilhosa de flutuar no espaço vazio de dentro do carro como se apenas, apenas o cinto da maca, e não a gravidade pudesse me impedir de flutuar. Sinto o rosto morno, dormente, formigando, e dou conta que não sinto cheiros. A vontade de dormir parece de novo irresistível.

Eu penso em meu pai, acomodando seus tubos de insulina na mala térmica, nas seringas descartáveis, eu o vejo conferir mil vezes onde havia deixado a passagem.

— Suas tatuagens são recentes?

— Sim.

— Quantas têm menos de um ano?

Então eu recomeço a falar, sem sentir os lábios.

— A primeira foi no pulso... — digo devagar e baixo, poupando energia —... é uma história comprida.

—A pressão tá caindo — ele grita — Ela vai apagar.

Mas meu ouvido parece entupido, meu tato estava prejudicado e tudo, tudo aquilo parecia se passar muito longe de mim mesma. Era, apenas, mais uma vez só imagens passando rápido demais, e minha cabeça, como um computador lento, fragmentando, tudo em frames, espalhando o momento em recortes repetidos.

—É meu objetivo de vida: tatuar o corpo inteiro.

— Sim, estamos quase lá. Agente firme.

Eu fecho os olhos. E percebo algo que já é como a formação de um sonho. Há uma franja de som que diz “Porra, acelera. Vai dar merda”.

Mas prosseguimos. Braços amarrados pra não cair, falando demais só pra não apagar, sempre no entorno dessa névoa que deixa a gente um pouco, só um pouco, só a quase lá de se cumprir o que se propõe. E nem importa tanto se a queda for inevitável. Se os olhos se fecharem. Vamos ligar as luzes da sirene, vamos correr mais rápido, vamos nos esforçar em dobro em direção a um futuro sem nos dar conta que esse futuro já ficou para trás há muito tempo, como uma piada sobre cabras desnecessárias, ou uma propaganda sobre crianças presas num carrossel.

E continuamos, frames repetidos de esperança, jogados, incessantemente na torrente de imagens, uma nova volta, uma nova vida, uma miragem. Me ocorre que quando o hospital me liberar eu vou voltar para o estúdio, que Jack e eu podemos viajar com a exposição e ele ficará satisfeito embora finja estar surpreso. Mas, no fundo, pensando bem, eu não tinha mais por que acreditar nisso. A ambulância para, eles abrem as portas à minha frente.